1 9 4 2

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

Nº 6

Anuario Brasileiro de Literatura

Diretor-responsavel: ROGERIO PONGETTI
Diretor-Gerente: RODOLFO PONGETTI

A direção não endossa os conceitos emitidos em artigos assinados, tendo todos os seus colaboradores ampla liberdade de expressão.

Forçados a restringir o numero de paginas da presente edição, tivemos de sacrificar grande numero de ótimos trabalhos que nos foram enviados por antigos colaboradores. Obedecemos, para isso, ao critério de suprimir os originais mais extensos e aquêles que nos chegaram com atrazo, os quais se encontram em nossa redação à disposição dos seus autores.

AGENTES DOS ESTADOS

São Paulo: Deomedonte Magalhaes — R. do Carmo, 476; **Porto Alegre:** Carlos Malheiros — Pinheiro Machado, 140; **Belo Horizonte:** Luiz Carlos Ribeiro — Rua da Baía, 1.000; **Baía:** Ghignone & Cia. Ltda. — Rua Conselheiro Dantas, 23; **Curitiba:** J. Ghignone — Rua 15 de Novembro; **Fortaleza:** Carvalho Martins & Cia. — Rua Major Facundo, 736.

IRMÃOS PONGETTI Editores

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e OFICINAS:

Rua Sacadura Cabral, 240-A

TELEPHONE 23-6125 RIO DE JANEIRO

AGENCIA EM SÃO PAULO — DEOMEDONTE MAGALHAES — R. do Carmo, 476

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

1942

N.° 6

APRESENTA:

TRABALHOS ORIGINAIS

BIBLIOGRAFIA

CRITICA

A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (Histórico — Dicionario Bio-Bibliográfico - Atividades em 1942).

RESENHA DAS ARTES NACIONAIS

INFORMAÇÕES

PANORAMA DO MOVIMENTO INTELECTUAL

Direção de: ROGERIO PONGETTI e RODOLFO PONGETTI

Ilustrações de PERCY DEANE, PAULO WERNECK e PACHECO

Irmãos PONGETTI editores

RUA SACADURA CABRAL, 240 - A — RIO DE JANEIRO

LISTA DE ESCRITORES BRASILEIROS
RESIDENTES NO RIO DE JANEIRO

A

Afrânio Peixoto (da Academia Brasileira) ..	Rua Paisandú, 149.
Adelmar Tavares (da Academia Brasileira) ...	Rua Raimundo Correia, 70.
Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) (da Academia Brasileira)..	Rua Dona Mariana, 149.
Augusto Frederico Schmidt.	Rua Alm. Gonçalves, 4 — 10.º, ap. 102.
Alcides Maya (da Academia Brasileira)	Av. Presidente Wilson, 203.
Aloisio de Castro (da Academia Brasileira) ..	Rua Dona Mariana, 16.
Antonio Austregésilo (da Academia Brasileira).	Rua Princesa Isabel, 10.
Ataúlfo de Paiva (da Academia Brasileira) ..	Rua Valparaiso, 36.
Afonso Costa (da Academia Carioca de Letras).	Rua Correia Dutra, 24 (ap. 13).
Atilio Milano (da Academia Carioca de Letras).	Rua Antônio Salema, 64.
André Carrazzoni (do P. E. N. Clube do Brasil)	Rua Pires de Almeida, 8 (ap. 1).
Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça ..	Rua Marquês de Abrantes, 189.
Antenor Nascentes (do P. E. N. Clube do Brasil)	Rua Ernesto de Souza, 60-A.
Ada Macaggi Bruno Lobo	Rua Cosme Velho, 38.
Alvaro Lins	Rua Duvivier, 18.
Aníbal Freire	Travessa Umbelina, 15 (ap. 15).
Aníbal Machado	Rua Visconde de Pirajá, 487.
Agripino Griecco	Rua Aristides Caire, 74 (Meyer).
Américo Palha (do Instituto Brasileiro de Cultura)	Rua Ana Neri, 237-A.
Augusto Meyer	Praia de Botafogo, 124.
Angione Costa	Rua Acaraí, 79.
Alvaro Moreyra	Rua Xavier de Toledo, 99.
Alvaro Bomilcar	Rua do Bispo, 232.
Alexandre Konder	Av. Atlantica, 326.
Armando Fontes	Rua Gomes Pereira, 142.
Augusto de Lima Júnior	Av. Portugal 234.
Almir de Andrade	Rua Marechal Cantuária, 182.
Abgar Renault	Av. Epitácio Pessoa, 744.
Andrade Murici	Av. Rio Branco, 118 (Casa Mozart).
Adalgisa Néri	Livraria José Olimpio.
Alexandre Passos	Av. Pasteur, 250.
Arnon de Melo	Rua Valentim da Fonseca, 25.

B

Barbosa Lima Sobrinho (da Academia Brasileira de Letras)	Rua Assunção, 77.
Berilo Neves (do P. E. N. Clube do Brasil) ..	Rua Miguel Lemos, 57.
Bastos Tigre	Rua Senador Vergueiro, 192 (ap. 3).
Batista Pereira	Rua Marquês de São Vicente, 476.
Benjamin Lima	Rua Pompeu Loreiro, 41.
Benjamin Costalat	Rua Celina, 39.
Bernardino de Sousa	Rua Cândido Gaffrée, 196.
Beatriz Reynal	Av. Vieira Souto, 706.
Benedito Merguihão	Rua Paes de Andrade, 44.
Basilio de Magalhães	Rua Paulino Fernandes, 27.
Barreto Filho	Rua da Quitanda, 47.

C

Carlos Domingues	Rua Alvaro Alvim, 27.
Carlos Drumond de Andrade	Gabinete do Ministerio da Educação, Rua Alvaro Alvim — Edificio Rex, 15.º andar.

Carlos Dias Fernandes (da Academia Carioca de Letras)	Av. Paulo de Frontin, 447.
Carlos Susseckind de Mendonça	Rua Domingos Ferreira, 214.
Cassiano Ricardo (da Academia Brasileira)	Rua Fernando Mendes, 7.
Claudio de Souza (da Academia Brasileira)	Praia do Flamengo, 172.
Celso Vieira (da Academia Brasileira)	Rua Almirante Alexandrino, 562.
Chermont de Brito (do P. E. N. Clube do Brasil)	Rua Santa Clara, 216.
Cristovam de Camargo	Rua das Laranjeiras, 280.
Clementino Fraga (da Academia Brasileira)	Rua Piratininga, 124.
Clovis Bevilaqua (da Academia Brasileira)	Rua Barão de Mesquita, 506.
Castilhos Goycochêa (da Academia Carioca de Letras)	Av. Vieira Souto, 258.
Cândido Jucá (filho) (da Academia Carioca de Letras)	Rua Teixeira Júnior, 48.
Cumplido de Santana (da Academia Carioca de Letras)	Av. Epitácio Pessoa, 30.
Carlos Rubens (da Academia Carioca de Letras)	Rua João Rodrigues, 77.
Clovis Ramalhete	Rua Pires de Almeida, 57 (ap. 95).
Clovis Monteiro	Rua General Glicério, 32.
Cornélio Pena	Praia de Botafogo, 70.
Carlos Pontes	Rua Humaitá, 229.
Celso Keli	Rua Alvaro Borgeth, 18.
Costa Neves	Rua Real Grandeza, 67.
Camargo Junior	Caixa Postal, 3648.

D

D'Almeida Vitor (do P.E.N. Clube do Brasil)	Av. Nilo Peçanha, 38 d, 2.°, 5223.
D. Martins de Oliveira (da Academia Carioca de Letras)	Travessa João Afonso, 60 (c. XXII) Humaitá.
Dias da Costa	Frei Fabiano, 142 (E. de Dentro).
Domingos Barbosa	Rua Voluntário da Pátria, 189.
Durval de Morais	Rua Prudente de Morais, 251.
Dante Costa	Rua Acaraí, 79.
Diná Silveira de Queirós	Rua Barão de Jaguaribe, 279.
Donatelo Griecco	Rua Aristides Caire, 74 (Meyer).

E

Elói Pontes	Rua Major Carneiro, 33.
Ernesta Von Weber	Rua Guapiara, 43 (ap. 3).
Edgard Sanchez	Rua Getúlio das Neves, 3.
Edmundo da Luz Pinto (do P. E. N. Clube do Brasil)	Rua Ribeiro de Almeida, 36.
Edmundo Moniz	Rua Toneleiros, 171 (c. IV).
Ernani Fornári (do P. E. N. Clube do Brasil)	Rua Redentor, 149.
Eugênio Gomes	Rua P. Machado, 89.
Elmano Cardim (do P. E. N. Clube do Brasil)	Av. Pasteur, 405.

F

Filinto de Almeida (da Academia Brasileira)	Av. Atlântica, 466.
Faustino Nascimento (do P. E. N. Clube do Brasil)	Av. Epitácio Pessoa, 1824.
Fócion Serpa	Rua Gurupí, 66.
Fernando Segismundo	Rua Felix da Cunha, 35 (c. III).
Francisco Karam	Rua Marquês de Abrantes 144-A.
Fernando de Magalhães (da Academia Brasileira de Letras)	Ladeira do Arcurra, 76.
Frota Pessoa	Rua Aprazivel, 12 (Santa Tereza).
Fernando Néri	Rua A. Mendonça, 80.

G

Gustavo Barroso (da Academia Brasileira)	Rua Sá Ferreira, 123.
Guilherme de Figueiredo	Rua Martins Pena, 58 (ap. 402).
Gastão Pereira da Silva	Rua Marquês de São Vicente, 438 (ap. 205).
Gastão Cruls	Ladeira da Glória, 35.
Gastão Penalva	Rua São Clemente, 158.
Gilka Machado	Rua São José, 51 (2.º andar).
Graciliano Ramos	Rua do Ouvidor (Livraria José Olimpio).

H

Haroldo Daltro (do P. E. N. Clube do Brasil) ..	Rua Pereira da Silva, 110.
Hildeth Favila	Av. Atlântica, 352.
Hermes Lima (do P. E. N. Clube do Brasil) ..	Av. Copacabana, 1059.
Honório Silveira (da Academia Carioca de Letras)	Rua Souto Carvalho, 15.
Heitor Moniz (da Academia Carioca de Letras)	Praça Mauá, 7 (edf. de *A Noite*, 14.º andar).
Hermeto Lima (da Academia Carioca de Letras)	Rua Prudente de Morais, 399-A.
Henrique Lagden (da Academia Carioca de Letras)	Av. Marechal Pilsudski, 74.
Henrique Orciouli (da Academia Carioca de Letras)	Rua Acaraí, 49.
Heitor Beltrão (da Academia Carioca de Letras)	Rua Haddock Lobo, 356.
Homero Pires	Rua Prudente de Morais, 482.
Henrique Pongetti	Rua Dias da Rocha, 33.
Hélio Sodré	Rua Júlio de Castilhos, 57 (ap. 16).
Hamilton Nogueira	Rua Coelho Neto, 49.
Heitor Marçal	Rua Conde de Bomfim, 490.
Herman Lima	Rua Perí, 48.
Hildebrando de Lima	Rua Toneleiros, 189.
Helder Camara	Rua Voluntários da Pátria, 66.

I

Ivan Lins (da Academia Carioca de Letras) ..	Rua das Acácias, 18.

J

José Carlos de Macedo Soares (da Academia Brasileira)	Praia do Flamengo, 2 — 8.º andar.
João Neves da Fontoura (da Academia Brasileira)	Rua Paisandú, 92 (ap. 33).
João Luzo (Armando Erse) (da Academia Brasileira)	Rua Baipendí, 40.
Jonas Correira (da Academia Carioca de Letras)	Rua Derby Club, 139.
José Lins do Rego (do P. E. N. Clube do Brasil)	Rua General Garzon, 10.
João Lira Filho (da Academia Carioca de Letras)	Rua Jardim Botânico, 534.
J. G. de Araujo Jorge	Rua Xavier da Silveira, 92.
Jonatas Serrano (da Academia Carioca de Letras)	Rua Pires de Almeida, 15.
Jaques Raimundo (da Academia Carioca de Letras)	Rua Princesa Isabel, 58.
Jorge de Lima (do P. E. N. Clube do Brasil) ..	Praça Floriano, 55 — 11.º andar, s. 26.
Júlio Cesar de Melo e Sousa (do P. E. N. Clube do Brasil)	Rua Artur Araripe, 43.
João Pinheiro Filho	Rua Joana Angélica, 20.
José Geraldo Vieira	Av. Vieira Souto, 474-A.
José Maria Belo	Rua Conde Irajá, 113.
José Américo de Almeida (Ministro)	Tribunal de Contas (Av. Alm. Barroso).
Joaquim Pimenta	Rua Santa Alexandrina, 142 (c. C).
Josué de Castro	Rua Paisandú, 48.
Josué Montelo	Edf. Holerite 3.º andar, Av. Graça Aranha (DASP).

J. Paulo de Medeyros (da Academia Carioca de Letras) .. .. Praça Mauá, 7 (14.º andar) Edif. *A Noite*.
Joaquim Ribeiro .. .. Praça Duque de Caxias (Edf. Rosa).
Jenny Pimentel de Borba .. .. Rua Aurelino Leal, 10.
Jaime de Barros .. .. Rua Miguel Lemos, 10.
Joraci Camargo .. .. Rua Domicio da Gama, 43.

K — L

Levi Carneiro (da Academia Brasileira) .. .. Rua Gustavo Sampaio, 92.
Leão de Vasconcelos .. .. Rua Voluntários da Pátria, 454.
L. F. Vieira Souto .. .. Rua Voluntários da Pátria, 69.
L. Aníbal Falcão .. .. Av. Atlântica, 924.
L. Nogueira de Paula .. .. Av. Calógeras, 12 (ap. 50d).
Leôncio Correia (da Academia Carioca de Letras) Rua dos Araujos, 15.
Lemos Brito (da Academia Carioca de Letras) Rua Prof. Valadares, 227.
Leonel Franca (padre) .. .. Colégio Santo Inácio (R. São Clemente).
Luciano Lopes (da Academia Carioca de Letras) Rua Garibaldi, 132 (Tijuca).

M

Miguel Osório de Almeida (da Academia Brasileira) .. .. Estrada do Açude, 66.
Mário Linhares (da Academia Carioca de Letras) Rua Prudente de Morais, 306.
Modesto de Abreu (da Academia Carioca de Letras) .. .. Rua Santo Amaro, 5 (ap. 96).
M. Nogueira da Silva (da Academia Carioca) Rua Visconde do Rio Branco, 52.
Melo Nóbrega (da Academia Carioca de Letras) Rua São Clemente, 243.
Murilo Mendes .. .. Rua Marquês de Abrantes, 54.
Murilo Araujo (da Academia Carioca de Letras) Rua Jaguaribe, 56.
Matos Peixoto (A. C.) .. .. Av. Henrique Valadares, 110 (ap. 4).
Maria Eugênia Celso (do P. E. N. Clube do Brasil) .. .. Av. Calógeras, 6 (ap. 28).
Manuel Bandeira (da Academia Brasileira) .. Rua Morais Vale, 57.
Maurício de Medeiros .. .. Av. Epitácio Pessoa, 492.
Manuel de Abreu (do P. E. N. Clube do Brasil) Av. Rio Branco, 257.
Mário Martins .. .. Rua Araujo Porto-Alegre, 56.
Marques Rebelo .. .. Praia de Botafogo, 48 (ap. 5).
Martins d'Alvarez (do P. E. N. Clube do Brasil) Rua Marquesa de Santos, 5.
Melo Barreto Filho .. .. Rua David Campista, 21.
Mário Pope .. .. Rua da Assembléia, 90.
Martins Capistrano .. .. Rua da Assembléia, 90.
Montes Arraes .. .. Rua Regional, 9.

N

Newton Beleza .. .. Rua Homem de Melo, 8.
Neves Manta .. .. Rua Senador Dantas, 40 (1.º andar).

O

Olegario Mariano (da Academia Brasileira) .. Rua Pompeu Loureiro, 36.
Osvaldo Orico (da Academia Brasileira) .. .. Praia do Flamengo, 400 (10.º andar).
Oton Costa (da Academia Carioca de Letras) .. Rua Barata Ribeiro, 383.
Osório Borba .. .. Livraria José Olimpio, ...
Otávio de Farias .. .. Rua Juiz de Fora, 50 (c. II).
Otávio Tarquinio de Sousa .. .. Rua Aurea, 66.
Oliveira e Silva .. .. Rua 1.º de Março, 6 (3.º andar).
Ovidio da Cunha .. .. Rua Pompeu Loureiro, 45.
Olavo Dantas .. .. Rua Prudente de Morais, 427.

Otávio Tavares .. .. Rua Visconde de Maranguape (Revista da Semana).
Orvácio Santamarina .. .. Rua Frei Caneca, 383 (*Careta*).

P

Pedro Calmon (da Academia Brasileira) .. .. Rua Santa Clara, 415.
Pereira da Silva (da Academia Brasileira) .. .. Rua Morais Vale, 57 (c. XII).
Pizarro Loureiro .. .. Rua Buenos Aires, 185 (1.º andar).
Prado Ribeiro (da Academia Carioca de Letras) Rua Muniz Freire, 77.
Paulo Magalhães (da Academia Carioca de Letras) .. .. Rua das Laranjeiras, 366-A.
Peregrino Júnior (do P. E. N. Clube do Brasil) Rua Barão de Jaguaribe, 55.
Paulo Filho (do P. E. N. Clube do Brasil) .. .. Av. Copacabana, 126 (ap. 201).
Porto da Silveira .. .. Rua Almirante Gomes Pereira, 84.
Paulo Bentes .. .. Rua São Januário, 167.

Q

Queiroz Júnior .. .. Rua Santo Amaro, 91 (ap. 101).

R

Raul Machado .. .. Tribunal de Segurança Nacional (Av. Osvaldo Cruz).
Raul Pedrosa (do P. E. N. Clube do Brasil) .. Rua Senador Vergueiro, 9.
Raul Pederneiras (da Academia Carioca de Letras) .. .. Rua Progresso, 8.
Roquette Pinto (da Academia Brasileira) .. .. Av. Beira Mar, 210 (ap. 504).
Ribeiro Couto (da Academia Brasileira) .. .. Rua Senador Vergueiro, 92 (ap. 140).
Rodolfo Garcia (da Academia Brasileira) .. .. Rua Dias da Rocha, 46.
Renato de Almeida .. .. Rua Pinheiro Machado, 48.
Rodrigo Otávio (da Academia Brasileira) .. .. Rua das Palmeiras, 38.
Rodrigo Otávio Filho .. .. Rua São Clemente, 421.
Reis de Carvalho .. .. Rua Barão de Itambi, 58.
Rosalina Coelho Lisboa .. .. Rua Prudente de Morais, 624.
Rosário Fusco .. .. Rua Alvaro Alvim, 33 (7.º andar).
Raquel de Queiroz .. .. Livraria José Olimpio, ...

S

Silvio Júlio (da Academia Carioca de Letras) .. Rua Grajaú, 202 (ap. 302).
Saladino de Gusmão (da Academia Carioca de Letras) .. .. Praia do Flamengo, 70.
Sergio Buarque de Holanda (do P. E. N. Clube) Av. Atlântica, 228.
Sergio D. T. de Macedo .. .. Rua Jorge Rudge, 206 (c. VI).
Saul de Navarro .. .. Rua Prudente de Morais, 538.
Sebastião Fernandes .. .. Rua General Roca, 498 (c. 2).
Sousa Doca (general) .. .. Rua Viveiros de Castro, 122.

T

Tasso da Silveira .. .. Casa da Moeda (Praça da República).
Téo Filho .. .. Ministério da Justiça (Edf. Rex 17.º andar) Rua Alvaro Alvim.
Teira de Tefé .. .. Praia do Flamengo, 284.

U — V

Vieira de Melo	Rua Xavier de Toledo, 76 (Copacabana).
Viriato Correia (da Academia Brasileira)	Rua Sá Viana, 68.
Virgilio Correia Filho	Praça André Rebouças, 17.
Valdemar de Vasconcelos	Federação das Academias de Letras (Avenida Graça Aranha).

X

Xavier de Oliveira	Rua Barata Ribeiro, 539.
Xavier de Carvalho	Rua Duvivier, 12.

Z

Zolachio Diniz	Rua Alvaro Alvim (Edf. Rex) 7.º andar.

EDITORES DO RIO DE JANEIRO

Irmãos Pongetti Editores	Rua Sacadura Cabral, 240-A.
Civilização Brasileira S/A	Rua do Ouvidor, 94.
Livraria José Olimpio Editora	Rua do Ouvidor, 110.
Livraria Guanabara Editora	Rua do Ouvidor, 132.
F. Briguiet, Editor	Rua do Ouvidor, 109.
Livraria Francisco Alves, Editora	Rua do Ouvidor, 166.
Editora Minerva	Rua do Ouvidor, 145.
Vecchi, Editor	Rua do Rezende, 144.
A. Coelho Branco Filho, Editor	Rua da Quitanda, 9.
Livraria Editora Freitas Bastos & C.	Rua Bitencourt da Silva, 21.
H. Antunes Editor	Rua Buenos Aires, 133.
Livraria Jacinto, Editora	Rua São José, 89.
Editorial Calvino Limitada	Rua São Bento, 28.
Editora Pan Americana S/A	Av. Rio Branco, 25.
Editora Século XX	Rua da Assembléia, 7.
Norte Editora	Largo da Lapa, 53-2.º andar, sala 5.
Editora Meio Dia	Rua da Constituição, 38.

ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL

Academia Paraibana de Letras	Biblioteca Pública — João Pessoa.
Academia Acreana de Letras	Rio-Branco (Acre).
Academia Amazonense de Letras	Rua Ramos Ferreira — Manáus.
Academia Brasileira de Letras	Av. Presidente Wilson, 203 — D. Federal.
Academia Maranhense de Letras	São Luiz — Maranhão.
Academia Piauiense de Letras	Teresina — Piauí.
Academia Cearense de Letras	Rua 24 de Maio, 866 — Fortaleza (Ceará)
Academia Norte-Riograndense	Natal — Rio-Grande-do-Norte.
Academia Pernambucana de Letras	Rua do Hospício, 130 — Recife.
Academia Alagoana de Letras	Maceió — Alagoas.
Academia Sergipana de Letras	Aracajú — Sergipe.
Academia Baiana de Letras	Caixa Postal, 662 — Salvador (Baía).
Academia Espiritossantense de Letras	Vitória — Espirito Santo.
Academia Carioca de Letras	Silogeu Brasileiro — Caixa Postal, 40 (Lapa).
Academia Fluminense de Letras	Edificio da Biblioteca — Niterói.
Academia Mineira de Letras	Belo Horizonte — Minas-Gerais.
Academia Paulista de Letras	15 de Novembro, 256, sala 7 — São Paulo.
Academia Paranaense de Letras	Caixa Postal, 670 — Curitiba.
Academia Rio-Grande de Letras	Caixa Postal, 515 — Porto-Alegre.
Academia Matogrossense de Letras	Casa B. de Melgaço — Cuiabá.
Academia Juvenal Galeno	Rua Montenegro, 284 — Ipanema (Rio).

NINGUEM QUERIA A GUERRA...

Alvaro Moreyra

Graça Aranha

Ninguem. Era em 1932. 21 de Junho. Dia do nascimento de Graça Aranha. Amigos foram visitá-lo à sua casa pobre de São João Batista, onde ele morava havia um ano e meio. Tinham mandado que eu falasse. Falei:

Aquela coisa posta em latim na entrada do cemitério e que quer dizer simplesmente. — Volta para o teu lugar! — não me parece uma coisa séria. Isto não é lugar de ninguem. Ninguem nasce para morrer· Seria uma massada ainda maior. Todos nascem para viver, à exceção, está claro, dos que já nascem mortos... O mais amavel dos filósofos escreveu certa vez que a morte é um ato da vida, e esse ato é o último... Quando a cortina se fecha, os espectadores saem, as luzes se apagam, a peça termina como representação. Mas continua existindo. Os criticos teatrais vão expôr pontos de vista sobre ela e, em seguida, como sempre, — o futuro lhe fará justiça... Nós não entramos aqui, nesta Academia inofensiva, com o intuito de prestar homenagens a um morto. Qual de nós se lembra de Graça Aranha deitado num caixão, inerte? Pois não é com a luminosa alegria da sua presença movimentada que o vemos em nós mesmos, que o escutamos? Ele foi fazer, depois da Viagem Maravilhosa, outra viagem. Joaquim Nabuco, que o amava, tinha ido antes· Chamou-o, talvez, para outra Missão, noutra Europa. Ou então, porque contara tudo que nos queria contar, foi enfim realizar a grande idéia. Resignou-se à fatalidade universal. Incorporado à terra, ligou-se com os outros homens. Tal qual imaginou e pregou: fundiu-se esplendidamente no Todo infinito... Onde quer que você esteja agora, nesta manhã bonita, — Bom dia, Graça Aranha! Hoje é o seu aniversário e os seus amigos vieram lhe trazer um abraço e o desejo de muita felicidade.

No dia 23, pelo "Jornal do Comércio", Felix Pacheco atirou um artigo pesado contra Graça Aranha: "... trepidante conspirador burguês e patacão, que escreveu "O Espírito Moderno" e tinha os seus ócios regiamente pagos pelo Tesouro desta democracia de parasitas." Perguntava: "Que teria sido Graça Aranha sem a Academia?" Respondia: "Provavelmente, um secretário de Legação, como tantos outros. Foi a Academia que lhe deu nome, antes que ele nos desse livros. O mais são histórias da República Nova e batatas velhas integradas no Grande Todo, que é assim como quem diz: na bagunça enorme do cabotinismo." Tamanha descompostura porque: "E' hábito atacarem a Academia e os acadêmicos. Ainda anteontem, o sr Alvaro Moreyra, na sepultura de Graça Aranha, e, felizmente, na ausência da sra. Nazareth Prado, sempre achou modo de meter o seu ferrinho no "Petit Trianon".

Numa nota rápida d'"O Jornal", expliquei que não tinha metido nada. Felix Pacheco não vira bem. Eu apenas chamara o cemitério de Academia inofensiva. "aí está. Por isso é que eu pretendo entrar no cemitério e não pretendo entrar na Academia. Morrer por morrer, vamos com bons modos..."

Segundo artigo de Felix Pacheco, tambem longo, porem acalmado. Elogios a Graça Aranha. Um convite irônico para me matar com a Academia: "... com que prazer não viriamos lá dentro, enfrentando-nos corajosamente a todos, o nosso amável adversário ocasional! E com que satisfação não ouviríamos, em nosso próprio salão, a sua palavra de rebelde intransigente, mas fidalgo e suave, tracejando o perfil impressionante do mestre, e conclamando dali mesmo os novos para a continuação da cruzada de redenção que tanto preocupava aquele outono cheio de viço, de ardor, de louçania e de fé;"

Segunda nota rápida d'"O Jornal": "... Aqui me acho, sem rir e sem chorar, pagan-

ITABIRISMO

Cornélio Pena

Para muita gente a capital do Brasil é o Rio de Janeiro ou São Paulo.

Para mim, a nossa metrópole, de onde tudo devia irradiar (e há-de chegar esse dia) de onde tudo deve partir, é Itabira do Mato Dentro, com a sua prodigiosa cristalização da alma brasileira, de sua conciência e de seu princípio essencial.

Sei que ela está ameaçada de destruição, mas, como a cidade divina, ela se erguera acima da terra, e, pairando em nosso espírito, nos guiará e esclarecerá, conduzindo os discutidores e carregando os verdadeiros místicos, seus filhos prediletos.

Quem melhor do que ela poderá ensinar a arte complexa de ser infeliz, a alegre ciência da renúncia e da humildade?

Subindo ao alto do Pico de Itabira, a montanha de ferro, a riqueza cobiçada pelo mundo, e contemplando-se a cidade que corre lá em baixo, como uma serpente entre as pedras negras, compreende-se que é uma riqueza maior, que ninguem cobiça, mas é o verdadeiro tesouro do Brasil. Compreende-se que daquele silêncio pobre, daquela vida extremada, daquela alucinação de ausência e obcessão de nada, deve sair um espírito coletivo novo, de tal fortaleza e austeridade que empolgará a nossa gente, sempre à procura de sua própria alma, e que não a achou porque está voltada para o mar, esquecida de seu velho patrimônio de pobreza taciturna, sadia e indestrutivel, sempre à espera dos transviados, para empolgá-los de novo.

Os homens que vemos caminhar pelas ladeiras longínquas, cabisbaixos, com um sonho confuso no olhar, aprenderam duramente a viver, souberam dia a dia a têmpera crua da minuciosa miséria de seu pão e de suas casas, construidas voluntariamente no pior lugar da pedra áspera, da grota desesperada.

Sobre esse vazio, sobre esse plano absoluto, constroem lares fecundos. Seus filhos, que fogem à procura da felicidade, deslumbrados pelo rumor e pelo brilho cá de longe, esquecem desde logo a lição rude que receberam e, vencendo, são derrotados por esse mesmo esquecimento que deixa em seu lugar uma incompreensivel angústia.

Nada mais inquietante do que sondar o íntimo desses vitoriosos.

Há quaquer coisa que os faz parar em pleno surto, com o coração oprimido, confusos, humilhados, tateando medrosamente em torno de si, completamente fora de seu eixo.

E' o sagrado rítmo de Itabira que, uma vez partido, inutiliza e inutilizará sempre os seus transfugas.

---

do prenda num jogo que começou, em vez de anel, com um ferrinho.

Confesso: metí um ferrinho no "Petit Trianon". Mas, tambem, o senhor meteu logo o pau em Graça Aranha. Ferrinho de cá, pau de lá, todo mundo imaginou que ia sair briga. Ora, o senhor é da Academia. Eu sou de circo. Não vê que a gente faz dessas coisas! Estamos de bem. O senhor guardou o pau. Eu guardei o ferrinho. A polícia não tomou conhecimento do fato. Repito as suas palavras de ontem: "Todos nós somos devotos de Graça Aranha, uns do Graça da "Canaan", outros do Graça da "Viagem Maravilhosa", mas todos, ao cabo devotos sempre." — Pronto. Aperte os ossos. Vamos tomar um café. Porque preciso lhe agradecer o seu voto para a imortalidade. Agradecer sinceramente e pedir que o dê a outro. Já entrei na Academia em dois transes: na noite da posse de Olegario Mariano e na tarde de enterro de Osório Duque Estrada. Chega. Não entro mais. Eu nunca fui exagerado."

1932... Como se tinha tempo naquele tempo!...

DO CADERNO AZUL

AUGUSTO MEYER

1

São as almas do outro mundo que agitam os meus nervos nesta noite chuvosa em Botafogo. Fazem perguntas de comadre caduca, sem que nem porque, e nem se importam com a lógica das minhas respostas. Vagamente, mastigam recriminações entre as gengivas podres.

E não obstante, quem senão o obscuro autor destas laudas, que escreve torto por linhas tortas, teria o humano direito de perguntar? Quem, e onde, e como, e por que?

Vejamos a páginas tantas do livro do verbo uma resposta sem pergunta, ou uma pergunta que responde a uma resposta sem pergunta. Interrogativa?

As árvores da praça, o vento e a chuva embrulharam todas as vozes do dicionário num sussurro prolongado e confuso, anterior a qualquer sintaxe.

Na vidraça noturna, escreverás com as pobres palavras embotadas o derradeiro telegrama sem resposta.

2

Foi na praça do paraiso, um dia.

O riso andava no ar, andorinha. Entre os canteiros verdes, vagabundos mamavam e bemaventurança do sétimo sono, à sombra maternal dos guardas. Havia um carrinho de mão para divertimento dos profetas arrependidos. E um enorme cartaz proibia a saida.

A mesa estava posta, o vinho servido. As janelas do hospital, espiando entre as árvores, refletiam o sol das outras tardes, sempre iguais, e um grito mais agudo subiu para o azul como o pandorga do morro.

As ilusões do bom tempo miravam-se à beira do lago, sem turvar o carmo espelho com o sangue das suas feridas. Largava-se o nome à entrada e os pés nem marcavam na areia.

Foi lá que eu deixei enterrado o segredo das horas que voltam, a um canto humilde da praça, com a cor, o som, o gosto, o mistério e a tortura da evocação.

3

Queridos mortos, descei dessas molduras solenes, mostrai os vossos dentes, pecai novos pecados, caminhai, caminhai! Assim não podemos entender-nos. Em vão concentro sobre vós todo o poder do meu silêncio, mordendo a lingua para não insultar vosso mistério tão doce.

Fazei de conta que hoje é feriado nesse país absurdo em que morais, sob o mau gosto cru dos mármores, considerai que um grão de humour jamais perturbará a vossa imaculavel dignidade.

4

Depois de engulir o quadragésimo quinto e último volume da enciclopédia, o poeta recobrou a inocência animal. Brotaram-lhe asas no entendimento, pois, segundo os preceitos da douta ignorância, começaria então a ciência dos anjos.

E' verdade que, a essa altura do absurdo, se bem fosse uma conquista, de nada lhe servia; não sendo conciente, apenas pudera formular-

se para gaudio alheio, mais ou menos como Alfa e Beta do Centauro, por exemplo, soberbas estrelas que brilham tanto, mas cujo fulgor apenas serve para encher os olhos dos outros.

5

Arrancaram uma folha ao livro do tempo, e eis que era insubstituivel, capital! Em vão procurei de quatro patas como um bibliófilo, rosnando e farejando por baixo dos móveis. O' lombadas implacaveis!

Uma traça visitou-me em sonhos; e do alto do cartapácio vomitou toda a página devorada, em tom cinico de speaker. Meu ouvido funcionava como um disco, e cada palavra era um fulgor indelevel, uma verdade capital! Batia palmas e palmas, com medo de chorar. A página perdida e para sempre achada, a mensagem telegráfica do Eterno a si mesmo, era simples como um tópico de jornal. O' sublime reportagem, pensava, ao regressar à minha pele, contarei tudo, tim tim por tim tim.

Mas no regresso ao vale da cama, — o bombardeiro deixava cair uma a uma as grandes rosas desfolhadas — partiu-se o fio da evidência, e as palavras rolaram pelo chão como as contas de um colar...

Desde então, tenho compulsado os grossos tomos carunchosos, percorrendo o índice com uma paciência de maníaco. Sabe lá... entre uma folha e outra folha, no papel sujo e roido, brilhará um dia a palavra que espero há tantos anos, desde os meus livros cartonados, na escola.

6

Rumores da rua, como um último reflexo no fundo de uma gruta. O silêncio dentro do poço em que vivemos inconcientemente batendo nas paredes do peito, para escutar as pancadas da pulsação. Alguem falou?

As nuvens, as folhas, os ventos não são deste mundo. Aqui não há mais telefones automáticos, nem presença de espírito, nem o consolo de pensar; mais um dia que passou.

Podes arranhar a pele com as tuas unhas, morder a corrente, puxar com toda a força o fio da tua vida, cantar o hino dos mortos, tocar o tambor.

Fica-te em paz no desespero.

7

A nossa vida vive de dois ou três momentos que ficaram para sempre no fundo da memória. Mas esta é uma verdade amarga de quem recorda. Durante aqueles momentos, parece que a alegria é eterna. Tu vives, tu és, tu enches o abismo do tempo, ouvia de mim para mim, enquanto andava pela rua dos vinte anos, sem ver a sombra que já então me arremedava os passos.

Quando voltei para casa, tarde da noite, estava tudo mudado. Acontecera qualquer coisa. A porta raspou os ladrilhos, como sempre, mas o ruido que encheu a sombra do corredor era diferente, parecia o aviso de um amigo. Parei para escutar o escuro. Dormiam todos. Como é possivel dormir, pensei, e escapou-me um riso de pena e malícia, dedicado aos mortos.

Ainda hoje é aquele riso que me alimenta; do fundo da noite, quando não há mais nada, ele me sobe à cabeça como a vassourada de um vento alegre que varre as folhas mortas e transforma todos os passos num remoinho.

Pedro Américo e Vitor Meireles

Manuel Bandeira

Pedro Américo

Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que Pedro Américo foi o maior pintor brasileiro, crença que nos foi imposta por uma geração que chegou até a chamar à pintura "a arte de Pedro Américo". Nos livros escolares de péssima impressão, víamos curiosos a fotografia da "Batalha de Avaí" e cinco por cento dos garotos do meu tempo terão ido ver o original nas galerias crepusculares do nosso Museu.

Pedro Américo terá sido realmente o maior pintor brasileiro? Terá sido (deixando de lado Almeida Junior, o preferido de Portinari) maior que Vitor Meireles? As aparências são por Pedro Américo contra Vitor Meireles — pela abundância, pelas dimensões das telas, pela ambição dos assuntos. No entanto, se eu tivesse de escolher entre as duas obras, guardaria, sem hesitação, a de Vitor Meireles. Todas as qualidades que não são propriamente do domínio da pintura, todas as qualidades de ordem geral — inteligência, sensibilidade, dons poéticos — me parecem mais acusadas no catarinense do que no paraibano. Pedro Américo é certamente dextríssimo. Mas tanta facilidade me irrita. Com má vontade entrego os pontos diante de um tratamento da matéria como há em "O rabequista árabe", em "O consertador de bandolins", nos retratos de Porto Alegre e no auto-retrato, porque queria ver a mesma conciência em telas mais ambiciosas, por exemplo, nas nudezas tão falsas, tão teatrais de "O noviço", "A mulher de Putifar" (de tão incrivel vulgaridade), de "David e Abisag"... "Carioca" é bem mais honesta, mas não faz lembrar as fontes da Renascença com a sua água a gorgolejar ao lado da mulher? Pedro Américo sobrecarregava as suas composições, e um quadro em que a figura é ótima, como "O voto de Heloisa", resulta prejudicado por esse barroquismo enfeitador. A fraqueza de composição em Pedro Américo transparece evidente cotejando-se o quadro realizado em grande e o seu esboço. Assim em "Voltaire abençoando o neto de Franklin": o esboço é bem composto e harmonioso; no grande quadro as novas figuras introduzidas à direita, o vermelho do pano e do gorro vieram desequilibrar a composição, que no esboço tinha outra ponderação de volumes e de cores.

E a famosa batalha? Terreno perigoso como todo terreno de batalha... Meu patrio-

tismo não dá um sinal de sua graça diante daquela orgia sem embriaguez. Entenda-se: orgia de movimentos, embriaguez de entusiasmo. Podemos contar os grãos das espigas de milho, as riscas do pano, etc. e no entanto não há na sala do Museu bastante espaço para o necessário afastamente que permita abranger comodamente o conjunto da composição. Aqui a falsidade está no gênero mesmo. Pinta-se um episódio de batalha, como fez Vitor Meireles na sua "Batalha de Guararapes", mas o conjunto de uma batalha? É coisa que só se vê de tão alto, que não restaria, como advertiu Baudelaire, senão um quadro de tática ou de topografia. Os Os pintores acreditaram resolver a dificuldade fazendo uma colcha de retalhos — cada episódio um retalho. Há vinte quadros episódicos na tela de Pedro Américo: retratos (Caxias, tão espectador, tão contemplativamente turístico, Osório, etc.), naturezas-mortas (as espigas de milho com todos os seus grãos), etc. Baudelaire não suportava o quadro militar mesmo quando simples episódio da carreira das armas: detestava aquela imobilidade na violência — "l'épouvantable et froide grimace d'une fureur stationnaire". A "Batalha de Avaí" é um modelo típico desse furor estacionário.

Tenho a impressão que o pincel na mão de Pedro Américo não oferecia a mínima resistência: julgava-se na mão do gênio e obedecia. Em Vitor Meireles acho que se dava o contrário: o pincel resistia, mas o artista duvidava, refletia, teimava, e o pincel acabava obedecendo na mesma maneira, mas transmitindo à tela o calor da luta. Em quase todos os quadros do pintor se nota o mesmo cuidado que ele punha nos pequeninos estudos de trajos.

Todos os seus retratos teem segurança de composição, de penetração, de expressão (retratos de Nabuco de Araujo, dos pais de Bittencourt da Silva, deste e de Eusébio de Queiroz). Gosto das suas paisagens do Rio, de tons baixos como de dias sem sol.

Victor Meirelles

Será possível que eu me engane pondo a "Primeira Missa" acima de tudo o que fez o nortista? Eis o que me parece um grande quadro, em que tudo concorre harmoniosamente para a composição; em que todos os tons se combinam e progridem para o branco esplendor da casula de Frei Henrique, repousante como uma cadência perfeita naquele movimento ascensional das almas.

Quem é maior: Gonçalves Dias ou Castro Alves? Nunca soube responder à incômoda pergunta. Mas entre Pedro Américo e Vitor Meireles não hesito.

CROQUIS DE UM ALBUM SECRETO DE CARICATURAS

Osório Borba

Por um abuso de confiança, copiei do caderno de apontamentos de um dilitante estes croquis que provavelmente nunca se precisarão em retratos nem caricaturas. O meu amigo pertence à numerosa e luzida categoria dos escritores menos do que inéditos: virgens. Dos escritores que não escrevem. Perambula pelas rodas literárias como um simples curioso, sem aparentes ambições e vaidades, olhando apenas os passantes, divertindo-se em observar o próximo. Das suas anotações sobre alguns exemplares mais sugestivos da fauna intelectual recolhi as que me pareceram capazes de oferecer algum interesse aos futuros biógrafos.

Grieco — Excelente escritor, ainda melhor conferencista, ainda melhor conversador. Deliciosa mistura de verbalismo napolitano, malícia mineira e irreverência carioca. Fisicamente, a primeira impressão que dá aos seus velhos leitores desconcerta. Seus folhetins sugerem um tipo físico brilhante. A realidade nos apresenta um "paisano" sem qualquer preocupação de elegância, roupa invariavelmente escuras, mal cuidadas, botas baratas, invariavelmente pretas, nenhum detalhe que denote interesse pela arte de vestir. Sua indumentária parece confirmar-lhe a velha fama talvez injusta de sovina. (Há vinte anos que lhe atribuem a propriedade de casas de aluguel no subúrbio. Hoje, depois da botija das conferências, não há de ser boato.) Todo o brilho de sua personalidade física resulta da palestra. Diverte durante horas uma roda. "Revenant" da arte do epigrama (não confundir com a arte dos trocadilhos e epitafios emilianos) é o autor dos melhores que circulam no mundo literário. Acha, tambem ele, muita graça em suas "boutades" — com toda razão — e as repete muito, como sabem os leitores. Um seu discurso humorístico de sobremesa de almoço entre amigos, com piadas sobre cada um dos comensais, é o mais engraçado espetáculo que se possa imaginar. Amante do bom prato e do bom copo, "gourmet" antes que "gourmant", bebedor de gosto, com a volúpia dos belos vinhos excitantes do espírito e não deprimentes das visceras. Sua permanente atitude satírica diante dos ridículos do próximo não exclue a simpatia humana e a generosidade. Como crítico é proverbial sua indulgência acolhedora, até, às vezes, acessiva para com os novos e os obscuros. O vício de falar mal do próximo provoca em sua palestra gradações como esta: F., belo tipo, ótima criatura, meio cretino, analfabeto, bom sujeito... De profissão, escriturário aposentado da Central do Brasil, conferencista.

*
* *

Prudente de Morais, neto — O "neto" tem de ser assim com virgula e minúscula, se não quisermos perder um amigo. Há muito tempo que não usa o nome civil. E' o crítico Pedro Dantas. Um dos nossos melhores críticos, de maior cultura e mais puro gosto, e o que menos escreve. Um caso raro de desambição. Os literatos lamentam que a profissão de advogado o roube à literatura; o pai advogado vive triste porque a literatura desvia o filho de uma brilhante carreira no foro. No intervalo das duas inatividades em conflito, trabalha no Patrimônio Histórico e Artístico e joga nas corridas.

*
* *

Alvaro Moreyra — Bebeu água de Juventa. Pertence a um grupo de Ninons de Lenclos da nossa literatura, de rapazes maiores de cinquenta anos: Manuel Bandeira, Osvaldo de Andrade, Astrogildo Pereira. Os filhos e netos o chamam de Alvinho. Negação do espírito prático: está sempre recomeçando a vida e, alem disto, é uma vocação de ator. Cético com superstições e a paixão das mascotes: o n.º 13, a coruja. Trocou recentemente de "mascotte": agora é o burro, em homenagem a um amigo acadêmico.

*
* *

José Oiticica — O grande revolucionário imagina um mundo muito bem organizado sob a égide da teoria anarquista. No seu Estado anárquico haveria um Ministério da Gramá-

tica. Preso como conspirador durante quatro anos, escreveu na cadeia um livro sobre o pronome *se*. Não quer anarquia entre os pronomes.

*
* *

Anibal Machado — Está doente seis dias na semana. Mas ninguem o saberia se ele não dissesse. Esse hepático é a pessoa mais bem humorada, mais cordial e eufórica da cidade. Queixa-se sempre, sorridente, do seu fígado. Tem uma ternura pela doença. Morreria se ficasse bom. Complexo tipo. Cock-tail de Ariel, Quixote, Malazarte, Sacy, Terezinha do menino Jesús. Se sei bem o que é um bom carater, é esse o mais perfeito carater que já conhecí. Tem um defeito físico: é "partidor e distribuidor privativo."

*
* *

Astrogildo Pereira — Outro revolucionário aposentado, com as atividades intelectuais mais pacatas, ordeiras e conservadoras. Bibliófico, erudito, pesquisador de enigmas literários, traça de biblioteca pública, capaz de perder semanas para descobrir o pseudônimo com que França Junior ou Franklin Tavora colaborou num jornal do Piauí. Tem a mais singular profissão de um escritor: uma quitanda.

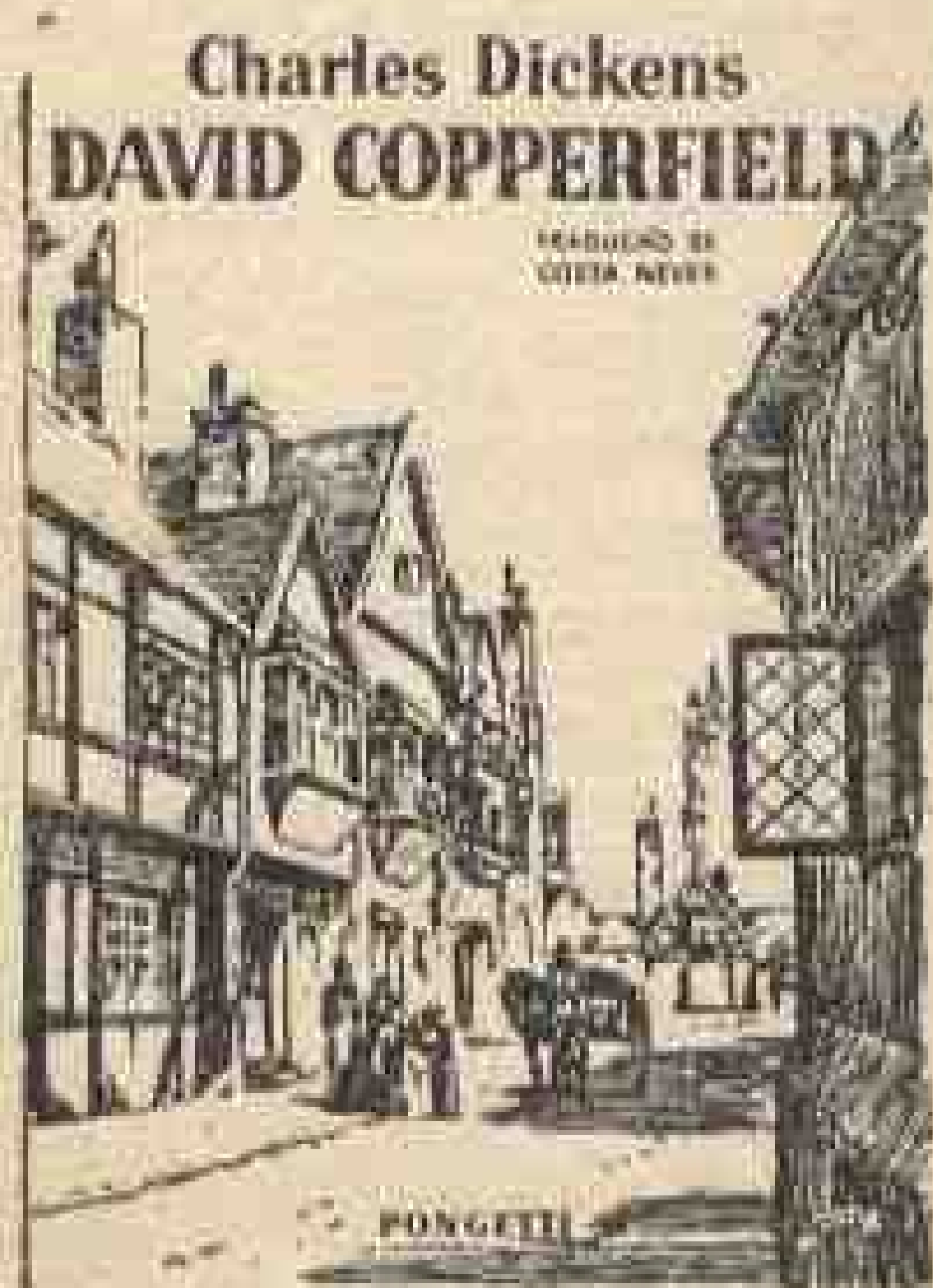
*
* *

Marques Rebelo — Puseram-lhe com sucesso o apelido de Pato Donald. Parecença apenas física. Donald é tão bonzinho!

*
* *

Guilherme Figueredo — Este querido amigo publicou um esplêndido romance, tem duas excelentes peças de teatro ainda não representadas, faz ótima crítica de teatro, escreve algumas das melhores crônicas que se publicam cada semana no Rio. E teima em ser poeta. Não recolheu até hoje das livrarias o seu pecado da juventude, aquele horrivel livro de poemas. O "Violino na Sombra" é — desculpem — o seu violino de Ingres.

*
* *

Emil Farhat — O romancista sírio-mineiro tem a maior coleção de apelidos (injusto) entre os íntimos. Como as belas transeuntes o acham um bonito rapaz e ele não costuma fazer desfeitas, a inveja dos seus amigos feios o chama alternativamente de "Bode do Líbano", Arabe lúbrico", "Mahometano lascivo", "Turco libidinoso", "Mussulmano com it."

Dois poetas mortos de Minas Gerais

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

ASCÂNIO LOPES

BELO HORIZONTE, 1931 — *A passagem de Ascânio Lopes pela rua da Baía é o único capítulo da sua vida que eu conheço, e esse capítulo me enche de saudade.*

Uma noite, Martins de Almeida contou-me que descobrira um poeta na pensão onde morava: era de Cataguazes e escrevera um poema excelente sobre sua terra natal. Logo depois, Emílio Moura levava o poema ao "Diário de Minas", publicando-o com palavras de admiração.

Foi esta a primeira coisa de Ascânio Lopes que se publicou (6 de Março de 1927) e é das melhores que há nos "Poemas Cronológicos".

Apresentado a Ascânio, ele sorriu para mim com timidez, disse duas ou três palavras só. Fiquei gostando desse moço com quem seria incapaz de manter uma longa conversa (e daí, para que uma longa conversa) mas em quem enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia. Não pretendo entender muito de almas; julgo, porem, ter encontrado desde o primeiro dia a chave desta, que por pudor nunca cheguei a abrir. Desse modo, distante mas realmente bem perto de Ascânio, eu fui dos seus amigos mais certos.

Tinha 23 anos e não se poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou o seu minuto apressado sobre a terra. Aos 23 anos, a gente só sabe da vida o que ela consente em noticiar — muito pouco — outro pouco de que se tem a intuição, e nada mais. Salvo quando o indivíduo é poeta, caso de Ascânio Lopes e dos que, como ele, conheceram a vida sem terem tido tempo de vivê-la; dos que adivinharam. Os versos ascanianos dos "Poemas Cronológicos" são adivinhações, ou por outra, prêmios da loteria que o autor ganhou sem nunca ter comprado bilhete.

Era ainda naquele tempo (bom tempo) em que se tomava cerveja e até mesmo café com leite na Confeitaria Estrela. Entre dez e onze horas, o pessoal ia aparecendo e distribuindo-se pelas mesinhas de mármore. Discutia-se política e literatura, contavam-se histórias pornográficas e diziam-se besteiras, puras e simples besteiras, angelicamente, até se fechar a

última porta (você se lembra, Emílio Moura? Almeida? Nava?). Ascânio chegou quando o Estrela já entrara em decadência, e nas melancólicas mesinhas o mosquito comia o açucar derramado sobre as últimas caricaturas de Pedro Nava. Cada vez se bebia menos cerveja e diziam-se pouquíssimas besteiras sinceras. Não chegou a conhecer alguns dos tipos mais curiosos da fauna desse café histórico, como por exemplo o sargento João Carlos, gordo, poeta e caqui, colaborador assíduo do "Trabalho" de Espírito Santo do Pinhal, que não podia compreender porque motivo eu nunca lhe dera boa noite (nós nunca fomos apresentados um ao outro, meu bravo sargento). Conheceu apenas os últimos abencerragens, e como não era homem de grande comércio verbal, nem sempre participava dessas farras ingênuas. O que não quer dizer que não fosse boêmio e soube depois que o era muito.

Passava tempos sem vê-lo. Era esquivo e filtrava-se entre as árvores da rua. Dizem que ótimo trabalhador. Na Secretaria do Interior, 6.º secção, fala-se muito bem do funcionário Ascânio Lopes. "Deve ser computado para aposentadoria o tempo em que a professora serviu como interna ou provisória", concluia ele numa informação que o chefe achou util publicar, porque bem feita e esclarecedora do assunto. Na Inspetoria da Instrução, há a caneta com que ele escrevia, papéis que guardam sua letra, recordações diversas de Ascânio, funcionário que deixava a poesia no cabide, com o chapéu, ao contrário de outros que só deixam o chapéu, e fazem poesia na hora do expediente.

Dizem tambem que mau estudante, ou por outra, estudante displicante, mas isso só serve para aumentá-lo na minha estima. A nossa Escola de Direito não é melhor nem pior do que a comum das escolas, de direito ou não, que não dão gosto nenhum de serem frequentadas. Mesmo assim Ascânio teve pachorra (ou malícia) bastante para imaginar uma tese, " Odireito da família sobre o cadaver", cujo título suspeito dá idéia antes de uma blague jurídico-literária, um pouco fúnebre.

Bom funcionário, mau estudante, bom poeta... A rua da Baía não conheceu bem Ascânio Lopes, que passou por ela como um automovel. Eu mesmo já tive ocasião de dizer, há anos, num poema que provocou geral indignação, apesar de ser perfeitamente insignificante: há os que sobem e há os que descem a outrora famosa rua pública. Os que sobem gloriosos e aplaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascânio desceu com o farol apagado, sem buzinar, e desceu para sempre.

Numa sala da Secretaria do Interior há uma mesa, e debruçado sobre essa mesa um jovem moreno e baixo trabalha; é o secretário do Conselho Superior de Instrução; depois o jovem levanta-se, põe o chapéu, desce, toma o bonde; é o poeta Ascânio Lopes. A noite desce sobre a casa de pensão da rua Rio Grande do Norte em que ele escreve os seus últimos, os seus penúltimos, versos; a noite desceu de todo, já não há mais versos para escrever, vida quotidiana para viver, tarefa nenhuma para levar a cabo. Discreto até o fim, Ascânio Lopes foi morrer em Cataguazes: "De repente percebi que eu estava diminuindo, diminuindo, até que ficara apenas uma rodilha de dores", como diz ele nas admiraveis "Sete trombetas misteriosas".

JOÃO GUIMARÃES

BELO HORIZONTE, 1934 — A vida separa os amigos, que a morte vem juntar bruscamente. Eu, que há tanto tempo havia perdido João Guimarães Alves, agora torno a encontrá-lo, ao entrar na sala da redação e receber a notícia de que, em Soledade, ele fechou os olhos.

Entre as melancolias de viver, é talvez das mais penetrantes essa que resulta da existência de "zonas de amisade", cada uma corres-

pondendo a determinada fase moral, e todas, mais ou menos isoladas e características, exprimindo a descontinuidade emotiva do indivíduo, sua irremediavel fragmentação, seus desertos, suas incompatibilidades.

Porque, salvo três ou quatro companheiros que uma fatalidade cordial anexa ao nosso destino, e de um certo modo o assimilam e nele colaboram, os demais vão ficando pelo caminho, uns separados pela diversidade de interesses, outros pela circunstância geográfica, outros, finalmente, porque chegaram mais depressa à maturação, ou tardaram, ou se perderam. Já não falo nas desilusões que esse comércio, como qualquer outro, comporta. Penso somente nessas amizades que o tempo vai esgarçando e substituindo por outras, com o cuidado pérfido de intercalar entre os amigos de vinte anos e os de trinta um espaço em branco para as incompreensões e as incorrespondências. De sorte que viver é perder amigos, porque eles não se somam, e as novas aquisições anulam as anteriores.

João Guimarães Alves foi dos que se perderam na distância. Entre duas cidades de Minas, como de resto entre duas ruas de não importa qual cidade, pode haver mais distância potencial do que entre dois universos. A notícia que tínhamos do João Guimarães era rara e estrita. Ás vezes, um abraço de passagem: o amigo estava de novo na Avenida Afonso Pena. Mas ou seja porque já não existissem os antigos cafés ou seja porque ele se demorasse pouco, não tinhamos a sensação de que houvesse voltado. Efetivamente, trocara de cidade, isto é, de alma. Sua visita tinha alguma coisa de retrospectivo.

Mas agora falece o inspetor de ensino comercial a quem surge na minha frente, com a voz, os gestos e as palavras do velho tempo, é o meu amigo João Guimarães, tal como eu devo tê-lo deixado, há doze anos, numa esquina noturna, recitando o soneto de amor, ou a quadra satirica, à espera de que qualquer coisa, o guarda-civil ou a madrugada, acontetecesse, 1922...

O poeta João Guimarães tinha a voz forte e o gesto violento que devia ter outro poeta do temps jadis, *François Villon. E o punho forte tambem. Mas esse punho não se abatia com brutalidade sobre um literato mediocre ou um notívago importuno, sem que o coração do poeta corrigisse logo essa demasia física. Era impossivel ficar brigado com João por mais de cinco minutos.*

As memórias despertam em mim, os fatos sucedem-se, mas já não é a exposição retrospectiva, é o próprio tempo de ontem que se inscreve no quadro de hoje, e a vida em movimento, com a amizade em movimento. Tenho de novo João Guimarães no meu convívio. Suas mãos enormes contam as fichas do chope. Sua grande voz repete Raimundo Corrêa:

> Lúcia teve um desmaio quando Anfrisio
> partiu...

Ou então, de sua própria fábrica, o soneto em que desfilavam todas as namoradas de um ano:

> 913, o ano dos anos!
> Ano em que, de alma feérica e iludida,
> saboreei, na taça dos enganos
> o capitoso vinho desta vida.
>
> ....
>
> 913 foi-se embora
> e em 914 entrei.

Afinal, João Guimarães é todo um pedaço de minha vida, como terá sido para Milton Campos, Baptista Santiago, João Alphonsus, rapazes que, à feição de todos os rapazes do mundo, misturamos um dia a coisa literária com a coisa humana. O corpo dele levanta-se com um sinal nesse tempo que já sentimos ser de uma substância diversa e, em consequência, de um diverso sabor.

Assente-se aí João. Na minha opinião você está apenas fingindo de morto.

O Poeta Mário de Andrade

Moacir Werneck de Castro

A discussão sobre o modernismo, do jeito que vai, ameaça transformar-se numa dessas curiosas querelas literárias em que os argumentos se sucedem com anos de intervalo, entremeados de calmarias e sujeitos a bruscas efervescências inexplicaveis. Todos teem o seu palpite a dar, os fundadores do movimento como as suas vítimas e os seus beneficiários. Não faz muito tempo o Sr. Olegário Mariano proclamava exaltadissimo, em discurso de improviso numa homenagem a Portinari — e justamente a propósito do pintor! — a falência de toda a estética renovadora do modernismo. Pouco antes já se desencadeara uma campanha infeliz para demonstrar o conteudo reacionário do movimento. Os veteranos volta e meia aparecem em cena para explicar, explicar, explicar. Dona Nazaré Prado conta que foi ela a causadora da Semana de Arte Moderna: Graça Aranha teria inventado aquela demonstração não porque quisesse reformar alguma coisa, mas porque precisava de pretesto para ir vê-la em São Paulo. E o já citado Portinari propõe que em vez de fazerem conferências ou escreverem artigos, os heróis da Semana se reunam periodicamente em inocentes solenidades, como engenheiros que comemorassem o trigésimo aniversário de formatura da turma — cavalheiros graves, barrigudos e respeitaveis que com voz trêmula e cheios de melancolia vão se entregar à evocação das aventuras de mocidade...

Sem pretensões a jogar mais lenha nessa fogueira, tenho para mim que os modernistas fizeram um trabalho de alta e necessária higiene social. Desordenados ou não, foram eles que abriram caminho ao surto atual das letras e artes no Brasil. Foram um valoroso grupo de desbravadores. Mas, passada a avalanche, todas as façanhas de demolição, de vaia moleque e de proselitismo ficaram sendo apenas documentos de história literária. Importa examinar a contribuição de cada um; é preciso procurar nos livros, na obra criada, o que restou daquele louvavel ardor combativo para herança das gerações futuras. Agora, precisamente vinte anos depois, Mário de Andrade, o chefe talvez mais representativo do movimento, reune em volume (1) o principal da sua contribuição poética, desde a "Paulicéia Desvairada".

A leitura em conjunto desses poemas deixou-me uma impressão invencivel: a de que a poesia é em Mário de Andrade o que há de essencial, o que o absolve e engrandece e verdadeiramente transfigura. Quem carrega consigo o peso daquilo que um articulista cerimonioso chamaria *personalidade polimorfa*, quem como Mário de Andrade se divide e dispersa entre mil atividades do espirito e por todas elas deixa marcada a sua passagem com um rastro admiravel de lucidez interpretativa ou de talento criador, quem vive assim puxado por tantas forças em tantas direções diferentes, não dispensa um nucleo que seja ao mesmo tempo centro de equilibrio, bússola, razão profunda de pensar e agir. No seu harem cheio de especializações eruditas, a simples Poesia é a favorita.

E' a sua *loucura maior*, entre tantas outras. Dizia Demócrito que não era possivel ser grande poeta quem não fosse louco. No autor de *Macunaima* a inteligência lógica é uma espécie de compensação, de complemento. Talvez por isso mesmo lhe seja mais util do que àqueles que a possuem pura: ele terá sempre alguma coisa de novo a dizer sobre cada assunto, e sobretudo inspirará uma sensação muito pronunciada de ordenação mental, de disciplina, mesmo quando estiver apenas brincando com o leitor ingênuo. Chega a fazer até compêndios, freando os seus impulsos e limitando-se a botar as manguinhas de fora em algumas inconveniencias gramaticais. Na ficção adotará um meio termo de compromisso entre expansão total e as imposições da continuidade lógica. Quem o vir empenhado numa discussão talvez o ache um perigoso sofista. E quem o procurar como um porto seguro estará perdido, porque esse homem *dansa*, e quando se fez careca foi muito de indústria: "dei um salão aos meus pensamentos", diz ele a título de explicação.

---

(1) — **Mário de Andrade, *Poesias* — Livraria Martins Editora — São Paulo.**

Os seus pensamentos não vivem em gavetas de arquivo, eles dansam, e é o ballet mais surpreendente que já vi.

Nesse sentido foi que falei em loucura. Não será, de certo, a loucura domesticada e laboriosa dos Marinettis, nem que a lhe atribue o possivel fan do Sr. Adelmar Tavares. Mas qualquer coisa como aquela loucura de Esquilo que espantava Fontenelle (citado por Henri Bremond): "Não sei o que é o *Prometeu*. Não há assunto, nem intenção, mas arroubos bastante poéticos e audaciosos. Creio que Esquilo era uma espécie de louco que não tinha a imaginação muito regrada." Isto, exatamente. Ou talvez fosse mais apropriado riscar loucura e escrever revelação, transe mediúmnico. De qualquer modo, estou tentando dizer que é a poesia que o possue mais intensamente, e através da poesia ele nos dá a melhor, a mais completa e menos enganadora imagem de si mesmo. A sua poesia *é* libertação, sem fraudes nem disfarces. Em todos os outros gêneros, mesmo quando se imponha triunfalmente, mesmo quando fale na primeira pessôa e no tom mais humilde, ele estará se mostrando apenas pela metade, construindo fora de si mesmo, desviando, sublimando.

> *"Sou Gira*
> *Sou Louco*
> *Sou Oco*
> *Sou homem!...*
> *Sou tudo o que vocês quiserem,*
> *Mas que sou eu?"*

Quando ele próprio responde:

> *"Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,*
> *Mas um dia a final me encontrarei comigo"...*

sugere a idéia de uma realização definitiva num futuro incerto, a perspectiva de uma união mística com a poesia que se esquiva e negaceia ante as exigências desmedidas e a desenfreada ambição do poeta. Mas não há união mística em tempo algum, felizmente: apenas uma intermitência nas visitas da inspiração, fugaz como com todos os poetas, e contudo assinalando nele a sua passagem por uma verdadeira explosão de rítmos únicos, de achados, de imagens e de intuições proféticas que iluminam a obra toda.

Entre esses cumes numerosos não será dificil encontrar alguns pontos baixos. São os jogos de palavras, a brincadeira, vícios entranhados do movimento modernista. E', uma vez ou outra, o didatismo explicativo do *Lundú do escritor difícil*, tema próprio para ensaio sobre a linguagem do autor, e perfeitamente dizivel em prosa. E' a necessidade de opinar (ainda didatismo), intrometimento do raciocinio arbitrário: "Porem o desastre verdadeiro foi embonecar esta República tempora", etc. E' o abuso da virtuosidade, no intuito quase transparente de desconcertar o leitor — o que ele mesmo insinúa:

> *"Ah, meu amor,*
> *Não é a minha amplidão que me desencaminha,*
> *Mas a virtuosidade."*

Mas como não esquecer essas peculiaridades diante de poemas tão integralmente perfeitos como, por exemplo, o "Improviso de um Rapaz Morto"? Raramente na poesia brasileira terá sido atingida tamanha exatidão verbal, tão nobre acento patético.

Mário de Andrade é desses poetas que não se entregam todos da primeira vez e exigem do leitor uma tensão quase angustiosa, um estado de receptividade semi-divinatória e de identificação irrestrita. Aí vejo eu — por experiência de leitor que descobre coisas a cada vez que o lê — uma forte garantia de permanência. Os seus "eus em farrancho" são de uma riqueza que desafia sempre novas explorações. E a sua relutância em afirmar encontra na poesia o ambiente mais propício, cheio das sombras cúmplices, dos matinhos convidativos entre os quais "o rio da Dúvida passa a dansar". Em todos os seus desvairismos, há sempre uma reserva de pudor. Embora se revelando, ele não se escancara, como podem fazer crer certos estardalhaços de palavras. E muito humanamente, oscila todo tempo entre a amargura e o entusiasmo de viver. Tenho presente aqui o contraste entre a placidez confiante com que o poeta recebe o infortúnio no *Tempo da Maria*, e aquele arrasador desalento que revela no *Canto de Amor*, tão significativo, talvez o seu mais doloroso poema; ou entre a beatitude com que proclama no *Soneto dos Quarenta Anos*,

> "... Eu ouso
> Dizer que a vida foi o bem precioso
> Que eu adorei",

e o cansaço com que logo depois exclama:

> "Oh sono, vem... Eu quero amar a morte
> Com o mesmo engano com que amei a vida."

No seu canto aparentemente intimista e pessoalissimo existe uma continua preocupação universal e social, que só não sabem compreender aquelas almas simples que desejariam ver todos os poetas do mundo transformados em condoreiros. (1) Mário de Andrade não é um poeta revolucionário, longe disso. Ele tem apenas trechos de inspiração revolucionária. Podem-se catar em outros escritos seus algumas opiniões contraditórias. Na sua poesia, porem, há uma coerência fundamental absolutamente inegavel, um impulso de honestidade que supera todos os seus "preconceitos eruditos". A ingenuidade anarquizante da *Ode ao Burguês*, de 1920, inicia na obra do poeta um sulco de que ele jamais se afastou. Enquanto muitos andavam de Seca em Meca, passando de um polo a outro, ou de ambos os polos para a descoberta do Espírito Santo — e daí, quem sabe, para as profundas do inferno — ele manteve uma atitude de dificil contemplação, "não pregou a paz nem a guerra". Talvez assim se explique a fidelidade com que a sua poesia traduz as inquietações e perplexidades de uma época que ainda não era bem de guerra e já não era bem de paz.

Bem sei que todos os poetas são de seu tempo, que todos teem de traduzir desta ou daquela forma as inquietações e perplexidades de sua época, sob pena de não serem mais que míseros cantores de uma realidade morta e de pequenos sonhos desprezíveis. Bem sei de que poderoso sentimento do mundo está impregnada a poesia de Carlos Drummond de Andrade; bem sei que a Augusto Frederico Schmidt devemos grandes versos de motivos contemporâneos (2); bem sei que se faltasse Manuel Bandeira alguma coisa de irreparavel teria acontecido à poesia; bem sei que a lírica amorosa de Murilo Mendes tem suas raízes no próprio sangue dos anos que vivemos... Todos esses, raros outros mais, exprimiram com os seus próprios meios, do ângulo em que se colocaram, o que puderam ver da imensa paisagem do tempo ou dos abismos intimos do homem.

Mas isso não impede que se encontre na obra de Mário de Andrade o retrato poético mais impressionante de um modo-de-ser brasileiro e atual, a mais comovente e humana expressão de um inconformismo obstinado. Talvez ele não traga "mensagem", como se gosta de dizer. Não é portador de nenhuma certeza. Dos seus lábios não caem palavras de generoso otimismo, à Walt Whitman. Ele não preconiza a fé nas instituições vigentes ou no brilho inevitavel do nosso futuro. Não é poeta de encomenda: quem quiser poeta assim que trate de fabricá-lo segundo a receita própria. Ele é o poeta com as imperfeições da nossa gente e os sobressaltos do nosso tempo. Sempre foi assim, refletindo, sem programa, esperanças e desamparadas fraquezas; prevendo, sem intenção de prover.

---

(1) — Talvez sejam tranquilizadora estas palavras de Jean Cassou, que é uma autoridade: "Poesia e revolução decorrem do mesmo impulso sentimental e da mesma necessidade de aliviar e reinstaurar o homem. E' absurdo recear, com os timoratos, que um regime social qualquer possa fazer desaparecer a poesia. E' igualmente absurdo declarar, com os sectarios, que a poesia não passou de um divertimento para as classes altas do passado e se poz a serviço delas. A poesia constitue essa ponta fulgurante da cultura por onde se escapa o que depende menos das condições sociais e economicas, e, ao contrário, se volta contra estas. Basta sua presença imaculada para denunciar os "clercs" que tráem... ("Pour la Poésie", introdução.)

(2) — Não me refiro, é claro, a um horrivel poema recentemente publicado sobre o general Mac Arthur. Como já se disse com espírito, o Sr. Schmidt escreveu um *suelto* sobre o bravo general... Que diabo, o esforço de guerra exige dos poetas sacrifícios de outra espécie.

A campanha do silencio

Rubem Braga

"Nunca as possibilidades do cinema silencioso foram maiores". Isso faz parte de um comentário da revista "Fan", de Dezembro de 1930, redigida pelo sr. Otávio de Faria. No mesmo número há um artigo assinado do mesmo autor em que ele diz "sem dúvida a produção silenciosa não desaparecerá (existe Chaplin)". E afirma, "confiando absolutamente nisso" que "os talkies reconhecerão o erro que foi querer dominar tambem o "far-west". Terão perdido a cartada talvez por excesso de ambição".

Mas essas coisas foram escritas 12 anos atraz. A "cena muda" morreu: ficou sendo apenas o nome de uma estimavel revista. Entretanto 1941 foi o ano de uma grande agitação em favor do nudismo. E isso me parece uma coisa que precisa ser assinalada por alguem neste Anuário de Literatura de 1942.

Literatura, na verdade, e da ruim. Esse movimento nada tem a ver com cinema, e o cinema se limita a não tomar conhecimento dele. O movimento é puramente literário, mas nem porisso podemos pensar que seja inocente.

Em São Paulo apareceu uma revista chamada "Clima", saudada com esperança e simpatia pelos senhores críticos nacionais. Chegou-se a falar da "geração de "Clima". Essa revista dedicou um número especial ao filme "Fantasia" e creio que até hoje ainda está falando desse filme, parece que contra. E' uma simpática revista, feita por rapazes todos de muito boa família, alguns fazendo exêgese da "Rerum Novarum" outros, ensaiando sobre Proust. Todos, naturalmente inteligentes — e provavelmente cultos. A orientação geral dos "rapazes de "Clima" — como dizem afetuosamente os críticos um pouco mais velhos, inclusive o "jovem mestre" Alvaro Lins — é a favor do cinema silencioso.

No Rio apareceu um novo jornal, "A Manhã", dirigido pelo sr. Cassiano Ricardo, essa alma cheia de entusiasmo, que escreveu recentemente um grande livro para provar que Fernão Dias Paes Leme e Borba Gato eram partidários do Estado Novo, o que não ponho em dúvida. Em matéria de bandeirantes conheci pessoalmente os de 1936-7 em S. Paulo, do movimento "Bandeira", e por isso nada ponho em dúvida. Ainda o ano passado perguntava melancolicamente o sr. Cassiano Ricardo: "Vale a pena morrer pela democracia?" — e respondia que não. Que viva o sr. Cassiano Ricardo, simpática figura do modernismo, colega insigne de Menotti Del Picchia, Plinio Salgado e outros gênios. Que viva! Não vale a pena morrer por coisa alguma — eu tambem acho, e a prova mais segura é que estou vivo, apesar de muitas pragas, inclusive de meu amigo Osório Borba.

Ora pois nesse jornal apareceu na crítica de cinema o poeta Vinicius de Morais. Fóra de qualquer brincadeira, ele é o maior poeta brasileiro menor de 30 anos — e um dos maiores de qualquer classe. E o sr. Vinicius de Morais tambem aderiu ao mudismo. Que fazer? Os poetas são assim.

Lembro-me de que no Recife tambem houve um movimento — parece que "Chaplin Club" — a favor do silêncio. A coisa é espalhada, tem ramificações internacionais. Há rapazes lutando pela nobre causa em toda parte, da Grécia ao Piauí. São rapazes evidentemente revolucionários, porque se voltam contra uma instituição vigente, contra uma grande força industrial de carater (meu Deus do céu!) imperialista. São muito simpáticos.

Mas é impossível deixar de notar que no Brasil a campanha do silêncio é essencialmente uma campanha... católica. Nada de admirar em um país essencialmente agrícola e católico. Mas vale a pena notar. Os que não são católicos são catolicisantes, e ou teem muitos amigos católicos. Todos querem o silêncio. Alguns chegam ao ponto de ir à missa e ao cinema com um pacotinho de algodão no ouvido. Depois de acomodados tiram discretamente o algodão e tapam os ouvidos. Secretamente o sr. Otávio de Faria é contra a missa falada musicada e cantada, mas essa heresia ele só a diz ao seu confessor — é matéria de conciência, não entremos nissso.

Mesmo a questão do cinema talvez seja tambem questão de conciência. Quem sabe? Todos esses rapazes teem muita conciência, e alguns até vivem disso. A maioria vive de boas heranças. Eu pessoalmente acho mais simpático o Lúcio Cardoso (como diria o sr. Elói Pontes) que não é contra nem a favor de nada, e me confessou que sempre que pode vai ao cinema três vezes no mesmo dia. Fuga à realidade, mas fuga honesta: ele paga as entradas, assiste as fitas e não faz questão de contar o enredo a ninguem — está certo. Os outros me aborrecem. Porque não confessá-lo?

Tenho uma proposta um pouco radical a fazer. Conheço pessoalmente o senhor Rui Santos. E' um rapaz que não discute muito sobre cinema e faz cinema. Tem feito jornais e documentários melhores do que qualquer outra coisa que já se fez no país. Queria propôr aos silenciosos que procurassemos junto o sr. Rui Santos e propusêssemos a ele um novo cinema. Silêncio completo — nem mesmo um piano cá em baixo tocando "Sobre as Ondas". Nada. Nem tosse na platéia, nem conversinha de jovens casais. Proponho que se pudesse fumar, mas sem fazer barulho na hora de riscar o fósforo. Nada de cinema colorido, nem de artistas, nem de desenhos. Mas: nada de formas, de linhas. O cinema é a pura arte da luz e da sombra em movimentos isto é o essencial, e devemos ir exatamente ao essencial. Jogos de luz e sombra, claridades e penumbras... Ah, podiamos fazer com isso um grande filme, por exemplo "O Infinito". Outra produção poderia ter o enredo escrito pelo sr. Otávio de Faria e se chamar, por exemplo "O Bem e o Mal": a sombra representado o Mal e a luz representando o Bem. Talvez o sr. Paulo Emílio tambem tivesse uma inspiração e escrevesse a super-produção "O Absoluto", toda escura. E temos ainda o professor Ochialini... Há muita gente. Fariamos o Cinema Puro, completamente puro, o Cinema acima do Som, acima das Formas, acima do Humano — do horrivel e torpe Humano — o Cinema em Si! Os espectadores poderiam ter vendas nos olhos — para se libertar da tirania dos sentidos — grosseira contingência animal — e apenas "sentir" o Cinema. Ai! Deve ser um sonho meu. Mas desde quando neste país é proibido sonhar? Só o Sonho da Arte é alto e puro — coisa que um rude "torcedor" do Flamengo como o sr. José Lins do Rego jamais atingirá compreender.

Reflexões sobre o destino da inteligência

Carlos Lacerda

NO seu ensaio-manifesto "A time to speak" (publicado em Buenos-Aires sob o título "Los irresponsables"), o poeta Archibald Mac Leish, diretor da Bibliotéca do Congresso de Washington, indaga que pensará o futuro da atitude dos intelectuais de hoje, que assistiram estáticos a concentração de forças destruidoras de todos os elementos da própria vida intelectual. Há em sua acusação um exagero evidente, pois o número de intelectuais valorosos que tomaram posição na luta contra as forças do nazi-fascismo foi muito maior do que alega Mac Leish, e a verdadeira eficiência dessa atividade dos intelectuais, em face do modo pelo qual está constituida a sociedade, é muito menor do que parece supor o poeta-ensaista.

Realmente — que é o intelectual na sociedade pre-fascista? Uma superfetação, quando muito uma utilidade menor, aquele a quem se encomenda discursos, o jogral, o bobo, nos melhores casos o homem com cujas idéias os rapazes perdem seu tempo e as mulheres fazem cultura. Nunca, porém, uma força de valor natural, que pela força das idéias consiga comunicá-las ao mundo. Pobre casta refinada, frequentemente contra a própria vontade daqueles que a compõem, especialmente quando são gente sensivel e dotada dessa percuciência, dessa capacidade de prever que é o privilégio do interprete das aspirações de sua época. Pobre casta refinada — que há de fazer? Em vão suicidaram-se tantos, em vão aqueles outros, a que Mac Leish se refere, "certos novelistas e poetas jovens, não podendo suportar por mais tempo o desmando e a injustiça, renunciaram á sua vida de escritores e se alistaram nos exércitos condenados ao extermínio para opôr a força á força bruta ... enquanto as armas que sabíamos esgrimir melhor — as armas do pensamento e do verbo — ainda podiam ser empregadas contra o perigo". Em vão outros alertaram os povos de modo tão insistente, em sucessivos manifestos e apêlos, que levou o poeta inglês Spender á observação, por certo muito justa, de que um intelectual que assina manifestos está vivendo por conta do seu crédito como escritor, artista, cientista, etc., e para continuar assinando-os terá de renovar constantemente esse crédito pela produção de novas obras que lhe recomendem o nome na opinião pública á qual tais manifestos se dirigem.

Digo "em vão" para não exagerar a importância de documentos como a declaração de Einstein em favor dos judeus, os manifestos de Rolland, que emocionaram toda a minha geração, dotando-a de certa substância da qual, felizmente, ela jámais se livrará. Não há dúvida — e nisso tem razão o outro poeta, o inglês Spender, de que nessa enxurrada de manifestos que todos temos assinado na vida, imiscuiram-se todos aqueles que por terem idéias julgaram-se intelectuais, fenômeno de superestimação da própria inteligência que tem contribuido para dar aos intelectuais, que acima de tudo temem a promiscuidade, o pudor de ombrear com os pseudo, reforçando assim sua tendência para a inação e a solidão.

Já que se falou em solidão, convem fixar desde logo este aspeto, que escapou a Mac Leish e ao outro ensaista que nesta guerra se preocupou com os problemas da participação dos intelectuais. Em nenhum outro tempo, talvez, foram os intelectuais tão solitários. E nisto consiste sua miséria. Para chegarem a obter o interesse público, em torno dos seus dramas íntimos (digo íntimos e não particulares), tornava-se necessário o áto espetacular á Sweig ou a proclamação constante, a militância obstinada de Rolland. Para os outros, aqueles que por temperamento ou formação se voltam sobre si mesmos desesperançados de encontrar um eco para suas dôres, nada se tem podido dar senão um silêncio respeitoso — e raramente ele tem sido respeitoso —, que apenas faz aumentar o vazio de sua angústia solitária.

Se o desconhecimento dessas razões, ás quais poder-se-iam acrescentar outras, da mesma natureza, impossiveis de analisar no simples espaço de um artigo, prejudicou a justeza da crítica de Mac Leish, ainda mais comprome-

tida pela cegueira de uma atitude puramente de circunstâncias contra a extrema esquerda, nem por isto deixa de ser oportuna e justa a constatação que o ensaista estabelece acerca da nefasta divisão criada, na categoria intelectual, entre os escritores e os "scholars" (compreendendo nessa expressão anglo-americana os eruditos, os universitários, os humanistas, os chamados homens de gabinete).

Procurarei resumir, para conhecimento do leitor, esta parte da tese de Mac Leish, tão discutida em toda a América (em Buenos-Aires a revista "Sur" promoveu um debate público sobre o ensaio), menos no Brasil, onde os intelectuais chegaram a um extremo de mediocridade de pensamento, em benefício de um extremo de "pesquisarismo", "desconversa" e amigação com a Forma, a Técnica, a Introspecção e outras. Procuras do Absoluto (1).

Depois de acentuar que a crise mundial não é a de uma luta de facções politicas, da qual pudesse alheiar-se o intelectual, mas a de um ataque direto, explicito e deliberado ao mundo, Mac Leish afirma que os homens de gabinete dos Estados Unidos (por extensão incluidos tambem os de outros paises, pois o fenômeno, é mundial, como a própria crise), mantiveram-se indiferentes, ou, quando muito, inativos ou na qualidade de simples observadores, semi-vigilantes apenas, temerosos e inativos. Futuramente se perguntará, segundo Mac Leish: Como puderam ser espectadores passivos de uma guerra contra si mesmos?

Não é por falta de valor, nem de coragem, acrescenta o poeta, que essa gente tem estado assim, abúlica, ausente. Novamente Mac Leish generaliza então, e se sua generalização não abrange toda a realidade, traduz pelo menos uma grande parte dela, tornando-se por isto digna da melhor atenção.

Diz o ensaista, com toda a sua responsabilidade de poeta entre os maiores dos Estados Unidos:

Creio que isso se deve ao sistema de organização da vida intelectual de nossa época. Para ser mais preciso, opino que a responsabilidade intelectual se dividiu, em nosso tempo, e que por dividir-se se destruiu. Os homens do dever intelectual, os que deveriam ter assumido a responsabilidade da ação, dividiram-se em duas castas, em dois cultos: os scholars (eruditos, homens de gabinete, humanistas, etc.) e os escritores. Nem uns nem outros querem tornar-se responsaveis pela cultura que lhes é comum nem responder pela defesa dela.

Houve uma época, há um ou dois séculos, em que os homens que desempenhavam as funções de humanista e o escritor teriam assumido essa responsabilidade sem um momento de vacilação. Há um século, as profissões do escritor e do scholar se reuniam numa profissão única, a do "homem de letras", o qual se sentia responsavel por tudo o que afetasse a função do intelecto. Era um homem de visão integra e unidade de intenções, um lidador intelectual que não temia andar sozinho, defensor conciente do patrimônio comum, partidário resoluto de sua observância. Enquanto os que hoje praticam nossas profissões dividiram entre si o mundo da erudição e o da criação literária como se fossem estados irresponsaveis e neutros, o homem de letras de outrora movia-se, tanto num como noutro, como quem percorre um império indissoluvel.

Era um escritor cujos trabalhos não refletiam uma atualidade abstrata e inconexa, e sim iluminavam o presente relacionando-o certeiramente com o passado. Era portanto, e necessariamente um homem que admitia uma responsabilidade pessoal pela sobrevivência e vitalidade da experiência comum e acumulada da mente humana, pois esta experiência era para ele o ar que respirava, a perspectiva do seu pensamento. O saber não era para ele uma gulodice (1) ... O escrever não era um ornamento... e sim o meio de conseguir um fim, uma arma, a mais poderosa das armas, uma arma que precisava ser esgrimida. Tudo o que ameaçasse o saber ou as finalidades do saber punha em guarda o homem de letras. Tudo o que atentasse contra a verdade ou obstruisse o espirito de indagação ou profanasse a arte ou violasse os foros do pensamento, era um golpe direto e pessoal, golpe que ele devolvia com todas as armas aperfeiçoadas pelos mestres da palavra escrita".

Milton, Voltaire, Bartoloméu de las Casas, são exemplos que Mac Leish encontra ao acaso. Foram "homens de letras", isto é, homens que reconheceram a obrigação de defender as disciplinas do pensamento não por proveito pessoal mas pelo bem de todos.

Então Mac Leish exagera, afirmando que homens como esses teriam impedido o fascismo. Onde ele acerta, porém, e acerta em cheio, é quando diz que essa condição é consequência do fascismo, (dando ao fascismo o seu sentido

---

(1) — Houve em S. Paulo vários artigos acerca do ensaio de Mac Leish — Mas, por circunstâncias faceis de avaliar, não tiveram repercussão.

(1) — Percorra o leitor as polêmicas do ano no Brasil. O debate sobre a autoria das "Cartas Chilenas", a controvérsia Cinema Mudo versus Cinema Falado. Veja a erudição provinciana em que se deleitam, com requintes de citação, alguns dos nossos criticos literários. Leia os romances deste ano, que forcejam por quebrar a continuidade da orientação, frequentemente precipitada e leviana, mas muito mais humana, da moderna literatura brasileira, injetando-lhe formol e salpicando-a de herva-doce como uma aletria literária recobrindo o corpo de um monstro de quarenta cabeças afogado num copo dágua. Percorra as páginas dos suplementos literários, a que não faltaram os pobres portugueses com sua inteligência amarrada numa linguagem tatibitati pelas contingências de dez anos de ditadura, e terá uma idéia do que seja o **saber** transformado em **gulodice.**

mais amplo, para abranger tudo o que se lhe assemelha), a perversão do pensamento, "só se torna possivel quando os que deveriam fazer-se ouvir em sua defesa ficam calados".

E silenciam porque "não há vozes que aceitem a responsabilidade de falar". Não existe o homem "de categoria intelectual, o homem de vocação intelectual, o homem que professa as letras, impondo-se a obrigação, como soldado do espirito, de defender a integridade dele contra qualquer perigo fisico, a obrigação de defender a obra do intelecto e as estruturas por ele criadas e os meios de que ele vive, não só em particular e a salvo em seu gabinete, não só nas polêmicas da imprensa douta, mas tambem em público, exposto no risco público e jogando a própria vida".

E por que não existe? Porque o homem de letras, diz Mac Leish, "foi desterrado do nosso mundo e do nosso tempo pela divisão daquilo que foi o seu reino. A responsabilidade única, a totalidade funcional do homem de letras foi substituida pela função parcial, pelo reciproco antagonismo, pela irresponsabilidade isolada de duas figuras: o erudito (o homem de gabinete) e o escritor".

O passado é a patria de erudito, o presente é a do escritor. "Neste vê o presente na fisionomia do mundo que o rodeia e deixa que o passado apodreça e se corrôa. Aquele cava seu refúgio de marfim nas ruinas do passado e deixa que o presente se consuma de anemia". Aparte raras exceções (Mac Leish menciona Thomas Mann), o "abismo entre os dois reinos" é completo. "As novelas históricas, tão na moda atualmente, as obras de vulgarização cientifica, os digestos de filosofia, só servem para determinar a profundidade desse abismo".

Nesta nossa época há eruditos de uma solidez, honestidade e dedicação e escritores de primeira categoria, acentua Mac Leish, que nada teem a invejar em comparação com os do passado. O que acontece é que a divisão de seus campos de ação, tão profunda, dá a ambos a possibilidade de fugir à sua responsabilidade e mais ainda, dá a cada um a possibilidade de defender, à sua maneira, "seu direito à mais completa irresponsabilidade".

O erudito imita o homem de ciência, que se isola no laboratório. O escritor imita o artista, que se limita ao registro de sensações. Vale a pena conhecer o que Mac Leish escreve acerca dessa imitação, especialmente da do artista (1) pelo escritor, que "faz literatura como o pintor faz pintura. Pensa como artista, isto é, não se responsabiliza por outra coisa que não a fiel expressão dos seus sentimentos. Observa como artista, ou seja, observa com honradez e verdade, mas sem comentário. Seu culto, como no caso de todo artista sério, é o culto do observado, do real, sem antecedentes ou consequências, nu em sua objetividade, despojado de causas e efeitos".

"Vê o mundo tal como o veria um deus — sem moralidade, sem preocupação, sem opiniões. Assim se vêem as pessoas, os individuos agem deste ou daquele modo: o escritor os exibe, os faz agir. Não lhe incumbe precisar por que se vêem assim, porque agem de um ou de outro modo. Basta-lhe mostrar o que acontece. Quando chegam a preocupá-lo os motivos, só lhe interessam aqueles que ele considera "verdadeiros", isto é, os motivos vergonhosos, aqueles que o individuo costuma ocultar de si mesmo. Seu propósito fundamental é atingir, não o verdadeiro movel da ação humana, mas a explicação sensacionalista que o exima de empreender uma investigação profunda. A indicação de que há certas coisas na vida — idéias, conceitos, modo de pensar — que o escritor-artista deveria defender contra todo ataque, a insinuação de que tem a obrigação de defender o patrimônio cultural, parecer-lhe-ia perfeitamente ridicula".

No setor dos poetas essa constatação se torna de uma evidência dramática.

Chegou a hora de desafiar em gritos, irrespeitosamente, a gargalhadas, exclama com furor profético o autor de "Time to speak", **aqueles que nos dizem que a poesia é "pura". Aos que nos dizem que a poesia é "poesia". Aos que nos dizem que a poesia é um jogo de salão que nada tem que ver com a vida dos homens que vivem, nem com a miséria dos famintos, nem com a politica dos ambiciosos, nem com a indignação dos crentes. Aos que nos dizem que a poesia eterna é a que se escreve sobre o sentimento de se estar espantosamente só. Aos dos Altos Principios. (Os impotentes teem Altos Principios: os criadores, criam). Aos do Amor à Posteridade. Aos que refugiam em espelhos: em casas de campo, e nas altas habitações de onde se vê o rio, e nos cursos de seminário às cinco da tarde. Chegou a hora de desafiá-los irrespeitosamente... a dizerem qual**

(1) — Em S. Paulo, onde o ensaio de Mac Leish foi objeto de muita discussão, relacione-se essa parte das afirmações do ensaista com a mania pictórica que devora, numa flama desconversadeira, alguns dos seus melhores escritores. E que pintura! Precisamente a dos volumes formas, cores, sem "assunto", ressuscitando velhas discussões já liquidadas. Quanto ao "scholar", na sua macaqueação do homem de ciência, basta ver o que se passa com os grupos de estudos sociológicos e com figuras isoladas vertiginosamente empenhadas numa pesquisa em espiral, cujo objetivo os próprios pesquisadores desconhecem, apenas empenhadas na pesquisa pela pesquisa, a mais absurda aplicação da arte pela arte...

é a poesia que corresponde ao mundo atual; a ler a poesia de Dante e dizer qual é a posia que corresponde ao mundo atual; a ler a poesia de Shakespeare e dizer qual é a poesia que corresponde ao mundo atual.

Passou a hora das defesas e chegou a hora dos desafios, pois não há modo de explanar uma defesa da poesia que não se converta em desafio. Não há modo de perguntar se devemos permitir que a poesia continue existindo que não se converta na pergunta de si a poesia nos permitirá continuar existindo. Porque a pergunta inteligente, e que exige uma resposta, é a segunda, não a primeira. A primeira é uma pergunta para os grêmios de colégio secundário. A segunda é para o homem mortal".

E assim essa gente se deformou. "Para o erudito, a imparcialidade, a objetividade, o afastamento, foram ideais que a força de trabalho e sacrifício conseguiu inculcar em si mesmo. A objetividade e o isolamento foram o orgulho do artista literário. Tanto um como outro submeteram-se a freios incriveis, a disciplinas interminaveis para adquirir essas qualidades. E ambos o conseguiram. Tanto os humanistas como os escritores se libertaram das paixões pessoais, das preocupações emocionais que dão cor às convicções e ao critério. Tanto uns como outros se eximiram da responsabilidade individual implícita em toda decisão. Surgiram livres, puros e sós no ambiente anti-séptico da objetividade. E por sublimar a inteligente condenaram-na ao desastre".

No Brasil houve este ano uma voz que se levantou para dizer estas mesmas coisas, e desta vez com a marca dramática da experiência pessoal. Convidado pela Casa do Estudante para uma conferencia a ser pronunciada na Bibliotéca do Itamarati, sobre o movimento modernista, Mario de Andrade fez mais do que um relato interpretativo desse movimento literário, pois, do meio para o fim, atingiu a própria essência do problema do intelectual diante do nosso tempo — para usar a linguagem dos colóquios de cooperação intelectual, realizados no mesmo Itamarati ou nas páginas de certos jornais em que subescritores deblateram diariamente contra a Democracia, num país que se mobiliza para lutar pela Democracia.

Falando por si mesmo, pela sua experiencia pessoal, Mário de Andrade faz concordar de modo impressionante o relato de sua crise moral com a analise de Mac Leish, cujos pontos significativos procuramos resumir neste artigo.

Diz o autor de "Macunaima": "Não me imagino politico de ação. Mas nós estamos vivendo uma idade política do homem, e a isso eu tinha que servir... Tambem não me desejaria escrevendo páginas explosivas, brigando a páu por ideologias e ganhando os louros faceis de um xilindró. Tudo isso não sou nem é para mim. Mas estou convencido de que deviamos ter nos transformado de especulativos em especuladores... Mas a pesar das sinceras intenções boas que dirigiram minha obra e a deformaram muito, na verdade, será que não terei passeado apenas, me iludindo de existir? E' certo que eu me sentia responsabilizado pelas fraquezas e as desgraças dos homens. E' certo que pretendi regar minha obra de orvalhos mais generosos, sujá-la nas impurezas da dor, sair do limbo "NE TRISTA NE LIETA" da minha felicidade pessoal. Mas pelo próprio exercício da felicidade, mas pela própria altivez sensualissima do individualismo, não me era mais possivel rengge-los como um erro, embora eu chegue um pouco tarde à convicção de sua mesquinhez.

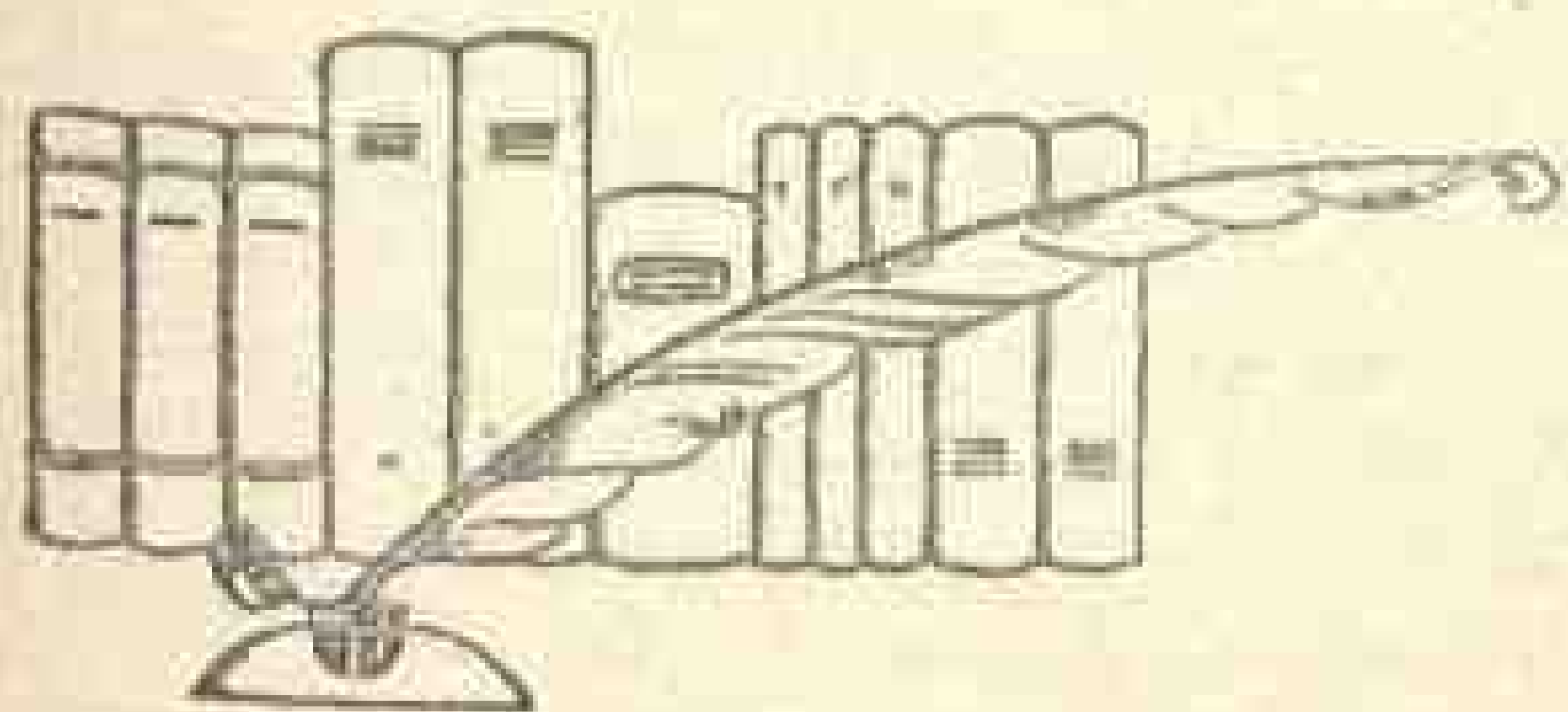
E mais adiante: "O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jámais ele foi tão "momentâneo" como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois. E a pesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o amilhoramento politico-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade.

Se de alguma cousa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, oficios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões".

Dir-se-ia que as palavras tão vividas desse homem que é um verdadeiro intelectual, orgulhoso até de suas próprias hesitações, sinceramente especulativo, malandramente disfarçador dessas especulações do espírito com rótulos de interesse cientifico, iriam provocar no ambiente intelectual do país uma sensação de pasmo comparavel, dentro do Brasil, ao que foi a adesão de Gide ao comunismo. Se bem que a maior parte da obra de Mário de Andrade esteja marcada pelo interesse social (que por facilidade de classificação, frequentemente deformada, se costuma denominar interesse humano.

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

LITERATURA BAÍANA

Dias da Costa

Por mais superficial que seja o golpe de vista que se lance ao panorama da literatura baiana, como à de todo o Brasil, o que avulta, desde logo, é o grande número de versejadores, em absoluta desproporção com o número de cultores da prosa. Versejadores é, no caso, sem nenhuma dúvida, o termo mais próprio, uma vez que só muito raramente a poesia esteve de fato ligada aos versos abundantes que inudaram, e ainda inundam, a vida literária da primeira capital do Brasil.

Numa ligeira exploração retrospectiva vamos encontrar o primeiro vulto que surge cronológicamente nas letras baianas na figura singular de Gregório de Matos. Felizmente, o satirista impiedoso, lusitano na forma e na essência de seus epígramas contudentes, aparece como um verdadeiro poeta e não apenas como um simples arrumador de rimas. Nascido na Baia, em 7 de Abril de 1623, e morto em Pernambuco aos 73 anos de idade, quando regressado do exílio, Gregório de Matos utilizou a sua lira como elemento de combate e de crítica, fazendo inimigos e gerando discípulos e imitadores. Na época, como não podia deixar de ser, o Brasil recebia de Portugal metrópole as escassas letras que aqui teria de pôr em circulação. E o panorama intelectual era dos mais pobres. E' da Baia, séde inicial dos governos portugueses do Brasil, que partem os primeiros vagidos literários dignos de registo na vida brasileira do século XVII. São as vozes de Eusébio de Matos, nascido em 1629, professo em 1664 na Ordem de Jesús, escrevendo versos e redigindo sermões relativamente brilhantes, e de outros que se lhe seguiram, quase tudo o que se pode anotar nessa fase de formação. Ao citado segue-se Manoel Botelho de Oliveira, que nasceu em 1636 e faleceu em 1711, aos 75 anos de idade, tendo publicado, em 1705, o seu livro *Música do Parnaso,* dividida em quatro córos de rimas portuguesas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante cômico reduzido em duas comédias".

Manuel Botelho mereceu do cônego Fernandes Pinheiro a afirmação seguinte: "Do aticismo de sua linguagem serve-lhe de brilhante testemunho a declaração de *clássico,* com que o honrou a Academia Real de Ciências de Lisbôa. Pela sua formação, pode-se ainda incluir como representante baiana da éra de 600 o nome de Sebastião da Rocha Pita, historiador, nascido em 1660, e morto em 1738. Escreveu Rocha Pita a HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA, HISTÓRIA DO BRASIL, um romance, etc. Dele diz um historiador brasileiro contemporâneo: "Escreveu uma HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA, crônica apenas e não repositório de fatos, que possam inspirar confiança pela documentação e segurança das informações."

Já no século XVIII, os poetas continuam a avultar. Alguns nomes, de autores e de obras, ilustram bem o fato.

Frei Manuel de S. Maria de Itaparica, nascido em 1704, foi autor do poema EUSTACHIDOS, POEMA SACRO E TRAGICÔMICO, EM QUE SE CONTEM A VIDA DE SANTO EUSTACHIO MARTIR, CHAMADO ANTES PLÁCIDO E DE SUA MULHER E FILHOS.

Bernardo Vieira Ravasco, irmão do grande pregador Antônio Vieira, escreveu numerosas poesias sacras que se perderam.

Padre Francisco de Almeida, nascido em Cachoeira, Baia, escreveu ORPHEUS BRASILIENS.

Brito de Lima mereceu de Melo Morais a afirmação de que foi "um dos poetas da Baia que mais versos conseguiu imprimir." (Não cremos que seja grande o elogio).

Tomaz da Encarnação escreveu uma história eclesiástica em quatro tomos, que foram editados em Coimbra.

José Francisco Cardoso de Morais, foi autor de um canto heroico em latim, sobre a expedição dirigida contra Tripoli.

Domingos Borges de Barros, que nasceu em 1779 e morreu em 1855, foi Visconde de Pedra Branca e teve a glória de ser, quando em Portugal, amigo de Filinto Elisio, Bocage, Agostinho de Macedo e outros intelectuais lusitanos.

Baltazar da Silva Lisbôa, nascido em 1761 e morto em 1840, foi autor de numerosas obras, entre as quais se destacam: PRINCÍPIOS DE FISICA VEGETAL, DESCRIÇÃO DAS ARVORES DE CONSTRUÇÃO PELOS CARACTERES BOTANICOS, APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA ECLESIÁSTICA DO RIO DE JANEIRO, etc

Como se vê, a história das atividades de baianos natos, na literatura brasileira dos séculos XVII e XVIII, mormente em um trabalho de sintese como este, dificilmente pode ir além da enumeração de nomes que emergiram do deserto quase absoluto que foi, no terreno do pensamento, essa época da vida intelectual do Brasil. Acorrentado à Metrópole, aprendendo somente através do que lhe permitiam as alfândegas espirituais da Lusitânia, ou de Castela, quando do dominio espanhol, não poderia, principalmente dadas as condições existentes aqui mesmo, ser muito seleta ou bastante opulenta a floração espiritual do Brasil. Para que tais condições se modificassem foi necessário um acontecimento para todos imprevisto. Esse acontecimento foi a transferência da Côrte Portuguesa para o Brasil, ao sentir pelas costas as baionetas napoleônicas do marechal Junot. E o século XIX praticamente se inicia para o Brasil com esse acontecimento. Quais os resultados imediatos dessa emigração para o desenvolvimento da cultura brasileira? Depois da abertura dos portos do Brasil e de libertado o comércio da obrigação de só se fazer com a Metrópole, D. João VI fundou colegios de cirurgia e medicina no Rio de Janeiro e na Baía, criou uma Academia de cadetes de marinha, fez surgir uma imprensa régia. Nos anos seguintes, 1810 e 1811, foi facultada ao público uma livraria, ponto de partida para a Biblioteca Nacional de hoje. Em 1818 foi criado o Museu Nacional e, tambem nesse ano a Escola de Belas Artes.

Assim, apenas decorridos 18 anos do século XIX, já o panorama do país era outro, sem a proibição do comércio com os países livres do mundo, possuindo suas academias próprias, sua nascente biblioteca pública, sua escola de belas artes, sua imprensa, etc.

Sem isso, não poderia receber o Brasil tão facilmente como recebeu os reflexos dos importantíssimos acontecimentos registados no decorrer do século XIX, no campo do pensamento universal. Esses acontecimentos foram o advento do romantismo, por volta de 1830 e a eclosão do movimento naturalista, que tanto agitou a literatura mundial, a partir de 1860. Os escritores da Baia, como não poderia deixar de ser, sofreram a poderosa influência dos dois movimentos. Entretanto, a transplantação não se fez por simples tendência imitativa. Havia de fato no Brasil um clima propício à frutificação. Eis o que escreve Almachio Diniz, ao referir o acontecimento:

"À hora em que o romantismo clarinava nas livrarias européias, tendo suas origens em Rousseau e em Chateaubriand, não só, mas também em Biron e Walter Scott, na Inglaterra, Schiller e Goethe, na Alemanha, a sociedade brasileira sofria a prossecução mais importante do seu evolucionismo político, que teria de influir na sua formação literária. E, repercutindo e ecoando o movimento reacionário e ascencional de toda a parte, a literatura formativa assumiu a feição mais declaradamente romântica. Portugal cedia o seu lugar placentário à influência francesa. O romantismo substituiu, portanto, todas as preocupações filiativas das nossas letras."

Realmente, a ação politica da nacionalidade nascente, refletiu-se na direção tomada pelo pensamento literário brasileiro. E' o que constata ainda o autor citado:

"Num estado de agitação política, em que da colônia pacifica surgia uma nacionalidade combativa, o carater revolucionário e anárquico do romantismo não poderia ser mais a propósito para o Brasil. E o fato mais verdadeiro é o de que a sua implantação nas criações estéticas do novo organismo social não dependeu da sujeição a nenhuma vontade, tendo sido a mais espontânea que se possa imaginar. A literatura nascente jamais teve outro aspecto: desde os seus primeiros passos foi supinamente romântica."

Pode-se dizer, com bastante certeza, que todos os escritores baianos do século XIX foram mais ou menos românticos. Naturalmente que as raras exceções, mais uma vez, existem apenas para confirmar a regra.

Uma rápida olhadela para os nomes mais destacados ilustra a afirmativa. E assim temos:

Francisco Muniz Barreto, cognominado o Bocage brasileiro, repentista dos mais festejados; Junqueira Freire, poeta lírico, autor de INSPIRAÇÕES DO CLAUSTRO; Antônio Augusto de Mendonça, poeta; Agrário de Menezes, poeta, comediógrafo, dramaturgo; Luiz Gama, de quem disse Sílvio Romero: "a escravidão entre nós produziu Luiz Gama, que teve muito de TERÊNCIO, de EPÍCURO e de SPARTACUS"; Muniz Barreto, poeta; Urbano Duarte, cronista; Melo Morais Filho; Manoel Vitorino, jornalista, cientista e político, foi governador da Baía em 1890 e, posteriormente, vice-presidente da República; J. M. Cardoso de Oliveira, romancista e poeta, autor do romance humorístico DOIS METROS E CINCO.

Outros nomes poderiam ser citados. Nada porém se compara aos dois vultos que se elevam nessa fase das letras baianas e que, por si sós, seriam bastantes para encher todo o século, caso outros não houvesse, Castro Alves e Rui Barbosa. Esses dois nomes estão de tal modo ligados à vida do Brasil à sua própria história, eles influiram tão profundamente na marcha dos acontecimentos políticos e sociais de sua época que qualquer pretensão de síntese a fazer em um trabalho da natureza do presente seria inteiramente irrealizavel. Do autor do NAVIO NEGREIRO basta dizer-se que foi dos maiores poetas de toda a América, só talvez comparavel a Walt Whitman, e afirmar, como afirmou Gilberto Amado, que nos seus 24 anos de existência foi, e continua sendo, "o mais belo instante do Brasil." A figura de Rui, pelas suas proporções e dentro do âmbito de suas atividades, não tem símile na vida brasileira.

A segunda corrente literária surgida no decorrer do século XIX, o naturalismo, não encontrou entre os intelectuais baianos a mesma popularidade desfrutada pelo romantismo. Excetuando um Constâncio Alves, um Rafael Pinheiro, um Afrânio Peixoto, etc., pouco há a registar. Enquanto de outros pontos do Brasil surgiam nomes como os de Aluisio de Azevedo, Coelho Neto, Raul Pompéia, Pardal Mallet, Artur Azevedo, Julio Ribeiro, etc., a Baía, praticamente, tinha de se contentar com os romances tão discutidos de Afrânio Peixoto, com algumas produções de Xavier Marques e de Fábio Luz, com as crônicas e ensaios de Constâncio Alves e com pouca coisa mais. Entretanto, intelectualmente, o século XIX não terminou ao chegar ao seu fim cronológico a éra de 1800. Ele se prolongou pelo século XX. Do Brasil, talvez tenha sido a Baía o lugar onde por mais tempo tenha sobrevivido intelectualmente o século XIX. Toda a produção intelectual da Baía, mesmo já alguns anos passados da guerra de 1914 a 1918, continuava sendo de "avant-guerre". Continuava a se registar a abundância de versejadores, faltavam romancistas, o conto era muito raro, a crítica literária praticamente não existia. Com raras exceções, o amor à retórica na prosa, ao parnasianismo no verso, o apego aos lampejos verbais, às chaves de ouro nos sonetos, aos temas rebuscados, aos ambientes refinados, onde surgiam inacessíveis faianças de Sévres, lendários tapetes de Esmirna, aticismos totalmente desambientados, eram a regra mais ou menos geral. Ainda se estava aí por 1830, com toda a seriedade e com toda a teimosa cegueira. O homem da rua, a vida cotidiana, os problemas da maioria, não eram tomados em consideração como motivos de arte. E, se o eram, por acaso, a forma que se empregava estava em total desacordo com o tema, chocando-se com ele, produzindo uma associação ridicula. Possuidora de um "folc-lore" dos mais ricos do Brasil, contendo em suas fronteiras as regiões mais diversas, cada qual mais abundante em motivos dignos de serem captados, seja com o recôncavo dos antigos barões do açúcar, seja com o nordeste calcinado, seja com a zona das lavras diamantinas, seja com a região do Vale do São Francisco, seja com as cidadesinhas do interior, dispondo de costumes próprios, de marcadas éras de lutas políticas, de fatores econômicos os mais sugestivos, de elementos pitorescos introduzidos de modo profundo pelos elementos afro e indigena, a Baía permaneceu por muito tempo à espera de que os seus intelectuais regressassem de suas orgias gregas, da embriaguês dos adjetivos hugoanos, das vigílias sobre os purismos de Castilho e Garret, para verificarem, com espanto, que ali perto existia todo um material bruto e plástico, não percebido por nenhum modelador. Nem mesmo o indianismo de Macedo, encontraram um imitador à altura nas terras baianas. Salva-se Xavier Marques, com seu JANA E JOEL e seu SARGENTO PEDRO. Desse modo, ao noticiarista que deseja ser honesto, não cabe outro recurso senão cair, mesmo contra a vontade, na incolor enumeração de nomes, apontando aqui e ali algum pormenor de maior relevo.

Para essa enumeração procuraremos nos guiar pela importância que tiveram, além das

fronteiras do estado, alguns homens da Baía intelectual, espiritualmente ainda em pleno século XIX, mesmo quando vivendo nos dias que correm.

Afonso Costa, nascido na Baía, poeta e escritor, presidente da Academia Baiana de Letras; Aloisio de Carvalho, poeta e jornalista; Amélia Rodrigues, poetisa e prosadora; Artur de Sales, poeta e contista; Astério de Campos, poeta e jornalista; Aurelino Leal, escritor, jornalista e novelista; Castro Rebelo, jornalista e poeta; Pethion de Villar, poeta; João de Brito, poeta e dramaturgo; Lemos Brito, poeta, jornalista e político; Roberto Correia, poeta e contista; Silio Bocanera Junior, jornalista, escritor e dramaturgo; Pedro Calmon, romancista, historiador, etc.

Mas, depois de anos de uma pasmaceira das mais desanimadoras, alguma coisa aconteceu afinal no cenário da literatura brasileira. O movimento modernista, éco no Brasil da renovação processada no mundo pela guerra européia, movimento que teve a sua primeira manifestação organizada com a demonstração da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, apareceu, sem nenhuma dúvida, como o ponto de partida visivel de todo o processo de rejuvenescimento porque passa até hoje a arte nacional. Mas, o que era, de fato, o movimento modernista? Deixemos que fale um de seus líderes, o Sr. Mário de Andrade, através do que escreveu, já em 1925, na revista ESTÉTICA:

"Errado ou não deixem ao menos o começo do modernismo para nós. E como lição espiritual não estava errado. Reação contra a vacuidade formal. Literatura de ação. Nacionalismo. Turtuveante? Pudera, adonde encontrar brasileiros no Brasil? A geração formalista dava quase nada pra gente. O nacionalismo indianista era uma tése não era um sentimento. E quando sem ser indianista era sentido, Casimiro de Abreu, Gregório de Matos, estava muito distante da nossa realidade presente. Imitamos, não tem dúvida. Porem, não ficamos na imitação. A distância em que estamos hoje da Europa é estirão tão grande que nem se vê mais a Europa. Temos mais que fazer. Estamos fazendo isto: tentando. Tentando dar carater nacional prás nossas artes. Nacional e não regionalista. Uns pregando. Outros agindo. Agindo e se sacrificando concientemente pelo que vier depois. Estamos reagindo contra o preconceito da forma. Estamos matando a literatice. Estamos acabando com o dominio espiritual da França sobre nós. Estamos acabando com o domínio gramatical de Portugal. Estamos esquecendo a pátria-amada-salve-salve em favor de uma terra de verdade que vá enriquecer com o seu contingente caracteristico a imagem multiface da humanidade. O nosso primitivismo está sobretudo nisso: Arte de intenções práticas, interessada: arte sexual ou nacional ou filosófica (no bom sentido) ou de circo para pagodear. Essas me parecem as tendências duns e doutros. Estamos fazendo uma arte muito misturada com a vida. Só assim a nossa realidade, a nossa psicologia se irá formando e transparecerá."

Essas palavras, alem de terem sido escritas de boa fé, teem muito de profecia. Não importa que muitos dos componentes do próprio grupo iniciador não tenha tido a força necessária para ir além do barulho inicial. Não importa que o próprio autor de MACUNAÍMA tenha posteriormente se introduzido algumas vezes na pele de seu próprio herói para trair os seus próprios postulados. Se uma grande maioria ficou na "arte de circo para pagodear", alguns resolveram honestamente tentar uma arte masculina, "muito misturada com a vida."

Como todo o Brasil, a Baía sofreu as consequências do movimento modernista. Como em todo o Brasil, se escreveu ali muita baboseira com rótulo de coisa modernista, muita descompostura à lua, em linhas curtinhas ou enormes, com adjetivos disparatados para atrapalhar e muita bobagem verde e amarela da fase páu Brasil. Mas, de qualquer modo, os velhos tabús estavam quebrados. Restava agora construir sobre os escombros. À proporção que os corredores de pequeno fôlego foram cansando, que o entusiasmo do primeiro momento foi arrefecendo e permitindo raciocinio mais claro aos que eram capazes de raciocinar, diretrizes mais seguras foram se revelando e foi possivel um trabalho mais harmonioso e equilibrado no sentido de uma arte moderna brasileira. A revolução politica de 1930 veio coroar o edifício já apoiado em seus pilares principais. E a Baía acompanhou o movimento. Se vimos surgirem um José Américo de Almeida e um José Lins do Rego na Paraíba, uma Raquel de Queiroz e um Cordeiro de Andrade no Ceará, um Graciliano Ramos em Alagôas, tivemos na Baía um Jorge Amado, um João Cordeiro, um Clovis Amorim, um Sosígenes Costa, um Eugenio

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

Zola e a história do romance

Clovis Ramalhete

Poucos escritores são tão imponentes, tão violentadores na brutalidade da impressão favoravel que causam, quanto Zola. Mas tambem muito poucos outros erguem tamanhas questões de estética, difíceis de argumentar e tão faceis de aceitar.

A obra de Emile Zola representativa de uma certa tendência da segunda metade do século passado, é toda ela uma estruturação de preconceitos, uma arquitetura de teorias em voga no tempo, que ocupam a sua matéria, passageiras e efêmeras na sociedade, mas que a sustem duradoramente na arte.

Essa a primeira impressão. Parece bem mais um precipitado literário do clima científico-experimental, desencadeado na época, pela figura enorme de Claude Bernard. Não se apresenta como uma construção sem propósito, em que o intuito de romancear esgote toda a intenção do artista.

Mas é um engano, em que cairam principalmente os contemporâneos dele, seus adversários. Emile Zola, colocando-se com seus princípios na estrada mesma de um caminho que se descobriria para longe, no tempo, consegue a sua atualidade meio século depois. Sua personalidade violenta e ampla não cabia no requinte nem na finura que o gosto francês purificara, e que iam alimentando toda uma corrente literária da época, que Anatole France pontificaria. Essa dentro em pouco se exauria, desorientada e sem os contatos fecundos com o grosso da vida, toda ocupada em filigranas belezas demasiado artisticas.

Zola reagia, restabelecendo contato com os modelos, e portanto, com as origens. Afundado com as massas humanas, escalpelava, sentia para a literatura novamente, o alimento original da verdade e da sinceridade. Foi um inaugurador de caminhos abandonados, o revivificador das letras decadentes de perfeição, doentes de beleza e de excesso de espirito. Deu-lhes o sangue rubro da sua grosseria, a solidez do seu plebeismo, — e tudo isso, ao descobrir o velho caminho do naturalismo, já trilhado por tantos, desde Homero.

Falou a linguagem direta, espontânea, deixou cair calão sincero de sua pena, admitiu a taverna e a estalagem mal cheirosa, o quartel, a mina de carvão e a rua, nas páginas onde não tinham lugar os salões polidos, os corredores palacianos ou lânguidas alcovas de tísicas românticas.

E' ele inegavelmente que a literatura moderna está retomando, e não os outros, os degustadores de perfeição e minúcias irônicas anatoleanas, na sua corrente atual de possibilidades mais otimistas.

A vida de lutas de Emile Zola preparou-o no aferro às suas idéias. Temperamentos dominadores como o dele teem a lucrar, na adversidade. Vem daí desta longa experimentação da vontade em exercício diário, os grandes lances de paixão pelos seus ódios, de amor e suas convicções mesmo erradas, que se estribavam numa violenta disposição de lutar nascida e enraizada na amargura.

A tenacidade bruta com que se empenhou contra os que o negavam, era apenas uma continuação de outras lutas, travadas desde a infância pobre.

Ainda na escola, a vocação do jovem estudante já denunciaria o extremado vigor das preferências do futuro romancista. O estudo das línguas mortas parecia-lhe profundamente enfadonho. Sua inteligência prática e objetiva, voltava-se toda para as ciências naturais. Descuidou-se por isso de outros estudos de erudição humanística, a ponto de, por ignorar história universal, ser mal sucedido nas suas pretensões ao bacharelato.

Empolgava-o o pensamento objetivo, a análise, a explicação positiva, esse Pasteur da ficção. Zola foi um desses homens sensibilíssimos às flutuações imponderaveis do espírito dos tempos. Suas afirmações materiais seriam vigorosas e brutais como a sua pessoa mesma. As fontes verdadeiras e últimas de seus preconceitos porem, seriam uma percepção intuitiva do pensamento coletivo de sua época. Em última análise, todas aquelas teorias negadas como sendo uma emanação pessoal do artista, nada mais eram do que a captação por esse núcleo nervoso, das próprias tendências representativas do seu tempo.

De quem hoje, no mundo, pode-se dizer o mesmo, em relação à nossa época?

* * *

A intenção central da obra de Zola é trazer para a literatura, o esclarecimento científico. Ao ocupar-se em obra de arte, propunha-se empregar os mesmos processos do sábio no laboratório, considerando o romance um instrumento de estudo, uma contribuição zoológica. O romancista é uma incarnação do ensaista.

O método da observação e experimentação preconizado por Claude Bernard podia ser trazido para dentro da ficção. E se ele reformou a biologia, realizou no arraial literário a mesma revolução. Segundo Zola, a psicologia do romancista já podia ser apenas servida pela intuição e permanecer na superfície dos fatos. Era necessário descer à intimidade dos fenômenos, mostrar suas causas e acompanhá-lo até as suas últimas consequências. Admitiu tambem, como pensariam em filosofia os evolucionistas, a excelência do método de remontar sempre às origens remotas para a explicação da realidade presente.

Não é outro o processo do seu vasto painel social. Uma espécie de Comedie Humaine, com propósitos de monografia científica, — os Rouvon Macquart. Escreveu, no manifesto que prefacia os Rougon Masquart: "Physiologiquement, ils sont la lente sucession des accident nerveuses e sanguins que se déclarent da sune race, a la suite dune première lesion organique." Esta lesão orgânica, a que se refere, é o álcool, e a série de romances trata dos seus efeitos hereditários, como um tratado destinado às estantes médicas. Seguindo o desdobramento da árvore genealógica dos Rongon Macquart, o romancista vai assinalando, com cruezas de enfermeiro em relatório médico, os sinais da degenerescência.

Eis a "História Natural e Social de uma Familia". Os descendentes estendem-se por todo o país. Galgam posições. Penetram nas altas rodas. Ou declinam e baixam às profundezas sociais. Em todas as profissões e situações sociais, são surpreendidos e estudados, pela intensão vigilante do romancista. Cruzam-se, separam-se, hostilizam-se, amparam-se Rougon Macquart, muitas vezes ignorando a procedência comum. Um grande sentimento de humanidade percorre estas largas páginas. A observação exata e detalhada, não embota a imaginação nem o sentimento, tão amplos e tão generosos, que, em certos momentos de criação, como em *Germinal*, atingem a mais pura elevação épica.

* * *

O aparecimento da obra de Emile Zola significa qualquer coisa de inédito na história do romance. Nunca o gênero fora servido tão lealmente pelo intuito de enriquecê-lo com a verdade.

O real já tinha sido, antes dele, o objetivo de muitos. Mas se uns não o deformaram com enfase, outros o enlanguesceram em idealismos. Zola foi uma retificação. E depois, as virtudes decorrentes de sua personalidade, e as forças sinceras, hauridas no espirito social, deram à pintura da realidade vista e copiada uma tal crueza, uma tal evidencia física, perseguida como unica finalidade da arte de escrever, que o situam numa grande solidão na história. Por certo o realismo não era novidade. Tomado num certo sentido: mas se Rabelais para citar um realista mais antigo, empregou linguagem popular, dispensou o requinte e pintou com exatidão, contudo não o animava até as últimas onsequências essa convicção, divinatória do espírito da época, de abandonar o ideal, o simbólico, o abstrato dos românticos, trocados pela *certeza* de pés no solo.

Zola e Dostoiewsky parecem ser as grandes matrizes do romance, nos dias que correm. No primeiro já estão algumas das mais brilhantes "inovações" hodiernas. Era realista, mas preferiu afastar-se do virtuosismo antológico de Flaubert, e pôr-se com vantagem na corrente soial que vinha de Balzac. Retomou a tradição do fundador do romance moderno. Mas, pretendendo como ele, encontrar o indivíduo dentro do coletivo, deu contudo a esse programa de romance social, uma feição que absolutamente já não é mais tão balzaqueana quanto a do proprio Flaubert de "L'Education Sentimentale."

Zola refletia em suas páginas a agitação de grandes multidões. Mas o espírito balzaqueano, — a corrupção, o fausto oriental, o idealismo romântico de certas figuras, um certo ar impostor e recente dos seus aristocratas... — não animava a sua obra. Foram outros os seus elementos subjetivos, onde tambem entraram a imaginação e a poesia, mas a de seiva grossa, de latejar sensual, de nervos doloridos, andrajos e miserias, nas cenas batidas de claro escuro, transfiguradas de gênio.

Reconhecesse facilmente o que o romance de hoje foi apanhar em Emile Zola. Certas tentativas sincrônicas de agora, em que um grupo de personagens oferece-se a substituir

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

A LITERATURA E A GUERRA

Oswaldo Alves

Parece que não há na literatura brasileira nenhum sinal dessa força destruidora que se alastra no mundo em chamas, nenhum desses elementos que poderiam ser considerados como consequências do conflito que envolve hoje todos os povos. A não ser um ou outro ensaio sobre os acontecimentos, nada apareceu até o momento na literatura brasileira, com a marca da guerra em seu sentido global.

Excetuando o caso de Carlos Drumond de Andrade, nada surgiu de significativo na escassa produção literária do Brasil, desde 1940, quando os exércitos nazistas iniciaram a sua arrancada através da Europa. Não me refiro certamente aos flagrantes da guerra, pois temos inúmeros comentaristas que analisam os seus movimentos, mas à literatura em seu aspecto fundamental de expressão artística — capaz de legar às gerações futuras o sentido profundo das transformações a que assistimos.

Até agora teem aparecido alguns romances sem nenhuma significação para o mundo de amanhã em relação ao conflito, como um reflexo honesto dos sentimentos que tumultuam na alma de todos os povos. São romances que caracterizam, sem dúvida, a vida brasileira; que determinam o plano da sua vida literária, mas que estão, pela amplitude dos acontecimentos, longe de servir no futuro como ponto de referência para a fixação de uma época. Seria deshonesto negar o valor de alguns desses romances, não seria justo esquecer que tudo neste momento assume um aspecto de grandiosa oportunidade, que facilita a construção de uma obra de arte capaz de fixar com segurança esse período de transição.

Tambem não se pode negar que os escritores brasileiros tomaram uma posição honesta, colocando-se contra o nazismo, combatendo-o sistematicamente, protestando contra todas as atitudes de Hitler e vindo a público para esclarecer tudo que existe de negro dentro do partido nazista. Poderia mesmo citar inúmeros escritores que veem combatendo a propaganda alemã há mais de cinco anos, com uma obstinação e uma conciência dignas de nota. O Sr. Osorio Borba comparece diariamente nas colunas dos jornais, desde 1935, fazendo uma guerra sem tréguas ao nazismo e à "quinta coluna", achincalhando com as sutilezas das artimanhas da rádio de Berlim e procurando todas as pontas por onde se poderia apegar para destruí-los. Muitos outros poderiam ser citados. Agora mesmo, tenho nas mãos um número do *Boletim de Ariel*, datado de 1933, que tem na primeira página um artigo da Sra. Lucia Miguel Pereira com esse título: — *Os novos bárbaros*. E' um ótimo documento anti-nazista.

Portanto não se pode contestar que a atitude dos escritores brasileiros, pelo menos em sua grande maioria, ficou bem definida, desde a ascenção de Hitler. Mas tambem não se pode esquecer que nenhum deles produziu ainda algo forte, que possa ser considerado reflexo de tudo que vem acontecendo há três anos. Em conteudo, o guerra não deixou ainda a sua marca nas páginas literárias do Brasil. A sua influencia se fez sentir apenas em relação a escassez das obras publicadas nestes últimos tempos.

Não há dúvida de que qualquer obra de arte há-de sobreviver à catástrofe. Passada esta guerra, os romances de hoje serão analisados convenientemente e encontrarão o seu lugar na história literária do nosso povo, desde que estejam revestidos de real interesse e de vigor como documentário humano. No momento, entretanto, eles passarão quase despercebidos. O que está acontecendo é alguma cousa de extraordinário — tão grande que é capaz de diminuir o valor de qualquer obra de arte, a menos que seja produzida por um gênio.

Este aspeto parece produzir uma desorientação latente nos escritores de todo o mundo — e muito especialmente do Brasil, onde os escritores se recolheram assistindo ao espetáculo. Creio que há uma absoluta conciência em relação ao resultado da guerra. Nenhum homem de letras duvida um só momento da vitória das Nações Unidas. Mas quando o pensamento desliza para o mundo de após-guerra, então a dúvida se levanta. Poucos escritores se aventuraram até hoje a escrever sobre a organização do mundo futuro. E os que o fizeram não... o fizeram não...

deixaram transparecer nas suas páginas mais que inquietação e insegurança. A organização do mundo de após-guerra é o problema mais arriscado que hoje se abre desafiando o pensamento dos homens de letras. Uma cousa parece certa: este é o momento culminante na história da Humanidade. A transição que se desenvolve na estrutura do universo é algo imenso, jamais imaginado por nenhum homem antes de 1930.

Todos os homens preocupados com o conflito debruçam-se sobre a situação geral procurando em que se apoiar para encontrar um sentido que determine a posição da sociedade futura. E apenas de uma cousa eles se convencem: desse conflito há-de nascer, sem dúvida — alguma cousa de surpreendente, que escapa ao raciocínio mais aguçado.

Enquanto a luta prossegue nas linhas de batalha, realizam-se em Londres, Washington e Moscou, inúmeras conferências para estabelecer os rumos depois da vitória. Por mais que os esforços se canalizem nesse sentido, porem, não se há de chegar a um resultado satisfatório, ainda mesmo que os membros dessas conferências encarem favoravelmente o problema, julgando facil encontrar o verdadeiro caminho para o mundo de amanhã. Uma cousa parece indiscutivel: a estabilidade e a paz serão assentadas em bases que escorregarão por entre todas as possibilidades que estão sendo e que serão estudadas durante a guerra. O próprio desdobramento dos acontecimentos hão-de provocar sucessivas mudanças no programa geral traçado, desafiando os técnicos.

E' nesse sentido que deveria ser conduzido o esforço do homem de letras. De qualquer maneira a contribuição dos escritores deveria ser para a fixação desse aspeto de intangivel grandeza que brota da destruição, oferecendo uma visão extraordinária aos homens do nosso tempo.

A ausência do pensamento de guerra entre os homens de letras do Brasil, como em todos os paises latino-americanos, é talvez um resultado da falta de preparação para ele. Não seria exagero afirmar-se que quase todos os paises do mundo se recusavam a acreditar nesta guerra. A não ser a Alemanha, Rússia e Japão, cujos povos foram instruidos para ela durante muitos anos, havia um excessivo desejo de paz. Na própria Inglaterra encontrariamos razões para afirmar isto, através da politica pacifista levada a efeito por Chamberlain, quando já se tornara praticamente impossivel pensar em paz. O excesso de prudência do ex-ministro britânico era, por assim dizer, um reflexo do sentimento de todo o povo inglês — sempre inclinado a acreditar na posibilidade de manter a paz — sentimento que os próprios acontecimentos se incumbiram de transformar.

A ausência da guerra em seu sentido material no continente americano terá, sem dúvida, retardado na conciência dos povos a sensação legitima do estado de guerra, ou melhor, da presença da guerra em um mundo que se haveria de mobilizar para a participação direta de todas as raças na sua destruição e no ajuste consequente.

Esse estado de cousas sofreu a sua primeira alteração com a agressão japonesa aos Estados Unidos — que compreendiam perfeitamente a impossibilidade de se manter alheio ao conflito, mas permanecia indeciso — entre a certeza da necessidade da luta e o desejo de retardá-la. Depois da agressão japonesa o continente americano sentiu mais de perto a ameaça totalitária e deu os primeiros passos para neutralizá-la, aceitando então a idéia de que nenhum povo poderia se conservar à margem do conflito. Pela demora em aceitar esta idéia, entretanto, a mobilização se tornou mais dificil e a preparação dos elementos técnicos exigiu mais esforço — todo esse esforço que hoje sabemos grandioso e que poderia ser menos exaustivo, se tivesse sido mobilizado mais cedo.

Hoje, que o Brasil toma parte ativa no conflito, a conciência de guerra foi mais gravemente despertada. A presença da guerra tornou-se tão viva, que já não há no espirito do povo brasileiro nenhuma ilusão, nenhuma esperança de paz, antes da derrota completa do nazi-facismo.

Desse modo, o atraso nas produções literárias do Brasil, envolvendo os grandes acontecimentos que arrasam o mundo, torna-se um acontecimento dos mais felizes, do ponto de vista literário. E' que, ainda desprevenidos e sem aquela força espiritual de convicção ou de penetração no sentido profundo desta guerra, os escritores teriam falhado lamentavelmente na tentativa de construir qualquer obra dearte abrangendo os grandes problemas atuais. A realização de uma obra revestida de tal grandeza exigiria uma identificação absoluta, que faltava ao escritor brasileiro. Ele começa agora a sentir a presença da guerra. A identificação vem se processando de um modo violento, dando ao escritor do

Brasil a certeza inconfundível e latente da força imensuravel que preside as arrancadas dos exércitos.

E ele já compreende tambem, com que violência serão extirpadas algumas das piores falhas que até hoje foram inevitaveis nas bases para a estruturação orgânica de todos os povos. Nesse mundo de amanhã não poderá haver lugar para estas falhas e para o cinismo penoso que vem roendo a alma do universo, desde tempos imemoraveis. Só isto, a final, justificaria esse tremendo choque de sentimentos, esse imenso sacrifício exigido das Nações Unidas. Se depois dele estas falhas permanecerem, então não haverá mais remédio e todos os homens que pensam deveriam baixar a cabeça e deixar a vida correr. Apenas o ceticismo e a vergonha deveriam estar presente em todos os momentos da vida do homem.

Creio que chegou o momento para os escritores americanos. Não lhes falta agora a conciência exata dos problemas desta guerra. Desta compreensão nascerá sem dúvida — na ficção ou na poesia — a marca deste meio de século, que passará como um sinal vivo, dos homens de hoje aos homens de amanhã. Toda esta geração minada ficará através das páginas que hão de aparecer registrando todas as emoções e todas as angústias de uma época. Estamos vivendo um momento que talvez não se repetirá mais em intensidade na história deste século. Portanto, julgo que o dever do escritor é recolher tudo o que vai na alma atribulada do homem de nossos dias, para que possa fiar na história das nossas letras a contribuição que assinalará a sua vocação. Os que ficaram á margem — e isto foi dito muitas vezes — os que não pulsarem com o povo, partilhando da vibração de todas as almas e não sentirem na boca o amargo desta geração — estes serão esquecidos e falharão lamentavelmente na missão que lhes é imposta. A não ser uma obra de arte notavel, que se prolongará através dos tempos vencendo toda a grandiosidade deste momento, tudo que surgir se tornará mesquinho e ficará esquecido, perdido entre os montões de papeis que farão parte do alfarrábio dos homens futuros.

Até agora podemos contar com a poesia de Carlos Drumond de Andrade, que não fixou apenas os movimentos, mas os próprios fenômenos da transição, que abrange todos os ângulos da vida de hoje.

Das suas páginas não se tira apenas os aspetos de determinados problemas, mas o mundo em si mesmo, com todas as suas falhas, com todos os seus sofrimentos. E ainda o mais importante para aqueles que, mais tarde, quiserem encontrar algo referente ao caos da nossa geração, é encontrar através dos seus poemas toda a dolorosa angústia que desliza no tempo e uma viva conciência do trágico que domina a vida de hoje, sem deixar de exprimir a compreensão daquilo que advirá dessa total mobilização de sentimentos, de esforços e de raciocínio.

No hospital das clareiras . . .

Ramayana Chevalier

Ha trêchos de troncos que lembram lábios de cânceres, repuxados. Sente-se que a árvore os sente.

O vegetal se brutaliza na dentada da úlcera. De todos os feitios é a ferida. Ora se arredonda em botão, roendo a casca; ora se arregaça em losango, escorrendo o sangue da resina; ora se aprofunda em chanfradura, lacrimejando a seiva pôdre; ora se alástra em metástases esteláres, reproduzindo, na aspereza do córtex, o variola das peles humanas.

A árvore está doente. E' a lepra da sombra, a mácula maldita. Os cipós se esquivam dela nos seus abraços volutuosos. As trepadeiras se esgueiram por outros galhos, furtando-lhe o confôrto das guirlandas.

O mato rasteiro mirra de horror, derredor às raizes expostas. As catléias definham como rostos, na decadencia fétida das chagas. Os pássaros recusam-lhe a pousada. Os gaviões voam alto, guaxando, ao enxergá-la. As onças não afiam nela as garras carniceiras. Os proprios seringueiros persignam-se, cruzando-a.

Só os moscardos povoam-lhe as mutilações em placas. Ás vezes, urubús enormes e nojentos, descansam nas galhadas, seduzidos pela decomposição.

E à noite, focinhando em atitudes covardes, os tatús comedores de defuntos, visitam-lhe a agonia.

E' a lepra da sombra, o mais triste rebuço do parasitismo botânico.

O vegetal se debruça sobre a podridão que o infesta. Abandonado, ele resiste e levanta para os céos a galharia seca, numa prêce ou numa blasfêmia.

Parece que tem alma o tronco. De erétil vitorioso, altivo, ele se amesquinha no desespero da sabotagem mórbida.

Toma gestos humanos: — monstrualiza-se. Os ramos retorcem-se em garatujas. O cerne verga de um lado, como um aleijão. As raizes afloram à terra, como dentes numa gengiva de escorbuto.

E parece que olha. Cada ferida aberta é um olho que amaldiçôa a impiedade botânica. E' um olho, parado e sinistro, que do intimo da árvore, cuspir desprezo à selva ignara. Um olho que vela, na insônia do apodrecimento, os derradeiros alentos do atleta que morre. Um olho, severo e hediondo, que repele a migalha do polen — esse turista do vento! — e odeia, com todas as forças, o odio de suas irmãs floridas e felizes.

Um olho que odeia.

Um olho escancarado e purulento, que amaldiçôa as flores e os perfumes, que repudia os festões e as umbélas, que escarnece das lianas e dos frutos doces. E, quando no trágico silencio das noites amazonicas, ele sente o fungado dos tatús necrófagos, seus únicos amigos, e vê a queda dos frutos sazonados das outras arvores sadias, esse olho nefasto e brutal vive, fulgura, se arrebata, se transfigura-se exorbita, e, de inveja ou de dor, de despeito ou de mágua, chora, um choro grosso de seiva que foi boa, foi pura, que foi sã.

E a seiva fica branca como as lagrimas e brilha.

Nesse instante, não é um olho de ulcera. E' um faiscar de estrela.

COM AMOR E IRONIA

Galeão Coutinho

Nós temos da China uma idéia muito vaga e, quase sempre, o pouco que dela sabemos nos chegou através de escritores tendenciosos. E' a mesma noção truncada que os europeus, em geral, podem ter do nosso país através dos escritores e jornalistas ocidentais. Explica-se. Para esses homens de tradição e de classe — notadamente os franceses — cujo chauvinismo irredutivel os torna adversos a tudo quanto não tenha o cunho da sua nacionalidade, nós somos uns bárbaros, ou coisa peor. O jornalista européu que aporte ao Rio de Janeiro, receberá na primeira hora uma impressão deslumbrante da majestosa paisagem da Guanabara; logo depois, ao entrar em contacto com a cidade e os seus habitantes, o intelectual-turista (a peor espécie de viajantes, diga-se de passagem) começa a irritar-se. Ao fazer a refeição, nota a ausência dos acepipes da cozinha especifica da sua terra; ao passear pelas ruas e praças, acha intoleravel que o Rio não tenha o Arco do Triunfo, o *Moulin-Rouge*, o Louvre, a Torre Eifel.

E seria muito bom se esse sujeito ficasse nas primieras impressões; não fica. Ao notar que o povo é em tudo por tudo diferente do povo do seu país, que as mulheres se conduzem de modo diverso, que os veiculos trafegam em obedecer aos mesmos sinais convencionais da sua terra, que os teatros e os cinemas funcionam em horas diferentes, que os garotos apregoam jornais pelas ruas, quando na sua cidade os jornais são encontrados nas tabacarias, o adventício redobra de furor. Pode lá admitir como digna da civilização uma capital que não seja a imagem viva de Paris? Se mergulha no interior, então, o jornalista estrangeiro é capaz de perder a cabeça. Acha que o nosso atraso nos incompatibiliza com o mundo europeu.

E, no entanto, seria tão facil a esse homem compreender que o resto do mundo não pode ser um decalque da sua pátria, ou do seu continente, compreendendo que a beleza consiste na variedade. Um mundo *standard*, copiado, nas mínimas coisas, de uma só nação, seria intoleravelmente monotono. Alem do que, para ser o que hoje é, a Europa percorreu um longo caminho e, historicamente, lhe foram criadas facilidades que nós não alcançamos, nem podemos alcançar apenas com quatro séculos de existência.

Ora, quando os europeus visitam a China, encontram justamente o contrário do que encontram nos paises da América — a longevidade. Enquanto o Ocidente conta por menos de dois mil anos a éra do seu progresso moral, ou seja a éra cristã, a China conta a sua civilização por cinco mil, ou mais. Confúcio é tão velho que já se incorporou a própria paisagem da sua pátria. Deixou de ser um homem para ser uma planície, uma montanha, um vale ou um imenso rochedo. A moral que dimana dos seus ensinamentos é, em muitos pontos, superior à moral das mais antigas religiões com que o Oriente presenteou o Ocidente. Se o Ocidente pôde organizar, em certo periodo da história de suas instituições politicas, a base racional em que deveria assentar o Estado, teve de ir buscá-la na filosofia confucionista. Voltaire jamais fez segredo disto, pois em seu gabinete de trabalho sempre ocupou um lugar de honra o busto do sábio chinês.

Mas, de ordinário o escritor, ou jornalista, que visita a China, ignora tudo quanto se prenda ao seu passado distante. Arrasta-os a curiosidade pura e simples pelo exótico, e não há nada mais perigoso do que uma cultura que se contenta com a extravagância aparente das instituições e costumes dos povos. O amor do pitoresco revela, quase sempre, uma inteligência viva e capaz de interessar-se, contanto que essa inteligência não veja no pitoresco um fim em si mesmo.

Quando a gente imagina que muitas das máximas pelas quais orientamos a nossa conduta, máximas por nós consideradas como

oriundas da sabedoria ocidental, estão contidas na obra de Confúcio, não pode conter o espanto. A Democracia, por exemplo, estabeleceu como dogma o "vox populi, vox dei" — voz do povo, voz de Deus. Abramos o livro do Mestre, e lá encontraremos esse mesmo pensamento assim formulado no fim do capítulo *Kao-yao-mo*, segundo a tradução francesa do notavel sinólogo Pauthier: "Ce que le peuple juge digne de récompense et de punition est ce que le ciel veut punir et récompenser. Il y a une communication intime entre le ciel et le peuple; que ceux qui gouvernent le peuples soient donc attentifs et réservés."

E se acham pouco, forneceremos aqui outra variante do mesmo conceito, segundo o *Ta-hio*:

"Obtiens l'affection du peuple et tu obtiendras l'empire;
Perds l'affection du peuple et tu perdras l'empire."

Pela antiguidade e cristalização de suas instituições e sabedoria, os chineses são, na terra, o único povo que pode apreciar a civilização ocidental, "colocando-se do ponto de vista de Sírios. Eles estão, de fato, em relação ao tempo, tão distantes de nós como os habitantes de outros planetas em relação ao espaço. O êxito que está obtendo a obra de Lin Yutang, agora posta em lingua portuguesa e editada pelos Irmãos Pongetti, resulta dessa circunstância, a que não fica inteiramente alheio, tambem, o gosto do exótico entre os nossos leitores. Todos são atraidos para os escritos desse moderno filósofo chinês, antes de mais nada afim de saber "o que pensa dos ocidentais um filho da República Celeste". Quanto a este ponto, quero crer que os chineses não participam da mesma curiosidade; a uma mandarim, ou ao último dos carregadores de Pequim, deve interessar muito pouco a opinião que um letrado francês, inglês, americano, germânico ou italiano, faça dos seus costumes e da sua pátria.

Tenho aqui diante dos olhos as crônicas de Lin Yutang, enfechadas em livro sob o título *Com amor e ironia*, tradução de Carlos Domingues, prefácio de Pearl S. Buck, ilustrações de Kurt Wiese. Não é preciso possuir um rabicho para ser guindado ao céu — os chineses usam o rabicho na certeza de que serão arrebatados por esse modo quando morrerem — nem tão pouco deixar crescer as unhas, como fazem os letrados amarelos, para penetrar o sentido destas páginas deliciosas de graça e ironia. Lin Yutang já está bem familiarizado com as nações do Ocidente, sobretudo com a civilização britânica. O livro abre, mesmo, com um paralelo entre os ingleses e os chineses, onde Lin Yutang encontra similitudes extraordinárias, pois a seu ver "ambos os povos — o chinês e o inglês — teem uma profunda desconfiança da lógica e são extremamente suspeitosos dos argumentos que são perfeitos demais", acreditando que "quando um argumento é lógico demais não pode ser verdadeiro." São tão admiravelmente engenhosas as aproximações que Lin Yutang, faz para provar a semelhança entre o gênio britânico e o gênero chinês, que não nos furtamos ao prazer de oferecê-las aqui ao leitor. Vejamos, salteadamente: "Todos os ingleses gostam de um bom mentiroso, e os chineses tambem. Gostamos de chamar a uma coisa de qualquer forma, exceto pelo seu nome exato". — "Afim de apreciar a Inglaterra, cumpre que se tenha certo desprezo pela lógica. Todo esse equivoco a respeito do povo inglês, nasce de uma idéia pervertida da verdadeira função de pensar." — Todos nós temos a idéia pervertida de que o cérebro humano é um órgão para pensar. Nada mais longe da verdade. Esse conceito, afirmo eu, é biologicamente incorreto e vicioso. Lord Balfour disse sabiamente que "o cérebro humano é um órgão para buscar alimento tanto quanto o focinho do porco." — "O tipo de pensamento que ajuda o indivíduo a conseguir alimento e a conservar a vida é um tipo mais alto, e não mais baixo, de pensamento, porque esta espécie de pensamento é sempre mais sã. Este tipo de pensamento é habitualmente chamado senso comum."

Ninguem, até hoje, explicou o "senso comum" britânico de modo tão justo, utilizando, em muitas passagens, o próprio "senso do humor" inglês. E são vazados neste mesmo molde todos os capitulos de "Com amor e ironia." E' pena que os limites desta impressão de leitura não permitam fornecer ao leitor outros bocados deliciosos do livro que nos vem revelar o ponto de vista do chinês em relação aos povos do Ocidente. Na verdade, esta obra de Lin Yutang desfaz no espirito dos leitores brasileiros muito daquela clássica noção da velha China, que sempre nos pareceu um país de ventarolas, biombos e cartões postais...

Modestas Considerações sobre Literatura Infantil

Alvaro Gonçalves

Uma revista me apontou algures mais um herói dentro da convulsão do mundo. Não se trata de um valente defensor de Bataan, de Stalingrado, nem dum dinamitador das estradas de ferro da França ocupada, nem ainda dum feroz caça submarinos do Báltico ou do Mar Vermelho. Foi apenas aquele menino de nome Michael. Um Michael de olhos tristes e fatigados, embora tão jovem na sua infância já bem envelhecida.

Quanto mais contemplo a sua fotografia, o que vejo são chineses miseraveis sem ar, são javaneses com corpos mutilados, são mães de todos os idiomas na sua linguagem internacional de dôr e desespero. Michael escreveu uma mensagem para os seus irmãozinhos dos cinco continentes, na qual fala de imagens impossiveis do mundo de hoje: "Gostariamos de viver num mundo sem guerra, um mundo com grandes plantações de uvas, beterrabas e trigo. Assim viveriamos felizes..."

Vêde, senhores, como pede pouco o menino Michael!... A hora é de guerra. Guerra a qualquer preço. Mas há ainda uma larga compensação para os que escrevem nesse mundo de silêncio para as coisas do pensamento: é a de poderem transmitir as suas mensagens pálidas e cansadas, para os milhões de criancinhas anônimas do mundo. Não é isto, positivamente, uma forma covarde de renunciar aos embates e asperezas da vida. Não é tambem um alheiamento aos problemas da formação e da participação do homem à frente dos acontecimentos quotidianos, dos quais ele não se pode privar nem consegue fugir, por mais que teime em fazê-lo.

Chamar a si os olhares infantis, escrevendo com o propósito de atentar bem para a formação do mundo sem forma e sem sentido moral definido, do pouco que resta, enfim, de belo e virtuoso na vida, constitue, hoje como ontem, o roteiro que o homem de pensamento livre deverá se traçar. Ele não deve misturar, para a compreensão infantil, a vida com a fábula da vida, mas pode levar a criança a um entendimento mais amplo dos seus inúmeros problemas sem ferir seus olhos com a luz forte da verdade nua.

A literatura infantil, que os adultos tomam como sendo apenas a face frívola da produção literária do intelectual, constitue, ela mesma, o primeiro livro de uma produção em série que se destina a acompanhar o desenvolvimento intelectual e moral da infancia, preparando-a para as asperezas da "literatura maior", a literatura que irá, por fim, destruir na criança todo aquele sonho de beleza e harmonia dos sentidos ainda não estigmatizados pelos contrastes e desajustamentos.

Dirão alguns que o veneno da ilusão a serviço da literatura infantil poderá prejudicar a criança nos seus primeiros movimentos racionais. Mas, perguntamos: "Qual a fase da vida que se compara com a da criança que crê ainda em Papai Noel?"...

Tiraram-me, um dia, a esplêndida ilusão do Natal; destruiram-me esse magnifico e delicado "bluff" internacional, e eu me tornei, para o resto da vida, um menino triste, cético e revoltado contra a brutalidade dos homens! Quem disse isto? Não importa. Todos já o dissemos alguma vez, todos já o sentimos, certos de que foi na ilusão do quadro que os mais velhos nos pintavam, que ainda podiamos viver serenos em nós mesmos e confiantes em que havia uma criatura mística e divina que visitaria os bons, os pobres, os brancos e pretos, para amenizar-lhes a asperesa da vida em começo. Depois, vi que não podia haver compatibilidade entre as duas razões diferentes e passei a descrêr de tudo. Papai Noel já não era mais um problema; era uma solução. Uma solução econômica, que só os mais favorecidos pela fortuna poderiam travar relações com ele.

Minha descrença, então, foi completa. Da vida, do belo, de Deus... E o velho barbado, que me aparecia pelo Natal e que tão cedo me foi violentamente roubado, levou consigo o pouco de crença que ainda havia em minha infancia mal parada...

Se atentarmos rigorosamente no significado da literatura, nos altos e baixos que ela descreve nos seus variados ciclos, devemos concordar em que ela sempre se baseou no impossivel em função do que na vida julgariamos útil e praticavel. Reparem que a literatura é quase toda copiada da vida e por isto triste e penumbrosa.

Um Dostoiewsky, um Zola, um Balzac ou mesmo um Cervantes escrevendo, são pontoneiros de uma discrição que planta entre duas margens o confronto do irreal com a triste realidade da existencia diária. E por que? Porque a vida é isto mesmo. E' toda ela triste e difícil. E mais triste e mais difícil quando o homem pensa que pode conserta-la a seu talante.

Os escritores que fazem literatura de ficção copiam a vida, mas copiam-na no que ela tem de mais intensamente dramática.

Jean Christophe é a auto-biografia de uma criança e de uma adolescente tristes. Roskolnicoff é o drama do adolescente perdido na agitação de dois mundos intensamente diferentes. Romain Rolland e Dostoiewski, que criaram seus personagens à feição de suas próprias vidas, como criador e criatura, não puderam ter, no entanto, a linguagem de Dickens trazendo para o papel os problemas da familia e as inquietações de sua infância pobre.

Escrevendo para a infância, o intelectual terá que criar temas do mundo infantil; uma especie de lição de coisas, digamos, contada como pode ser contada e entendida pelo menino que sublinha a sua leitura com a mais forte indagação das impressões que recebe.

E' desnecessario dizer-se da importância da contribuição do escritor infantil nas horas que passam. Se ele não deve alhear a criança dos problemas comuns e afetos a todos, não deve, por outro lado, chocar o seu raciocínio incipiente com teorias de um mundo oposto ao que ela vive interiormente.

A literatura infantil, essa "literatura de fuga", deve ser, antes do mais, uma predisposição conciente do autor em escrever com tintas leves temas que as crianças possam e devam entender. Entre os dois mundos — o mundo ensombreado do homem e o mundo ainda límpido da infância — é preciso que exista uma deliberada força psicológica de contar com simplicidade histórias sem mistérios funestos, nem heróis sanguinários, porque a criança imita e as suas primeiras impressões são sempre as que ficam e que vão regular, após, como termômetro de seu caráter, o restante de sua existência. Eis porque nem todos conseguem enviar, razoavelmente, as suas mensagens para a compreensão da criança.

Lembro-me de Dickens como um apóstolo convicto da literatura infantil. Ele soube criar a sua moral e sobretudo conseguiu fazer-se entender por todos os graus de idade.

Rudyard Kipling pôde mostrar-nos como Mowgli, o menino lôbo, vivia mais feliz e em maior segurança entre as féras da floresta do que na aldêia com os seus semelhantes...

O que importa, finalmente, em se tratando de literatura infantil, é que os escritores desanuviem para as crianças esse mundo irrespiravel de pólvora, gritos histéricos, invasões e quintacolunismo. E quanto ao resto, deixemos que nós, os homens lidemos com os Hitler, Mussolini, Iroitos, Laval, Tizo, Hacha, Quisling, Pavlevicky e outras tantas endemias próprias da época e do clima...

Fagundes Varella alcoolatra e sofredor

Fernando Leite

A vida de um escritor, quanto à grandeza de sua obra e a importância da influência que ele exerceu, apresenta várias particularidades que o tornam frequentemente estudado pelos literatos e em especial pelos criticos que são os ruminantes da carcassa intelectual dos que se foram. Mas, é sempre por esta ou aquela caracteristica que mais se sobressai, avantajando uma sobre outra. Podemos encara-los dos mil modos a que nos leva a possibilidade de compreensão humana. Todos eles, os escritores de verdadeiro valor, sofrendo a influência nefasta ou valorosa de sua época, ainda assim, apresentam, de forma bastante nitida, fundas saliências, isto é, aspectos amplamente visiveis por onde melhor cumpre encara-los e compreende-los. E' o caso de Dostoievski, Oscar Wilde, Edgar Poe, Maupassant, Byron e outros.

Cada escritor, cada artista, material ou espiritualmente falando, possue a sua particularidade mais acentuada nos comentarios, injustos ou benignos, dos pósteros e, embora algumas vezes, ela se não apresente de maneira um tanto positiva e radical, em outras de uma que foi passa a ser duas, três, quatro. Olhando Amiel pensamos imediatamente, levados por recordações involuntarias, em timidez; Dostoievski traz-no a idéia de jogo; Augusto dos Anjos faz-nos ver hemoptises; Machado de Assis, epilepsia; De Quincey, ópio; Torquato Tasso, hospício; Oscar Wilde, inversão sexual; sem que isto tudo em nada venha alterar a fisionomia estética das obras criadas por esses gênios. No segundo caso, vamos deparar com a figura diferente, modesta e quase rara de Luís Nicolau Fagundes Varela. No poeta de Rio Claro, as particularidades que mais se destacam, dentre as muitas que possa apresentar a avidez dos analistas e rebuscadores, são duas e, quase sempre inseparaveis: o alcool e a desventura; ambas deixando sulcos profundos na alma do poeta. A primeira, especialissima no cenário da literatura brasileira e a segunda, embora bastante encontrada nos lastros biográficos de artistas e cantores, no caso do nosso bardo, ela aparece de um modo doloroso, tão chocante, com acentuado tom de fatalidade que, muita vez, o seu sofrimento e a sua amargura chegam a provocar em nossa boca, numa exteriorização de solidariedade humana, exclamações de revolta contra as forças involuntarias...

Foi uma existência penosissima a que arrastou como homem ou como poeta, eleito das Musas ou presa de vício medonho. Sofreu como poucos poetas brasileiros, sofrimento escondido sob o riso expansivo, porem, momentâneo, que a essência de Baco provoca.

Muitas vezes, ao julgarmo-lo, não sabemos, de maneira categórica, se bebia por que era triste (e neste ponto para analisa-lo convenientemente temos de dividir a sua existência em duas ou tres fases), o que é mais certo, ou se era triste porque bebia, o que é menos possivel e em outras ocasiões inaceitavel. Tudo indica ser a primeira alternativa a verdadeira, uma vez que a tristeza ele a conheceu muito antes da bebida. O tédio nele foi, pode-se dizer, nato, enquanto o alcool, mera circunstância eternizada nos tempos de academico ou durante os muitos anos seguintes, sendo que há periodos em que o tédio provoca o alcool e outros em que o alcool provoca o tédio. Há mesmo quem afirme que buscava na bebida inspiração, tendo desta passado ao vício. Mas, verdade seja dita, ao lado dessa busca de inspiração, sem medo de êrro, devemos juntar um resquício de tédio, ao qual procurava disfarçar e cujos vislumbres aparecem no seu retraimento, aos 11 anos, notado pelos da família, sobretudo pela sua irmã Ernestina.

Na capital bandeirante, ele se encontra frente à frente, ainda de menor idade, com os primeiros esplendores da Musa e os primeiros cálices de vinho branco. O vinho constituia moda nesse meio de século e o tipo bironiano se apresentava, nas rodas literarias e nas boemias acadêmicas, como modelo...

Começa a sua vida estudantina — 1860 — na alegre e triste (alegre se pensarmos nos estudantes-triste se olharmos a sociedade de então) paulicéia completamente despercebido, e a inicia brigando com um primo, incapaz de suportar o seu relaxamento. Passa a viver como Byron, sensual; depois transforma-se num Baudelaire, excêntrico; e por ultimo é

figura como Poe, alcoolatra. Conviria acrescentar-a a sua sensualidade existiu apenas no tempo de Ritinha Sorocabana, enquanto a do poeta inglês chegou aos extremos e durou pelos seus trinta e nove anos, na Inglaterra e na Italia.

Daqui por diante, mal pisa os degraus da Faculdade é visto constantemente em farras, serenatas na algazarra de uma boemia sem termo, notivaga e errante, nos prostíbulos da rua das Flôres, nas estudantadas exóticas ou ainda nos costumeiros frejes dos teatros.

Em pouco tempo adquire os dois maiores titulos da Academia — o de melhor poeta e, com toda certeza, o de pior aluno, vivendo entre ambas as extremidades, dias de febrís agitações no panorama pacto da velha paulicéia de pouco mais de trinta mil habitantes.

O São Paulo dessa época — 1862 — é o São Paulo dos estudantes célebres e dos poetas acadêmicos, pródigos nos lances de recitativos. Antes dele, Alvares de Azevedo e depois Castro Alves centralizaram todas as atenções.

Lá, o lírico fluminense leva vida das mais desregradas, errabundo pelos bairros longinquos, dormindo altas horas da madrugada, dominado pela inconstancia dos seus pousos — mudava de ninho como os desejos de um louco.

O alcool que aparece pela primeira vez, quando ainda morava na casa dos tios, torna-se agora, fator corrosivo indispensavel e a "estrada do vicio" fica francamente aberta, sem nada que o consiga deter em tão lastimavel descida, não tanto para as letras patrias como para a sua familia. Começa a trocar os bancos da Faculdade pelas mesas dos botequins, pela escuridão morbida das tavernas sombrias.

No tempo que corre o povo paulista já conhece as maravilhas de sua poesia e o poeta, pronto e individado, cousa comum em sua existencia descuidada, acaba por apaixonar-se pela filha de um dono de circo — Alice Luande — com a qual se casa logo depois, fazendo-a infeliz como ele mesmo, sobre quem a fatalidade parecia pesar com garras impiedosas de abutre faminto. O casamento, no qual não houve nem lua nem mel, ele o realizou em tremendo estado de penúria, acossado por dividas e pela necessidade de estudo e trabalho. O pai andára cortando a mesada no intuito de corrigí-lo, o que, evidentemente, não surtiu os efeitos esperados.

Decorrem meses e meses na mais profunda miséria material e a esposa que, no tempo, de solteira, era um tanto mirrada sofre logo as consequencias impostas pela vida incerta do marido. Este fica semanas ausentes de casa, esquecido dos compromissos para com a familia recem-constituida, deixando Alice na obscuridade de uma tristeza silenciosa, velada apenas pela bondade moral de uns poucos estudantes. Quando ela tem o primeiro filho, Luis Nicolau encontra-se entregue aos efeitos do alcool e são ainda esses poucos estudantes quem a ajudam nesse transe dificil e agravado pela falta de conforto. O grande lírico passa do vinho à cachaça. O filho pouco dura e se consegue abrandar, de certa forma, as pargodeiras do pai, é tambem por pequeno espaço de duração, mas, mesmo assim ainda valeu a inspiração sublime do seu melhor poema, de uma beleza quase mágica pela forma, pelo sentido e pela sinceridade, principalmente. Morrendo o primogênito, largando a esposa enferma no Estado do Rio, segue para o Recife, onde retoma o caminho desastroso das farras, serenatas e bebedeiras, permanecendo o incorrigivel de sempre. Nesta altura não podemos deixar de tomar o alcool como lenitivo às suas dores. De bebida passa a remedio às tristezas de pai, em parte, culpado pela desdita do filho e pelo precario estado de saúde da esposa. Quando se retiram de São Paulo, marido e mulher, Alice já levava consigo os prenúncios da tuberculose e é na capital pernambucana que o poeta recebe a noticia de sua morte.

Parece que, pelos anos posteriores, sofreu o remorso de não ter proporcionado à mulher e ao filho o conforto de que careciam.

Ninguem pode contestar: depois do falecimento de ambos, a tristeza e o sofrimento reduzem-se de pretesto literario, como querem, à mais dolorosa das realidades. Realidade que não podemos olhar sem certa expressão trágica de angustia.

Os livros aparecem graças aos amigos e os seus poemas vão colorindo de ritmo e beleza a vida literaria do momento. Novamente em São Paulo perde o ano por excesso de faltas e definitivamente abandona os estudos, indo refugiar-se no aconchego sereno do lar paterno. Com os pais vive mais dez anos; mas, de que forma? Errabundo pelos ermos e campos e matas e florestas; mesmo havendo contraido novas nupcias, nupcias na qual, de antemão, não procurou buscar feli-

cidade como certa vez afirmou alguem. A sua vida continúa tortuosa, dispersada pela bebida, de amores com a natureza, em enorme luta contra os acidentes do seu proprio desleixo. Vive pelas fazendas, vem ao Rio, anda por Niteroi, mas, nestes lugares só o encontramos nos botequins e vendinhas, rabiscando poesias, oferecendo a delícia de sua palestra ou recitando lindos versos para regalos de outros.

A sua decadencia orgânica processa-se assustadoramente. Aos trinta anos afigura-se-nos um moço decrépito, ou se quiserem, um velho prematuro, enrugado pelas grandes tempestades íntimas e já tristemente curvado pelos efeitos do vício. Pontilhavam o seu semblante longas rugas, rugas que só o sofrimento sabe sulcar na face dos homens tristes. A embriaguez é o seu estado permanente. Onde passa deixa "um traço fundo de agonias!..." Tarde, impossivel afasta-lo da garrafa de vinho (da cachaça seria melhor), o vício dominou em absoluto, não tem mais força para deixa-lo, é um vencido. A tristeza, a amargura, quando não se escondia errante pelos matos, ele procurava disfarçar com a verbosidade da conversa. Escasseiam os instantes de bom humor, vive maltrapilho, numa sujeira que faz dó. Aproxima-se o fim, depois de uma vida onde o sorriso, se aparecia, era "um sorriso triste". A alacridade sadia surge na infância, na mocidade acadêmica o riso impõe-se pelo ambiente e, mais tarde, é riso alcoolico, anunciando pelas ruas de Niteroi a decadencia e morte do homem...

Das tres fases constitutivas na trajetoria do alcoolismo, no caso de Varela, a primeira e a segunda apresentam, nitidamente, os sintomas de sua implacavel transformação e apenas a ultima, ou seja, *a psicose alcoolica*, sofre sensivel redução em suas características totais. Se depararmo-nos com o crepúsculo do seu bom humor e o aparecimento da paralisia (dois sintomas conhecidissimos), no entanto, faltam para completa-la *as ameaças, o delirio alucinatorio agudo, a brutalidade, os acessos de loucura*, tão comum isto tudo antes de terminar pelo *delirium tremens*, porta de saída dos alcoolatras, a exemplo de Edgar Poe. As fases alcoolicas, aqui não se fixam com absoluta nitidez e não se revestem de sua sintomatologia geral; essas ameaças, essas brutalidades não existem para o nosso desgraçado poeta, cujo vicio evoluiu, como a sua propria vida, tortuosamente, irregular em suas transposições degradativas.

Não fora, pois, o alcool e Luís Nicolau Fagundes Varela teria sido muito mais que um simples poeta de renome, no entanto, talvez, por amarga ironia, não soubesse passar alem de um péssimo advogado, com escritório à rua de um sonolento anonimato.

ENTRE APOLO E MERCÚRIO

José Augusto de Lima

Augusto de Lima, mesmo depois de tocado pela mística fascinação do *poverello* de Assis jamais se perdoou o que considerava um defeito: a falta absoluta de capacidade para negócios. Admirava os homens que sabiam jogar com valores avultados, lançando-se a empresas arrojadas, adquirindo títulos de capitalização segura, prevendo altas e baixas cambiais e aumentando, a cada golpe, os depósitos bancários. Ele — não fosse sobrinho de Antônio Deniz Barbosa — nunca pudera realizar qualquer espécie de transação lucrativa. O pouco de que dispunha custara-lhe o mais severo equilíbrio econômico, e permanecia extático, sem crescer, tendendo, antes, para a mingua...

Como deputado, a exploração do oiro e do ferro constituiu o motivo persistente de numerosos projetos e discursos com que assinalou a sua longa trajetória pelo parlamento. Descendente de bandeirantes, filho de mineradores, trazendo no próprio sangue as solicitações da terra, ele obedecia, nesse ponto, à lógica do destino que o fizera nascer entre cascalhos de oiro e montanhas de ferro, ensinando-o, desde o primeiro contacto com a vida, a amar nos tesouros ocultos o labor e o passado sacrifício dos seus.

Como poeta, seus primeiros poemas, quando não se inspiram nas árvores, vão frequentemente buscar os seus mais altos motivos nas maravilhas do reino mineral.

Ha nas suas estrofes um sentido quase invariavel de penetração da terra, um designio constante de rasgar-lhe a superfície e perder-se na vida subterrânea:

Homem, remove este rochedo e a rara
galeria interior contempla e estuda!
Desce, e da terra pela ossada muda
leva tua razão de ciência avara...

O parlamentar, versando temas de grave sentido econômico, ficaria fiel àquela poderosa influência. Não o intimidava, embora magoando-o, o epíteto de poeta com que o brindavam os colegas, ao ouví-lo pregar a regeneração do organismo nacional pela simples transfusão de oiro e ferro nas suas artérias vitais. A penúria do Tesouro brasileiro era um puro resultante da falta de visão dos nossos homens públicos. Entregasse-lhe o país, e o Brasil seria, em pouco tempo, o mais sólido nababo do mundo...

O homem privado, porem, contrastava singularmente com o homem público.

Seu oráculo em materia financeira era João Ribeiro, o saudoso diretor do Banco Mercantil. Dele se socorria o poeta com a confiança de um devoto, pedindo-lhe conselhos ou entregando-lhe valores para que os aplicasse como fosse melhor. João Ribeiro não hesitava: punha tudo em ações ou apólices, explicando-lhe depois:

— E' mais garantido. Você não deve meter-se em iniciativas que exijam atividade ou esperteza. Seria um fracasso.

Certa vez, porem, deparou-se a Augusto de Lima a oportunidade feliz de realizar um excelente negócio.

Efigênio de Sales, que por muitos anos foi seu colega na Câmara, possuia um café à rua da Baía, em Belo Horizonte. Chamava-se *Café High-Life*. Secretário da Partido Republicano Mineiro, o coronel Francisco Bressane de Azevedo padecia do mesmo mal de Augusto de Lima: a falta absoluta de tino para ganhar dinheiro... Tanto que, lançado ao ostracismo, com a queda de Francisco Sales na política mineira, morreu paupérrimo num fumarento e melancólico subúrbio do Rio de Janeiro.

Efigênio era uma criatura bonissima, tendo, porem, em alta dose, a qualidade que mais escasseava aos dois companheiros de partido. Algumas limonadas servidas no *High-Life* chegaram para convencer Augusto de Lima e Francisco Bressane de que possuir um estabelecimento congênere seria encaminhar suavemente para a fortuna... As mesas regurgitavam de fregueses e os empregados eram poucos para os pedidos que choviam de todos os lados:

— Uma cerveja frapée!
— Café, aqui!
— Pão e manteiga!
— Mineral gelada!

Augusto de Lima sentia-se esmagado ante a superioridade de Efigênio de Sales, que fora capaz de uma iniciativa daquelas, e agora, somente com uma rápida inspeção diária, via os niqueis da população correrem espontaneamente para o seu bolso... Sim, porque Efigênio tinha um casal de espanhóis que geria o estabeleci-

mento, sem que lhe fosse preciso mais do que o trabalho de passar por alí todas as noites para recolher a féria... Bressane, por sua vez, piscando muito, no seu velho cacoete, esparzia olhares cheios de inveja sobre Efigênio:

— Isto é uma fortuna, seu Efigênio, você deve estar rico!

— Rico, rico, ainda não — respondia modestamente o colega —, mas se as coisas continuarem como vão...

— Ah, se eu tivesse um negócio destes não queria mais nada! — acudia Augusto de Lima, num gesto largo de conquista...

— Mau, mau, — declarou um dia Efigênio de Sales, meio agastado —, vocês estão com inveja de mim, e isto dá azar... Se gostam tanto, por que não compram logo o café? Posso fazer um negócio de camarada com vocês...

E a transação foi realizada. Augusto de Lima e Francisco Bressane, as duas maiores negações do tino comercial, associavam-se para a conquista da fortuna... Efigênio dera-lhes condições magnificas: parte do dinheiro à vista, parte a prestações razoaveis. Alguma dívida que aparecesse, por conta dos adquirentes, como era lógico.

Augusto de Lima e Francisco Bressane tornara-se, assim, proprietários do *Café High-Life*, à rua da Baía, em Belo Horizonte... Seu primeiro ato foi o convite amavel ao casal de espanhóis, que tão bem vinha gerindo o estabelecimento, para continuar em seu posto. Marido e mulher, porem, alegando que estavam cansados daquela vida e que pretendiam rever a pátria, resistiram. Tanto mais que não viam alí nenhum futuro, dada a exiguidade dos ordenados que recebiam...

— Por isto, não! — acordaram cavalheirescamente os novos proprietários — digam quanto querem!

E o casal ficou, com o aumento dos ordenados...

Nos primeiros tempos tudo corria às maravilhas. Augusto de Lima e Francisco Bressane não cabiam em si de contentes com as perspectivas risonhas do negócio realizado... O café, sempre cheio; nas prateleiras fartas, o estoque de garrafas a se renovar todos os dias; os espanhóis, alegres, animados, palradores, engordando a olhos vistos...

No fim de um mês surgiam as primeiras contas de fornecimentos a crédito. Os dois sócios se entreolharam, assustados... As despesas excediam à receita, deixando um buraco alarmante, que teria de ser suprido, fosse como fosse, pelas reservas particulares... No mês seguinte, a mesma coisa... Os espanhóis, chamados à fala, responderam que não podiam fazer milagres, pois o café se convertera em despensa do Partido Republicano Mineiro e reduto eleitoral dos seus proprietários. Todos comiam e bebiam, mas ninguem pagava... Ofenderam-se, ademais, com a interpelação e declararam-se desligados da casa, aparecendo, dias depois, com um estabelecimento congênere montado à Avenida Amazonas, graças, provavelmente, ao capital reunido à custa dos dois incautos negociantes...

Anos e anos levou Augusto de Lima pagando, em prestações, as dívidas que contraira no famoso café. E ainda agora, pesquisando-lhe o arquivo, encontramos este rascunho de carta, escrita ao velho livreiro Francisco Alves, proprietário do prédio onde se ostentava o *High-Life*:

"Belo Horizonte, 1.º de março de 1917.

Ilmo. Sr. Francisco Alves de Oliveira.

Amigo e senhor:

Foi para nós de verdadeira surpresa o que V. S. nos comunicou em carta de 9 do mês findo, relativamente à falta de pagamento, nos meses de outubro, novembro e dezembro, do seu prédio, por parte dos seus então ocupantes. Julgavamos por informações desses cavalheiros..."

O rascunho termina nesta reticência...

Outro episódio ocorreu dois ou três anos antes da morte de Augusto de Lima.

Havia aos domingos uma leitura que o poeta preferia a qualquer outra: os pequenos anúncios do *Jornal do Brasil* e a página de leilões do *Jornal do Comércio*... Distraia-se, imaginando os excelentes negócios que poderia realizar, se adquirisse um lote para revender; um prédio para alugar, um sitio para criar galinhas ou estabelecer uma indústria agrícola qualquer... Mas tudo ficava na imaginação...

Um dia, porem, feriu-lhe a atenção particularmente a descrição de uma casa à venda na rua Paula e Silva, em São Cristovão. Tratava-se de uma grande habitação coletiva, rendendo mais de seiscentos mil réis mensais. Oito ou dez quartos e vários salões, tudo locado; amplo jardim, terreno farto, água em abundância e preço modesto, trinta e poucos contos.

Augusto de Lima não resistiu à tentação: foi ver o prédio.

Realmente o negócio parecia bom. Lá estavam de fato, os inquilinos enchendo o casarão, pois era domingo. Crianças alegravam o pátio espaçoso e cheio de árvores magníficas. Gaiolas de passarinhos por toda parte. O "encarregado" tinha as melhores referências sobre um dos locatários, "gente pobre, porem honrada". O prédio,

por sua vez, possuia excelente aparência. Era um velho palacete de dois andares, varanda nobre, alpendre espaçoso, em que Augusto de Lima logo fantasiou a antiga morada de um provavel frequentador do Paço de São Cristovão... E encantou-se por ele...

No dia seguinte, cedo, sem comunicar à familia, temendo oposição ao projeto, procurou o proprietário na cidade, apurou o juizo com novas informações e conseguiu até, num golpe de habilidade que o maravilhou, uma redução de dois contos no preço pedido... Fechou a transação e entrou em posse do imovel.

Passou-se o primeiro mês.

O "encarregado" apareceu-lhe trazendo cerca de duzentos mil réis, tudo quanto lograra arrecadar dos inquilinos...

— E' preciso aperta-los! — recomendou-lhe Augusto de Lima, franzindo o rosto.

No segundo mês a arrecadação foi a menos: cento e oitenta mil réis...

— Assim, terei de tomar providências enérgicas! — ameaçou o poeta.

Terceiro mês, nada... O próprio "encarregado" deixava de aparecer no dia marcado para a prestação de contas...

Augusto de Lima não se conteve mais e partiu furioso para a rua Paula e Silva. Era um domingo cheio de sol.

— Vão ver quem sou eu! — prometia, enquanto se preparava em casa para sair — Ponho tudo na rua!

A cena que o esperava, entretanto, era, positivamente, de arrepiar!

No cômodo da frente, sobre uma tosca mesa de pinho, repousava um esquife de criança... Uma mulher descabelada, aos gritos, aos soluços, aos corcovos, debruçava-se sobre o pequenino féretro... Garotos sujos e esfarrapados apinhavam-se em torno, ou galgavam as janelas, olhando com inveja o companheirinho em seu caixão de infima classe...

A entrada de Augusto de Lima, voltou-se para ele o grupo. Um homem esquálido, abatido, de mãos calosas e olhos vermelhos, se destacou e foi recebe-lo.

Augusto de Lima esteve por alguns momentos em silêncio, contemplando aquelas fisionomias paradas e murchas, aqueles vultos desbotados pelo sofrimento e a miséria, ouvindo as exclamações pungentes da pobre mãe, e sentiu, de repente, lhe subirem as lágrimas aos olhos... Chamou a um ângulo de varanda o homem grave e triste que o recebera, e indagou:

— O senhor tem recursos para sepultar seu filho?

E, como se adivinhasse a respeito negativa:

— E' bom ficar com este dinheiro para as despesas.

Era uma nota de duzentos mil réis...

Ao chegar a casa, à tardinha, quis a familia conhecer o resultado das medidas extremas que prometera tomar ao partir. E ele, ainda emocionado, esforçando-se em vão por dar à voz uma entonação clara e firme:

— Se vocês soubessem... Recebi a mais tremenda lição com que Deus podia abater a minha arrogância...

E daí por diante, até morrer, nunca mais embolsou da casa da rua Paula e Silva senão os raros aluguéis que lhe eram levados espontaneamente...

(Do livro inédito — *Vida de Augusto de Lima*)

Barbosa Rodrigues, homem de letras

Modesto de Abreu
(Da Academia Carioca de Letras)

A intensa e fecunda atividade cientifica de Barbosa Rodrigues relegou para o último plano o homem de letras que em sua singular individualidade apenas chegara a se esboçar.

Realmente, o que esplende em toda a sua vasta obra são as pesquisas do etnólogo, do antropologista, do botânico, e, como coroamento à ação do pesquisador, as induções e deduções do sábio, do pensador, do filósofo.

Incorrerá, todavia, em equivoco quem supuser menos importantes as qualidades intelectuais do eminente naturalista quando encaradas pelo prisma literário.

E' certo que não chegou Barbosa Rodrigues a realizar, na mocidade ou na madureza, obra de vulto como literato puro. Mas o mérito literário daquilo que escreveu é indiscutivelmente manifesto. E ressalta em suas produções cientificas tão bem quanto as ilustrações preciosas que lhes ajuntou com a precisão do seu lápis delicado e com aquele segrêdo raro na reprodução dos traços e das côres dos seus vegetais, dos seus documentos etnográficos, dos seus esboços de cartografia.

O poeta e o prosador que ele foi nas proximidades dos seus vinte anos fornecem-nos a chave do segrêdo desse surpreendente encanto que sentimos quando lhe folheamos a obra de pura ciência. E é precisamente a falta de estilo, a carência de fluidez no escrever que só se adquire na prática do verso e da prosa artística, a causa de serem quasi sempre tão indigestos os escritos científicos da maioria dos nossos grandes eruditos. Em geral, os homens de ciência, entre nós, por defeito da formação inicial ou por infundado preconceito, ressentem-se daquelas nobres qualidades que fizeram bôa parte do êxito da obra de um Descartes e de um Pascal, de um Buffon e de um Michelet, de um Renan e de um Bergson. E daí, como já tive ocasião de acentuar alhures, a resistência que sempre encontrou, em sua propagação, a filosofia positivista: Comte não nos encanta pelo estilo, nem vasaram seus continuadores a sua doutrina numa forma sedutora, capaz de preparar, pela sugestão, o terreno a ser conquistado pela convicção.

Lendo as páginas de incipiente literatura deixadas pelo sábio brasileiro, verifica-se, desde logo, que lhe estaria aberto amplo e florido caminho em nossas letras, si ele tivesse perseverado no cultivo do seu verso, e, sobretudo, da sua prosa.

Ao verso faltava-lhe o estro, coisa que nos poetas em geral se manifesta desde o comêço. Não lhe faltava porém a espontaneidade. Tendo educado o gôsto e o ouvido numa época em que despontava a glória de Casimiro de Abreu e em que todos liam e procuravam imitar Gonçalves Dias e Alvares de Azevedo, não tendo ainda surgido a tuba canora de Castro Alves, causa verdadeira surpresa observar que os versos de Barbosa Rodrigues eram tão fluentes como os de qualquer desses grandes vates nacionais, quando ainda se exercia o imenso prestigio de um Magalhães e de um Porto-Alegre, quási tão duros no versejar como um Filinto Elisio, embora considerados corifeus românticos, mas, justamente por força dessa falta de maleabilidade rítmica, mais admirados do que imitados e seguidos.

Os versos de Barbosa Rodrigues, que foi poeta tão precoce como seu contemporâneo Machado de Assis, com quem palmilhou, ombro a ombro, os caminhos a princípio ásperos do Parnaso, foram publicados na imprensa entre os anos de 1859 e 1861. Entre os órgãos da imprensa que lhe publicaram as primeiras produções figura a famosa "A Marmota" de Paula Brito, em cujas colunas tambem colaborou, pela mesma época, o futuro mestre das "Crisálidas" e das "Falenas".

Naquele ano de 1859, justamente, contando o poeta apenas 17 anos, chegou a cogitar da publicação de um livro de poesias, entremeado com trabalhos em prosa; organizou, para esse fim, um caderno de 119 folhas, com recortes e inéditos, copiados estes do seu próprio punho: os originais tra-

zem o título de "Saudades de São Gonçalo" e uma dedicatória "ao Exmo. Sr. Barão do Rio Verde".

Apesar de muitas páginas haverem ficado em branco, elevado é o número de composições poéticas aí contidas. Há muitos sonetos, predominando os decassílabos e as redondilhas.

Para dar um exemplo de como versejava em sua juventude o etnógrafo dos "Muirakitans", citarei as quadras iniciais do poemeto de abertura do livro inédito, poemeto esse que traz uma dedicatória "a José Cristiano Stockler de Lima":

"Quem me dera que eu pudesse
São Gonçalo ainda ver;
Nos seus campos tão risonhos
Uma vez ainda correr.

Ver o céu de São Gonçalo
No inverno tão azul;
Ver a brisa nos pinheiros
Dessas matas lá do sul.

Ver ainda o gaturamo
Na piteira gorgear
E na cata o tico-tico
Saltitando a mariscar..."

Si levarmos em conta que o poeta beirava ainda os 17 anos, haveremos de convir em que o equilibrio aí demonstrado já é notavel. São, aliás, as melhores notas da sua poesia, aquelas em que prevalecem as evocações e descrições de nossa natureza. Era já a predestinação do seu espirito que certamente se afirmava. Como lírico, especialmente nos versos de amor, não menos fluentes embora, já se observa muito do convencionalismo dos padrões da primeira fase romântica.

Barbosa Rodrigues tambem feriu, uma vez por outra, em seus versos, a corda patriótica. Embora o gênero seja ingrato e inevitavelmente preso aos artifícios da fatura de encomenda, da inspiração procurada, da versificação de circunstância, ainda aí não é traida a naturalidade do seu versejar. Temos significativo exemplo numa ode que compôs ao "7 de Setembro de 1822" e que foi publicada no jornal "Semana dos Meninos" em 1861. E' epigrafada com 4 versos de José Bonifácio e, por coincidência, pode servir-nos para mostrar o quão mais fluente é a sua versificação que a do vate da "Ode aos Baianos":

"Entre globos de fogo se elevava
O astro-rei, coruscante no horizonte,
Expandindo no céu ignipotente
Uma luz de esperança.

Era um dia de glória que surgia
Colorindo o horizonte co'uma auréola:
Eram nuvens rosadas que mostravam
O Sete de Setembro.

Caminhava Dom Pedro no Ipiranga,
Modernissimo Tito brasileiro,
Pela fronte cruzando mil idéas
De amor e liberdade.

Ergue a vista, contempla o sol nascente,
Como fez Josué nos tempos idos;
Ergue a fronte, olha o povo, então lhes [brada:
Independência ou morte!

Em pedaços caíram as cadeias
E, liberto o Brasil das opressões,
Um brado só as turbas levantaram
De amor e regozijo.

O gigante cativo adormecido
Acordou vendo aos pés os seus grilhões
E, numa voz de Stentor, nos bradou:
— Glória a Pedro Primeiro!"

Os capítulos em prosa enfeixados nos originais das "Saudades de São Gonçalo" foram todos publicados em jornais, dentre os quais avultam: "Pátria", "A Marmota", "Semana dos Meninos", "O Jaguarary", "O Sul de Minas", "A Crença" e "O Constitucional".

São pequenos contos, fantasias, novelas românticas e folhetins, alguns dos quais figuram em sua bibliografia como obras autônomas. Os principais folhetins, alguns truncados na coletânea, são: "Memórias de uma costureira", "Livro de um triste ou Páginas de um louco", "Ondina", "Livro negro ou Páginas de um triste", "Última hora de uma perdida", "Por uma mulher" e "Claudina". Há ainda o prólogo de uma novela intitulada "Geraldina ou a dama das pérolas", um discurso à memória de Francisco de Paula Brito, um artigo sobre a morte de Lourenço Xavier da Veiga e — documento de excepcional importância em sua biografia — uma composição de meia coluna, intitulada: "A infância", datada de 1855 e trazendo por epígrafe esta

declaração: "Página dos meus quinze anos".

Em 1864, editado em Paris, na tipografia de Simão Raçon & Cia., rua d'Erfurth n.º 1, publicou um volume de "Contos Noturnos" com este subtítulo: "Estudo, por João Barbosa Rodrigues". Pela data, que vem no fim, verifica-se que os trabalhos foram compostos em 1861, tendo portanto o novelista apenas 19 anos de idade. A influência da "A noite na taverna", de Álvares de Azevedo, é flagrantemente manifesta, mas há muita autonomia nas concepções e no encadeamento das narrativas. Traz antes do texto duas epigrafes: uma de Alfred de Musset, a outra de Brantôme. O volume é dividido em "5 noites de amor", contendo a 1.ª, a 3., e a 4.ª noites três contos cada; a 2.ª dois e a última um. Cada conto traz uma ou duas epigrafes, ora no original, ora em tradução. Essas epigrafes são: 6 de Byron, tiradas de "Don Juan", "Manfred", "Hours of idleness" e "Childe Harold"; 1 de Musset ("Enfant du siècle"), Virey ("Physiologie"), Pitaval, Hoffmann e Álvares de Azevedo.

O conto intitulado "Helena", último da coleção, com o subtitulo "Memórias de uma perdida", é o mesmo folhetim publicado três anos antes em jornal sob o título de "Última hora de uma perdida".

A citação das epigrafes dá-nos bem uma idéa das preocupações dominantes do escritor e das influências que recebeu para a formação do seu espírito.

As duas obras culminantes, de valor literário, de Barbosa Rodrigues são, porém, a "Poranduba Amazonense" e "O Muirakitã e os idolos simbólicos", importantissimas contribuições para o estudo da formação cultural dos nossos indios.

A "Poranduba Amazonense" ou "Kochiyma-Uara Porandub" foi composta entre os anos de 1872 e 1887, durando portanto 15 anos sua elaboração. A publicação foi feita em 1890, saindo das oficinas de G. Leuzinger & Filhos, rua do Ouvidor, 31. O texto é precedido de um "Quadro" que mostra a "adulteração da língua pela pronúncia e pela ortografia", através de exemplos comparativos que vêm desde Anchieta (1555) até Amaro Cavalcanti (1883).

Divide-se em 4 partes: a primeira ocupa-se de lendas mitológicas; a segunda, de contos zoológicos; a terceira, de contos astronômicos e botânicos; a última, de cantigas. Tudo com o original fonèticamente reproduzido da língua dos indios, acompanhado de tradução literal e de uma ou mais variantes. Lendas, contos e cantigas pertencem às zonas dos rios Negro, Branco, Solimões e Amazonas. São particularmente curiosas as lendas e contos da 3.ª parte, que reproduzem a teogonia dos americolas amazonenses, em analogia com as velhas lendas da civilização hebraica e greco-romana, como o dilúvio, o setestrelo, os reis magos, o principio do mundo e a origem das diversas constelações.

Na parte referente às cantigas, podem ser citados muitos exemplos de poesias curtas e conceituosas, que fazem lembrar os "hai-kai", ainda há pouco tão em voga. Um exemplo bem caracteristico:

"I pinipinima ne cupé,
Tracayá,
Boia ussú ra-ira ra paá recó"

(São pintadinhas as tuas costas,
Tracajá; filho da cobra grande,
dizem, tu és).

O volume da "Poranduba" é acrescido de minucioso vocabulário indigena comparado. Em 1892, saiu a lume um "Complemento" da "Poranduba", publicado pela Biblioteca Nacional e impresso na tipografia Leuzinger. Precede esse volume erudita advertência, em 39 páginas, escrita em Manáus e datada de 25 de Dezembro de 1887.

A edição dos 2 volumes de "O Muirakitã e os idolos simbólicos", "estudo da origem asiática da civilização do Amazonas nos tempos prehistóricos", saiu das oficinas da Imprensa Nacional em 1899. O 1.º volume trata dos assuntos indicados no título geral; o 2.º consta de uma parte de "Lendas" e outra parte de "Histórias e comentários". Há, no fim, "Addenda" com um artigo sobre "Um falso muiraquitã" e a "Planta da região dos Ykamiabas, idolos e muiraquitãs", levantada nos anos de 1873-74.

Resumindo, pois, o labor estrictamente literário do sábio botânico brasileiro, podemos caracterizá-lo como novelista, poeta e folclorista ou demopsicólogo. Cabe-lhe o primeiro conceito pelo livro de contos que publicou, no gênero dos de Hoffmann e Álvares de Azevedo, bem como ainda pelos

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

A nova geração intelectual da Baía

Alexandre Passos

Há dois ou três anos, tive oportunidade, aqui mesmo, de escrever a respeito da imprensa baiana, numa fase de transição, e dos últimos quarenta anos de vida literária da Baía. Esses estudos ou ensaios despretensiosos foram reunidos em volume sob o título de "Letras Baianas". Não resta a menor dúvida que, se a maioria compreendeu a minha intenção, não me faltou tambem a tristeza de observar que outros não na interpretaram bem. No primeiro estudo, tive que lutar com dificuldade para chegar a um resultado apreciavel, pois alguma coisa devo à memória de menino e de adolescente e a informações verbais de muitos, para neutralizar, alem de pesquisas em jornais e revistas. Na segunda, não me era possivel citar em campo restrito todos os nomes de homens de letras nascidos na Baía ou radicados no seu território. O resultado seria o mesmo: apareceriam os descontentes, representados pelos que não foram citados e os que não perceberam os nomes de seus amigos, parentes ou pessoas para os quais almejam um futuro promissor nas letras, não poucas vezes excelente cartão de visitas para pingues investiduras...

Quando reuni aqueles dois trabalhos não esperei que o volume despertasse tanta intenção e interesse, apesar de sincero, do mundo culto, reconhecendo nele uma contribuição valiosa à história da cultura baiana, dos últimos decênios, e do Brasil em geral. Para a elaboração daqueles ensaios, como se vê, presidiu a imparcialidade, sem a qual a utilidade de semelhante tentamen seria nula. Procurei arrancar do olvido nomes que nunca, ou raras vezes, foram lembrados e que não pertencem à literatura do cálculo, que tem em mira o próprio interesse.

A verdadeira aristocracia intelectual é a que é moldada na cultura, tomando-se esta palavra na accepção de conhecimentos acumulados, dirigidos para um fim util, e não depositados aos pedaços, fragmentados, atabalhoadamente para satisfazer a vaidade do suposto "culto". Uma coisa é a "cultura — direção" e outra a "cultura — vaidade" ou "pseudo — cultura".

A primeira coisa que deveria preocupar o pensamento do homem verdadeiramente culto, ou melhor dito, portador de conhecimentos dirigidos, seria o serviço que a pátria poderia esperar dele. Daí o prazer de mostrar a todos "ubi et orbi", o valor intelectual de seu povo. Numa palestra aqui irradiada e publicada no Rio e na Baía, o ano passado, em nome da sociedade Homens de Letras do Brasil, que então se reinstalava, eu disse: "Há o egoismo literário, filho da vaidade dos que não são homens de letras por inclinação natural. As endeixas e as canções do iletrado dos sertões e os queixumes do verdadeiro cantor dos morros cariocas (o que nada lucra materialmente e ouve a sua canção adulterada, o que já se vem fazendo com operas, operetas e modinhas antigas) são mais sinceros do que a prosa ou verso medidos côm a trama da literatura de segunda intenção. Claro que não é àqueles que me refiro. O homem de letras é um soldado da Pátria, tão util e necessário quanto os que, na paz ou na guerra, vestem a farda e conduzem instrumentos maiores e tão pacíficos e mortíferos quanto a pena, dirigidos todos eles pelo cérebro e pelo coração. Por isso, andou acertadamente a Constituição, reservando, num de seus capítulos, um lugar à cultura". Creio não ter exagerado. Assim não me furtarei ao prazer de expor neste lugar um fato lamentavel, uma vez que esse fala em posteridade. Após uma festa literária, num dos salões em que se realizam tais reuniões, no Rio, eu vi um poeta se aproximar de um outro, que estava organizando uma coletânea de confrades seus, e lhe recomenda "não esquecer do seu nome e de sua contribuição", assim como de certo amigo, mas, insinuava "deveria excluir" vários nomes. Esse pedido extemporâneo causou asco ao próprio organizador, o qual teve ocasião, minutos depois de revelar, num grupo, não ser essa a primeira vez que lhe pediam tais coisas... Certo pai de um poeta estreante pedira-lhe para incluir produções do filho na coletânea e de recomendá-lo aos críticos seus amigos. Tudo isso com certa impáfia a ponto de levar no bolso notinhas a respeito do rapaz. E' o cúmulo...

* * *

Há o egoismo da glória de qualquer forma, com a exclusão dos verdadeiros homens do pensamento e da pena. Por esse motivo eu não creio que um intelectual digno desse nome, isto é, sem vaidade, que poderá estar bem noutros setores, seja capaz de omitir, voluntariamente, o nome de um valor ou de uma promessa. Ora, mais tarde ou mais cedo, a posteridade descobriria o nome da vitima do complexo de inferioridade de alguem, que ela talvez resolvesse desprezar por inepto, postiço e, como todo introvertido, portador de taras e predispostos a paixões. E estas devem estar muito abaixo do juizo da história, seja ela politica, literária ou científica. Mas não se deve inferir daí esteja, todo aquele que se propõe escrever a respeito do desenvolvimento intelectual de uma época ou de um povo, isento de cometer erros, involuntários embora. E estes erros ocorrem muitas vezes em omissões ainda mais desagradaveis, porque, em se tratando de obra impressa, se magoam ao esquecido e aos seus admiradores, entristecem ao autor, cujo ideal é construir e não demolir.

Nos ensaios insertos em "Letras Baianas", ocorreram casos de omissões, como se declarou em nota a uma das páginas. Não se trata de um

ou outro nome pertencente às sociedades sábias e, como é natural, lembrados no conjunto, quando na referência ao Instituto e às Academias. O estudo deixaria de ser uma forma literária para ser um índice frio de nomes, ou cópia de registo profissional, no caso dos jornalistas. Não é esse o meu fito. Penso que existem nomes isolados, feitos fora e antes das Academias, e um destes é o de Amélia Rodrigues não sei porque esquecido por mim. E' portanto, oportuno eu cite o nome da poetisa baiana, falecida há poucos anos em Niterói, completamente ignorada das rodas intelectuais, ela uma das maiores líricas, em outros tempos, e a poetisa mística por excelência.

* * *

Mas não é somente a autora de "Mestra e Mãe", dos dramas "Fausta" e "A Natividade" e do soneto *Soror Joana Angélica* que deverá ser lembrada. E' justo se recorde a atuação de Livino de Amorim no *Jornal de Notícias*; os nomes de Lindolfo Rocha, jornalista e autor de um romance dos garimpos, "Maria Dusá", lamentavelmente quasi atirado ao olvido; Guilherme Moniz, Rafael Spínola, Reis Magalhães, Batista de Oliveira, uma organização de lutador honesto e resignado no ostracismo; J. J. da Silva Freire, redator do *Diário da Baía* na última fase de Severino Vieira; Rafael e Bernardo Jambeiro, Alves Requião, José Carlos Pereira, de alta atuação no jornalismo paulista; Otávio de Carvalho, Aliomar Baleeiro, Deodoro Lopes, Eurico Brasil, Edgard Curvelo, Carlos Spínola, Edgard Pitangueira, Antônio Balbino, Gildásio Oliveira, tambem poeta; Joel Presídio, Amado Coutinho, o abnegado fundador e proprietário de *Única*; Sabino de Campos, autor dos poemas de "Jardim do Silêncio" e de "Sinfonia Bárbara"; e Heitor Valença, cronista.

Ainda noutros setores das letras, poderão ser lembrados: na oratória sacra, os padres Leonel e Leovigildo Franca; na crítica literária: Souza Carneiro, Souza Aguiar, alem de Carlos Chiacchio, que dirige, há quase vinte anos, a sua seção em *A Tarde*, e orienta em pouco menos a "Ala de Letras e Artes da Baía."

* * *

Arrancarei, outrossim, outros intelectuais do olvido, iniciando por Maud Fragoso Lopes, Eulina Miranda e Maria Augusta Bitencourt, autora do livro *Asas* e do poema lírico *Velho Rosário*, que eu ouvi magistralmente declamado pela artista baiana D. Marieta Lopes de Souza. Cronistas e romancistas, encontramo-los representados por D. Martins de Oliveira, observador dos costumes sertanejos e ribeirinhos da Baía; Prado Ribeiro, panfletório arrojado, Florêncio Santos tambem jornalista militante e poeta; Pereira de Lemos, Eduardo Santos Maia, Canstantino de Souza, Hildegardo Erudilho, tambem autor do *Bel canto*; Aurides de Magalhães, Benício Gomes, Caio Pedreira, Paiva Lima, Manços Chastinet, Joaquim Gonzalves e Lauro Palhano (Juvêncio da Silva Campos), autor de uma série de romances em que estuda, como poucos o fizeram, e talvez nenhum por aquí, antes dele, a psicologia das classes operárias, como se poderá observar da leitura de "O Garoroba" e "Paracoera". E' o romancista sócio-psicológico, mas natural, das classes denominadas humildes pelos que se julgam opulentos. Darei lugar ainda a Jorge Abreu, autor de uma "História da Literatura Nacional"; ao romancista de "A Tara", F. Mangabeira Albernaz; ao poeta Flávio de Paula, aos irmãos Nelson e Edison de Souza Carneiro, ensaísta aquele etnologo e folclorista este; e aos filólogos, que aliás, como poderá parecer nenhum, parentesco teem: Francelino de Andrade, que escreveu "A monografia da crase" e "O Vernáculo"; e Gustavo de Andrade, autor de excelente gramática, pouco citada apesar de decalcada. Edgard Sanches o filósofo que dispensa encômios, e Eugênio Gomes merece lugar destacado. Aloísio de Barros Porto é um crítico literário de rara cultura, alem de grande jurista. Clementino Fraga é um dos melhores estilistas do vernáculo.

Da mesma forma que Domingues de Almeida, o mago de *Ansia*, tambem pertenceu à "Nova Cruzada" Astério de Campos, jornalista, poeta e autor de ensaios literários, entre os quais "Varios Escritos", alem da novela de estréia: "Visionário."

* * *

Albuquerque Libório é outro nome digno de referências pelo que fez e pelo que podia ter feito. Estudante na Faculdade de Direito da Baía, logrou fama de ilustre, antes mesmo de concluir o segundo ano. Houve quem dissesse não saber "se ele procurava as destituições ou se as destituições o procuravam". Não sei se foi um seu contemporâneo de escola ou um professor, sei apenas, que ao tempo, se estudava mais e o exame ainda era a melhor maneira de se aferir dos conhecimentos adquiridos no tirocínio.

Pessoas estranhas à classe acadêmica e estudantil, talvez docentes, aproveitaram-se do jovem e o atiraram contra o antigo mestre, meu e deles mesmos, o colendo professor Virgílio de Lemos, filósofo e filólogo eminente, detentor de duas cátedras, alem de antigo parlamentar e de jornalista de pulso. Para as galerias, não deixava de ser um prazer a leitura, em dias alternados, do artigo de um, a respeito de "Um filósofo filausioso", e de outro, "A tosquia de um filósofo"; este do discípulo, aquele do mestre. Espalharam-se boatos de que Libório recebia insinuações de um companheiro e correligionário político de Virgílio de Lemos, terminando a polêmica na congregação da Faculdade, que resolveu suspender o estudante por dois anos, em desagravo do colega, seu membro nato. Coube a última palavra, em grau de recurso, ao então Conselho Superior do Ensino, que, após várias opiniões de seus pares, e de pessoas a ele estranhas, entre as quais Medeiros e Albuquerque, que defendeu o estudante num artigo de justa repercussão pela sua franqueza, permitiu a Libório concluir o curso noutra Faculdade. Regressando à Baía, defendeu na imprensa, em oposição ao governo, uma candidatura presidencial que triunfou, vindo, então ao lado de Virgílio para a Câmara

Federal, como companheiros de bancada, sendo este o líder. Mas o outro Libório, respeitavel aos vinte anos, cujas palestras eram verdadeiras aulas, nunca mais foi o mesmo, depois da célebre polêmica. Ele lia muito e lia tudo, mas nunca procurou ler o coração humano.

O prestesto do discurso aos atiradores baianos, na festa no Lírico, fôra apenas a melhor ocasião para "aparar-lhe as asas", conforme ponderou a opinião pública.

* * *

A propensão para uma reforma na prosa e no verso tambem teve influência na Baía. Não é que se pensasse em modificar os moldes clássicos ou transformá-los em simples expressões abracadrabante, sem ritmo nem lógica. Não; os processos foram outros. O após-guerra teria que trazer novidades, provenientes de uma reação natural em todos os setores da atividade humana. E os impulsos dela decorrentes não se fizeram esperar. Paulo Torres e Ribeiro do Couto, com a poesia a que se denominou *penumbrismo*, foram iniciadores de vanguarda. Gomes Leite, Murilo Araujo. Ronald de Carvalho tambem são desse tempo, assim como Adelino Magalhães, fundador e organizador do Centro de Cultura Brasileira; José Geraldo Vieira e muitos outros, ainda em evidência ou esquecidos. Graça Aranha deu o grito de espírito moderno a que outros mais apressados compreenderam como *futurismo*. Dir-se-ia ter o chefe da corrente gritado: "Ide"; e não: Vamos, porque, enquanto os seus comandados se precipitavam no arame farpado da crítica severa, o general permanecia firme no mesmo lugar, isto é, pendia o seu modo de escrever para o classicismo. Graça Aranha queria mais liberdade para o espírito, daí a expressão "espírito moderno", que tambem deu título a um de seus livros e não para a forma. Compreenderam-no mal...

E aquela escola, — o *futurismo*, — estaria muito longe de vencer. Os rebeldes contra a sintaxe renderam-se à gramática e ao bom senso. Mas não se pode negar ter a reação provocada por esse movimento influido na frase e no verso, porque os verdadeiros poetas e prosadores, que, voluntariamente ou influenciados por certas exigências a ele se filiaram, sairam ilesos, enquanto os aspirantes, sem valor, se aproveitaram da reforma para externar falsas idéias. Coisa parecida com os exames por decreto, ótima oportunidade para o mau estudante...

O amontoado de frases coordenadas, mas sem ritmo nem lógica, e mais do que tudo, sem autocrítica, que de quando em quando, ainda se lê, não representa a literatura nacional. Em 1925, Marinetti, no tradicional Teatro Lírico, hoje desaparecido, pronunciou duas conferências, patrocinado e apoiado pelos seus adeptos e contraditado pelos admiradores da beleza. No fundo, tratava-se simplesmente, como o presente está provando, — este *futuro*, sim: — de uma propaganda política. O poeta totalitário, no íntimo, talvez inimigo do programa que pregava, era um simples representante de uma ideologia que tomava vulto. Literatura confusa, imposta para o abastardamento do raciocinio das massas, uma vez que o povo, mesmo sem o pensar, segue a voz dos seus intelectuais.

Se alguma reforma houve nos cânones literários, não deixou, contudo, de cultuar a beleza e a lógica. Assim, ficaram prosadores e poetas modernos, enquanto a minoria *futurista*, — aquela que se arremessou ao arame farpado, — ou se arrependeu e modificou o seu ponto de vista ou não é tomada a sério.

Enfim, a literatura não passou por nenhuma reforma, ligeira sequer no seu arcabouço, surgindo daí obras interessantes, quer na poesia quer na prosa, especialmente nos ensaios históricos, sociólogicos e críticos; na etnografia e no folclore, isolados ou entrosados no romance, no teatro e no conto. Fazemos uma literatura brasileira ou voltamos a fazê-la. Houve mais liberdade no espírito e não na forma.

* * *

A Baía não podia deixar de tomar parte em semelhante prélio. Carlos Chiacchio, há quase vinte anos cronista literário de *A Tarde*, chefia o movimento, organizando conforme se viu em "Letras Baianas", "Arco e Flecha" e a atual "Ala" de Letras e Artes de que já falei, agremiação de novos e novíssimos, isto é, de iniciados trabalha com afinco. Nem mesmo uma revista deixou de possuir, como orgão de seus ideais e para a colaboração imediata de seus filiados.

Independentemente de sociedades ou grêmios, outras figuras poderão ser apresentadas pela inteligência e pela abnegação com que continuam, na Baía, — aonde muitas iniciativas tiveram origem, — ou noutro lugar, dignos do berço de Castro Alves e de Rui Barbosa.

Desse modo, os da última geração devem ser lembrados, eles que serão os responsaveis diretos pelas que virão. Mas os encargos que pesam sobre os ombros de seus representantes são do mesmo molde daqueles com os quais a geração precedente teve de arcar.

No limiar da adolescencia, em 1914, assisti à primeira Grande Guerra na qual o Brasil tomou parte, e sofreu todas as mudanças do intervalo entre as duas, isto é, até Setembro de 1939 ao deflagrar da segunda Grande Guerra. A minha geração foi a que mais sentiu os embates das transformações do mundo moderno e, por isso mesmo, foi ela a mais subdividida na luta de competições. Quando parecia ir assentar sobre alicerces definidos, surgiam obstáculos de ordem interna e externa. Consequências da agitação no mundo e consequências de reivindicações de carater geral e do nervosismo político dos partidos. Mas, se a geração se agitou, não encontrando tempo para estancar e, como Narcisus, olhar-se ao espelho das ilusões, teve a glória de ver a transformação pátria; e isso porque o Brasil prosperou.

Há quem olhe os resultados sem analisar a entrosagem que contribuiu para a concretização deles, daí o pessimismo e o derrotismo. Temos o que nunca tivemos; e temos melhor muito do que já possuimos. E o Brasil, — este grande presente que nos legaram os antepassados das três raças

após sacrifícios, idealismos e renúncias, — e o Brasil terá que seguir o seu alto destino, séculos adiante, conosco e os nossos descendentes, mas sempre com o seu povo, garantidor de sua integridade e de sua soberania. Quanto à Baía, onde ele nasceu, cresceu, reagiu contra o servilismo e consolidou a sua independência, irá com o Brasil na vanguarda, custe o que custar, como fez na guerra contra o ditador do Paraguai; — enviando para os campos de batalha e para a esquadra imperial cerca de vinte mil homens, ou quase a quarta parte das forças expedicionárias.

Por isso, eu penso que a responsabilidade do homem de letras é grande numa nação. Se um grupo se previne para as guerras, a grande maioria incita o entusiasmo patriótico, estimula ao trabalho e contribue para a defesa do território que primeiro viu ao nascer e deverá conservar para as gerações porvindouras.

* * *

O contingente de iniciados é grande; mas, na impossibilidade de citar o nome de todos eles, tenho de recordar ser a imaginação do brasileiro fertil e que, na Baía, quase se encontra um literato em cada família, na maioria das vezes sem que deem por isso, em razão da espontaneidade. Há contudo, os profissionais e amadores da pena mais em evidência, frequentadores de páginas de jornais e revistas, e alguns já autores de livros. Se der início pela crítica, eu lembro Lafaiete Spinola, ensaista de assuntos pedagógicos e de arte; assim como Oldegar Vieira, em psicologia infantil. No ramo jornalístico, a lista não é pequena, bastando lembrar, dentre outros, os seguintes: Elpidio Bastos, Alcides Soares, Aristóteles Gomes, Rui Facó, Milton Figueiredo, Guiovaldo Monteiro, Wilson Lins, Humberto de Alencar, Gilberto Guimarães, Fernando Maia, Cruz Rios, Jorge de Carvalho, Otávio Moura, Cardoso de Miranda, Fernando Hupsel, Walter da Silveira, Luiz Pedreira, Fernando Maia, José Ferreira Gomes, Gustavo Martins, Ruyter Pacheco de Oliveira, Omar Barros de Azevedo, Oswaldo Pinto de Carvalho, Gilberto Amorim, José Bomfim, Aires da Cunha, Franklin de Albuquerque Junior, Eliezer Barbosa, Augusto de Azevedo Luz e Nino Guimarães. Cultivam a crônica: Lúcia Imbassaí dos Santos, Lourdes Bacelar e Maria Dolores, tambem poetisa; Odorico Pires Pinto, F. de A. Nogueira, Oswaldo Valente, Euvaldo Pires de Albuquerque, Assis Freitas, Percy Cardoso, Cesário Quetônio, estudioso da história pátria: Alves Ribeiro, Dias da Costa, Arthur Silva Junior (Sertorio de Lima), Filinto Barreto, José Nogueira, Evaldo Simas Ferreira, Anfilófio de Castro e Hélio Simões, tambem poeta e cultor das ciências médicas.

Entre as duas gerações, ainda poderão ser mencionados: o ensaista Pinto de Aguiar, que acaba de apresentar uma monografia a respeito da "Função Dinâmica das Bibliotecas"; Nestor Duarte e Bráulio Xavier Filho, romancistas: e Luiz Viana Filho, o corajoso biografo de "A Vida de Rui Barbosa". Está no mesmo caso, isto é, são da mesma época: Edgard de Cerqueira Falcão, que perpetuou nos livros "Relíquias da Baía" e "Fortes Coloniais da Cidade do Salvador", pela imagem e pela legenda, aspetos tradicionais e históricos de sua terra; os poetas Carvalho Filho, Pereira Reis Junior e João Damasceno Vieira Filho; e Filipe Nery, jornalista e orador. Não devem ficar no esquecimento, Maria Luiza Doria Bittencourt, oradora e jurista, e o desejo de alguns vultos baianos de raro merecimento e de exagerada modestia: — o de não verem seus nomes divulgados.

* * *

A Baía é terra de poetas, na prosa e no verso, por isso tentarei apresentar os cantores mais novos, alem dos anteriormente citados. Ei-los numa lista talvez incompleta: Campos Ribeiro, Simas Saraiva, Hormínio Monteiro Alvim, Bráulio de Abreu, Nonato Marques, Gerardo de Souza Alves, Raimundo Sales, José de Queiroz Junior, Nathan Coutinho, Egberto Ferreira de Almeida, Carlos Eduardo, Jacy Passos, Pacífico Ribeiro, Rui Couto Fernandes, Jorge Medauar e Jacinto de Campos, irmão de Astério e de Sabino.

Alem de Oto Bittencourt Sobrinho, tem se dedicado ao teatro, escrevendo peças e fazendo-as representar por amadores, Gilberto Guimarães.

Gregório de Matos, poeta lírico dos melhores, foi humorista e satírico, por excelência, conduzido pelo gênio e pela revolta. Fustigou homens e costumes, como mais tarde, no século passado, os folliculários da "Nova Marmota" e do "Alabama"; para recordar apenas os periódicos do humorismo ou do epigrama sadio e tendendo a, pela troça, denunciar erros e melhorar aqueles mesmos homens e os costumes por eles implantados ou conservados.

Na Baía se pratica o humorismo e o epigrama. Aloísio de Carvalho e Pinheiro Viegas não foram esquecidos em "Letras Baianas". Se este nos últimos anos de vida excedeu, tornando-se cruel, Aloísio, entretanto, pode ser considerado mestre no Brasil, porque através do "humour" e da sátira elegante, está o publicista e poeta de vôo alto. Foi o que mais produziu, no gênero, que se saiba na América do Sul. Sugiro daquí a reimpressão do seu acervo literário naquele setor, representado por milhares de produções, que recordam a história política do Brasil e da Baía, nos primeiros decênios da República.

Roberto Correia, tambem falecido este ano, muito fez pelo humorismo e pelo epigrama, quer em prosa quer em versos; do mesmo modo que Deraldo Dias (Erasmo Junior) compreendeu não ser a austeridade do latinista incompatível com essas duas facetas do espírito e por isso recorda o "Ridendo castigat mores".

Em 1917, Carlos Chiacchio redigiu uma secção humorística no diário *A Cidade*, sob o título "Rir sem magoar". Os atuais epigramistas baianos, alem dos professores Heitor Fróis, Deraldo Dias e Lafaiete Spinola, são Gilberto Guimarães, Geraldo de Souza Alves, Fernando

Diniz Gonçalves, Orlando Amado, Jessé de Oliveira Sá e João Doria.

Não é demais seja esta relação acrescida com o nome de um psiquiatra, — embora eu aquí não inclua os representantes de outras modalidades artísticas nem os homens de ciência, — o qual alem de se interessar pela sua especialidade, ainda encontra tempo para cuidar da boa linguagem. Refiro-me a José Júlio de Calasans. Sua tese de doutoramento na Faculdade de Medicina da Baía, em 1925, "Nervosos e loucos na literatura brasileira" foi recebida com interesse: assim como seus dois últimos livros "Demência Precoce" (estudo médico psicológico) e "A loucura de Dirceu" dão-lhe direito a lugar de destaque nos meios literários e científicos da Baía e fora de suas fronteiras.

* * *

A cantilena, durante muitos anos proclamada, de que o homem de letras é inutil acabou. E' ao intelectual que cumpre redigir as leis, proclamações, cabendo-lhe ainda o direito de discutir assuntos sociais, políticos, econômicos, educacionais e linguísticos, completamente opostos a sua inclinação literária. E' a defesa da língua e das necessidades primordiais da pátria.

Não mais provocará admiração o ver-se o poeta lírico surgir de um momento para outro, a fim de escrever a respeito da siderurgia e do petróleo; o cronista e autor de contos, dizer coisas interessantes em benefício da pecuária e da lavoura; e o recatado romancista redigir monografias, desfazendo a lenda derrotista, impatriótica e muitas vezes criminosa, de ser o brasileiro cioso. Iríamos longe na demonstração desse asserto, o qual felizmente na prática, já se verifica, através de livros e de revistas especializadas.

A imaginação deve, por isso mesmo estar armada, pelo menos, de cultura geral, para, alem da observação, poder o publicista aconselhar medidas dentro de uma explanação segura e eficaz.

Os movimentos políticos de vulto, a começar pela Revolução Francesa, bem o sabemos, tiveram a sua frente titãs da pena e da tribuna. Mais tarde, na mesma França, — hoje humilhada, ela que ofereceu ao mundo os primeiros efeitos da palavra Liberdade! — na França, a República de 1870 encontrou Thiers; a de Portugal, a Teófilo Braga, Antônio José de Almeida, João Chagas e Miguel Bombarda; e a nossa, a Silva Jardim, Quitino Bocayuva, Rui Barbosa, e Benjamim Constant.

Indiretamente, em todos os pontos, está o intelectual, nem que seja, na maioria das vezes, para ser incompreendido, negado, esquecido e até explorado. Eles representam a reserva do espírito.

Que os baianos, meus conterrâneos, residentes na Baía ou dela ausentes "na luta pela vida", e os brasileiros nela radicados, continuem a pensar, estudar e produzir para bem do Brasil e da Humanidade.

COM IRONIA E AMOR...

Sodré Vianna

MUSAS HEBDOMADARIAS

Os suplementos literarios dos nossos matutinos vieram revelar a existencia de algumas senhoras de inspiração rigorosamente hebdomadaria.

Entre uma segunda-feira e um sabado essas damas geram e põem a termo o poema que no domingo aparece em alto de página, cingido de vinhetas delicadas e, em geral, com ilustrações de mar tranquilo, florinhas e pombas.

Não se trata — como talvez alguem suponha — de uma contribuição inteiramente inutil, porque as noivas suburbanas estimam imenso os desenhos das florinhas e das pombas — sobretudo das pombas — e os decalcam para bordar fronhas, lençois e outros elementos essenciais á "honeymoon".

CONFUSÕES DESCULPAVEIS

Encontrei o caricaturista na Avenida. Tinha tirado o chapeu e estava enxugando a testa lustrosa de suor.

— Vamos tomar um chópe?

Ele suspirou e respondeu com uma careta lamentavel:

— Infelizmente, não posso! Vontade muita, mas tenho de ir á Urca, porque o Jorge faz anos e se eu não aparecer ele vai ficar pensando que abandonei o bloco dele para aderir ao bloco do Zé!

O onibus passou. Levou-o. Saí caminhando para a Brahma. Bebí um chópe, bebí 2 alaguei-me. Quando deixei a mesa não havia jeito de me lembrar da palavra "bloco". O que me vinha á cabeça era "cordão".

— O cordão do Jorge... O cordão do Zé...

Ora vejam.

CRÍTICA

Sobre a música de Vila-Lobos, esta opinião autêntica:

— E' admiravel! Não consigo entendê-la!

DOMÉSTICA

Minha cozinheira chegou e disse:

— Faz muito calor na cozinha. Preciso de um ventilador.

Dias depois tornou a me procurar para dizer:

— Por causa do seu ventilador apanhei uma pneumonia e quero me internar numa casa de saude.

Não voltou mais. Quem veio foi um homem:

— Minha mulher morreu da pneumonia apanhada por causa do seu ventilador. O senhor deve pagar

as contas da casa de saude, da casa funeraria e a casa que eu ja aluguei para me casar de novo.

Paguei. Então ele insinuou:

— O senhor com certeza vai precisar de outra cozinheira, não é?...

ROMANTICO

— Pierrot?
— Que é?
— Bebeu demais?
— Bebi.
— O que?
— Beijos.

NA BANCA DA ESQUINA

— O senhor vai querer o jornal?

— Não. Já não vale a pena a gente querer jornais. Antigamente os jornais informavam. Hoje os jornais perguntam. *"Que estará acontecendo em Singapura?" "Foi mesmo o homem gordo o assassino?"*. Perguntam. E o senhor acha que eu vou comprar problemas a quatrocentos réis por dia?

ESTRANHEZA

Anatole France põe na boca de Lucius Aurelius Cotta:

"Os povos só foram verdadeiramente felizes quando submetidos a déspotas inteligentes."

— Inteligentes?!

ELAS SABEM O QUE FAZEM

Na Roma dos Cesares as louras eram mal vistas. Na Alemanha de Hitler a excomungada é a morena.

Com agua oxigenada as não arianas estão fazendo, em sentido inverso, o que as doiradas patricias conseguiam com mosca esmagada, carvão moido e banha de hipopotamo. Conservam o direito de sorrir:

— Como os homens são ridículos!

LAMENTAVEL

O bromureto alivia as grandes dores morais. Mas não pode amansar um calo que doe. Este fato explica porque muita gente prefere sofrer de conciência a sofrer de calos.

MAIS FACILIDADES AOS PESQUISADORES

Logo ao embarcar em Miami, Walt Disney declarou que o trazia ao Brasil o interesse de conhecer a fauna nacional. Com o mesmo objetivo — e para dizer dela coisas desagradáveis — o velho Martius teve que levar muito tempo nos gerais, nas matas, nas caatingas. Walt, porem, não necessitou de sair do Rio, nem teve necessidade de se demorar muito. Depois da visita de alguns academicos, retirou-se satisfeito.

CARNAVAL

— Vais te fantasiar?
— Sim.
— De que?
— De Eu Mesmo.

— Esta fantasia é sempre inconveniente. Não ha coisa que atrapalhe mais a entrada da gente em baile de gente fina.

DESUNIÃO DOS ESCRITORES

Claudio de Souza
Presidente do P. E. N. Clube do Brasil
Da Academia Brasileira

Em nenhum momento dos tempos modernos mais do que no atual se mostrou tão funesto aos escritores seu alheamento dos problemas sociais e a cizânia que a rivalidade e a inveja semeiam continuamente em seu campo. Devido a isso a horda dos bárbaros pôde renovar impunemente suas façanhas contra a cultura, com a queima pública dos tesouros clássicos e com a prisão, o assassínio ou o desterro dos mestres do pensamento. Encontraram nosso campo aberto, desprovido de vigias, no qual os escritores se entredevoram; onde em vez da união, vive e viça a peleja interna; onde outros fogos se não acendem senão os do extermínio... Nesse campo se dessangram as baixas paixões dos mal nascidos, apaulando a bôa terra; se ressalgam as águas salobres da inveja; se putrefazem nos pegos e nos algibes da ruminação maledicente os mais esperançosos ideais, e donde devia erguer-se a vaporação perfumada dos jardins da alma, levanta-se a pestilência das erutações dos charcos. Nossa repulsão é tal que não temos, como os outros classes, até mesmo os dos sem cultura, um centro de resistência, um sindicato ou associação que nos defenda. Somos explorados e vilipendiados, e nunca tomados a sério como uma força, porque nos difamamos a nós mesmos. Somos nós que nos excluimos do respeito público. A pena que louva, ás vezes disfarçadamente o poderoso, sob a tirania de uma necessidade premente, com a mesma tinta investe contra o companheiro para diminuí-lo e aniquilá-lo. A pena que exalta a mediocridade prestigiosa, para se valer desse prestígio, desnobrece, destrata, achincalha, infama aquele de quem se diz irmão!

Foi assim que chegamos à situação atual. Que é o escritor no mundo de hoje, como força social? Menos que um zero, para o bárbaro; um zero cheio, que a muita escrituração tornou um borrão de tinta, e que o bárbaro raspa com sua espada sem grande esfôrço e atira sua poeira à varredura dos ventos do exílio. Na vagueação do nômade, num dia de desespero, ele mesmo se despede da vida, como fizeram tantos, e ainda agora, aqui, em nossa proximidade, fez Stefan Zweig.

Quando compreenderemos a necessidade de alijarmos de nosso campo os fomentadores de desunião, e de nos procurarmos uns aos outros num mútuo desejo de sobrevivência? Há anos venho eu trabalhando por esse ideal de aproximação afetuosa; ha cinco anos fundei o P. E. N. brasileiro para incluir nossos escritores nessa obra universal. Somos já mais de cem em nosso centro; esperamos que 1942 nos traga outros tantos. A todos os escritores que nô-lo solicitam enviamos o relatório de nossos trabalhos.

Se atacados, se caluniados, se desmerecidos em nosso alto propósito, não respondemos com essas armas, porque contra elas nos erguemos. Se pregamos a paz, não podemos aceitar polêmicas. E assim que nos ataca, sabendo-nos desarmados, e propositadamente silenciosos, nunca se poderá louvar de sua façanha facil e sem risco; terá, talvez, um dia remorsos, quando se vir só no campo que ele mesmo armou por um instinto de maldade que seu espírito não teve forças para transformar num dom de humanidade.

GENUINO DE CASTRO

Mário Linhares

(Da Academia Carioca de Letras)

Genuino de Castro foi um dos melhores companheiros de minha juventude.

Recordando-lhe o nome, revivo aqueles dias felizes em que estivemos juntos, inseparaveis como irmãos, na mesma peleja de sol a sol.

Parcelas de vida que foram como folhas ao vento...

Sob a emoção da saudade, ressuscitam as esperanças ingênuas, as ilusões pueris de um minuto excelso de sonho e de beleza — visão de uma miragem fugitiva.

Quanto me é grata a recordação desse passado em que vivemos tão entrelaçados.

Meu conhecimento com Genuino de Castro começou em Fortaleza quando, aos quatorze anos, éramos ambos estudantes da "Fenix Caixeiral", — uma das mais belas instituições do norte do Brasil.

Todas as noites, estávamos juntos, nas aulas. Era ele empregado da carpintaria de Tibúrcio Targino e eu da Farmácia Pasteur, à Praça do Ferreira.

Depois das aulas, íamos à Biblioteca, no pavimento térreo, e, em seguida, divigávamos pelas alamedas do Passeio Público, que ficava fronteiro. Nesse tempo, a "Fenix" funcionava num velho sobrado, à esquina do começo da Rua Major Facundo e onde, depois, esteve o "Hotel de France", atualmente "Hotel Efrem Gondim".

Quando a "Fenix" começou a construir seu primeiro prédio, teve de mudar-se provisoriamente para uma casa térrea, em frente ao antigo Tribunal da Relação. Recordo-me de que a mudança foi feita pelos próprios fenixtas, por várias noites, porque, durante o dia, estavam todos em seus empregos. Não deixamos de tomar parte ativa nesse trabalho. Eu e Genuino carregamos juntos grande parte da biblioteca. Esse serviço braçal, era feito com alegria e entusiasmo. Com que júbilo estudávamos! Guardo na memória, com saudade, os nomes dos nossos velhos professores: — Alcides Montano, José de Barcelos, Fabrício de Barros, Francisco Gonçalves e outros.

Dentro de um ambiente de funda simpatia, de grande cordialidade, nascia em nós o gosto pelas letras. Líamos e escrevíamos por um pendor natural. Eu já me ensaiava na poesia e procurava publicar os primeiros versos.

Genuino, por seu turno, revelava, tambem, a sua vocação poética. Escrevia com extrema facilidade. Procurava a medida dos seus ritmos e dava ao verso forma nítida e correta. Tomaz Ribeiro foi, a princípio, o poeta de sua predileção. Sabia de cór quase todos os versos de *D. Jaime*, *de Delfina do mal* ou de *Sons que passam*...

Daí aquela romântica suavidade das suas primeira composições. Outro poeta que exerceu grande influência sobre o seu espírito, foi João de Deus. *Campos de Flores* foi, por muito tempo, o seu livro de cabeceira. Cito esses dois poetas lusos para mostrar o lastro de sua delicadeza lírica.

Por esse caminho seguiu no sentido do lirismo trovadoresco e romântico.

Por outro lado, seguia eu rumo diverso. Nessa época, o parnasianismo sobrepujava os remanescentes do simbolismo que se deliquescia na bizarria dos adeptos extremados, do tipo daqueles que, como Gustavo Santiago, nos falavam de — "oceanos de erisipelas" e quejandas extravagâncias.

Rimbaud procurava dar cor às vogais. Saint-Pol-Roux, criando uma retórica heperbólica, estabelecia a onomatopéia como fundamento da poesia. As palavras tinham, numa dansa macabra, gesto, peso, ressonâncias estranhas, fazendo-se, por assim dizer, *orquestrações de pedrarias* ou concertos abracadabrantes ou patuscos, segundo o rito peculiar.

E' certo que, por último, o futurismo desceu muito mais em destemperos, fazendo tábua rasa do pensamento clássico, das obras harmoniosas e perfeitas. Para mim, acima de tudo, estavam a correção de linguagem e o esmero da forma. Não com o prejuizo da emoção, mas ligando as duas cousas.

Olavo Bilac já nos traçara a profissão de fé:

"Torce, aprimora, alteia, lima
a frase; e, enfim,
no verso de ouro engasta a rima
como um rubim."

Genuino tinha uma índole refratária ao sectarismo das escolas. Obedecia aos ditames de sua inteligência. Seu verso era a expressão direta de seu sentimento.

Raramente publicava o que escrevia. Faltava-nos um orgão de publicidade. Fortaleza vivia, então, em grande apatia mental.

Havia mesmo certa prevenção contra os que se davam às letras. Ser poeta era a pior das recomendações, especialmente para a chamada classe burguesa. Tinha-se *poeta* como sinônimo de boêmio e de vadio, uma criatura à parte, anômala e sem cotação. Poderei ilustrar esta informação com um inocente depoimento pessoal. Certa vez, deu-se uma vaga de caixeiro na antiga "Casa Menescal". Joaquim Magalhães, presidente da "Fenix", intercedeu por mim, com generosas referências à minha atividade e inteligência. Ao declarar, porem, meu nome como pretendente ao lugar, o chefe do referido estabelecimento, atalhou peremptório: — "Não! Poeta eu não quero nem para comprar em meu balcão!"

Não lembro esse fato por vingança. Era apenas o reflexo do momento hostil. Anos depois, dei-me com Antônio da Justa Menescal que sempre me considerou. Nesse tempo, não havia mais a "Padaria Espiritual" ou o "Centro Literário". O principal jornal era "A República", órgão do partido situacionista. Na seção — *Bric-a-brac* — publicava poesias o grupo que pontificava alí. Estávamos longe de ter entrada naquele cenáculo. Era no tempo da "Plêiade".

Diante disso, contentava-me em publicar meus primeiros versos na "Gazetinha", de José Carolino, que me abriu as portas, bondosamente.

Genuino, mas arredio de publicidade do que eu, escrevia para si e para os seus íntimos.

À noite, em nossas reuniões na Praça do Ferreira, era de ver a efusão com que recitava, para nós, os seus versos.

Só mais tarde, fundamos, com Raul Uchôa e Joaquim Pimenta, a revista "Fortaleza" que fez época. Raul apareceu revelando uma cultura invulgar para a sua idade e Joaquim Pimenta é, hoje, um sociólogo ilustre, conhecido em todo o país.

Todos nós éramos rapazes pobres e tínhamos que dar, igualmente, a nossa contribuição para a impressão. Foi uma luta heróica. Lembramo-nos, hoje, com inveja daqueles entusiasmos juvenis.

Desaparecida a "Fortaleza", Genuino de Castro fez parte da revista "A Jangada", que fundamos com Liberato Nogueira e outros. (Liberato Nogueira! Como esse inesquecivel companheiro sabia emular-nos e tanger-nos para frente, com ânimo admiravel, em meio às maiores vicissitudes! Foi vencido pelas contingências da vida, mas, sempre afavel e entusiástico).

Tambem, no "Centro Caliope", sociedade criada para desenvolver, entre nós, o gosto pela oratória, de improviso, foi ele um dos nossos companheiros mais decididos.

Com Gil Amora e João Catunda, dirigiu, em 1911, a "Ceará-Revista". Depois, fez parte, com Carlos Severo, Gil Amora, Josias Goiana e João Catunda, da "Academia Rebarbativa", agremiação de honomia, de humorismo, de pilheria e de blague.

Não sei porque não figura o seu nome em "A Poesia Cearense no Centenário", de Sales Campos, nem em "Sonetos Cearenses" de Hugo Vitor, quando esteve ele ligado a quase todos os movimentos literários operados em seu tempo, em nossa terra.

Não enfeixou os seus escritos em volumes. A maior parte dos seus versos está dispersa em jornais e revistas.

Não conseguiu encarreirar-se bem na vida. Não sabia olhar para o lado prático das cousas. Não tinha fibra encrostada aos embates do egoismo. Manso e humilde de coração, via tudo pelo prisma dos sentimentos bons em correspondência com o amor, para o idilio e para a prece.

Seu temperamento retraido, sua timidez, sua desambição prejudicaram grandemente os seus mais íntimos interesses materiais.

Assim, depois de ocupar vários modestos empregos no comércio de Fortaleza, fez-se pequeno comerciante em Aqyiraz, cidade onde nasceu a 27 de Outubro de 1883, vindo, por último, a falecer em Fortaleza em 1937.

Estiolou sua inteligência na insipidez do ramerrão quotidiano, na melancolia de seu desânimo, na tristeza de sua renúncia, no desencantamento de seu cepticismo, como tantos outros que se deixam vencer sem a força de vontade necessária ao triunfo na existência.

O que deixou ele, mesmo assim, na dispersão boêmia dos seus dias, torna-o digno de um preito enternecido.

———

Ainda há pouco, Gustavo Barroso, rompendo o silêncio que se fez em torno de seu nome, recordou a figura desse companheiro de nossa mocidade, afirmando:

"Era um espírito calmo e contemplativo que, na manhã da vida, as engrenagens do comércio roubaram à boemia e à poesia. Faleceu quase esquecido das rodas literárias fortalezienses, em 1937. Ainda me lembro do tempo em que publicava versos na revista "A Jangada", versos que, muitas vezes, naqueles bons tempos, eram recitados ao piano, nos saraus."

Distante da terra natal, não me é possivel colher os melhores versos deixados por Genuino de Castro. Mostraria o poeta excelente que ele foi, inspirado e cuidadoso da forma e da linguagem, bem diferente desses bufarinheiros que agora degradam o nosso senso poético.

O verso era tudo para ele. Tinha-lhe verdadeira devoção. Não chalaceava das cousas sagradas,

como um bárbaro que destrói aquilo que não sabe compreender.

O que tenho em mão não é bastante para mostrar o que ele vale; contudo já é um bom sinal de seu estro.

De seu "Poema dos Olhos" que, parece-me, não chegou a ser enfeixado em volume, transcrevo alguma cousa.

São sonetos cheios de efusão interior, onde se nota o eflúvio da verdadeira inspiração:

POEMA DOS OLHOS

Olhos roxos da cor saudosa das violetas,
das tristes procissões, dos ocasos sombrios...
Olhos!... Vós sois, assim, como dois monges frios
envoltos no burel das sombrancelhas pretas.

Que é do vosso clarão, cujas vivas facetas
tinham a irradiação dos cálidos estios?
Olhos doidos, cruéis, nevróticos, vadios,
dum dardejar febril de asas de borboletas?

Eu diviso através dos âmbitos profundos
desses olhos, assim, nostálgicos, tristonho,
na calma emocional da dor dos moribundos,

— as manifestações, os presagios medonhos,
de dois mundos ideais, de dois enormes mundos,
cheios dos espectrais fantasmas dos meus sonhos.

E o clarão desse olhar era o canto e estribilho,
que me vinham calar as acres dores d'alma...
Olhar sentimental de fascinante brilho,
— pálio edêneo de luz consoladora e calma.

Quantas vezes, senti sua pálpebra espalma
derramar tanta luz para aclarar-me o trilho
da Vida! E cujo fim não era mais que a palma
que o extremo maternal disputa para o filho!

E foi, sob o clarão dos seus raios discretos,
que medraram, viris, os meus nobres afetos
e irradiaram, cantando, as minhas vãs quimeras;

e, hoje, este olhar sombrio, amortecido e vago,
lembra, tragicamente, o tristíssimo e aziago
clarão que anda ao redor das extintas crateras!

Tanta treva ao redor de teu olhar perdura,
tanta viuvez e dor o martiriza e enluta,
como, se nesse olhar do sol fulgindo à altura,
a luz nunca brilhasse esplêndido e absoluta!

Que estranho sofrimento e inconfessavel luta!
Para ver se, de novo, em teu olhar fulgura
aquela antiga luz impávida, impoluta,
soberbamente bela, imensamente pura!

Uma agonia atroz, uma aflição sem termo,
perlustra desse olhar os infinitos ermos,
numa excerbação de desesperos maus...

E estes esforços vãos, agônicos, profundos,
lembram, sinistramente, a luta de dois mundos,
evolvendo da noite horrorosa do Cáos!"

Não foi só no molde clássico do soneto que Genuino deu corpo à sua mensagem poética. No versilibrismo deu tambem expansão ao seu pensamento como prova de que, sem descer aos dislates modernistas, era capaz de versar outros metros, com agilidade e graça.

MEU CANARIO

Pássaro extraordinário!
Quantas vezes lhe disse: — "Perdulário
da voz, não desperdices tanto
o famoso tesouro de teu canto!
E para que te pões aí, sem auditório,
nesse teu servil conservatório,
a desafiares em líricos bemóis
o colar de cristal de tua voz?"

Seu canto tinha um que de sobrenatural.
Para mim, não havia voz igual,
mais sugestiva,
mais atraente
e palpitante e viva,
que emocionasse tanto o coração da gente.

Triste, pensando, às vezes, eu ficava,
como era que um ente preso assim cantava.

Que trechos musicais, que concerto divino
na garganta de um pássaro franzino!

Pobre e desventurado artista!
Em troca de tão cálida harmonia,
nada recebia
que um punhado de grãos de milho alpista.

No íntimo e, em revolta, a conciência
chamava-me verdugo,
cúmplice cruel do miseravel jugo
de tão preciosa e angélica existência.

Era, decerto, atroz e revoltante
e só de um coração afeito à treva, ao crime,
encarcerar, deter, sem piedade,
a expressão mais santa e mais sublime
e triunfante da liberdade:
— as asas, símbolo bendito
de tudo quanto é grande, esplêndido, infinito!

Sim, — revoltante e atroz:
encarcerar-se um pássaro indefeso !
Mas, se, de fato, o tinha encarcerado,
ele, tambem, por outro lado,
me conservava preso
aos grilhões de cristal de sua augusta voz.

Quantas vezes, numa gesto de emoção,
Não levantei a mão,
e abri, nervoso, a pequenina mola
que servia de fecho à porta da gaiola!

Nunca, afinal,
meu prisioneiro
o intrépido cantor
me foi possivel libertar...
Pois contra a execução de tal
era ele o primeiro
a intervir, a se opor
com a magistral corrente de seu canto.
E se punha a cantar e se exaltava tanto,
num ritmo audaz, cadenciado e dextro
com o orgulho, a exibição e porte de um maestro.
Então, cheio de pena e medo de perdê-lo,
eu fechava a gaiola e tornava a detê-lo.

Mas seu dia chegou, enfim...
Devia ser um dia assim:
— formoso,
pleno de bonança
e rico de esplendor,
em que a vida, num riso de esperança,
nos conduz
para o amor,
para o gozo
e para a luz!

E meu canário
viu nisso o fim de seu triste fadário...
Sensivel como era,
Olhou o espaço azul, mediu a esfera,
e se pôs a cantar, numa alegria douda.
Sua voz encheu-me o ser, a casa toda...

Penso, jamais cantou assim em sua vida
— era a canção final da despedida.

Embevecido, em êxtase, absorto,
numa contemplação de paz e de conforto,
— nem sei mesmo explicar agora quem
a gaiola lhe abriu...

E meu canário, sôfrego, partiu,
num vôo febril — irrequieto e alado —
e lá se foi e se perdeu alem,
na porcelana azul do céu iluminado!

Como o seu canário, calou-se tambem a sua voz de passarinho que a flexa do destino varou, numa manhã festiva.

Morreu com a humildade de um santo.

Seu nome se perde na vertigem dos dias que se sucedem.

Os moços de hoje não indagam de sua existência, passada como uma nuvem esquiva no céu ilimitado.

Mas, para nós, que tão bem o conhecemos, será ele sempre presente em nossa lembrança, redivivo em seus versos.

O AMANSADOR

Amora Maciel

O sertão encanta pelo espetáculo à vista, no esquecimento da adversidade que somente serve para enrijar, mais ainda, a fibra prisioneira de um fado.

A flora em festa se derrama por todos os quadrantes, como se tivesse alma e se entregasse à volúpia de um panteismo irretratavel.

Parece até um carnaval em plena mata: as colombinas são as rolas que torturinam o *fogo-pagou* amoroso e os sabiás brincam de *pierrots* que trocam amores, cantando.

E as árvores tambem: aqui o mulungú vestido de púrpura, ao lado o bamburral odorante e, a frente e atrás, na sequência de cores mais variadas, o amarelo das pega-pegas, as xananas brancas e roxo dos pau darcos.

O Homem, porem, contemplando a poesia que desabrocha de dentro da Terra e do seio das Almas, vive a vida prazenteira dos acostumados à peleja.

Por isso é que Dão Pacatuba, vaqueiro afamado dos Inhamuns, diz consigo mesmo quando, montado no animal campeador, para, um instante, na estrada, para apreciar os horizontes amplos: "Como é bonito o meu sertão! Deus Nosso Senhor não se esqueça da gente e não há terra melhor do Mundo p'ra se morar."

Podia ser castigado — afirmava uma vez por outra — mas somente trilharia as bandas da praia se fosse em busca de um "pedaço de gado", em arrancada para o mar.

Mas o coração nunca está só: tem alvoradas que logo se anuviam, em tons de entardecer, e, quando o dia é inteiramente dia, vem a fatalidade da noite, às vezes deserta de estrelas.

Pacatuba andava triste. Tinha crepúsculos n'alma, que se mostrava à maneira de um viveiro violento e de onde, uma a uma, se partiram as graunas e campinas, deixando as companheiras com saudade.

Quem sabe se pressentimentos de seca ou algum feitiço de mulher?

* * *

Ora o vaqueiro se "escancha no rastro" da rês, pastando nos seus "gerais", ou ronda os mocambos, à cata de surpreender o gado sonolento. E' que prefere ao sacrificio da cabeça à sua entrega o calvário para si próprio.

E ele que na lida com os barbatões, no âmago dos cerrascais, se animava às maiores investidas, não tentaria, nos "vaquejadouros" d'alma, dominar um benquerer?

O pensamento, como vaqueiro, do seu amor, não perseguiria dentro de si mesmo um troço de ilusões, como boiadas de sonhos caminhando para um destino?

Certamente a dor de um coração que sofre, à falta de outro, é muito maior do que a mágoa do sertanejo por não poder encontrar o novilho extraviado.

Pacatuba não seria, porem, a exceção, ele que, no seu mutismo, conversava unicamente com o campo, quando escapulia os "aboios", ou, rédeas soltas e comprimindo o vazio do animal, estimulava a corrida do "Lampeiro", num grito para levá-lo adiante?

Ao "entupir o fundo" no rastro do boi "sagonho", colhido no esconderijo, o seu alazão fratura uma das pernas de encontro ao tronco oculto na "caatinga", como embuscada natural.

Cirurgião improvisado, o sertanejo faz tudo para remediar-lhe os sofrimentos e pratica o trabalho com tal desembaraço que — murmura vaidoso — o membro ofendido podia arrebentar noutro sitio, nunca, porem, no da primitiva quebradura.

Mas o "Lampeiro" estava velho e necessitado de descanso. Urgia, pois, soltá-lo de uma vez, conjeturava o matuto.

E "seu" Dão tratou de unir o lote bravio, encaminhando-o ao curral, para escolher o garanhão "upeador", certo de que o companheiro de vaquejar não prestava mais para nada.

Como era feliz o equino por não lhe ser dado compreender aquelas palavras, fruto, talvez, do desprezo de criaturas que somente veem utilitarismos! Se tudo no mundo é assim, pois é costume, bem humano, agradar unicamente quando se precisa!

Pacatuba, porem, saberia, até ao fim da vida, amar o seu alazão, pois os seus naturais davam, sempre, lições de amor, de uma a outra criatura, e tambem desta ao irracional. Porque, sem os reclamos das Sociedades Protetoras de Ani-

mais, tão em voga na cidade, o homem do sertão, às vezes, levado com o seu corcel aos encontrões no mato, cuida, antes de tudo, da ferida que magoa o bruto, para voltar-se, a seguir, para as próprias dores.

Com o "pai do lote", à dianteira, os quadrúpedes, acossados pelo vaqueiro, tomam-se de assanhamento, na riscadura de um tufão desencadeado pelas alimarias em fúria.

Aqui é a égua que galopa com o ventre crescido, para estacar, adiante, no cansaço de besta parideira. Perto vai o potro selvagem e, mais alem, o cavalo que alevanta a crina, olha para os lados e pula obstáculos, na pressa de tempestade.

Enquanto isso Pacatuba, às suas pegadas, deita a correr o "Lampeiro", que se adianta do lote em alvoroço, cortando-lhe a fuga.

E os brutos se endireitam para a porteira do curral, onde, célere, o cavaleiro salta da sela e, com a destreza que lhe é própria, abre a prisão de estacas ponteagudas.

Mira um a um, os bichos arredios para, sem delongas, escolher o animal "cabano" e escuro, e na certeza de que "se preto é ruim, quando dá p'ra bom chega p'ra lá de bonzão."

Atirando o laço subjuga-o, enquanto, com a ajuda dos conhecidos, arreia o equino, que "é mesmo bom deveras p'ra sela".

Entrementes o "Lampeiro", olhando para tudo, dava a impressão de ter raciocinio e sentir a revolta intima contra o montador de sempre.

Ponciano Quebratudo — mulato parceiro e — jactanciava-se — capaz de carregar o sertão e mudá-lo para outras bandas, quando viesse a seca malvada — intervem, solicitando a tarefa de lutar com o bruto.

Pacatuba, porem, cioso do justo renome, embora entrado em anos, despreza as "saídas" do valetão ganjento: "Não, Quebratudo. Quem foi rei tem sempre majestade. Quero ver se ainda sou o homem de outros tempos. Do contrário — estou resolvido — terei a mesma sorte do "Lampeiro".

— "Seu" Dão, criatura que nem vossemecê deve morrer sempre vaqueiro.

As palavras do outro remexem-no por dentro, como o instrumento do lavrador a terra onde vai semear.

— Sim, Ponciano, sempre vaqueiro... E firmou-se, senhor de nova têmpera, nos estribos retesados, para sair, altivo, com a certeza de amansar o bruto.

— Cuidado — aconselha uma voz amiga — todos ajudam a montar, mas, ainda bem a gente não se firma nos estribos, um a um se retira dizendo que o cavaleiro que se aguente daí p'ra frente.

Era a lição do mundo, expressando-se pela boca do homem do mato.

Pacatuba, transbordando coragem, assusta a quietude das várzeas alegres, até alcançar a distância, quando, como o campeador, o animal, cede tambem ao desalento.

Atrás deles, sem qualquer arreio, surge o "Lampeiro" que, a repuxão, quebrara o cabresto que o prendia à porteira do curral, copiando, do sertanejo, os ressurgimentos de força.

E dizer-se que o irracional tem somente instinto e que o cavalo do campeador não morre por ele!

Estava ganha a disputa: Pacatuba podia, com orgulho, dizer-se vaqueiro digno deste nome.

Ele que, de uma feita, dissera que somente procuraria o caminho do mar quando algum "pedaço de gado" se afastasse, tambem, naquela direção, vive, agora, um dilema terrivel. E' que a seca irrompeu.

Sempre assim: sem ser esperada. Como a viajeira que chegou, entrando de casa a dentro, e louca, sem asilo, deu começo a missão diabólica de arruinar tudo. Porque tem a sina de judeu errante: andar sempre. Mas, quando para, é para cumprir um desígnio de vingança.

O sofrimento da gente se abraça com o da natureza, num amplexo de dor, adivinhando, somente, por quem se angustiou uma vez.

Os cumarús e braúnas levantam para os céus os braços em súplica, enquanto, na pobreza dos carrascos, os umarís "brabos" e mofumbos se apresentam garranchos quebradiços.

Até os jericóis que afloram entre a rachadura das pedras, contraíram as folhas ao rigor da soalheira, como se fossem guarda-sol vegetal, cerrado às intempéries.

O passaredo emigra e, às pousadas, quando se recolhe no galharal desnudo, dá a aparência de sinos ambulantes da mata, em cujo bojo badala a finados o canto soturno das aves.

Aconchegados no ar traem as semelhanças de copas arrancadas, inteiriças, do arvoredo deserto.

O êxodo engrossa. Somente os vegetais não se distanciam, porque as raizes se deteem na terra ressequida.

Permanecem de pé, até que a morte chegue e o arcabouço se desfaça, amontondo escombros. Às vezes, porem, mortos, ainda ficam na postura de sen-

tância que deixou de viver sem abandonar a posição de vigilância.

Possuissem alma e, certamente, pediriam ao viandante que parou, no lado do tronco isolado, o levasse tambem, para longe, onde pudessem florescer todo o ano.

Pacatuba luta com o herói que vive dentro de si mesmo: ir embora ou ficar à espera de que passe a quadra adversa?

A decisão derradeira somente tomaria quando a seca acabasse com o gado e as criações tão faladas.

Um dia fechou a porteira do curral e, olhando as redondezas, concluiu resoluto. O casco da fazenda está aí. Ninguem pode levar, nem mesmo o Quebratudo com a sua força. Só se Deus ajudasse.

Enquanto isso Pacatuba dialoga: dois pensamentos se debatem na sua alma, dois homens discutem, bem escondidos no seu coração.

— Ser desgraçado na terra da gente é sofrer menos do que ser infeliz na terra dos outros, pondera um deles. Na terra onde a gente não anda, feijão dá na raiz e até as vacas dão no boi em terra alheia. O povo deve ficar é mesmo no Ceará.

— Tudo não é Brasil? interpela o segundo.

— A pátria da gente é que nem um pedaço grande do sertão, onde reside uma única família. Aqui moro eu, um irmão mais adiante e, lá ao longe, outro Pacatuba. Cada um no seu roçado, com sua casa e a "obrigação". Os parentes se visitam, mas sempre deixam as rêdes nos seus armadores.

— E se a morada cair de velha ou arruinada pelas águas do inverno? interroga o outro.

— Então a gente fica morando em cima das paredes, até levantar, de novo, as armações e vestir as taipas.

— Vossemecê não vê que os sertanejos morrem de fome ficando aquí.

— Sempre escapa um, com a graça de Deus. Se dois fecham os olhos nascem logo quatro p'ra plantar outra vez. A sina da gente é entregar a alma a Deus onde vem ao mundo e não ir p'ra o "sul" e ser escravo de estrangeiro, que é quem manda em algumas paragens de lá. Isso tambem de Amazonas são conversas. A gente vai, mas, quando não morre nos seringais, passa de volta na Marapatá e não encontra mais a conciência que deixou, p'ra poder enricar. Carrega a primeira que topa e não chega mais o cearense que foi...

— Se no sertão só se vive nos começos e que nem capim: se chove não nasce se nasce o boi come!

— Cearense bom mesmo, de primeira, é que nem o velho Badajoz do Coarí: diz que abandona o Ceará quando a desgraça botar p'ra fora, tambem, a terra onde ele pisa. Quem dera que tudo fosse da mesma raça! Um só abre um roçado, dois fazem um açude e três, iguaizinhos a ele, são capazes de fazer chover no sertão. Um Badajoz desses indo p'ra o "norte", com a graça de Deus, não se apossa da conciência dos outros. E' sempre o mesmo homem.

— Eu queria ir p'ra o "norte" só p'ra ver se fazia uma cousa: mudar um braço do rio Amazonas p'ra o Ceará. Morria, sossegado, pois ninguem emigrava mais. O amansador de gado tambem passava a amansar a seca de uma vez.

— "Seu" Pacatuba, vossemecê pode amansar garrote "famanaz", mas mulher e seca só Deus Nosso Senhor. Ainda está p'ra nascer homem p'ra tanto.

Não vá s'embora. Isso é fraqueza, pois atrás de um sete vem um oito. Mesmo depois da seca de três anos as águas quando voltam parecem querer arrasar o sertão. Vossemecê não é caido de amores pela Maria da Roça? Pode ser que a seca abrande o coração arreliento dela.

— Criatura, eu estava resolvido a não ir embora, mas por causa da matuta sou capaz de arribar mesmo de uma vez. Amor de caboclo é que nem formiga que cresce dentro do peito: entra não se sabe como, até ficar atamanhado como um despotismo. E já se viu tirar um bicho assim grande do coração sem matar?

— Desgraça pouca é "tiquinho" e seca e mulher juntas são duas misérias ao mesmo tempo. Mesmo paixão de campeiro é de arribação: errante como ele.

— O coração dela não, mas o do "dóia" eu ainda tenho força p'ra amansar. Pois fico, gosto de brincar com a sorte.

— "Seu" Pacatuba, agora se aguarde p'ra quando morrer. Vosmecê então trate de pedir ao Criador p'ra amansar a vontade de quem manda a seca p'ra nós. Ganha o paraiso, homem, vendo, todos os dias, a cabocla e fazendo que nem nada. Isso é que é ter coragem, meu velho!

E Pacatuba ficou com a mágoa, suportando, sem poder dar jeito, a seca e a mulher amada, mas à espera de ser, um dia, amansador no céu, como queriam as conversas do seu coração.

Centenários comemorados em 1941

O ano de 1941 está assinalado por um ciclo de festivas comemorações centenárias de vidas que, pela sua importância política ou intelectual, nos trouxeram u'a mensagem de patriotismo que daria às suas existências um sentido mais largo de duração, que a morte física não teve força bastante para destruir.

Entre milhões de seres, esse punhado de indivíduos são como que predestinados a cumprir um destino luminoso, a serviço da Pátria e dos seus concidadãos, se tendo, por isso, tornado credores da admiração das gerações subsequentes, na rememoração admirativa da sua personalidade.

Esse punhado de homens, cuja lembrança o tempo não conseguiu aniquilar, mantendo-os vivos em nosso espírito, na essência do seu valor, é como que uma fiança tranquilizadora de que a força bruta, a intolerância, que em nossa hora dominam o sentimento humano, haverão de ser anulados pela eternidade do espírito e pela força criadora do bem humano.

Na enumeração dessas vidas que se projetaram até o nosso momento, poderá ter escapado uma ou outra, menos brilhante; mas, de certo, alhures será lembrada, e bendito o seu esforço e o seu mérito. Entre outros, nos ocorre lembrar:

CAMPOS SALES

O Decreto numero 3.024, de 6 de Fevereiro de 1941, deu à data de 13 desse mês, um significado oficial de comemoração do nascimento, em 1841, de Manuel Ferraz de Campos Sales, que seria, depois Presidente da República, num instante em que periclitava ainda a estabilidade da nova instituição. E ninguem, como ele, teria ocupado esse cargo, com maior interesse de servir ao seu país, por isso mesmo que "fez do seu destino glorioso um instrumento para a felicidade do Brasil."

Sem embargo, não lhe faltaram dissabores, não lhe foi poupada dignidade e os propósitos superiores de conduzir-se, como verdadeiramente se conduziu, à altura do cargo que ocupou, por indicação da confiança popular. E a sua conciência, inteiriça e sã, menosprezaria a insídia, deixando que a justiça da história se manifestasse com o seu veredictum irrevogavel. Ele foi sobretudo, um exemplo de desprendimento material, que se mostraria nesse gesto impar: ao deixar o governo da República, endereçara uma carta ao Dr. Bernardino de Campos — então governador de São Paulo — endereçando, por seu intermédio, ao Museu Laulista, todos os objetos de arte, jóias, inestimaveis demonstrações do apreço que lhe demonstraram instituições nacionais e estrangeiras, sob a alegação de que, conquanto lhe fossem caros, representavam não uma demonstração individual de consideração, mas, à figura-símbolo da República. Inequivoca demonstração de desapego aos bens terrenos e exagerada escrupulosidade, que não bastariam, na época para redimí-lo ante a opinião pública, movida pela politicalha.

Agora foi a voz da História que se fez ouvir. Inúmeros biógrafos teem tentado revelar em detalhes, o seu carater, para mostrá-lo como um símbolo de patriotismo, de dignidade e de valor, contribuindo para que as comemorações do centenário do seu nascimento, se tivessem revestido de excepcional brilho, e tivessem partido do sentimento do povo.

JORGE JOÃO DODSWORTH

Pelo interesse de servir ao Brasil, pela honradez e pelo valor, Jorge João Dodsworth, conquanto descendesse de humilde família imigrada da Escócia, viria a ser distinguido com o título de Barão de Javarí, com que lhe agraciaria D. Pedro II.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 18 de Fevereiro de 1841 onde fizera os cursos primá-

rio e de humanidades, após os quais transferira-se para S. Paulo, a fim de fazer o curso jurídico — concluído em 1865. Não possuia esse arrebatamento tropical de natureza que o levasse às pugnas acadêmicas que celebrizaram a velha Escola de Direito do Largo de São Francisco, cuja crônica é tanto mais interessante, por nela figurar o nome de inumeraveis figuras que, depois, adquiririam posições excepcionais no governo e no mapa da inteligência nacional. Antes, era um espírito sereno, equilibrado, paciente e preciso.

O Barão de Javarí era antes de tudo um espírito operoso, conquistando, por isso um lugar estavel, donde só se afastaria, num gesto de dignidade, por solidariedade ao Imperador, que a República exilara, do qual era amigo. Durante anos e anos ocupou o lugar de diretor da Secretaria da Câmara dos Deputados, em função do que, pôde organizar e publicar dois importantes trabalhos "Falas do Trono" e "Organizações e Programas Ministeriais" — indispensaveis como fontes de informações sobre o reinado de Pedro II.

Por mais de meio século viveu uma vida harmoniosa. util e que se projetaria na sua descendência — Srs. Henrique Dodsworth e Jorge Dodsworth — revelando o sentido progressista do seu valor. Com a sua esposa, D. Carlota Martins de Toledo Dodsworth criaria um circulo social seleto, com reuniões, sempre encantadoras que ficariam como uma nota de distinção, de elegância e de espiritualidade na sociedade imperial, enquanto que os seus serviços ao país imporiam o seu nome à consideração dos pósteros.

SALVADOR DE MENDONÇA

No seu discurso de recepção, na Academia Brasileira, Humberto de Campos assim evocou a sua figura: "Salvador de Mendonça avulta, ainda agora, na minha imaginação, com a suave poesia de certas legendas medievais. Uma tarde, há sete anos, retirava-me eu de uma redação de jornal, quando cruzei, na escada, com um ancião de rosto erguido e olhos vidrados, que subia, com a mão esquerda sobre o ombro de um moço, e tateando com a direita, a madeira do balaustre. Aquela fisionomia de estatuária grega, era-me familiar. Eu tinha visto, já, em alguma parte, aquele rosto pálido, ornado daquela barba cuidada, quase alva, cortada em ponta. Em que busto de Homero ou de Edipo me haveriam mostrado a q u e l e s olhos apagados? Em que mármore de Lisipo eu teria descoberto aquele brando sorriso de Sócrates, em que se misturavam, completando-se, doçura e severidade? Voltei sobre os meus passos e contemplei o ancião. Era Salvador de Mendonça que, glorioso e cego, ia levar à folha, naquele dia, as suas reminiscências." Cruzaram-se no mesmo caminho áspero, das lidas jornalisticas, duas das figuras mais importantes da cultura nacional deste pedaço de século. Aquele, no ocaso da vida, este no dealbar da mocidade.

Salvador Furtado de Mendonça Drumond, descendia dessa estirpe de espíritos luminosos, que, de berço, já teem reservado, pelo destino, um lugar na posteridade. Nasceu a 21 de Junho de 1841, na cidade de Itaboraí, na antiga Província do Rio de Janeiro, revelando desde muito criança, uma vivacidade extraordinária, aprendendo, sem esforço as lições que lhe ministravam, como a annunciar a sua vocação literária, distraindo-se, logo depois, a ensinar o seu tambem privilegiado irmão Lúcio.

Em 1859, matriculava-se Salvador de Mendonça na Faculdade de Direito de São Paulo, fazendo parte da turma de Bernardino de Campos, Prudente de Morais, Campos Sales, Paulo Eiró e outros. Uma interrupção fortuita, levá-lo-ia a, somente, concluir o curso jurídico em 1869. Durante o tempo acadêmico, porem, revelara-se o escritor e o poeta que seria depois consagrado como glória nacional, antes nas colunas de "A Tribuna Liberal" e, após, no "O Ipiranga". Foi um republicano convicto, por cuja causa bateu-se ardorosamente.

E na República estaria reservada ao seu valor o reconhecimento, primeiramente com a sua inclusão na diplomacia e com a admiração popular da qual não deixou de participar o próprio Estado. Foi um dos fundadores, com seu irmão, da Academia Brasileira, e veio a falecer em Washington, como representante consular do Brasil. Salvador de Mendonça pode, ademais, ser considerando como um dos pioneiros do congraçamento continental, muito tendo contribuido, com o seu valor, para o panamericanismo que, n e s t a hora amarga do mundo, adquiriu um sentido altamente objetivo.

FAGUNDES VARELA

Ferreira de Menezes, no prefácio de "Evangelho das Selvas", assim descreve o perfil psicológico de Fagundes Varela: "Não houve nunca maior desprezador das glórias que os homens dão; cantava como as aves, sem segundo pensar e sem vaidades. Como homem era impossível para a sociedade. O seu amor, a sua crença, a sua religião, eram um panteismo luminoso, atravessado pela idéia de Deus. Sonhava mergulhar de novo na natureza para surgir... onde? Longe, na plena luz. Não se considerava mais do que uma onda, que tinha de enovelar-se, perder-se, e afundar-se no mar da criação: um átomo luminoso, sim, que um dia iria juntar-se ao grande todo."

Assim, com justeza, era Luiz Nicolau Fagundes Varela. Nasceu em Rio Claro, no Estado do Rio de Janeiro, a 17 de Agosto de 1841. O seu destino seria incorporar à nossa sensibilidade, um grande número de versos tão ricos de sentimento e tão harmoniosos, que iriam perpetuar-lhe a memória na nossa admiração.

Fagundes Varela foi dos que cursaram a célebre Faculdade de Direito de São Paulo. E a sua vida acadêmica passou-a entre dissipações, entre serenatas, ceias e poesia, até que encontrou Alice Loande, por quem se veio a apaixonar, que seria a sua companheira e a inspiração de um sem número dos seus mais belos versos. Desse matrimônio nasceria um menino, ao qual a morte arrebataria logo ao ter contacto com a vida, transformando o coração paterno num poço inexaurivel de lagrimas, do sentimento de "Cântico do Calvário".

Espírito boêmio e irrequieto, gastou a mocidade em orgias. Estudou em S. Paulo e em Pernambuco, em cujo transito quase perecia no naufrágio do vapor em que viajava. Morta Alice, casou-se depois com uma prima, de cujo consórcio teve três filhos aos quais dedicou exaltado amor.

Havia em Fagundes Varela orem, uma estranha sedução pela natureza que o fazia exilar-se nas selvas sempre que lhe era possivel. Fixando, definitivamente, residência em Niterói, ali conheceu, tornando-se intimo, a Lúcio de Mendonça, que fá-lo-ia, deois, seu patrono na Academia. Na capital fluminense faleceu em Fevereiro de 1875, com apenas trinta e quatro anos, deixando uma obra densa de valor, plena de harmonia, como esses "Cantos Meridionais", "Evangelho das Selvas" e "Cantos do ermo e da cidade". Foi um extraordinário espirito, cuja duração será ilimitada, podendo ser medida pela protofonia maravilhosa dos seus versos.

XISTO BAIA

Por sugestão de Xisto Baia, Artur de Azevedo escreve essa encantadora comédia "A véspera de Reis", dando-lhe o principal papel que é o do caipira. E tanta emoção lhe emprestou o ator, que o autor assim se referiu: "Não reconheci o tabaréu que inventara. No texto, o personagem estava apenas indicado; o ator dera-lhe tudo quanto faltava, a principiar pelos vícios da linguagem, que tão hilariante o tornavam. Esbocei apenas o tipo Xisto Baia corrigiu o desenho, acentuou os contornos e deu-lhe um colorido admiravel. Das minhas mãos inhabeis naquela noite em claro, na rua da Conceição, saira um titere articulado. Xisto Baia fez-lhe dentro uma alma, deu-lhe uma fisionomia penetrante, tornou-o profundamente humano. Depois dessa primeira representação d'"A véspera de Reis", no "Lucinda", fiz ver ao artista que o seu nome tinha o direito de figurar como o de um co-autor da peça. Ele protestou, não consentiu que eu lhe desse metade dos aplausos que a generosa platéia fluminense dispensava ao comediógrafo, nem metade dos direitos de autor". Isso dito por Artur de Azevedo; basta para consagrar o mérito do artista.

Xisto de Paula Baia, nasceu na Cidade do Salvador, capital baiana, a 5 de Setembro de 1841. Ingressando cedo no comério, sentiu que a sua vocação estava transviada. Todo o seu interesse estava no teatro, ao qual de-

dicava a sua apreciação em todas as horas de folga. Um dia, durante a temporada de uma companhia no lendário "Teatro S. João", da sua terra, pediu um lugar, modesto, humilde que fosse, na cena e o conseguiu. Estava traçado o destino que haveria de cumprir: seria "o mais nacional dos nossos artistas"— ainda na opinião de Artur de Azevedo. Galgou depressa os degraus da publicidade em seu Estado, através o norte, vindo exibir-se no Rio, apenas em 1875, aos trinta e quatro anos. Desde então, a fama lhe sorriu, porque ele provocou esse sorriso, com o riso alegre que lhe era peculiar.

Comunicativo, cheio dessa flama ardente da emoção, ele conquistaria o direito de não ser esquecido, porque, com o seu sentimento, vivificou a alma do seu instante criada pelos outros ou por si mesmo, como na sua peça "Duas páginas de um livro". Como poeta deixou-nos "Ainda e sempre". Vindo de humilde família da classe média, com o seu esforço, com o seu extraordinário talento, fez-se credor da admiração e da simpatia não apenas do seu momento, mas, tambem, das gerações atuais.

BERNARDINO DE CAMPOS

"Grande vulto da história republicana, um dos maiores servidores da República, um dos seus mais apaixonados apóstolos, um dos mais beneméritos dos seus dogmas democráticos, eis o que era e o que foi Dr. Bernardino de Campos. E teve a morte digna de sua incomparavel energia, da sua inquebrantavel resistência; morreu em plena atividade, zelando os altos interesses do glorioso Partido Republicano, cercado da veneração do povo paulista, a cujos destinos, tão indissoluvelmente ligou a sua existência. Seu nome há-de sobreviver na história como um dos patriarcas da República. Há-de permanecer, com um brilho muito intenso e muito puro, na memória das gerações, como um dos grandes beneméritos da nossa civilização e da nossa grandeza." Tal foi como perfilou Eugênio Egas ("Galeria dos Presidentes de São Paulo"), a personalidade marcante de Bernardino José de Campos, Junior.

Esse homem dinamico nasceu a 6 de Setembro de 1841, em Pouso-Alegre, no Estado de Minas, transferindo-se, na infância, com a família para Campinas, em São Paulo, alí radicando-se, definitivamente. Em 1859 matriculara-se na Faculdade de Direito de São Paulo, cujo curso concluiria em 1863. Primeiro, veio-lhe o casamento, depois o interesse pela advocacia, que se iria amortecer porem em seu espírito, cuja vocação era a política. Bateu-se convicta e ardorosamente, pela idéia republicana, conseguindo, pelo seu ardor, a confiança do povo na eleição, em 1888, para deputado provincial. Estava iniciada a sua carreira política. Chefe de Polícia do Estado, Constituinte de 1891, Presidente da Câmara, Presidente do Estado, Senador, Ministro da Fazenda, novamente Senador, novamente Presidente do Estado, prestando valiosíssimos serviços ao seu Estado de adoção e ao Brasil.

Têmpera rija, vontade granítica, Bernardino de Campos fez da sua obra um símbolo perene de fé-nacionalista, exigindo que se lhe reconheça os méritos, apontando-o como símbolo às gerações que surgem. Em Janeiro de 1915, em plena atividade, a morte ceifaria a sua vida. E agora o centenário do seu nascimento, iria constituir uma demonstração insofismavel do reconhecimento pela posteridade do seu patriotismo espontâneo e dinâmico.

PRUDENTE DE MORAIS

Prudente de Morais, — o primeiro Presidente civil da República brasileira, foi uma individualidade de valor marcante, cuja folha de serviços prestados à nação, tornam-no credor da mais sincera admiração popular. Prudente José de Morais Barros, nasceu na Cidade de Itú, em São Paulo, a 4 de Outubro de 1841. Ainda na primeira infância perdera o pai, ficando entregue ao carinho materno que o orientaria para a vida. Concluidos os cursos primário e secundário na sua cidade na-

ial, transferira-se para São Paulo, onde matriculou-se em 1859 na célebre Faculdade de Direito, dali saindo diplomado em 1863.

Iniciara-se na advocacia, logo a seguir, em Piracicaba, mas, seduzido pela política, filiara-se ao grupo liberal, sendo por ele eleito vereador, e consecutivamente presidente da Câmara Municipal, e, depois, Deputado Provincial. Foi dos fundadores do Partido Republicano Paulista, participando na histórica Convenção de Itú. Por duas vezes, ainda no Império foi reeleito para a Câmara provincial, sendo, finalmente, eleito Deputado Geral à Corte.

A sua ação política destaca-se pelo ardor da peleja na tribuna e na fundação de centros, na imprensa por todos os meios disponiveis. Com a implantação da República foi indicado para integrar a Junta Governativa do Estado, sendo, ainda, em 1889, nomeado Presidente do Estado. Foi depois Senador Federal, presidindo os trabalhos da Constituinte de 1891.

Afinal, em 1894, foi eleito Presidente da República, o primeiro civil que ocuparia a mais alta magistratura do país. A sua gestão administrativa está assinalada por inumeraveis trabalhos de absoluta eficiência na estruturação do novo molde da vida político-social admitida à nação. Em 1892 ao concluir o seu mandato, retirou-se para sua terra de nascimento, onde a morte o foi buscar em Dezembro de 1902.

Tomando o leme nacional num dos momentos mais dificeis dessa viagem empreendida pelo Brasil para o futuro, Prudente de Morais, foi um timoneiro intemerato, seguro, conseguindo, por esse patriotismo que lhe era inato, por essa sinceridade que lhe era peculiar, vencer a borrasca que encontrou, deixando o barco fóra do perigo, em porto seguro, donde reiniciaria a marcha para a frente, enquanto se lhe era forçoso admirar a estatura moral, o valor intelectual e a sinceridade patriótica, que ficaram como exemplo.

SOMOS UMA GERAÇÃO ESTRANGULADA

Alfredo Tomé

Conquanto se afirme que os entrechoques econômicos, políticos, morais, religiosos e guerreiros sejam fenômenos que se repetem, sob formas diferentes, e que são determinados pela evolução social, — o que se desenrola hoje em dia é algo de assombroso e definitivo para a história da humanidade. Tudo o que tem acontecido no passado, abrangendo os períodos remotos da barbarie e do claciuismo, as contendas místicas da Idade Média, as lutas pela formação de impérios na Renascença, a etapa agitada da Revolução Francesa, até à hecatombe de 1914, não vai alem de um evolvimento em linha reta do processo histórico, cuja maturação presenciamos. O espetáculo confuso de incompreensão, dúvida, indecisão, absurdos e contradições, que fere a nossa sensibilidade é o começo do fim de uma civilização que sazonou e está prestes a encerrar no corrente século todo um ciclo social evolutivo, cujos primórdios veem desde os dias imemoriais em que o homem era um quase quadrúpede. Os capítulos que documentam a formação da sociedade devem ser classificados como um único, pois que, através das modificações que lhes foram impostas, mantiveram sempre uma unidade harmônica com respeito aos fundamentos básicos da concepção individualista. Esta concepção, no curso do seu desenvolvimento, sofreu sérias alterações, porem nada mais que alterações, senão vejamos: 1.º — manteve intacta a idéia de deus, a qual, de uma ou outra forma, acompanhou as contingências, adaptando-se às necessidades impostas pelas circunstâncias materiais, e moldou-se aos imperativos econômicos; 2.º — jamais tocou na propriedade privada, sustentando-a na sua essência e integridade, apesar das investidas que se teem feito contra a mesma; 3.º — conservou a organização da família com apoio no sistema monogâmico-econômico, resistindo à ação extremada do racionalismo.

Por aí se verifica, portanto, que os três elementos fundamentais da sociedade humana teem atravessado virtualmente incólumes todas as crises e teem sido mantidos por entre fortes traumatismos sociais: — a idéia de Deus, a propriedade privada e a família. Inútil querer-se frizar a evidência remarcada pela estreita ligação entre estes três pontos cardiais e os sistemas econômicos vigentes nos diversos estágios históricos, uma vez que teem evoluido numa íntima interdependência. Prova-o o fato desa trindade ter-se chocado contra movimentos revolucionários, aparentemente destruidores, sem que sucumbisse, acontecendo o contrário, ressurgia mais vigorosa e definida após os embates. E que as convulsões que opulentam o documentário das reivindicações sociais representam cada uma delas uma contribuição a mais para a melhoria do processo econômico de produção e distribuição da propriedade e da riqueza, atuando como instrumento de revisão e ajuste nas relações sociais, adaptando-as, por sua vez às contingências emanadas do aumento de população, do esclarecimento da conciência popular, da amplificação das transações comerciais, do aperfeiçoamento dos meios técnicos de produção e de outras decorrentes. Infere-se que quase todas as agitações populares e militares teem girado em torno desses três fatores fundamentais contornando-os, polindo-os, melhorando-os e articulando-os com os clamores materiais impostos pelo próprio desenvolvimento da vida coletiva. Nunca, porem, esses movimentos foram dirigidos contra essa coluna mestra da sociedade individualista, mas sempre em sentido paralelo e favoravel.

Partindo-se das revoluções agrárias inglesas do século XVI, germe que fecundou através da revolta dos camponeses francesas da revolução de 1789, topa-se com a matéria prima que foi servir de argumento às idéias de Marat: igualitarismo econômico e político na base de uma interpretação rigorosamente popular. Como se vê, a despeito da Grande Revolução vir tarjada de extremismos, de violências contra o clero, de um laicismo aberado no materialismo nascente e de uma demagogia vulcânica, esta terrivel crise nada fez senão arrancar a sociedade ocidental do anacrônico sistema econômico do regime feudal para colocá-la em face de uma éra racional de produção e exploração comercial repousando num liberalismo econômico que se havia de desenvolver através do mundo inteiro com apoio na mecanização da indústria, no progresso da técnica, na melhoria dos transportes e na dilatação das fronteiras econômicas. Aquí surge o imperialismo financeiro que levaria o capitalismo ao ápice das suas contradições, fechando-lhe o ciclo evolutivo e determinando-lhe o choque traumático que hoje assistimos. A própria Revolução Francesa, apesar dos pesares, afinou o diapasão do sistema individualista,

melhorando-o sensivelmente em vez de prejudicá-lo, e manteve intactas a idéia de Deus, a propriedade privada e a família. Foi mais um passo adiante, mais uma contribuição, em que pese a tremenda carnificina. Tudo prosseguiu como dantes, isto é, sobre os mesmo alicerces fundamentais.

Assim tambem as agitações e convulsões sociais que teem brotado tempo a dentro. Cada uma ajudou a humanidade a avançar um pouco, a reconhecer certos direitos dos explorados, a tomar conhecimento de determinadas reivindicações, sem nunca molestar aquilo que sempre lhe serviu de premissa da razão de ser da sua existência. Sem ser-se paradoxal, impõe-se a conclusão de que a vitória dessas revoluções era a vitória do derrotado, desde que a classe social vencida era justamente a que iria usufruir de todas as vantagens da nova ordem, remodelada, azeitada e pronta para render-lhe mais e mais. Derrubada uma classe e substituida por outra, jamais houve entre elas, em qualquer fase da história, profundas divergências orgânicas. O poder nunca se afastara das mãos diretivas dos detentores dos bens materiais. Estes, via de regra, veem mantendo o controle e a própria determinação dos destinos da sociedade individualista.

Negar, por outro lado, movimentos populares esporádicos alimentados por ideais de equidade política e econômica, seria velar a verdade histórica com um manto transparente. Todavia, nenhum êxito obtiveram, uma vez que se perfilavam na marcha dos acontecimentos como uma parcela mínima diante da enormidade dos adversários. Distinguiram-se como erupções isoladas não afetando a estrutura social. Estas manifestações marcaram as origens das primeiras reações coletivas, justificando e explicando a moderna política realista e materialista. A sociedade cresceu com o avançar dos tempos, e progressiva e simultaneamente as antigas reivindicações platônicas foram-se constituindo em colunas mestras inspiradoras das atuais doutrinas revolucionáris. Isto posto, deduz-se que as lutas guerreiras e os conflitos ideológicos dos presentes dias teem as suas raizes nos dias mais remotos da formação social dos homens.

Na segunda metade deste século, o primeiro ciclo da civilização humana atingirá o vértice. Daí por diante iniciar-se-á o novo ciclo da evolução das sociedades humanas, caracterizado por uma adaptação e assimilação de princípios racionais e mais humanos.

Este ciclo pode ser considerado como o começo da verdadeira civilização, encarada pelo ângulo superior do respeito à dignidade do homem no que este possue de mais elevado e nobre: a solidariedade na base de uma cooperação mútua. O primeiro estágio deve ser classificado como ciclo pre-civilizatório.

SÉCULO DE TRANSIÇÃO

Quem sustentar que houve transformações radicais no decurso da história da formação da sociedade humana, incidirá inevitavelmente em erro. Transições, modificações e transformações tiveram lugar, mas todas elas de superfície. Alteravam, quando muito, a superestrutura da sociedade mantendo intocavel a infraestrutura. A história não regista uma transformação radical, enquanto que tranborda de exemplos de modificações até profundas. Nem se podia admitir radicalismo num ciclo civilizatório que não havia amadurecido. E este ciclo, como afirmei acima, vem desde as éras prehistóricas até o século XX, desenvolvendo-se, de um modo geral, sobre os três elementos básicos já citados. Impossivel, portanto, admitir-se a idéia de uma transição radical, — que é concebivel como época de ligação entre duas civilizações — e que é precisamente o que se está processando no decorrer do atual século.

O século XX vem sendo remarcado por uma profunda convulsão de idéias e sentimentos perfeitamente definidos nas correntes políticas amassadas nas ideologias que espelham as modernas contradições econômicas.

São três as correntes vigentes: a democrácia, a facista e a socialista. Não seria novidade afirmar-se que, sob roupagens diversas, estas tendências já foram postas à liça no decorrer da história. Nunca, porem, sob o aspecto realista, decisivo e, se se pode dizer, científico de hoje. A democracia é a burguesia em si, a bem instalada e satisfeita, e o facismo é uma forma política que se definiu por intermédio dos ideais da pequena-burguesia, cujos anseios são apoderar-se do governo e dominar pela força como regime policial e guerreiro que é postar-se na defensiva como barreira ao socialismo. E' um regime transitório por excelência.

Importante é frizar que as correntes políticas em luta neste século se dirigem no sentido da reivindicações objetivas. Nenhuma delas adormece sobre lirismos idealísticos nem se deixa enfraquecer por demagogias retardatárias ao contrário do que sucedia antigamente. A própria liberal democracia que teve muito de exaltação lírica é encarada de maneira diversa. Os seus maiorais ingleses e americanos confirmam que após o conflito guerreiro haverá uma limpeza geral em todos os privilégios e se fará uma revisão para se atender às necessidades e aos direi-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

A Democracia do trabalho e o cooperativismo

E. Vitor Visconti

Podemos conceber um Estado Nacional puramente democrático, mas realizando uma democracia dentro da época realista em que vivemos.

A democracia pura seria o anarquismo. A existência da lei já é uma restrição à liberdade individual, e a lei é a condição essencial da existência do Estado.

E' ridículo o dizer-se que a democracia morreu, porque restringe cada vez mais a liberdade individual, pois o verdadeiro sentido da palavra deveria ser liberdade que não tira a dos outros, que não prejudica a coletividade. O Estado sempre procurou criar o equilíbrio entre a liberdade do indivíduo e o interesse coletivo; óra pendendo para o cidadão, como no regime liberal, com a liberdade econômica, o que tornou o Estado joguete dos magnatas do capital; óra pendendo para a coletividade como no socialismo extremado, em que o indivíduo é anulado completamente, destruindo-se o estímulo, a seleção de valores. É o reinado da mediocridade triunfante.

O ideal, porém, seria o equilíbrio entre as duas tendências, respeitando os interesses coletivos, sem esmagar o indivíduo, cuja liberdade significa o progresso social. Fora disto, tudo o mais é lirismo a 89 ou totalitarismo tirânico.

A democracia obriga o cidadão ao serviço militar, ao pagamento de impostos, cerceia a sua liberdade de praticar crimes, já cria a legislação do trabalho, porque não pode restringir a liberdade econômica, tão prejudicial nas circunstâncias atuais? Já iniciou mesmo essa restrição quanto ao café. Portanto aqueles que se adaptam a errônea interpretação de que a liberdade individual não pode ser limitada, fazem-no por cegueira ou insinceridade.

Com a idéia falsa de que a democracia faliu, os governos tornaram-se usurpadores das liberdades populares. Por isso, aqui, o meu brado: a democracia está mais viva do que nunca. A vós, democratas, compete defendê-la, dentro da realidade da época.

A economia no estado burguês, sempre se dirigiu por uma ordem natural: a lei da oferta e da procura. Na verdade esta lei é exata e, firmados nela própria regulemos a produção, a distribuição dos artigos produzidos e na concessão de meios para formentar a indústria de grupos humanos.

Sabemos que uma excessiva produção trará prejuízo aos produtores e êles terão de reduzir a sua capacidade produtiva. Teoricamente é certo, mas, na prática, os resultados são os peores. Verificado excesso de "stocks", os patrões dispensam os trabalhadores em massa, reduzindo o povo à miséria e restringindo a capacidade aquisitiva do mercado consumidor, num eterno ciclo vicioso, ou jogam a produção no mercado, acarretando a baixa dos preços e a ruina geral. O capitalismo é um demônio que devora os próprios filhos.

Quando a oferta e a procura se refere ao braço, é degradante ver o trabalho tão nobre regateado por vis argentários. É o mercado infame dos escravos do capitalismo. Não seria mil vezes preferivel por leis sábias e previdentes evitar tantos desastres e misérias? Não devemos viver ao acaso dos entrechoques da ambição dos potentados financeiros. Uma sociedade bem organizada deve prever os acontecimentos sociais e orientá-los. É esse o característico que distingue a civilização da barbárie. Do contrário chegaremos a paradoxos, como o de ter a super-produção ao lado da fome!

A sociedade obedece a lei natural, ou melhor, As causas preponderantes, em seus principais lineamentos. Ela é o resultado da luta entre indivíduos ou grupos humanos, desse jogo de interesses nasce o Estado, consubstanciando um direito que procura atender aos interesses da classe ou classes predominantes. Daí surge a idéia de Estado totalitário, no qual as classes se confundiriam; o proletário em que as classes seriam violentamente amputadas do organismo social, tornando-o disforme aleijão ou o cooperativista em que as classes evoluiriam, sendo assimiladas pelas cooperações, numa colaboração que manteria a seleção de valores. Tais idéias surgiram diante da necessidade de fazer o Estado representar o mais possivel os interesses da coletividade.

Na sociedade capitalista o Estado representa a alta burguesia, tendo tendência para não intervir na vida econômica do país, deixando perdurar o cáos de interesses contraditórios em que se debatem as nações burguesas, ocasionando o domínio do mais forte, através das catástrofes que não podemos prever aonde nos levará.

Há uma desigualdade natural entre os homens, quer de tendências, quer de capacidades, mas há também o interesse coletivo a zelar. A democracia gerou uma legislação com esse título, que hoje, se estende à economia. Com a economia dirigida éla comete dois êrros. Erra, porque os legisladores representam interesses que desconhecem e só possuem os políticos, e tambem porque procura limitar a liberdade econômica, atrofiando a iniciativa capitalista, sem criar outra, quando devia garantir a liberdade econômica dos explorados e fornecer-lhes os meios para, organizados em cooperações, lutarem com o capitalismo opressor.

O Cooperativismo deixa que permaneçam as atuais instituições econômicas, mas dará aos trabalhadores, operários e técnicos os meios de criarem suas indústrias, obtendo a liberdade econômica.

Em vez de castigar o abuso do poder econômico ou de criar-lhe pêas, o Cooperativismo prefere conceder-lhe a liberdade de morrer aos pou-

cos ou de procurar um reajustamento, de acordo com os interesses coletivos.

Quando se completar o plano de cooperações, não haverá mais abusos de poder econômico e a legislação sobre a economia caducará por falta de aplicação.

Na liberal democracia encontramos o mínimo de Estado e o máximo de liberdade teórica. Na verdade, a casta capitalista domina o Estado e este não oferece leis de defesa aos trabalhadores.

O Estado liberal, premido pela luta de classes e pela desordem econômica, legisla sobre tais assuntos, produz uma organização híbrida contrária ao seu próprio espírito e atrofia a economia capitalista que não pode se ajustar a tal regime e a liberal democracia degenera em comunismo ou totalitarismo que são sobretudo resultados do sindicalismo, com tendência anárquica.

O sindicalismo foi uma consequência natural da racionalização da indústria.

Na época dos artezãos ou dos pequenos patrões, cada obreiro poderia discutir em particular seus interesses; o excesso da produção se fazia sentir imediatamente e a atividade produtora retraía-se. Essa democracia convinha às relações de produção de uma sociedade de indústria com caracter individualista. Hoje, o indivíduo sozinho já não pode defender-se. Daí as uniões trabalhistas, que defendem o indivíduo em face do capitalismo. A livre concorrência na oferta e na procura do trabalho, no momento, tende a desaparecer. Com a pressão das classes trabalhadoras organizadas sobre as investidas das funções de organização e direção do trabalho, as últimas serão obrigadas a aperfeiçoar a técnica de produção para atender as exigências dos trabalhadores, tornando-se a concentração trabalhista propulsora da racionalização, visto só assim ser possivel ter lucros, aumentar salários, e reduzir o tempo do trabalho, neste último objetivo muito contribue o aperfeiçoamento da máquina, que deverá aplicar-se como real colaboradora do braço e não como sua concorrente.

A racionalização é a aplicação e a coordenação das forças econômicas dos métodos que a razão tira da experiência. Paira acima das ideologias e cabe em qualquer regime que coloque as necessidades econômicas acima do romantismo de falsos princípios democraticos. Ela se opõe à produção sem coordenação, vê o que é util ao conjunto social e restringe às vezes a própria liberdade. No momento de transsição tira aos trabalhadores o direito do trabalho, mas torna a classe unida e forte na defesa dos seus direitos.

A democracia não só consegue direitos como cria deveres, obrigações. A não ser assim, não há governo possivel. O direito deve antes antes atender ao interesse coletivo do que ao individual.

Na época da mobilização das grandes indústrias, das sociedades por ações os obreiros se incorporam em uniões trabalhistas para enfrentar a arregimentação do capitalismo. Esta é, na verdade, uma fase transitória da evolução social. A solução verdadeira é a democracia cooperativista. Aqui estão os lineamentos da mais avançada organização social, no Estado que ainda possue diferenças de classe: de um lado, as uniões trabalhistas, de outro, uniões patronais. Diante dessa modificação das relações da produção, vê-se claramente que não pode mais existir um princípio romântico de liberdade economica, enquanto durar a situação atual, a não ser como capa a dissimular a tirania capitalista.

E' incontestavel que a tendência do momento é o predomínio do direito coletivo sobre o individual. Os contratos de trabalho serão feitos coletivamente. Suponhamos que as uniões trabalhistas contratassem um certo número de homens de labor por determinada paga, então estas horas seriam distribuidas pelo número de trabalhadores organizados em turmas e a paga dividida proporcionalmente entre eles; assim não haveria falta de trabalho, todos poderiam trabalhar, recebendo o máximo de pagamento possivel, sem que isso acarretasse a ruina das uniões patronais. Esses não poderiam se furtar a pagar o justo, pois não só nas uniões trabalhistas encontrariam a conveniente mão de obra, e aqueles, se exigissem o absurdo, trariam a ruina das uniões patronais que, enquanto não houvesse cooperações de produção capazes de substituí-las, significaria desordem econômica, a falta de trabalho, e a ruina deles trabalhadores. Infelizmente a falta de cultura e de compreensão mútua conduz sempre a esse último resultado.

Seria conveniente que as uniões trabalhistas reservassem parte do recebido pelos contratos coletivos de trabalho para fundar cooperativas de produção, crédito e consumo, preparando a futura democracia cooperativista.

Por um perfeito equilíbrio de interesses, as resoluções só seriam tomadas por um conselho de representantes das uniões trabalhistas e patronais, que estudariam as pretenções de um determinado sector de atividade, apurando se de fato as medidas reclamadas conveniam ao interesse geral, e não exclusivamente ao interesse de classe. Era um meio de atenuar os defeitos da luta de classe, atentando estabelecer uma colaboração das mesmas. Acima dos interesses individuais, colocar-se-iam os de classe e, acima desses, os coletivos em geral.

No tempo que a produção tinha carater individual, justificava-se o regime de liberdade econômica, quando havia uma multidão dependendo dos patrões, em vez do "trust" industrial nas mãos dos ambiciosos, que exploram a desvalorização do braço e produzem desordenamento, contribuindo para a anarquia econômica. Hoje, a grande indústria mobiliza os patrões, originando o capitalismo, e os "trusts" influem o Estado e os obreiros se unem e se apresentam como classe organizada, abrindo mão de direitos que podem prejudicá-los.

Não trato de utopias. E' indispensavel nova orientação, dentro do espírito de equilíbrio en-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

O ELOGIO DA PREGUIÇA

Sebastião Fernandes

Escrevendo sobre Machado de Assis, um crítico encontrou entre o escritor brasileiro e Dostoiewsky um traço de semelhança com referência à negação da vida. E apontava que nos dois escritores os personagens pouco trabalhavam. Seus personagens vivem de expediente onde a proteção, ou a boa fortuna evitam o esforço...

Mas será isto uma negação rancorosa do mundo? A tese que o trabalho em si, ou seja a simples atividade produtiva obstruida de seu objetivo, possa dar sentido e elevação à existência do homem é muito relativa. O trabalho serve para limitar o homem e deter sua tendência para algum ideal. Não me referindo aos que sonham com um poema... Mas o trabalho, o trabalho como obrigação, subordina o homem e acaba, pelas circunstâncias, matando qualquer aspiração espiritual.

O ressentimento que há sobre o trabalho é porque ele é imposto, é necessário e obrigatório, e vamos exercê-lo de maneira diferente de nossas tendências e portanto contra vontade. (Os grandes sonhos de detrás dum balcão e da máquina de datilografia!...)

Se de algum modo o trabalho é nivelador nada faz o homem mais vaidoso. Reparem no trabalhador quando vê os que passeiam, os que se espreguiçam nas praias e nos bancos públicos, nos cassinos e campos de esporte e na forma dos epítetos: "malandro", "boa-vida"... E' vaidade, despeito e inveja.

Porque só o invertebrado não sentirá entrar no trabalho a hora sempre igual, igualzinha a qualquer máquina, religiosamente levantar na hora igual, todos os dias, voltando sempre obstinadamente, fingindo não ser um castigo e, como um castigo, cair, um dia, exausto como todos os outros animais; elogiar, porque tem de ser assim, e não se pode mudar ou negar que elogiamos; ficarmos vaidosos de saber obedecer e invejarmos os que são afortunados. Alguns cantam em versos ou ainda pior em discursos, mostrando alegria de ganhar o pão; outros teem alegria de ganhar dinheiro, o que não é a mesma coisa. Mas seria muito ridículo limitar tanto a vida.

A expressão "luta-pela-vida" demonstra quão estúpida é a vida, porque, longe de ser uma alegria, é uma luta. E não me consta que luta seja sinonimo de alegria. Só se for esportiva...

Elogiam o trabalho, e o consideram nobilitante e sem reparar nos que solavancam o ano, a vida inteira, sem uma parcela de recompensa. Isto seria considerar o trabalho como se diz — sem querer pensar, nos discursos sem raciocínio — uma coisa bela!

Trabalha-se porque é a mais facil via para se obter dinheiro. E' verdade que até para se obter dinheiro roubado é preciso trabalho... Portanto não é suprema redenção porque é, como toda atividade, sujeita a *chance*, proteção que fazem de uns mais aquinhoados que outros. Quantos trabalham a vida toda, com todo o ânimo, vigor e dispêndio de energia para glória alheia, num esforço inutil. Dirão que a sorte não sorriu, ficam à margem, trabalhando, lutando, sempre o último, para mostrar que trabalho não eleva.

Não eleva e tambem nivela. E o homem, eterna criança, engendra mais labor: máquinas para destruir montanhas e constroe casas mais altas que as montanhas. Depois resolve destruir as casas, abre na rua uma grande piscina após ter secado outra lagoa e matado todos os peixinhos. E' o progresso. Progresso e lei-do-menor-esforço que espantam espíritos ainda voltados para os tempos tranquilos das vacas gordas. Mas os embaraços vieram mostrar que nem tudo estava errado e o desenvolvimento vertiginoso e guerreiro pouco concorre para que as vacas fiquem mais gordas.

Que adiantou progresso e conquistas da indústria e ciência a desejar que se desvendem mundos melhores, e continuam as coisas mais nebulosas, torturantes, problemas multiplicados e as estatísticas infalíveis mostrando que morremos mais cedo? Os laboratórios trabalhando para as vitaminas-vida-eterna e outros laboratórios aperfeiçoando a pólvora e outras dinamites...

O mundo está dividido entre Voronoff e pão de Molotoff...

Antigamente construiam-se as catedrais como verdadeiros sonhos de poetas; hoje a construção é das usinas; e vemos tanto as catedrais como usinas ruirem os vôo rápido e menos poético dos pássaros.

Que adianta o sonho, a construção, o trabalho, se tudo é desfeito numa volúpia de mergulho? Noutras épocas os covardes riscavam a palavra *homem* para acrescentar *diabo*.

Afinal o progresso é sinal de civilização? Por que etapas de civilização distanciadas dos tempos barbaros, quando não sabemos ao certo o limite da moral e do indecente?

Por isso o realismo da vida presente vai desfazendo umas nebulosas ao passo que vai criando outras com a mudança apenas de côr.

Assim o dia primeiro de Maio vai tomando outra feição do denominado enfaticamente *Dia do Trabalho*. Primeiro porque, sendo dia do trabalho, data com tinta vermelha, na folhinha, alegria anunciativa de que vamos ficar em casa descansando. Segundo uma grande mentira, porque quando na folhinha anunciou *dia de Carnaval*, todos foram pandegar carnavalescamente. No *dia de Ano Bom* há cartões de felicitações e palmadinhas nas costas. Em qualquer data religiosa existem atos e preceitos do ritual religioso. No dia 1.° de Maio, cognominado dia do Trabalho, todo o mundo fica contente porque não trabalha. Logo é uma mentira que precisa ser riscada; e o mundo, que anda tão errado, já está riscando essa lorota. E depois essa data de 1.° de Maio não nasceu, propriamente, para comemorar o trabalho, foi motivada por um choque entre policiais e operários, em Chicago, em Maio de 1886. No momento não se tratou de trabalho. Quando muito no aumento de ordenado e horas de atividade o que é um pouco diferente... Se antigamente havia lutas e revoltas sanguinárias então patrão e operário e os movimentos de classe se agitavam pela redução de horas de trabalho, era prova cabal de que a maioria jamais gostou de trabalho. Aliás não precisa ser grande cientista para notar que nosso mento e músculos dão-se muito melhor descansando do que em atividade. O homem inventando a máquina não a fez para suprir operários, mas para ter alguma coisa que trabalhasse por ele; e o relógio é o exemplo mais facil.

Desde o choque de 1.° de Maio de 1886, em Chicago, viveram os operários lutando por melhor salário colônias de férias, hospital, assistência aos seus filhinhos, enfim, ânsias, desejos, sonhos, que eram berrados em praça pública, transmitidas em folhetos quase sempre de capa vermelha, brochuras suspeitas, dando com muito gente nas galés e nos cemitérios. O que levou o autor do filme "Predestinados" a fazer um diálogo entre dois meninos, no qual, um perguntava pelo pai do outro:

— E seu pai?

— Papai morreu na cadeia.

— Por que?

— Porque falava em redução de horas de trabalho, assistência aos fracos, instituições de amparo as esposas e filhos dos operários...

— Mas isto tudo existe!

— Existe hoje; mas no tempo de papai era proibido pedir atos de humanidade e ele morreu na cadeia...

Num dos cinco livros de Moisés, no primeiro Pentateuco, ou menos enfaticamente, no "Gênesis" já se falava no trabalho. Mas fala-se no trabalho sem hino ou samba carnavalesco. Fala-se sem laudatório, mas como um imposto de expiação do primeiro pecado;

"Pois que deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste o fruto da árvore, a terra será maldita na tua obra; tu tirarás dela o teu sustento com muitas fadigas todos os dias de tua vida. Tu comerás o pão no suor do teu rosto, até que tornes na terra de que foste tomado."

São palavras que venceram o tempo. Nem precisam ser comentadas. Basta o simples enunciado. E então porque a parvoice de dizer que o trabalho dignifica e eleva?

Se no princípio houve a frase biblica mostrando o caminho do escravo e para alguns irracionais que não eram bons artistas nos circos, depois inventaram o domingo, a semana inglêsa e a aposentadoria. E a vitória da máquina, reparem que o automovel venceu de tal forma a carroça que todos os burros entraram em aposentadoria compulsória. E nas folhinhas de outrora havia os "pensamentos": *"Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga"*, lembrando dos que trabalham de noite e acordam tarde...

Aliás um romano já disse que trabalho, seja qual fôr, é uma fadiga. Por isso não diremos que precisamos comemorar o *Dia do Descanso* ou *Dia da Preguiça*, porque há gente para tudo, até mesmo para gostar de trabalhar. Mas no fundo, não há prazer para trabalhar: há necessidade. E ficamos com uma bruta inveja dos índios e dos pássaros que não morrem de fome e não precisam de modista, alfaiate, calendário ou boletim meteorológico para suar, saber quando é domingo, ou as *"duas"* estações do ano.

Mas, na verdade, raramente fazemos aquilo que desejamos ou amamos e nos lembramos dum grande pintor que, ao ser perguntado porque não procurava a escultura nas horas de distração, respondeu que Arte não é distração.

Por isso o melhor exemplo é de Jeová que trabalhou seis dias para descansar no sétimo. Mas já me informaram que ele devia, com o seu poder, trabalhar um dia e descansar os outros seis. Mas o caso verídico da história é que ele trabalhou seis dias e está descansando até hoje... Está aí um bom personagem para Machado de Assis e Dostoiewsky.

Namorada

Marques Rebelo

Se foi de saudade, nunca se soube, nunca, certo é que Antônio perdeu o pai, homem duro, calado e afeito às violências da vida, pouco menos de dois meses após ter visto morrer sua mãe, de morte dolorosa e repentina, quando, ainda moça e extremamente bela, acabava de voltar duma temporada de verão numa estação de águas.

Quando se tem quinze anos, e ele ainda nem os tinha, golpes desses, se não rudes, pouco duram. Pensou em morrer tambem, planejou mil maneiras de suicídio, absorvia-se pela crônica policial dos jornais, onde apareciam, diariamente, os mais absurdos meios, como se elas fossem um figurino indispensavel para a sua escolha perfeita. Fugia para lugares solitários, ruas desertas, ladeiras desconhecidas, onde, no meio do mato ralo, guagimba, herva de São Caetano, tiririca, saiam pedaços de alicerces, o que restava de antigas casas derrocadas e que o enchia dum vago medo misterioso, temendo ver brotar dali as almas dos remotos moradores, mulheres que foram mártires, escaveiradas e tenebrosas nos seus vestidos pretos, escravos cobertos de sangue, sangue vivo, vermelho e servil, que escorrera nos troncos aos chicotes do feitor. Perdia-se nas sombras vazias do Jardim Zoológico, bambuais que gemiam quando o vento soprava, lagos quase secos em que folhas mortas boiavam. Plantava-se junto ao cercado sujo dos jacarés, ficava largo tempo vendo-os amontoados, numa imobilidade de estátua, asquerosos, dormitando aos raios do sol escaldante, e, ar-

rastado por caprichosas associações da fantasia, sonhava a mortes aventureiras nos sertões inhóspitos da África, perseguido por tribus canibais, triturado nas mandíbulas dum crocodilo, num pantanal de águas venenosas.

"Isto passa, é dar tempo ao tempo", achava tia Polú, que era sua madrinha e para casa de quem foi morar. Miuda, insignificante, andar leve e saltitante de passarinho, com tais e tantos especiais desvelos o tratou que, mais depressa do que se poderia esperar, abandonou os trágicos projetos e cuidou só de viver, que a vida lhe pareceu linda. Tinha quinze anos aí. Tia Polú já passava dos quarenta, sofria da vista, levava uma vida sedentária e era muito devota de Nossa Senhora do Carmo, que tinha rica imagem armada no melhor lugar do oratório, todo de vidro, no corredor, extenso e claro corredor para onde se abriam todos os quartos.

Sendo viuva, sem filhos, e possuindo qualquer coisa de seu, que lhe permitia viver em abundância na casa própria da rua Barão do Bom Retiro (que ela chamava de chácara, pois o terreno era fundo e subia, cultivado, até o morro, com um coqueiro no cimo), fazia absoluta questão de trajá-lo com apuro, aguardando assim velhas convicções do tempo do Comendador Ribeiro, seu pai, "que o páu se conhece pela casca".

Antônio era esbelto e pálido, e como mantivesse um começo de buço, que não lhe ficava de todo mal, ao beijá-la para sair — o que fazia invariavelmente depois do jantar para voltas malandras, com o Osvaldo, pelos bilhares da zona — tia Polú obrigava-o a rodar na sua frente, para receber a sua benção, espécie de crítica, sempre a mesma, maternal e boa — estás um bijú".

Talvez fosse bem mais para Dulce, que não era nem tia, nem madrinha, a magra e loura Dulce, que lhe pusera olhos ternos da janela do 27.

Era um chalé baixo, o 27, com enfeites de madeira nos beirais e bolas de vidro azul, caprichosamente penduradas pela varanda, uma varanda tambem de madeira, quase ao rez-do-chão, onde armavam rêdes preguiçosas, para gozar a viração do morro, nos domingos em que o calor se mostrava mais forte e as cigarras, sem parar, chiavam na mangueira de galhos protetores que assoberbava a casa modesta, o galinheiro escondido, o jardim de ruazinhas úmidas e limosas, o repuxo, seco, de cimento e de conchinhas.

Embora da mesma idade, Dulce sabia parecer mais velha do que ele, guardando um ar recatado de senhora, quase um ar de mulher vivida que declina.

De noite, em vez de estudar, Antônio escrevia-lhe extensas cartas, atochadas de metáforas idílicas que entregava com mil cuidados e rubores, logo pela manhã, quando ia para a aula particular do doutor Macedo que, de bigode pintado e pincinê de aros pretos, preparava-o para o vestibular da Faculdade de Direito, "muito difícil, pequeno, muito difícil, que é que você pensa?!"

Erro dos erros do zeloso professor, Antônio não pensava em nada. Para que pensar? Tia Polú é que, pensando por ele, queria-o advogado. Um sonho que formara, um sonho prático, sobretudo. Haveria de tratar dos seus papéis — uma atrapalhada, meu filho, que nem sei a quantas anda! lamentava — e cuidar dos seus bens, que eram dele, afinal, dizia. Dizia isto e ainda mais, a bondosa senhora: que quando chegasse ao terceiro ano, venderia a chácara e compraria um palacete em Botafogo (que tivesse escadaria de mármore era o detalhe) para ele poder entrar na sociedade, como convinha a um moço formado. Antônio retrucara dada ocasião, muito honesto, na certeza dos seus conhecimentos vestibulares:

— Mas, titia, e se eu nunca chegar ao terceiro ano? Se eu mesmo não passar no vestibular?

Tia Polú olhou-o de alto a baixo por cima dos óculos, e, como os seus vidros tivessem a penetração dum raio X, respondeu-lhe com a segurança de quem, vendo por dentro, conhecia o peso da sua sólida ciência:

— Para mim você já está formado.

Cumpre dizer que Dulce não respondia aos botes literários da sua inflamada pena, e Antônio ferido na vaidade, várias vezes reclamou-lhe a indiferença:

— Por que você não me escreve tambem?

— Não, já disse. Para que você há de ser teimoso?

Dava em troca, retratos a cromos, que ele colava prodigamente nos compêndios de filosofia, os únicos que levava para a aula, para abrí-los no bonde, com juvenil e desculpavel pretensão; segredava-lhe promessas, cochichava esperanças "um dia, heim?!" Sim, um dia teriam uma linda casa, pequenina, igual às que ela admirava no cinema, fachada de pedra rústica, com muitos abajures dentro e velinhas acesas na hora do jantar de serviço à francesa. As criadas andariam de preto, com

toucas e aventais brancos, trazendo cartas em bandejas, e, quando ele voltasse do escritório, a pasta dos negócios debaixo do braço, haveria de esperá-lo com um penhoar creme, de arminhos na gola e cauda se arrastando pelos tapetes da entradinha. Antônio condenava: nada de penhoar! Um vestido esporte, saia curta, sapatos de tenis. Ela acedia, mas achava que, ao menos pela manhã, o penhoar tornava-se indispensavel:

— E' muito decente, Antonico, que nariz torcido é este?

— Está bem... Assim para a manhã, vá lá...

Enchia-se de ciumes infundados que o lisonjeavam imenso, emprestando-lhe um ar sumamente agradavel de D. Juan, ele que não conhecia outra pequena que não ela. Contava, deixando os olhos rasgados fóra da vida, "que se tivesse um filhinho, haveria de se chamar Fernando Luiz".

— Fernando Luiz?

— Sim. Não acha bonito, Antonico?

Achava, mas gostava mais de Sérgio.

— Sérgio? — punha o dedo na boca, pensativa — Sérgio?... E'. Não é feio. Sérgio.

E falava, então de amigas que se casaram muito moças e — pobres coitadas! — eram muitíssimo infelizes. Uma até apanhava, "o marido era um bárbaro, não prestava para nada e ela tão boazinha, tão engraçadinha, só você vendo".

Outra, chamava-se Heloisa e morava no 21, tinha morrido de parto na véspera do Ano Bom.

— Parto?!

— Parto, sim, ou você está pensando que eu sou alguma bocosó?

Bocosó?! Santo Deus! Antônio estava a mil léguas deste feio pensamento. Pensava nos seus braços finos e naturalmente vagarosos nos gestos. Pensava nas suas pernas grossas, um desacordo notavel e provocante, com o corpo debil, infantil, com uma cintura de borboleta. Pensava nos seus cabelos crespos, que ela alisava com óleo de côco — "é moda, sabe? A Luizinha usa assim". Luizinha, a filha do doutor Neves, morava na esquina e era a chique da rua, a discutida, a invejada, o modelo de elegância do quarteirão, a pequena que mais aparecia no "Beliscando", secção feita pelo prático da farmácia Minerva (onde o doutor dava consultas gratis à pobreza) no jornalzinho do bairro.

*
* *

A quinta-feira amanhecera úmida e nevoenta.

Veio uma ameaça de sol lá pelas nove horas, mas o chovisco venceu-o e, peneirante e frio, varou o dia e entrou pela noite.

Foi com um tempo assim, desagradavel, mau, que se encontrando na matinê do Excelsior, ele que concebera o amor sentimento tão facil e natural, que bastava duas criaturas se quererem para se compreenderem perfeitamente, recebeu de Dulce a primeira revelação desconcertante.

E' o caso que, quando o leão da Metro bocejou para a platéia, ela, compondo o vestido de georgete, de modo que não se amarrotasse, encostou-se ao seu ombro.

— Você um dia vai me esquecer, não vai?

— Que bobagem, benzinho, que bobagem. Onde é que você foi buscar essa idéia?

— Cá eu sei.

Olhou-a bem nos olhos, olhos que não eram verdes, nem azues, deu-lhe palmadinhas na mão abandonada:

— Não fale assim... Eu gosto tanto de você!...

— Tanto ou muito? perguntou arrastando as sílabas.

— Muito!

Colou-se a ele, gemeu em voz de criança:

— Meu amor.

Teve vontade de repetir com um éco:

— Meu amor.

Mas a ele, que nas suas cartas fazia aparecer estas duas palavras, de quatro em quatro linhas, faltou-lhe coragem para dizê-las em viva voz. Sentiu-se encabulado. Fatalmente perderiam com o seu timbre a força de sinceridade, tal como nos teatros a gente ouve o galã exclamar: Eu te amo! — mas percebe que aquilo não foi dito com o tom da verdade, foi recitado porque estava na peça e nada mais. Positivamente ele não representava nenhuma comédia. Sentia-se sincero, justificava-as interiormente: Que tolice! E as palavras, no entanto, bem as sentia penduradas nos lábios, loucas para saltar.

— Que tolice! insistiu consigo mesmo. Ela me compreenderá. Ela é mulher... (eram os romances que o fortaleciam) E os meus olhos não mentem. Os olhos, as atitudes... Ficou mudo.

Dulce arrancou-se dele e gravou-lhe o olhar, séria, dum sério feroz e elevado. Esteve para

lhe dizer algumas palavras duras, certamente. O rosto afogueara-se e a boca tremia-lhe. Não disse. Veio-lhe uma ternura, como que uma fraqueza que a fosse tomando, tomando lentamente, qual um narcótico .A face perdeu as feições enérgicas. Amoleceu. Esboçou um sorriso triste, depois calou-se novamente ao corpo do namorado, humilde, pequenina e suspirou:

— Ah! se eu fosse rica!...

— Que é isto?! saltou ele da cadeira. — Você não me compreende?!

Fez um gesto de infinita superioridade:

— Compreendo perfeitamente. Não sou tão ignorante assim! Mas, talvez fosse melhor, que não compreendesse.

Atirou-se contra ela:

— Mas você...

Dulce levantou-se:

— Vamos!

Tambem estavam no fim: na tela o cínico de casaca apanhava do mocinho. A gurizada urrava.

*
* *

Na rua de inverno, escura, os bondes passavam iluminados, salpicando lama. As taboletas do armazem combatiam a carestia.

Antônio quis voltar ao assunto:

— Dulce...

Teve um movimento de impaciência:

— Não quero saber de nada.

— Mas... — tomou-lhe o braço.

Agitou-se toda sob o guarda-chuva marron:

— Me deixe!

— Mas, Dulcinha...

Virou-se bruscamente, os olhos fuzilando:

— O melhor é nós acabarmos logo com isso tudo!

Não acabaram. Antônio comprou-lhe uma santinha, uma plaquinha de ouro com o nome dela, um vidro de perfume, perfume extraordinário, escarlate quase, dentro dum frasco na forma de uma coração. Deu-lhe tambem um album para poesias, capa castanha, frizos dourados, acabando, perdulariamente, com o dinheiro da mesada.

Ela copiou mais de cem sonetos com uma letra visivelmente floreada, os títulos em tinta roxa e deixou a primeira em branco:

— Esta é para você escrever um tambem, mas feito por você — está ouvindo? — senão eu devolvo o presente.

— Mas eu não sei fazer, Dulce, eu não sou poeta!...

— Que não sabe o que! Deixe de fita. Você é tão inteligente.

Suou três noites a fio, noites de frio e chuva, frio que amedrontava os ninhos e o reumatismo da tia Polú, chuva que encharcara os canteiros das dalias despontantes. Téco, téco, monotonizava a goteira na folha do tinhorão, téco, téco, as rimas acudiram afinal como pingos de inspiração, que não chegou a ser chuva. Se não foi torrente sempre deu para um soneto: "Pensando em ti..."

Dulce achou-o muito bonito (Não disse que você faria?) Aquela imagem da saudade, então, era uma beleza! Sabia-o de cór.

*
* *

Dona Zulmira, sua mãe, baixa e gorda, consentia mole e protetora nas conversas do portão. A vizinha da esquerda, dona Chiquinha Pacheco (protestante) achando um escândalo, comentava-as com ferocidade. Ferocidade perdida. Boas aquelas horas de assunto muidos: intrigas da Rosinha, mentiras do Virosca (filho da dona Chiquinha), esperança, esperanças...

Raramente eram interrompidas pelo pai, homem grisalho e acabado, que aparecia de pijama e chinelos de corda, gastando pessoal e apropriada mímica, tratando Antônio por doutor.

— Desculpe os trajes, doutor, desculpe, mas é que sei que o doutor não é de cerimônias.

O bom homem, pelo menos, não gostava disso. Nunca fôra de salamaleques e etiquetas, acreditasse. Tinha até raiva, compreende? — fechava os punhos: raiva! Com ele, e irradiava um sorriso, era alí na simplicidade! Era franco, "quem não gostasse..." E, mesureiro, convidava para entrar: "casa de pobre..." Antônio recusava, vermelhíssimo. Seu Rodrigues, então, ficava no portão, cruzava as pernas com jovialidade e vinha um nunca mais de acabar de casos do seu tempo de rapaz (tocara violão). Falava de selos, era entendido, colecionava-os há muitos anos.

— Igual ao meu album de selos do Brasil — só do Brasil, veja bem! não é para contar prosa, mas não vira outro. Vale um dinheirão!... O Antunes... Não sei se o doutor conhece o Antunes da Casa Filatélica? Não? Pois Antunes não se farta de me dizer: — Quando você quiser se desfazer, Rodrigues, já sabe!

Com ele não havia silêncio que durasse:

— Ah, meu tempo!... suspirava para enchê-lo. E relembrava logo os carnavais passa-

dos. Ah, o último que ele brincara solteiro... Fôra um pagode! — gargalhava e repetia: Um pagode! Nesse tempo os préstitos passavam pela rua do Ouvidor (A Avenida ainda não fôra aberta pelo grande Passos, nem se sonhava mesmo, informava) e eram apertões, apertões, — o doutor calcula, a rua estreita como é... — as senhoras gritavam, davam até ataques, sufocações, e a rapaziada nada, tome limão de cheiro! Tome bisnaga! Um pagode!

Antônio arriscava:

— O Carnaval era diferente.

— Diferente?! Outra coisa, doutor! Era o entrudo. O doutor nem faz uma idéia. Olha, vinham para rua bacias, jarros, tinas...

Ocorriam-lhe depois as encrencas do escritório, as piadas do D. Quixote — era do Bastos Tigre, não precisava dizer mais nada! — e as doenças da filha que lhe trouxeram cabelos brancos, o doutor nem imagina!...

— Não é mesmo filhota?...

Acariciava-lhe o queixo, pequeno e saliente, com a mão cabeluda e grossa, a unha do dedo mindinho, propositalmente comprida pelas necessidades do seu ofício. Ela reclinava a cabeça no seu ombro e respondia que sim.

*
* *

Depois de São Pedro, quando, muito habilidoso, fez e soltou um balão gigante de mais de trinta gomos, com a falência da fábrica de calçados, de que era guarda-livros, seu Rodrigues, achou-se sem emprego e até, murmuravam, meio comprometido.

Ficou visivelmente abatido. Emagreceu, a barba crescia-lhe desleixadamente, fugia de encontrar Antônio, não tinha mais hora certa de chegar em casa.

Um dia, levou a sua coleção de selos para o Antunes, vendeu os poucos móveis que possuiam, um piano entre eles, "o piano da Dulce", em que ela tocava valsas lentas no tombar das tardes cálidas, e foi morar, por favor, em casa de um irmão, funcionário dos Correios, nos confins do Riachuelo.

Dona Zulmira tinha um traço caracteristico que a marcava — a conformação. Todo e qualquer desastre que acontecesse parecia-lhe pouco. Balançou os ombros (os seus gestos se sacudiram).

— "Podia ser pior".

Inflexionava esperanças na voz de dentes postiços:

— Um dia se conserta a viola. Se não consertar, paciência...

Muito religiosa, não ia à missa porque não tinha tempo. Ia ao mês de Maria, às vezes, nas noites melhores. Maio é tão frio e o seu reumatismo não dormia — com um vestido de voal estampado, um chale preto agazalhando-lhe a cabeça e o pescoço, pelo braço da filha que ouvia piadas dos rapazes ao atravessar o jardim.

No dia da mudança — o azul do céu abismava — foi se despedir de dona Polú, se bem que nunca tivessem trocado visitas, simples amizade de cumprimentos.

Transparecia-lhe das palavras um dado tom de sinceridade que Antônio não lhe conhecera até aí:

— Vinte anos perdidos, dona Polú, vinte anos perdidos...

Acentuou, assim por alto, alguns planos do marido:

— Tinha umas escritas avulsas, pensava em criar galinhas para vender, vamos vêr se dá certo!

Ofereceu muito a casa:

— Não é minha, seu Antonico, mas é como se fosse. Apareça. Olhe que Dulcinha gosta muito do senhor!...

Tia Polú passou um olhar no sobrinho e disse:

— Há de aparecer, o Antonico não é ingrato.

Dona Zulmira retrucou qualquer coisa, mas ele já não a ouvia. Chegara-se para Dulce, que se mostrava sucumbida, fingindo apreciar o espelho venesiano da sala, raramente aberta, onde nunca entrara.

Requebrou-se toda:

— Você se lembra?

— Como poderia esquecer?

Ela mostrava-lhe da janela a varanda em que se refugiaram, o capinzal, ponto dos seus primeiros encontros. Não diziam palavra. Recapitulavam o passado: lá estava ele, o capinzal dos seus amores! Alí conversaram pelas primeiras vezes, ele confuso, mastigando perguntas, misturando interrogações perfeitamente idiotas, se contradizendo a cada instante, pueril e sem graça, ela mais calma, mais refletida, procurando manter as entrevistas num certo pe de naturalidade, que dele não poderia vir:

— Tem estudado muito?

Confessava que não e ela motejava:

— Que malandro! Tambem... — e piscava um olho, brejeira — com tanto cinema, tantos divertimentos, tantas pequenas...

— Pequenas, não! protestava.

Ela não insistia. Perguntava-lhe pelos canários que ela ouvia de casa, alto, alto, uns carusos!

Antônio rompeu o silêncio:

— E você se lembra, depois, daquele dia que eu...

— Sei, pediu um beijo.

— E'...

— E eu dei? — riu.

— Não!

— Você já estava ficando pirata, hein?

— Eu?!

Pirata! Sentiu-se deliciosamente lisongeado. Pirata! Quis prolongar a sensação:

— E me dá hoje?

— Não.

— Jura?

— Não! — e chegava-se para ele, de mãos para trás, a boca que era um sonho, uma amóra, um...

Tia Polú, tossiu e eles se amedrontaram, maldita bronquite! O sol se encobria, passava bem das quatro. Do lado impar da rua fazia sombra .Dona Zulmira se levantou.

— Você nos leva até à esquina, Antonico?

— Como não, Dulce?

Comovida, agradecida, deixou cair os olhos amendoados, reagiu contra o choro prestes a romper. Desejou-lhe felicidades a sorrir, "que estudasse bastante para não ficar um advogado burro, não é mesmo dona Polú?"

A tia admirava-a. Estavam na varanda. Disseram ainda adeus do portão, pois que dona Polú não descera.

Foram carregadas de embrulhos para a espera do bonde. Antônio prometia que no primeiro domingo, sem falta...

— Hoje é quinta.

— Domingo estarei rente.

— Olhe lá!...

— Vão ver.

Acenaram com os lenços quando o veiculo partiu, rangendo, pelos trilhos que se estendiam. A escola pública despejava crianças em alarido. Antônio viu-se só no meio da rua. O bonde continuava; parou, tornou a rodar, meninos tomaram-lhe a traseira, o condutor enxotava-os, eles saltavam em vaias, e o bonde, verde, ia ficando menor na distância arborisada. Sentiu-se estranho, tonto, aéreo. Desconhecia as casas. Olhava: não compreendia: Onde estava? Os meninos gritavam, gritavam mais alto, mais. Sentiu que tudo gritava e quis gritar tambem: Dulce, Dulce! A voz fugia-lhe. Depois, como se uma névoa lhe tomasse os olhos — via tudo branco na sua frente, branco, leitoso, suspenso.

Nunca mais viu sua primeira namorada.

NOITE DE NATAL DO MOLEQUINHO BRASILEIRO

EZIO PINTO MONTEIRO

Sentado na calçada fronteira do jardim de uma casa rica, o molequinho brasileiro fazia um esforço tremendo para conservar o busto erguido e olhar a sala iluminada, onde se via uma árvore de Natal cheia de brinquedos. Em redor, garotos felizes faziam grande algazarra, mãos dadas a um velho barbado que trazia um saco nas costas. O molequinho vestia um pedaço de calça velha, precariamente seguro por um único botão, e vasto casaco surrado cobria-lhe os ombrinhos pretos. Os olhos fundos e brilhantes espiavam cheios de espanto o esplendor da sala, enquanto que seu pequenino estômago vazio batia doze horas compridas, espaçadas...

Um invencivel torpor começou a apoderar-se do molequinho. A cabeça pesava-lhe sobre o peito, as costas doiam-lhe. Estendeu o corpo na calçada e sentiu-se como que despencado no espaço...

Ela senão quando pareceu ao molequinho que a sala ficava cada vez mais iluminada e que o velho barbado saía, estranhamente pela janela e se encaminhava para seu lado. O primeiro impulso do molequinho foi fugir, mas não pôde erguer o corpo. Tomou-se de coragem, olhou para o velho e viu, quase sem acreditar, que ele fazia uma cara zangada de mentira e lhe dirigia a palavra:

— Dormindo na calçada, hein, seu gurí? Vamos, vá depressa mudar essa roupa e venha brincar tambem!

— Mas eu não tenho outra roupa! — respondeu o molequinho, profundamente surpreso.

— Ah, então não pode entrar na sala; essa calça é capaz de cair... Mas, não faz mal: vá para a sua casa, que eu darei um pulo até lá.

— Mas eu não tenho casa!

— Ai, ai, ai! — fez o velho, parecendo contrariado. — Nesse caso, onde está seu sapato? Quero...

O molequinho limitou-se a levantar a perna para mostrar o pé nú, esparramado e sujo.

O velho fez inconcientemente um gesto de enfado e resmungou: — Este gurí não tem nada!

Depois refletiu um momento, a testa bastante sombreada, e afinal exclamou, já alegre:

— Ora, então você vai comigo à festa no céu; no céu, ouviu? Vamos, levante-se!

O molequinho procurou levantar-se e, novamente, sentiu a sensação de queda no espaço. Mas, não era queda; ele subia, subia...

Entrou nessa noite mais uma alminha no céu: era a do molequinho brasileiro. Foi recebida pelas outras alminhas, brancas, puras, alegres...

Jesús vem tambem recebê-la, um sorriso na face serena. E vendo uma ou duas pequeninas manchas na alvura daquela alminha (pudera! o molequinho andava sempre por lugares tão sujos...) pede a São Pedro uma esponja úmida para limpá-las, ele mesmo, Jesús.

São Pedro, pensativo, observa a operação. E não se contendo, mesmo na presença de Jesús, diz zangado:

— Francamente, gurí, ainda há muita gente má na sua terra!

E, assim falando, São Pedro faz uma caréta tão engraçada, que o molequinho — pela primeira vez naquela noite de Natal — solta uma gargalhada tão gostosa e tão alta que (Deus me perdoe a irreverência) até assustou Jesús...

A felicidade é como aquela ilha...

J. G. de Araujo Jorge

Esmiuçamos a cidade. De automovel, percorremos as montanhas, escalando-as à procura de vistas e paisagens; ladeamos as praias, algumas ainda vazias, extensas, sem uma casa, alem da barra da Tijuca... O mar nessas praias é mais belo, parece uma féra em seu "habitat", indomavel e agitado...

Nossas horas fugiam céleres. Levávamos uma vida inquieta e deslumbrada, procurando esgotar intensamente todos os segundos, abarcar tudo com os olhos, reter todos os instantes, como quem duvida dos próprios sentidos, e receia ver inesperadamente tudo desaparecer. Faltava-os coragem para o despertar, muito embora soubéssemos intimamente que isso seria inevitavel. Não falávamos no passado, não nos referiamos ao futuro. Apenas o presente, só o presente nos interessava, — e que importava o que pudesse vir depois?

Eu, que vinha mantendo uma castidade ardente nas últimas semanas, alimentado pelos pensamentos que me vinham dela, uma castidade infestada de visões lúbricas e desejos recalcados, sublimando-se em sonhos eróticos e insatisfeitos, amava-a intensamente, com a alegria das primeiras posses e das primeiras descobertas...

Ela, vivia, de vertigem em vertigem, e todo seu corpo, que conhecera uma dolorosa e prolongada abstinência, acordava agora no sensualismo dos sentidos ressuscitados. Como a seiva da terra, latente no âmago do chão enquanto o frio despe as árvores e o vento lhe fustiga a face, e que ao primeiro raio de sol, grita na eclosão verde dos brotos, alvoroçados com a luz. Primavera para os sentidos. Cheiro de mel. Zumbido de insetos. Atmosfera morna e cálida. O ar, cheio de luz, saturado de pólem. Os ramos eflorescente abrindo corolas que prenunciam frutos...

Viviamos intensamente, alvoroçadamente. Havia noites em que nos deitávamos ao amanhecer, e só nos levantávamos depois do meio-dia. Ela me chamava de preguiçoso, enquanto eu semi-inconciente saboreava ainda o aconchêgo das cobertas e o calor da cama. Via-a erguer-se. Ouvia-a no banho de chuveiro, cantarolando. O ruido surdo do chuveiro invadia o quarto como uma ducha sonora. Às vezes, pela porta entre-aberta, vislumbrava-lhe o corpo, — aquele corpo que tinha sempre um encanto novo para mim! — quando ela passava para apanhar uma peça de roupa qualquer, enquanto se vistia. Gritava-lhe da cama:

— Mirza!

— Que é? Ela falava de lá: Anda! Acorda preguiçoso. Já passa do meio-dia!

— Queres me fazer um favor?

— Qual é?

— Não passes muito aí pela porta aberta, sim?

— Por que?

Mas percebia de repente o sentido da frase e punha-se a rir.

— Pois vou fechar a porta agora mesmo. Que homem bisbilhoteiro!

Eu rolava na cama impregnada com o cheiro do seu corpo. Deitava a cabeça no seu travesseiro, onde um fio castanho de seus cabelos ficara abandonado. Repetia o seu nome, como se o dissesse só para mim:

— Mirza...

Ela perguntava outra vez:

— Está me chamando?

— Vem cá...

— Vem cá... Ela brincava repetindo as minhas palavras: Vem cá... Parece criança... E me repreendia: — Não vou não senhor. Trate de levantar-se que já são horas. E muito comportamento...

Entrava no quarto, tirava a touca dos cabelos que se soltavam sobre os ombros, e vinha puxar-me da cama. Ainda tinha o corpo úmido e fresco como um fruto de manhã cedo, molhado de orvalho. Acontece que muitas vezes não tinha forças para erguer-me... Sentava-se à borda da cama.

— Não senhor, nada de travessuras... Vamos querido, já está tarde...

— Para que tanta pressa? Tens alguma coisa que fazer?

— Mas olha a hora, veja... Estendia-me o pulso branco, matisado de veias azues, muito finas. Não vamos hoje ao Recreio dos Bandeirantes?

— Ele não sai do lugar...

— Felipe!

Eu beijava-lhe as mãos, os braços. Ela entregava-me a boca. E às vezes, um novo silêncio envolvia o apartamento...

*
* *

Uma tarde subiamos a estrada do Leblon pela Avenida Niemeyer. Tinha uma das mãos na direção e a outra passada sobre seus ombros. O vento desmanchava-lhe os cabelos. Via-se o mar, distante, estendendo-se até perder de vista. O céu tomava uns tons roxos no horizonte. Ela me chamou a atenção:

— Já passamos por aqui outras vezes, mas não me canso de olhar o oceano... Veja aquelas ilhas... olhe...

Mas ao invés de voltar-me para o mar eu olhava o seu pescoço que o vento descobria, alvoroçando-lhe os cabelos que me roçavam nos lábios. Num impeto beijei-a no pescoço. Ela deu um grito e voltou a direção. Instintivamente calquei os freios. O carro ia esbarrando na amurada.

— Querido, você ainda me mata de susto. Ponha a mão aqui.

Ela estava pálida. Fiz-lhe a vontade, pus a mão sobre o seio.

— Vê como bate? Saltemos um pouco, propôs, — quero me refazer do susto.

Desculpei-me, vendo que realmente se assustara.

— Meu Deus, que maluquinho que você é!

Falei-lhe então com um ar sério, o mais sério que encontrei na ocasião:

— Estou me sentido mal, creio que estou doente, Mirza!

Ela sobressaltou-se:

— Doente?

— Sim...

Mas seus olhos perceberam que eu mentia. Não pude deixar de sorrir. Mirza fingiu-se zangada:

— Não basta o susto que já me deu? Está mesmo com cara de doente!...

— Estou... doente de você...

— E' um caso perdido, sentenciou enquanto eu lhe segurava o braço para descer do carro.

Saltamos e sentamo-nos na amurada de pedra que ladeia a avenida. A montanha lisa, nua, descia fundo, e lá em baixo sobre as rochas, o mar rugia fortemente. Impressionante a fúria do oceano solto contra a montanha, a debater-se em vagas sucessivas! O mar estava agitado, e cobria-se de extenso lençol de espumas, cada vez que uma onda arfava o dorso, atirava-se contra as pedras e recuava ferida, a sangrar flóculos alvos.

— Imagine onde cairiamos, — ¡disse ela apontando para o abismo. Nem quero pensar nisso, me arrepio toda.

Tomei-lhe a mão.

— Medo de morrer, querida?

— Sim... de morrer agora... depois, não me importaria...

— Quando, depois?

— Tolice... Digo às vezes coisas à toa, sem pensar...

Pela primeira vez, de relance, a lembrança do dr. Neiva interpôs-se em nossos pensamentos. Naquele segundo mesmo lembrei-me que os dias iam passando, e que bem poucos nos restavam. Irritei-me. Evitei os pensamentos, e respondi procurando reagir sem atinar bem com o sentido do que dizia:

— Não haverá depois... há de ser sempre assim...

Mirza pôs u mdedo em meus lábios.

— Não falemos nisso.

Olhou novamente o mar. Perguntou-me:

— E você... tedia medo de morrer?

— Não... De deixar-te...

— E se eu fosse com você?

— Morreria.

— Mentiroso.

Ela quis dar um tom galhofeiro, e não conseguiu. Eu então repeti-lhe:

— Podes crer.

Mirza voltou-se procurando dominar a emoção que a invadia e encerrar o assunto:

— Acredito. E mesmo que não fosse verdade, gostaria de ouví-lo dizer isso...

Deu outro rumo ao que conversávamos. Procurou o mar novamente com os olhos. Pôsse a falar da ilha que avistavamos ao longe.

— Queria uma daquelas ilhas para nós dois. Viveríamos afastados do mundo... de todos...

Compeendí que ela se referia ao dr. Neiva. O "mundo" ali, era ele, porque sem ele não chegaríamos mesmo a perceber se existia mundo ao nosso redor. Era a segunda vez nessa tarde que a sua "presença" nos ocorria, perturbando-nos. Respondí, evitando pensar nele:

— Como Chopin e George Sand?

— Não, replicou séria, havia gente demais na Majorca... A nossa ilha teria que ser só nossa...

Um automovel que passou com maior velocidade levantou uma nuvem de poeira. Dei-lhe o lenço. Ela soltou uma praga inofensiva contra o estabanado volante que vinha jogar poeira sobre os nossos sonhos. Pensando nisso, disse-lhe rindo-me da cara que fizera:

— Nada como um pouco de pó, para acabar com um pouco de sonho...

Mirza, que se levantara e sacudira o vestido, sentou-se outra vez.

— Pois olhe, gosto bem de sonhar um pouco. Quantas vezes de olhos abertos, fixos não sei onde, movimentava mentalmente uma vida de acordo com a imaginação...

Fez um ar alegre, de quem se lembra de coisas engraçadas, e continuou:

— Verdadeiras maluquices... Criava estranhos enredos na minha cabeça e não raro fazia companhia aos personagens dos romances que lia. Sentia prazer nessa invisivel intromissão, convivendo com eles, assistindo-lhes, em pessoa, os seus movimentos...

Fixou-me um momento, e terminou:

— Hoje, basta-me a realidade... é tão boa que parece fantástica...

— Parece... mas não é...

— Bem sei, e por isso senti medo há pouco, quando falavamos em depois...

Retruquei bruscamente, percebendo que o poder daquela ausência precisava ser combatido:

Ela recostou o rosto em minha mão, e murmurou com os lábios colados:

— Obrigado querido. Tambem pensarei assim...

Voltamos ao carro. A tarde chegava. Distante, para trás da estrada que serpeava colada à encosta da montanha, avistava-se o casário branco de Ipanema com reflexos de sol. A praia parecia ainda maior, mais extensa. Mirza aconchegava-se a mim, e me dizia:

— Tenho às vezes vontade de gritar... gritou não sei pra que... mas gritar, para ouvir a minha própria voz dizendo que sou feliz...

Calou-se, pensou um segundo e perguntou-me:

— Onde vamos agora?

Eu tinha os olhos no caminho que o carro ia devorando, curva após curva.

Diminuí a marcha do automovel e passei um braço pelo seus ombros. Ela chamou-me a atenção, para que não me descuidasse. Falei-lhe com ternura:

— A felicidade, Mirza, é como aquela ilha que desejas... e que, por ironia do destino, é deshabitada...

— Não acho, Felipe porque somos felizes...

— Mas nós não restamos na ilha, Mirza, respondi-lhe sorrindo...

Elvira e outros mistérios

Murilo Rubião

"Todas as coisas são difíceis; o homem não as pode explicar com palavras. Os olhos não se fartam de ver, nem o ouvido de escutar." — Eclesiastes, I, 8.

Às vezes a vida não tem nenhuma paisagem.

* * *

Chamava-se João e tinha herdado o nome do pai, um bêbado.

O sênior gostava de álcool e odiava todas as crianças do mundo, inclusive o filho; o júnior amava Elvira e detestava os mistérios. Os outros meninos preferiam matar passarinhos, brincar de pique e gritar à sua passagem: — Olha o idiota! Olha o idiota!

Não se incomodava. Aprendera com o pai que cada ser pensa à sua maneira e gosta de alguma coisa na vida. Ou aprendera com esta, porque aquele sempre se zangava quando ouvia a pirralhada gritando: — O bêbado tá chegando...

Depois tinha Elvira, os passeios que faziam todos os dias à beira do lago, e este era lindo, tão lindo como a relva que o cercava e os cabelos loiros de Elvira, que às vezes acariciava, outras o vento, que ele não sabia de onde vinha e nem procurava saber. Havia tanta coisa que João não tentava decifrar! Mesmo os olhos de Elvira que se punham tristes e alegres de súbito, sem nenhuma causa aparente.

* * *

Quando partiu do lugarejo em busca de dinheiro para o casamento, não foi triste. Ela lhe dissera que o esperaria. E Elvira nunca mentia.

O tempo escorria rapidamente e continuariam a ser sempre um do outro. O pai não dissera nada, ao saber da sua resolução. Não bebeu menos naquele dia e não se esqueceu de dizer para a meninada da vizinhança: — Macacada indecente! Cada um faz o que gosta e é com o meu dinheiro que eu bebo.

Disse ainda muitos nomes feios, mas o filho já se fôra.

* * *

Do trem não trouxera recordação alguma. Não se assombrara com o engenho nem com os apitos da locomotiva, que até então des-

conhecia. Apenas achara o maquinista um pouco gordo para viver num lugar tão quente. Mas ele devia gostar da profissão, principalmente de puxar a corda do apito.

* * *

Os anos fugiam céleres, e o dinheiro continuava escasso. Todavia, nem por isso, odiava os patrões como os outros operários. Quando estes vinham doutriná-lo para a "Grande Revolução," contentava-se em repetir o seu aforismo: — "Todos os homens são bons, a seu modo, e gostam — de maneira diversa — de alguma coisa. O tempo nada vale ante o ideal."

Nessa ocasião o seu apelido oscilou entre "João-alguma coisa" e "João-ideal". Porem, ele continuava a respeitar a maneira de agir dos outros e a odiar os mistérios.

* * *

Aos domingos lia o jornalzinho da sua terra natal, sem reparar que era sempre a mesma coisa: ninguem matava, ninguem roubava, não havia bailes, as mulheres e os homens andavam direitinho. Somente o Padre teimava em escrever contra a dissolução dos costumes. Não reparava, porque dentro daquelas páginas brancas, cheias de pontos pretos, vinha apenas o lago, a relva e o vento desmanchando as ondas dos cabelos da sua amada.

* * *

Naquele domingo, lia pela primeira vez o jornal. Os seus olhos já tinham crescido demasiadamente ante a notícia que ele tudo fazia para não acreditar. Só existia uma Elvira Soares em Manacá. Mas devia ser outra, aquela que iria casar com Adolfo Correia.

— "Seria mentira ou os homens se tinham tornado maus"?

Por algum tempo se esqueceu de odiar os mistérios e quis negar o direito que cada um tem de fazer o que bem entende.

* * *

Mas, ao cabo, tudo se esvaneceu ante o seu olhar: era rico enfim. Possuia automoveis, tinha o respeito dos homens, criados, vassalos, colares, anéis, uma grande coroa de diamantes para depositar na loira cabeça de Elvira.

* * *

Não foi longa a viagem. Os seus ouvidos se embriagaram, o tempo todo, com uma música suave e longínqua; os seus olhos fitavam docemente os homens que de longe vieram para lhe jogar pétalas de rosas.

Nada perturbava a suavidade do seu pensamento. Mesmo a meninada, que na rua Central, gritava, infernalmente, para alguem que ele não via: — Olha o louco! Olha o louco!

Caminhava a passos lentos em direção ao lago, onde encontraria a sua amada.

* * *

Uma senhora, ao passar por ele observou-o atentamente. Franziu a testa, abanou a cabeça e caminhou rapidamente para a companheira que, mais adiante, a esperava.

— Pensei ser alguem que conheci... (falava mais para si do que para a amiga).

— Não sei o que estará fazendo agora... Foi um capricho... (deu uma risadinha, enquanto a outra senhora olhava para ela, sem nada entender).

— Adolfo tem razão: sou muito caprichosa... Era um idiota, e, no entanto, não consigo odiar-me por ter dito a ele que um dia o esperaria.

* * *

João encontrou o lago, a relva e o vento. Ainda era dia e via o céu juncado de estrelas e luas. Um punhado de luas.

Elvira vinha num bote, remando em sua direção.

Depois vieram outras. Havia tantas Elviras no lago! Tantas quanto as estrelas.

* * *

Quando o crepúsculo penetrou no seu pensamento, povoado de sonhos, João ainda não abraçara a última Elvira. Mas o lago, a relva, o vento, lhe pertenciam para sempre. Tudo se eternizara dentro dele. Enquanto o mundo, longe, já muito longe de seus olhos, continuava a dar aos homens o martírio das horas que destroem e fecundam vidas.

O CHEFE DA CLAQUE

José Queiroz Junior

As enfermeiras passam, rapidamente, na estreita rua de camas, os aventais brancos, magras e tristes. O ar está impregnado de éter. No pátio de ladrilhos cinzentos, uma multidão ex-humana se comprime. Num canto, uma mulher acaricia uma criança sardenta e uma nuvem de moscas voeja sobre o seu seio descoberto, quase comido por uma úlcera. Outras crianças choram e gritam num alarido ensurdecedôr e comovente. Onze horas da manhã. A chuva retine na cobertura de zinco e o frio entra com a dor nessa suja filial da morte. Estão aí sobre os frios ladrilhos do hospital público, os desesperançados e os perdidos, à espera que se vague um leito na estreita rua de camas que eles vêem através os vidros das janelas e por onde passam, tristes e magras, as enfermeiras. Para os sem-primavera é sempre mais frio o inverno. O vento vergasta as árvores do parque sem sombras. Às vezes, quando surge a padiola conduzindo um cadaver, os desgraçados se agitam, egoistas e ansiosos, arrastam-se até à porta, aos empurrões, porque aquele cadaver deixou um leito vazio. São os filhos da rua, as prostitutas e os mendigos, os que não acharam um lugar na vida e andam à procura de um lugar para morrer. Eles sabem que vão morrer. Já estão de olhos semi-apagados. Uma mulher chora, mostrando as brancas coxas cheias de chagas, onde as flores da sifilis desabrocham. Entra um médico apressado, atropelando a imensa massa de membros descarnados, como de um único corpo monstruoso e irreal. O médico recua, chama os guardas, irritado:

— É preciso manter a ordem! Tenham paciência! Do contrário só chamando a policia! É um abuso!

A vozeria recrudesde. O médico some na rua de camas. Uma enfermeira detem-lhe os passos:

— Doutor... O senhor não quer ver o 73? Acho que deu a gangrena...

O médico sorri:

— O doutor Murilo já veiu?

— Chegou a pouco e está na sala de operações. Morreram ontem o 64, o 80, o 39...

— E alguem me telefonou?

— Não. Ninguem. O doutor quer assinar os óbitos?

O médico entra na sala de operações:

— Olá... Olá, Murilo!

O colega gesticula furiosamente, discutindo com o cirurgião chefe o novo desconto em folha para o Instituto de Previdência. Os assistentes, em torno, concordam com sorrisos compreensivos. Está cada vez mais grave a situação dos médicos.

A enfermeira insiste:

— Pode assinar, doutor... Já fiz os diagnósticos como o senhor gosta. Mas acho que o 39 foi tifo. Não tem importância, não, doutor?

— Nenhuma, nehuma, minha filha... Tanto faz morrer de uma cousa como de outra...

Assina os óbitos. A loira enfermeira curva-se sobre ele:

— Quer ver o 73?

— Não. Hoje não. Conheço o caso do 73. Não é nada. Lave bem o braço e ponha as ataduras...

— Mas, doutor Lemos, a ferida do 73 é no pé. É aquele que bate palmas toda a noite, doutor...

— Ahn... O Pedro Pinto... Dê-lhe uma injeção de sedol. Lave bem o pé e ponha as ataduras.

— Mas acho que deu a gangrena. Não seria melhor que o senhor o examinasse?

— Amanhã, minha filha. Amanhã vejo isso... Tenho que chegar cedo ao Tesouro.

Uma outra enfermeira aproxima-se, timidamente:

— Estão aqui os mapas termográficos. O 95 está com 40 desde ontem.

— Bem... Bem... Pode deixar sôbre a mesa os mâpas termográficos.

A enfermeira sái. Os assistentes riem estrepitosamente. O cirurgião-chefe adora as anedotas. O grupo atravessa a estreita rua de camas. Os doentes continuam gemendo. O ar esta impregnado de eter. É dia de pagamento para os médicos do hospital público.

A enfermeira loira está junto da cama do 73, o Pedro Pinto. Um cheiro penetrante de carne podre sobe da perna do doente. A cama esta inteiramente suja. Defronte, um velho de longas barbas brancas reclama, em altos brados, a injeção que o faz dormir. Grita que todos os seus ossos estão se quebrando, que está ouvindo o ranger das costelas que se partem quando ele se vira. Reclama contra aquele cheiro que vem da cama de Pedro Pinto. O 73 está imovel, os olhos fitos no teto, parados e sem brilho. Nunca diz que a perna está doendo, ele não sente nada na perna que está ficando negra. A gangrena sobe devagar pela coxa violácea. Segura as mãos da enfermeira loira.

— Moça, minha perna está tão suja...

Ela desvia os olhos. Amanhã, naturalmente, virá o doutor Lemos e examinará a perna de Pedro Pinto. Um assistente se aproxima, toca suavemente no braço da enfermeira:

— Meio-dia, vamos Ana?

E olhando a perna do 73:

— O doutor Lemos já viu isso? É gangrena... Tem que ser operado, imediatamente.

Afastam-se os dois. Pedro Pinto bate palmas. O assistente continua, em voz baixa:

— Isto é um absurdo, Ana. Este homem não resiste mais à esta operação. Amanhã talvez já seja tarde.

— Está assim há dias.

Agora chegou no pátio. A chuva continua, como se mil bisturís minusculos tentassem cortar a cobertura de zinco.

Ninguem pôde dormir com o cheiro que vem da cama de Pedro Pinto. Ele, alem de tudo, bate palmas a noite inteira, bate palmas, as brancas mãos descarnadas como se aplaudisse um drama qualquer. Os outros doentes afundam-se nos lençóis, tiritando de frio. De madrugada, Pedro Pinto tenta levantar-se, inutilmente, porque a sua vida está fugindo pela perna suja. Aquilo é porcaria, pensa ele, sim, porque há mais de um mês que não toma banho. Os aquecedores estão quebrados. A ferida começou no dedo do pé, naquele calo que foi crescendo quando ele andava com os sapatos do ator Maia, procurando emprego, rua acima, rua abaixo. Calçava 40, mas o sapato que o ator Maia lhe dera, era 38. Uma noite, com uma tesourinha de unhas cortou o calo. No dia seguinte o pé ficou maior ainda, calçava chinelo que achou no camarim de uma atriz. Mas os teatros tinham-se fechado, não havia emprego para ele, nem para os companheiros da Praça Tiradentes. Os atores que eram seus amigos e pagavam-lhe o jantar, todas as noites, estavam tambem desempregados. Ficavam aos grupos, no fundo dos cafés, contando anedotas ou fumando companhias imaginárias. Chamavam-lhe Chefe, lembrando aqueles espetáculos ruidosos, quando no fim das representações, ouviam as suas palmas estridentes, sonoras palmas que comandavam o gosto da platéia. Os companheiros de Pedro Pinto obedeciam àquele sinal como soldados num avanço. Quando o Chefe não aparecia, na porta dos teatros formavam-se grupos de vagabundos, de desempregados famintos, como soldados sem o seu general. Mas os porteiros já os conheciam, bastava proferir o nome de Pedro Pinto e eles entravam para a arquibancada e tomavam posição. A saida recebiam dinheiro para os cigarros. Seus aplausos, porem, eram desordenados, descompassados, secos aplausos sem vida, que a platéia não obedecia. Faltava-lhes o alarido ensurdecedor de Pedro Pinto, o cigarro queimando na imensa piteira vermelha. O empresário mandava descobrir o Chefe, que chegava depois, os olhos faiscantes, cheirando a álcool, para a segunda sessão. As vezes, quando os companheiros silenciavam com o público, o Chefe prosseguia sozinho, imperturbavel e contente, na sua eterna e ruidosa claque. Mas os teatros se fecharam, agonizaram as grandes temporadas. Os vagabundos ficaram com fome pelas esquinas, falavam-lhe:

— Então, Chefe, nada?

— Por enquanto só promessas, pessoal... — E assumindo um ar de tranquila imponência:

— Parece que vamos reiniciar a temporada no Regina. Estive ontem com o Marques. Teatro clássico, pessoal. Vou precisar de vocês...

O grupo ia crescendo em torno do Chefe e só se dispersava pela madrugada, quando as últimas prostitutas se recolhiam.

———

Fóra, o inverno prolonga a madrugada. Pedro Pinto apodrece na estreita cama. Bateu palmas a noite inteira. A febre incinera o seu corpo franzino cheio de tatuagens violáceas, que as mulheres das rua dos Arcos picaram com alfinetes nos seus músculos. Agora está imovel. Não, absolutamente não há nenhum pensamento inquietando Pedro Pinto. Ouve o gemido dos companheiros, a tosse dos sem-nada na estreita rua de camas do hospital público. Depois daquela injeção na veia, desceu sobre ele uma serenidade volutuosa. É como se ele tivesse fugido dalí, criado asas, flutuando suavemente no espaço. A perna está imovel e negra. Mas ele parece que voa, parece tambem que marcha. Os outros doentes parece que se levantaram das camas e estão todos marchando, marchando ao lado dele.

———

Perdeu a noção do tempo. Não sabe se amanheceu. Não. Não amanheceu porque tudo está muito escuro. Naturalmente os dias são sempre claros. A chuva continua caindo sobre a cobertura de zinco. Os que estão esperando no pátio se alvoroçam, de repente. A padiola, empurrada por dois guardas de uniformes amarelos se aproxima. Pára junto da cama de Pedro Pinto. Ele acorda, assustado, os olhos fitos na enfermeira. Ele sabe o que significa aquela padiola parada em qualquer leito. O lábio descorado se abre num riso lento e difícil:

— Que é isso, moça, morri?

A enfermeira consola-o, suavemente:

— Não, Pedro. Você vai para a outra sala lavar a perna.

O assistente que é amante de Ana está triste. Ajuda a colocar Pedro Pinto na padiola, que se afasta, de vagar, pela rua de camas para a sala de operações. Caras amarelas olham pela janela o leito vazio...

———

Para Pedro Pinto talvez não tivesse amanhecido. Mas são quase onze horas, a chuva cessou de repente e o sol, como um moleque loiro está trepado no muro, espiando as árvores do parque. Só os assistentes, jovens estudantes, estão na sala de operações. O cirurgião-chefe marcou a operação para as 10 horas. Pedro Pinto está estirado na mesa, os olhos semi-cerrados e úmidos. A enfermeira loira está inquieta, circulando como um pássaro branco e amigo em torno do Chefe. Um a um os assistentes se retiram. Agora somente Ana e o amante interrogam-se mutuamente.

Ele sugere:

— É melhor telefonar, Ana, para o cirurgião--chefe.

Ela disca, silenciosamente, os números que tem de memória. O cirurgião não pode vir. Afinal, — pergunta ele — onde anda o doutor Lemos? Que faz o doutor Lemos? Será possivel que alí dentro daquele maldito hospital tudo seja com ele? Ana deixa cair o fone com desalento. Os seus olhos estão fitos em Pedro Pinto. Sim. Telefonará ao doutor Lemos. Ele virá em poucos instantes. Os instrumentos cirúrgicos faíscam sobre a mesa. Tudo está pronto. Será uma coisa simples e humana. Ela está extremamente pálida. Porque não terá ela a frieza, a indiferença das outras enfermeiras antigas? Doutor Lemos está em casa, — mas é impossivel — respondeu, a sua vinda neste instante. É necessário que ela compreenda que os médicos tambem necessitam de uma hora para o almoço. Sim, naturalmente, faria o possivel para ir na parte da tarde. Conhecia perfeitamente o caso de Pedro Pinto. Um caso perdido. Depois ele não era o cirurgião-chefe. Afinal de contas por que o cirurgião-chefe não cumpria o seu dever?

Ana deixa cair o fone:

— É inutil, Frederico, eles não podem vir.

O jovem põe a máscara. Olha-a, tranquilamente e pede:

— Prepare o cloroformizador de Richard.

Ela contempla-o, surpresa:

— Não, Frederico. Não faça isso. Você não pode assumir essa responsabilidade. Lembre-se que isto não é permitido.

— Eu quero assumir essa responsabilidade, Ana.

Ela sorrí. Fecha a porta por dentro. Os dois aproximam-se da mesa. Ana põe a máscara do clorofórmio no rosto de Pedro Pinto. Ele sorrí, vagamente. Parece que o estão caracterizando, parece que ele tambem vai tomar parte no drama. Ele tem a impressão de que está no camarim do ator Maia. Pouco a pouco desfalece. A enfermeira traz a caixa de instrumentos cirúrgicos e os coloca, um por um, na pequenina mesa oval, sobre a toalha branca. A amputação é lenta e difícil. A perna está inteiramente podre. Ana segura a vida de Pedro Pinto nos magros pul-

sos frios. A perna de Pedro Pinto já está no balde. O assistente lava as mãos e quando Ana lhe estende a toalha, murmura:

— Sujeito forte... Não esperei que ele resistisse...

Minutos depois a padiola reconduziu Pedro Pinto para a cama 73.

Não batia mais palmas, dormia toda a noite, sem febre. Dias e dias ficou imovel, os olhos cerrados, com medo. Não sabia ainda que estava mutilado. Mas ele não era mais o Chefe. Os teatros com certeza, já estariam funcionando. Hoje a padiola passou três vezes perto da sua cama, por último foi o que ficava defronte, o que se queixava que tinha os ossos quebrados, o que queria uma injeção na veia para dormir. A enfermeira loira se aproxima, escreve qualquer coisa com um lapis vermelho na sua taboleta e diz-lhe, baixinho:

— O doutor lhe deu alta, Pedro Pinto. Você vai embora hoje.

Ele olha-a, sem compreender. Como poderá ele caminhar se lhe cortaram a perna? No pátio de ladrilhos cinzentos uma multidão ex-humana se comprime. As caras estão coladas nos vidros das janelas, olhando o leito de Pedro Pinto que vai ficar vazio. Um velho mendigo, dependurado nas muletas, compreende a situação do Chefe. Faz um gesto, chama o assistente que está ao lado de Ana.

— Doutor, eu estou muito fraco... — e olhando o leito de Pedro Pinto — eu troco minha muleta por aquela cama...

Minutos depois, desajeitado, aos trancos, Pedro Pinto atravessa a rua de camas com a muleta do mendigo. O toc-toc sobre o assoalho, sem ritmo, lembra vagamente a Pedro Pinto aquelas pancadas que se dão nos bastidores, chamando os artistas para a cena.

Fim de vida

Corrêa de Sá

Dezembro estava alí, com um calorão forte, e contudo seu Rogério andava um pouco pior do que era de esperar. O médico, por brincadeira, dizia que eram atribulações digestivas; seu Rogério sempre fôra bom garfo, e para o Natal daquele ano estavam cortadas as comezainas. Mas tentava consolá-lo com o hábito profissional da mentira:

— Não se preocupe tanto, meu amigo. Daquí até lá temos muito tempo. A albumina já estava diminuindo. E' bem possivel que o senhor possa comer um pouco de perú, se as coisas continuarem melhorando. E até mesmo um golezinho de vinho, quem sabe? Porte-se bem, que a recompensa virá.

Mas talvez seu Rogério não pensasse tanto em comida. Tinha tristezas mais íntimas, mais difíceis de sanar.

Em todo caso, como não fazia mais frio, restava-lhe a janela. Era a única satisfação que o doutor lhe permitia. Assim mesmo era preciso que não houvesse a menor sombra de nuvem no horizonte, pois quando o céu se enfarruscava era um horror: tinha de ficar banzando na cadeira de balanço, com os olhos fixos no teto muito branco, sem ao menos a caridade de uma visita para vir contar os mexericos da política.

A mulher, no seu vício de enfermeira, era muito mais severa que o médico:

— É inutil você insistir, Rogério. Com chuva não há janela nem meia-janela. Seus brônquios andam fracos, e se você apanha uma catarreira, dele. Indagava sobre os canteiros afastados, escondidos do mirante. Dava conselhos:
está tudo perdido. Vamos jogar uma bisca para passar o tempo.

Mas a bisca ainda fazia o tempo mais longo. E a visita de "seu" Dionísio — o único amigo que não tinha medo da chuva, tambem pouco adiantava. Por melhor que fosse a conversa, a janela era melhor.

Ao debruçar-se no parapeito acolchoado é que "seu" Rogério conseguia saborear ainda o resto da vida que lhe sobrava. Era dalí que podia dominar o fundo das casas vizinhas, avistar as folhas solenes das palmeiras distante do Horto e, principalmente, gozar as delícias do jardim do Asilo.

Já muito cedo, pela manhã incerta, "seu" Rogério arrastava-se o mais depressa que podia para o mirante, como costumava dizer. Recebia logo o cumprimento amavel dos pardais que enchiam a ramaria da mangueira mais próxima.

— Veja, Carlota — dizia então à mulher, como estes bichinhos gostam de mim! Não é ilusão, não! Olhe: só apreciam bem o miolo de pão quando é dado por mim.

E, com um gesto de quem semeia riquezas, atirava aos pardais uma chusma de bolinhas brancas. Depois ficava olhando, embevecido, familiar com todos eles, designando-os com apelidos afetivos.

Pouco depois começava a faina dos jardineiros. Eram três rapazes fortes, que cuidavam da chácara imensa. Não começavam a trabalhar sem vir dar o bom-dia ao velho doente, de cabeça toda branca, que se interessava tanto por aquele par-

que que não lhe pertencia, mas era como se fosse

— Vocês precisam tomar cuidado com esses morcegos que andam por aí. Se não derem cabo deles, não há sapotí que se salve. E alem disso, me pregam sustos aquí todas as noites.

A alegria maior era ao meio-dia, na hora do recreio das meninas. O pátio em frente ao casarão velhusco, ficava cheio de pequenas de todas as idades, numa algazarra gostosa, pastoreadas por uma freira que era um anjo. "Seu" Rogério exultava de carinho senil! Esquecia-se de que não tivera filhos: alí estavam as suas netas, cheias de vida, cantando e dansando no melhor dos mundos possiveis, produzindo nele um tumulto de quimeras. Sentia-se então felicíssimo, descuidado das misérias do corpo inválido.

Algumas meninas, já habituadas com aquela figura encanecida e de sorriso bom, não deixavam de aproximar-se do muro para saudá-lo:

— Como vai, vovô? Está melhor?

"Seu" Rogério achava sempre uma frase bonita para responder. E se então algumas vezes, uma nuvem surgia para embaciar aquela ventura, tão cândida, era a idéia triste de que não havia dinheiro para dar, de quando em quando, um presente àquelas pobres crianças.

Acabado o recreio, "seu" Rogério voltava para a cadeira de balanço, e tirava uma sésta inquieta, toda entrecortada de reflexões mais ou menos extravagantes. E ficava ansioso, à espera das ave-marias, hora em que o recreio devia encher-se de novo.

Havia quanto tempo estava doente "seu" Rogério? Nem valia a pena pensar. Era tão triste! Só ele contava o tempo:

— Faz hoje exatamente dez meses que estou enfurnado dentro deste quarto. E o doutor ainda não sabe dizer até quando isso vai durar.

Não se referia à vida, evidentemente. Referia-se à doença. Porque tinha os seus planos. Quando se levantasse daí, iria trabalhar ainda muito, ganhar bastante dinheiro. Monologava em voz alta. E de vez em quando dona Carlota achava prudente discordar:

— Para que ganhar dinheiro, meu velho? A pensão que nós temos já não basta? Pois se somos sozinhos no mundo!

Mas ele tinha lá às suas razões secretas. O que a mulher não queria é que o velho se esforçasse demais, tinha medo que o coração não aguentasse. É possivel. No bastante, haveria de encontrar um meio de ter bastante lucro sem fazer muita força. E passava noites insones ruminando projetos. Uma criação de coelhos daria vantagens incalculaveis! Ou de abelhas, que estava mais de acordo com o seu temperamento ordeiro...

Foi quando uma notícia de jornal trouxe rumos mais brilhantes àqueles planos já gastos. Assim que acabou de a ler, chamou depressa a mulher, que estava na cozinha, fazendo uma papa:

— Veja isto, Carlota. Veja que as coisas incriveis tambem acontecem. Um pobre diabo, ao sair da penitenciária, tirou a sorte grande. Quinhentos contos!

Dona Carlota, mastigando uma bolacha, não se comoveu:

— Não sei como é que você, dessa idade, ainda se entusiasma tanto com uma notícia destas. Isso nunca sucede a gente como nós. E depois é bem capaz de ser só propaganda da casa de loterias. Deram uns quinhentos mil réis ao desgraçado para contar a história aos jornais.

E soltou um muchocho desconsolado.

Mas "seu" Rogério, de olhos virados para a escuridão da noite que envolvia o jardim do Asilo, protestou com doçura:

— Não diga isso, minha velha! A justiça de Deus tem os seus caprichos que nós muitas vezes não compreendemos. Olhe: tenho certeza que esse homem tirou mesmo a sorte, e não era culpado do crime por que o condenaram. Agora tem o seu prêmio, para compensar o erro dos juizes.

Balançou-se demoradamente na cadeira, e depois acrescentou:

— Quem sabe se eu não estou cumprindo aquí uma pena injusta? Quem sabe se Deus não irá compensar-me com prêmio igual quando eu sair deste quarto? Quinhentos contos!

Foi a custo que dona Carlota reteve uma lágrima no canto do olho. Tornou-se muito meiga para dissipar a indiferença com que entrara, e perguntou trêmula:

— Para que tanto dinheiro, meu velho?

"Seu" Rogério continuava absorto na contemplação da noite, agora fresca. Os morcegos impertinentes guinchavam bem perto da janela.

— O Natal vem aí — falou por fim o doente, com voz cansada. — As meninas vão ter uma festa linda. Mandarei armar um teatrinho lá no fundo do jardim, mas coisa muito melhor do que fizeram no ano passado. E depois, quando construir um parque de diversões completo para essas pobres infelizes. Tratarei tambem da roupa, pois esses uniformes já andam bem surrados. E então é possivel que me nomeiem mordomo do Asilo...

Pouco depois adormecia, cabeceando na cadeira, com a certeza de sonhar com um palpite infalivel.

Os pombos

JAYME SISNANDO

Quando papai morreu, nossa casa em Fortaleza ficou como um barco sem piloto, sem saber que direção tomar. Tudo deixávamos sempre sob a direção daquele habil timoneiro, de modo que nem calculávamos a sua possivel falta e, quando esta se deu numa triste manhã de Agosto, ficamos desorientados, sem sabermos que fazer.

Finalmente, pouco tempo depois, meu irmão mais velho foi abrir uma enorme loja no Crato, dos Srs. R. C. Schaumann & Cia. Uma de minhas irmãs foi para a sua companhia e a mana mais velha foi para casa de uma nossa tia, levando-me tambem.

A nossa madrasta, tendo comprado uma pequena casa na rua Pedro Borges, foi morar na mesma com os filhos.

Antes porem de se desmoronar o lar, onde tínhamos vivido tantos anos juntos, eu vivia a minha vida de infância, enfadonha, morosa, aborrecido por causa do crescimento retardatário, temendo ficar nanico. Para agravar esse estado de coisas, todos os parentes e conhecidos, que nos chegavam do Crato, gostavam de fazer comentários sobre a minha pequenez física, comentários esses em que sempre eu descobria sinais de ironia.

Tinha uma vontade louca de entrar numa escola primária, onde aprendesse a ler melhor e a contar. Alem disso eu teria um pouca mais de liberdade, a alegria ruidosa dos recreios. Meu pai todavia se opunha sempre. Dizia que eu era muito traquinas e franzino e que não mo permitia. Tambem não consentia que eu brincasse com os meninos da vizinhança e, sempre que eu tinha qualquer desavença com um deles, não se esquecia de castigar-me. De modo que eu ia perdendo a oportunidade de ir conhecendo o carater de tantos futuros componentes da sociedade. Assim vivia eu, achando que o tempo era mais vagaroso do que um a eternidade. Para passá-lo melhor, brincava com meus irmãos menores e lia, lia muito, tudo o que podia obter por empréstimo: "O Tico-Tico", "Rafles", "Bufalo Bill", "Sherlock-Holmes" e inúmeros livros de histórias.

Nesse tempo eu me entregava tambem a criação de pombos e o meu pai não se incomodava que eu esburacasse as paredes do alpendre, pregando os caixões onde as aves se aninhavam. Logo pela manhã, acordava e, sacudindo o milho numa caixa, recebia-lhes as saudações, expressas pelo estalar das asas. Esvoaçavam em torno de mim, pousavam-me nos ombros, na cabeça, na caixa do milho, até que eu os fazia voar para o terreiro, sacudindo sobre este punhados de ração. Depois, via-os a tomar água, a carregar palinhas para a construção dos ninhos, ou irem alimentar os borrachos. Muitas vezes eu mexia com eles, irritava-os para que me beliscassem a mão ou me batessem com as asas. Nessas ocasiões eles arrulhavam zangados, e giravam para um lado e para o outro, inchando o peito, como num brado de protesto. Outras vezes, agarrava um deles e, indo até o fundo do quintal, arremessava-o com toda a força para o ar, afim de lhe ver o anseio com que se dirigia logo para seu pequenino lar, em busca dos filhos e da companheira.

E como eram lindos os meus pombos! Brancos, morenos, pretos, cinzentos e furtacores, sempre gordos com o milho que eu conseguia com tanto sacrifício. Para adquirí-lo vendia jornais velhos no armazem próximo, frascos e garrafas vazias

numa farmácia do quarteirão e, às vezes, até me privava dos vintens que o *velho* me dava para a merenda. O que desejava era ver aquela alegria feliz das aves, e isso me dava felicidade. Mas tudo na vida tem um fim. Às vezes quando menos esperamos. E foi isso que aconteceu àquele período de minha infância.

Minha irmã, indo comigo para casa da minha tia, disse-me que eu levasse os pombos para o Sr. Bitú, proprietário da pensão do mesmo nome, na Praça da Sé. Acrescentou ela, sem refletir na grande mágua que causava a meu coração de criança:

— Leve-os Jaime, para que o Sr. Bitú arranje uma excelente fritada para os hóspedes.

Calculem: os meus ricos pombos transformados em fritada!

Visava ela, a conselho de uma senhora. Mme. Sarah, residente na mesma pensão, e para quem fazia inúmeros trabalhos de modista, arranjar para eu fazer as refeições alí gratuitamente, como aliás arranjou. Porem que infelicidade! Nunca mais esqueci as pobres aves.

Eu sempre obedecia à minha irmã cegamente, desde que minha mãe falecera, deixando-me com três anos apenas. Ela substituira com seu afeto os carinhos maternos, de modo que os seus conselhos eu os tomava como verdadeiras ordens. Eu não os discutia nunca.

À noite, pus todas as aves em imensa gaiola e, escondendo as lágrimas, com o coração apertado, um nó na garganta, eis-me como si fosse um prisioneiro russo rumo à Sibéria. A prisão estava dentro de mim mesmo, porque levava à morte aqueles inocentes seres, criados por Deus e confiados à minha guarda. E como iam tristes em busca do seu destino! Eles que voavam sempre com a maior liberdade, pelos telhados, espiando as casas vizinhas, sujeitos agora àquela situação humilhante!

Como se compreendessem que deve haver solidariedade na desgraça comum, já não brigavam. Eles que viviam sempre a trocar golpes de asa, quando se achavam juntos! Eles que viviam orgulhosos, inflando o papo, a rodopiar como se fossem piões cobertos de penas, como diria Humberto de Campos, numa imagem feliz.

E durante todo o trajeto eu ia a refletir sobre as coisas da vida. Jamais tivera coragem de comer um só daqueles pombos. Um dia eu dissera para meu irmão primogênito:

— É tão bom pombo cozido! Vou matar um.

Porem ele, que tem o coração sensivel, atalhou logo:

— Não, Jaime! Não faça isto com os bichinhos.

E eu abandonei a má idéia.

E durante todo o percurso eu ia recordando o rumor das asas e arrulhos que pareciam guardados nos meus ouvidos. Como que ouvia o pio doloroso dos borrachos ,sem ninho, chamando pelos pais. E nos olhos redondos dos pombos eu tinha a impressão de que havia lágrimas, soluços na garganta silenciosa.

Tinham eles sentimentos humanos? Compreendiam a extensão de sua desgraça? A enormidade daquela injustiça? Quem sabe? Eles se conservavam tão calados, tão cheios de medo e a sua mudez parecia encerrar tanta súplica! Repito nunca mais consegui esquecê-los.

E agora que a terra vai-se transformando cada vez mais num mar sangrento, eu me lembro deles. O mundo é uma grande fritada, feita de corações humanos, de almas que lutam desesperadamente, em vão sem poderem fugir.

O complexo da sêca

Anésia Andrade Lourenção

A minha Remington ficava de encontro à parede, para a qual, de quando em quando, eu erguia os olhos cansados, sonhando ver ali uma pastagem bem verdinha, a faixa azul de um rio coleante, pássaros de belas plumagens e manchas róseas de paineiras em flor, a cuja sombra dormitassem nédias vacas holandesas e tão branquinhas como o leite que o "ofice boy" costumava trazer-me às três horas em ponto. Mas uma tossezinha curta e seca, como o estalido de uma acha de lenha que há muito se separou do tronco, me obrigava a desviar os olhos para a esquerda. E eu encontrava a figura alta do "seu" Secundino, curvada sobre outra Remington, catando na ponta dos dois indicadores as letras do teclado e já trauteando uma daquelas suas canções que eu nunca entendia, mas achava sempre de uma tristeza de matraca misturada a dobres de finados. Os galhos da minha paineira então se transformavam em braços retorcidos e as flores côr de rosa em mãos lívidas, descarnadas, voltadas para o céu numa súplica angustiosa de piedade; o rio azul era a fila de seres espectrais, rumorejando e sangrando os pés no carrascal pardo em que se fizera a pastagem verdinha e os pássaros tomavam a forma de feios urubús, grasnando e enlutando o corpo branco e chupado das minhas pobres vaquinhas leiteiras. Isso quase sempre ocorria na tarde de sexta-feira ou pela manhã do sábado. Eu olhava algum tempo o chumaço de cabelo escorrido na testa do "seu" Secundino, depois ia à janela, abria as folhas de par em par e esperava alí até que a brisa do mar varresse de minha mente o último traço daquelas pinturas bucólicas e dantescas.

Mas quando, de volta, eu estava arrastando a cadeira para o reinício do trabalho interrompido, ainda que todos os observatórios anunciassem tempo seco e estavel por 48 dias a fio e o sol se refestelasse no céu abul, comodamente, como um rei gorducho num trono do seu agrado, era infalivel a pergunta do "seu" Secundino:

— Chove sempre, D. Elvira?

— O senhor está doido, "seu" Secundino? Chuva com um tempo destes? Espia só a cara rechonchuda e sadia do sol!

Outras vezes eu me irritava; para me consolar do termometro marcando 38 graus à sombra e das borbolhinhas desagradaveis do suor que se derretiam a "maquillage" e minavam, pela raiz, a arquitetura dos meus cabelos, eu dependurava na minha frente o elegante "maillot" de elastec, que eu ia estrear na manhã do domingo, todo crespinho e roxo como um maço apertadinho de violetas dobradas, quando vinha a pergunta maníaca do meu vizinho.

— Por favor, "seu" Secundino! Não fale em chuva com um dia assim! Isso até é mau agoiro!

— Fica zangada não, bichinha! "mas, no mesmo instante, corrigia:" Desculpe, D. Elvira; bichinha é lá pr'as bandas do nordeste. E os "esses" "erres" da voz cantada do "seu" Secundino ficavam longo tempo arpejando pela sala.

Quando chovia "seu" Secundino era outro, muito mais vivaz e espirituosa a sua loquacidade de homem do norte e parece que até o seu corpo se rejuvenescia, refrescado pelas "benditas lágrimas de São Pedro", na sua definição prolixa para a chuva. Sentava-se mais erecto, não se lhe via o cabelo rebelde pelos olhos e, em vez de canções tristes, no seu fluente e pitoresco linguajar, contava-me coisas interessantes da vida no Crato, as lendas do uirapurú e, por fim, as cenas tétricas de retirantes que rondavam as gaiolas salvadoras, com a fúria igual dos espectros tenebrosos, rondando moradias na Baía dos Trespassados, em busca de sepultura para os seus ossos, sem abrigo. Comigo era o inverso; nesses dias encharcados, sentia o palpitar manso de minha alma se fechando e tinha a impressão de ser uma daquelas minusculas "onze-horas" que pontilhavam de roxo trechos do meu caminho e que antes do meio-dia, invariavelmente, tinham as pontas das pétalas bem unidinhas no alto. Calada, muito menor na minha cadeira, caia sobre mim a exhuberância do "seu" Secundino, enquanto uma saudade intensa ia me apertando o coração, porque eu me lembrava da enorme flor de baile, que só enchia a varanda de nossa casa com o perfume de suas pétalas espalmadas, a horas mortas da noite. O sofrimento saia tão vivo, tão fresco dos lábios do "seu" Secundino, que o som da chuva já era o gemido dos flagelados, obrigando-me a engulir um soluço e a esconder uma lágrima que me ficava sempre de prontidão no canto dos olhos, para brilhar sob qualquer pretexto, quando não havia sol para secá-la.

Modesta datilógrafa, eu entendia apenas da minha velha máquina e dos relatórios e cartas comerciais, que me davam para copiar; mas estava muito em moda a palavra "complexo" e, por várias vezes, espremida na minha ignorância, no bonde ou no ônibus, costumava ouvi-la, em meio tom, de bocas que traziam a responsabilidade ditática de bigodes e barbichas grisalhas ou quase gritada pelos estudantes imberbes das escolas de medicina; então, mesmo sem entender, por palpite, eu tambem dizia com os meus botões: "Qual! "Seu" Secundino deve ter o complexo da seca!" Uma ocasião, quando a chuva caiu mais forte e por mais tempo, no auge de sua euforia, abruptamente, ele ergueu as cortinas do seu coração e me mostrou o que se passava lá dentro; fiquei sabendo, então, que no Crato o esperava uma "bichinha" de nome Cecí, feitinha, dos pés à cabeça, segundo o clássico modelo alencariano, numa dádiva divina para a alma nacionalista e romântica do "seu" Secundino. E de uma carteira de crocodilo, nova e luzente, saiu naquela tarde de confidências a fotografia alí guardada com a devoção de relíquia.

— "Quando chove até parece que o sr. fica na chuva", brinquei mais tarde com ele. E assim se passavam os dias, as semanas e as estações primaveris e outonais do ano, até que chegou uma época em que alguem deveria ter magoado muito o santo chaveiro, porque os seus bonissimos olhos não se secavam mais e eu contemplava, angustiada, a terra a se transformar numa papa, medrosa ainda de que as criaturas se tornassem em lavadas e anêmicas minhocas. E enquanto eu tambem murchava, dia por dia, sob os açoites úmidos do fenômeno que em todas as línguas e por todos os séculos para mim seria "chuva", "seu" Secundino era o único a reverdecer sob os respingos do que ele tambem chamava "inverno". Foi num sábado dessa temporada melancólica que, depois de alguns anos, pela primeira vez tive ao meu lado a cadeira vazia do "seu" Secundino e, na segunda-feira, quando o vi chegar, percebí-lhe os olhos congestionados, mais cabelo esparramado pelo rosto e a roupa amarrotada de quem nem sequer se despiu para o repouso.

— Doente "seu" Secundino?

— "Meio áperreado, D. Elvira" e, naquele dia, "seu" Secundino curvou-se mais sobre a Remington, catou com mais pressa as letras e, sem chegar ao fim da folha, arrancou o papel da máquina, e fez dele uma bola de papel e a atirou no cesto de que nos servíamos.

— Tempinho bom, ein "seu" Secundino? tornei eu, mas parece que só depois de algum tempo, a acustica interior lhe pôs nos ouvidos o som confuso de minha voz.

— Falou comigo, não?

— O senhor deve estar contente, a chuva contínua...

"Seu" Secundino, porem, não me respondeu e continuou a catar letras e a amarrotar papel. A partir desse dia foram frequentes as suas faltas e a sua tosse ficou mais miuda, mas repetida e mais seca. Numa tarde, perguntei-lhe pela "bichinha".

— Sei não, D. Elvira; ela morreu pr'a o Secundino. Soube, então, que a Cecí havia casado. Daí por diante, podia bategar a chuva e eu já não ouvia a voz cantada do "seu" Secundino, os seus termos engraçados e a sua descrição fúnebre e viva dos flagelados. Eu tambem podia ficar o tempo que quisesse na janela, espiando o sol derreter o asfalto, que ele não mais me perguntava, ao ouvir as rodinhas da minha cadeira, correndo pelo soalho: "Chove sempre, dona Elvira?" Alem do ruido áspero das nossas máquinas, só a tosse alí ao lado, me dava a certeza de que eu não era a única na sala. Poucos meses se passaram, durante os quais me invadia a angústia, cada vez maior, de sentir que se iam amiudando os estalidos do coração do "seu" Secundino, porque a intuição já não me enganava que cada fibrazinha partida é que produzia o estalo da tosse, como o ruido seco de frutos dehiscentes, quando se abrem sob causticidade do sol. E foi, por fim, noutro sábado de muita chuva, que o "seu" Secundino caiu de borco sobre a carta começada para um cliente do Crato, por coincidência, o marido da Cecí. Desde então, fiquei para sempre ouvindo, em cada gota de chuva, uma tosse seca e o gemido de um retirante, que faz arrepiar inteirinha. E, agora, se ergo os olhos para a parede branca em busca de minhas vaquinhas, encontro um homem curvado, de cabelo escorrido na testa, com um pincel escuro na boca repuxada pela morte, dando o último traço no seu mural, que tem por tema índios, flagelados, e as feições horrendas de Judas num corpo rijo e bonito de cabocla. Fecho os olhos aterrada, lembrando-me da tela final de Strickland, o pintor louco e leproso da ilha de Papeete. E desde então, se experimento ir à janela, como outrora, para me livrar dessas visões, ao puxar a cadeira de retorno, volto o rosto assustada, porque ouço nitidamente ao meu lado, aquela frase que depois fica o resto do dia em arpejos sinuosos pelos quatro cantos da sala: "Chove sempre, D. Elvira?"

APASSIONATA

Erico Veríssimo

Marina estava debruçada à sacada do Grande Hotel, olhando a praça. Gostava daquela hora. Na sua casa de Botafogo, costumava ficar contemplando as águas da baía todas as tardinhas. Mas no Rio os crepúsculos eram rápidos, a noite como que saltava de súbito detrás das montanhas, cobrindo a cidade. Aquí era diferente. Nunca vira tantas côres num céu... E como era lento o por-de-sol do Rio Grande!

Pensou em chamar o marido. Achou inútil. Ele não saberia apreciar a beleza daquele instante. Não tinha atenção para coisas que não dissessem respeito à sua carreira artística, à sua glória, ao seu nome. Parecia viver obcecado pelas legendas que os jornais e revistas pudessem escrever para suas fotografias. *O maestro Rezende na intimidade. O famoso compositor Bernardo Rezende sorrindo para a nossa objetiva. O Stokowsky brasileiro assinando autógrafos para as suas fans.*

Marina deixou-se ficar onde estava. Havia naquela hora uma dormência bôa, uma calma abandonada e um pouco triste, um tanto parecida com o seu estado de alma mais frequente, agora que ela se aproximava dos trinta e oito anos. Era uma espécie de narcose da vontade, um abandono quase voluptuoso, um desejo de silêncio e solidão. Ela não vivia propriamente: deixava-se viver. Não fazia planos. Não alimentava esperanças. Depois da morte da filha, a vida para ela se esvaziara de todo o conteudo. Não era que Marina desejasse morrer, flagelar-se, ou entregar-se a um lento suicídio. Porque se algum milagre lhe fosse dado pedir, pediria que a roda da vida desandasse e ela pudesse viver de novo aqueles tempos que haviam começado no dia em que ela descobrira os primeiros sintomas de gravidez. Depois disso, as horas começaram a ter para ela o carater duma continuada festa. Marina tivera uma infância pobre, sem as sonhadas bonecas; uma infância alimentada de faz-de-contas e feias bruchas de pano. Mas o nascimento de Dicinha compensára tudo. E Marina passara a brincar com a sua boneca viva. Vesti-la, vê-la sorrir, aprender a andar, ouví-la balbuciar mamãe... Vê-la crescer, exprimir-se, desejar, olhar as coisas com um par de olhos

muito grandes e espantados... Aos doze anos Dicinha era uma mulherzinha de ar sério e pensativo, que ouvia o pai tocar Beethoven ao piano, e que gostava especialmente do minueto e da "Apassionata". Ficava a escutar num silêncio meio alarmado, como que diante dum mistério, os olhos fitos nas mãos do pai, como se aqueles dedos ageis fossem a própria melodia.

E por cima das árvores da praça, Marina via o rosto da filha, com uma tão grande nitidez, com uma tão cálida realidade que chegou a sentir um estremecimento. Dicinha olhando para ela, escutando. Marina acariciou os próprios braços, num repentino arrepio. Encolheu-se à aproximação dum perigo que ela pressentia no ar, de qualquer coisa horrivel que vinha vindo, mas que ela não queria ver. Teve vontade de fugir, apagar todas as memórias, gritar, rir, conversar com alguem, espantar aquelas imagens. Mas ficou onde estava. E, com um novo dilaceramento, reviu a cena. Dicinha estendida no caixão, o rosto muito branco, os lábios roxos, o nariz afilado. Santo Deus, como estava alongado o seu corpo! Parecia uma moça. Marina cravou as unhas nas carnes dos braços, fechou os olhos. Por baixo das palpebras caídas escorriam lágrimas.

Nunca pensava na filha com a expressão que a morte lhe trouxera para o rosto. Via-a sempre com as côres da vida; devia, precisava acreditar em que ela estava viva,em que naquele corpinho ainda circulava o sangue quente, em que um brilho deste mundo animava aqueles olhos. Imaginava-a pulando, cantando, fazendo perguntas, gritando, correndo atrás dum gato, batendo no piano, batendo no piano, batendo no piano. E Marina batia nos próprios braços, num frenesí.

Pensar na Dicinha morta era uma traição. Era matá-la outra vez, matá-la *mais*. Achava horrivel admitir o fato de que ela estivesse enterrada, sozinha, num cemitério do Rio, tão longe... Marina lutava com s e u s pensamentos. Procurava lembrar-se do dia em que Dicinha começara a engatinhar. Via-a a mover-se como um gatinho sôbre o linoleo de desenhos coloridos (era xadrez ou eram flores?) e depois imovel, sentada no meio dum lago dourado, erguendo para a mãe dois grandes olhos em que havia uma expressão ao mesmo tempo assustada e travessa. Marina continuava de olhos cerrados. Os ruidos da rua chegavam-lhe à conciência tão amortecidos como os sons daquele mundo perdido que ela estava procurando recapturar. Houve um instante em que não sentiu mais nos braços o contacto do parapeito da sacada, nem o pavimento de mosaicos sob os pés. Estava como que suspensa no ar, fora do tempo... E então, num instante milagroso (foram segundos, minutos... que foi?) ela teve nos braços a Dicinha de seis meses. A criança lhe procurava os seios, meio ás cegas. E Marina chegou a sentir num dos mamilos a impressão dos lábios da filha — um ponto úmido é quente. Teve um arrepio dolorosamente agradável.

Acordou para a realidade com um desejo morno de carinho. Mas era um desejo cheio de ânsia, que já trazia em si elementos de frustração e de dor, porque no momento mesmo em que o sentia, Marina tinha a conciência de que não existia no mundo ninguém que lhe pudesse fazer a carícia desejada. Dicinha estava morta. Nada mais importava.

Mas não. Nem sempre seus pensamentos eram negativas. Procurava reagir. E reagia, imaginando que Dicinha continuava viva em alguma parte do universo. As coisas de que Dicinha gostava — as músicas de Mozart, o arco-iris, as estrelas, as bonecas — não tinham morrido, repetiam-se, podiam ser vistas, ouvidas ou palpadas. Como podia Dicinha estar completamente morta? De certo modo ela continuava a viver na melodia da "Apassionata" nas côres do céu (principalmente num horizonte como o daquele crepúsculo) em todas as bonecas que Marina encontrava nas vitrines e que Dicinha ainda agora admirava, pois Marina fazia-de-conta que a filha andava com ela por toda a parte. Às vezes Bernardo a surpreendia falando sozinha. Ela chegava a murmurar perguntas à filha: "Que achas daquelas flores, Dicinha?"

Uma doce, uma comovida tolice...

Sim. Tinha de reagir. Entregar-se era pior. Seria uma traição, uma pavorosa traição. Mais que

ninguém, ela, Marina, tinha de acreditar em que Dicinha andava a seu lado. Ah... se ao menos Bernardo a ajudasse. Havia anos que ela não fazia outra coisa senão seguir como uma sombra aquele homem que um dia chegara a amar alvoroçadamente. Só muito tarde, depois que a vida lhe dera, a ela uma experiência mais profunda, e a Bernardo oportunidades de se revelar em sua inteireza — só muito tarde é que compreendera a extensão do egoísmo e da vaidosa mediocridade do marido.

Marina aspirou o ar da noitinha: cheirava a folhas secas queimadas. Ela viu então uma rua em Nova Friburgo, uma fogueira ao anoitecer, cães latindo longe, e a estrela vespertina num céu que parecia de vidro azul. Mas tudo aquilo estava tão longe, tão irremediavelmente longe...

Dali a pouco Bernardo gritaria: "— Marina, onde a minha gravata? Onde puseram o meu colete? E o meu pregador?" Com que vigor, com que orgulhosa certeza êle usava o possessivo! Parecia achar que o mundo fora criado para o aplaudir; e ela, para o servir e admirar, dando graças aos céus por poder viver ao lado dum homem por cuja companhia centenas de mulheres suspiravam.

Durante algum tempo Marina alimentara a esperança de que Dicinha pudesse influir beneficamente no espírito do pai, despertando-lhe algum sentimento adormecido que o levasse a uma compreensão mais funda das pessoas e das coisas. Porque no fim de contas a vida era séria demais para ser malbaratada daquela maneira. Bernardo, entretanto, via em Dicinha uma futura pianista famosa. Começara a dar-lhe lições, traçava para ela planos fantásticos, imaginava-lhe uma carreira fabulosa e gostava de dizer que um dia ainda havia de dirigir uma grande orquestra na interpretação do Concerto n.º 1 de Tchaikowsky, com Dicinha ao piano. Iludia-se. Via na menina uma vocação que ela na realidade não tinha. Era uma criaturinha sensível, sim, delicada, capaz de apreciar a música mas sem nenhuma habilidade interpretativa especial. Revelava-se apenas uma aluna medíocre como cem outras. Isso, no entanto, não impedia que ela se comovesse até as lágrimas quando ouvia Mozart ou Beethoven. E a morte da menina fora para Bernardo motivo para uma explosão quasi teatral de dor. Não era apenas o pai que perdia a filha. Era o regente de orquestra que via morrer a solista de seus sonhos. Era o mundo que via desaparecer para sempre uma futura grande virtuosa do piano. E algumas semanas depois, num de seus concertos, Bernardo Rezende regia com lágrimas nos olhos, e em memória da pequenina morta, a "Pavane Pour Une infante Defonct" de Ravel.

E Marina, pela milésima vez, tentava agora analisar seus sentimentos com relação ao marido. Aborrecia-o? Não. O problema não era tão simples assim. tinha nuanças complicadas, contornos difíceis de definir. Uma verdade estava clara: já não o amava mais como quando o vira num verão em Nova Friburgo: ela, uma moça de vinte anos, curiosa do mundo e ignorante: êle, um homem alto, de aspecto romântico, teatral nos gestos e nas palavras, faminto de glória e com o futuro diante de si... O que Marina sentia agora por Bernardo era uma mistura de pena, de sentimentos maternais — mas duma mãe que atende o filho menos por instinto que por fria conciência do dever — e desse calmo apêgo de companheiro, que vem do habito de viver a dois. Por que hesitava em abandoná-lo? — perguntava-se ela às vezes. — Haveria no fundo de sua indecisão um sentimento de covardia, o temor de quebrar uma convenção do mundo, ou de começar uma nova vida, saindo à procura duma profissão? O pouco de afeição que dedicava ao marido era ainda através da filha morta, da memória daquela criança que num certo tempo fora o ponto convergente do amor e da esperança de ambos. Todas essas razões e sentimentos se misturavam para formar uma como que massa de contornos vagos, de consistência incerta — um estado de espírito, enfim, para o qual Marina não encontrava nome. Não encontrava nem procurava. Porque seria inútil. Jamais teria coragem de deixar Bernardo. No fundo dessa decisão desalentada, havia talvez um pouco de pena por aquele homem que apesar dos quarenta e cinco

anos que ainda não era completamente adulto.

Fazia muitos anos que Marina deixara de ter ciumes. Bernardo vivia cercado de admiradoras. Ela ficava sabendo de quase todas as suas aventuras amorosas. Com uma confusa mistura de ironia, de condescendência maternal e ao mesmo tempo com uma absurda espécie de ressentimento, ela "protegia" os amoricos do marido. Sabia que ao cabo das farras e das aventuras, Bernardo voltava para ela arrependido e lamuriento, com a bôca amarga, os olhos sujos, a face mais vincada — e cheio de protestos de regeneração. "Agora, Marina, vou deixar um pouco essa vida social tão dispersiva. Preciso escrever aquela sinfonia... Acho que encontrei o tema. Você sabe aquela musiquinha que o amolador de facas toca?" Ela o escutava em silêncio. Não dizia nada que o desanimasse, mas por outro lado não era tão hipócrita que o estimulasse com palavras mentirosas. Dava-lhe uma dóse de sal-de-frutas e ouvia-o com paciência. Perdera toda a esperança de voltar os olhos de Bernardo para outras paisagens. Achava-o vazio, vão e fútil. Era dotado — ninguém negava de certa habilidade para inventar melodias, tivera na vida grandes oportunidades e sorte, muita sorte. Por outro lado, empregara a própria ignorância como elemento positivo de vitória, pois ela lhe dera uma audacia e uma inconciência que o haviam lançado longe. Bernardo Rezende era agora uma celebridade nacional.

Marina ficou a contemplar o trecho do horizonte contra o qual se perdia a perspectiva da rua. Havia nele uma estranha côr verde que ela só vira num quadro de Van Gogh, e que lhe parecera absolutamente doida e impossível. E — como acontecia sempre que um espetáculo de exquisita beleza lhe feria a alma (*feria* era o termo) Marina começou a ouvir mentalmente a fase inicial da "Apassionata". A entrada da sonata tinha um impeto nobre, parecia-lhe o descerrar duma cortina para uma grande revelação. Sim, Dicinha continuava viva, estava vendo também aquele horizonte... Marina sentiu-se de novo suspensa no ar. E a melodia, o céu e a imagem da filha como que se achavam no mesmo plano, pertenciam ao mesmo mundo, faziam parte duma só fantasmagoria.

A voz de Bernardo tirou-a do devaneio.

— Você não vai se vestir para o jantar? — perguntou êle, de dentro do quarto.

Marina voltou-se para o marido com uma sensação de dôr física, como se lhe houvessem arrancado alguma parte do corpo.

— Já vou.

Antes de deixar a sacada desejou olhar uma vez mais em tôrno — o céu, as árvores da praça. Era como se quisesse despedir-se de um mundo que não ia ver mais. Foi nesse momento que vislumbrou *uma coisa* que caía do alto do edifício vizinho. Percebeu logo que era um ser humano, uma mulher... Teve um desfalecimento e seu coração de repente como que cessou de pulsar. Marina levou instintivamente a mão à garganta, sufocada. E ficou alí onde estava, sem voz, pregada ao chão, olhando... Via as pessoas e as coisas como num pesadelo, desses em que a gente está de olhos abertos, vendo tudo, mas incapaz de mover um dedo, de pronunciar uma palavra.

Bernardo caminhou até a sacada, amarrando a gravata e cantarolando um trecho de sua "Grande Suite Brasileira". Marina continuava imóvel. A presença do marido pareceu restituir-lhe a voz. Ia abrir a bôca para contar o que tinha visto, mas por uma razão misteriosa resolveu guardar aquele "segredo", como se Bernardo não merecesse participar dele. Que importava para o grande compositor a morte duma mulher anônima? Que tinha sido para êle a morte de Dicinha? Marina continuava a olhar em silêncio: pessoas correndo, o grupo a adensar-se ao redor da desconhecida...

— Que diabo de história é aquela? — perguntou Bernardo.

Foi então que, lentamente, sem olhar para o marido, Marina disse:

— Uma mulher caíu dum dêsses edifícios...

— De muito alto?

Marina sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Que coisa estúpida — comentou Bernardo. — Deve ter sido suicídio. Que coisa estúpida.

Parecia ofendido com aquilo. Como ousava al-

guém suicidar-se quando o mundo era tão bom e tudo corria tão bem? Era uma coisa tão despropositada — principalmente àquela hora calma do dia, e aquela hora bela e gloriosa da sua vida — que Bernardo chegava a não se comover. Continuou a dar o laço à gravata, olhando a cena com uma chocha curiosidade. E depois, estralando duas vezes a língua nos dentes — pois tinha de dar à mulher algum sinal de que sentia aquilo, de que estava comovido — voltou para o quarto.

Aproximou-se do espelho e ficou a se mirar nele longamente. Tinha um rosto comprido, duma beleza gasta e um pouco imponente. Sua pele era dum moreno terroso, os olhos negros e saltados, com bolsas que iam ficando dia a dia mais pronunciadas. Bernardo passou as mãos espalmadas pelas faces numa tentativa de apagar as rugas que lhe fechavam a boca de lábios grossos dentro dum parêntese. Recuou um passo. Enfim, na sua idade, poucos podiam gabar-se de ter uma figura como a sua. E as têmporas grisalhas — já lhe tinham dito — davam-lhe um atrativo particular, pois contrastavam com o negro da cabeleira. Mas olhou para a testa numa agonia. Ela ia ficando cada vez mais alta, à medida que os cabelos fugiam. Vivia assombrado pelo medo de perder cabelo, de ficar calvo. Onde estava a medicina? Fazia milagres de cirurgia, descobria vitaminas e outras coisas incriveis, mas não achava remédio para a queda de cabelo.

Chupou o ventre, inflamando o peito. Jantaria salada de alface e tomates. Nada de gorduras. A linha da cintura também o preocupava.

— Você não vem, Marina?

Apanhou o casaco que estava sôbre a guarda duma cadeira e vestiu-o. Pensou na suicida. Visitou-lhe a mente a sombra duma curiosidade. Alguma louca... — concluiu — A velha história de sempre, amores infelizes... Sorriu para os seus pensamentos. Se aquilo tivesse acontecido no Rio êle estaria apreensivo, ansioso por saber quem era a desventurada.

Marina entrou no quarto. Vinha com uma impressão de febre, as mãos frias e úmidas.

— Seria suicidio? — perguntou Bernardo, ajeitando o lenço no bolso do paletó.

Marina encolheu os ombros. Sem mudar o tom da voz e apanhando o jornal em cima da cama, Bernardo recomendou:

— Não se esqueça de recortar e colar no livro a noticia de hoje. Está bem simpática. Talvez um pouco curta. Mas não está má.

Apanhou a folha e releu:

"Amanhã, sábado da Aleluia, teremos no velho teatro São Pedro o último concerto da série que o Centro Musical está realizando sob o patrocínio da Secretária da Educação, e que tem como regente o famoso maestro brasileiro Bernardo Rezende, contratado no Rio de Janeiro especialmente para êsse fim. O programa de amanhã foi muito bem escolhido, incluindo uma sinfonia de Beethoven e peças de compositores clássicos e modernos.

Teremos finalmente a oportunidade de ouvir em primeira audição a famosa "Grande Suite Brasileira" de autoria do consagrado compositor Bernardo Rezende".

Marina apanhou o telefone.

— Alô! E' do quarto 403 — Tinha a voz tremula. Pode me informar que foi que aconteceu alí na praça?

A voz do porteiro:

— Uma moça se atirou do alto do Império.

— Não sabe quem é?

— Não, senhora, ninguém conhece.

— Obrigada.

Marina repôs o fone no lugar e olhou para o marido, que estava de novo diante do espêlho.

— Vamos? — convidou êle.

— Você vai só.

— Quer que eu mande trazer a comida aqui? — perguntou êle sem nenhuma solicitude.

— Obrigada. Não vou jantar.

Bernardo não insistiu. Olhava o proprio perfil no espelho.

— Você acha que estou mais gordo?

— Não, Bernardo, não está. Vá tranquilo.

Ele detestava fazer as refeições no quarto. Queria ser visto no salão, apontado, mostrado, comentado. Isso lhe fazia bem.

Lançou um derradeiro olhar para a sua imagem e saíu.

A coragem da criatura — pensava Marina — atirar-

se daquela altura. Havia na vida coisas mais simples e menos horríveis, e no entanto mais difíceis de fazer: resoluções menos importantes e definitivas e no entanto mais difíceis de tomar.

Marina apagou a luz e estendeu-se na cama. Lá fora era quase noite fechada. O gemido da sereia da Assistência trespassou o ar. Marina ficou a escutá-lo com um apêrto de garganta, numa expectativa de medo, sentindo o coração bater com fôrça e descompassadamente. Decerto tinham levado o corpo... Ela imaginava a cara da morta... Devia ser jovem, (as pessoas velhas raramente recorrem ao suicidio) talvez bonita... E aos poucos Marina foi emprestando à desconhecida as feições de Dicinha. E ficou vendo a propria filha estirada na rua, alí a poucos metros de sua janela, cercada de gente estranha, abandonada... Ouviu de novo com a memória o som horrendo... aquele estampido inexplicável. Os ossos de Dicinha a se quebrarem... Os olhos de Marina se encheram de lágrimas. Ela os cerrou, procurando esquecer tudo. Através das janelas entrava no quarto uma luz tíbia que vinha das lâmpadas da rua, um que outro som de buzina, sons confusos de vozes humanas...

A Assistência lhe tinha levado Dicinha. Marina viu a filha estendida numa mesa fria de necrotério. Só e perdida entre desconhecidos.

Ficou ouvindo as batidas do próprio coração e sentindo mais agudamente que nunca a solidão do mundo, o vazio da vida.

(Do romance *"Rapsódia"*).

E ELE NUNCA VIU...

Alvarus de Oliveira

I

Algo de anormal se passara naquela madrugada de Outubro...

A cidade parecia não ter dormido bem...

Não fora o minuano que soprava forte, não fora a tempestade que rasgara o silêncio daquela noite... Fora tempestade humana, fora minuano revolucionário... Muito mais silenciosos, muito mais subterrâneos, muito mais sérios, porem...

Pelo menos isso era que todos diziam pelas ruas, aos ouvidos uns dos outros, quando a manhã chegara trazendo o sol pelas mãos para aquietar um pouco o coração da terra e muito mais o coração do homem já escaldando pelos boatos da noite, que eram mil e um. Mas se mil eram falsos — em tempo de guerra mentira como terra... — um pelo menos era verdadeiro: — O Governo Federal seria deposto pela revolução que partiria do Sul...

E as forças iam seguir para o norte, iam rumar para o Rio de Janeiro e tomar pelas armas o poder que seria do seu candidato se as eleições não fossem fraudadas...

O estupim estava preparado há muito e o fogo a ele se ateara lá no extremo norte, quando assassinos vis roubaram a vida ao grande João Pessoa, alma bonissima de nortista digno da sua pátria, homem que era bom demais para a terra tanto assim que se fora depressa às paragens dos céus...

A Revolução era, destarte, ligada entre o norte e o sul e mesmo no centro a causa tomava vulto... Era só forçar aqueles que no poder estavam ainda, a entregar o governo ao povo... Era a alma paulista desfraldando a bandeira idealista, sob a inspiração talvez de Anita Garibaldi; era o sangue estuante do nortista, a bandeira idealística desfraldando, com o pensamento no seu grande benfeitor: — João Pessoa, repetindo o "Nego" a tudo aquilo que não fosse unicamente pela realização do ideal comum. Era o coração do gaucho vibrando pela aventura, a alma do nortista brandindo por vingança... Era o sangue bom que corria para expulsar o sangue venoso do coração da Pátria... E, um pouco de sangue venoso, por mais tempo, poderia ser fatal...

Muita gente se alistava já às tropas que iam partindo aos poucos...

II

Paulo Guilherme era rapaz de seus vinte anos. Nascera no interior do Estado, lá pelas fronteiras e trabalhava em Porto Alegre porque a sua ambição era grande...

Sentiu um dia que o ambiente do interior era pouco para sua capacidade de trabalho, que tais horizontes lhe eram pequenos... Precisava viver mais, progredir mais...

Abandonou os pampas, abandonou a sua família e rumou a Porto Alegre em busca do futuro, do segredo da grande capital... Sentira saudades — por que não? — do seu rincão e com este orgulho tão brasileiro, muitas vezes se indispusera com os seus companheiros quando queriam desfazer dos seus pampas queridos. E dizia: — "Lá está o verdadeiro gaucho, porque gaucho não é só estes que tomam "chimarrão" e contam presepadas, é aquele que lá fora lavra a sua terra, cria o seu gado, monta o seu veloz cavalo, e que ama mais ainda o seu Brasil..."

Mas, em Porto Alegre, começava a volver os olhos para a capital da República...

Muita gente lhe dissera que no Rio sim, era que se ganhava dinheiro. Lá sim que havia tudo de bom que existe no mundo.

Paulo Guilherme começou a encher os olhos com as paisagens do Rio, através dos cartões postais. Sonhava com a Metrópole carioca, como se fora mulher sedutora e cuja tentação não pudesse fugir, depois de vista embora só por fotografia... Como se fôra uma Joan Crawford que prendesse só pela imagem...

Já pretendia empregar-se num navio qualquer que rumasse ao Rio. Até como clandestino teria coragem de tentar seguir...

Seus amigos, sobretudo um chefe de trabalho, homem de certa idade e muito bom conselheiro, procurava sempre tirar-lhe aquelas idéias da cabeça.

— Não era tanto assim como diziam. E como bom gaucho: — E' tudo mentira e fotografia... Não há como a nossa Porto Alegre. O Rio "tem mais fama do que escama"...

Mas a mocidade nunca ouve os conselhos dos mais velhos... Só a própria experiência orienta os homens... E só se levanta depois que se cai...

III

Aquela manhã quando Paulo Guilherme soube que estavam arregimentando gente para rumar ao Rio e tomar o Poder, largou o serviço, seguiu pela rua, gozando o espetáculo alegre que oferecia as ruas de Porto Alegre com o vai e vem do povo, assanhado pelos disse me disse, com o fervilhar das opiniões, com a soldadesca de lenço vermelho amarrado ao pescoço, e encheu-se de júbilo, como jubilosa estava a população gaucha, pelo patriotismo dos seus filhos que iam fazer uma revolução. Aqueles tempos o povo estava sempre ansiando por uma revoluçãozinha... Hoje, ou porque esteja saturado ou porque não haja razões para tal, abstem-se dessas coisas da política, querendo trabalhar unicamente para o engrandecimento da Pátria comum. Não é brigando que se faz prosperar um país... Só pela paz e pelo sossego e pela ordem se pode buscar o progresso...

Paulo Guilherme fugiu a todos os conselhos. Deixou o seu velho chefe dizendo, entre outras coisas, que a Revolução não venceria porque tantas outras falharam... Não conseguiria realizar nada... Que tudo era a mesma coisa... Política e só politicalha da grossa...

Mas... alistou-se...

Empunhou o fuzil. Vestiu o uniforme caqui, jogou ao pescoço o lenço vermelho, e já fardado, fora despedir-se dos colegas e amigos...

IV

Paulo Guilherme só tinha àquela noite para as despedidas.

Escreveu uma longa carta à sua adorada mãe onde deixava a alegria encher as páginas do papel: — pois ia conseguir o seu ideal maior; — conhecer o Rio, lá ficar para ser alguma coisa na vida. Mandava beijos a irmãzinha e abraços para o velho pai que devia orgulhar-se de como bom gaucho — ver o seu filho empunhando armas para salvar o Brasil...

Dizia da saudade do seu lar, dos seus pampas formosos onde à noite cantavam aquelas toadas tão da alma do sulino...

O pai talvez se orgulhasse e se sentisse empolgado pela coragem do filho... Um pouco do sangue aventureiro e corajoso dos seus antepassados... Mas a mãe... deveria ter sofrido e derramado lágrimas com a notícia...

Postou a carta, foi à casa do seu chefe que novamente o taxou de tolo, de idiota, etc. Daí rumou ao "panteon" onde tinha a sua namorada...

Sim porque Paulo Guilherme tambem tinha a sua namorada, Mercedes, linda criaturinha dos seus dezessete anos. Entusiasmou-se de vê-lo fardado. Levou-o para mostrá-lo ao pai, como o seu herói.

Fazia uma noite linda, de um céu estrelado, onde, a um canto, a lua jogava seus ráios prateados sobre a cidade... Mas talvez ninguem olhasse o céu, nem reparasse a lua, nem a alegria da noite. Era noite de agitação, de despedidas, de lágrimas de alegria, de tristeza, de dúvida e de mistério...

Paulo Guilherme teve Mercedes, sozinha, ao portão da casa dela... E sentiu-se como sozinho isolado do mundo, de todos, chegou a esquecer quase a Revolução e o seu ideal: — o Rio!

Que lindo é o amor que torna ermo um lugar agitado, reduz o mundo a um nada a um beijo, a um abraço, a um sorriso...

E à hora da partida, ao trocar o último beijo — que talvez fosse o eterno — ela se lhe pegou ao pescoço e chorou no seu ombro... Desejando quase que não fosse, que não se afastasse do seu lado... Medo? Pressentimento?

Mas ninguem se lembra de morrer numa guerra ou numa revolução...

Mas Mercedes tinha temor de outra coisa: — Das carioquinhas, estas pequenas terriveis, que teem tanta fama, lá fora, entre as suas patrícias... As cariocas teem encanto e meneios de sereias: — prendem, tentam e perdem...

Mas Paulo Guilherme deixou Mercedes — quando badalava um relógio próximo, as 12 pancadas da meia-noite.

Fora-lhe uma noite de encanto...

Toda ternura de Mercedes fôra para ele... Desejou que a noite jamais tivesse fim. Almejou que a Revolução fizesse ponto alí mesmo, antes da sua partida e ele tornar-se mais herói nos braços dela, sem correr o risco...

Mas a moça precisava recolher-se e ele tinha que apresentar-se ao Quartel pois a sua Companhia seguia no dia seguinte, ao alvorecer...

V

Na madrugada seguinte a sua corporação seguiu viagem...

Muitos íam pelo espírito aventureiro que lhes era nato, outros pela ambição que lhes era enorme, outros pelo desejo imenso de conhecer a vida, outras pela atração do desconhecido, outros por convicção política. Paulo Guilherme, porem, tinha uma única razão de estar alí: — Vêr o Rio de Janeiro, encher os olhos com a beleza tão decantada da cidade-mulher!

VI

Os primeiros dias de campanha foram os mais divertidos possiveis. Risadas, boas camaradagens, violões tocados até tantas da noite, acompanhado vozes melodiosas que cantava, suas toadas gauchas...

Paulo Guilherme encontrara tambem dois dos seus amigos mais íntimos de Porto Alegre. Um, irmão da sua Mercedes a quem queria muito e outro colega de trabalho. Eram, os três, inseparaveis em todo o ocorrido...

Mas... guerra não era desfilar ao som do tambor e das bandas de música, com pose, perfiladamente com o fuzil ao ombro. Vêr toda cidade florida, vêr as bonitas pequenas a louvar-lhes, com os olhos, a coragem e o patriotismo e depois... voltar para receber abraços, beijos, como se costuma vêr nos filmes cinematográficos, onde o galã vem são e salvo, só contando vantagens e coisas do heroismo, tendo visto fulano morrer, beltrano sofrer isto, sofrer aquilo... Cada homem parte para a guerra, julgando-se o galã de cinema, mas a questão é que a vida e o destino não escolhem a dedo, como no cinema, aqueles que deve matar...

A guerra era qualquer coisa diferente...

O acampamento suportando o frio de certas madrugadas, as guardas, ás caladas da noite, as correrias, os atropelos, os rebates falsos de imaginários ataques, tudo aquilo era constante preocupação, vigilio incessante...

Mas o sofrimento de Paulo Guilherme era relativamente pequeno pois era grande seu desejo de chegar ao Rio, de conhecer-lhe as praias maravilhosas, seus panoramas encantadores, de contemplar a Baía mais formosa do mundo, de vêr o Pão de Açucar decantado, o Corcovado divino... O Rio era a deusa que o esperava e ele desejava que todos os perigos viessem logo, afim de que, o mais breve possivel, o Rio se lhe aproximasse...

Enquanto os seus colegas queriam chegar á "cidade maravilhosa" por uma questão de vaidade para amarrar os cavalos ao obelisco, Paulo Guilherme, gaucho de fato, brasileiro de sangue, patriota em excesso, desejava trepar a qualquer montanha para vêr o espetáculo maravilhoso da cidade-encanto... Enquanto os outros pensavam em mulheres, e orgias, após a vitória, ele cismava na orgia dos seus olhos, enchendo-se dos panoramas lindos do Rio, sua alma se transbordando de encantamento pela beleza sem par da capital das capitais...

E cada vez se aproximava mais... E cada vez mais para atrás ficava a terra gaucha...

Já haviam atravessado Santa Catarina, Paraná... e entrariam em São Paulo...

VII

Alta noite, quando o acampamento estava feito, quando já se empunhava o violão para a serenata da noite, para suavizar um pouco a saudade da casa, do lar, da sua terra, — a corneta soou aflita...

Paulo Guilherme ficou atento, — só conhecia o toque de rancho — e este, é o primeiro que se grava...

Depressa as corporações começaram a reunir-se.

Era o primeiro ataque da campanha. Enfrentariam forças federais de São Paulo. Era o primeiro tropeço sério da revolução.

Paulo Guilherme sentiu os nervos abalados. Silenciosamente empunhou o fuzil e seguiu as ordens transmitidas.

Tan-tan-tan-tan-tan. Tan-tan-tan-tan.

A campina silenciosa e linda tornou-se horrorosamente tétrica e perigosa...

O fogo ia aumentando...

E os soldados, cumprindo as vozes de comando que eram dadas com energia e gravidade, arrastavam-se unidos ao chão — nunca os homens se lembram tanta da terra e se colam tanto a ela, como na hora amarga dos grandes perigos, talvez por estarem mais próximos da morte, mais integrados na vida animal...

Paulo Guilherme atirava junto aos seus dois companheiros, guarnecendo um fuzil metralhadora, e municiando-o.

Houve um momento de emoção extraordinária. Um silvo espantoso, corpo estranho que vibra no espaço e um morteiro que caiu a poucos passos deles...

Quando Paulo Guilherme levantou os olhos, quando afrouxou o abraço vigoroso e aflitivo que dera à terra, viu seus melhores amigos, um por sobre o fuzil metralhadora com o crânio aberto, lábios cerrados, no terrivel ritus da morte; outro gemendo a seus pés...

Apanhou o companheiro, quis prestar-lhe socorro, procurando em torno de si... Mas não viu ninguem... Tinham avançado mais ainda... O colega pediu-lhe água que ele não teve para darlhe. Morreu momentos depois, após terrivel angústia, depois de ter chamado por sua mãe, mil vezes, depois de mil vezes ter proferido o nome de Deus...

Paulo Guilherme teve que deixá-los lá mesmo atirados ao campo porque as tropas avançavam mais ainda. Na guerra não se pode e não se deve ser covarde... Os covardes morrem mais depres-

sa. O instinto de conservação obriga os indivíduos a avançarem juntos uns aos outros. Apanhou o fuzil metralhador e avançou firme. O fogo, clareando o céu como relâmpagos, estava horroroso. Balas e bombas cantavam pelo espaço, reboavam parecendo trovões...

E Paulo Guilherme via o Rio à sua frente... Parecia que estava alí a dois passos... Parecia que ele avançando, avançando, chegaria logo à capital-sedução. E esqueceu que lutava contra brasileiros iguais a ele... E teve ódio contra os que mataram seus melhores amigos, e teve rancor àqueles que o impediram de chegar livre ao Rio, à sua amada...

Talvez sonhasse demais, talvez se julgasse herói e avançou e seguiu de perto as balas...

De repente o tá-tá-tá tá-tá-tá de metralha, destacou-se entre o estrepitar de outros morteiros, de outras bombas, entre a vibração dos tiros de fuzil Mauser e Paulo Guilherme sentiu que caia, que desfalecia, e viu uma nuvem negra passar-lhe pelos olhos...

— Onde estou? Onde estou? Por que me prendem neste quarto escuro? Por que me vendam os olhos? Por que? Que mal fiz eu?

Paulo Guilherme, não te exaltes. É o sargento que está a teu lado...

— Sim, Ernesto, és tu. Ouço-te a voz... Tu não morreste, não? Ainda sobrou alguem, algum amigo da hecatombe? Mas que me aconteceu?... Por que vejo tudo negro. Por que não sinto mais a luz do sol?

— Acalma-te, Paulo Guilherme. A Revolução está vitoriosa. Não ouves a festa lá nas ruas? Não sentes alegria do povo que confraterniza com as nossas forças?

— Ouço, sim, mas não vejo nada...

— Terminamos a revolução. Já tomamos conta do governo. Já estamos no Rio de Janeiro. Não querias tanto chegar ao Rio? Todos festejam a vitória!

— Mas por que não vejo nada? Que fizeram dos meus olhos?

— Olha, Paulo Guilherme, foste elevado ao posto de cabo de esquadra. És agora mais que simples soldado raso... Já não és apenas mandado, mandas tambem...

— Ernesto, por favor, diga-me, o que aconteceu, não procures rodeios..

— Terás coragem bastante?

— Será pior que o combate? Será pior que vêr a morte ante meus olhos tantas vezes?... Será pior que vêr meus companheiros morrerem ao meu lado, um com a cabeça aberta pelo estilhaço de uma granada e outro aos meus braços sem que lhe pudesse dar-lhe água pelo menos? Será pior que assistir a todo espetáculo da luta tremenda entre irmãos? Olhar o sangue regrar a terra quando o campo parecia varrido pela ira do diabo?

— Talvez seja pior. Porque tivestes olhos para vêr tudo isto....

— Tive?

E Paulo Guilherme levantou da cama com esforço, passando as mãos pela vista e sentiu que estava coberta pelas ataduras.

Caiu prostrado, gritando entre lágrimas:

— Cego, cego! Estou cego!

Chorava longamente, apertando os olhos de contra o travesseiro, soluçando pungentemente...

— Pobre Paulo Guilherme! Desabafa o que te vai pelo coração angustiado... Talvez seja bom.

— Cego! cego! Não mais verei a luz do sol... Não mais verei o semblante divino de minha mãe querida. Não mais verei aquela cabeça veneranda, de cabelos brancos, como a neve. Não mais verei o seu bondoso sorriso... Cego!

E depois de um silêncio angustioso:

— Cego! Oh! Rio de Janeiro é assim que me recebes? É assim que recebes aquele que tanto te ama? Que quase deu a vida para correr aos teus braços?

VIII

— Leva-me, por favor, ao alto do Corcovado... Assim, sentirei, pelo menos a beleza do panorama.

E o sargento paciente subia com Paulo Guilherme a escadaria do Corcovado. Tinha-o levado ao obelisco de onde Paulo Guilherme pudera ouvir todo barulho, todo ritmo da vida trepidante de Metrópole. Ouvira o marulhar das suas praias feiticeiras. Ouvira todos os rumores da cidade que tanto o atraía...

— Tu és os meus olhos, Ernesto. Vê por mim. Não queria chegar ao Rio e deixar de sentir pelo menos esses lugares...

Muito tempo ficara pensando, cismando no que faria da sua vida infortunada, enquanto Ernesto ia falando, falando de tudo que via... Paulo Guilherme sentia, dest'arte, a cidade já que lhe fôra impossivel ver!

Custara a catequizar o sargento a levá-lo ao Corcovado. Mas afinal Ernesto deixara-se levar, calmo, acreditando na necessidade de um cego sentir as belezas do panorama.

E Ernesto enchia-se de palavras que nunca tivera. Descrevia tudo com minúcias, com arte mesmo, ficando admirado da qualidade que nunca pensara ter, a das descrições paisagisticas... Quem sabe se não sairia dali pela necessidade um escritor? Tal qualidade não é nata muitas vezes

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

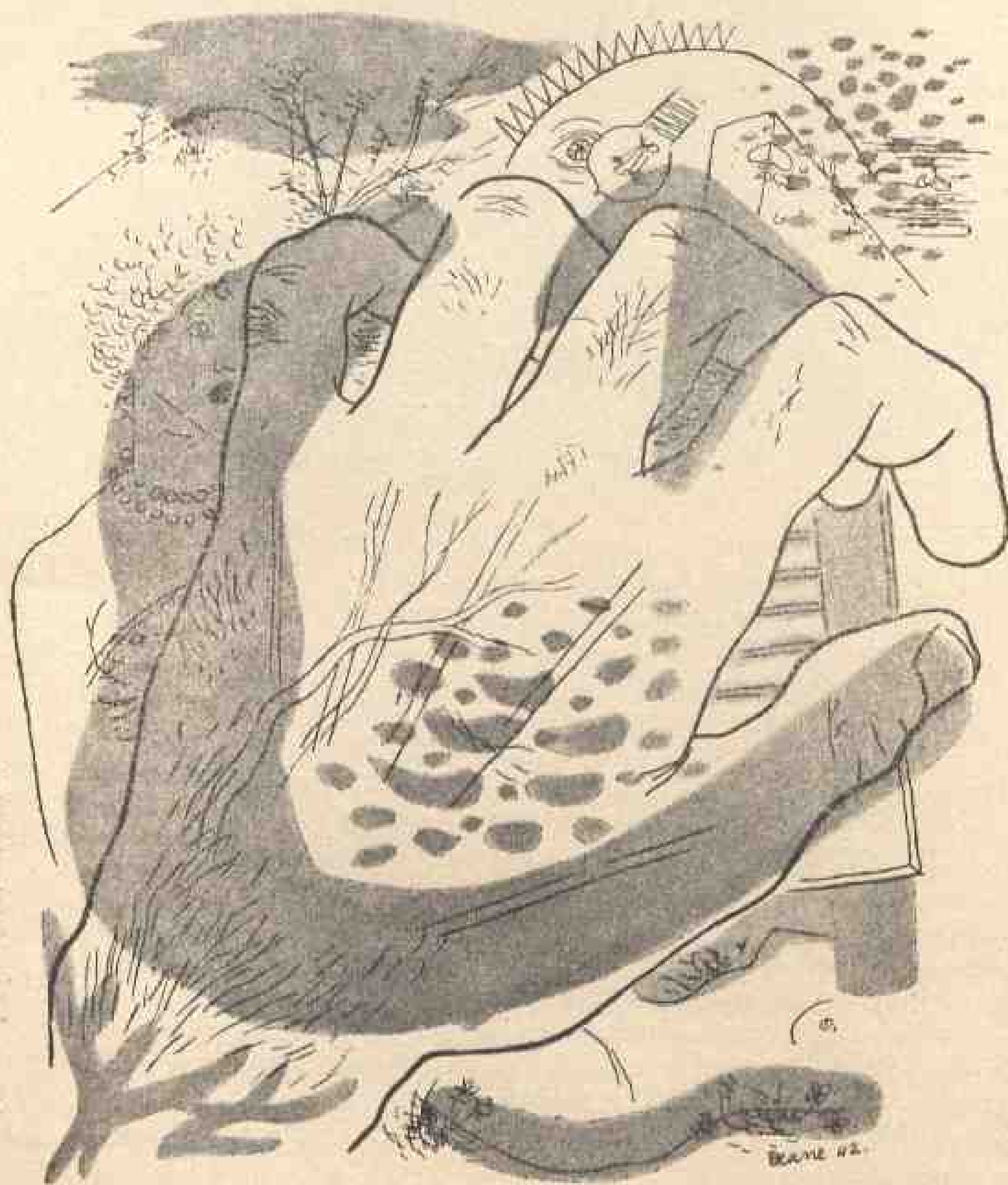
P O E M A

Um dia quando o vaso que abrigou a minh'alma,
Estiver confundido com a lama inicial.
Um dia quando o meu nome tiver desaparecido
De todos os labios e de todas as lembranças
Um dia, quando as fisionomias que eu amei
E tudo o que vi neste mundo estiver
Guardado e escondido no fundo do tempo,
Nesse dia, talvez proximo, alguem desconhecido,
Uma alma ainda não criada e longínqua
Uma alma, dolorosa e irmã de minh'alma
Ouvirá um canto mortal.

Como um naufrago antigo, minha voz subirá até ao tempo vivo,
E com ela, uma tristeza que nunca amanheceu em mim,
Uma tristeza que os meus gestos e as minhas lágrimas
Jamais revelaram ou traduziram
Uma tristeza capaz de sufocar às almas ainda em flor.

Minha voz subirá dos abismos e trará
O meu canto amargo e mortal
E o meu canto será ouvido por alguem que nesta hora
Está ainda adormecido no incriado
E o canto descerá de repente
Nessa alma irmã de minh'alma
E nela fará uma chaga incuravel.

Augusto Frederico Schmidt

AS NOSSAS MÃOS

Ergui as mãos e, trêmulo, as expús
ao fato delator de um quebra-luz
que as projetou, em sombra, na parede.
E a sombra tomou formas de animais,
de siluetas corcundas e anormais,
formas de fome, de pavor, de sede!

Olho-as abstrato, em estremecimentos!
Nossas mãos, como os nossos pensamentos,
são capazes de todas as ações!
Na solidão, as minhas mãos teem gestos
em que há estranhas sugestões de incestros
e há estrangulamentos de visões.

Quando o cérebro para, é a mão que pensa!
Ela é a mentalidade obscura e densa
de uma cerebração muda e intuitiva.
A minha mão direita, a mais arisca,
dá-me unhas a morder; fere e belisca
a minha sensibilidade viva!

Às vezes, se contrai angustiada!
Tem coleios de víbora malvada
enroscando-se em torno de si mesma.
Passo-a no rosto e, estremecendo, sinto
o contato viscoso de um instinto
que se incarnou na forma de uma lesma!

Quando espalmada, lembra-me os mendigos!
Quando cerrada, lembra-me os castigos!
Quando crispada, lembra-me o terror!
Se recordo a mulher que amei em vão,
minha mão me detesta; minha mão
aperta o meu pescoço com rancor!

Pois as mãos nada teem com o pensamento!
A mão do Padre é a mesma do avarento!
Qualquer um é capaz de bofetadas!
Porque todas as mãos são egoístas!
E as mãos dos solitários, dos artistas,
teem sempre fome e estorcem-se, lesadas!

Uma fome abismal de superfícies!
Deslizar mansamente por planícies,
ondular por montanhas e por vales.
Sacudir pérolas; contar vinténs;
vencer os males e amparar os bens,
vencer os bens e amparar os males!

Fome dos dedos trágicos, nervosos!
Mergulhar em cabelos cloroses,
voltar à tona, suados de ternura.
Tocar numa garganta alva e fremente
e ir apertando carinhosamente,
até que o afago seja uma tortura!

As mãos são duas chagas virulentas,
que pedem carnes frescas e sangrentas
para esmagar e devorar por vício.
Teem a volúpia de gozar as quedas,
fazer girar virtudes e moedas
e tocar com prazer no sacrifício.

A Conciência é antípoda das unhas!
Elas são dez espinhos, são dez cunhas
que temos de cravar pra vencer.
Do contrário, é cair pelas sargetas,
tendo o corpo cravado de unhas pretas,
saturado de dor, para morrer!

O mal das mãos é se poder manchá-las,
escondê-las nos bolsos e lavá-las,
e metê-las, depois, em novos fossos.
Antes as manchas não se obliterassem,
ao contrário, ficassem, se entranhassem,
e fossem penetrando até os ossos!

Minhas mãos, que farei da minha vida!
Em que carícia, ou golpe fratícida,
está a vossa ignota pretensão?
Qual é o vosso fim? Vossa esperança?
Embalar um sossego de criança,
ou vos crispar em grades de prisão?

Eu me lembro de vós (que maravilha!)
pequeninas, folheando uma cartilha
e fazendo o sinal da Santa-Cruz.
Eu me lembro de vós, grandes (que insulto!)
atirando dinheiro para um vulto,
um vulto decotado, à meia luz!

Ó, minhas grandes mãos! Se sois capazes
de tremer ante punhos mais audazes
e fazer gestos negros para o espaço
e atentar contra o pejo feminino...
mostrai qual é a linha do Destino,
que eu a violarei com pontas de aço!

G i u s e p p e   G h i a r o n i

C A N Ç Õ E S

1.ª

Os anjos negros estão juntos de mim!

Querem destruir-me e jogam-me sem piedade esta tosse cruel, que me rouba as horas de sono e sossego.

Meu Deus, às vezes, penso que esses duendes me estrangulam o corpo e o espírito. Mas, quando tudo se parece perdido, eu invoco o anjo branco e um fiozinho de amor e de afeto expulsa os anjos negros para longe.

Eles contudo não se dão por vencidos; voltam à minha presença e atiram-me novas pedras. Novamente invoco o anjo branco e a sua doce voz abranda e pensa as feridas, que as pedras me abrem no corpo e na alma.

Ai de mim, se os anjos negros insistirem em lançar-me à pobre vida aquelas pedras deshumanas!

Meu Deus, estou inquieto, nuvens escuras ajuntam-se alem e avançam para mim!...

2.ª

O céu está tão bonito, as abelhas zumbem no jardim, os passaros cantam nas árvores e uma jovem nina loira criança na redezinha de bambú.

De solitária janela, vejo tudo isso e começo a tecer uma grinalda de poesia. Teço a grinalda apenas para satisfazer as exigências do espírito.

E agora a jovem mãe toma a criança nos braços e oferece-lhe os seios alvos e redondos, que os olhos azues chupam gulosamente. Os pássaros ainda cantam nas árvores; as abelhas ainda zumbem no jardim.

Eis terminada a minha grinalda! Ela é muito simples, não tem ornamento, nem forma bela. Ofereço-a depois aos homens, que a recebem com desprezo, e jogam-na em seguida à poeira do chão.

Quem sabe, os que vierem depois de mim darão acolhida mais afetuosa à minha humilde grinalda de poesia?!

3.ª

Eu não morro pelo silêncio, mas o silêncio morre por mim. Isso está escrito na pedra secular.

Que estranha legenda! Ela balança nosso coração como a mãe nina a criança doente.

Acaso existirá alguem que morra pelo silêncio?

Conheço alguem que se diz morrer pela beleza, a pesar de a beleza não querer nenhum negócio com esse alguem.

Não pensem, meus amigos, ser isso trocadilho ou charada.

Nada disso. E' cousa séria, e até mesmo um pouco sentimental, se vocês quiserem que o seja.

Antigamente os cavaleiros nobres se imolavam pelas damas em campos de batalha. Era um jeito de ser herói. Esse costume extravagante, porem, já passou.

Agora os heóis passionais não procuram a morte nas cruzadas santas. Dizem as más línguas que eles preferem morrer pelo silêncio...

4.ª

Eu visitei os campos natais, de terra agreste e resinosa.

E vi que a terra estava abandonada e sem vida.

Sem saber como, incipientes lágrimas começaram a brotar de meus olhos, incomodando e impedindo-me de ver a paisagem rispida e sem civilização.

Que seria feito daquelas imagens, que por aqui passaram dantes, enchendo de vida e alegria estes vales perfumados de mel?

Meu Deus, como tudo estava mudado! Nem ao menos um toque de viola ou de sanfona! Por toda parte, havia o silêncio terrivel das ruinas, esse silêncio contagioso, que penetra na alma, mordendo-a atrozmente.

Eu visitei os campos natais com o propósito de aí encontrar cousas de infância. E nada encontrei. E bois, carneiros, o papagaio tagarela, engenho de garapa, onde estaria tudo isso? Meus pais, minha irmã, Maria Silvéria e outras vozes amigas, onde estariam agora?

Somente uma cigarra da figuera com seu canto estrídulo me trouxe a lembrança de uma tarde mui triste, em que vi longe, na estrada da aldeia, desaparacer alguem, que não mais voltou!

Eu visitei os campos natais! E a terra agreste e resinosa somente me ofereceu espinhos, os espinhos pungentes da saudade!...

W a n d e r l e y V i l e l a

O CANTO DA LIBERTAÇÃO

FAUSTINO NASCIMENTO

América! Desperta, ao som da clarinada
Que o teu destino entoou, nesta rubra alvorada!
Não podes continuar no remanso da paz,
Quando o monstro da guerra, insófrido e voraz,
Ameaça, com o seu guante, a própria humanidade,
Tentando suprimir a nossa liberdade,
Afim de submeter o mundo à escravidão!
Desperta! — Vem salvar a Civilização!

Ergue para o infinito a flama libertária,
E enfrenta, sobranceira, a horrenda procelária
Que vem, como um corcel do espírito do mal,
Subvertendo o Direito, afundando a Moral,
Vomitando, tal como o monstro apocalíptico,
A guerra, a peste e a fome, — o horripilante tríptico
Com que a nova barbárie intenta subjugar
Aqueles que não vão no seu credo rezar...

— Tamanha é a vocação da terra americana
Pela consagração da liberdade humana,
Que teve aqui seu berço o genial inventor
Do avião, — Santos Dumont, esse humano condor
Que abriu, como Colombo, imensas perspectivas
À humanidade que, hoje, em meio às aflitivas
Angústias do destino, esquece os seus troféus,
E emprega contra a terra o domínio dos céus...

Esta terra bendita estava destinada
A servir de refúgio à mente emancipada
De quantos, repelindo a tirania atroz
De um mundo escravizado, elevam sua voz
Afim de defender seu maior patrimônio:
— A liberdade, a paz, o pensamento, o sonho!
Pois não deve viver quem não possa, afinal,
Livremente dispôr do seu quinhão de ideal...

— Vibra a tuba, e verás que os teus Peles Vermelhas,
Tupís e Guaranís, como enxames de abelhas,
Marcharão na vanguarda, entoando os seus clarins,
Conclamando os irmãos, de todos os confins,
Para a nova jornada em prol da liberdade,
Em que, como um só corpo, espírito e vontade,
O Novo Continente há-de, em marcha triunfal,
Vencer, como o previu Bolivar, — o imortal!

E' que, sob estes céus do Novo Continente,
Se fez da Liberdade um credo novo e ardente:
— Washington, Santander, Bolivar, San Martin,
Tiradentes, Juarez, Marti, Lincoln, — enfim, —
Os numes imortais, — consagraram o rito
Que a América conserva em seu altar bendito,
E havemos de manter com a mesma decisão
Com que um crente defende a sua religião...

Não podemos deixar que o tesoiro sagrado,
Que esses grandes heróis nos deram por legado,
Venha servir de presa a um tirano vulgar,
Enquanto o coração da América pulsar!
— Se aqui o Azteca, o Maia, os Incas e Araucanos
Puderam conservar seus dons de americanos
Mesmo após a invasão ou o jugo colonial:
— Nenhum conquistador macula este fanal...

— Sólo! Faze brotar do seio os elementos
Com que a América vença os bárbaros sedentos
De sangue e de rapina: — aço para os canhões,
Aluminio, metal e óleo para os aviões,
Vestes, pão e fusil ao valente soldado
Que o sangue vai verter pelo bêrço abençoado!
— E havemos de vencer legião, após legião,
Na luta pelo ideal da fraternização!

E o mundo exultará, vibrante de ufania,
Com a vitória do Bem e da Democracia!
A América será, no ciclo que há-de vir
Depois deste Dilúvio, a Canaan do porvir!...
Trazendo, em seu regaço, as conquistas sagradas
Que o espírito alcançou nas épocas passadas,
O Novo Continente é o supremo guardião
Da concórdia e da paz! — Eia! — À libertação!...

Samba

Lá vem a baiana,
Ligeira,
Faceira,
Com o seu taboleiro
E a mão nas cadeiras,
Gingando seu corpo
Sadio e bonito
De baiana nacional,
De baiana brasileira!

... "Vatapá bem quentinho,
Iôiô!
Minduim torradinho,
Iáiá!
Gostosinho,
Iôiô!
Custa pouco,
Iáiá!"

Mas tu, baiana faceira, és tambem um pedaço
Gostoso do Brasil, — que caminha, que fala,
Que sorri!
Vejam: — a sua saia é um poema de alegrias!
Seus colares são cheios de magias!
E o seu corpo é um Compendio de Harmonias!

Ai vem a baiana
Ligeira,
Faceira,
Brejeira,
Aromal:
A baiana feiticeira,
A baiana nacional!

Tem a voz dôce e macia,
Com algo de nostalgia
No sotaque delicado:
— "Minduim torradinho,
Iôiô!
Vatapá bem quentinho,
Iáiá!"

E o pregão da baiana, ecoando ao nosso lado,
Nesse tom delicado e natural,
Parece o SAMBA PREMIADO
No programa organizado
De um concurso regional!...

LÍVIA MARTINS FALCÃO

Pelotas — Rio Grande do Sul.

Canto ao meu Brasil de toda gente

BRASIL, em ti está, dormente, a energia creadora do futuro!

Brasil, em ti está intacta, a força construtiva da grandeza!

Brasil, em ti está, virgem, o barro em que o Destino modela as formas definitivas da existência!

Brasil, em ti está, parado, o ímpeto propulsor dos grandes movimentos!

Brasil, em ti está a Promessa, em ti está a Esperança!

2

Não deve o sensualismo vegetal que há no corpo da sua terra,

e essa musica voluptuosa em que vibra, inteira, a tua natureza,

ou mesmo a meia-luz lascíva, de alcova, das tuas noites mornas,

amolecer-te o sentimento, afrouxar-te a vontade, parar-te o impulso da Realização!

3

Brasil, em ti está a vitalidade mestiça de todas as raças, que a maresia da aventura jogou nos teus portos!

Brasil, em ti está a experiência fecunda de todas as civilizações, que as migrações do infortúnio trouxeram ao teu seio!

Brasil, em ti está a síntese da cultura que os outros povos extraíram da tradição de sua história,para incorporar no teu saber!

Brasil, em ti está a força da conquista, daqueles que buscaram no teu bôjo acolhedor o ideal da estabilidade e da fortuna!

Brasil, em ti está o amôr, porque está o afêto falhado dos que deixaram distante um lar ou um ente querido; em ti está esse amôr que é essência na saudade, e que é força essencial!

4

Eu creio em ti, meu Brasil! Eu creio na grandeza do teu destino!

Eu sei que, amanhã, sacudirás esse resto de quebranto com que a Natureza te enfeitiçou,

e penetrarás a vastidão infinita da tua área, aproximando os que te habitam, irmanando-os pelo contato

e envaidecerás com realizações aqueles que, como eu, confiam em ti!

Tirarás, Brasil, do sentimento de Pátria que há na conciência dos teus seringueiros, dos teus vaqueiros, dos teus jangadeiros, dos teus garimpeiros, dos teus mineiros, dos teus gaúchos, dos teus artífices, dos teus soldados, dos teus marinheiros, dos teus aviadores,

a força de que careces para empreender a Renovação, a Transformação, a conquista de si-mesmo, a conquista do lugar que te pertence no Mundo!

. . . .

Hás de ser exemplo, e o Mundo te admirará, Brasil!

D'ALMEIDA VITOR

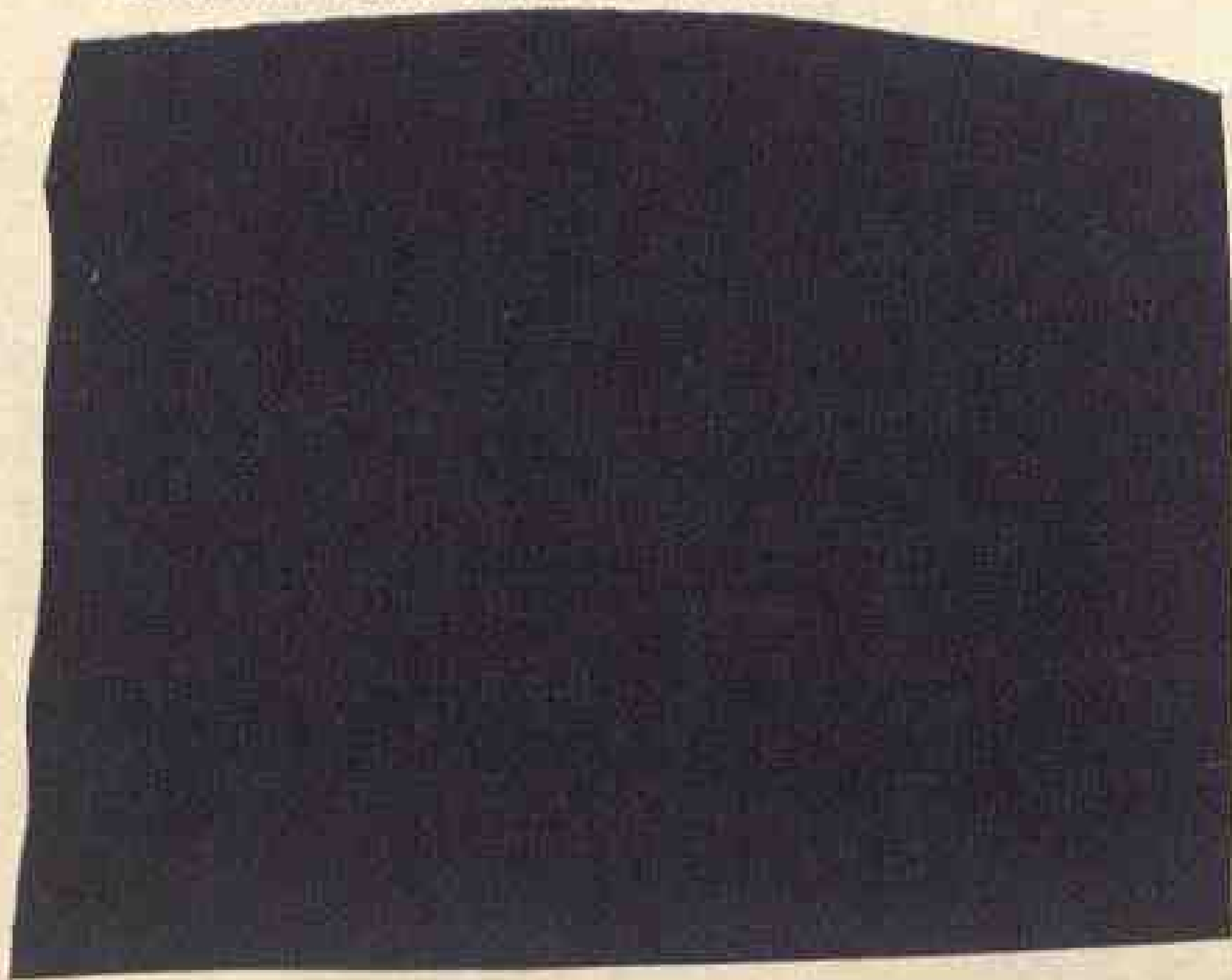
Sonetos de Mário Linhares

PULVIS ET UMBRA

Envelhecer — sentir que a vida passa
na vertigem das horas fugidias
e que a melhor das nossas utopias,
aos poucos, se desfaz como fumaça...

Ah! sê bendito, Espírito sem jaça,
que, ao fim, nova existência principias
como fonte perene de alegrias,
iluminada da divina graça!

Não vale a vida pelo que ela encerra
de gozos vãos e efêmeros na terra,
que nos envolvem, num redemoinho!

Que somos nós? — Poeira..., Sombra..., Nada...
Feliz quem vê que, ao termo da jornada,
só deixou rosas pelo seu caminho!

RESIGNAÇÃO

Como foram tão rápidos os dias,
aqueles dias de felicidade
em que eu supunha — santa ingenuidade! —
reflorescer em novas utopias.

Reduziram-se, logo, a cinzas frias
todas as ilusões da mocidade
e nada resta mais que esta saudade
de fementidos sonhos e alegrias...

O enlevo do minuto fugitivo
se foi... Minha alma apenas o passado
remira num olhar retrospectivo.

Reconheço que tens toda a razão!
— Tudo emudeça e fique sepultado
no túmulo do nosso coração!

MUSE BRÉSILIENNE

L'Amazone!
C'est le poulpe géant qui couvre le Brésil.
Où puises-tu les eaux qui vont gonfler ta course?
Des pics des Andes où se givre le grésil:
Bolivia! Pérou! qui vivez à ses sources.

Ta luxure a produit ce stupre incestueux:
l'éléphantiasis monstre de la Nature,
rut de titan créant ce foetus monstrueux:
l'océan de tes eaux, l'océan de verdure.

Quand l'Homme, au gré de ton flot, voit tout l'horizon
lointain de tes forêts, brumes en pamoison,
il chante ton credo de suprême espérance:

alors que ce vieux globe aura donné son sang,
sa sâve et ses amours... stérile, impuissant,...
nous ressuciterons dans ton Exubérance

Brésil!
[illegible]

aux membres ivoirins dans [illegible]
aux cheveux bleus de gouffre, animés d'auréoles,
quels parfums-angoras de lèvres aromates

se verseront, un jour, sur mes spleens résédas?
Toi! L'Epouse-Princesse, ô divine Pauliste!
Palaces érigés, ta morne Avenida
verra-t-elle en son sein grandir le pauvre artiste?

La France et la Brésil, âmes de notre hymen,
revivront-ils, en nous, les stupres de l'Eden?

Viens, ma Brésilienne, en tes galbes d'arabe!
Dans les fièvres-frissons sous les palmiers-goliaths,
viens vagir avec moi, par les brises-frégates,
noirs-yeux-fous de soleil, la langue de Nizab.

J E A N   B A Z I N

PESSOAS DE MIRACELI

Jorge de Lima

I

Agora Lys descança onde?
Em que país descança Lys?
Pensas que Lys morreu talvez.
Que algum tirano ou monstro a esconde
nalgum país que não conheceis
ou que eu mesmo nunca vi.

Lys não se foi para nenhuma
gente maldita ou plaga obscura
onde não haja poesia.
Livre das sombras e de brumas
Lys ressurgiu sempre mais pura
como as estrelas alvadias.

Em tua vida que é que esperas
se não te espera uma outra vida?
Es como um sopro num deserto:
sobre o areial te dilaceras,
gritas debalde, sem guarida:
ninguem, ninguem passará perto.

Lys te dará itinerário
vela e batel, porto e alegria.
Que queres mais homem sem grei?
— Em que país, ó visionário
descança Lys pura e erradia?
— Vinde conosco e sabereis.

Mas quem é Lys? Musa ou atriz,
anjo ou visão, ou é a Morte
ou é a Vida inda uma vez?
— Em que país descança Lys?
— Lys é a Vida ou é a Morte?
— Vinde conosco e sabereis.

II

Quando se folhear o livro,
Violante se chamará Abigail
pois o espaço foi dividido em infinitos planos
da Eterna Duração.

Nada acontece no livro
e tudo acontece nele:
nós encontramos os seres
ao virar cada folha.

A visão de Violante é simplesmente um símbolo.
Abigail a absorve
e fica olhando a irmã gêmea agitar-se em seu corpo.

Se as mãos de Abigail vão acariciar-lhe o rosto,
os dentes de Violante mordem-lhe com raiva os dedos.
Abigail não consegue esquecer Violante
pois nada desaparece acima deste horizonte.

Abigail recomeça a gravitar lentamente,
e a cabeleira da irmã cobre-lhe o corpo nú.
Mas nada ficou oculto ou apagado no tempo:
Abigail principia a fechar os abismos
que a irmã louca formou nestas misteriosas plagas.

Então Violante começa a dansar
com certos pilotos bêbedos que vieram das plagas negras.
E tudo circula e tudo gravita e tudo caminha
(que velocidade, poetas!) para a constelação de Mira-Celi.

III

As pessoas que eu nomeio são pessoas que existem,
os fatos que estou contando vossa memória esqueceu
mas vos digo que certos eleitos penetraram em fornalhas
e sairam ilesos,
vasaram olhos de espiritos imundos
enquanto outros fechavam bocas de tigres reais como quem fecha janelas,
outros recuperaram seus mortos pela ressurreição,
porem outros que zombaram e não creram
ficaram cégos para sempre,
errantes para sempre,
expulsos por todas as nações,
perderam a sua tradição,
morreram como se não houvessem existido.
vieram à luz como se não tivessem nascido.
Roselys, Isadora, Albertina, Violante, Abigail,
duplos, trinos, trevos e triângulos humanos,
cubos do Eterno Princípio...
As pessoas que eu nomeio são pessoas que existem.

Salomé

I — NO CARCERE DO PROFETA

A Princesa mandou que fosse aberto a grade
e ao cárcere desceu do rude pregador
afim de se entregar, num milagre de amor,
dando-lhe como prêmio a flor da virgindade.

— "Filha da maldição, do horror e da maldade
afastai-vos de mim! Eu sou o precursor
daquele que virá ao mundo pesador
para morrer na cruz, salvando a humanidade".

— "Mas eu te amo, Iokanaan!" — E uma força [secreta
impele Salomé, soberba e delirante,
a enlaçar loucamente o corpo do profeta.

Ninguem pode domá-lo em terras da Judéia.
E ele pensa, feliz, da carne, triunfante:
Que vale uma mulher em face duma idéia?

II — NO FIM DA DANSA

Livre dos sete véus... No gesto triunfal
duma dansa pagã que prende e que fascina,
ostenta Salomé a desnudez divina
de seu corpo moreno, esbelto e virginal.

Seus passos são de luz... E tudo se ilumina
ao ritmo dum meneio ardente e sensual.
Dir-se-ia uma estrela, uma flor musical
que vibra e que respira em carne feminina.

E houve grande ovação na sala do festim.
O tetrarca lhe diz: — Dansaste para mim,
metade de meu reino é teu se tu quiseres!"

— "Quero a cabeça dele! Ao menos nesta vida
punirei o profeta — exclama enfurecida —
que lança a maldição no amor e nas mulheres!"

III — A CABEÇA DE IOKANAAN

"Nesta grande bandeja de ouro reluzente
eis a tua cabeça ensanguentada e fria.
Extinguiu-se o teu verbo enérgico e eloquente
que apostrofava o mal e os fortes combatia.

Arrogante profeta, o mundo te temia!
E por isso te amei, alucinadamente.
Quis dar-te a liberdade. Eu tudo te daria
se quisesses domar a minha carne ardente!

Nada resta de ti — divino pregador!
Para sempre extinguiu-se a estrela da manhã,
findando para sempre o meu sonho de amor.

Fui eu quem te matou, desesperada e louca!
Mas que importa o que fiz? Iokannan! Iokannan!
Só assim, só assim beijei a tua boca!"

EDMUNDO MONIZ

Dois sonetos

O SERINGUEIRO

Machado em punho, fere o seringueiro
A casca da hévea, nos sertões bravios.
Aos cortes sotopõe tigelas. Fios
De leite nelas saltam do madeiro.

Recolhe-o em baldes, seca-o ao fumeiro
E enforma pães, que desce sobre os rios.
Mordido dos insetos erradios,
Moureja, e sangra, e sua o dia inteiro.

Cabocio esguio e triste, desherdado
Dos bens da sorte e falto de outros meios
Com a miséria nua sempre ao lado,

Demanda o seringal, que alem se some,
E, sôfrego, naqueles peitos cheios
Enterra a boca pra matar a fome.

O PIÁ

Lá passa o piá de casaquinho roto,
Por suspensórios um courinho velho,
De calça suja e acima do joelho,
Descalço o pé e cara de maroto.

A fala, tira-a dos canais do esgoto,
Engraxa ou vende folhas por parelho,
Passa rasteiras, fuma num grupelho,
Cuspinha em arco e joga carta e loto.

Topa um soldado e grita-lhe: Tampinha!
Vê o lixeiro e diz-lhe: Vira-lata!
Encontra um padre e faz-lhe uma boquinha.

E, assim, cresce, sem luz de um sacerdócio,
Na rua, tendo, em sua vida ingrata,
Por aula o mundo, e como mestre o ócio...

Padre PEDRO LUIZ

Uma vez que teus olhos se desviaram . . .

Teus olhos, por certo, se desviaram, amiga!

Feitos unicamente para a contemplação da beleza, para o deslumbramento diante da fórma, para o transporte em face da perfeição e para o extase mais puro ante as harmonias grandiosas da vida, teus olhos, inexplicavelmente, repararam nas minhas mãos de todo vazias.

Não tenho mais fé para dar graças aos Deuses. Diluiu-se-me a crença na fogueira do clamor dos oprimidos, aos soluços das crianças que sofrem, ao gemer dos inocentes, ao amargor das desigualdades, ao calor dos embates contra os penhascos abrutos, onde tudo é doloroso e sombrio.

Mas renderei graças a ti mesma, ó amiga providencial! A ti que és luzeiro nas minhas noites de espera e oásis nos meus desertos amargos de revolta.

E se assim o queres, serão tuas estas minhas mãos. Mas não as levarás sozinhas! Contigo ficará tambem o maior e o mais fabuloso dos desejos.

Que essas mãos rebusquem os quatro cantos do mundo e voltem sempre carregadas de maravilhas para o encantamento de tua alma!

Que se aprofundem no cósmos e roubem o brilho dos astros.

Que se internem nas brumas do Oriente legendário e tragam de lá as histórias mais cristalinas e as ânforas mais ricas transbordantes dos nétares mais sutis.

Que rumem ao setentrião e atravessem os gelos eternos e regressem com os paineis maravilhosos das auroras polares.

Que se percam nas florestas virgens do Ocidente e retornem com as flôres mais raras e as resinas dos mais inebriantes olores.

Que te tragam a música de todas as melodias e o cântico dos ventos e o consolo das chuvas regeneradoras.

Que vão ao mais profundo dos verdes mares e recolham as pérolas maiores dos sonhos embalantes.

Que penetrem no próprio seio da terra e retirem de lá as esmeraldas luminosas da esperança.

E por último, já que teus olhos se desviaram para as minhas pobres mãos, que elas descansem sobre os campos de batalha e arranquem para eles, para mim, para nós, para aqueles que amamos, para todos os seres, a chama que arde no coração dos moribundos, a chama que iluminará o mundo vindouro, a chama dos que morrem pela dignificação do homem, a chama dos que se sabem sacrificar pela Liberdade!

NILO DA SILVEIRA WERNECK

OS 80 ANOS DE UM ESCRITOR

O Brasil inteiro consagra o octogésimo aniversário de Xavier Marques

Todo o Brasil, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul de Mato Grosso à Baía — sua terra de nascimento, vibrou no mais espontâneo e entusiástico movimento de consagração da figura de Xavier Marques. na comemoração do seu octogésimo aniversário.

Jamais um intelectual, no Brasil, nem mesmo o seu coestaduano Rui Barbosa, mereceu tão significativa demonstração de simpatia popular, quanto a que se viu cercado nessa comemoração a figura insigne de criador de *As voltas da Estrada*. Sobretudo, ter-se-á de considerar que ela partiu do sentimento do povo, impondo-se ao acatamento do Estado até à consideração dos meios intelectuais do país.

Outro escritor seu conterrâneo, — Luiz Viana Filho — reportando-se ao significado da obra do grande romancista, precisou com exatidão a dívida que lhe tem o Brasil e especialmente a Baía, dizendo: "O Brasil poderá sentir-se orgulhoso de quanto realizou o escritor primoroso, enriquecendo-lhe as belas letras, porem, à Baía não cabe apenas orgulhar-se: cabe tambem agradecer; agradecer que em toda a sua vida — a sua longa e bela vida — ela jamais tenha deixado, um só instante, de ser baiano, bem baiano".

A obra de Xavier Marques, em quase sua totalidade, — no que concerne à obra de criação — está inspirada em motivos regionais, — aspectos da vida simples de pescadores do litoral do seu Estado, entre a qual poder-se-á anotar *Joana e Joel*, ou em fatos históricos da região, como o *Sargento Pedro*, na vida sertaneja, como *Terras Mortas*, ou ainda no ambiente social do fim do século passado como em *As voltas da Estrada*. Em toda ela, porem há um sentido de duração, de universalidade, que a impõe ao interesse geral. Do particular ele parte para o geral. Do motivo regional tira o efeito nacional e o seu significado universal, dando um significado amplo à sua criação. E, isso, através um estilo cuja clareza, cuja exatidão, cuja elegância não tem paridade entre os escritores do Brasil contemporâneo.

E' que Xavier Marques alem do ficcionista de vigorosa imaginação, do psicólogo profundo, é um dos mais eruditos conhecedores do nosso idioma, tendo emprestado uma valiosa contribuição ao seu conhecimento com trabalhos como *Cultura da Língua Nacional*, alem de inumeráveis trabalhos divulgados na imprensa, de pesquisa, de doutrina e orientação filológica e estilística.

Nascido na Ilha de Itaparica (3 de Dezembro, 1861) Francisco *Xavier* Ferreira *Marques* iniciou-se como poeta com o volume *Insulares*, rumando para o jornalismo onde tem permanecido desde então, ainda que, já agora, como simples colaborador, tendo, ademais, ingressado na política do seu Estado tomando parte em várias legislaturas estaduais e até mesmo como representante baiano ao Congresso Federal.

Eleito em 1919 para a cadeira Num 28 da Academia Brasileira de Letras em substituição a Inglês de Sousa, em reconhecimento aos seus méritos de romancista, contista, historiador, ensaista, e filólogo, Xavier Marques, logo a seguir trocaria o bulício da Capital Federal pela vida simples e tranquila da sua provincia, entregando-se ao estudo, à formação de uma cultura que não teve a orientação acadêmica, mas obedeceu a um método individual, sem embargo do que, o elevaria a uma posição elevada no conceito nacional e do estrangeiro, onde os seus livros apareceram vertidos em francês, espanhol e italiano, japonês e inglês.

Alem da contribuição histórica de Xavier Marques à nossa cultura, em seus trabalhos de ficção, a sua cultura neste particular pode ser medida pelo seu livro *Ensaio Histórico sobre a Independência*, do mesmo modo que os seus recursos de ensaista e a sua cultura geral poderá ser estimada pelos estudos em torno das

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

TEATRO EM 1941

Bandeira Duarte

Relendo as resenhas anteriores, publicadas pelo ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA, vamos verificando a evolução, em quantidade e qualidade, que se processa, indiscutivelmente, no teatro do Brasil. Evolução lenta em ambos os aspectos, mas visível a qualquer pessoa de boa vontade e sem exigencias maiores do que as autorizadas pelo nosso panorama cultural.

1941 marcou mais um degrau da escala, porque a sua temporada registou um movimento ainda mais intenso e vibrante do que as anteriores.

Todas as companhias ganharam dinheiro e ganhar dinheiro em teatro é uma consequencia do agrado popular que ele provoca.

Apesar disso porem, ainda não é possivel determinar um caminho para as preferencias do público ou uma tendencia que possa orientar a produção dos autores.

Tal ou tal gênero que ontem esgotou lotações, amanhã será um desolador fracasso. O grande segredo do sucesso é o agrado. Mas ninguem descobriu ainda uma fórmula capaz de determinar como se agrada. Em principio, o agrado deveria repousar sobre dois fatores: um bom texto servido por uma boa interpretação. Algumas vezes isso deu certo, na temporada de 41. Outras vezes porem, não deu...

E o teatro continua a ser um produto de acidentes inexplicaveis por qualquer teoria.

* * *

Mas não foram apenas as companhias que lucraram economicamente com o movimento de 41. Tambem o teatro em si, ganhou e ganhou muito.

E o aspecto mais animador do balanço, está no aparecimento de "novos", quer autores, quer intérpretes, em número e valor jamais igualados.

Entre os autores destacaram-se; pelo êxito popular ou artístico: Mello Nóbrega, com "Nossa gente é assim", e J. Barroso, com "Pensão de D. Stela", na Companhia Jayme Costa; Gutta Pinho, com "A casa branca da serra", Lourival Coutinho, com "Mulheres modernas", Raul Pedrosa, com "A comedia da vida", na Companhia Comedia Brasileira; Alcides Maciel e Silvio Fontoura, com "Crescei e multiplicai-vos", na Companhia Eva Todor; Amaral Gurgel, com "O pão duro", na Companhia Procopio Ferreira; Walter de Sequeira, com varias peças, em sua propria Companhia; Vicente Celestino, com "O ćorio", tambem no seu conjunto; Maria Santacruz Lima, com "Pássaro Azul" e Albino Esteves, com "Borboleta de Ouro", no Teatro Infantil da Associação Brasileira de Criticos Teatrais; Mario Brasini, com "Carcassos", no Teatro Acadêmico.

Quanto aos novos atores, a revelação máxima de 41 e talvez mesmo de toda a historia do nosso teatro, foi a apresentação de Bibi, pela Companhia Procopio Ferreira. Estreando na "Mirandolina" de "O inimigo das mulheres", a famosa "La Locondiera" de Goldoni, em tradução de Gastão Pereira da Silva, a jovem comediante foi desde logo consagrada como um dos mais completos temperamentos artísticos aparecidos na cena brasileira e seu nome ficou desde logo alinhado entre os mais notaveis do teatro nacional.

Outra nota de sensação, foi a estréia de Joracy Camargo como ator, encabeçando um conjunto e vencendo imediatamente, para justificar, pelo seu valor de intérprete, a curiosidade e o interesse que a sua nova atividade despertavam no público.

Alem desses, tivemos ainda: Cacilda Becker, na Companhia Roulien, um elemento que o conhecido ator foi buscar entre os amadores, e que passou logo ao primeiro plano do nosso quadro de intérpretes, e Mario Brasini, entre o grupo dos Acadêmicos, dirigido por D. Esther Leão.

Como se vê, não apenas o número colabora para que a campanha pela renovação dos nossos valores dramáticos esteja dando resultados animadores.

* * *

Quanto ao repertorio, varios pontos altos marcam a temporada de 41. E suplantando todos os outros, como arrojo na realização e vitoria nos resultados, é dever salientar

"A comedia do coração", de Paulo Gonçalves pela Companhia Dulcina-Odilon.

Test perigoso para o prestigio dos dois comediantes sobre a platéia, a peça foi tambem uma prova brilhantemente vencida, das possibilidades artisticas do conjunto por eles encabeçado e do bom gosto do público e quem se dirigia o espetáculo, desmentindo a lenda criado em torno de sua indiferença pelas manifestações mais elevadas da arte de representar. Aliás, em sua temporada no Regina, Dulcina e Odilon tiveram duas outras oportunidades excelentes, com "Sinfonia Inacabada", de Alexandre Casona, em tradução de Odilon, e "Nunca me deixarás!", de Margaret Kennedy, em tradução de Maria Jacintha.

* * *

Jayme Costa deu, alem dos originais de estreantes, "Médico à força", de Molière, em tradução de Lourival Coutinho, e Procopio Ferreira apresentou "Escola de Maridos", do mesmo autor, em tradução de Gastão Pereira da Silva, confirmando o agrado que as peças clássicas estão alcançando no nosso público, inaugurado com o retumbrante êxito do "Avarento", em 1940, na interpretação magistral de Procopio.

* * *

Como peças de maior sucesso popular, considerando isso pela permanencia em cartaz, deve-se registar "O ebrio", de Vicente Celestino, no Carlos Gomes, pela sua Companhia, e "Pensão de D. Stela", de J. Barroso, pela Companhia Jayme Costa, no Rival.

Roulien voltou ao teatro, reaparecendo em uma série de espetáculos no Cassino de Copacabana, após a temporada que alí realizou o conjunto de Joracy Camargo.

A Companhia Palmerim-Cecy ocupou dois teatros: o Serrador, primeiro e o Recreio em seguida, logrando neste último levar a um centenario a comedia "O Canario", de José Wanderley e Mario Lago.

Como temporadas regulares de comedia, tivemos ainda as Companhias Eva Todor, no Rival; Walter Sequeira, no Ginástico; Comedia Brasileira, no mesmo teatro; Mesquitinha, no Carlos Gomes.

* * *

O teatro musicado nada ficou devendo, em movimento, ao de declamação. Alem da Companhia Vicente Celestino, no Carlos Gomes, verificamos ainda, as temporadas de Alda Garrido, em revistas, e Pedro Celestino, em operetas, no João Caetano; Companhia Valter Pinto, em revistas, no Recreio; Companhia Irmãos Celestino, em operetas, no Carlos Gomes; Companhia Mulata de Espetáculos Musicados, no Apolo; Companhia Paradise, de Jardel Jercolis, em gênero brejeiro, no República.

* * *

Procopio Ferreira apresentou, sob os auspicios do S. N. T., duas peças de teatro retrospectivo: "O genro de muitas sogras", de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, e "O Quebranto", de Coelho Netto, ambas recebidas com um interesse relativo, talvez devido à falta de carinho com que foram ensaiadas.

* * *

No amadorismo, a temporada teatral de 41 não teve, com certeza, o brilho das de 39 e 40. Mas nem por isso foi menos digna de registo. Afora a Temporada de Amadores, do S. N. T., tivemos como pontos interessantes de atividade: o Teatro Acadêmico, magnificamente orientado por D. Esther Leão, a já consagrada diretora e ensaiadora da gente nova e inexperiente, de cujas mãos habeis sairam tantos valores positivos; o Teatro do Estudante, sob a direção de Maria Jacintha; a Escola Dramática do Clube Ginástico Português, ensaiada por Simões Coelho e a récita da "Gioconda", pelos alunos do Curso Prático de Teatro do S. N. T., dirigidos por D. Lucilia Peres.

O Teatro Infantil da A. B. C. T., dirigido desta vez por Custodio Mesquita, apresentou duas peças novas, prosseguindo em seu programa de criar espetáculos destinados à infancia e interpretados por crianças.

* * *

Tres livros enriqueceram a bibliografia teatral brasileira, e todos eles de Mello Barreto Filho, o incansavel e autorizado pesquisador da história das nossas diversões públicas: "Onde o mundo se diverte", "Anchieta e Getulio Vargas", e "Diversões Públicas".

Para os estudiosos do assunto, as obras de Mello Barreto, sobre as quais a crítica se ma-

nifestou com as mais elogiosas referencias, representam um cabedal valioso, pela honestidade do autor como pela opulencia de informações e de observações que apresenta.

* * *

Desaparecendo a 31 de Agosto de 1941, Carlos Bittencourt encheu de luto o registo desse ano e de uma saudade que jamais se apagará, o coração de todos os seus amigos.

Escritor de mérito invulgar, jornalista dos mais brilhantes que temos tido, autor de incontaveis sucessos e comediógrafo original e espontaneo, a sua morte, após uma longa e dolorosa enfermidade, foi para a cena brasileira, uma perda irreparavel. Só um estudo meticuloso e imparcial de sua personalidade singular e de sua obra opulenta, poderá um dia situá-lo com justiça no panorama das nossas letras dramáticas e dizer com acerto o valor que ele representava para o teatro da nossa terra.

* * *

Apenas uma temporada estrangeira de declamação ocupa os registos de 1941: a que Louis Jouvet realizou no Municipal do Rio.

Precedido de uma fama que o cinema ainda mais divulgou e solidificou, o famoso ator e diretor francês não desmentiu a expectativa formada em torno de sua figura, dando cerca de uma duzia de espetáculos que, pelo repertorio escolhido, pela meticulosa e detalhada "mise-en-scène" e pela harmonia da interpretação, constituiram outros tantos autênticos sucessos.

* * *

Aí está o que foi 1941 no teatro da cidade.

A guerra que se alastra e ameaça cada vez mais o continente, com todo o seu cortejo de horrores e miserias, não perturbou o ritmo das nossas atividades artísticas.

Ao contrario, precisando de evasão, o público procura, cada vez mais, o repouso espiritual dos graves problemas que atropelam o espírito da humanidade contemporanea. E solicita dos artistas o concurso indispensavel a essa fuga para outros ambientes, ao encontro de uma beleza feita de sonho e de mentira, mas assim mesmo digna de ser admirada nesse momento em que a verdade é tão dolorosamente cruel e trágica.

A política do álcool-motor

A crise do combustivel líquido, decorrente das dificuldades de importação da essência estrangeira, determnou um interesse muito vivo em torno do álcool-motor. E tanto se tem falado ultimamente no álcool carburante que se tem a impressão de que esse problema foi redescoberto ou melhor fica-se a pensar que se está diante de um problema a resolver.

Na verdade, o probelma do álcool-motor já está resolvido quer do ponto de vista tecnico quer do ponto de vista econômico. E' um esclarecimento esse sobre o qual é de toda conveniência insistir, sobretudo no momento presente, porquanto o problema do álcool, sendo por natureza complexo, é natural que o grande público não tenha sobre ele noções exatas e corra por isso o risco de formar convicções errôneas, à base de especulações frívolas de uns ou de incompreensões resultantes da má fé irredutivel de outros.

Mas, por outro lado, o que a crise de combustivel demonstrou de maneira inequívoca foi a eficiência do nosso parque alcooleiro. Porque é o alcool saido das nossas distilarias que está resolvendo em parte a crise, isto é, está permitindo manter o racionamento nas bases atuais. E' esse sem dúvida o primeiro grande serviço que a indústria nacional do álcool presta ao Brasil.

São conhecidas desde muito as possibilidades do aproveitamento do álcool nos motores de combustão interna. Nas áreas açucareira, sobretudo nas usinas, o álcool sempre foi utilizado com êxito em automóveis e caminhões. Antes de 1930, na capital pernambucana foi lançada a "Usga", uma mistura de álcool e eter, e em Alagoas conhecia-se a "Azulina", outro carburante à base de álcool.

Pode-se dizer, todavia, que a indústria brasileira do alcool, com a indiscutivel importância que hoje tem nos quadros da economia do país, é uma criação do governo do Presidente Getúlio Vargas, através de uma série de medidas cautelosas e realistas que permitiram à indústria alcooleira firmar-se em sólidos fundamentos para chegar à esplendida expansão que hoje ostenta, pois o Brasil conta o maior parque alcooleiro da América do Sul e o seu esforço nesse sentido tem sido louvado fora das nossas fronteiras por estudiosos e orgãos especializados, como acontecia há pouco com a revista norte-americana "Sugar", no seu número de junho deste ano. Esse conjunto harmônico de providências constitue uma verdadeira política, a politica do álcool-motor.

Pode-se considerar como ponto de partida da nossa legislação alcooleira o decreto n. 19.717, de 2 de Fevereiro de 1931, do então governo provisório, no qual se torna obrigatória a aquisição de alcool na proporção de 5 por cento da gasolina importada. Ainda do mesmo ano são os decretos 20.169, de 1 de Junho, acrescentado várias providências para a execução do primeiro; 20.356, de 1 de Setembro, criando no Ministerio da Agricultura, o serviço de fiscalização técnica das medidas decretadas pelo governo para estimular o emprego do alcool-motor e 20.672, de 17 de Novembro, modificando algumas disposições do decreto 19.717.

Em 1932, surgem outras providências que firmam e alargam a ação do poder público no que respeita ao alcool-motor. Assim o decreto 21.201, de 24 de Março, autorizam o Ministerio da Agricultura a assinar contratos para a montagem de usinas destinadas ao fabrico de álcool absoluto, medida essa da maior importância e que só mais tarde, por intermédio do Instituto do Açucar e do Alcool, seria plenamente posta em prática. Outras providências foram ainda tomadas em 1932, como se pode ver dos seguintes decretos: 21.213, de 28 de Março, estabelece normas visando facilitar a compra de alcool pelos importadores de gasolina, para os fins do decreto 19.717; 21.513, de 14 de Junho, abrindo um crédito de 125:000$000 pelo Ministério da Agricultura, para a montagem, no Distrito Federal, de bombas para fornecimento do carburante álcool-gasolina; 21.600, de 5 de Julho, prorrogado até 1 de Janeiro de 1933 o prazo de tolerância de que cogita o decreto 19.717; 21.613, abrindo um crédito de 60:000$000 para o custeio de bombas distribuidoras de carburante à base de álcool; 21.650, de 19 de Julho, autorizando a importação de vasilhame destinado ao transporte de álcool para misturas carburantes.

Articuladas essas providências, patenteou-se ao governo a necessidade de confiar a execução das mesmas a um orgão administrativo, que estudando mais a fundo o problema poderia tambem indicar outras medidas tendentes a ampliar ainda mais a ação oficial em favor do carburante nacional. Foi o que se fez pelo decreto 22.152, de 28 de Novembro de 1932, que autorizou a Comissão de Defesa da Produção Açucareira criada em Dezembro de 1931 — a despender, durante o ano de 1933, até 2.400 contos, do fundo de defesa, para incrementar a fabricação do alcool-motor.

Com esse decreto, o governo ingressava na larga esfera de realizações que conduziram aos magníficos resultados de hoje. O problema da produção alcooleira ligava-se ao da defesa da produção de açucar, do qual não poderá ser impunemente desligado, visto como as duas indústrias se acham relacionadas pelo vínculo da identidade da matéria prima, a cana. Os efeitos da política oficial logo que se fizeram sentir, pois já no ano de 1932 a produção de álcool-motor se elevou a 19.265.909 litros, utilizando-se na mistura carburante 12.147.957 litros de álcool, ou sejam 63,06 por cento. A economia feita com a substituição de gasolina foi de 3.328:540$000.

Bem encaminhada como estava a solução do problema, iria ele ser atacado e resolvido em definitivo com a criação do Instituto do Açucar e do Alcool, pelo decreto 22.789, de 1 de Junho de 1933. Entre os objetivos do novo orgão, definidos no art. 4 do citado decreto, figura a seguinte: "Fomentar a fabricação do álcool anidro, mediante a instalação de distilarias centrais nos pontos mais aconselhaveis ou auxiliando, nas condições previstas neste decreto e no regulamento a ser expedido, as cooperativas e sindicatos de usineiros que, para tal fim, se organizarem, ou os usineiros individualmente, a instalar distilarias ou melhorar as suas instalações atuais".

O texto transcrito fala em álcool anidro. Convem precisar aqui um detalhe. O alcool que se empregava na mistura carburante então em voga era o chamado alcool potavel ou hidratado. Tecnicamente não é esse o tipo de alcool que melhor se adapte a fins de carburação, pelo seu alto teor em água e impurezas que o acompanham, que torna difícil a miscibilidade com a gasolina. O álcool anidro ou absoluto é o indicado para emprego nos motores de explosão. A orientação do Instituto do Açucar e do Alcool foi, portanto, a de estimular a produção alcooleira de um modo geral e de preferência a do alcool anidro.

Foi nesse particular que a ação do novo orgão se fez sentir de maneira decisiva, porquanto a montagem de distilarias para alcool anidro reclama capitais avultados. O I. A. A., desde que assumiu as responsabilidades de dirigir a política do álcool, orientou-se no sentido de amparar a iniciativa privada pelo financiamento de distilarias anexas às usinas e agir diretamente instalando distilarias centrais.

O I. A. A., começou a funcionar no segundo semestre de 1933 e esse anno assinala o início da produção de alcool anidro no país. A distilaria Piracicaba produziu em 1933 100.000 litros de álcool do referido tipo. De 1933 a 1941, até onde vão os dados estatísticos de que nos servimos, a expansão do nosso parque alcooleiro se processou com notavel rapidez. Basta ver que de uma produção de 100.000 litros passamos em 1941 a mais de 76 milhões, isso com referência apenas ao álcool anidro. A ação da autarquia açucareira se documenta igualmente em numeros expressivos: o I. A. A., instalou as distilarias centrais de Campos e de Pernambuco, despendendo na primeira .... 21.322:491$850 e na segunda 26.354:121$183; está instalando outra distilaria central em Ponte Nova, na qual serão despendidos.... 4.395:669$100 e adquiriu por 1.623:612$800 o material da Cooperativa Alcoolica da Baía, em Santo Amaro, a fim de fundar alí mais uma distilaria central. Em suma, o I. A. A., empregou a avultada soma de 53.965:894$933. A essa cifra deve-se acrescentar a de...... 15.741:150$351, empregados no financiamento de várias distilarias particulares. As distilarias Presidente Vargas, em Pernambuco, e do Estado do Rio teem capacidade para 60 mil litros diários cada uma, sendo as maiores que existem no país.

A expansão da indústria do álcool no Brasil se demonstra facilmente nestes dados: em 1932 não produzimos um litro sequer de álcool anidro; em 1941, o Brasil possuia 44 distilarias de álcool desse tipo, com uma capacidade diária de 707.000 litros, as nossas distilarias de álcool potavel subiam a 181, com uma capacidade diária de 800.435 litros. E

existem ainda, cadastradas, mais de 8.000 engenhos produtores de aguardente.

Os números que alinhamos acima e os quadros estatísticos que se seguem valem, a toda evidência, por uma demonstração eloquente de que o problema do álcool no Brasil não é um problema a resolver, não é um tema para divagações, mas um problema resolvido de maneira realista, dentro das nossas possibilidades econômicas e técnicas, restando apenas ampliar dentro dos quadros já estabelecidos a solução em boa hora encontrada pela visão dos homens que tiveram a seu cargo dirigir os destinos da autarquia açucareira.

ÁLCOOL

PRODUÇAO E VALOR NO PERÍODO DAS SAFRAS

UNIDADE: LITRO

SAFRAS	POTAVEL de 74 a 97,5° G. L.	ANIDRO Acima de 99,5° G. L.	TOTAL	VALOR Em contos de réis
1930/31	33.291.642	—	33.291.642	13.548
1931/32	37.357.959	—	37.357.959	21.510
1932/33	38.968.390	—	38.968.390	24.493
1933/34	43.336.288	100.000	43.436.288	31.221
1934/35	43.990.828	3.239.518	47.230.346	37.605
1935/36	54.298.819	7.733.791	62.035.610	44.446
1936/37	43.206.605	14.075.543	57.382.148	48.791
1937/38	43.244.835	20.616.770	63.861.605	47.391
1938/39	55.808.197	36.505.878	92.314.075	67.759
1939/40	62.214.868	31.499.371	93.714.239	69.496
1940/41	59.021.592	67.599.396	126.620.988	93.420

ÁLCOOL-MOTOR

PRODUÇAO NO PERÍODO DE 1932 A 1941

UNIDADE: LITRO

ANOS	ÁLCOOL-MOTOR	SUBSTANCIAS UTILIZADAS NA MISTURA CARBURANTE			
		ALCOOL	GASOLINA	QUEROZENE	Outras subst.
1932	19.265.909	12.147.957	7.096.405	16.491	5.056
1933	14.630.854	12.963.002	1.638.996	23.983	4.923
1934	27.285.269	14.115.963	13.154.824	14.278	204
1935	47.524.474	16.741.945	30.776.336	3.527	2.616
1936	138.611.595	24.340.393	114.268.502	2.700	—
1937	112.342.593	18.440.646	93.858.920	35.826	1.201
1938	213.477.743	32.689.879	180.774.613	11.592	1.459
1939	312.683.596	49.065.372	263.613.752	2.920	1.552
1940	299.216.620	44.834.030	254.382.328	—	262
1941	462.509.137	102.789.512	359.714.871	4.713	41
TOTAIS...	1.647.547.790 100,00%	328.134.699 19,92%	1.319.279.797 80,08%	115.980 %	17.314 %

ÁLCOOL-MOTOR

DEMONSTRATIVO DO VALOR EM RÉIS ECONOMIZADO PELO BRASIL COM A PRODUÇAO DO ALCOOL-MOTOR

UNIDADE: LITRO

ANOS	Produção de Alcool-motor	Álcool aplicado na mistura (Hidratado e anidro)	% do aumento de consumo de álcool puro, nos motores de explosão		Valor em réis, a bordo, no Brasil, correspondente à gasolina substituida pelo álcool
			De ano para ano	Sobre 1932	
1932	19.265.909	12.147.597	—	—	3.323:540$000
1933	14.630.854	12.962.002	+ 6,70	+ 6,70	3.020:379$000
1934	27.285.269	14.115.963	+ 8,89	+ 16,20	3.373:715$000
1935	47.524.474	16.741.945	+ 18,60	+ 37,82	5.876:423$000
1936	138.611.595	24.340.393	+ 45,39	+ 100,37	8.519:137$500
1937	112.342.593	18.446.646	— 24,21	+ 51,85	6.991:278$600
1938	213.477.743	32.689.879	+ 77,21	+ 169,10	11.408:767$700
1939	312.683.596	49.065.372	+ 50,09	+ 303,90	21.539:698$300
1940	299.216.620	44.834.030	— 8,62	+ 269,06	17.664:607$300
1941	462.509.127	102.789.512	+ 129,26	+ 746,14	45.741:332$900
TOTAIS....	1.647.547.790	328.134.595	—	—	[illegible]

Academia Brasileira de Letras

(História literária e bio-bibliografia)

POR

D'ALMEIDA VÍTOR

(do P. E. N. Clube do Brasil, da Associação Brasileira de Imprensa, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais).

Academia Brasileira de Letras

Emblema da Academia, em côr verde.

A sobrevivência da Academia Brasileira por quase meio século está condicionada menos ao espírito associativo do nosso povo (que é quase nulo), do que, realmente, ao patrimônio material que possue e torna, assim, objeto de interesse de intelectuais, não apenas pela consagração que oferece, como ainda pelas vantagens econômicas dela advindas.

Fundamentamos a nossa supsição no terem agremiações idênticas sido fundadas nestes dois últimos séculos, sem que nenhuma haja sequer, logrado atingir "maioridade civil" (1). A Academia Brasileira, porém, fundada em 1896, tende, pela sua organização, a ter vida duradoura.

I — UMA IDÉIA EM MARCHA

A idéia de fundação de uma Academia, nos moldes da Academia Francesa, concebeu-a o Conde Afonso Celso (1847) e, posteriormente, Medeiros e Albuquerque nos primórdios da República (1889). Nem um, nem outro, entretanto, lograram mais do que lançar a sementeira de um ideal. Sòmente em 1896 veriam tomar forma objetiva o velho sonho. Medeiros afirmou a propósito: "Positivamente, sem Lúcio nada se teria feito. Pode dizer-se que foi êle quem fez tudo. Nem mesmo Machado de Assís, que não era homem de ação, conseguiria cousa alguma" (*Homens e cousas da Academia*).

A idéia definitiva da fundação, impulsionou-a Lúcio de Mendonça na *Revista Brasileira*, fundada por José Veríssimo e com redação na Travessa do Ouvidor, n. 31, onde funcionara antes a *A Semana* de Valentim Magalhães, e onde se reuniam "diariamente, chuchurreando um chá chilro, José Veríssimo, diretor da *Revista*, Paulo Tavares, secretário, Machado de Assís, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Graça Aranha, Paula Ney, Domício da Gama, Alberto de Oliveira, Rodrigo Otávio, Silva Ramos e Filinto de Almeida. Por vezes apareciam Bilac, Guimarães Passos, Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Pedro Rabelo e outros" (Coelho Neto, *in Revista da Academia*, números 27/28). A idéia não obteve aceitação irrestrita, acolhimento entusiástico, como esperava Lúcio de Mendonça, pois que alguns do grupo opuseram dúvidas no empreendimento, como depõe Coelho Neto: "Lembro-me bem que José Veríssimo, pelo menos, não fez bom acolhimento. Machado tambem, creio, fez a princípio, algumas objeções. Mas Nabuco e Taunay e outros concordaram" (*loc cit.*). Aconteceu, no entanto, que o desejo inicial de ser a Academia fundada sob os auspícios do Estado foi substituido pela iniciativa da creação, mesmo, de uma instituição particular. Finalmente, foi a Academia de Letras fundada em 15 de novem-

---

(1) — Depois da celebre Academia de Platão, reunida no Jardim de Academus e que serviu de modêlo descriminativo às instituições culturais, quer de ensino, quer de agrupamento de intelectuais — a primeira Academia de que se tem notícia data de 1570: a "Academia do Palácio" em Paris, protegida por Carlos IX.

A "Academia Francesa", a do Cardeal de Rechelieu, é, porém, de 1635, posterior à "Academia de Florença" também chamada **della Crusca** ou do **Farello** (1582), e à "Academia de Lincei" (1609).

Outras Academias surgiram, desde então: a "Academia dos Generosos" em Portugal (1647); a "Academia Rial de Londres" (1660); a "Academia dos Singulares" em Portugal (1663); a "Academia das Inscrições e Belas Artes" na França (1663); a "Academia das Ciências" também na França (1666); a "Arcádia Romana" (1690); a "Arcádia Ulissiponense" (1756); a "Academia das Ciências de Lisboa" (1679) e a "Nova Arcádia" (1790) em Lisboa.

E' de 1724 a primeira Academia existente no Brasil, a "Academia Brasílica dos Esquecidos", na Baía. As Academias dos "Felizes" e dos "Seletos" foram fundadas no Rio de Janeiro em 1736 e 1750. Os "Esquecidos" reviveram em 1759, agrupados na "Academia Brasílica dos Renascidos". Ainda no Rio de Janeiro, em 1779, surgiu a "Arcádia Ultramarina". — São informações de Afrânio Peixoto.

bro de 1896 (2) e, antes da inauguração oficial em junho do ano seguinte realizaram-se sete sessões preparatórias, todas na sede da *Revista Brasileira*.

II — OS FUNDADORES E A INSTALAÇÃO OFICIAL

Na última sessão preparatória, em 28 de janeiro, na qual c o m p a r e c e r a m Artur Azevedo, Araripe Júnior, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, Veríssimo, Lúcio, Machado, Bilac, Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo e Taunay — Bilac propôs fossem aclamados os 30 nomes da lista inicial, "observando-se o artigo 22 do Regimento, que marca o prazo de 6 meses para a posse." Foram eles: Afonso Celso, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Araripe Júnior, Artur de Azevedo, Carlos de Laet, Coelho Neto, Filinto de Almeida, Garcia Redondo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Luís Murat, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Pereira da Silva, Rodrigo Otávio, Rui Barbosa, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Urbano Duarte, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay. Em seguida, foram eleitos os 10 restantes para perfazer os Quarenta, recaindo a escolha em Magalhães de Azevedo, Raimundo Correia, Aluísio Azevedo, Salvador de Mendonça, Domício da Gama, Luís Guimarães Júnior, Eduardo Prado, Fránklin Dória (Barão de Loreto), Clovis Beviláqua e Oliveira Lima (Fernão Neves, *A Academia Brasileira de Letras*).

Completo o quadro acadêmico, a Academia instalou-se oficialmente a 20 de junho de 1897, em sessão solene, numa das salas do *Pedagogium*, na rua do Passeio, n. 82, com a presença de pouco mais de um terço dos seus membros. Alguns estavam ausentes, uns fizeram-se representar, outros, porém, não chegaram a dar a razão de ser do seu não comparecimento à sessão.

Com a instituição das Cadeiras (3), a Academia numerou-as, e pô-las sob o patrocínio de vultos "escolhidos entre homens ilustres que engrandeceram a nossa história literária." Assim foi que cada Poltrona teve o seu "símbolo", na seguinte ordem: n. 1 patrono ADELINO FONTOURA, fundador Luís Murat; n.º 2. ÁLVARES DE AZEVEDO, Coelho Neto; n. 3, ARTUR DE OLIVEIRA, Filinto de Almeida; n. 4, BASÍLIO DA GAMA, Aluísio Azevedo; n. 5, BERNARDO GUIMARÃES, Raimundo Correia; n. 6, CASIMIRO DE ABREU, Teixeira de Melo; n. 7, CASTRO ALVES, Valentim Magalhães; n. 8, CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, Alberto de Oliveira; n. 9, DOMINGOS GONÇALVES DE MAGALHÃES, Magalhães de Azevedo; n. 10, EVARISTO DA VEIGA, Rui Barbosa; n. 11, FAGUNDES VARELA, Lúcio de Mendonça; n. 12, FRANÇA JÚNIOR, Urbano Duarte; n. 13, FRANCISCO OTAVIANO, Visconde de Taunay; n. 14, FRANKLIN TÁVORA, Clovis Beviláqua; n. 15, GONÇALVES DIAS, Olavo Bilac; n. 16, GREGÓRIO DE MATOS, Araripe Júnior; n. 17, HIPÓLITO DA COSTA, Sílvio Romero; n. 18, JOÃO FRANCISCO LISBOA, José Veríssimo; n. 19, JOAQUIM CAETANO, Alcindo Guana-

---

(2) — Ata da primeira sessão preparatória da Academia Brasileira:

"Aos quinze dias do mês de novembro de mil oitocentos e noventa e seis, na sala de redação da **Revista Brasileira**, às 3 horas da tarde, presentes os srs. Artur Azevedo, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Verissimo, Filinto de Almeida, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay, é aclamado presidente da reunião o sr. Machado de Assis. Este convida para secretários os srs. Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo.

"O sr. José Verissimo comunica que o sr. Coelho Neto o autorizou a declarar que adere às resoluções tomadas na presente reunião. — O sr. Olavo Bilac fez idêntica declaração em nome do sr. Luís Murat. — O sr. Lúcio de Mendonça comunica que está autorizado a fazer a mesma declaração em nome do sr. Urbano Duarte.

"O sr. Presidente dá a palavra ao sr. Lúcio de Mendonça, que expõe os fins da reunião e declara que, conforme é sabido, ela se destina à fundação da Academia de Letras. Recorda o pensamento que tinham os iniciadores da idéia de a ver aceita pelos poderes da República, partindo do Govêrno o ato da criação do instituto. Essa criação encontrou, porém, embaraços, o que determinou a presente reunião, para que os escritores simpáticos à criação da Academia se constituíssem livremente. Assim, comunica que tem em seu poder um projeto de estatutos organizado pelo sr. Inglês de Sousa e dele dá conhecimento à Assembléia. Concluindo, pede a nomeação de uma comissão que, estudando o projeto em breve prazo, emita sobre ele a sua opinião para a definitiva instalação da Academia de Letras.

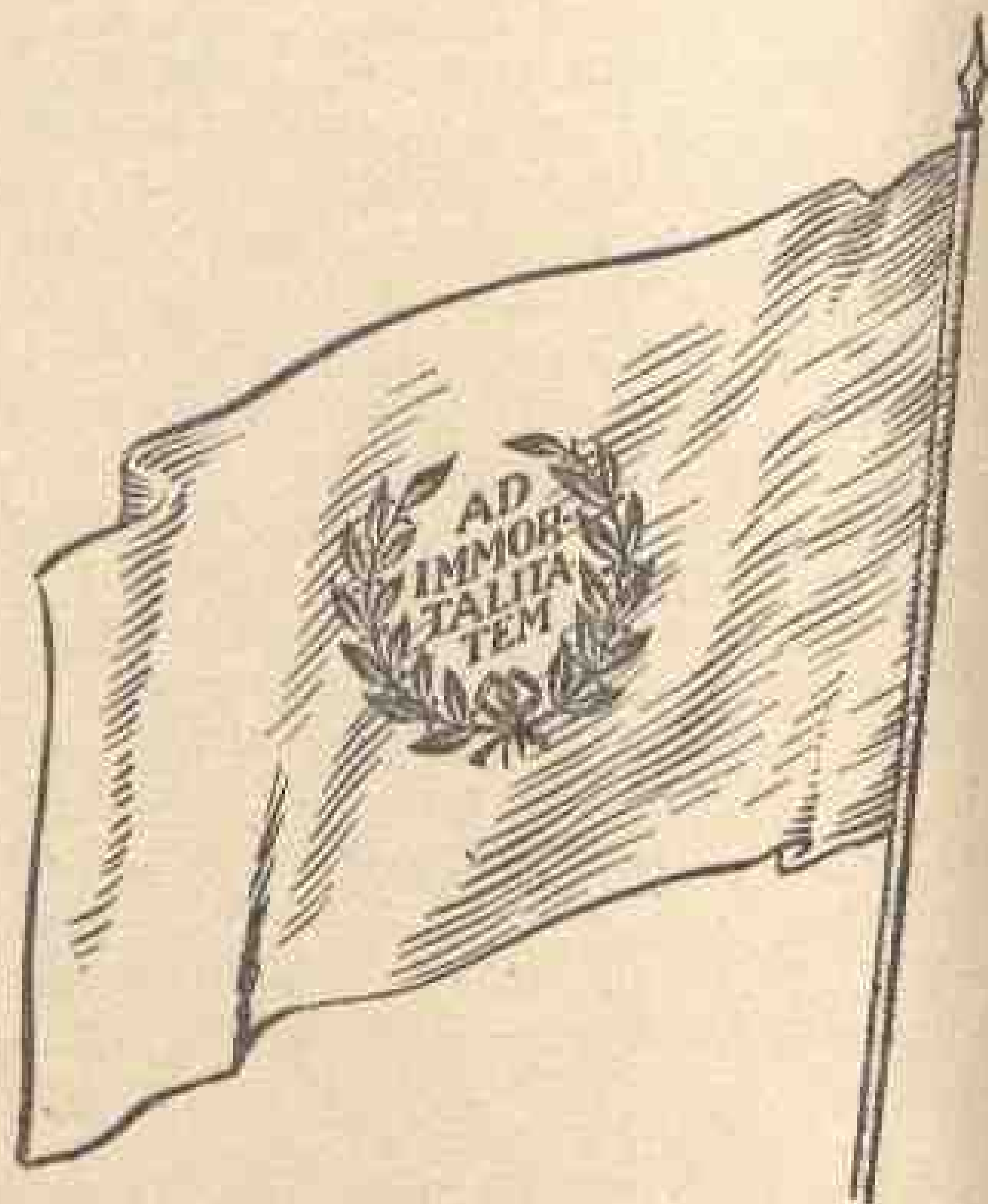
"O sr. Presidente nomeia para essa comissão os srs. Joaquim Nabuco, José Veríssimo e Inglês de Sousa. — Não havendo mais nada a tratar, o sr. Presidente encerra a sessão, marcando a próxima reunião para o dia 23 de dezembro, no mesmo local e hora". — Seguem-se as assinaturas dos presentes (do Arquivo da Academia Brasileira).

(3) — A tradição das poltronas na Academia tem raízes no passado. Conta Afrânio Peixoto: "Na Academia Francesa havia apenas uma poltrona ou **fauteuil**, para o diretor. Em 1713, foi candidato um escritor amável, então muito querido, La Monnoye, e o acadêmico Cardeal d'Estrées quisera dar-lhe o voto..., mas lá não iria pois que, príncipe da Igreja, não se sentaria num banco, com a ralé, sinão num **fauteuil**, como tinha direito no Paço del-Rei. Não haja dúvida, disse Luís IV, sabendo do caso: "dêem-se quarenta poltronas aos senhores acadêmicos" (**in** prefácio de **A Academia Brasileira de Letras** de Fernão Neves). A poltrona acadêmica, assim, passou a ser um símbolo de igualdade de condições sociais e de enaltecimento intelectual.

bara: n. 20, JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, Salvador de Mendonça; n. 21, JOAQUIM SERRA, José do Patrocínio; n. 22, JOSÉ BONIFÁCIO (O Moço), Medeiros e Albuquerque; n. 23, JOSÉ DE ALENCAR, Machado de Assis; n. 24, JULIO RIBEIRO, Garcia Redondo; n. 25, JUNQUEIRA FREIRE, Fránklin Dória (Barão de Loreto); n. 26, MACIEL MONTEIRO, Joaquim Nabuco; n. 27, LAURINDO RABELO, Guimarães Passos; n. 28, ANTÔNIO MANUEL DE ALMEIDA, Inglês de Sousa; n. 29, MARTINS PENA, Artur de Azevedo; n. 30, PARDAL MALLET, Pedro Rabelo; n. 31, PEDRO LUIS, Luís Guimarães Júnior; n. 32, VISCONDE DE PORTO ALEGRE, Conde Carlos de Laet; n. 33, RAUL POMPÉIA, Domício da Gama; n. 34, SOUSA CALDAS, J. M. Pereira da Silva; n. 35, TAVARES BASTOS, Rodrigo Otávio; n. 36, TEÓFILO DIAS, Conde Afonso Celso; n. 37, TOMÁS ANTONIO GONZAGA, Silva Ramos; n. 38, TOBIAS BARRETO, Graça Aranha; n. 39, VARNHAGEN, Oliveira Lima; n. 40, VISCONDE DO RIO-BRANCO, Eduardo Prado.

O critério da escolha dos Patronos obedeceu nem sempre a um justo reconhecimento aos "homens ilustre que engrandeceram a nossa história literária". Prevaleceram, em boa parte, homenagens afetivas, pelo que se tornou necessária, posteriormente, a instituição de Patronos também para as Poltronas dos Sócios Correspondentes (4).

III — AS DIFICULDADES DOS PRIMEIROS TEMPOS E, FINALMENTE, A FORTUNA

Após a instalação oficial, a Academia cuidou de dar cumprimento ao dispositivo do artigo 1.º dos seus Estatutos, que estabelecia o número de vinte Sócios Correspondentes, escolhidos entre escritores estrangeiros, a metade portugueses. O primeiro sócio eleito nesta classe foi Emile Zola. Depois seguiram-se Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Eça de Queirós, Eugênio de Castro, José Echegarry, Herbert Spencer, Bartholomeu Mitre, Carducci, Mommsen, Tolstói, Paul Groussac, Garcia Merou, Blest Gana, Ibsen e Rafael Obligado, posteriormente, foram eleitos, ainda, John Fiske, John Hay, Elisée Reclus e Sienkiewicz, para, respectivamente, as Poltronas patrocinadas por EUSÉBIO DE MATOS (n. 4), MATIAS AIRES (n. 6), Frei VICENTE DO SALVADOR (N. 10), ANTONIO JOSÉ — o Judeu (n. 2), Dom FRANCISCO DE SOUSA (n. 5), GONÇALVES LEDO (n.º 15), MONT'ALVERNE (n. 14), ALEXANDRE DE GUSMÃO (n. 1), JOSÉ BONIFÁCIO — o Patriarca n. 16), VISCONDE DE CAIRÚ (n. 20), ODORICO

Bandeira da Academia: em fundo branco, o emblema verde.

MENDES (n. 17), SILVA ALVARENGA (n. 18), ALEXANDRE RODRIGUES PEREIRA (n. 11), ANTONIO DE MORAIS SILVA (n. 12) DOMINGOS BORGES DE BARROS (n. 13), SOTERO DOS REIS (n. 19), ROCHA PITA (n. 8), SANTA RITA DURÃO (n. 9), MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA (n. 3), NUNO MARQUES PEREIRA (n. 7).

Enquanto a nova instituição ia procurando adquirir um ritmo de normalidade, ia também lutando com dificuldades mesmo para as despezas inadiáveis, como o aluguel da sala para reuniões. E as pequenas despesas de expediente, eram cobertas pela contribuição mensal dos acadêmicos (primeiramente 5$000, depois 10$000), que não era feita entretanto, com regularidade, segundo depoimento do então Tesoureiro, Rodrigo Otávio (in *Revista da Academia*, n. 27-28). Essa situação precária impôs-lhe certo nomadismo, que infundia desconfiança na sua sobrexistência. Das sessões preparatórias na redação da *Revista Brasileira*, passou a Academia a reunir-se no escritório de Rodrigo Otávio, conseguindo, por influência de um ou outro dos seus membros,

(4) — A idéia de designar por patronos e numerar as Cadeiras dos Sócios Correspondentes, à semelhança das dos Sócios Efetivos, foi proposta pelo Conde Afonso Celso, em 1929.

realizar sessões públicas, ora no Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II), ora no *Pedagogium*, já na Biblioteca Fluminense, já na Secretaria do Ministerio do Interior e Justiça e no Gabinete Português de Leitura, antes que o Ministro da Justiça, J. J. Seabra, em cumprimento à lei Eduardo Ramos (n. 722, de 8 de dezembro de 1900), lhe desse pouso fixo no Silogeu Brasileiro, onde a Academia permaneceu 18 anos, entre 1905 e 1923.

Anos depois, já na sede própria, a Academia saldou uma velha dívida de gratidão, inaugurando, numa das salas, o retrato da figura gloriosa de Seabra. E Medeiros e Albuquerque, a quem coube oferecer ao Estadista a homenagem, disse-lhe: "O literato primitivo, em geral, é um pouco nômade, um pouco boêmio. Só depois, toma pé, faz-se homem sério, pode subir até o fardão. — A Academia fez, exatamente, essa evolução. Foi vagabunda, boêmia, sem pouso certo. — Fostes vós que pusestes termo a essa situação dando-lhe casa"; e acrescentou mais adiante: "Aliás, é um traço de vosso caráter o de procurar, quando no govêrno, realizar belas e nobres cousas" (*loc. cit.*).

Conquanto já possuísse, se bem que por empréstimo, um canto para o seu expediente e as reuniões privadas e até públicas, nem mesmo assim foi resolvido o seu problema financeiro. Inúmeras despesas, consequentes à sua própria existência, precisavam de ser atendidas e a verba com que contava provinha ainda da contribuição individual de cada sócio. Essas dificuldades duraram vários anos — aos quais Medeiros e Albuquerque classificou, com aquele humor sadio que lhe torna a obra sempre interessante, de "tempos heróicos" — até que, em 1910, o Congresso lhe reservava a subvenção de .... 20:000$000, incluidos na rubrica de "Socorros Mútuos". Evidentemente era uma ação de socorro, que não teve, porém, duração, pois, logo em 1913, era suprimida.

Novamente a borrasca... Outra vez a volta com as dificuldades... Mas eis que na sessão de 6 de janeiro de 1917, Medeiros e Albuquerque, então Presidente, anunciava, em plenário, que "o falecido livreiro Francisco Alves de Oliveira, não tendo herdeiros forçados, legara à Academia toda a sua fortuna, tornando-a sua herdeira universal" (5). Era, definitivamente, a bonança...

O *jeton de présence* (como na Academia Francesa), instituído por proposta de Mario de Alencar durante os três anos de subvenção do Govêrno, logo foi restabelecido, já agora aumentado, e toda a vida da Academia recebeu um estimulante poderoso que lhe permitiria realizar uma obra, sem dúvida, proveitosa na defesa da cultura nacional.

IV — RENOVAÇÃO DOS QUADROS ACADÊMICOS E A SEDE PRÓPRIA

Desde a sua instalação oficial, em 1897, verificaram-se inúmeras baixas e, consequentemente, seus preenchimentos nos quadros da Academia, numa renovação da quase totalidade dos seus membros iniciais. Em 45 anos de existência, restam, apenas, dos fundadores, Filinto de Almeida, Magalhães de Azevedo, Clovis Beviláqua e Rodrigo Otávio (6).

---

(5) — Trecho do testamento de Francisco Alves:

" . . . .

"Como não tenho herdeiros forçados, por isso disponho dos meus bens da forma seguinte: — Deixo tudo o que possuo à Academia Brasileira de Letras enquanto ela existir e, se deixar de existir, à Santa Casa de Misericórdia desta Capital, com as seguintes obrigações: — 1) não alienar os imóveis; — 2) converter, em apólices da Divida Pública Federal, as quantias que receber dos meus testamenteiros; — 3) fazer, de cinco em cinco anos, dois concursos, um sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil, outro sobre a lingua portuguesa, dando de prêmio, às monografias que obtiverem os primeiros lugares dez contos de réis cada uma, às que obtiverem o segundo lugar, cinco contos de réis a cada uma, e às que obtiverem terceiro lugar, três contos de réis a cada uma; — 4) dar, à d. Maria Dolores Braun, filho do dr. Ferdinando Bernard François Hachbradt Braun, a quantia de quinhentos mil réis enquanto for viva".

. . . .

A Academia — segundo nota de Fernão Neves (**A Academia Brasileira de Letras**) — aumentou esta verba para dois contos de réis mensais.

O testamento traz a data de 31 de maio de 1904.

(6) — Dos Sócios Correspondentes eleitos inicialmente, apenas existe Eugênio de Castro (Cadeira núm. 5), tendo sido as vagas preenchidas, na ordem do falecimento, por Gonçalves Viana, Alberto de Oliveira e Padre Serafim Leite, em substituição a **Bartolomeu Mitre**; Carlos Malheiro Dias e Egas Moniz, em substituição a **Eça de Queirós**; Jaime de Séguier e Armando Erse (João Luzo), em substituição a **Guerra Junqueiro**; Júlio Dantas, em substituição a **H. Sienkiewicz**; Candido de Figueiredo, José Maria Rodrigues e Fidelino de Figueiredo, substituição a **Johan Fiske**, Ramalho Ortigão, Antonio Feijó e João de Barros, em substituição a **John Milton Hay**; Antero de Figueiredo, em substituição a **Teófilo Braga**; Javier de Viana e Miguel Louis Rocauant, em substituição a **Garcia Merou**; Victor Ourban, em substituição a **Blest Gana**; Conde de Monsaraz, John Casper Branner e George Dumas, em substituição a **Ibsen**; Jean Finot e Ernest Martinenche, em substituição a **Spencer**; Santos Chocano e Rodolfo Rivarola, em substituição a **Echegaray**; Guglielmo Ferrero, em substituição a **Carducci**, com o falecimento dele, em 1942, encontra-se vaga a cadeira n.º 16; Martin Brousset, em substituição a **Tolstói**; Rodriguez Mariz, em substituição a **Paul Groussac**; D'Annunzio e Ramon Cárcano, em substituição a **Rafael Abrigado**; e Goran Bjorkmann e Alexandre Conty, em substituição a **Theodore Mommsen**.

Os demais teem morrido e muitos dos seus sucessores tambem faleceram, sendo substituidos na seguinte ordem: *Luís Guimarães Júnior*, por João Ribeiro (1898); *J. M. Pereira da Silva*,

Modelo do fardão acadêmico, de casemira verde garrafa, bordado a ouro que se completa com o bicórnio ourelado com arminho, o espadim e o colar.

pelo Barão do Rio Branco (1898); *Visconde de Taunay*, por Francisco de Castro (1899); *Eduardo Prado*, por Afonso Arinos (1901); *Francisco de Castro*, por Martins Júnior (1902); *Urbano Duarte*, por Augusto de Lima (1903); *Valentim Magalhães*, por Euclides da Cunha (1903); *Martins Júnior*, por Sousa Bandeira (1905); *José do Patrocinio*, por Mário de Alencar (1905); *Pedro Rabelo*, por Heráclito Graça (1906); *Franklin Dória* (Barão de Loreto), por Artur Orlando (1907); *Teixeira de Melo*, pelo Barão de Jaceguai (1907); *Machado de Assis*, por Lafayette Rodrigues Pereira (1909); *Artur de Azevedo*, por Vicente de Carvalho (1910); *Guimarães Passos*, por Paulo Barreto (João do Rio) (1910); *Euclides da Cunha*, por Afrânio Peixoto (1910); *Lúcio de Mendonça*, por Pedro Lessa (1910); *Joaquim Nabuco*, pelo Marechal Dantas Barreto (1910); *Raimundo Correia*, por Osvaldo Cruz (1912); *Araripe Júnior*, por Felix Pacheco (1912); *Barão do Rio-Branco*, por Lauro Müller (1912); *Aluísio Azevedo*, por Alcides Maya (1913); *Salvador de Mendonça*, por Emílio de Menezes (1914); *Heráclito Graça*, por Antonio Austragésilo (1914); *Barão de Jaceguai*, por Goulart de Andrade (1915); *Silvio Romero*, por Osório Duque Estrada (1915); *José Verissimo*, pelo Barão Homem de Melo (1916); *Afonso Arinos*, por Miguel Couto (1916); *Artur Orlando*, por Ataúlfo de Paiva (1916); *Garcia Redondo*, por Luís Guimarães Filho (1917); *Lafayette Rodrigues Pereira*, por Alfredo Pujol (1917); *Osvaldo Cruz*, por Aluísio de Castro (1917); *Sousa Bandeira*, por Hélio Lobo (1916); *Barão Homem de Melo*, por Alberto Faria (1918); *Alcindo Guanabara*, por Dom Silvério Gomes Pimenta (1919); *Emílio de Menezes*, por Humberto de Campos (1919); *Inglês de Sousa*, por Xavier Marques (1919); *Olavo Bilac*, por Amadeu Amaral (1919); *Paulo Barreto* (João do Rio), por Constâncio Alves (1922); *Pedro Lessa*, por Eduardo Ramos (1922); Dom *Silvério Gomes Pimenta*, por Gustavo Barroso (1923); *Rui Barbosa*, por Laudelino Freire (1923); *Vicente de Carvalho*, por Cláudio de Sousa (1924); *Alberto Faria*, por Luís Carlos (1926); *Domicio da Gama*, por Fernando Magalhães (1926); *Mário de Alencar*, por Olegário Mariano (1926); *Lauro Müller*, por Dom Aquino Correia (1926), *Osório Duque Estrada*, por Roquette Pinto (1927), *Carlos de Laet*, pelo Barão de Ramiz Galvão (1928); *Oliveira Lima*, por Alberto de Farias (1928); *Luís Murat*, por Afonso de Taunay (1929); *Amadeu Amaral*, por Guilherme de Almeida (1930); *Alfredo Pujol*, por Otávio Mangabeira (1930); *Silva Ramos*, por Alcântara Machado (1931); *Graça Aranha*, por Santos Dumont (1931); *Marechal Dantas Barreto*, pelo Tenente Coronel Gregório da Fonseca (1931); *Alberto de Farias*, por Rocha Pombo (1933); *Santos Dumont*, por Celso Vieira (1933); *Luís Guimarães Filho*, por A. J. Pereira da Silva (1933); *Constâncio Alves* por Ribeiro Couto (1934); *Rocha Pombo*, por Rodolfo Garcia (1934); *João Ribeiro*, por Paulo Setúbal (1934); *Augusto de Lima*, por Vitor Viana (1935); *Gregório da Fonseca*, por Levi Carneiro (1935); *Miguel Couto*, por Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) (1936); *Medeiros e Albuquerque*, por Miguel Osório de Almeida (1935); *Coelho Neto*, por João Neves da Fontoura (1936); *Humberto de Campos*, por Múcio Leão (1935); *Félix Pacheco*, por Pedro Calmon

(") — O seu falecimento em 30 de outubro (1942), vem deixar vaga a Cad. n.º 28.

(1936); *Goulart de Andrade*, por Barbosa Lima Sobrinho (1937); *Alberto de Oliveira*, por Oliveira Viana (1937); *Paulo Setúbal*, por Cassiano Ricardo (1937); *Laudelino Freire*, por Osvaldo Orico (1937); *Vitor Viana*, por José Carlos de Macedo Soares (1937); *Barão de Ramiz Galvão*, por Viriato Correia (1938); *Conde Afonso Celso*, por Clementino Fraga (1939); *Luis Guimarães Filho*, por Manuel Bandeira (1940); e *Alcântara Machado*, por Getúlio Vargas (1941) (7).

* * *

Em 1922, sendo Alexandre Conty, Embaixador da França no Brasil (depois, Sócio Correspondente da Academia), Afrânio Peixoto, seu amigo, sugeriu-lhe fosse doado, para sede da Academia, o imóvel em que funcionara o Pavilhão francês durante os festejos comemorativos do Centenário da Independência brasileira. Após uma série de entendimentos foi objetivado o tal desejo, e o Presidente Millerand doou o *Petit Trianon* ao Govêrno do Brasil, destinando-o, de logo, à Academia. Aos 15 dias de Novembro de 1923, Afrânio Peixoto na presidência, inaugurava-se em sessão pública solene, a nova e definitiva sede.

V — A AÇÃO CULTURAL DA ACADEMIA E SUAS PUBLICAÇÕES

Se a Academia na sua trajetória, de quase meio século, tem atendido, uma vez que outra, a vaidades políticas — que não chegaram a desmerecer-lhe o conceito antes firmado — doutra parte, tem procurado dar, à nossa cultura, um sentido de "tradição, fortalecê-la, enobrecendo a inteligência na continuação obstinada do zelo pela beleza, que é a melhor forma de servirmos ao patrimônio da língua e ao futuro espiritual da raça", na definição de Félix Pacheco.

Desde os primórdios tem procurado a Academia intervir direta ou indiretamente, aquí e alí, nesses assuntos. Já em 1897, José Veríssimo intentava estabelecer uma grafia única para a palavra Brasil (com *s*); e, logo a seguir, propunha a elaboração de um *Dicionário Bio-bibliográfico*. A idéia foi esquecida durante vinte anos e, embora relembrada, em 1919, por Alberto de Oliveira, permanece até hoje irrealizada. Em 1907, ao tempo em que Medeiros e Albuquerque propunha uma reforma ortográfica, que após prolongada discussão foi aprovada, Salvador de Mendonça aventava a idéia da organização de um *Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa*, pelo qual se deveriam reger as publicações oficiais da Academia. E, se a proposta de Salvador de Mendonça não logrou objetivar-se, serviu ao menos como indicação, para que, anos depois, Laudelino Freire insistisse na organização de um dicionário com as expressões brasileiras e com o título de *Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguesa*, apresentando, neste sentido, um plano geral, que foi aprovado pela Academia, tendo esta designado as respectivas comissões para realizá-lo. Em 1928, apareceu o

---

(7) — Há dois aspectos que não podem deixar de ser considerados como determinantes da eleição de Getúlio Vargas para a Cadeira núm. 37 (ou teria sido qualquer outra), antes que, **a priori**, se pense em ato meramente subserviente à posição que ele ocupa no cenário do País e do Continente, atualmente. Tais são:

a) A personalidade intelectual do orador — firmada, absolutamente, desde os bancos acadêmicos até a hora presente — revela o escritor que fracassara por ter seguido o caminho áspero da política. Através do estilo enxuto e sóbrio, harmonioso, de matizações pouco comuns e cintilações encantadoras, fulgura o pensamento no vigor do sentimento, na totalidade da idéia, sempre alternado por emoções imprevistas. Singular individualidade literária, a de Getúlio Vargas, nascida, aliás, na Faculdade, vigorizada no Parlamento, aprimorada — parecerá paradoxo dizê-lo — nas lutas partidárias, até atingir a plenitude consentânea com a posição intelectual do momento presente, em que a sua palavra têm um significado especial — bussola por que se irá guiar o destino da Nação.

b) Bastaria, aliás, a obra do Presidente Vargas, no que concerne ao estimulo, à conservação e à defeza da cultura nacional, nas suas diversas faces, para credenciá-lo ao direito de posse de uma Poltrona na Academia Brasileira e justificar, assim, a resolução unânime desta em elegê-lo e atraí-lo ao seu convívio.

Em 12 anos de govêrno, Vargas contribuiu, de maneira insofismável, para o desenvolvimento intelectual do País. A criação, inicialmente, do Ministério da Educação e Saúde Pública, seria o primeiro passo para essa obra, dela resultando a diminuição gradativa do analfabetismo e, consequentemente, perspectivas amplas à inteligência da massa, que iria, ademais, encontrar orientação e incentivo para a sua consciência artística despertada.

Foram criados o Serviço do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional, o Serviço Nacional de Teatro, o Instituto Nacional do Livro. Foi reorganizado o Museu Nacional de Belas Artes, iniciando-se a restauração dos marcos na nossa evolução social. Tambem decretaram-se leis de incentivo e defesa da produção cinematográfica e de orientação e amparo ao Rádio e à Imprensa, que passariam a ser estimados como orgãos de educação popular e elementos de cooperação administrativa — sendo asseguradas garantias para os que neles trabalham.

Inúmeros acordos culturais com outros países, principalmente da América, foram firmados. Iniciou-se a preparação intelectual da juventude, com o fim de tornar os seus conhecimentos simples dotes, mas elemento indispensavel à colaboração intima com o Estado no bem estar geral, sendo valiosa contribuição a criação da Faculdade Nacional de Filosofia. Foi tambem, oficializado o acordo de unificação ortográfica da Academia Brasileira e da das Ciências de Lisboa, etc., etc..

São merecimentos bastantes que credenciam a inclusão de Getúlio Vargas nos quadros da Casa de Machado de Assis, cabendo-nos o reconhecimento do papel progressista que ele vem desempenhando no cenário dos acontecimentos da nossa época.

primeiro e único fascículo dêsse trabalho, com parte da letra *A* (de *A* a *abantes*) (8). Entretanto, a proposta de Mário de Alencar, em 1910, relativa à elaboração de um *Dicionário de Brasileirismos*, que não contou, inicialmente, com o interesse oficial da Academia, foi acolhida por vários acadêmicos que, se entregaram, individualmente, ao trabalho de recolher têrmos, expressões, modismos da nossa linguagem, juntando, em 10 anos, farto material que a comissão de publicações achou por bem aproveitar, procurando completá-lo com outras contribuições. Humberto de Campos teria criticado acerbamente o realizado, pelo que lhe foi entregue a revisão geral da obra, já na parte final de paginação. A morte, porém, não lhe permitiu mais do que iniciar a tarefa e o *Dicionário* jamais veio à publicidade.

Colar, em ouro, imitante a folhas de louro, com pendente, de ouro e esmalte, o emblema da Academia.

Objetivamente, sem embargo, a Academia, em 1931, firmou com a sua congênere de Lisboa, um acôrdo ortográfico, para a adoção, com algumas modificações, da reforma portuguesa de 1911(acôrdo, aliás, respeitado e posteriormente oficializando, em parte, pelo Govêrno brasileiro).

Em 1923, por iniciativa de Afrânio Peixoto, que tem sido dos mais progressistas dos presidentes que tem tido a Academia, foi por fim começada uma série de publicações valiosas, sob o título de "Biblioteca de Cultura Nacional," destinada a divulgar obras distribuidas pelas seções Literatura, História, Bio-bibliografia, Inédita e Discursos. Por decisão unânime do plenário, na sessão de 25 de junho de 1931, a essa biblioteca foi dado o nome de "Coleção Afrânio Peixoto", num justo preito de reconhecimento do valor do seu iniciador, e, sobremodo, da sua dedicação à Academia e aos seus problemas. Nela apareceram, desde então, as seguintes publicações:

— Na seção de Literatura: *Prosopopéia* de Bento Teixeira Pinto (1923); *Primeiras Letras*. — *Contos* de Anchieta, *Diálogo* de João de Léry e *Trovas indígenas* (1923); *Música do Parnaso* — *A Ilha de Maré* de Manuel Botelho de Oliveira (1929); OBRAS de Gregório de Matos: I, *Sacra*, — II, *Lírica*, III, *Graciosa*, IV, *Satírica* (2 volumes), VI, *Última*, respectivamente, em 1929, 1923, 1930, (III, IV e V) e 1933; *Discursos Políticos Morais* de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, com prefácio de Alberto de Oliveira (1930); *O Peregrino da América* de Nuno Marques Pereira, com introdução e notas de Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia, Pedro Calmon, Varnhagen e Leite de Vasconcelos, 2 volumes (1939); *A Academia Brasileira de Letras* de Fernão Neves, com prefácio de Afrânio Peixoto (1941) (9); *Geórgicas Brasileiras* de Prudente do Amaral e José Rodrigues de Melo, tradução de João Gualberto dos Santos Reis, biografias e notas de Refina Pirajá da Silva (1941); *O Uraguai* de José Basílio da Gama, edição comemorativa do 2.° Centenário do poeta, anotada e prefaciada

---

(8) — A propósito dêste primeiro fascículo, Jorge Guimarães Daupiás publicou em Lisboa uma série de artigos — reunidos depois em volume sob o título de **O Dicionário da Academia Brasileira** (1929) — criticando acerbamente a iniciativa e apontando-lhe omissões, erros e incorreções.

(9) — Esta obra é de Fernando Nery, escritor já consagrado por vários trabalhos literários e jurídicos, e que está à frente da Secretaria administrativa da Academia Brasileira. Lamentavelmente, foi interditada por decisão do plenário da Academia, sob a alegação de conter irreverências e falhas, que, entretanto, não prejudicam o seu valor intrínseco; pois constitue uma indicação preciosa sôbre a história da Academia e, não obstante a interdição, dela muito me servi para a elaboração do presente trabalho.

por Afrânio Peixoto (10) e *Poesias*, de José Bonifácio, facsimiladas, prefácio de Afrânio Peixoto (1942).

— Na seção de História: *Tratado da Terra do Brasil — História da Provincia Santa Cruz* de Pedro Magalhães Gandavo, com notas de Rodolfo Garcia (1924); *Viagem ao Brasil* de Hans Staden, revista e anotada por Teodoro Sampaio (1930); *Diálogo das Grandezas do Brasil*, com notas de Rodolfo Garcia (1930); *Cartas do Brasil* de Manuel da Nóbrega, com notas de Vale Cabral e Rodolfo Garcia (1931); *Cartas Avulsas de Jesuitas*, com notas de Afrânio Peixoto (1931); *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões* de José de Anchieta, com notas de A. de Alcântara Machado (1933); *Jesuitas do Brasil e da India* do Pe. José Caleiro, com texto latino e português, 1.º volume (1936); *Tácito português* de Dom Francisco Manuel de Melo, com introdução e notas de Afrânio Peixoto, Pedro Calmon e Rodolfo Garcia (1940).

— Na seção de Bio-bibliografia: *Castro Alves* por Afrânio Peixoto (1931); *Euclides da Cunha* por F. Venâncio Filho (1931); *Alvares de Azevedo* por Homero Pires (1931); *Junqueira Freire* por Homero Pires (1931); *Luis Guimarães Júnior* por Iracema Guimarães Vilela (1934); *Lúcio de Mendonça* por Edgar e Carlos Sussekind de Mendonça (1934); *Artur de Oliveira* por L. F. Vieira Souto (1935); *Artur de Azevedo* por Roberto Seidl (1937); *Manuel de Araujo Porto Alegre* por Hélio Lobo (1938); *Gonçalves Dias* por Josué Montelo (1942) e *Raimundo Correia* pelo Cônego F. M. Buenos da Siqueira (1942).

— Na seção de Inédita: *Dispersos* de Pedro Luis, por Afrânio Peixoto (1934); e *Dispersos* de Artur de Oliveira, por L. F. Vieira Souto (1936).

— Na seção de Discursos: *Discursos Acadêmicos*, 10 volumes (relativos às recepções desde 1897 a 1938).

Desde 1935, regularmente, tem sido editado o *Anuário da Academia Brasileira de Letras*. Em edição especial foi ainda publicado: *Efemérides da Academia Brasileira de Letras* de José Vicente de Azevedo Sobrinho (atualizadas até 1940) (1941).

Somente em 1910 apareceu o primeiro número (1 e 2) da *Revista da Academia Brasileira de Letras* que, como os números 3 e 4, 5 e 6, 7 e 8, e 9 e 10, foram impressos em oficinas particulares. Entretanto, já em 1897, publicara a Academia um "Boletim", composto e impresso na Imprensa Nacional; em 1901 apareceu o seu segundo e último número. A publicação da "Revista" foi interrompida em 1914, reaparecendo ela em 1920 com regularidade trimestral, até 1924, tendo dessa época até 1936 saído mensalmente. Em 1937 passou a semestral, com o sub-título de *Anais*.

Até o presente momento, além dos dois números do "Boletim", já foram publicados 169 números da "Revista".

* * *

(10) — Tambem este volume foi depois de publicado, interditado por decisão do plenário, da Academia.

VI — ESTIMULOS À INTELIGÊNCIA E AO INTERCÂMBIO DA CULTURA BRASILEIRA COM O MUNDO

No que concerne ao estímulo à inteligência e à cultura, a obra da Academia não poderá nunca ser estimada em suas justas proporções. Desde aqueles *tempos heróicos* a Academia procurava incentivar a inteligência nacional, oferecendo prêmios literários.

A Prefeitura do Distrito Federal, sem dúvida por influência de algum dos acadêmicos, ofereceu-se à Academia para patrocinar dois prêmios no valor de 2:000$000 cada um, destinados um a teatro e outro a qualquer gênero publicado em território brasileiro no decorrer do ano anterior; foram concedidos em 1909 e 1910, sob o título de *Prêmio Municipal*.

Em 1910, Medeiros e Albuquerque, individualmente, estabeleceu um prêmio de 500$000 — que recebeu o seu nome — para a melhor poesia inédita, filosófica ou social, de autor brasileiro; e a *Gazeta de Notícias* ofereceu, tambem por intermédio da Academia, prêmio idêntico "para a melhor poesia sôbre tema da história do Brasil no século XVI". Nenhum deles chegou, porém, a ser concedido, por não terem os concorrentes apresentado obra de mérito bastante.

Em 1911, *A Notícia* instituiu, tambem sob o patrocínio da Academia, dois prêmios de Rs. 500$000 e 300$000, para romance e novela, que receberam, respectivamente, os nomes de "Machado de Assis" e "Raul Pompéia". Como os prêmios "Medeiros e Albuquerque" e "Gazeta de Notícias", não chegaram a ser distribuidos igualmente por não satisfazerem as obras inscritas às exigências da comissão de julgamento.

Em 1912, com a subvenção votada pelo Congresso, a Academia estabelece um prêmio seu — "Prêmio Academia Brasileira", no valor de

3:000$000, para a "obra literária do escritor brasileiro, publicada no ano antecedente, que mais se distinga por originalidade de concepção, excelência de linguagem e estilo e pela boa influência que possa ter na literatura nacional". Suprimida a subvenção, durante cinco anos foram suspensos os concursos literários, sendo restabelecidos somente em 1917, após a posse da herança de Francisco Alves. Foram interrompidos mais uma vez, durante os anos de 1918 e 1919.

Em 1920, houve vários prêmios para "Obras Inéditas" — Poesia, Romance, Contos e Novelas, Teatro e Erudição, no valor de 2:000$000 cada um. O "Prêmio Francisco Alves", foi desdobrado em dois: *a*) Divulgação do Ensino Primário, o *b*) Obras sôbre a lingua portuguesa, de, respectivamente, 10:000$000 e 5:000$000. Nesse ano, nenhum dos inscritos logrou o primeiro dos prêmios Francisco Alves e, por isso, a Academia abriu concorrência para eles, em 1923. Em 1921 e 1922, não houve concursos.

Em 1924, iniciou-se a regularidade dos concursos, aumentados, nesse ano, com o "Prêmio Pedro Lessa" para obra literária em geral ou filosófica e com o "Prêmio Ramos Paz" (11) para obra inédita de autor brasileiro ou português sôbre a história da literatura brasileira, ambos no valor de 1:000$000, e, com mais, um de Ensaios, no valor de 2:000$000.

O "Prêmio Francisco Alves" é quinquenal, os demais anuais, não podendo a êles concorrer qualquer dos acadêmicos (12).

Em 1929, foram divididos os concursos em obras Inéditas, os outros para as Publicadas. Em 1941, reduziram-se em títulos (aumentando-se em valor): prêmios "Olavo Bilac" (poesia), "Machado de Assis" (romance) "Artur de Azevedo" (teatro) "João Ribeiro" (erudição). Mais o então criado "Primeiro Prêmio da Academia Brasileira", de 10:000$000, para a melhor obra de ficção (romance, conto ou novela) publicada no triênio de 1938-1939.

Até 1941, a importância dos prêmios literários concedidos já subia a 339:000$000, além de 2 valiosos objetos de Arte (1909 e 1910).

Não só com concursos literários tem a Academia procurado estimular a inteligência e a cultura nacionais. Acrescem os cursos de conferências: neles teem tomado parte nomes dos mais expressivos da nossa literatura contemporânea, como Ivan Lins estudando as figuras de Erasmo, Tomás Morus, Descartes, e do mesmo modo traçando um panorama compreensivo da Idade Média realizou, desta última série, apenas duas das conferências programadas.

Dentre as figuras internacionais de conferencistas, salientam-se os franceses Gustave Lanson (da Escola Normal de París), Paul Hazard (do Colégio de França), Alexandre Moret (do Colégio de França), Paul Rivet (do Museu de História Natural de París), Maurice Caullery (do Instituto de França e da Sorbonne), Paul Pelliot (do Colégio de França e da Academia das Inscrições e Belas Artes), Julien Luchaire (do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual), Benjamin Cremieux, Ferdinand Baldensperger, Francis de Croiset, Charles Picard (do Instituto de França, da Sorbonne e da Faculdade de Letras de París), Luc Durtain, Pierre Janet (do Instituto de França e do Colégio de França) Robert Garric (da Faculdade de Letras de París), Conde Herman von Kayserling, Francisco Villaspesa, Leon Kochnitzky e Guido Vitaletti.

Ademais, são, em 1941, por proposta de Gustavo Barroso, criadas as *Palmas Acadêmicas*, de Ouro e Prata (1.ª e 2.ª classe), destinadas a agraciar personalidades estrangeiras que tenham contribuído ou venham a contribuir para maior

---

(11) — Este Prêmio resulta de um legado de Ramos Paz. Eis o texto do seu testamento, na parte que diz respeito à Academia:

"Deixo à Academia Brasileira de Letras, desta Capital, dez (10) apólices da Dívida Pública Federal, no valor nominal de um conto de réis ... (1:000$000) cada uma, as quais serão adquiridas e ficarão inalienáveis, sendo os juros respectivos aplicados, anualmente ou bienalmente, a premiar a obra original e inédita sobre qualquer ramo de literatura geral, especialmente do Brasil, de autor brasileiro ou português, dando-se preferência, sempre que fôr possível, ao de menos anos de idade. Se acontecer que a Academia venha a dissolver-se ou extinguir-se, passará o legado, com o mesmo encargo e nas mesmas condições, para instituição que a autoridade, a quem o caso pertencer, determinar, sendo tambem esta que determinará qual a converção a fazer do produto das dez apólices, se porventura vierem a ser resgatadas, subsistindo sempre a inalienabilidade e o mesmo emprego a dar à renda dos bens, em que se verificar a conversão.

O testamento traz a data de 16 de maio de 1912.

(12) — Entretanto, antes que pertencessem à Academia, tiveram livros premiados em seus concursos: Xavier Marques "O Sargento Pedro" (romance), 1909; Afonso Taunay "Pedro Traques e o seu tempo (erudição) 1924; "Escritores Coloniais" (erudição), 1926, "Reparos ao "Novo Dicionário" de Cândido de Figueiredo" e "A terminologia zoológica e cientifica em geral e a deficiência dos grandes dicionários" (lingua portuguesa), 1937; Guilherme de Almeida "Encantamento" (poesia), 1926; Osvaldo Orico "O melher meio de disseminar o ensino público no Brasil" (Francisco Alves), 1927; e "O Demônio da Regência" (romance), 1929; Rodolfo Garcia "Glossério de palavras e frases da lingua tupí" (ensaio), 1927; Ribeiro Couto "Baianinha e outras mulheres" (contos), 1928; e Pedro Calmon "O Tesouro de Belchior (novela), 1929.

Principais fontes de consulta sôbre a Academia Brasileira e seus membros

SÔBRE A ACADEMIA: *A vida útil e gloriosa da Academia Brasileira de Letras* de Felix Pacheco; *A Academia e os seus problemas*, idem; *A Academia Brasileira de Letras* de Fernão Neves; *Letras Acadêmicas* de Xavier Marques; *Homens e Cousas da Academia*, de Medeiros e Albuquerque; *A Academia de Letras na Intimidade* de Francisco Galvão; *O Dicionário da Academia Brasileira* de Jorge Guimarães Daupiás; *Discursos Acadêmicos* (10 volumes); coleção da *Revista da Academia Brasileira de Letras* (168 números) *Efemérides da Academia Brasileira de Letras* de José Vicente de Azevedo Sobrinho e a *Academia Brasileira de Letras* do gen. Liberato Bittencourt.

SÔBRE OS ACADÊMICOS: *Dicionário Bio-bibliográfico* de Sacramento Blake; *Enciclopédia e Dicionário Internacional* de vários autores (edição de W. M. Jackson); *Dicionário de Literatura Universal* de Henrique Perdigão; *Dicionário Bio-bibliográfico do Ceará* do Barão de Stuart; *Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro* de Velho Sobrinho (já publicado 2 volumes); *Vultos e Livros* de Artur Mota; *História da Literatura brasileira* de José Veríssimo; *Notas e Perfis* de Laudelino Freire; *Classicos Esquecidos* de Solidônio Leite; *História da Literatura Brasileira* de Silvio Romero; *Introdução à História da Literatura Brasileira*, idem; *A filosofia no Brasil*, idem; *Filósofos Brasileños* de Guillermo Francovitch; *Evolução da Literatura Brasileira*, idem; *Pequena História da Literatura Brasileira* de Ronald de Carvalho; *A Vida Dramática de Euclides da Cunha* de Elói Pontes; *Bilac* de Afonso de Carvalho; *Gonçalves Dias* (bio-bibliografia) de Josué Montelo; *Osvaldo Cruz* de Gastão Pereira da Silva; *Homenagem a Afrânio Peixoto* (Separata dos "Anais de Medicina e Cirurgia"); *Felix Pacheco* de Luiz Murat; *Martins Júnior* de Rangel Moreira; *Livro Comemorativo de Francisco de Castro e Aluísio de Castro*; *Salvador de Mendonça de Henrique* Lagden; *Xavier Marques* de Jackson de Figueiredo; *Humberto de Campos* de Hermes Vieira; *Memórias* e *Memórias inacabadas* de Humberto de Campos; *Vida de D. Silvério Gomes Pimenta* de D. Joaquim Silvério de Sousa; *O jubileu do Sr. Ramiz Galvão* (publicação do Instituto Geográfico e Histórico); *Santos Dumont* de Gondin da Fonseca; *Lúcio de Mendonça* de Carlos e Edgard Sussekind de Mendonça; *Joaquim Nabuco* de Carolina Nabuco; *Antônio José — O judeu* de Cândido Jucá (filho), *Raimundo Correia* do Cônego F. M. Bueno de Siqueira; *Correspondencia de M. de Assis e Joaquim Nabuco* de Graça Aranha; *Machado de Assis* de Alfredo Pujol; "Dom Casmurro" (Edição comemorativa do centenário do nascimento de Machado de Assis, julho, 1939); *José Verissimo* de Francisco Prisco; *Coelho Neto* de Paulo Coelho Neto; *Patrocinio* de Osvaldo Orico; *Valentim Magalhães* de Silvio Romero; *A Vida de Rui Barbosa* de Luiz Viana Filho; *Luis Murat* de Silvio Romero; *Teixeira de Melo* de Goulart de Andrade (In "A Cadeira n. 6 da Academia); *Carlos Magalhães de Azeredo poeta e humanista americano* de Giuseppi Alpi; *Prefácio* de M. Nogueira da Silva a "Uma lágrima de mulher" (sôbre Aluísio Azevedo); *Luis Guimarães Junior* de Iracema Guimarães Vilela; *Osvaldo Orico* de Albino Forjaz de Sampaio; *Varnhagen* de Celso Vieira; *O Secretário de El-Rei* (Alexandre de Gusmão) de Oliveira Lima; *O Judeu* (Antônio José) de Camilo Castelo Branco; *Prefácio* de Solidônio Leite à 4.ª edição de "Reflexões sôbre a vaidade dos Homens" de Matias aires; *Notícia biográfica do Dr. Antônio Morais e Silva*; *O poeta Santa Rita Durão*, de Artur Viegas; *Elogio Histórico de José Bonifácio de Andrade e Silva* de Latino Coelho; *Junqueira Freire* de Homero Pires; *José de Alencar* de Osvaldo Orico; *Manual de Araujo Porto Alegre* de Vieira Souto; *Gregório de Matos* de Moniz Barreto; *Revista do Instituto Histórico* (vol. 35, num. 141) — sôbre Hipólito José da Costa; *João Lisboa* de Clarindo Santiago; *A Vida Inquieta de Raul Pompéia* de Elói Pontes; *Tobias Barreto* de Hermes Lima; "Dom Casmurro" (Edição comemorativa do centenário do nascimento de Tobias Barreto, Junho de 1939); *Vida e Escritos de José da Silva Lisboa* de Vale Cabral; *A Arte e a Neurose de João do Rio* de Neves Manta; *Estatuas Harmoniosas* de Antônio Austregesilo; *Raimundo Correia* de Amadeu Amaral; *Emilio de Menezes* de Amadeu Amaral Junior (in "Vamos Ler"!); *Laurindo Rabelo* de Constâncio Alves; *9.000 dias com João Ribeiro* de Joaquim Ribeiro; *Dois Perfis* de João Neves; *Biografia de Manuel Odorico Mendes* de João Francisco Lisboa; *Como e porque sou romancista* de José de Alencar; *Clovis Bevilaqua* de Macário de Lemos Picanço; *Getúlio Vargas* de André Carrazzoni; *Eça de Queiroz e o século XIX* de Viana Moog; *Memórias — Guerra Junqueiro* de Lopes d'Oliveira; *Ibsen* de Araripe Junior; *História da Literatura Italiana* (sôbre Carducci, D'Annunzio, Ferrero) de Giovani Papini; *Emile Zola* de Henrich Mann; *Bernardo Guimarães* de Basílio de Magalhães; *Casimiro de Abreu* de Carlos Maul; *Vida de Castro Alves* de Xavier Marques; *O inconfidente Claudio Manuel da Costa* de Caio de Melo Franco; *Evaristo da Veiga e sua época* de Osvaldo Orico; *Prefácio* à 2.ª edição dos "Folhetins" (sôbre França Junior) de Artur de Azevedo; *Francisco Otaviano* de Xavier Pinheiro; *Artur de Oliveira* de Vieira Souto; *Minha formação* de Joaquim Nabuco; *Minhas memórias dos Outros* de Rodrigo Otávio (2 volumes); *Minha Vida* de Medeiros e Albuquerque (2 volumes); *O meu próprio romance* de Graça Aranha; *Coração de menino*, *O Liceu do Ceará* e *Consulado da China* de Gustavo Barroso; e *Confiteor* de Paulo Setúbal.

Um sem número de outros livros são importantes para o conhecimento da vida e da posição dos membros da Academia Brasileira; entretanto, os acima citados, valem como importante bibliografia sôbre o assunto.

Atividades da Academia Brasileira em 1941

No encerrar-se o ano acadêmico, o Sr. Levi Carneiro ao balancear as atividades da Academia Brasileira durante 1941, não póde deixar de constatar ter tido na sua gestão uma ação pouco comum, em muitos dos seus pontos, tendo marcado caminhos novos para o futuro da Academia.

Esta síntese dos trabalhos da Academia Brasileira de Letras durante o ano passado, está baseada no Relatório do Sr. Levi Carneiro e no discurso, do então secretário, Sr. J. C. de Macedo Soares, que o substituiria na presidência da Casa de Machado de Assis.

Por iniciativa do Sr. Levi Carneiro, lançou a Academia a *Revista Brasileira* (titulo inspirado na publicação de José Verissimo, em cuja redação nasceu essa instituição), destinada a divulgar trabalhos de escritores nacionais que não participam da companhia acadêmica. Dessa publicação foram publicados três numeros, de duzentos e cinquenta páginas cada com a colaboração de cinquenta e dois escritores da revista.

Outra iniciativa do Sr. Levi Carneiro foi a instituição de uma série de conferências sob o titulo de "Panorama da Literatura Contemporanea", em que tomaram parte 16 escritores estrangeiros na seguinte ordem:

Fortunato Strowsky, sobre a literatura francesa; Jan Lechon, a polonesa; Fidelino de Figueiredo, a portuguesa; Paul Frischauer, a austriaca; Giulio Doli, a italiana; Paul Ronai, a húngara; frei Mansueto Kohnen, a alemã; Eric Church, a inglesa; Leopold Stern, sobre "Escritores rumenos da lingua francesa", com a participação de D. Margarida Lopes de Almeida que disse versos da Condessa de Noailles; Frans Van Cauwelaer, sobre "Literatura belga da lingua francesa"; Takis Politis, a grega; José Maria del Rey, a espanhola; Rodrigues Fabregat, a hispano-americana; D. Carolina Nabuco, a dos Estados-Unidos; Conde Manuel de Benningson, a da U. R. S. S.; Jean Lésy, do Canadá. Essas conferências, que mereceram o melhor acolhimento do público, foram mandadas reunir, pela diretoria da Academia, num volume que deverá aparecer por todo o segundo semestre de 1942, e que constituirá, verdadeiramente, um admirável curso de literatura contemparanea.

Cinquenta e sete sessões foram realizadas durante o ano, em todas elas sendo alvitradas e discutidas medidas concernentes à defesa e propaganda da cultura nacional, tendo, mais, em várias delas, sido recebidas inúmeras personalidades de destaque da cultura universal como Enrique Larreta — o grande escritor argentino, que visitou o Brasil a convite da Academia; e Júlio Dantas — o célebre escritor português, membro correspondente da Academia, que chefiou a Missão Portuguesa que veio ao Brasil agradecer a sua participação nos festejos comemorativos dos Centenários da Fundação e da Restauração portuguesas, e que foi portador, da parte do seu Governo, das insignias da Grã Cruz da Ordem de São Tiago da Espada, para a Academia, — distinção que o seu Presidente Sr. Levi Carneiro solicitou do Govêrno Brsaileiro fosse retribuida à Academia das Ciências de Lisboa, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, no mesmo gráu. Visitou ainda, oficialmente a Academia o escritor colombiano Sr. Lopes de Mesa, que visitou o Brasil, em Missão oficial, como Ministro das Relações Exteriores do seu País, afim de inaugurar a estátua de Santander, com que a Colômbia presenteou a nação e ao povo brasileiros. Entre essas sessões, teve ensejo a Academia de prestar justa homenagem aos sobreviventes da sua fundação Srs. Rodrigo Otávio, Filinto de Almeida e Carlos Magalhães de Azevedo (porque não Clovis Bevilaqua?), inaugurando em uma de suas salas os seus retratos, dando ensejo que vários dos seus membros se manifestassem da maneira mais carinhosa para com essas venerandas figuras. A Academia ainda associou às homenagens prestadas, com justeza, a Afrânio Peixoto, por motivo do seu jubileu magisterial, do mesmo modo que tomou parte nas significativas demonstrações de simpatia e admiração com que todo o Brasil comemorou o octogésimo aniversário de nascimento de Xavier Marques, — ao que parece, o primeiro escritor brasileiro, que teve ensejo de assistir à consagração do seu valor intelectual, num movimento que tanto teve de popular quanto de nacional. Tambem o seu retrato foi colocado na galeria acadêmica.

Durante as sessões de 1941, ademais, foram modificados vários dispositivos do Regimento Interno, notadamente na parte que concerne

a eleição dos novos membros: ficando estabelecido a apresentação do candidato — escolhido entre os valores consagrados pela opinião pública — e apresentada a sua candidatura, em plenário, por dez acadêmicos. O primeiro a ser beneficiado por essa modificação, proposta pelo Sr. Cassiano Ricardo, foi o Presidente Getúlio Vargas, que foi eleito por maioria absoluta para a Cadeira numero 37, vaga em consequência da morte de Alcantara Machado, em abril desse ano. Após sua eleição o Sr. Getúlio Vargas visitou a Academia para agradecer a espontaneidade de sua eleição, prometendo "comparecer às sessões, colaborar com os Srs. acadêmicos, trabalhar em bem da Academia, e associação dos colegas na obra de colaboração para os destinos gloriosos do Brasil."

Outra modificação introduzida no Regimento foi a relativa às normas de distribuição dos prêmios de literatura da Academia, sobretudo, relativamente ao Primeiro Prêmio da Academia Brasileira, instituido em 1939, que passará a ser concedido, como antes, anualmente, mas, independente de inscrição ou oferecimento do livro pelo autor, passando, êsse prêmio a ser concedido não por um só livro, mas pela obra em conjunto publicada. Doutra parte, os demais prêmios foram divididos em obras "inéditas" e "publicadas". Essas modificações foram propostas pelo Sr. Ribeiro Couto.

Por proposta do Sr. Gustavo Barroso, foram criadas as *Palmas Acadêmicas*, — vinte de ouro e vinte de prata, destinadas a premiar o esfôrço de diplomatas chefes de Estado e escritores que contribuam para intercâmbio cultural do seu país com o Brasil. Por proposta do Sr. João Neves da Fontoura, foi conferida essa condecoração ao Presidente dos Estados-Unidos Franklin Delano Roosevelt e por proposta do Sr. Cláudio de Sousa aos escritores portugueses Fidelino de Figueiredo e Eduardo Schawalbach Lucci.

A Academia associou-se, ainda, à comemoração do jubileu de "Pater", o apreciado romance do Sr. Cláudio de Sousa, tendo nessa ocasião, vários acadêmicos usado da palavra para enaltecer os méritos do aplaudido escritor. Comemorou, tambem, o quadragésimo aniversário da morte de Eduardo Prado, nesta data recordado a sua personalidade o Pe. Serafim Leite (Membro Correspondente da Academia); o vigésimo quinto aniversário do falecimento de Pedro Lessa, falando nessa ocasião sôbre o seu vulto os acadêmicos Adelmar Tavares e Leví Carneiro. Tambem participando do nonagésimo aniversário do nascimento de Rui Barbosa, falaram pela Academia, nessa oportunidade, alguns acadêmicos, entre outros os Srs. Afrânio Peixoto, Osvaldo Orico e João Neves, tendo o Sr. Leví Carneiro procurado intervir junto ao Ministério da Educação, no sentido de couseguir sejam editadas as obras completas do grande tribuno e jurista, no que contou com o apoio do Ministro Capanema, que já autorizou a sua organização e devida publicação.

A Academia em 1941 perdeu, além do seu membro efetivo Sr. Alcantara Machado, os membros correspondentes portugueses Carlos Malheiros Dias e José Leite de Vasconcelos, êste que foi substituido pelo seu conterrâneo Joaquim Leitão, secretário da Academia das Ciências de Lisboa.

Procurando intervir ativamente para maior e mais sólido intercâmbio cultural entre o Brasil e as Américas, a Academia Brasileira apoiou a candidatura de Enrique Larreta, para o Prêmio Nobel de Literatura de 1942, como candidato Continental.

Visitaram a Academia sem mais citar os escritores que alí realizaram conferências sobre a literatura de seus paises, Gastão de Bittencourt, William Berin, Ricardo Saens Hayes, Merville J. Herskovits, Lewis Hank, Pe. Pierre Charles, Patricia Morgan, Alberto da Veiga Simões e Oliveira Ribeiro Neto, que foram convidados a tomar parte nas sessões que alí se realizavam.

Comemorando o Centenário do nascimento de Salvador de Mendonça, Basilio da Gama e Fagundes Varela, respectivamente, seu fundador e seus patronos, a Academia realizou sessões público-solenes, tendo sido oradores oficiais dessas sessões acadêmicas Leví Carneiro e Lúcio Leão que estudaram a individualidade de Lúcio, Adelmar Tavares e Leví Carneiro que apresentaram a personalidade de Varela e Pedro Calmon, Leví Carneiro e Pe. Serafim Leite que discorreram sôbre a figura de Basílio da Gama.

Tais foram as publicações oficiais da Academia, no decorrer de 1941: vols. 60 e 61

Revista da Academia Brasileira de Letras (Anais), relativos aos semestres do ano, publicando mais o *Anuário*, cuja publiação havia sido interrompida em 1938. Na "Coleção Afrânio Peixoto" foram publicados a 2.ª edição das *Efemérides da Academia* de Vicente de Azevedo Sobrinho, atualizadas até 1940; *Geórgicas Brasileiras* de Prudência do Amaral e José Rodrigues de Melo (biografia e notas de Pirajá da Silva) *Uraguai* de Basilio da Gama, edição comemorativa do seu 2.º Centenário (prafácio e notas de Afrânio Peixoto) e *Estudos e Orações* de Celso Vieira. Foi, ainda, incumbido o Sr. Cláudio de Sousa de organizar a edição nacional da "Antologia de Contos Brasileiros", que tem sido divulgada em vários idiomas, por iniciativa da Academia.

Alguns membros da Academia, no decurso do ano, foram distinguidos com honrarias não só de sociedades culturais estrangeiras, como de Governos com os quais mantemos relações diplomáticas; os Srs. Osvaldo Orico, Olegário Mariano, Celso Vieira, Gustavo Barroso, Clementino Fraga, Cláudio de Sousa e Levi Carneiro foram eleitos membros correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa, tendo sido este último, distinguido com a eleição para correspondente da Academia de la Legua, da Colômbia.

Como constituiu-se uma praxe, a 29 de Junho, data aniversária do falecimento, do livreiro Francisco Alves, a Academia, em sessão pública distribuiu os Prêmios conferidos no ano anterior a vários escritores nacionais, cabendo ao poeta Jorge de Lima falar pelos premiados, — como detentor do Primeiro Prêmio Academia Brasileira de Letras de 1940, com o seu livro *Túnica Inconsutil*, falando pela Academia o presidente Sr. Levi Carneiro.

Na sessão de 26 de Dezembro, última do ano, os presidente e secretário leram em plenário um retrospecto das suas atividades nessa gestão, dando posse à nova diretoria, para 1942, que assim ficou constituida:

Presidente, J. C. de Macedo Soares; Secretário Geral, Múcio Leão; 1.º Secretário, Pedro Calmon; 2.º Secretário, Manuel Bandeira; Tesoureiro, E. Roquette Pinto; Bibliotecário, Clementino Fraga; e Diretor da Revista, Afonso Taunay.

PACHECO

"ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS" (história literária e bio-bibliografia), de autoria de D'Almeida Vitor, que inscrimos na presente edição do "Anuário Brasileiro de Literatura" (1942), sem dúvida, poderá ser considerado um trabalho de inapreciavel valor. Conquanto um ensaio de sintese, a determinação de totalidade dada ao assunto, e a clareza compreensiva em que foi modelado, são quocientes de mérito bastantes para assegurar ao seu autor aplausos gerais. Mostra ademais, uma inteligência brilhante, revela uma ampla erudição, e mais, uma enorme capacidade realizadora explicando, de modo eloquente, o prestigio intelectual de D'Almeida Vitor, e a razão do relevo de seu lugar entre os escritores da sua geração.

Sua obra anterior, aliás, vária de aspectos, representa uma linha literária de ascenção, que nos permite antever-lhe os maiores triunfos. Tal é ela: "Vida: samburá de ilusões" — poesias (1935); "Stefan Zweig, O homem e a obra" — reportagens (1937); "Salazar" — ensaio biográfico (1938); "A existência tumultuária de Gorki" — ensaio de intepretação (1941); "Aventuras de Catônho Muleque" — novela para crianças (1942); "Tumulto Interior" — poesias (1942). Dedicando-se ao teatro, tem irradiados os argumentos históricos "Quero Já!" (1940), sobre a Maioridade de D. Pedro II; e "Venceu a partida..." (1942), sobre a Abolição da Escravatura no Brasil. Crônicas, criticas teatrais e literárias, pequenos ensaios, formam-lhe uma numerosa biliografia, esparsa pela imprensa nacional e estrangeira, onde inumeraveis trabalhos seus teem sido insertos.

O LIVRO E O RADIO

(As resenhas bibliográficas da P. R. A. 2 — do Ministério da Educação)

Acompanhando o nosso movimento bibliográfico, informa semanalmente, o professor Roberto Seidl aos ouvintes da P. R. A. 2, do Ministério da Educação, o que se passa entre nós, no domínio das letras, das artes e das ciências.

"Através dos livros", programa radiofônico criado e dirigido pelo professor R. Seidl é um dos mais antigos programas que na radiodifusão nacional trata de escritores, livreiros e editores.

Costumamos pedir ao professor Roberto Seidl alguns dados sôbre o seu programa tão apreciado pela nossa elite intelectual. Atendendo, como sempre, ao nosso pedido, aqui damos as informações relativas ao veterano programa da P. R. A. 2, que tão de perto interessa aos que, entre nós, escrevem, leem ou editam livros:

Em Novembro de 1936, há quase sete anos, portanto, iniciámos, através do microfônio da P. R. A. 2, do Ministério da Educação, pequenas palestras semanais sôbre a atividade de nossos escritores, livreiros e editores. Tinhamos em mente informar os ouvintes da velha emissora brasileira o movimento das nossas empresas editoras apreciando, com ligeiros comentários, as obras aparecidas.

Mercê de Deus, temos conseguido, com pequenas intermitencias, realizar a promessa feita dando conta, de sete em sete dias, dos livros que vão aparecendo em nossas livrarias, não só originais, como tambem, das traduções, estas, muitas vezes, sobrepujando aquelas... Sôbre êste fato, fizemos vários comentários, tendo tido, alguns, visivel repercussão em nosso mundo literário, o que muito nos desvaneceu.

A copiosa correspondencia que mantemos com leitores e escritores, editores e ouvintes, as obras impressas remetidas pelos autores com dedicatórias afaveis e o interesse de algumas de nossas grandes empresas gráficas provam que as nossas despretensiosas conversas bibliográficas vão prestando algum serviço aos que, em nossa terra, apreciam e prezam o livro e a leitura.

Percorrendo as páginas desta utilissima publicação literária, única no gênero, entre nós, pode-se verificar que desde 3 de Novembro de 1936 a 19 de Dezembro de 1940 realizamos 164 palestras tendo oportunidade de apreciar o aparecimento de 785 livros.

Os dados fornecidos ao ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA, de 1938 a 1940, discriminam os assuntos versados nos livros editados e as casas impressoras, podendo-se acentuar como assuntos predominantes: romances, novela (principalmente traduzidos), biografias, livros didáticos ou de conhecimentos práticos, livros sôbre o Brasil, obras de medicina e livros de literatura infantil, ou melhor, livros para crianças.

As nossas casas editoras que mais se distinguiram, neste quinquênio, em quantidade e qualidade foram, em ordem descrescente: livraria José Olimpio; livraria do Globo, de Porto Alegre; Companhia Melhoramento de São Paulo; Casa editora Vecchi; Irmãos Pongetti; Empresa "A Noite"; livraria Francisco Alves e livraria F. Briguiet

Acentue-se que algumas de nossas empresas editoras, quase todas as dos estados, não remetem, sistematicamente, os seus trabalhos. Em compensação, por intermédio do Sr. H. Antunes recebemos impressos oriundos dos prelos lusitanos, principalmente da livraria Clássica editora, de Lisboa, da livraria editora Guimarães, de Lisboa e da livraria Sá da Costa, tambem da capital portuguesa. Prestamos, assim, pequenino serviço ao tão necessário intercambio entre o Brasil e a nossa antiga metropole, cujo intercambio culminou com a exposição do livro português realizada em 1940 alcançando grande êxito.

Não temos nos limitado, tão somente, a registrar o aparecimento de livros e a divulgar nomes de autores. Aproveitando datas e acontecimentos temos recordado figuras e obras de relevo.

Completando os informes divulgados em números anteriores do ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA, podemos afirmar que de 19 de Dezembro de 1940 a 18 de Dezembro de 1941 realizámos mais 37 palestras, perfazendo um total de 201!

Nesta trintena de palestras, pronunciadas no ano que vem de findar, tivemos ocasião

de tratar de 162 livros assim discriminados por assuntos: romances traduzidos — 24; livros sôbre o Brasil — 21; biografias — 15; romances brasileiros — 12; assuntos de guerra — 12; história e geografia — 11; medicina — 8; livros didáticos ou de conhecimentos práticos — 7; contos e crônicas — 7; religiões — 7; crítica literária e erudição — 5; viagens — 5; pedagogia — 5; poesias — 4; literatura infantil, ou antes, livros para crianças — 3; direito — 3; discursos e conferencias — 2; humorismo — 2; paremiologia — 2; bibliografia — 2; teatro — 2; sexuologia — 2; filosofia — 1. Total — 162 livros.

Estes 162 livros foram impressos pelas seguintes casas editoras: livraria José Olimpio — 52; livraria do Globo, de Porto Alegre — 15; Casa editora Vecchi — 15; Empresa "A Noite" — 12; Irmãos Pongetti — 10; Companhia Melhoramentos de São Paulo — 9; Livraria Briguiet — 9; livraria Clássica Editora, de Lisboa — 5; Livraria Francisco Alves — 5; Sem indicação de casa editora — 4; Grande Consórcio Suplementos Nacionais — 4; Dip — 3; Ministério da Educação e Saúde — 3; Companhia Editora Nacional — 3; H. Antunes — 2; Livraria Sá da Costa, de Lisboa — 2; Imprensa Nacional — 1; São Paulo Editora — 1; Alba editora — 1; A. Coelho Branco — 1; Livraria Editora Paulo Bluhm, de Belo Horizonte — 1; G. Laemmenrt — 1; Zélio Valverde — 1; Lelo, do Porto — 1; Academia Brasileira de Letras — 1 Total — 162 livros.

Somando-se estes 162 livros noticiados em 1941 com os 785 apreciados de 1936 a 1940 alcançamos um total de 947 livros!...

Com estes dados, recheados de nomes de algarismos, damos conta de nossa atividade radiofônica através da P. R. A. 2, procurando concorrer, de maneira muito exígua, para despertar entre nós o amor pelo livro e pela leitura.

O exemplar de "Os Lusiadas" que pertenceu a Camões

Encontra-se no Brasil o mais raro exemplar do grande poema — A história desse volume que, trazido de Portugal por um religioso, pertenceu a D. Pedro II — Injusta reivindicação de posse pelos portugueses — Possuimos ainda outro volume da edição princípes dessa obra.

Várias vezes a imprensa portuguesa e elementos que constituem a elite da sua cultura contemporânea, teem reivindicado o direito de posse do preciosíssimo exemplar de "Os Lusíadas", em edição príncipis, que pertenceu ao próprio autor. Ainda ultimamente, o escritor luso sr. Mendes Correia, falando na Sociedade de Geografia de Lisboa, declarou que essa preciosidade, conquanto que guardada, religiosamente, por mãos que o apreciam e o veneram, deveria constituir parte integrante da casa onde nasceu Luiz de Camões, que lá está situada.

Em verdade, essa reivindicação não tem fundamento lógico, nem mesmo uma justificativa, em face das circunstâncias que envolvem a história dessa raridade bibliográfica. Não constitue a sua permanência no Brasil, uma apropriação indevida. Pertenceu o referido exemplar à biblioteca particular do Imperador D. Pedro II, que muito a prezava a ponto de levá-lo consigo para o exílio; legando-o, por vontade testamentada, à Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sua Alteza a Princesa Isabel, A Redentora. E foi portadora do valiosíssimo legado, S. A. o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança.

A história desse volume de "Os Lusiadas" é simples: pertenceu a Camões, — não há dúvidas quanto a este particular, pois, com a sua própria letra, está autenticado com seguinte inscrição: "Luiz de Camões, seu dono. 1576". O frei João de Santa Boaventura Cardoso, adquiriu-o no Convento de São Bento da Saude, de Lisboa, trazendo-o consigo para o Brasil, no século XVII, — segundo nos parece, — presenteando-o ao depois ao senador do Império por Santa Catarina, sr. José da Silva Magno, que, por sua vez, oferecê-lo-ia a D. Pedro II. Este o conservara ao seu lado até o derradeiro momento da vida, legando-o à sua filha a Princesa Isabel, que o ofereceria, finalmente, ao Instituto Histórico e Geográfico.

Para receber tão preciosa dádiva, reuniu-se esta instituição cultural em sessão público-solene, presidida pelo Conde Afonso Celso, tendo, nessa data, o prof. Afrânio Peixoto pronunciado admiravel conferência sobre a figura de Camões o valor do seu poema e a importância inestimavel da oferta, feita, não apenas ao Instituto, mas, verdadeiramente, ao Brasil.

OS LVSIADAS de Luis de Camões

COM PRIVILEGIO REAL

Impresso em Lisboa, com licença da sancta Inquisição, & do Ordinario em casa de Antonio Gõçaluez Impressor 1572.

"Fac-simile" da 1.ª edição de "Os Lusiadas"

Esse volume, ademais, contem, alem do autógrafo de Camões, anotações à margem do seu texto feitas pelo frei João de Santa Boaventura Cardoso e por Dom Pedro, que o valorizam mais, para nós brasileiros a sua posse. Por isso mesmo que é carinhosamente guardado em cofre e em depósito especial, o que demonstra o interesse do Instituto em zelar pela sua conservação.

Aliás, o Brasil possue ainda, um outro exemplar dessa mesma edição, que se não menos raro, é sem embargo, menos precioso: pertence à Academia Brasileira de Letras, por doação do sr. Guilherme Guinle, que o adquiriu num leilão em Londres; sendo o seu valor apreciado em 500:000$000 (quinhentos contos de réis)

A insistência da reivindicação que intelectuais e imprensa portugueses veem fazendo, pela posse daquele que pertenceu ao Poeta, não tem propriamente uma justificativa. Foi incorporado ao patrimônio artístico e histórico nacional por doação e é tanto mais importante esse legado, se pertenceu tambem ao nosso segundo Imperador, dele possuindo anotação autógrafa, — que nos é cara. Todavia, o ponto-de-vista brasileiro é que o livro permanecerá em nosso país, porque, de Direito, é nosso.

(*D'AV.*).

Uma inteligencia a serviço da obra de intercambio cultural pan-americano

PAULO HASSLOCHER é uma figura que dispensa qualquer apresentação. A sua atuação no jornalismo nacional foi tão intensa e marcante que se lhe podem atribuir titulos de inovador e pioneiro entre nós, de um dificil gênero publicitario: o panfleto. Nas páginas vibrantes do **A. B. C.** feriram-se as campanhas políticas mais sensacionais; nelas luziram os nossos mais fulgurantes talentos, em polêmicas literarias que marcaram é p o c a, tornando-se aquele brilhante semanario que Hasslocher dirigiu durante vários anos, o verdadeiro órgão de expressão do pensamento das elites brasileiras. Em 1930, Paulo Hasslocher, espírito irriquieto de lutador, deixava a sua trincheira no jornalismo para dedicar a força do seu entusiasmo criador a outro importante sector das atividades nacionais. E, do que foi a sua ação inteligente e perseverante como adido comercial junto à nossa Embaixada em Washington, falam bem alto os algarismos expressivos das estatisticas oficiais. Regressando agora ao Brasil, realizou, a convite de instituições culturais, uma série de interessantíssimas palestras sobre os diferentes aspectos da civilização norte-americana. Espírito observador e ilustrado, utilizando os seus admiraveis recursos de **causeur** brilhante e imprevisto, reuniu em torno de si um público numeroso e selecto, provocando as suas conferencias desusado interesse. Nos clichés acima, Hasslocher falando sobre "A Religião nos Estados Unidos", no Instituto Brasil-Estados Unidos e parte da assistencia.

O SALÃO DE BELAS ARTES DESTE ANO

Despertando o mesmo interesse dos anos anteriores o Salão Nacional de Belas Artes polarizou, durante o tempo em que esteve franqueado ao público, as atenções gerais, quer pelo avultado número de concorrentes inscritos, quer pelo valor dos trabalhos expostos, em suas várias secções.

O público carioca já se habituou deveras a essas mostras oficiais da nossa arte, que anualmente se realizam, e cada "Salão" tem sempre a virtude de movimentar o mundo artístico e cultural, provocando comentários e até polêmicas entre críticos e observadores das nossas coisas de Arte.

Os prêmios de mais relevância, que foram como sempre disputados por nomes de primeira plana, foram conferidos, pelo Juri, a trabalhos cheios de real merecimento, consagrando-se assim o verdadeiro mérito de artistas concienciosos e capazes.

O Prêmio de Viagem ao estrangeiro foi conferido ao quadro "Repouso", de Aldo Malagoli, de que publicamos uma reprodução fotográfica.

Igualmente reproduzimos fotograficamente a tela "Torres cariocas", do pintor Luiz Almeida Junior. Ambos os trabalhos são excelentes e possuem qualidades que lograram reunir os votos dos componentes do juri.

Luiz Almeida Junior — "Torres cariocas" — (Prêmio de Viagem ao País)

Aldo Malagoli — "Repouso" — (Prêmio de Viagem ao Exterior)

A surpreendente e magnifica solução de um dos mais importantes problemas nacionais

A Companhia Vale do Rio Dôce S. A., e a grandeza de sua missão histórica e econômica

Itabira de Mato Dentro

Por várias vezes e durante muitos anos transitara pela Câmara dos Deputados, chegando a tornar-se famoso, o contrato da "Itabira Iron". Não obstante despertar sempre a opinião pública e mau-grado as calorosas discussões que suscitava, referentemente ao mesmo, parecia pesar uma influência fatal e extranha contra os legítimos interesses nacionais.

Como não se conseguia, pois, chegar-se a um têrmo numa questão quasi de todos conhecida, tão debatida na imprensa e na tribuna, e que aberrava, na sua própria permanência, contra a economia, a independencia e mesmo a segurança do país?

O desânimo e desilusão geral seriam justificaveis, não fosse a lembrança animadora de algumas vozes privilegiadas que, interpretando o verdadeiro sentimento nacional, iam continuando nos seus debates. Entre elas, na Câmara dos Deputados, achava-se a voz do deputado Getulio Vargas cujo parecer dado em 1926 sob a matéria é uma peça digna de ser recordada como exemplo do mais são patriotismo. E daquela coincidência teve o Brasil a sorte de haver tirado do problema uma profunda e sólida experiencia o seu futuro e grande Presidente.

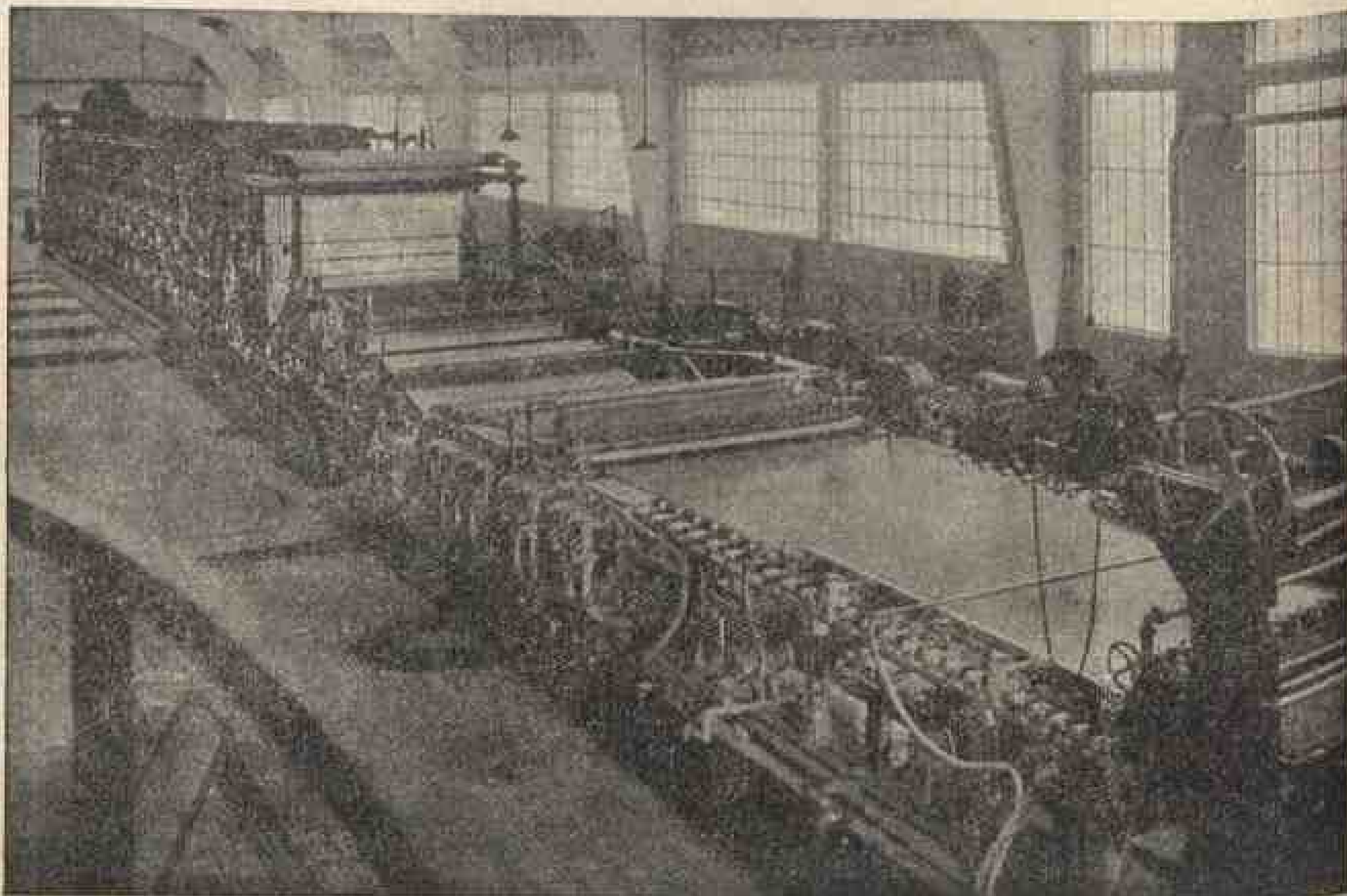
Assim, é que, em 1939, pondo um fecho magnífico e surpreendente em toda aquela velha questão, decretava o Senhor Getulio Vargas a caducidade do contráto da "Itabira Iron". O Brasil premiava-se com grande parte de suas riquezas e, dali por deante, podia considerar-se com as pêias soltas para o seu grande progresso merecido, ao lado das nações ricas, independentes e civilisadas. Medidas outras de suma importância vinham e continuavam sendo tomadas referentemente ao desenvolvimento da nossa indústria siderúrgica e a exploração dos nossos minérios, a isso vindo incluir-se, como uma das benéficas consequências da Missão Souza Costa aos Estados Unidos e à Inglaterra, a creação da Companhia Vale do Rio Dôce, de grande importância econômica nacional e que, no amplo de

Carregando o minério

organização à altura de desenvolver-se amplamente dentro das grandes responsabilidades que lhe foram atribuidas. E os nomes que a encabeçam, a exemplo do dr. Israel Pinheiro, seu presidente, são bem um testemunho da sábia inspiração e do sadio patriotismo do snr. Getulio Vargas, que vem abrindo, com a sucessão de seus átos magnificos, uma nova história, de capacidade e de progresso para a nacionalidade.

A resolução do nosso problema Siderúrgico, no seu todo, como vem sendo feita ,constitue, não resta dúvida, o alicerce para todas as nossas futuras e maiores grandezas.

sua finalidade, não poderá ser relatada em poucas linhas apenas. Todavia o sentimento de todos os brasileiros o pressente, mormente na quadra de guerra que o mundo atravessa e em que o minério de ferro é, pode-se dizer, o ponto capital das maiores garantias e decisões. À Companhia Vale do Rio Dôce S. A., foi atribuido o direito de exploração e exportação do nosso minério, de jazidas outróra em mão de terceiros cujos interesses bem longe estavam de ser os interesses do Brasil. Incorporando-lhe um vasto patrimonio do qual consta o que representa a Estrada de Ferro Vitória a Minas, colocou o Governo a nova

Vista parcial das obras

AMOR E PINTURA

Murilo Mendes

"Retrato de minha mulher"
de ARPAD SZENES

Por menos profeta que se queira ser, penso não errar muito ao escrever que a posteridade entrelaçará os nomes de Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva, unidos pelo amor, pelo casamento e pela procura constante de um ideal em pintura. Arpad e Maria Helena, abraçando-se, abraçaram ao mesmo tempo a pintura. Os dois guardam as diferenças de personalidade, idealizam pesquisas muitas vezes em sentido contrário, mas acabam se encontrando, pois o amor conduz à unidade. Noto em Arpad Szenes uma nota mais acentuada de "humour", numa certa tendência à dispersão, dentro das fantasias cromáticas; e em Maria Helena maior gravidade, maior poder de concentração, em suma, um espírito mais monacal. De qualquer maneira, o exemplo da arte dêsses dois pintores mostra a universalidade da Escola e Paris, que reuniu correntes e tendências do mundo inteiro, distribuindo-as em magníficas sínteses plásticas. Arpad Szenes e Maria Helena, cada um de per si, já ultrapassaram o período de conflito entre a tradição e a aventura, que tanto caracteriza os movimentos, de resto grandiosos, da arte moderna. Porque chegaram à compreensão da admirável lei de equilíbrio, sem a qual nenhuma estrutura se compõe organicamente. Feliz homem êsse Arpad Szenes, que, casando-se com a Dama de seus pensamentos, casou-se ao mesmo tempo com a Dama Pintura. E feliz mulher, essa Maria Helena Vieira da Silva, que não tem tempo de brigar com seu marido, porque o tempo é pouco para pintar!

"GONACHE"
Maria Helena Vieira da Silva

"Natalia" e "Amor no llames a mi puerta" -- duas comedias de A. S. de Larragoiti

O teatro de A. S. de Larragoiti, sendo, na realidade, teatro sério, se purificaria só pelo fato de não trazer em si o grande vício da época. Não surge com o revestimento sensacionalista que força o subjugamento das opiniões, como quase no geral modernamente tem acontecido, sem que uma crítica orientadora tenha tempo de se manifestar. Não vem ao caso a circunstância de haver o novo teatrologo feito a sua estréia em Paris ou em Madri, uma vez que o mal do sensacionalismo é hoje em toda parte observado. O que importa, sim, é que, se o autor, provavelmente na base de suas próprias responsabilidades, surge de modo discreto, começa imperando pelo valor intrinseco de suas peças, mormente à apreciação dos que sabem avaliar devidamente tais criações do engenho humano.

E assim é que se poderá dizer que A. S. de Larragoiti, com suas comédias *"Natália"* e *"Amor no llames a mi puerta"*, perfaz-se em uma das mais sinceras e esperançosas revelações do teatro internacional contemporâneo.

Não se vai daí concluir que se trata de um autor de peças de carater popular, como se costuma dizer dessas que são accessiveis a todas

as platéias, sem exceção. Longe disso, e sem se tornar um clássico por excelência, pois que as suas peças teem a liberdade de decorrer ao sabor das evoluções, A. S. de Larragoiti é um autor para platéias e leitores cultos. Elevada é a natureza de seus conceitos, e sua emotividade, embora intensa, não é feita a transmitir-se através sensibilidades vulgares, à simples visão do mecanismo imediato ou do palavreado que no seu estrito limite o possa interpretar. E' necessário captar um pouco que seja de sua essência, de seu sentido que se não pode conter em ligeiras passagens apenas. Feito isso, ei-la que se transmite, dominando as atenções, e tais coisas, em tal autor, não serão simplesmente obra do acaso. Escritor espanhol de mérito, guardando sempre o mesmo entusiasmo e a mesma fibra dos passados e imortais escritores de sua raça, suas produções nos demais gêneros literários tornaram-se bastante conhecidas e assaz apreciadas pela sinceridade e profundeza de que são impregnadas. E, como teatrólogo, sucedendo-se nessas seu qualidades, não resta dúvida que, por seu turno, se completa na felicidade de realizar um ideal que é o da maioria de quantos se dedicam às letras.

Desde que existe, tem o teatro exercido uma poderosa atração sobre a maioria dos escritores, mas não somente por ser teatro, com suas faculdade cênicas da representação, da ação viva com mais possibilidades emotivas dirétas de entendimento e comunicabilidade. A atração que ele exerce origina-se, sobretudo, das dificuldades de seus meios, sendo que o ideal de arte, em qualquer artista ou escritor, concebe mesmo o mais difícil como o seu plano mais adiantado.

À primeira vista poderá isso não parecer tão lógico, mas o é, na realidade, dada a responsabilidade que a si mesmo se cria o autor à perspectiva de seu aperfeiçoamento. Não importa ao caso que a sua obra assim criada possa parecer da mais absoluta simplicidade, e, quanto ao teatro, tambem não vamos afirmar que os meios requeridos para a realização de uma peça teatral qualquer sejam de natureza tão estranha e que aberrem por complexos mais inestrincaveis que os que possa apresentar a literatura, noutros gêneros. Ao contrário, toda a dificuldade está justamente em se ordenar todos os elementos sob o prisma único da realidade, do imediato, ou melhor, da naturalidade que na representação ou leitura os venha traduzir. Assim é que o próprio artifício, em teatro, não pode deixar de encerrar em si o compromisso de u'a matéria puramente teatral, enquadravel à mesma e evocada naturalidade, sob pena de se fazer uma coisa e se representar outra. A naturalidade, acima de qualquer classe de têma, em tudo tem de predominar, e aí é que o bom teatro alcança o paralelo dos grandes livros e das demais criações que conseguem perdurar no tempo, trazendo, muitas vezes na sua simplicidade aparente absoluta, os mais sinceros e profundos argumentos que sobre variadas coisas tem sido dado ao cérebro humano conceber.

As comédias de A. S. Larragoiti, a despeito de haverem sido feitas para espíritos cultos não debandam da naturalidade. Modernas, embora e correspondendo, no seu desdobrar, às exigências de dilatadas culturas a que assistimos, outrotanto trazem elas uma como essência de outros tempos, circunstância traduzivel em cabal experiência de vida e de sentires, à força da sinceridade assim gravada. Bem escritas, para não se falar nos têmas bem escolhidos e com elevação contornados, cumprem num plano superior de arte a sua finalidade. A sua técnica é justa e o autor é claro e preciso nos seus conceitos, não obstante as penetrações científicas a que por vezes se entrega.

Em "Natália", cujos personagens principias, Natália Wakaroff e Oscar de Falguiére, são dois cientistas, a arte dir-se-ia aumentar de interesse pelo modo como a química, a medicina, a biologia e a física são discutidas na intimidade de duas criaturas que se amam e que se prendem tambem pelos laços dos mesmos ideais científicos. Natália é uma russa culta, inteligente e de beleza extraordinária, segregada da sociedade na valorização dos seus próprios sentimentos e cultura. E' pelo autor admiravelmente traçada e movida em todos os místicos complexos que dominam a sua alma de mulher eslava. Oscar de Falguière é um médico, jovem, simpático, e tão sábio em sua mente quanto elegante e simples de trato, e a ligação dessas duas criaturas, sem os grandes contrastes morais que geralmente levam às grandes paixões duas creaturas de sexos opostos, com a densidade com que está descrita constitue uma vitória do novo teatrólogo. A ação dessa comédia passa-se em 1938 e em Paris, enquanto que a outra, *"Amor, no llames a mi puerta"*, decorre em Biarritz, três anos antes da guerra atual. São ambas em três atos, em prosa e escritas em castelhano, e edi-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

"Ritmos do Novo Continente" de Faustino Nascimento

Gastón Figueira

"Um místico da natureza": tal é a definição que um crítico deu a este poeta brasileiro.

Nascido no Estado do Ceará, — um dos mais típicos do Brasil, — FAUSTINO NASCIMENTO se revela neste livro um cultor fervoroso da poesia americana. Seus "Ritmos do Novo Continente" são como que uma orquestração cheia de vida e de côres.

Convém levar em conta que existem duas classes de americanismo poético: um enfático, discursivo, altissonante, falsa, que encara a América como um simples pretexto para declamar, em tôrno de sua grandeza, uma série de conceitos vagos, à maneira dos românticos espanhóis.

O americanismo autêntico é aquele humanismo que se acerca da terra, que capta suas vibrações, que funde numa só côr todas as côres: a do índio, a do nêgro, a do europeu, a do mulato. E' o americanismo que sabe, ao mesmo tempo, recolher a sugestão do "folklore" e escutar a voz do porvir. Poesia que — sem negar nem desconhecer a dôr — é e deve ser francamente optimista, como o exige este Mundo Novo, oásis da humanidade. A este americanismo genuino pertencem os "RITMOS DO NOVO CONTINENTE" deste jóvem poeta brasileiro que vive e num completo deslumbramento da terra môça. São, em geral, ritmos amplos, sinfônicos, de uma música potente, em que palpita a grandeza da vida, da paisagem, da história, da lenda. Que riqueza de temas!: "O Culto do Sol", "O Culto da Paz", "Bolívar", "Tupi e Guaraní", "A Filha de Tzultaca", "Rondon", as paisagens da Guanabara, os países da América, inclusive o Canadá! Para realizar obra tão magnífica e robusta, FAUSTINO NASCIMENTO soube poemizar galhardamente o seu entusiasmo de americano agradecido, dando hierarquia estética à sua erudição histórica e geográfica, a que sempre consegue infundir um sentido de verdadeiro lirismo. Às vezes seu verso tem essa sugestão cósmica de Walt Whitman; às vezes, a cálida inspiração de Ronald de Carvalho. Porém FAUSTINO NASCIMENTO é sempre ele próprio: um poeta vibrante, rico, profundo, que sabe descobrir, por traz da simplicidade das cousas, a vibração anímica. E' esta uma das características da poesia: espiritualizar tudo o que toca. E, uma vez que o poeta tem sempre algo de espiritualizante, chega a ser tambem muitas vezes um verdadeiro profeta. Estes "Ritmos do Novo Continente" são uma demonstração a mais da opulência da poesia brasileira contemporânea.

:|I N e

(Traduzido de **La Nueva Democracia**, Nova York — Novembro 1941).

Os banqueiros do Rio de Janeiro oferecem dois aviões á mocidade brasileira

Sr. José de Castro Menezes

Vem-se desenvolvendo louvavel campanha para ser enriquecida a Aviação Civil Brasileira de aparelhos de treinamento dos jovens brasileiros.

Valiosa adesão recebeu esse patriótico movimento com o apoio que, por proposta do banqueiro José de Castro Menezes, lhe deu o Sindicato das Casas Bancárias do Rio de Janeiro, presidido pelo nosso colaborador dr. Arthur Martins Sampaio.

Nestas condições, os banqueiros ofereceram dois ótimos aparelhos.

Num momento tão grave para a nacionalidade, quando se resalta aos olhos de todos o poder da aviação, tem um relevo especial a idéia do sr. José de Castro Menezes. E torna-se, assim, compreensivel a nossa atitude ouvindo um dos "leaders" daquela laboriosa classe: o sr. Castro Menezes, inteligência moça e agil, que preside os destinos da Casa Bancária Nacional S. A.:

Tendo em vista apenas o interesse de meu país, sugeri, numa das reuniões do Sindicato das Casas Bancárias do Rio de Janeiro, que os banqueiros oferecessem um avião aos jovens patricios que querem aprender a defender os céus do Brasil! E vi, emocionado como compreendeu minha intensão o espírito esclarecido e patriota de meus companheiros que sentem muito bem que, nesta hora grave, si aproveitavel idéia parte de uma pessoa, logo pertence a todos, pois, neste momento sério, o que está em foco, no pensamento de todos, numa perfeita comunhão de pensamentos, é o Brasil, é a causa abraçada pelo Brasil, a favor das liberdades humanas! Dai ter tomado vulto nossa intenção: envez de um, demos dois aviões. Aliás, o que todos os brasileiros estão fazendo é unir-se, um ao outro, ao lado do Governo, porque da coesão e da firmeza depende a vitória! Assim, dentro desse ponto de vista, o lema de todos pode resumir-se nas recentes palavras — felizes e oportunas — do presidente Getulio Vargas: "Pelo Brasil e para o Brasil — nenhum sacrificio será demasiado". Orgulho-me de a classe, a que pertenço, estar ao lado do Governo, disposta a facilitar, a ajudar, a luta contra os inimigos da civilização! E nossa colaboração não ficará apenas nesta oferta expontanea aos jovens brasileiros. Certo estou de que seremos chamados na ocasião oportuna, e tranquilo fico de que saberemos cumprir nosso dever, como sentinela avançada dos grandes ideais!"

O sr. José de Castro Menezes faz uma pausa e, satisfazendo a uma nossa solicitação, esclarece o seguinte:

— Sou o padrinho dos aparelhos oferecidos. Quizemos que os aviões fossem batizados com o nome do dr. Arthur Martins Sampaio, acatado presidente do Sindicato das Casas Bancárias do Rio de Janeiro. Mas, dando prova de sua elegancia moral, de seu desprendimento, agradeceu sensibilizado nossa homenagem, acentuando que a receberia com maior satisfação se nós consentissimos que os aparelhos re-

O clichê acima focaliza os srs. Arthur Martins Sampaio, presidente, Antonio Marques Barbosa, 1.º Secretário, Etienne Paul Richer, Bibliotecário, José de Castro Menezes, Membro do Conselho Fiscal e Plinio de Mello, advogado do Sindicato das Casas Bancárias do Rio de Janeiro, quando entregavam ao Ministro Salgado Filho um cheque destinado à compra de dois aviões, oferecidos pelos banqueiros desta Capital para treinamento da mocidade brasileira. Nesta ocasião, o Ministro Salgado Filho, por intermedio da comissão, agradeceu essa prova de espírito de patriotismo e cooperação dos banqueiros.

cebessem o nome de um grande General e de uma prestigiosa Republica amiga. Atendemos a sugestão, e apelamos para que fizesse o discurso de oferecimento. O dr. Martins Sampaio aceitou a incumbencia e certamente sua oração será bela e não poderá deixar de ser, pois nascerá de um espírito de escol.

Com essas palavras o banqueiro Castro Menezes concluiu sua pariotica entrevista.

Abaixo publicamos a Diretoria e o Conselho Fiscal com seus respectivos suplentes, que atualmente tão bem dirigem o Sindicato das Casas Bancárias do Rio de Janeiro:

Presidente, Arthur Martins Sampaio; Vice-Presidente, Asthenio Bagueira Leal; 1.º Secretário, Antonio Marques Barbosa; 2.º Secretário, José de Seabra Santos; 1.º Tesoureiro, Mauricio Cesar Martins Burlamaqui; 2.º Tesoureiro, Rubem de Ipanema Moreira; e Bibliotecário, Etienne Paul Richer. Suplentes da Diretoria: do Presidente, Edmundo Sutter; do Vice-Presidente, Rubens Rodrigues de Carvalho; do 1.º Secretário, Flavio Alves da Silva Braga; do 2.º Secretário, Miguel Accetta; do 1.º Tesoureiro, Arthur Baptista Linhares; do 2.º Tesoureiro, Francisco Nogueira; e do Bibliotecário, Julio Rego. Membros do Conselho Fiscal: José de Castro Menezes, Adrião Ferreira Porto e Manoel Lobo Pereira Guimarães Pinto. Suplentes do Conselho Fiscal: Emilio Vetere, J. Antonio Moreira e Augusto Guilherme Pereira de Carvalho.

O PROBLEMA DAS MINAS NA BOLIVIA

Alexandre Konder

Contribuindo com um terço da produção mundial de estanho — As fraquezas de uma legislação — Um tipo que está em toda a parte.

No pequeno hotel de Guaqui, a gente "charla" animadamente pelas mesas, enquanto corre o almoço. Por sobre a minha cabeça leio um letreiro:

"No escupir en el piso, menos en la pared". Sorrio discretamente e volto a me preocupar com o "menu" que está cheio de peixes do Titicaca — boga, carachi, suchi, mauri, etc. Esses peixes do grande lago pode ser que deem, como afirma Angyone Costa, "tranquilidade às populações ribeirinhas", mas estão muito longe de satisfazer o nosso paladar. Chego a trocá-los pela quinua e o chôcho...

Um cavalheiro gordo sentado ao meu lado, palita os dentes com desembaraço e fala-me das riquezas minerais de Guaqui — manganês, estanho, prata. E com isso tem ele um pretesto para iniciar a sua digestão com uma crítica ao que insinua ser "falta de iniciativa do indivíduo e do governo do país". Eu o vou ouvindo em silêncio, enquanto esfria o meu chá de coca. "A priori" penso ao acaso numa frase de Arturo Villela: "Os problemas da Bolívia são tão diversos e desconcertantes que se chega a duvidar inclusive se se trata realmente de uma nacionalidade".

Indios Aymaras em dia de festa

O problema das minas... A Bolívia guarda no seu sub-solo, como é sabido, as minas "mais ricas del Mundo".

Só Cerro Rico deu à metrópole espanhola, nos dias da Colônia, 3 mil milhões de pesos de prata! Potosi garantiu sozinho o podério econômico da Espanha. Depois a prata desvalorizou-se e veio o estanho.

Colquechaca, Uncia, Llallagua, Corocoro e outras são veios intermináveis e preciosos desse metal, que soma 90% da exportação do país. A vida da Bolívia, pois, está intimamente ligada às suas minas.

Não se conclua, porem, que a fertilidade do sub-solo boliviano em minerais de alto preço tenha resultado benéfico para o povo. Não!

O boliviano de hoje, como o da Colônia, continua sem niquel, sentado em cima de "uma masa de oro y estaño". E' paradoxal, mas assim é.

Como se atravessa o lago Titicaca

Júlio Paz, na sua "História Económica de Bolívia" escreve o seguinte: "Quem

Uma "chola" boliviana

quer que leia o quadro das importações e exportações da Bolívia, ficará supreso com a sua balança comercial. Temos um ano em que compramos 50 milhões de "bolivianos" e vendemos 120.

Estes dados correspondem a um país feliz; uma verdadeira Jauja! A realidade, entretanto, é muito distinta e muito triste. Os milhões ficaram no estrangeiro"!...

E por que? Porque as minas estão na mão do particular nacional e estrangeiro. E eis como vem marcando passo na inanição, o país que ocupa o terceiro lugar entre as nações do hemisfério ocidental, quanto as riquezas minerais: O Código de Minas da Bolívia diz, completando assim o erro da nova Carta Política, que "todas as substâncias úteis do reino mineral", quaisquer que sejam as suas origens e quer se encontrem no interior da terra ou da superfície, "pertenecem originariamente al Estado", mas este (artigo 3.º) "segun los casos y sin mas regla que la conveniencia", poderá ceder esse domínio gratuitamente ao proprietário do solo ou arrendá-lo a particulares ou associações "que lo soliciten". A Carta Política de 1938 insistiu no erro, como disse, mantendo a inviolabilidade da propriedade e garantindo a expropriação apenas por utilidade pública e prevista a indenização justa (artigo 17) Como se vê, o domínio do Estado sobre as minas é uma mera ficção e um magnífico pretesto para que políticos sem

escrúpulos possam enriquecer de parceria com os Patino e os Aramayo. No "frigir dos ovos" o erário público contenta-se com pingues lucros que lhe dão as "suas minas à mercê da ganância internacional dos "trustmen" e o povo continua de cócoras, mascando a sua cóca e já sem esperar por milagres, assistindo a marcha do país ao revés", como escreve T. Marof na sua "La tragedia del Altiplano".

A nacionalização das minas é uma idéia que ora preocupa os patriotas bolivianos, mas com Vilela eu creio que esta diretriz não deixa de oferecer graves inconvenientes para o país, uma vez que o Estado não pode, no momento, arcar com toda a responsabilidade da exploração das jazidas. A nacionalização — penso com muitos autores bolivianos — é um assunto para mais tarde, para os anos seguintes à uma política socialista "bien cimentada y dirigida". O que não resta dúvida é que enquanto não se mudarem as bases econômicas do país, livrando-o gradativamente das garras do capital estrangeiro; enquanto La Paz continuar dependendo do tal Comité Internacional de Restrição do Estanho — arapuca inventada por Patino, a velha Guilhermina da Holanda e demais membros do poderoso "trust" para equilíbrio do preço do metal em todas as suas minas internacionais — é ilusório pensar-se na nacionalização das minas.

* * *

O homem gordo insiste na sua crítica. Prefiro não respondê-lo. Conheço-o de velha data.

Ele está em todos os lugares. Sempre palitando os dentes e sempre falando por falar...

E' fora de dúvida que é para ele aquele "no escupir en el piso, menos en la pared"!...

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

GABINETE MILITAR

Petrópolis, 26 de Fevereiro de 1942.

Illmo. Snr. Professor Ariosto Espinheira.

Em dezembro último, teve o prezado patrício a gentileza de oferecer-me os dois primeiros volumes do seu livro VIAGEM ATRAVÉS DO BRASIL.

Foi verdadeiramente um presente de Natal! Teria, sem demora, agradecido a oferta e os têrmos da atenciosa dedicatória, se não me animasse o desejo, já agora satisfeito, de formar juizo próprio acêrca das viagens, que, segundo as apreciações divulgadas nos órgãos da imprensa carioca, constituiram, desde logo, um empreendimento de indiscutivel utilidade, tanto do ponto de vista recreativo como cultural e educativo.

Hoje, depois de haver percorrido, com interêsse, o roteiro, traçado com segurança e esclarecida inteligência para o avião do programa infantil da PRF-4 "Rádio Jornal do Brasil", não hesito em indicar a excursão como proveitosa aos brasileiros de todas as idades, que, em fazendo-a, sentirão ainda mais a razão do grande amôr que devemos ter pela terra de nosso berço.

Assim manifestando minha opinião, tenho justificado os cumprimentos que ora lhe envio e os agradecimentos, que renovo com prazer.

Patrício e admirador

(a) General FRANCISCO JOSÉ PINTO.

«Ilustração Brasileira»

No Centenário da Pacificação dos movimentos politicos de 1842

As grandiosas comemorações da passagem do centenário da pacificação dos movimentos politicos de 1842, de que foi perví principal o Duque de Caxias, provocaram nos setores culturais do país a mais intensa vibração.

A imprensa, principalmente, se solidarisou com o Exército e o povo, para maior brilho dos festejos, do que resultou alcançarem estes um *climax* de exaltação patriótica talvez jamais atingido entre nós em comemorações equivalentes.

A nota, porem, de maior destaque foi o aparecimento da grande e luxuosa edição de "Ilustração Brasileira", o mais completo mensário brasileiro de arte e cultura, que mereceu a honra da escolha, pela Comissão Organisadora das comemorações centenárias, de ser o orgão oficial das mesmas comemorações.

O êxito alcançado pela edição inteiramente dedicada a Luis Alves de Lima e aos seus feitos históricos de há cem anos, que ofereceu a mais selecionada e mais bem documentada colaboração que es poderia desejar, repercutiu de maneira notavel, pois que se pode dizer que, a não ser a edição com que a própria "Ilustração Brasileira" comemorou, em 1922, como orgão oficial tambem, a passagem do centenário da nossa emancipação politica, nada se fez, até aquí, na materia, capaz de superar essa grandiosa realização.

Por isso, vale a pena transcrever algumas das opiniões emitidas, e mensagens enviadas à direção de "Ilustração Brasileira", a propó-

CAXIAS

sito do número especial de Caxias, através das quais se pode bem aquilatar a alta importância daquela iniciativa que tanto sucesso alcançou.

DA COMISSÃO ORGANISADORA DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DA AÇÃO PACIFICADORA DE CAXIAS

"Sr. diretor da Ilustração Brasileira.

A Comissão Organizadora dos Festejos do Centenário da Ação Pacificadora de Caxias tem o grato prazer de apresentar-lhe sinceras congratulações pelo êxito alcançado pela edição especial dessa publicação, comemorativa do importante acontecimento histórico.

Pela sua primorosa feição gráfica, pelo valor literário e informativo das colaborações, pelas ilustrações estampadas, o número de ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA constituiu-se numa contribuição preciosa para o exato conhecimento do grande soldado do Império.

A Comissão leva ao ilustre jornalista seus agradecimentos muito sinceros pelo trabalho de alto alcance cultural e patriótico realizado.

Major Antônio José Coelho dos Reis, Presidente da Comissão Organizadora dos Festejos do Centenário da Ação Pacificadora de Caxias."

DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

"A Associação Brasileira de Imprensa está certa de interpretar o sentimento coletivo da classe jornalística, enviando as melhores felicitações pelo magnífico número da ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA dedicado a Caxias, Soldado-Estadista, edição que honra sob todos os pontos de vista, quer no cultural, quer no de técnica, as melhores revistas dos centros mais adiantados.

Herbet Moses, Presidente da ABI."

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O Acadêmico Osvaldo Orico, oferecendo à Academia Brasileira um exemplar da edição extraordinária de ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, disse o seguinte:

"Órgão das nossas elites de pensamento e cultura, com uma feição eminentemente contrutiva, a ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, dirigida pelo brilhante espírito de Osvaldo de Souza e Silva, vem seguindo um programa de divulgação que lhe assegura um nobre papel na imprensa do país. Aí, numa verdadeira harmonia de conjuntos, a arte gráfica identifica-se com a seleção da matéria, constituindo uma revista que, pela sua técnica e seleção, honra a cultura nacional. Não desconhecemos as dificuldades com que luta a nossa imprensa, nesta hora em que problemas complexos, sobretudo de ordem econômica, impõem restrições à orientação de inúmeros jornais e revistas. A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, entretanto, não tem poupado sacrifício para manter o seu itinerário intelectual, de que é índice o exemplar que ora oferece à biblioteca da Academia, através do qual se verifica a decisão de manter sobre as dificuldades que assoberbam os nossos mercados literários, uma publicação votada ao culto dos grandes ideais da nacionalidade e ao constante aperfeiçoamento das nossas artes gráficas."

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

"Digno do Duque e digno da ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA é — pela colaboração e pela apresentação gráfica — o admiravel número dedicado a Caxias.

José Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico."

DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

"Exmo. Sr. Diretor da ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA.

E' com vivo prazer que, em nome da Associação dos Artistas Brasileiros, venho trazer a V. Ex. calorosas felicitações pela publicação do número desse grande mensário em homenagem a Caxias, por ocasião da passagem do centenário da Pacificação do Movimento de 1842. Esse número da ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, pela sua apresentação artística e literária, honra a cultura e a inteligência do Brasil, constituindo brilhante demonstração do adiantamento da nossa Imprensa. Cordiais saudações.

Peregrino Junior, Presidente."

PIEDOSA MENTIRA

Embora não deseje e não pretenda
volver ao doce enlevo do passado,
meu peito inda soluça, desgraçado,
vendo ruir do amor a nossa lenda.

Quantas vezes, bem triste e amargurado,
embora a meus conselhos não atenda,
inda cartas de amor — pobre oferenda —
meu coração te escreve, enamorado.

E relembra, saudoso, o amor de outrora.
— Meu coração é quem te escreve agora —
"Tenho-te, ainda, o mesmo amor que tinha...

E espero ouvir da boca mentirosa,
numa jura de amor, a mais piedosa
e ridente mentira de que és minha".

JOSÉ W. MILAD.

José W. Milad é, sem dúvida, uma das mais expressivas figuras da moderna geração de poetas paulistas, possuindo uma sensibilidade delicada e um vigor de expressão que dão um sentido de duração à sua obra.

José W. Milad tem publicados dois livros de poesias, "Lágrimas em versos" e "Para as lindas mãos da minha amada" (com prefácio de João Ribeiro) tem no prélo, "Poranguba" e que é prefaciado por Oswaldo Orico, tambem da Academia Brasileira.

"LUX-JORNAL", Uma organização que honra o espírito realizador dos brasileiros

Como trabalha e que serviços presta à coletividade a grande emprêsa especializada em recortes de jornais

Quando, a 1.º de Junho de 1928, em uma sala modesta do Edifício Glória, na Cinelândia, o **Lux-Jornal** iniciou as suas atividades, poucos foram os que admitiram a hipótese de que ele viesse a triunfar dentro do ramo de atividade que elegera. Informações por meio de recortes de jornais, naquela época, eram um processo absolutamente desconhecido no Brasil, com exceção, talvez, de alguns patrícios nossos, bastantes "viajados", que, tendo visto na Europa ou nos Estados Unidos organizações dessa espécie, conheciam ou pelo menos não duvidavam da eficiência de gênero de informes. Mas os meios administrativos, econômicos e intelectuais do país, ou seja, precisamente, o campo em que o **Lux-Jornal** pretendia enraizar a convicção da sua utilidade, esse não dava, inicialmente, impressão de muita permeabilidade.

Mas a tenacidade e o espírito realizador tudo podem e tudo alcançam quando postos a serviço de uma causa realmente merecedora de amparo e credenciada de fato para a obtenção da vitória. Mário Domingues e Vicente Lima, os fundadores do **Lux-Jornal**, não se deixaram intimidar pelos primeiros tropeços. As próprias dificuldades que se erguiam à sua frente como que resultavam num incentivo cada vez maior para os dois jornalistas. Tudo tinha de ser criado, tudo devia nascer do nada, numa paráfrase autêntica do bíblico "Fiat-Lux". E' que, por ser a primeira empresa de recortes de jornais a surgir no Brasil, o **Lux-Jornal** não dispunha de figurinos por onde pudesse modelar a sua organização; todos os seus métodos de trabalho tinham de ser absolutamente originais. E nisso, principalmente, a par da incontestavel utilidade de que os seus serviços se revestem, é que residiu e reside o grande mérito dessa organização que cobre, hoje em dia, toda a rêde jornalística do Brasil, distribuindo diariamente mais de vinte mil recortes extraídos dos jornais diários de todos os Estados da União.

A princípio, quando o **Lux-Jornal** era, ainda, por assim dizer, uma "curiosidade", os assinantes que ele ia obtendo queriam apenas os recortes de referências, isto é, os recortes do que os jornais dissessem a respeito de seus nomes. Era o romancista que lançava um livro e queria as críticas sobre esse livro; era o comediógrafo que desejava saber a opinião dos jornais sobre a sua nova peça; era o escultor, o pintor, o cantor, aos quais o que se dissesse sobre os seus trabalhos eram sempre interessante. Mas, pouco a pouco, o público foi compreendendo que o **Lux-Jornal** podia ser muito mais do que um simples garimpeiro de notas pessoais. Cabia-lhe — e ele estava apto a desempenhá-lo com brilho — um papel de grande relevo no desenvolvimento econômico e cultural do país, e, mesmo, no funcionamento da própria máquina administrativa do Brasil. E começou, então, o grande progresso dessa organização utilíssima, com o

Um aspecto do Departamento de Leituras do LUX JORNAL

aproveitamento dos seus serviços pelas elites operantes.

Ministros, governadores e interventores dos Estados, departamentos da administração pública federal e estadual, passaram a saber, rápida e amplamente, por intermédio do **Lux-Jornal**, tudo quanto a imprensa diária do Brasil escreve a respeito dos problemas nacionais ou regionais, ou dos serviços subordinados a cada um daqueles setôres da administração pública. As críticas e as sugestões, que são a colaboração da imprensa aos governantes, puderam chegar até estes em toda a sua plenitude e não mais de um modo incompleto.

Por outro lado as grandes organizações impulsionadoras da nossa economia — emprêsas comerciais, indústriais, ferroviárias, de construções, de navegação, de aviação, os bancos, as companhias de seguros etc. — encontraram no **Lux-Jornal** um excelente veículador de tudo quanto, publicado na imprensa, poderia contribuir para o desenvolvimento e a eficiência daqueles diversos ramos de atividade. Isso, sem falar nas associações de classe, nos sindicatos, nas sociedades culturais e artísticas, nas estações de rádio, nos clubes desportivos, nas empresas teatrais e cinematográficas, nos advogados, médicos, engenheiros, escritores, nos artistas em geral, todos encontrando no **Lux-Jornal** um secretário completo de inestimavel valor.

Não seria preciso acrescentar que os jornais — matéria prima com que o LUX confecciona o seu esplêndido serviço de recortes — compreenderam perfeitamente a incalculavel vantagem que, tambem para eles, existe em terem os seus artigos, comentários, notícias e até anuncios, distribuidos pelo **Lux-Jornal**, por isso que, decompondo em milhares de recortes os exemplares que recebe e distribuindo esses recortes por todo o Brasil e mesmo no estrangeiro, o **Lux-Jornal** leva o nome, as idéias e as opiniões dos jornais às mais longinquas cidades, multiplicando, dessa fórma, a repercussão da atividade daqueles órgãos, pois que cada recorte é colado numa papelêta com a indicação do nome do jornal que o publicou, da cidade em que esse jornal se edita e da data em que foi feita a publicação.

Recebendo, lendo e recortando todos os jornais diários do Brasil, além das grandes revistas semanais ilustradas do Rio e de São Paulo, o **Lux-Jornal** pode ser considerado, hoje em dia, sem nenhum favor, a maior e mais perfeita organização de recortes de jornais de toda a América do Sul, não temendo um paralelo com as grandes empresas similares dos Estados Unidos e da Europa. Conclue-se, pois, que, tal como o dissemos no título desta breve nota, o **Lux-Jornal** é, de fato, uma organização que honra o espírito realizador dos brasileiros.

O Príncipe dos Contistas Brasileiros

Promovido pelo **"O Malho"**, foi eleito este ano o Príncipe dos Contistas Brasileiros. O certame, como era de esperar, provocou o maior entusiasmo entre os nossos homens de letras, conforme se verifica através dos quadros de votação, onde figuram, além das expressões representativas das nossas mais importantes associações de cultura, elementos de projeção da sociedade nacional. E é de se salientar a maneira criteriosa como se conduziu a direção da revista, cujo trabalho essencial, com referência ao certame, consistiu numa rigorosa seleção dos votantes e perfeito senso de imparcialidade na apuração das cédulas. O concurso, por isso mesmo, tem um eminente significado nacional, porquanto, segundo demonstram as apurações, o espírito de escolha do país se manifestou através do pronunciamento de personalidades credenciadas, como jornalistas e escritores, os quais se alistaram expontaneamente, por ordem de classes, para sagrar o mais perfeito dos nossos "conteurs".

OSVALDO ORICO

O concurso encerra um eminente sentido literário. O "conteur", pela sua própria função, é um homem que vive no clima das massas. Percorre as multidões, porque as folhas avulsas, de mais facil divulgação em todas as camadas sociais, são veículos de contacto de projeção universalizada. Além de tudo, possivelmente pela razão econômica de que o homem moderno tem limitado o seu tempo de leitura, condicionado aos momentos em que a vida dinâmica lhe proporciona instantes providenciais, o conto está passando por um período de verdadeiro renascimento. Não é por outro motivo que ele tem sido utilizado como veículo de emoções rápidas e elemento de educação das almas, pois, muitas vezes, numa simples página, encontram-se soluções psicológicas, de difícil alcance por outros processos. Os espíritos se reconhecem e se encontram. O sentido subjetivo fixa as perspectivas dos destinos.

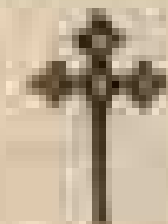
Muitos dos nossos escritores, nestes últimos tempos, têm se dedicado ao conto. Escritores de todas as classes, como Monteiro Lobato, que marcou época no conto nacional, e Marques Rebêlo, da geração dos novos. Os que os lêem, isto é, os que os acompanham, lendo-os e comparando-os, tiveram agora, através do concurso de **"O Malho"**, a oportunidade de aclamar o que possue a m e l h o r personalidade de contista, na eleição do Príncipe. O certame valeu pela sua originalidade e pelo seu significado eminentemente literário. Eis aqui o resultado das apurações:

1.º	lugar	Osvaldo Orico
2.º	"	Viriato Corrêa
3.º	"	Monteiro Lobato
4.º	"	Ribeiro Couto
5.º	"	Peregrino Junior

e outros menos votados.

Conforme se vê, pelo quadro acima, tornou-se detentor do titulo de Príncipe dos Contistas Brasileiros, por eleição dos elemenots mais representativos das nossas sociedades de cultura, o acadêmico Osvaldo Orico, cuja obra de "conteur" está enfeixada, além de em várias de nossas revistas e jornais, nos livros "Vinha do Senhor", editado em 1939 pela Civilização Brasileira, "Joana Maluca", editado em Portugal, pela Editorial Inquerito, na coleção "os melhores contos dos melhores contistas" e "Mundo Ajoelhado", pela Livraria Martins. Sobre essa obra já se haviam manifestado vários homens de letras, entre os quais o Embaixador Otavio Amadeo, A. Hernandez Catá, Julio Dantas, Pedro Calmon, Leopold Stern e Bernanos. A eleição, desse modo, veio referendar o pronunciamento da critica e da sensibilidade dos frades escritores em que se reconhece a maior autoridade de pronunciamento.

Cardial Dom Sebastião Leme

A grande perda que foi para a Igreja Católica e para o Brasil, o desaparecimento de S. E. o Cardial D. Sebastião Leme, repercutiu da maneira mais viva em todos os corações e em todos os lares brasileiros. As fotografias que aquí reproduzimos mostram o cardial brasileiro num dos seus últimos retratos e S. E. durante um sermão proferido na Catedral Metropolitana quando de uma solenidade alí realizada.

† ☩ † ☩ † ☩ † ☩ †

AS ATIVIDADES DO P.E.N. CLUBE DO BRASIL EM 1941

Ao entrar no sexto ano de sua existência, o P. E. N. Clube do Brasil vem realizando, plenamente, a ação que marcou a sua organização como associação internacional de escritores, destinada a promover o intercâmbio espiritual entre os povos, ao tempo em que defender a paz humana e a liberdade de pensamento.

Conquanto o programa, em parte, tenha deixado de ser realizado na sua essência, nem por isso se poderá deixar de considerar o seu esforço por atingir as suas finalidades. Parecerá, a muitos, que o P. E. N. Clube esteve à margem dos acontecimentos ante o perigo da guerra. Mas, em realidade, todos os meios de que dispôs, toda a força de convicçoes sôbre o valor da paz entre os homens, que puderam utilizar os seus associados da Africa do Sul ou da Argentina, do México ou da Bulgária, do Chile ou da China, da Bolivia ou do Canadá, da Inglaterra ou da Bélgica, da Dinamarca ou da Nova-Zelandia, da Noruega ou da Irlanda, do Brasil, de todas as partes do mundo, todos os recursos de que dispunham o escritor, o sociólogo, o intelectual que nele se agrupam, foram empregados em prol da paz. Mas veio a guerra. Essa mesma guerra que levara André Gide a considerar: "Hoje a força brutal tende a subjugar e emudecer o espirito que os escritores de todo o mundo confraternizem para combater esse perigo comum. Um mesmo amor à cultura nos dará a vitória contra as paixões politicas infrenes, que põem os homens frente a frente para se matarem". Na palavra de Gide estava o pensamento uniforme dos escritores do mundo que tudo fizeram por impedir a catástrofe, não lhes sendo possivel, porem, deter a fôrça esmagadora das circunstâncias. Mesmo assim êsse espirito de fraternidade não se deteve na sua obra e na medida do possivel, vem procurando amenizar as ocorrências na solidarização com aqueles sôbre os quais o infortúnio caiu violentamente, destruindo-lhe as raizes da sua formação, ou intentando levantar na conciência dos povos a crença de que há um sentido de eternidade no espirito, o qual a brutalidade humana é demasiado fraca para atingir-lhe.

Passemos em revista as atividades do P. E. N. Clube, seção do Brasil, durante o decorrer do 1941: A cada golpe de fôrça desferido contra povos indefesos, a cada ato de barbaria perpetrado em nome da Civilização, levantou o seu protesto que, e, se não teve valor bastante para impedir a sua continuidade, sem embargo, poderá ser considerado do seu ponto de vista moral de solidariedade contra a opressão, contra a tirania, promovendo, por outro lado, festividades de carater democrático, que se realizaram com absoluto êxito.

HOMENAGEM AOS ESTADOS UNIDOS

Em 4 de Junho, servindo-se da data aniversária da Independência politica dos Estados-Unidos, realizou um grande banquete de confraternização internacional, ao qual seria dito ter alguma coisa de eucarístico. A essa festa de espiritualidade deram a sua adesão a Academia Brasileira, oficialmente, e com a participação individual da maioria dos seus membros, o Instituto Brasileiro-Chileno de Cultura, Instituto Brasil-Estados Unidos, Federação das Academias de Letras do Brasil, Rotary Clube do Brasil, Instituto Nacional de Ciências Politicas, Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, Associação dos Artistas Brasileiros, Associação Brasileira de Imprensa, Associação de Imprensa Periódica Paulista, Academia Paulista de Letras, Instituto Brasileiro de Cultura, comparecendo, além das respectivas delegações, a maioria dos associados do P. E. N. Clube, que contaram mais com a presença dos representantes das seções do P. E. N. Clube de Londres, Paris, Chile, Bélgica e Suécia — Alfred Agache, Leopold Stern, Gabriela Mistral, Paul Frischauer, Nico Gunsberg, M. Kamenka e J. Gererd Fleury, mais a participação individual dos Embaixadores dos Estados Unidos, Argentina, Chile, Colombia, Venezuela, Bolivia, Perú, México, Uruguai e Paraguai, Ministros de Cuba, Rep. Dominicana, Equador, Guatemala e Panamá, Encarregados de Negócios de Costa Rica e Nicarágua, os diplomatas brasileiros Embaixadores J. C. de Macedo Soares e Afrânio de Melo Franco. O banquete que foi presidido pelo Embaixador Jefferson Caffery, dos Estados-Unidos, por não ter podido comparecer o Chanceler Aranha, foi uma demonstração insofismavel de fraternidade marcando uma etapa nas relações continentais.

Falaram durante o agape os Srs. Elmano Cardim, diretor do *Jornal do Comercio* e João Neves da Fontoura, da Academia Brasileira, sendo levantado um brinde de honra ao Presidente Getúlio Vargas. Ademais, recebeu o P. E. N. brasileiro um telegrama assinado por Jules Romains, hipotecando a solidariedade da Federação Internacional dos P. E. N. Clubes europeus (dos Estados-Unidos), e da qual é presidente.

Realizando uma parte da sua finalidade, o P. E. N. Clube do Brasil, pelo seu presidente Sr. Cláudio de Sousa, que é tambem membro da Academia Brasileira, enviou a sua solidariedade aos escritores europeus exilados nos Estados-Unidos, pela iniciativa da constituição da Federação dos P. E. N. Clubes Europeus na América. Do mesmo modo que serviu-se do regresso do diplomata José Miguel Ferrer, à Venezuela, para enviar, por seu intermédio, u'a mensagem de cordialidade dos escritores brasileiros aos seus confrades venezuelanos. Tendo tomado parte em quantas sessões cívicas, culturais e artísticas, a que foi convidado.

Vários dos seus membros foram distinguidos com honrarias, do seguinte modo: o Sr Cláudio de Sousa foi eleito membro correspondente da Aca-

demia Nacional de Havana (Cuba) os Srs. Osvaldo Orico, Celso Vieira, Clementino Fraga e Levi Carneiro foram eleitos sócios correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa. Foi trocada correspondência amistosa com inúmeras seções americanas do P. E. N. Clube.

AÇÃO CULTURAL DO P. E. N. CLUBE BRASILEIRO

Ainda no decorrer do 1941, não foi possivel ao P. E. N. Clube, ver realizada a pretensão por que se tem empenhado da criação de um Instituto de Assistência aos Escritores, conquanto, nem num momento tenha desaparecido o ardor empreendedor do seu presidente Sr. Cláudio de Sousa. Entretanto,, como em anos anteriores, procurou levar a efeito farta distribuição de livros dos seus associados entre as populações meridionais do Brasil; procurou divulgar no Japão a literatura Brasileira, na tradução de uma Antologia de Contos, a cargo do escritor nipônico Sr. Nico Horigoutchi; fez-se representar no Congresso dos P. E. N. Clube em Londres, pelo Consul Pascoal Carlos Magno, com a expressa autorização do Ministério das Relações Exteriores do Brasil; levou a efeito várias conferências no salão nobre da Academia Brasileira e no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, nelas tomando parte o conhecido ator e autor francês Louis Jouvet, o urbanista Alfred Agache, a poetisa chilena Patricia Morgan, e Paul Ronai, do P. E. N. Clube da Hungria, Leopold Stern, do P. E. N. Clube da França, Gabriela Mistral do P. E. N. Clube do Chile, Fidelino de Figueiredo, do P. E. N. Clube de Portugal, Ernesto Feder, do P. E. N. Clube da Alemanha, James Entwiste, do P. E. N. Clube da Inglaterra e professor da Universidade de Oxford, Paul Frischauer e Max Fischer. Essas tardes culturais tiveram o melhor sucesso, contando com o interesse do grande público.

Patrocinou o P. E. N. Clube do Brasil, ao lado da Sociedade Franco-Brasileira de Cultura, a instalação do Conservatório Teatral que obedece à direção da Sra. Henriette Rissner Morineau, destinado a ensinar as Artes de dizer e de representar as grandes obras dramáticas nacionais e estrangeiras. Tambem essa iniciativa contou com o maior interesse da nossa sociedade, sendo logo inscritos inúmeros candidatos ao curso. Associou-se ainda à Academia Brasileira às homenagens, naquele sodalício prestadas aos Srs. Filinto de Almeida e Rodrigo Otávio, com a inauguração dos seus retratos numa das salas do *Petit Trianon*.

UM RETIRO PARA ESCRITORES

Longe de ser abandonada a idéia da fundação de um retiro para escritores, essa iniciativa mereceu especial atenção do Sr. Cláudio de Sousa, sobretudo em face da doação de um terreno na Praia de Itacurussá, feita pelo Sócio Benemerito Sr. Eduardo Dale. A realização desta iniciativa está em marcha, e num dia que não está distante, poderá o escritor nacional contar com um recanto tranquilo onde poder descansar das fadigas do trabalho durante o ano, num clima saudável e num ambiente de confôrto.

Mandou o P. E. N. Clube do Brasil imprimir carteiras-passaportes, destinada à identificação dos seus associados em viagens fora do Brasil, estando as mesmas à disposição dos interessados em sua Secretaria. Os Poderes Públicos, emprestando o seu apoio ao P. E. N. Clube, deu a vários dos seus associados incumbências de vulto, no país e fora dele, entre outros aos Srs. Antenor Nascentes da organização de um vocabulário do idioma nacional, de acordo com os últimos decretos do Governo referentes à reforma ortográfica, tanto como ao Sr. Miguel Osório de Almeida, tambem da Academia Brasileira, da presidência efetiva do Departamento de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores.

De acordo com entendimentos havidos entre o P. E. N. Clube e a Livraria Perdigão, Fontoura & C., do Porto (Portugal) ficou estabelecido que êsses livreiros passariam a distribuir os livros editados pelo P. E. N. Clube naquele país e colônias. Esta iniciativa, aliás vem de ser, agora, parcialmente prejudicada, em face dos acontecimentos que forçaram à declaração de beligerância entre o Brasil e a Alemanha e a Itália.

O patrimônio do P. E. N. Clube aumenta, graças a uma sábia orientação dos seus destinos. O auxílio oficial, diminuto, aliás, (de cinco contos de réis) foi rigorosamente aplicado na organização do fundo de assistência da sociedade. Constituiu, finalmente uma vitória da solidariedade intelectual dos escritores brasileiros, a "Ceia de Natal dos Escritores", levada a efeito num dos Casinos da Cidade do Rio de Janeiro, com o comparecimento da maioria dos associados e suas respectivas famílias, confirmando o êxito dos jantares mensais, que, sem quebra de continuidade, levou a efeito o P. E. N. Clube durante todo o ano.

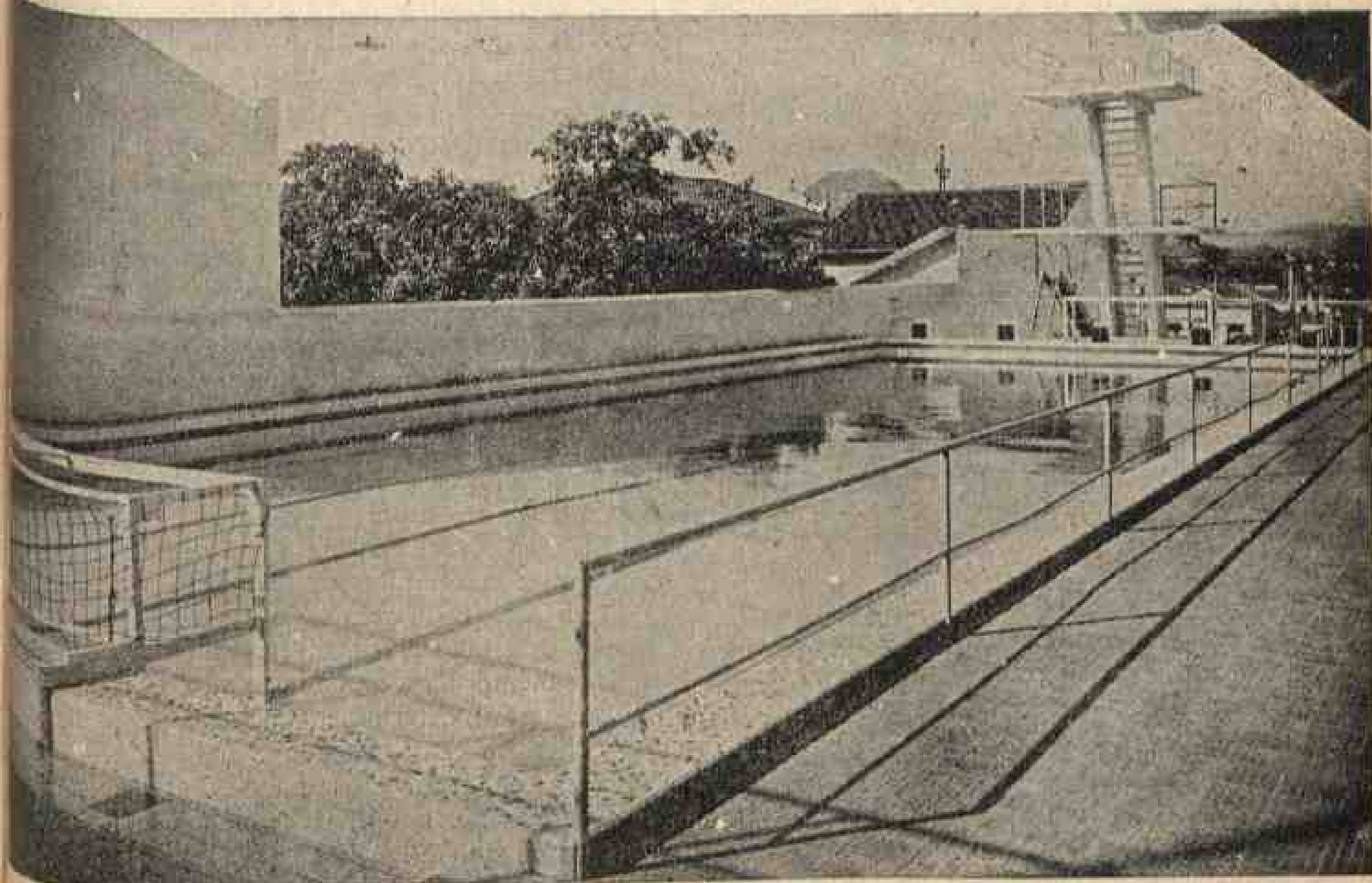
ESCRITORES E JORNALISTAS FILIADOS AO P. E. N. CLUBE

Foi um ano de intenso labor, ao fim do qual alí estavam reunidos pelo mesmo ideal de fraternidade entre os povos, pelo mesmo sentimento democrático Aristeu Seixas, Aquino Furtado, Antônio Austregésilo, A. J. Pereira da Silva, Adelmar Tavares, A. Leão Veloso, Altamir de Moura (ausente do país), Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, Austregésilo de Ataíde, A. Carneiro Leão, Antenor Nascentes, Augusto Linhares, Aldo Prado, André Carrazzoni, Ada Macaggi Bruno Lobo, Barbosa Lima Sobrinho, Berilo Neves, Beatriz Reynal, Benedito Costa, Cláudio de Sousa (Presidente), Cassiano Ricardo, Corina Rebuá, Chermont de Brito, Celso Vieira, Cristóvam de Camargo, Castilhos Goycochea, Clementino Fraga, Cândido Melo Leitão, Carvalho Neto, Darío Magalhães de Almeida, D'Almeida Vitor, Ernesta Von Webber, Edmundo da Luz Pinto, Ernani Fornari, Elmano Cardim, Edgar Liger Blair, Filinto de Almeida, Francisca de Basto Cordeiro, Faustino Nascimento, Gerson Macedo Soares, Herbert Moses, Haroldo

Daltro, Hildeth Favila, Hermes Lima, Heitor Lira, Ivan Lins, Jarbas Loretti, Jarbas de Carvalho, João Luzo (Armando Erse), J. C. de Macedo Soares, José Lins do Rego, J. S. Maciel Filho, Jorge de Lima, Júlio Barata (ausente do país), Joaquim Inojosa, João Neves da Fontoura, Júlio Nogueira, João Pinheiro Filho, J. C. de Melo e Sousa (Malha Tahan), João Marinho, José Caetano Alves Neves, José de Sá Nunes, Levi Carneiro, Leão de Vasconcelos, L. F. Vieira Souto, Leão Padilha, Anibal Falcão, Maria Eugênia Celso, Miguel Osório de Almeida, Múcio Leão, Mercedes Dantas, Mário Vilalva, Maurício de Medeiros, Manuel de Abreu, Meira Pena, Mário Martins, Embaixador Nobre de Melo (de Portugal), Newton Beleza, Nênê Macaggi (ausente em viagem através do país) Olavo Dantas, Osvaldo Orico, Osvaldo de Sousa e Silva, Orris Soares, Otávio Mangabeira (ausente do país), Osório Dutra (ausente do país) Odilon Braga, Pedro Calmon, Peregrino Junior, Pedro Vergara, M. Paulo Filho, Paulo Gustavo (E. M. Viana), Paula Barros, Rodrigo Otávio, Rodrigo Otávio Filho, Raul Pedrosa, Rouquete Pinto, Raul de Azevedo, Rosalina Coelho Lisbôa, Raimundo Magalhães Júnior (ausente do país), Raul Pederneiras, Renato de Mendonça, Sergio Buarque de Holanda, Tavares Bastos (ausente do país), Tomás Leonardos, Tetrá de Teffé, Temístocles Cavalcanti, e Vinício da Veiga (ausente).

Na classe de Sócios Correspondentes, possue o P. N. E. Clube os seguintes intelectuais: Altino Arantes, Antônio Tavares Pinhão e Mário Guastini (em São Paulo), Raimundo Maranhão Aries (em Mato Grosso), Ciro Vieira da Cunha (em Espírito Santo) e Adonai de Medeiros (no Ceará).

Estão filiados aos P. E. N. Clube do Brasil os seguintes Sócios dos P. E. N., Alfred Agache (da França), Gabriela Mistral (do Chile), Leopold Stern (da França) Paul Frischauer (da Inglaterra), E. Feder, Max Fischer, Michel Kamenda (do P. E. N. Internacional) tambem Stefan Zweig a êle se filiou ao regressar ao Brasil, em Setembro de 1941. (D'AV.).

GINÁSIO PIEDADE

A moderna e confortavel Piscina do Ginásio Piedade

O GINÁSIO PIEDADE é um modelar Estabelecimento de Ensino que se destaca, dentre os nossos Educandários, pela sua excelente direção e acatado corpo docente.

Tivemos, recentemente, o prazer de fazer uma visita ao conceituado Colégio suburbano — que obedece à direção geral do **Prof. Luiz Gama Filho** — e foi, com verdadeiro entusiasmo patriótico, que podemos verificar a obra notavel que vem sendo alí realizada, para a grandeza e o desenvolvimento cultural da nossa Pátria.

Destaca-se do seu grandioso e arrojado conjunto de instalações a magnífica Piscina, cujo clichê ilustra o nosso **ANUARIO**

Busquemos a alma da Pátria

Camargo Júnior

Muitas pessoas, ao manusearem esta publicação destinada a assuntos literarios, acharão estranhas estas notas sobre problemas economicos.

A literatura, porem, não é somente a elegância da forma, o estilo. E', mais, a expressão da vida de um povo nas diversas epocas, salientando o que houve de mais positivo em sua existencia. Temos, então, sua orientação no sentido filosofico, politico, sociologico, ou economico, dependendo isso, das condições vividas em cada momento. A resposabilidade do intelectual, é sentir as necessidades do povo, revelando seus problamas e suas soluções, — divulgando-os de maneira a tornar a massa mais culta e capaz de cooperar nas realizações necessarias ao seu desenvolvimento.

A literatura brasileira que evoluiu, em pouco tempo, do romantismo para tomar um carater acentuadamente politico de 1920 a 1930, atingindo, depois, o carater sociológico que orienta a geração moça, terá que revestir-se agora, do carater economico. A evolução brasileira depende, em grande parte, da compreensão que nosso povo alcançar dos fenômenos sociais e econômicos. Como a economia precede ao fenômeno social, devemos ensinar ao povo a extensão de nossos problemas econômicos para que depois seja construida a estrutura do Estado Social.

Cabe, pois, aos intelectuais, focalizar a condição econômica brasileira, no momento em que a Nação ensaia seus passos para sair da vida agrária e ingressar no terreno industrial.

Esse acontecimento decisivo para a emancipação econômico-financeira do Brasil, que é a grande siderurgia, marcará uma época na literatura nacional. Vem abrir novas perspectivas para a existência do homem brasileiro, determinando um padrão de vida mais elevado, com melhores condições físicas e fisiológicas, possibilitando um poder aquisitivo capaz de elevá-lo da situação angustiosa de pária, à de cidadão conciente, capaz de se educar e tomar conhecimento da vida brasileira, integrando-se na alma da Pátria.

No momento em que Volta Redonda se faz notar no mapa, com a estrutura de seus altos fornos, que trarão, tambem, a estrutura de uma nação concisa de seus destinos, é necessário que os intelectuais do Brasil olhem mais para dentro da Pátria, indo buscar, no recesso da alma nacional, o motivo de orgulho que trará um carater definitivo a nossa literatura.

Repetir-se-á, certamente, a epopéia das bandeiras, na penetração total da Pátria. E é necessário ouvir o rumor longinquo da taba que proclama soberba a viridade da raça brasileira; é necessário ouvir o rumor longinquo da Africa que ainda fala na alma nacional; é necessária a integração total do Brasil em si proprio. O sentido nacional é o mesmo sentido das marchas gloriosas de Fernão Dias, Paes Leme, Borba Gato, Raposo, Anhanguera. E' a penetração da bacia Amazônica, do Prata e do São Francisco, unindo-se entre si, facilitando a circulação da riqueza no seio da Pátria, propiciando a creação do mercado interno, para que não fiquemos a mercê das condições externas. A criação de uma corrente turística interna, afim de mostrar a nação a seus filhos, fortalecendo os laços que unem a vasta extensão territorial brasileira. Para isso, devemos fugir do litoral e penetrar os caminhos naturais do Brasil. A ligação entre as bacias São Francisco e Amazonas através o Tocantins e Prata-Amazonas pelo Araguaia, será a realização da União Nacional e possibilitará o desenvolvimento da economia brasileira ao seu mais alto grau, determinando a condensação demográfica no centro do país. De lá deve ser irradiada a futura civilisação brasileira. Devemos mostrar, agora, o caminho do Oeste, afim de conquistá-lo, desenvolvê-lo, porque do Oeste partirá, amanhã, a grandeza nacional. E' pois, missão dos intelectuais, na hora presente, focalizar as necessidades do desenvolvimento da economia nacional, ensinando ao povo o alcance do momento em que vivemos. Cabe-lhes a tarefa de integrar o Brasil na posse de si mesmo.

"Nasci para casar", um novo romance de Jaime Sisnando

J. A. Pinto do Carmo

Já não causa mais surpresa o aparecimento de um novo romance, de tantos está o mercado literário saturado, principalmente de traduções, em séries e coleções, da autoria dos maiores nomes da literatura esfrangeira, segundo se anuncia. Entretanto, surpreende e é de se louvar, o esforço e reação do intelectual patrício enfrentando e vencendo o indiferentismo generalizado com que o grande público tem recebido o seu pensamento, nesta última década de sensações alienígenas.

Jaime Sisnando, a quem a crítica já reconheceu bons foros, na poesia e na literatura, é dos poucos que o esforço próprio imprimiu personalidade suficiente para não ficar soterrado pela avalanche forasteira. "Suas qualidades de escritor imaginoso, seu estilo ameno, a maneira como faz falar os personagens e a sua apresentação no correr dos capítulos, seu leve humor, fazendo-nos lembrar Machado de Assis e o espírito de caricaturista com que sabe por em ridículo certas figuras, dão-lhe o direito a um lugar distinto na moderna geração literária".

Nascido no Crato, no interior do Ceará, orfão de pais em tenra idade, e de família pobre, tem sido a sua trilha a de inúmeros outros homens de letras que, desherdados da fortuna material, não o foram das graças do espírito. Estudante e comerciário na terra do berço; acadêmico e jornalista no Amazonas; desempregado na Baía; hoje, no Rio, distribue seus afazeres entre o magistério e as letras e ainda é bem árdua a sua luta. Se não fraqueja é porque tem por si as musas e estas não abandonam os seus enamorados; ao contrário, procuram amenizar-lhes a caminhada enchendo-a de sonhos. Madrugando-lhe a inspiração cedo principiou a escrever contos, novelas, poesias e comentários críticos. Se acaso tivesse querido, teria sido autor de livro, naquela fase. Não o foi e saiu-lhe bem a demora porque a sua peregrinação, ensejando-lhe maior e melhor conhecimento das coisas e dos homens, evitou julgamento apressado, fantasia descabida.

Observador de costumes e fatos, pôs à prova a sua agudeza psicológica descrevendo uns e outros, do interior e da metrópole. E' comum ao escritor do norte focar aspectos e coisas do setentrião brasileiro, como o é, aos do sul, cantar ou glorificar homens e episódios da região meridional. Sisnando iniciou-se por aquela via, e o fez — segundo já reconheceram pessoas credenciadas para julgarem de seu talento — sem cair na banalidade.

O seu livro de estréia, *Sertão bravio*, descreve cenas da vida nordestina, passagens a que talvez tenha presenciado. Focalizando hábitos regionais, põe em relevo uma intriga singela e forte: a filha de um coronel fazendeiro da vila de Quixeramobim (Ceará) ama sinceramente a um rapaz sem recursos. O pai da moça, desaprovando-lhe a pretensão, quer obrigá-la a casar com um bacharel desletrado ou melhor com o título que o mesmo possue, lastreado com boa fortuna. Não desejando tomar atitude extrema, sem primeiro recorrer aos bons meios, a moça suplica em vão o direito de optar pelo homem que detem a sua simpatia. Não assim pensa o coronel, ofuscado pela carta de doutor do outro e opõe-se deveras à realização do desejo filial. Finalmente, numa derradeira atitude, foge o par enamorado, escapando ao dantesco de um drama bélico e selvagem.

Tratando-se de um matuto rico (chefe político), o seu prestígio como o de muitos de sua jaez, alicerçado na capangagem, traz à baila males do primitivismo e uma de suas consequências muito exploradas — o cangaço. Em um espírito menos avisado, a repetição desse motivo pode parecer que naquela vasta região brasileira não existe coisa mais afortunada para mote e glosa. O autor não se valeu desse tema como recurso único; não foi esta a sua intenção. Entra como elemento, pois é bravio o sertão. O cenário é simples e propício ao entrecho do livro. Movimentam-se os personagens numa sequência aceitavel. Se em algum passo acode-lhe mais forte a imaginação, esta não desequilibra a cena, não transtorna a paisagem ambiente, mesmo quando as tintas anoitecem o quadro.

Mudando-se para a metrópole, passou Sisnando a observar-lhe, a estudar-lhe os dramas íntimos, decorrentes do artificialismo convencional. Deu-nos, então, *Romance do asfalto*. O título, original e sugestivo, condiz bem com o assunto de que tratou. O asfalto, nas grandes cidades, é um dos índices máximos do conforto. Não é sem certo ar de nobreza que se houve pronunciar: — a estrada ou a rua é asfaltada, como se nada mais

faltasse a uma via de trânsito. Positivamente, constitue elemento de progresso; dizer-se que uma cidade é asfaltada significa que já os seus habitantes gozam meio de alguma importância, desfrutam lugar onde os vícios, fraquezas e vaidades aumentam na proporção das artérias de transporte.

Mas, na verdade, o que nos faz lembrar o livro é uma dessas caixas de surpresas, dessas cujo exterior, moderno e bem conformado, não dá o menor indício do susto que vai meter no incauto despreocupado, ao abrir-lhe a tampa. Arrepia e atemoriza o objeto que, de um jacto, sai agressivamente. Passado o primeiro momento, vem-nos então, a curiosidade, a admiração pelo engenho, quase sempre ajustado em boa simetria por molas simples e bem trabalhadas. E' assim o romance a que agora aludimos. Inicia-o uma lua de mel... bem azeda.

"Walkir sentia um imento bem-estar. Era feliz e lhe parecia que tudo gozava tambem duma felicidade inacabavel. Céus, montanhas, mares, homens e coisas, tudo parecia sorrir. Casara na véspera com a filha de importante politico que a revolução de 30 aproveitara apressadamente.

Na cama nupcial, a esposa emergia por entre as rendas finissimas, num roupão alvissimo. Ela ainda ressonava. A cabeleira loura se espalhava como um sol de ouro sobre o leito. Os seios arfavam por entre o linho da Bretanha, mal cobertos, e pareciam dois pequeninos morros nevados...

Pouco depois, ela entreabriu os olhos e fitou as pupilas azues no marido, numa caricia envolvente, entreabrindo os lábios e pedindo-lhe um beijo, como um sorriso adoravel.

Ele se dirigiu logo para ela, tomou-lhe as mãos, abraçou-a com transporte, e mais uma vez os seus lábios procuraram a sua boca, cheia de fogo e de desejos insaciaveis.

— Querida! Hei de amar-te até o final dos séculos.

— Deveras! amor? Nem parece.

— Por que? Não tenho dado todas as provas?

— Não. Para mim você só ama verdadeiramente a sua mãe. Podiamos ir passar a lua de mel em Petrópolis e deixá-la aqui, tomando conta do apartamento. Odeio esta história de viver morando sempre com uma sogra. Queria uma casa minha, toda minha.

Walkir caiu das nuvens e botou as mãos na cabeça, cheio da maior aflição:

— Mas, Nezita, que conversa. E logo no primeiro dia do nosso casamento! E minha mãe que te quer tanto? Como pode o ódio te devorar? Como podes querer mal a quem sempre te desejou bem? A quem te estima como se fosse tua mãe?

— Qual carapuça! Isto é conversa para boi dormir!... Esta velha querer-me? Nada disso. Leio-lhe nos olhos o azedume, o ódio, a raiva que ela me tem.

— Estás mas é delirando. Que ciume do diabo!..

— Pois ou eu ou ela. Quero ver agora as suas provas de amor. Ou vai hoje comigo para Petrópolis ou volto para companhia do papai. Felizmente não sou uma qualquer cachorra à toa..."

Daí em diante acontece o que já o leitor premeditou. A esposa (Nezita) não fez por compreender que devia estimar a mãe de seu marido. Lançando-se em aventuras, apaixonou-se estupidamente por um outro que a explora sem piedade. Por fim, para não morrer, foge das garras do *caften*.

Intervem na questão, como um anjo protetor, um terceiro personagem (D. Ritinha), mãe do dr. Walkir. Já conhecia ela, anteriormente, a desventura de seu filho. Mas como sabia que a outra mulher ele jamais amaria, guardou, amarguradamente, o terrivel segredo que lhe foi casualmente revelado. E' ela ainda quem, num momento azado, promove a reconciliação de ambos, restituindo-lhes a felicidade. No desenrolar dos acontecimentos encontram-se engastadas, com realce, imagens como estas, ditas modernas:

"O sol penetrou afoitamente pela alcova a dentro, dando-lhe um festivo bom dia.

Lá em baixo, o mar era uma esmeralda liquida, sobrevoado pelas gaivotas, como pequeninas manchas de paina esvoaçantes...

Soprava um vento frio, cortante, naquela tarde tristonha de inverno. Garoava de vez em quando D. Ritinha foi fechar a porta da rua e olhou um instante lá para baixo. Todo o cenário maravilhoso havia desaparecido sob à névoa. Esta era como um véu pardacento de um sonho, apagando as imagens. As casas próximas se apresentavam sombrias, esbatidas, parecendo um tanto irreais.

O dia amanheceu lindo. O sol lavava a praia mordendo a carne dos banhistas.

O céu era uma turqueza transparente, por onde voavam umas nuvenzinhas como rosas brandas num campo azul..."

E' simples e possivel o drama apresentado como tema principal do livro. A narrativa está arquitetada sem demasias. Se bem quisesse teria o autor, a quem não faltam recursos, tornado mais

escabrosas as cenas passionais, ou mais bem ornados outros lanços que não teem este cunho. Comedindo-se nos enfeites, agiu com elegante e acertada prudência.

Com *Nasci para casar* oferece-nos Jaime Sisnando, à guisa de memórias, o seu terceiro romance. "Aí — diz o prefácio — vão alguns fatos relativos à minha vida. Quis dar-lhes a denominação de *Memórias*. Porem achei que era talvez um título vistoso para a singeleza destas páginas. Batizei-os, pois, de outro modo, mais de acordo com o meu destino". Na verdade, Sisnando é relativamente moço para já estar a escrever recordações. Entretanto, como não o faz para jactar-se de haver concluido a respeito dos homens ou da vida e sim para narrar, quando ainda lhe estão vivas, passagens romanceaveis que lhe ocorreram observar e outras que idealizou para exercitar suas inegaveis qualidades literárias, tem trabalhado com proveito.

Enumerando cenas passadas em sua meninice, voltou-se para a provincia de onde é originário. Na realidade, a maioria delas são de todo o país, o que torna o trabalho um romance cearense... para o Brasil. A vida de Derval, que é a figura principal do livro, é comum. As suas travessuras, ambições, defeitos e qualidades não fogem ao normal. Nascido no interior do Ceará, descendente de uma ligação que mete mais pena do que repulsa, o menino teve, em sua infância, a proteção descuidada, ou melhor, má orientada, de uma tia entre maníaca e viciada. O ardente desejo da velha senhora era que o sobrinho se fizesse padre. Mas, ao traquinas não agradava tal idéia. Sem poder protestar no primeiro momento, Derval, a contragosto, ingressou no seminário e acomodou-se o tempo suficiente para projetar e levar a cabo uma fuga. Feita esta, ingressou no comércio, casou-se e, dentro em pouco, desfrutava um lar feliz, na companhia da esposa e um casal de filhos. De resto, o romance enche-se com episódios simples, a propósito, com variações que enriquecem o enredo dando-lhe movimentação agradavel, sem sobressaltos. Tambem o autor não emprestou ao livro sensacionalismo premeditado, o que, certamente, desagradará a inúmeros leitores. A verdade e que procedeu como devia. Não é indispensavel a obra desse gênero o condimento pornográfico. Muito poder-se-á dizer e contar sem necessidade do baixo calão. E com isso não lhe ficaram diminuidas as suas inegaveis qualidades de romancista, agora novamente reafirmadas em mais este trabalho.

ALVARES DE AZEVEDO
o maior e o mais jovem dos românticos

Hildon Rocha

Alvares de Azevedo é, indiscutivelmente, a figura central do romantismo no Brasil. Foi, pode-se dizer, uma flor exótica e estranha que brotou de súbito em nossa terra. Trazia em si, elementos novos e desconhecidos até então na história por aquele tempo, ainda um tanto raquitica, das letras nacionais. Espírito profundamente europeu, com tendências de escolas e idéias totalmente opostas à mentalidade brasileira da época, não poderia deixar de ter sido uma figura original e extravagante como foi.

Sua poesia foi uma poesia nova e diferente. As influências que sofreu, profundas e definitivas, fizeram-no seguir uma escola que ofereceu ao mundo expressões literárias das mais impressionantes. Se Alvares de Azevedo não tivesse sido dotado de um temperamento poetico tão raro, o resultado de suas concepções talvez não houvesse chegado a ser tão desvanecedor. E' provavel que chegasse mesmo a levá-lo ao ridículo. O adolescente de São Paulo, porem, era extraordinário, e seu gênio teve o destino feliz de não ficar abaixo do gênio dos notaveis creadores na Europa, do romantismo e suas idéias. Nas suas creações, nos seus poemas, nas suas produções bizarras e originais, ele se manteve sempre num plano, senão eternamente igual, ao menos bastante próximo de Byron, Heine, Shelley, e todos aqueles monstros que dominaram um momento literário no mundo. Sentimos em seus versos aquela seiva do romantismo, aquele timbre, e ficamos a imaginar como um brasileiro de vinte anos de idade, tão distante dos centros literários do Velho Mundo, conseguiu chegar tão alto, conseguiu realizar uma obra como a que realizou. O caso é um caso de espanto. Desde cedo sua paixão artística foram as obras de Byron, Shakespeare, Ossiam, Musset... Ainda colegial, traduzia a "Parisina" de Byron e realizava uma imitação do 5.º ato do "Otelo"...

Saturou-se de toda literatura romântica européia. Ela foi a sua grande atração. Conhecendo desde menino, o francês e o inglês, tornou-se-lhe facilimo, penetrar a fundo, bebendo na água limpa da própria fonte, os seus autores prediletos. E esses eram os ingleses, principalmente. Os alemães tambem muito o impressionaram, e dizem alguns dos seus biógrafos que ele os lia no original. Alemão, Alvares de Azevedo o estudou, mas não me aventuro a afirmar que ele tenha chegado a ler Goethe e Heine no original. Lendo, porem, Shakespeare e Byron desde os dias de colégio, não se contentou em apenas sentir e apreciar suas belezas. Dentro dele havia qualidades e elementos idênticos (que infelizmente a não chegaram a se definir) e cedo começou a realizar belezas não menos altas, com um cunho seu, de uma maneira sua, própria, originalissima...

E' verdade que não foi a sua poesia totalmente byroniana, não tiveram as suas produções aquela roupagem exótica e colorida de "O Poema do Frade", "O Conde Lopo", "A Noite na Taverna," e "Macário". Há em seus livros, páginas belíssimas de um lirismo puro e inocente, tão puro e tão inocente como as páginas mais suaves e delicadas de Lamartine. Penso mesmo que nesse aspecto ele agrada mais, e mais encanta e embevece. Não era intelectual, não possuia preocupações estéticas e filosóficas sua poesia lírica e sentimental, principalmente em "Animea Mea" em que se enche de deslumbramento e êxtase pela natureza num bucolismo doce e languido. Vinha-lhe clara e cantante do coração, brotava-lhe cristalina e lirial da alma sempre cheia de ternura e emoção.

O poeta possuia um espírito curioso e de faces diferentes, um talento poliédrico, uma inteligência voltada para lados diversos da cultura. Imagine-se que foi Alvares de Azevedo das culturas realmente sérias que tivemos no passado. Os poetas, precipuamente os românticos, não olhavam seriamente os estudos. Passavam os dias em devaneios, em vida boemia e despreocupada. Raramente davam bons alunos. Pois Alvares foi um rapaz estudioso e de conhecimentos raros. Possuia cultura clássica na idade em que os rapazes de hoje começam a ler revistas infantis e romances policiais. Lia os filosofos, discutia doutrinas e escolas do pensamento com os anos em que nos tempos modernos os intelectuais na sua maior parte fazem cultura nas revistas e nas antologias. Tinha o poeta paulista uma tendência enorme para o estudo das linguas. Chegou mesmo a estudar grego e alemão. Conheceu, no original, o melhor que havia em literatura no francês. Assim, tambem no inglês e no latim. Tinha uma capacidade de trabalho mental espantosa. Na Faculdade foi um verdadeiro espanto para os professores e colegas. Todos lhe chamavam gênio. Patenteou logo no primeiro ano do curso uma vocação jurídica vigorosa e em que ninguem mais duvidava. Adquiriu no terreno do Direito, nos poucos anos de estudo (pois não chegou a se formar) conhecimentos admiraveis de Direito Romano, Civil e Mercantil. Segundo seus biógrafos, tiveram os seus autos nos tribunanis, certa admiração.

Como pôde Alvares de Azevedo aos vinte anos reunir capacidade para tanta coisa? Como conseguiu apaixonar-se pelos estudos de Direito, ele que vivia mergulhado nas leituras românticas, nas belezas de Shakespeare, Ossiam e Goethe? Um jovem que vivia a idealizar contos como os de "A Noite na Taverna", poemas tão cheios de alucinações românticas, dramas tão impressionantes como o "Macário", como conseguiu manter-se firme e equilibrado à margem dos estudos sérios do Direito Romano? Leu tam-

bem história, crítica, ensaios. Nos seus estudos literários, revela uma cultura que nos custa acreditar como ele a adquiriu tão moço. Estava ao par não somente dos autores mais em voga na Europa como dos enredos de obras primas e das idéias do século.

Álvares de Azevedo é mesmo um caso excepcional na história da inteligência brasileira. Se vivesse pelo menos o duplo, o que teria sido? Se chegasse a se encontrar com Castro Alves e tivesse tomado parte nas idéias que empolgaram o cantor de "Os Escravos", onde teria chegado? Se tivesse logrado definir sua cultura, realizar seus sonhos de arte, o que não representaria em nossas letras Álvares de Azevedo? Se tivesse alcançado os quarenta anos ninguem alcançaria lugar maior que ele, acreditamos.

Manoel Antônio Álvares de Azevedo, nasceu no dia 12 de Setembro de 1831, na cidade de São Paulo. Era filho do advogado Joaquim Manoel de Azevedo e de D. Maria Luiza Silveira da Mota. Sua família é repleta de gente culta, de bachareis. Sua mãe era uma criatura de sensibilidade e requintado gosto pelas letras. A educação do menino paulista, embora fosse prejudicada por um certo atraso, depois dos nove anos, idade em que começou a estudar seriamente foi muito aprimorada. Os pais não descuidaram dos seus estudos, aliás de grande influência na formação do seu espírito, pois eles próprios forneceram ao filho prodígio os livros que viriam a definir-lhe as tendências literárias. Álvares de Azevedo estudou aquí no Rio no colégio do Professor Sttol, em Botafogo, como aluno interno. Esse bom mestre serviu-lhe de primeio guia e foi mesmo o primeiro entusiasta do garoto genial. Escrevia cartas cheias de admiração pelo aluno ao Dr. Joaquim de Azevedo. Numa delas exclamara: "seu filho é a capacidade intelectual mais rara que tenho visto na América em crianças".

E todas as cartas que o Dr. Joaquim recebia do professor do filho, eram nesse tom de entusiasmo. O aluno, de fato impressionava pela lucidez e facilidade com que aprendia as lições, com que aprendia e compreendia tudo. Aos treze anos seguiu para sua terra em companhia do tio materno Dr. Inácio Silveira da Mota e já realizava os exames de francês, inglês e latim. Volta depois ao Rio e aquí se matricula no Colégio Pedro II no 5.º ano, e em 1847 termina os estudos secundários e sai bacharel em letras. Em 1848 volta a São Paulo e se matricula na Faculdade de Direito. Agora já é um jovem simpático, mas de olhos tristes e sonhadores. Às vezes no grupo de colegas se torna brincalhão e um tanto moleque. Mas isto somente às vezes, porque o tempo do rapaz é dedicado inteiro aos livros. Sua vida é estudar. Os livros o levam a mundos e paises mais belos e diferentes. Com dezessete anos acadêmico de Direito e vive longe da família morando nas tradicionais repúblicas de estudantes. Foram seus colegas Aureliano Lessa, Laurindo Rabelo e José de Alencar, este último dos anos mais velho. O poeta brilhantíssimo está surgindo e causando forte impressão a todos que o conhecem. É tambem um palestrador admiravel. Nas festas da Faculdade é o orador escolhido. A Marquesa de Santos num dia de solenidade em comemoração do aniversário da Faculdade, promete-lhe um presente se o discurso que ele vai fazer tiver grande sucesso. Ele recebe o presente da Marquesa e ainda muitos presentes, muitas flores...

Há uma desilusão logo nos seus primeiros meses de vida em S. Paulo. A capital paulista não lhe inspira simpatia. Não consegue suportar a sociedade de sua terra. Frequenta-a muito pouco e quase não vai à casa dos amigos. A leitura o absorve, fá-lo esquecer a vida mediocre que há na cidadezinha ainda bastante colonial. Não vai mesmo com São Paulo, não consegue olhar sem antipatia os seus tipos, as suas mocinhas ignorantes, a sua vida insípida e monótona. No "Macário" ele nos oferece impressões de sua terra. Em cartas ao seu amigo Luiz, falando das mocinhas chega mesmo a dizer: "São umas bestas chucras." E fala da ignorância que predomina nas imbecís criaturinhas, nos costumes ridículos. Chega até a implicar com sua terra, são revoltadas suas cartas, são impiedosas suas críticas e observações. Uma enorme ansiedade invade-lhe o espírito. Ansiedade de chegar o fim do ano com as férias. Tem saudades do Rio, deseja respirar alguns meses o clima, os ares e a paisagem cariocas, deseja passar dias risonhos e tranquilos no seio da família, de sua mãe que o venera, de seu pai que o admira, das irmãs que o querem muito. E as férias são os dias mais agradaveis da curta mocidade do poeta. Há uma lenda a respeito do afeto de Álvares de Azevedo com uma das irmãs. Mentira cínica, inconcebivel. Nada mais puro do que o afeto de Álvares à irmã predileta. Nada mais espiritual e sagrado do que o amor que o faz um adorador da mana mais querida, porque é para ele a mais carinhosa e terna.

Chega o ano de 1850. A alegria que nele é às vezes constante, começa agora a deixá-lo. Aquele temperamento um tanto irrequieto, brincalhão e cheio de bom humor, está desaparecendo. Os dias de férias já não os aproveita. Estuda, lê e escreve ininterruptamente, mais que nos meses de aula e Faculdade. Vive refugiado no seu quarto. Volta em Abril para São Paulo. Vai fazer o quarto ano jurídico. Sua vida na "república" continua ainda mais afastada. Esse ano ele não sai senão para a Faculdade, para os grêmios literários. Os colegas estranham-lhe a metamorfose da vida e das maneiras. Produz muito, escreve loucamente toda noite, lê ótimos livros. Seu quarto é um caos. Livros de Direito misturados com literatura, a Bíblia em cima do Don Juan. Que contraste, a Bíblia e o Don Juan! Ele mesmo nos descreve o ambiente do seu quarto no belíssimo poema "Idéias íntimas". Ronald de Carvalho comentando essa produção de Álvares, diz: "A asa de Heine roçou por esses versos". De fato, o poema é todo de um humor jovial, de um estilo romântico interessante. Para mim é das coisas mais bonitas de Álvares de Azevedo. Tem dezenove anos e já um moço pálido, ligeiramente barbado, olhos tristonhos, moreno-mate delicado e mais ou menos belo, pensativo, um tanto grave e sério. Alguns o julgam misântropo, mas é ao con-

trário. Ele é a bondade personificada. Apenas o seu sorriso que antes era franco, espontâneo, iluminado, tornou-se agora um sorriso irônico, um sorriso em que não se percebe alegria, não se vislumbra a felicidade, e sim, uma dose imensa de angústia, uma tristeza indisfarçavel.

O fim do ano chega. Terminam-se os exames. Em Dezembro encontra-se em casa dos pais. No princípio do ano procura os ares do campo com esperanças de recuperar as energias físicas. Nos breves dias que passa em uma fazenda de parentes em Itaboraí, parece que recupera a saude, e esquece um pouco as amarguras ao contacto com a natureza e a solidão. Volta porem, ao Rio. Um passeio a cavalo, uma queda brusca, fatal. Seus pulmões enfraquecidos se alteram. Aparece um tumor na fossa ilíaca. Operação sem clorofórmio, dores terriveis, padecimentos sem conta. Os médicos sacodem a cabeça, desolados... Sua pobre mãe traz durante o dia inteiro uma fisionomia amargurada, lágrimas brilham-lhe de hora em hora nos olhos doces, maternais. Seu filho o orgulho e as esperanças de sua vida vai morrer. Ah! coração de mãe não se engana. O estado do grande poeta é cada dia mais grave e alarmante. Seus olhos são ainda mais cheios de tristeza, mas de uma tristeza resignada. Há um sorriso de perdão à vida e à dor, nos seus lábios lívidos, um sorriso de resignação. Ele agora é que está pálido, e que expressão de desencanto em sua fisionomia abatida e langue! Mas não deixa de escrever, não abandona os livros. Quando pode se levantar, senta-se à mesa e risca nervosamente folhas e folhas de papel. Sua mãe sabendo-o doente e fraco não pode ter sossego. Espia-o durante a noite, inquieta e aflita, e vê angustiada à luz baça do candeeiro, aquela sombra magra a escrever, a escrever. Aquela sombra é seu filho, seu filho que ela pressente perder muitíssimo breve. Ele está doente, não, não é possivel se salvar. E chora, e roga-lhe que vá dormir. E o leva carinhosamente para o leito, não se esquecendo de fazê-lo tomar uma chícara de leite ou uma dose de remédio. À cabeceira estão os seus poetas, a Bíblia tambem. E numa das horas em que a certeza do que vai acontecer penetra-lhe de manso a alma, ele rabisca versos plangentes:

Se eu morresse amanhã veria ao menos,
Fechar meus olhos minha triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã...

. . . .

Quanta glória pressinto em meu futuro!

Sua mãe lê os versos com ele, sua irmã tambem. Choram os três ao mesmo tempo na certeza de que isto não demora acontecer. Mas disfarçam o mais possivel, um procurando levar ao outro, uma esperança que não sente.

Domingo da Ressureição, 25 de Abril de 1852. Festas católicas, movimento na cidade. Aproxima-se a tarde, o poeta começa a sentir a sua presença. De quem? A morte que já está a rondar-lhe o leito, silenciosa, invisivel, com receio de magoá-lo. Cinco horas da tarde, o quarto em que está é o quarto de mamãe. Ela acha-se ao seu lado, coração ferido, a alma transbordando de dor de desespero. Mas ele pede-lhe que saia, roga-lhe que se retire, que o deixe um momentinho com seu pai. A pobre mãe não quer sair, não quer deixar seu filho naquele instante triste, mas não o contraria. Sai. O poeta, num olhar de despedida, em que lhe vai o último suspiro, o último alento de vida, ainda consegue murmurar: "Que fatalidade meu pai." E vai fechando os olhos, lentamente...

REFLEXÃO SOBRE O DESTINO DA INTELIGENCIA

numa generalização que torna a designação inutil, por tão vaga que é), o certo é que ele agiu sempre como artista, segundo a expressiva descrição que do escritor-artista nos fez Mac Leish. Sua importância no ambiente intelectual brasileira é bem conhecida. A significação de muitos de seus trabalhos é reconhecida por todos, modernistas e não modernistas. Sua atividade abrange da musicografia à crítica literária, da poesia ao conto, da historiografia ao folk-lore. Seu prestígio vai dos circulos de estudantes, menos desabusados do que seria de desejar, mas em todo caso irreverentes, aos gabinetes que enfeixam a direção dos negócios culturais do país.

Por tudo isto, e mais pelo resto que facilmente o leitor percebe, as afirmações de Mário de Andrade deveriam despertar uma violenta emoção entre os intelectuais, assim como entre os que se preocupam com o que fazem os intelectuais. Sobretudo porque o drama que ele reconstitue na sua análise da própria conduta não é apenas seu, é o de todo artista honesto — para não falar dos outros, os guardas do harem das ditaduras, onde estão as belas e rechonchudas idéias, a Força, a Autoridade, etc.

Mas foi justamente isto, segundo parece, que matou a repercussão da conferência de Mário de Andrade, repetida depois a pedido de estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, segundo me informam, perante um público heterogêneo, que só terá entendido da missa a metade — a parte anedótica dos "salões" literários do modernismo.

Os que estão à frente da crítica militante, os que deteem colunas nos grandes jornais, os que possuem megafones e amplificadores, salvo raras, honrosas mas geralmente distraidas exceções, dividem-se em duas grandes categorias: a dos que não entendem nada do que estão fazendo, e a dos que, por conveniência ou incompetência, fogem aos deveres que a realidade lhes impõe. São intelectuais pela metade. Do intelectual teem o prazer raro, o gosto exquisito de afagar os livros, discutir mansamente idéias **sub tegmine fagi**. Do intelectual tem a graça um pouco tardonha dos epigramas recíprocos, o receio das alusões retas que ferem de frente as questões, o segredo da ironia e piedade dos fracos. Não tem a bravura conciente e lúcida dos que fazem da inteligência uma arma, e mais ainda, uma arma "que é necessário esgrimir". Muitos deles haviam feito de suas vidas, como disse Mário de Andrade em sua conferência, "um céu bastante governamental". Como então poderiam promover repercussão para aquele exame de conciência que, por seu exemplo, o confrade lhes propunha? Não, meu caro, os intelectuais não embarcam nessa canôa. Pois sim!

—Há coisas muito mais importantes do que a guerra, dizia-me há três meses um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Há a nossa vida, esta vida nossa de cada dia, esta nossa discussão aquí na calçada, a minha vida, a sua vida,... A guerra passa. O resto é mais importante.

Mas e se a guerra fôr a nossa vida?

Que será do poeta? Que será de nós? Que será dos avestruzes?

A liberdade não é apenas um direito, é uma sanção, acentua Mário de Andrade. Aí daqueles que não souberem recebê-la. Pois que não é apenas um direito, não toca a ninguem a possibilidade de renunciar a ela. Nesses casos, ela sempre voltará, feita castigo, sobre a cabeça dos que não souberem recebê-la. E receber a liberdade não é esperar por ela, mas ir ao seu encontro, com todas as armas.

Longos e penosos anos de mistificação e propaganda amorteceram nos intelectuais a convicção de que a liberdade é uma condição essencial do ser, assim como o exercício da liberdade é uma condição essencial da inteligência do ser. Compreenderão agora? Chegarão a tempo?

O espetáculo das inteligências no atoleiro é insuportavel. Sem nenhum intuito personalista, proclamo aqui o ódio a querela de livraria, o desprezo à cáfila da propaganda, a maldição à intriga e à sinistra "piada", que mata os melhores sentimentos na vantagem duvidosa de um minuto de vingança contra o amigo da véspera. Proclamo tambem a hostilidade aos que julgam ser o intelectual um boi manso que passa de um dono — a sociedade atual — para outro dono — a sociedade do futuro. E isto porque o intelectual é uma parte ativa da sociedade, e não um "zombie", um autômato movido pelos que ditam a "linha", na facil ilusão de que dominam o mundo das idéias com dominar o quintal de suas hostaliças-pensantes. Proclamo o abandono de toda convenção em torno do "humano", e a restituição do conteudo humano da obra de arte ao seu verdadeiro dono, que é o artista. — intérprete das aspirações de sua época. O humano, ou é social,

ou não é humano. O social, para o intelectual, ou é um elemento de liberdade, ou não é social, entendendo-se por social apenas o que constitue elemento de progresso de sociedade humana. Não há criação humana, no plano da inteligência criadora, sem destinação social, e não há social onde não há criação livre.

A guerra nos restitue esta sanção ardentemente desejada, que é a liberdade. Saibamos usá-la para melhorar sempre, e não para continuar vivendo. Cada um com seus próprios meios, seus dessesperos e esperanças, possamos, juntos, livrar a inteligência pelo unico meio possivel, que é a dedicação, de corpo e alma, à grande causa da libertação do momento.

A DEMOCRACIA DO TRABALHO E O COOPERATIVISMO

tre o indivíduo e a coletividade, que resolva a questão social a igual distância de Moscou e Roma, num sentido dialético.

A concentração de classe se acentua dia a dia: os "trusts" mobilizam o capitalismo, as uniões os trabalhadores. Os congressos serão dominados pelos representantes de classes. A representação política perderá o prestígio e todos os orgãos do governo serão avassalados pelo movimento classista. Essa concentração, com o contrato coletivo de trabalho, resolverá transitóriamente a questão.

Estabelecido o sistema sindical livre, os sindicatos trabalhadores lutam com os patronais e ambos com o capitalismo internacional que se aproveite deste conflito permanente. Para evitar tais males surgiu o sindicalismo vertical ou corporações, encerrando em seu seio interesses antagônicos. Este concede aos trabalhadores o necessário para que se submetam e tiram dos patrões o que êles concordam em dar.

O sindicalismo poderia colaborar com o Estado, fomentando o cooperativismo, que, dentro da lei da ordem do trabalho, preparará o advento da futura democracia cooperativista, que já se esboça nas nossas autarquias.

O cooperativismo atende às justas aspirações humanas. Ele não destrói a democracia, pelo contrário, condú-la a um maior grâu de perfeição. Não pretende implantar o comunismo, mostra os seus erros.

A democracia não faliu, foi deturpada pelo capitalismo e esse erro levou a outro — a economia dirigida, que perdurará enquanto existir a causa originária.

O direito de manejar o capital livremente, só tendo em vista os interesses pessoais, causa os maiores danos à coletividade, corrompendo as democracias, que não fornecem o capital, o crédito aos explorados. A economia dirigida é a tendência moderna. O Estado já intervem por meios de leis entre produtores e consumidores e na questão trabalhista. Essa intervenção não destroi a Democracia. Quando houve a revolução francesa, ninguem poderia prever que surgiriam os "trusts" de nossos dias, capazes de escravizar nações inteiras, por isso não se cogitou de atenuar os perigos que eles trouxeram.

E ELE NUNCA VIU

nem mesmo a certos escritores... O obra de Machado de Assis foi chamada, ironicamente por Coelho Neto de "Casa sem quintal" enquanto sobra quintal "à casa de Graça Aranha"... Que linda obra não sairia de uma dupla como esta?...

Mas Ernesto descrevia o que via embora pensando em outra coisa... e quando olhava tentado tambem pela paisagem carioca, Paulo Guilherme correu à beira do parapeito do Corcovado, deu um salto no espaço e caiu no abismo...

Enquanto o seu corpo ia rompendo o espaço entre a montanha de pedra e a mata verde e espessa, batendo aquí, alí, como se fora pedra atirada ao abismo, havia alvoroço, reboliço, em cima, nos pés do Cristo Redentor...

A beleza selvagem do Rio, o encantamento e divindade dos seus panoramas, a sublimidade dos seus céus azues e brasileiramente formosos, a infinidade das suas matas, tinham feito a sua vítima...

Paulo Guilherme morrera embevecido pela beleza do Rio, beleza que ele nunca viu!

ZOLA E A HISTORIA DO ROMANCE

o antigo "herói de romance", — é uma tentativa menos eloquente do que o resultado que obteve aquele grande condutor de massas ficcionizadas. O elemento econômico, disputando lugar ao sentimental, o contato real com a vida, a efetiva descoberta das "classes inferiores", o romance de "classes" e de "profissões", a mobilização de grandes multidões, a estética do vulgar e do plebeu, são caracteristicos bastantes para a identificação. Só eles bastariam para a sua glória. Mas ainda há, a contar, com a existência do cidadão, a probidade do advogado, a luta belíssima do homem pobre que se alteia a um plano de onde pôde julgar e acusar uma nação, com a obstinação de um camponês, o fogo de um demagogo, a imponência de um juiz gigantesco, usando indistintamente, como arma, o romance, o jornal ou a tribuna.

SOMOS UMA GERAÇÃO SETRANGULADA

tos da maioria, reformando, se preciso for, até o conceito da propriedade, apertando-o de jeito a atenuar as diferenciações entre as classes.

Quanto à religião ninguem ignora o laicismo que lhe corrói o ânimo dos fieis. A idéia de Deus vem perdendo, dia a dia, o prestígio junto às massas e vai se cristalizando num potencial negativo como instrumento de influência sobre os povos. Hoje, a religião é cultivada mais por uma questão de hábito.

Verifica-se por aí que é o próprio individualismo que, para se sair bem desta emergência, promete alterar o sistema de distribuição da produção e da propriedade, alem de limitar ao mínimo as concessões e os privilégios. Procede cem por cento esta tática dada a presença, na Europa, de uma República Soviética sem Deus, sem pátria, sem família e sem propriedade privada segundo a concepção clássica. Os Soviets são o ponto de contacto de vértice formado pelo ângulo dos dois ciclos já comentados. Ou a burguesia terá de ceder, como preveem os chefes democráticos, e, desta maneira, ela distenderá por mais tempo o seu domínio, ou então ela terá de enfrentar uma luta de extermínio com a antecipação socialista. Não paira a menor dúvida de que a segunda metade do século XX marcará o transe mais agudo e sangrento da história da humanidade, porque é nessa quadra que se dará, pela primeira vez na evolução das sociedades, a rutura umbelical.

Está-se, portanto, numa fase de transição radical. Os avançados pretendem uma nova moral, um novo sentimento, uma nova concepção de vida, tudo colocado precisamente num limite oposto à concepção clássica. Transição tanto na extensão como na profundidade, na qual a própria idéia de Deus, que vem acompanhando a humanidade desde a infância, ocupando posição de relevo no seu destino, está na iminência de ser relegada para plano inferior até ao gradativo desaparecimento. Os estigmas de um realismo intransigente seja todas as ações contemporâneas.

Ora, a transição em si, compreende um lapso de tempo que pode muito bem abranger de três a quatro gerações. Estas são e serão sobrecarregadas do pior de todos os ônus: o da inexpressividade, que deve ser traduzida por falta de personalidade, ausência de auto-crítica, pobreza de decisões. E é exatamente o que sucede à nossa geração. Somos uma geração estrangulada entre duas civilizações que se repelem no fundo e na forma. Temos a intuição do futuro, mas tememo-lo. Fomos educados à maneira clássica, mas repudiamo-la. E essa pendência entre uma e outra, torna-nos infelizes, neurastênicos e estúpidos. De outra forma não se explicaria, no campo artístico e intelectual, a presença de artistas modernos na forma e passadistas no fundo. A maioria dos escritores e pintores revolucionários debate-se inconcientemente entre as influências de uma educação clássica assimilada mas desajustada, e uma outra, oposta, racional, só assimilavel intelectualmente. Reagimos contra os erros e os anacronismos do passado, se bem que dificilmente rompemos com eles.

A passagem deste para o outro ciclo — que compreende quase dois terços do século atual — é a quadra da decadência que caracteriza o fim de uma civilização, quer no campo econômico, moral, intelectual, artístico, religioso, quer no da esfera do respeito à dignidade humana. Somos uma geração desassimilada e que andamos às tontas, preparando com a desgraça, o sangue e a dor o futuro da humanidade.

BARBOSA RODRIGUES, HOMEM DE LETRAS

folhetins que deixou esparsos na imprensa.

Cabe-lhe o segundo pelos versos que deu à publicidade em jornais e pelos inéditos que deixou, na maioria versos de amor, descritivos e patrióticos.

Cabe-lhe de justiça o terceiro pelas preciosas contribuições que deu ao nosso folklore, estudando as lendas, contos e cantigas dos nossos aborigines.

Todos esses méritos, que à primeira vista não avultam, formam as camadas profundas de sua personalidade, infundindo-lhe a todos os escritos, mesmo de assuntos que se poderiam tornar tediosos e áridos, aquele encanto que sòmente aos possuidores de estilo e bom gôsto, adquirido no trato das belas letras, é dado imprimir a produções de natureza erudita ou científica.

Comemorando este ano o centenário de seu nascimento, constituiria sem dúvida falha censurável a exclusão desse aspecto digno de apreço na consideração conjunta de sua obra cultural — uma das mais valiosas, pela riqueza do seu conteúdo, em toda a incipiente bibliografia científica brasileira.

MORTOS ILUSTRES DE 1941

uma "reprodução exata da realidade ambiente através um colorido forte, em que se sente originalidade espontânea e pitoresca" em suas narrativas.

Valdomiro Silveira nasceu em S. Paulo, em 1871. Diplomando-se em Direito pela universidade do seu Estado, logo dedicou-se à advocacia, ao tempo em que participava da vida politica regional, chegando mesmo a ocupar lugar no Congresso Estadual, por mais de uma legislatura. Desde cedo dedicara-se à literatura, colaborando inicialmente em "A Bruxa" — um jornalzinho que era dirigido por Olavo Bilac, não lhe negando estes elogios aos dotes intelectuais. Foi, porem, a sua colaboração no "O Estado de S. Paulo" (entre 1901 e 1906), que pôs em evidência o seu talento, a sua cultura e as suas qualidades de escritor. Entre os seus livros destacam-se, sobremaneira, os volumes de contos "Os caboclos" e "Nas serras e nas furnas", em que a alma sertaneja, a vida simples, heróica e burlesca do jéca é incorporada com sentimento, com exatidão, com brilho, ao patrimônio da nossa literatura regionalista.

Membro da Academia Paulista de Letras, Valdomiro Silveira, com o seu falecimento, foi alvo das mais expressivas demonstrações de um pesar espontâneo, em que nem bem sabia-se distinguir qual o mais forte sentimento que o orientou: se a amizade ou a admiração dos seus contemporâneos.

Carlos Bittencourt

Nos meios teatrais do Brasil a figura de Carlos Bittencourt tra conhecida e admirada. Não apenas como autor teatral, mas, também como crítico sereno, seguro, sincero e sobremodo conciente da missão que lhe impunha a posição.

A vida arrastando-a na sua torrente até o teatro, bem o fez, porque se Carlos Bittencourt não houvesse seguido esse caminho estava transmudando a sua verdadeira vocação. Por isso, foi uma das figuras mais salientes do ambiente teatral brasileiro neste último quarto de século.

Os personagens criados pela sua imaginação, corporificavam-se no sentimento. Inumeraveis são os trabalhos teatrais de Carlos Bittencourt, entre os quais recordaremos "O Forrobodó" que fez rir a toda uma geração, na interpretação de Alfredo Silva.

Sendo um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, Carlos Bittencourt foi o que se pode chamar com justeza um homem de teatro, legenda que acompanhará o seu nome através da recordação saudosa e admirativa de quantos o conheceram ou tiveram ensejo de tomar contacto com o seu espírito.

"Natalia" e "Amor, no llames a mi puerta"

tadas em Paris em 1.941. *"Amor, no llames a mi puerta"*, culmina com um desfecho digno de ser recordado. Trata-se do chocante e ao mesmo tempo sublime e novo sentimento que se manifesta em uma mulher e em um homem, ambos guardando talvez a esperança de mais tarde se desposarem, ao se reconhecerem irmãos por uma fotografia, que era a fotografia do pai de ambos.

A. S. de Larragoiti tem, em sua pena, a medida justa do que faz. Este final é sintético e por isso mesmo empolga e deixa que o espectador ou leitor, revivendo toda a peça com ansiedade, guarde com todo o seu sentimento o epílogo profundamente humano de um drama não menos humano e sincero e lógico em todos os seus detalhes. Aliás, diz o autor por si mesmo, em prefácio, que o fato fôra absolutamente real. Mas, quanto assim não fosse, te-lo-ia criado ele mesmo e o tornado real e perduravel com a capacidade, sinceridade e firmeza de sua arte criadora.

Movimento Bibliográfico de 1941

Organizado por Aureo Ottoni

O) GENERALIDADES

Agendas. Anuários. Bibliografias. Bibliotécas. Dicionários. Enciclopédias. Novas publicações periódicas.

ACADEMIA Brasileira de Letras. — Anuário 1941. (13/19). 123 p. il. br. 5$. (7/41). **Briguiet.**

ACADEMO (O). — Orgão oficial dos alunos do Inst. Comercial do Rio de Janeiro. Dir. Maximiano Augusto Gonçalves. Ano 1, n.º 2, Agosto 1941. (16/24). 50 p. il. mensal 1$500, ano 15$. (8/41). Rua Rosario, 162, 2.º, **Rio.**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — Pontos de concurso. Com a colaboração de um grupo de professores. (17/24). 400 p. br. 25$. (3/41). (2.ª ed. 10/41 — 28$). **Getulio Costa.**

ALMANAQUE Suburbano. — Organizado por H. Dias da Cruz e Octavio Guimarães. Ano 1, n.º 1, 1941. (17/24). 210 p. il. br. 6$. (5/41). **Rio.**

ANDRADE (Angelo de), CAMARATE (Raul). — Concurso de postalista. (13/24). br. 25$. (12/41). **Dias Vasconcelos, Niterói.**

ANUARIO Brasileiro de Literatura, 1941, n.º 5. Dir. Rogerio Pongetti, Rodolfo Pongetti, Newton Beleza e Varlos Domingues. Apresenta: Trabalhos Originais, Bibliografia, Critica, Resenha das Artes Nacionais, Informações, Panorama do Movimento Intelectual. (19/27). 396 p. il. br. 20$. (10/41). **Pongetti.**

ANUARIO Genealógico Brasileiro por Salvador de Moya. (Publ. do Inst. Genealógico Brasileiro. Ano 31, 1941. (16/24) 546 p. il. br. 30$. (11/41). **Dist. Civilização.**

BARROS (Hugo Laércio de). — A técnica do concurso para escriturário. (Como se faz as provas no D. A. S. P.). Pref. Ostácio José Ruiz. (16/23). 164 p. il. br. 18$. (10/41). **Ed. Panamericana.**

BIBLIOGRAFIA Brasileira 1938-1939. — Instituto Nacional do Livro. Pref. Augusto Meyer. (18/27). 325 p. br. (12/41). **Ministério da Educação.**

BOLTING (Rudolf). — Dicionário Grego-português. (Ministério da Educação. Instituto Nacional do Livro). (12/16). 654 p. br. 50$. (12/41). **Distr. Livros de Portugal.**

BUENO (Silveira), SPICACCI (Frederico Carlos), AMARAL (João Miguel), PACKER (Adolfo), LEAL (Antonio Sousa), SOUSA (Enéas Bastos e). — Curso de admissão aos ginásios. (14/20). 495 p. il. cart. 15$. (2.ª ed. 3/41). **Saraiva.**

CAÇA E PESCA. — Rev. para os adeptos do tiro e do anzol. Dir. Agenor Couto de Magalhães e Edgar Monteiro Lobato. Ano 1, n.º 2, Julho 1941. (22/30). 60 p. il. mensal 4$, ano 40$. (7/41). Rua Libero Badaró, 595, 2.º, **S. Paulo.**

CAPITAL e Trabalho. — Rev. cultural e informativa de trabalho, indústria e comércio. Dir. Aderbal Freire. Outubro 1941. (19/27). 80 p. il. mensal, 2$, ano 20$. (10/41). Rua Major Facundo, 392, 1.º. **Fortaleza.**

CLIMA. — Dir. Lourival Gomes Machado. N.º 1. Maio 1941. (16/23). 134 p. il. mensal, 3$, ano 30$. (6/41). Rua Franco da Rocha, 402. **S. Paulo.**

COSTA (Nelson.). — Leitura e exercicios para o ultimo ano primário e admissão ao secundário. (13/19). 192 p. cart. 5$. (2.ª ed. 4/41). **Liv. Alves.**

CULTURA Politica. — Rev. mensal de estudos brasileiros. Dir. Almir de Andrade. Ano 1, n.º 1, Março 1941. (16/23). 296 p. il. 3$. (3/41). Palacio Tiradentes, 4.º andar. **Rio.**

ESTUDOS e Conferências. — N.º 7. Abril 1941. (Publ. do D. I. P.) (12/25). 97 p. br. 3$. 4/41). **Distr. José Olympio.**

F. A. — Exercicios e lições de linguagem, ciências naturais e aritmética. (14/19). 117 p. br. 7$. (16/41). **Jornal Brasil.**

FERNANDES (Francisco). — Dicionário de verbos e regimes. Pref. Aires da Mata Machado Filho. (19/28). 549 p. enc. 60$. (2.ª ed. 6/41). **Civilização.**

FRANCO (Alvaro). — Dicionário inglês-português, português-inglês. (14/19). 396 p. enc. 24$. (3.ª ed. 3/41). **Globo.**

GABAGLIA (Raja), RIBEIRO (João). — Exame de admissão para os ginásios. (13/19). 451 p. il. cart. 9$. (Nova ed. 12/41). **Liv. Alves.**

GOMES (Alfredo). — Concurso para inspetor do ensino secundário. Legislação. (14/19). 179 p. br. 12$. (10/41). — Teoria e prática. (14/19). 360 p. br. 20$. (11/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

GOMES (Alfredo). — Exames de admissão aos ginásios. Col. Didática Nacional, 17. (14/19). 447 p. il. cart. 12$. (3.ª ed. 2/41 — 4.ª ed. 7/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

GONÇALVES (Antonio), RODRIGUES (Geraldo), MESQUITA (Marcelo). — Preparatórios ao alcance de todos. (13/19). 316 p. il. br. 7$. (12.ª ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

GRIFO. — Dir. Iracemo Gonçalves Vieira e Vivaldi Venceslau Moreira. Ano 1, n.º 7. Dezembro 1941. (13/32). 34 p. il. mensal 2$. (12/41). Av. Afonso Pena, 549, s. 5. **B. Horizonte.**

GUERRA (Emilio Carréra), AMORIM (Edgar Costa), BAILLY (Gustavo Adolpho), BOITEAUX (Bayard Demaria), MAIA (Fausto). — Pontos de concurso para escriturário. (De acordo com o programa do DASP). (16/24). 243 p. il. br. 20$. (9/41). **Coelho Branco.**

GUIA das Bibliotécas Brasileiras. — Introdução de Augusto Meyer. Ministério da Educação. Instituto Nacional do Livro. Col. B2, Biblioteconomia, II. (17/24). 245 p. il. br. (5/41).

MAGALHÃES (Alvaro). — Enciclopedia do ensino secundário. Com a colaboração de Alarich Schultz, Natal Cruvinee de Paiva, Guilherme Geissner, René Perrot e Fco. Casado Gomes. (17/23). 732 p. il. enc. 40$. (12/41). **Globo.**

MARTINS JUNIOR, — BARBOSA (Medeiros). — Almanaque bancário de legislação e informações. (17/24). 826 p. enc. 80$. (5/41). **Ed. Autores, Rio.**

MARTINS (Mario Augusto). — Dicionário escolar inglês-português. (12/16). 525 p. enc. 14$. (1940-7/41). **Dist. Civilização.**

MOURA (Eros de), BEZERRA (Argeu Machado), VALLE (J. Rodrigues), NEGRO (Mac Dowell Monte), BOITEAUX (Balard Demaria), BAILLY (Gustavo Adolpho). — Pontos de concurso para agente fiscal do imposto de consumo. (17/24). 507 p. br. 30$. (9/41). **Coelho Branco.**

NASCENTES (Antenor). — Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional. (14/18). 170 p. cart. 7$. (9/41). **Freitas Bastos.**

PENNA (Meira). — Dicionário de plantas medicinais. (16/24). 302 p. br. 20$. (1/41). **A Noite.**

PLANALTO. — Quinzenário de cultura. Dir. Origenes Lessa. Ano 1, n.º 6. Agosto 1941. (24/47). 24 p. il. 1$, ano 15$. (8/41. Rua Xavier de Toledo, 121, 2.º. **S. Paulo.**

PRADO FILHO (João Leite do), MORAIS (João Tourinho de). — Manual do candidato ao funcionalismo público. Concurso de escriturário. (14/19). 203 p. br. 15$. (10/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

PUERICULTURA. — Dir. Paulo Burle. Ano 1, n.º 1, Outubro 1941. (23/30). 32 p. il. men-

sal 3$. ano 30$. (10/41. Av. Rio Branco, 110-112, 1.º. **Rio.**

REIS (Antonio Simões dos). — Pseudonimos brasileiros. Pequenos verbetes para um dicionario. 1.ª série. (13/19). 64 p. br. 4$. (4/41). — 2.ª série. (13/19). 62 p. br. 4$. (9/41). — 3.ª série. (13/19). 64 p. br. 4$. (12/41). **Z. Valverde.**

REVISTA Bibliográfica. — Universidade de São Paulo. Ano 1, n.º 1, Janeiro 1941. 4$. ano (6 nos.) 20$. (1/41). **S. Paulo.**

REVISTA Brasileira. — Dir. Levi Carneiro. (Publ. pela Academia Brasileira de Letras). Ano 1, n.º 1, Junho 1941. (17/24). 258 p. mensal 5$. (7/41). Av. Pres. Wilson, 203. **Rio.**

REVISTA de Direito Social. — Dir. Cesarino Junior. Ano 1, vol. 1, Agosto 1940. (19/28). 86 p. mensal 3$. ano 30$. (8/41). Praça da Sé, 399, 7.º. **S. Paulo.**

REVISTA Médica Municipal. — Dir. Messias do Carmo. Ano 1, n.º 1, (19/26). 160 p. il. mensal 6$, ano 50$. (1/41). Av. Graça Aranha, 15, s/809. **Rio.**

TAVEIRA (Carlos Lins), VALLE (Renato do). — Concurso de postalista. (14/19). 271 p. br. 25$. (9/41). **Ed. Autores, Rio.**

THIRÉ (Cecil), SOUZA (J. B. Mello e). — Manual de admissão. (14/18). 335 p. il. br. 10$. (3.ª ed. 1/41). **Livr. Alves.**

THOMAS (Henry). — As maravilhas do conhecimento humano. Trad. e adaptação de Oscar Mendes. Col. Tapete Mágico, 13. (16/23). 2 vols. 341-400 p. il. br. 30$. (4/41). **Globo.**

VEIGA (Maria Doralice Marcondes). — Admissão ginasial. Pref. Maximo de Moura Santos. (14/20). 287 p. il. cart. 10$. (5.ª ed. 12/41). **Record.**

VINHOLES S. Burtin-). — Dicionário francês-português, português-francês. Redigido por M. J. Nonnemberg e L. Curtenaz. (14/19). 490 p. enc. 24$. (3.ª ed. 3/41). **Globo.**

X-9. — Dir. Roberto Marinho. Dir. técnica de Luiz Del Vale. Ano 1, n.º 1, Junho 1941. (18/27). 100 p. il. quinzenal 1$500, ano 50$. (6/41). Rua Bittencourt da Silva, 21. **Rio.**

ZACH (Erwin), ROSA (A. Ferreira da), ANDRADE (B. Candido de). — Lexico medico-quimico e das ciências afins, alemão-português. (14/20). 288 p. enc. 35$. (2.ª ed. 7/41). **Livr. Kosmos.**

1) FILOSOFIA

AUSTREGESILO (A.) — Ensaios de filosofia biológica. (Lições da vida). Obras completas, 15. (13/19). 219 p. br. 6$. (2.ª ed. 6/41). **Guanabara.**

BOSCOLI (Geysa). — Legendas sem retratos. Ensaios psicológicos. Pref. Heitor Moniz. (13/19). 114 p. br. 6$. (12/41-1942). **Pongetti.**

BRANDE (Dorothéa). — Desperta e vive! Trad. Oscar Mendes. (14/20). 243 p. br. 10$. (7/41). **José Olympio.**

CARNEGIE (Dale). — Como fazer amigos e influenciar pessoas. Trad. Fernando Tude de Souza. (14/20). 365 p. br. 12$. (Nova ed. 1/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CESAR (Getulio). — Crendices do nordeste. Pref. Gilberto Freyre. Col. Temas Contemporaneos. (13/19). 207 p. br. 8$. (9/41). **Pongetti.**

COUÉ (Emile). — O dominio de si mesmo pela auto-sugestão conciente. Trad. Humberto Bevilaqua. (13/18). 143 p. br. 6$. (5.ª ed. 11/41). **Ed. Minerva.**

CUVILLIER (Armand). — ABC de psicologia. Trad. e notas de J. B. Damasco Penna. B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Cientifica, 8. (14/20). 202 p. br. 10$. (3.ª ed. 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

DURVILLE (Henri). — A usina humana. (Extraído da obra Curso de Magnetismo Pessoal). (14/19). 249 p. il. br. 8$. (3.ª ed. 11/41). **O Pensamento.**

EPITÉTO. — Manual de Epitéto filósofo. Trad. Frei Antonio de Souza. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, Os Mestres do Pensamento, 11. (11/18). 173 p. br. 14$. (12/41). **Ed. Cultura.**

FERN (William G.). — Maravilhas da vontade. Trad. J. Carvalho. (14/19). 131 p. br. 6$. (7/41). **Cia. Brasil Ed.**

FERRAZ (João de Sousa). — Noções de Psicologia da criança com aplicações educativas. (14/20). 237 p. il. br. 12$. (2.ª ed. 6/41). **Saraiva.**

FONSECA (Benedito Afonso da). — O protestantismo e o espiritismo. (12/16). 231 p. br. 5$. (2.ª ed. 7/41). **Fed. Espírita.**

FUTURO (O) pela borra do café. (12/16). 15 p. 1 prancha, il. br. 2$. (4.ª ed. 11/41). **O Pensamento.**

GESTEFELD (Ursula N.). — Governai vosso destino. (13/19). 246 p. br. 7$. (12/41). **O Pensamento.**

GOYAU (Georges). — L'Église expliquée aux incroyants. Le Christ. Précédée d'une lettre autographe de S. S. Pie XII a Madame Georges Goyau. (13/19). 252 p. br. 15$. (12/41). **Americ-Edit.**

INSTITUTO de Ciências Hermeticas. — Curso por correspondencia. Psicologia experimental. Educação pessoal. (17/24). 147 p. il. br. 10$. (1940-1/41). **O Pensamento.**

JAGOT (Paul C.). — Exito na vida pela auto-sugestão. Trad. (14/19). 145. p. br. 8$. (7/41). **Cia. Brasil Ed.**

JASTROW (Joseph A.). — Conservai a saude do espirito. Trad. Thomaz Newlandes Neto. (14/20). 289 p. br. 12$. (10/41). **José Olympio.**

KEHL (Renato). — Catecismo para adultos. (Ciência e moral eugênicas). (13/19). 168 p. br. 12$. (11/41-1942). **Livr. Alves.**

KEHL (Renato). — Psicologia da personalidade. (Guia de orientação psicológica). (13/19). 254 p. br. 15$. (2.ª ed. 6/41). **Livr. Alves.**

KHAN (Inayat). — A cultura moral. Trad. João Cabral. Pref. Shabaz. Manuais de Cultura Moral, 7. (13/18). 107 p. cart. 5$. (8/41). **Coed. Brasilica.**

KHAN (Inayat). — A educação. 1.ª parte. A educação da criança. Trad. João Cabral. Manuais de Cultura Moral, 5. (13/18). 101 p. cart. 5$. (7/41). **Coed. Brasilica.**

KHAN (Inayat). — A educação. 2.ª parte. A educação da juventude. Trad. João Cabral. Pref. Shabaz. Manuais de Cultura Moral, 6. (13/18). cart. 5$. (8/41). **Coed. Brasilica.**

KHAN (Inayat). — A molestia, suas causas e sua cura. Trad. João Cabral. Pref. Shabaz. Manuais de Cultura Moral, 4. (13/18). 94 p. cart. 7$. (4/41). **Coed. Brasilica.**

LIMA (Alceu Amoroso). (Tristão de Athayde). — Idade, sexo e tempo. (Três aspectos da psicologia humana). (14/20). 277 p. br. 10$. (4.ª ed. 11/41). **José Olympio.**

LIMA (Gerson Paula). — Que é pensar? (16/23). 72 p. br. 6$. (12/41). **Ed. Autor, Rio.**

LUCRECIO. — Da natureza das coisas. Trad. Antonio José de Lima Leitão. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, Os Mestres do Pensamento, 13. (11/18). 327 p. br. 18$. (12/41). **Ed. Cultura.**

LULA (Monsenhor Mello). — O problema da dor. Pref. A. Felicio dos Santos. (13/19). 103 p. br. 4$. (11.ª ed. 5/41). **Getulio Costa.**

MARDEN (Orison Swett). — Aquisição da eficiencia. (13/19). 310 p. br. 9$. (12/41). **O Pensamento.**

MAUROIS (André). — Arte de viver ou A pequena filosofia da vida. Trad. Odilo Costa Filho e Alvaro Costa. Col. Divulgação e Cultura. (14/21). 203 p. br. 8$. (3.ª ed. 5/41). **Vecchi.**

MONTIER (Edward). — A noiva ideal. O livro do jovem. (13/19). 130 p. br. 5$. (12/41). **Ed. S. C. J.**

MONTIER (Edward). — O noivo ideal. (13/19). 139 p. br. 5$. (3/41). **Ed. S. C. J.**

MULFORD (Prentice). — Amor e casamento. (Extraído do livro "Nossas forças Mentais"). (14/19). 103 p. br. 2$. (3.ª ed. 7/41). **O Pensamento.**

MULFORD (Prentice). — Nossas forças mentais. (13/19). 4 vols. 223-243-243-241 p. br. 20$. (7.ª ed. 1940-1/41). **O Pensamento.**

NEREA (J. Gomez). — Freud e as anomalias sexuais. Trad. Gastão Pereira da Silva. Col. Freud ao Alcance de Todos, 6. (13/19). 207 p. br. 8$. (5/41). **Calvino.**

NEREA (J. Gomez). — Freud e os atos maniacos. Trad. Galvão de Queiroz. Col. Freud ao Alcance de Todos, 3. (13/19). 196 p. br. 8$. (3/41). **Calvino.**

NEREA (J. Gomez). — Freud, o christe e o inconciente. Trad. Oliveira e Silva. Col. Freud ao Alcance de Todos, 4. (13/19). 203 p. br. 8$. (5/41). **Calvino.**

NEREA (J. Gomez). — Freud e a histeria feminina. Trad. Herrera Filho. Col. Freud ao Alcance de Todos, 5. (13/19). 207 p. br. 8$. (5/41). **Calvino.**

NEREA (J. Gomez). — Freud e o mistério do sonho. Trad. Isabel Medeiros e Celio Monteiro. Col. Freud ao Alcance de Todos, 8. (13/19). 177 p. br. 8$. (6/41). **Calvino.**

NEREA (J. Gomez). — Freud e as origens do sexo. Trad. Abguar Bastos. Col. Freud ao Alcance de Todos, 7. (13/19) .193 p. br. 8$. ((5/41). **Calvino.**

NEREA (J. Gomez). — Freud e a perversão das massas. Trad. Abguar Bastos. Col. Freud ao Alcance de Todos, 9. (13/19). 207 p. br. 8$, (9/41). **Calvino.**

NEREA (J. Gomez). — Freud e o problema sexual. Trad. Herrera Filho. Col. Freud ao Alcance de Todos, 2. (13/19). 207 p. br. 8$. (2/41). **Calvino.**

RABELLO (Sylvio). — Farias Brito ou Uma aventura do espirito. Col. Documentos Brasileiros, 30. (15/23). 232 p. br. 20$. (9/41). ***José Olympio.***

RILEY (B. O. Clifton), M. A. (Oxon). — The philosophy of personality. (13/19). 159 p. br. 12$. (3/41). **Pongetti.**

RUSSELL (Bertrand). — A conquista da felicidade. Trad. Livio Xavier. (14/19). 194 p. br. 9$. (12/41). **Cia. Brasil Ed.**

RUSSELL (Bertrand). — Educação e vida perfeita. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 6. (15/22). 266 p. br. 12$. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SALVADOR (Humberto). — Freud e o ABC da psicanálise. Trad. e notas de N. Jonas Hersen. Col. Freud ao Alcance de Todos, 1. (13/19). 206 p. br. 8$. (1/41). **Calvino.**

SANTOS (Theobaldo Miranda). — A criança, o sonho e os contos de fadas. (Ensaio de psicologia comparada). Col. Cultura Geral, s. A. Cadernos de Ensaios, 1. (13/19). 128 p. br. 6$. (6/41). **S. E. Panorama.**

SHOPENHAUER (Arthur). — O mundo como vontade e representação. Trad. e pref. de Heraldo Barbuy. Bibl. de Autores Celebres, 19. (13/19). 238 p. br. 10$. (4/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

SPENGLER (Oswald). — O homem e a técnica. Uma contribuição à filosofia da vida. Trad. Erico Verissimo. (14/20). 140 p. br. 5$. (3/41). **Ed. Meridiano.**

TORRES (Arthur da Silva). (Aristóteles Italia). — Como agradar as mulhers. (13/19). 91 p. br. 4$. (3.ª ed. 2/41). **Tip. Gloria, Rio.**

TURNBULL (V.). — Curso de magnetismo pessoal ou arte de triunfar na vida. (14/19). 171 p. il. br. 6$. (8/41). **O Pensamento.**

VEIGA FILHO (J. A. da). — Imagens da alma e aspectos da vida. (14/20). 251 p. br. 5$. (2/41). **Distr. Civilização.**

VIOLLET (Jean). — O casamento .Problemas sentimentais, fisiológicos e ideológicos. Trad. Paulo Cabral. (14/20). 252 p. br. 10$. (4/41). **Getulio Costa.**

VIOLLET (Abade Jean). — Moral familiar. Trad. Nelson de Melo e Sousa. (14/20). 169 p. br. 5$. (10/41). **Getulio Costa.**

WATSON (John B.). — Educação psicológica da primeira infância. Trad. Mario Braxton Lee. Pref e Rev. de José Martinho da Rocha. (13/19). 125 p .il. br. 8$. (2.ª ed. 9/41). **Emiel Ed.**

YUTANG (Lin). — A importância de viver. Trad. Mario Quintana. (16/23). 402 p. br. 18$. (3/41). (2.ª ed. 9/41). **Globo.**

2) RELIGIÕES

Generalidades. Religiões cristãs. Religiões diversas e Mitologia. Ciências Ocultas.

ARCEBISPO PRIMAZ. — Coração Eucaristico. (Sermão). (14/20). 31 p. br. 3$. (10/41). **Era Nova, Bahia.**

ATKINSON (William Walker). — Psicomancia prática ou Videncia pela bola de Cristal. Trad. e Pref. de Braulio Prego. (14/19). 118 p. br. 3$. (5.ª ed. 1940-1/41). **O Pensamento.**

BERTEU (Mons. Agostinho). — Meditações. Breves reflexões para todos os dias do ano e solenidades da igreja. Pref. P. Lacroix. Trad. (12/18). 458 p. il. br. 15$. (Nova ed. 11/41). **Ed. S. C. J.**

BOSSUET. — A Eucaristia. Pref. Frei M. A. Libercier. Trad. Col. Boa Imprensa. (13/19). 135 p. br. 5$. (9/41). **Livr. Boa Imprensa.**

BOTAFOGO (D. Juan de). — O livro da bruxa ou Manual da cartomante. (14/19). 319 p. il. br. 9$. (Nova ed. 12/41-1942). **Quaresma.**

BRANDÃO (Pe. Ascânio). — São Benedito do São Filodélfio. (13/19). 130 p. il. br. 7$. (10/41). **Ed. S. C. J.**

CASTRO (Almerindo Martins de). — O martirio dos suicidas. (12/18). 152 p. il. br. 4$. (2.ª ed. 8/41). **Fed. Espirita.**

CHINIQUY (Ex-Padre). — O padre, a mulher e o confessionario. Trad. Paulo Vaz de Carvalho. (13/19). 217 p. br. 5$. (11/41-1942). **Fed. Espirita.**

COUTINHO (Sousa). — As primeiras noções de religião ao alcance das crianças. Pref. Revmo. Pe. João Pheeney C. Silva. (13/19). 191 p. il. br. 5$500. (8/41). **Ed. Autor. S. Paulo.**

DELAMARE (Alcibiades). — Maria de Magdala. Pref. Padre J. M. de Madureira, S. J. (13/19). 269 p. il. br. 10$. (2.ª ed. 10/41). **Livr. Boa Imprensa.**

DENIS (Léon). — O problema da dôr. Trad. (13/19). 453 p. br. 2$. (5.ª ed. 5/41). **Fed. Espirita.**

EVENGELHO (O) segundo São João e O sermão da montanha segundo São Mateus em espe-

ranto e português. Pref. Ismael Gomes Braga. (13/19). 104 p. br. 3$. (1/41). **Fed. Espirita.**

FERNANDES (Gonçalves). — O sincretismo religioso no Brasil. Estante Guairacá, Estudos Nacionais, 1. (14/19). 155 p. il. br. 9$. (11/41). **Guaira.**

FLAMMARION (Camille). — As casas mal assombradas. (Les Maisons hantées). Trad. M. Quintão. (13/19). 336 p. br. 9$. (11/41-1942). **Fed. Espirita.**

FLAMMARION (Camille). — Narrações do infinito. Lumen. Trad. Elmerindo Martins de Castro. (13/18). 191 p. br. 5$. (9/41). **Fed. Espirita.**

FLAMMARION (Camille). — Sonhos estelares. Trad. Arnaldo S. Thiago. (12/18). 274 p. br. 7$. (5/41). **Fel. Espirita.**

FONTE (Guiomar de Sá). — A moça moderna. (13/19). 116 p. br. 5$. (2/41). — (2.ª ed. 9/41). **Pongetti.**

FRANCA, S. J. (Padre Leonel). — A crise do mundo moderno. (15/23). 297 p. br. 20$. (1/41). **José Olympio.**

FREITAS (João de). — Umbanda em revista. Pref. Conde Faga. (14/19). 135 p. br. 5$. (4/41). **Tip. Gloria, Rio.**

GILES (Rev. Chauncey). — A natureza do espírito e do homem. Trad. e introdução de Augusto de Gregório. (13/19). 382 p. br. 10$. (11/41). **A Noite.**

GONDIM (Isaac). — Purifiquemo-nos. (15/23). 121 p. br. 10$. (11/41). **Distr. Civilização.**

GONZAGA (Evangila), LOPES (Julieta Magalhães). — Planos de lições de catecismo. 1.º vol. 1.º e 2.º anos dos grupos escolares. Pref. P. A. Negromonte. (14/19). 213 p. il. br. 7$. (2.ª ed. 8/41). — 2.º vol. 3.º e 4.º ano. (14/19). 221 p. br. 7$. (1940-1/41). **Getulio Costa.**

HEUSER, O. F. M. (Frei Bruno). — História sagrada do antigo e do novo testamento. (13/19). 349 p. il. cart. 4$500. (12.ª ed. 12/41). **Ed. Vozes.**

JESUITAS (Os) no Brasil, na história, e o Breve do Papa Clemente XIV. (13/19). 159 p. br. 5$. (1/41). **Centro Bras. Publicidade.**

LACROIX (Pe. Pascoal), SEQUEIRA (Co. F. M. Bueno de). — O espiritismo à luz da razão. (13/19). 405 p. br. 12$. (2/41). **Ed. S. C. J.**

LESEUR (Elisabeth). — Jornal e pensamentos de cada dia. Precedidos de uma carta do R. P. Janvier, O. P., Pref. Cond ede Laet. Trad. (13/19). 281 p. br. 8$. (7mº 7/41). **Livr. Santa Cruz.**

LESEUR (Elisabeth). — A vida espiritual. Trad. precedida duma carta de S. E. o Cardeal Amette, Arcebispo de Paris. Carta de D. Duarte Leopoldo e Silva. (13/19). 348 p. br. 10$. (4.ª ed. 10/41). **Livr. Santa Cruz.**

LEVI (Eliphas). — Dogma ritual da alta magia. Trad. e pref. de Rosabis Camaysar. (16/23). 528 p. il. br. 20$. (5.ª ed. 7/41). **O Pensamento.**

LORENZ (Francisco Valdomiro). — A sorte revelada pelo horoscopo Kabbalistico. (17/24). 248 p. il. br. 10$. (5.ª ed. 5/41). **O Pensamento.**

MACPHERSON (J.), MACHMAHON (H.). — Jesús o rei dos reis. Trad. Corah O. Roland. 13/19). 253 p. br. 8$. (3/41). **Getulio Costa.**

MARIAUX, S. J. (P. Walter). — Opusculos da formação. 1.º, Na familia de Deus. (12/18). 191 p. br. 5$. (5/41). **C. N. Congr. Marianas, Rio.**

MARITAIN (Jacques). — Humanismo integral. Uma visão nova da ordem cristã. Trad. Afrânio Coutinho. Bibl. Espirito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 5. (15/22). 301 p. br. 16$. (5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MONTAL (Mónica Levallet-). — Palavras à minha filha. Pref. René Biot. Trad. Col. Pensamento Cristão. (13/19). 300 p. br. 10$. (8/41). **José Olympio.**

MORAIS (Escolástica de). — Quando o amor desponta... (12/16). 61 p. br. 2$500. (10/41). **Ed. S. C. J.**

NEGROMONTE (P. A.). — A doutrina viva. Para o curso secundário. (13/19). 255 p. il. br. 5$. (2.ª ed. 3/41). **Ed. S. C. J.**

NEGROMONTE (P. A.). — Manual de religião. Para o curso elementar. (13/19). 192 p. il. br. 4$. ed. 8/41). **Ed. Vozes.**

ORTIZ (P. Carlos). — O cristo total. (13/19). 179 p. br. 6. (2.ª ed. 5/41). **Paulo Bluhm.**

PAPUS. — Concentrar e irradiar. Estraído do livro Magia prática. Trad. (14/19). 85 p. br. 4$. 3.ª ed. 11/41). **O Pensamento.**

PRAT, O. Carm. (Fr. André). — Notas sobre as missões carmelitas no extremo norte do Brasil. (Século XVII-XVIII). Prólogo Ro-Perén, — Ord. Carm. (16/23). 328 p. il. br. 20$. (7/41). **Distr. Civilização.**

QUADROS da Biblia. — O novo testamento. Il. de J. Schnorr von Carolsfeld. (1794-1872). (10/16). 104 p. cart. 8$. (4/41). **Ed. Melhoramentos.**

QUADROS da Biblia. — O velho testamento. Il. J. Schnorr von Carolsfeld. (1794-1872). (19/16). 104 p. cart. 8$. (4/41). **Ed. Melhoramentos.**

RAMACHARAKA (Yogi). — Cristianismo místico ou Os ensinos esotericos do Mestre. Trad. Francisco Valdomiro Lorenz. (14/19). 253 p. br. 8$. (3.ª ed. 11/41). **O Pensamento.**

RIBEIRO (Guillon). — Jesus nem Deus nem homem. (12/16/). 161 p. br. 3$. (5/41). **Fed. Espirita.**

RIBEIRO (Guillon). — Trabalho do Grupo Ismael da Federação Espírita Brasileira no período de Julho 1939 a Dezembro de 1940. (13/19). 299 p. br. 7$. (8/41). **Fed. Espirita.**

ROHDEN (Huberto). — Alegorias. Pensamentos discretos para quem saiba ler entre-linhas. (12/18). 99 p. br. 5$. (2.ª ed. 9/41). **Ed. Autor, Rio.**

ROHDEN (Huberto). — Em espirito e verdade. (12/18). 378 p. cart. 15$. (8/41). **Ed. Autor, Rio.**

ROHDEN (Huberto). — Esplendores da fé. Pref. Tristão de Ataide. (12/18). 223 p. br. 8$. (3.ª ed. 9/41). **Ed. Autor, Rio.**

ROHDEN (Huberto). — Irene. (12/18). 187 p. il. br. 8$. (2.ª ed. 1/41). **Ed. Autor, Rio.**

ROHDEN (Huberto). — Jesus Nazareno. (17/24). 474 p. br. 20$. (2.ª ed. 6/41). **Distr. Getulio Costa.**

ROHDEN (Huberto). — Nosso Mestre. (14/20). 197 p. il. br. 8$. (4/41). **Distr. Getulio Costa.**

ROHDEN (Huberto). — Panorama do cristianismo. (12/18). 298 p. cart. 12$. (2/41). **Rev. Tribunais.**

SAMPAIO (F. L. Bittencourt). — A divina epopeia de João Evangelista. Trasladada para versos heroicos. (14/19). 519 p. enc. 20$. (10/41). **Fed. Espirita.**

SCHILGEN, S. J. (Hardy). — Tu e Ele. Trad. D. Pedro Roeser O. S. B. (12/18). 247 p. br. 7$. (2/41). **Ed. Vozes.**

SERRANO (Jonathas). — Júlio Maria. Pref. P. Leopoldo Aires. Col. Boa Imprensa. (13/19). 255 p. br. 8$. (2.ª ed. 5/41). **Livr. Boa Imprensa.**

SILVA (F. L. de Azevedo). — Fundamentos cientificos do espiritismo. Tése. (14/19). 127 p. br. 5$. (8/41). **Ed. Autor, Rio.**

SILVADO (Américo Brazilio). — Cartilha maternal positivista ou Esposição elementar da doutrina universal. — O Pozitivismo. (Religião da Humanidade, 45). (13/19). 82 p. br. 5$. (10/41). **Jornal Comércio.**

TORRES (Vasconcelos). — O conceito de religião entre as populações rurais. Apresentação de Oliveira Vianna. (13/19). 59 p. br. 4$. (2/41). **Coelho Branco.**

TRICHET (Padre Van). — A cruz e o Calvario. Aos que sofrem. Col. Boa Imprensa. (13/19). 124 p. br. 6$. (4/41). **Livr. Boa Imprensa.**

VALENTE (Irene Costa). — Apostolado de Irene. (12/18). 77 p. br. 5$. (2/41). **Huberto Rohden, Rio.**

VICTOR (Manoel). — Seleta Cristã. Antologia educativa. Pref. Pe. E. de Aquino Rocha. (14/20). 368 p. cart. 12$. (2.ª ed. 12/41). **Ed. Record.**

VITOR Manuel). — Salve, Maria! (13/19). 109 p. br. 8$. (8/41). **Ed. Anchieta.**

VIVES (Miguel). — Guia prático do espírito. Trad. (12/16). 94 p. cart. 4$. (11/41-1942). **Fed. Espirita.**

VONIER, A. S. B. (Dom Anscário). — Espírito cristão. Trad. Dom Joaquim G. de Luna, O. S. B., Pref. Tomas Keller, O. S. B., Col. Vida Cristã, 3. (12/19). 220 p. br. 6$. (6/41). **Ed. Lumen Christi.**

XAVIER (Francisco Candido). — Boa nova. Ditada pelo espírito de Humberto de Campos. (13/19). 204 p. br. 5$. (6/41). **Fed. Espirita.**

XAVIER (Francisco Candido). — A caminho da luz. História da civilização, ditada por Emmanuel. (12/18). 176 p. br. 4$. (2.ª ed. 8/41). **Fed. Espirita.**

XAVIER (Francisco Cândido). — O consolador. Ditada por Emmanuel. (13/19). 209 p. br. 5$. (1/41). **Fed. Espirita.**

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

ACCIOLY (Mario). — Manual do serventuario da justiça. Pref. Edgard Ribas Carneiro. (12/16). 379 p. enc. 12$. (6/14). **Freitas Bastos.**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — Atentados contra o Brasil. Pref. Gen. Meira de Vasconcelos. (13/19). 160 p. br. 6$. (2/41). **Gr. Labor, Rio.**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — A Grã Bretanha a serviço dos judeus. (13/18). 80 p. br. (2/41). **Gr. Labor, Rio.**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — O imperialismo britanico no Brasil. (12/17). 32 p. br. (2/41). **Gr. Labor, Rio.**

ALECRIM (Octacilio). — Fundamentos do seguro de estado. (16/23). 206 p. 12 pranchas, br. 20$. (1940-10/41). **Jornal Comércio.**

ALECRIM (Octacilio). — Fundamentos do Standard jurídico. A individualização judiciária dos direitos. Tése. (17/24). 170 p. br. 20$. (10/41). **Jornal Comércio.**

ALEXANDRE (Francisco). — Teoria e prática do sindicalismo. (16/23). 184 p. br. 15$. (2.ª ed. 2/41). **Coelho Branco.**

ALVARENGA NETTO. — Código de menores. (17/24). 200 p. enc. 25$. (6/41). (2.ª ed. 7/41). **Freitas Bastos.**

ALVES (Isaias). — Estudos e objetivos de educação. (14/20). 265 p. br. 12$. (2.ª, ed. 8/41). **Cia. Ed. Nacional.**

AMARAL (Afrânio do). — Serpentes em crise. A luz de uma legitima defesa no "Caso do Butantan". Pref. Monteiro Lobato. Remate de Plinio Barreto. (14/20). 410 p. br. 25$. (8/41). **Distr. Civilização.**

AMARAL (Luís). — Direito social. (17/23). 170 p. br. 12$. (7/41). **Guaíra.**

AMARAL (Oswaldo Pinto do). — Código de processo civil brasileiro. Vol. V. Arts. 808 a 1052. Pref. Manuel Carlos de Figueiredo Ferraz. (17/24). 601 p. br. 45$. (2/41). **Saraiva.**

ANDRADE (Almir de). — Formação da sociologia brasileira. Vol. I. Os primeiros estudos sociais no Brasil. Séculos XVI, XVII e XVIII. Col. Documentos Brasileiros, 27 (15/23). 318 p. il. br. 20$. (3/41). **José Olympio.**

ANDRADE (Darcy Bessone de Oliveira). — Do direito do comerciante à renovação do arrendamento. (17/24). 203 p. br. 20$. (1940-7/41). **Imp. Of. Est. Minas.**

BARATA (Jorge). — Registro e remuneração dos professores particulares. Livro didático. (Toda a legislação). (16/23). 54 p. br. 4$. (4/41). **Gr. Vilas Boas, Rio.**

BARRETO FILHO (Mello). — Anchieta e Getulio Vargas. (Iniciativas e realizações). (Publ. do D. I. P., 179). (12/19). 188 p. br. 3$. (4/41). **Distr. José Olympio.**

BARROS (Dora D. de). — Função dadática do plano no ensino: Plano de curso e plano da aula. (16/23). 114 p. br. 10$. (1940-2/41). **Rev. Tribunais.**

BARROS FILHO (Theotonio Monteiro de). — As taxas e seus principais problemas teóricos. (17/23). 127 p. br. 12$. (11/41). **Distr. Z. Valverde.**

BASTIDE (Roger). — Psicanalise do cafuné e estudos de sociologia estética brasileira. Col. Caderno Azul, 2. (14/19). 75 p. il. br. 3$. (8/41). **Guaira.**

BELLO (Ruy de Ayres). — Introdução á pedagogia. (14/20). 241 p. br. 12$. (4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BERNARDES (Wladimir). — Porque o Eixo combate a Inglaterra. Pref. Ugo de Roas. (14/19). 258 p. br. 10$. (3/41). **Gr. Guido, Rio.**

BEVILAQUA (Clovis). — Direito das coisas. 1.º vol. (17/24). 435 p. enc. 35$. (7/41). **Freitas Bastos.**

BEVILAQUA (Clovis). — Opusculos. III. (16/23). 93 p. br. 7$. (8/41). **Borsoi, Rio.**

BONHOMME S. W. (Carlos de). — Dicionário brasileiro de jurisprudência e doutrina trabalhista. Vol. I, letras A, B e C. (17/24). 317 p. br. 50$. (6/41). **Distr. Globo.**

BONHOMME S. W. (Carlos de). — Organização e processo da justiça do trabalho. Bibl. de Cultura Social, 5. (17/24). 390 p. br. 25$. (8/41). **Distr. Globo.**

BRAGA JOR. (Benjamin do Carmo), BRAGA NETO (Benjamin do Carmo). — Código da propriedade industrial no Brasil. (17/24). 225 p. enc. 25$. (2.ª ed. 7/41). **Distr. Saraiva.**

BRASIL (D. Moura). — Exaltação do Estado Novo. (Ensaio de geopolitica). (16/24). 47 p. br. 4$. (11/41). **Gr. Tupan, Rio.**

CAIADO (Valporé de Castro). — Código de processo civil. Pref. Antonio Bento de Faria. (16/24). 779 p. br. 40$. (2/41). **Coelho Branco.**

CALLAGE (Fernando). — Ação social de Leão XIII. (13/19). 264 p. br. 7$. (5/41). **Distr. Civilização.**

CAMPOS (A. B. Carneiro de). — Direito público aéreo. Pref. Cel. Eduardo Gobes. (17/24). 262 p. br. 25$. (6/41). **Distr. Freitas Bastos.**

CAMPOS (Francisco). — O Estado Nacional. Sua estrutura e seu conteudo ideologico. (16/23). 257 p. br. 20$. (3.ª ed. 2/41). **José Olympio.**

CARDOZO (Francisco Malta). — Sindicatos rurais na Federação. Empregados e empregadores na agricultura. (16/23). 339 p. br. 20$. (10/41). **Distr. Freitas Bastos.**

CARTAXO (Ernani). — Custas judiciais. Col. Estudos Sociais e Técnicos; 9, s. Jurídica, 5. (14/19). 127 p. cart. 8$. (10/41). **Guaira.**

CARVALHO (Durval M.), FARIA (Adhemar G. de). — Pratica do registro de imóveis. (17/24). 340 p. enc. 25$. (2.ª ed. 8/41). **Freitas Bastos.**

CARVALHO (H. Veiga de). — Os criminosos e suas classes. Pref. Maméde da Silva. (12/18). 116 p. il. br. 6$. (4/41). **Freitas Bastos.**

CARVALHO (Luis Antonio da Costa). — O espirito do código de processo civil. (17/24). 438 p. br. 25$. (5/41). **Gr. Labor, Rio.**

CARVALHO (M. Cavalcanti de). — Direito sindical e corporativo. (17/24). 528 p. br. 35$. (6/41). **Coelho Branco.**

CARVALHO (M. Cavalcanti de). — Evolução do estado brasileiro. (17/24). 235 p. br. 20$. (12/41). **Coelho Branco.**

CARVALHO (Orlando M.). — Resumos de teoria geral do estado. I, Introdução. (17/24). 114 p. br. 10$. (7/41). **Distr. Civilização.**

CASTRO (Araujo). — Justiça do trabalho. (17/24). 521 p. enc. 40$. (6/41). **Freitas Bastos.**

CASTRO (Orlando Ribeiro de). — A propriedade dos apartamentos. Col. A Propriedade Imobiliária. (16/23) 261 p. br. 20$. (11/41-1942). **Jornal Comércio.**

CASTRO (Sylvio Brantes de). — Novo manual dos tabeliães. (Teoria e pratica). (14/20). 294 p. br. 15$. (10/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

CHURCHILL (Winston). — Sangue, suor e lagrimas. Organizado e pref. por seu filho Randolph S. Churchill. Trad. R. Magalhães Junior e Lya Cavalcanti. (15/23). 370 p. br. 20$. (8/41). **José Olympio.**

CÓDIGO Nacional de Trânsito. — Dec.-Lei 2994 de 28/1/941. (14/20). 94 p. il. br. 3$. (2/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

CÓDIGO Nacional do Trânsito. Dec.-Lei 3652, de 25-9/941. (14/19). 127 p. 1 prancha, il. br. 3$500. (10/41). **Casa Bruno, Rio.**

CÓDIGO de Processo Civil. — Dec.-Lei 1608. Indice alfabético, analítico e remissivo org. pela Rev. Judiciaria, S. Paulo. (14/19). 416 p. enc. 20$. (3.ª ed. 1/41). **Emp. Panap, S. Paulo.**

CÓDIGO de Processo Penal. — Dec.-Lei 3689, de 3/10/941. Lei das Contravenções penais. Dec.-Lei 3688, de 3/10/941. (14/19). 227 p. br. 8$. (12/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

COSTA (Adroaldo Mesquita da). — A falência. (17/24). 359 p. br. 25$. (11/41). **A Nação, Recife.**

COSTA (Giovanni). — O Estado Novo no Piauí. (16/23). 200 p. br. 10$. (7/41). **Ed. Autor, Rio.**

DEUTELMOSER (Arno). — A Inglaterra e a Escandinavia. História das violencias britanicas com os Estados Nordicos. (13/19). 103 p. br. (3/41). **Pongetti.**

DOMINAÇÃO (A) Inglesa em Portugal. O que é e de que nos tem servido a aliança da Inglaterra, por um compatriota de Gomes Freire D'Andrade. (17/24). 136 p. br. 15$. (11/41). **Ed. Melo Dis, Rio.**

DUARTE (Gil). — A paisagem legal do Estado Novo. (16/23). 203 p. br. 15$. (2/41). **José Olympio.**

DUTCH (Oswaldo). — Os 12 apóstolos de Hitler. Trad. Noel Madeira. (14/20). 263 p. il. br. 10$. (1940-2/41). **Ed. Meridiano.**

EBOLI (H.). — Resumo da jurisprudencia do Conselho Nacional do Trabalho. (19/25). 94 p. br. 6$. (1940-4/41). **Rev. Trabalho.**

EGYDIO (Paulo). — Estudos de sociologia criminal do conceito geral do crime segundo o método contemporaneo. (17/24). 263 p. br. 20$. (2.ª ed. 2/41). **Distr. Freitas Bastos.**

ERDMANN (Jesus). — A calúnia como instrumento da politica. Algumas perspectivas históricas. (12/18). 19 p. br. (2/41). **Pongetti.**

ESCOBAR (Hildefonso). — A marcha para oeste. Couto de Magalhães e Getulio Vargas. (14/19). 125 p. il. br. 6$. (3/41). **A Noite.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências sociais. Vol. II. Il. do Autor. (14/19). 87 p. cart. 3$. (12.ª ed. 3/41). **J. R. Oliveira.**

ESPINOLA FILHO (Eduardo). — Código de processo penal brasileiro. Vol. I, arts. 1 a 62. (17/24). 462 p. enc. 40$. (12/41-1942). **Freitas Bastos.**

ESPINOLA (Eduardo), ESPINOLA FILHO (Eduardo). — Tratado de direito civil brasileiro. Vol. VII. (17/23). 650 p. enc. 50$. (11/41). — Vol. IX. (17/23). 687 p. enc. 45$. (3/41). — Vol. X. (17/23). 750 p. enc. 45$. (9/41). **Freitas Bastos.**

ESTEVAM (M.). — Legislação de aguas e energia elétrica. (14/19). 196 p. enc. 20$. (3/41). **Gr. Laemmert, Rio.**

FAGUNDES (Miguel Seabra). — O controle dos atos administrativos pelo poder judiciario. (17/24). 347 p. enc. (3/41). **Freitas Bastos.**

FARIA (Bento de). — Código de processo civil. Vol. I, arts. 1 a 393 (17/24). 590 p. enc. 50$. (12/41-1942). **Jacintho.**

FONSECA (Tito Prates da). — Noções de direito civil brasileiro. (17/24). 288 p. enc. 20$. (7/41). **Freitas Bastos.**

FONSECA (Tito Prates da). — As nulidades em face do código de processo civil. (17/24). 429 p. enc. 32$. (7/41). **Freitas Bastos.**

FONTENLA (Vicente Paz). — A luta entre o ouro e o sangue. (Compl. á ed. de Janeiro de 1941). (13/19). 71 p. br. 10$. (4/41). **Agencia Paz, Rio.**

FRAGA (Affonso). — Instituições do processo civil do Brasil. Tomo III. Recursos. (17/24). 313 p. br. 30$. (10/41). **Saraiva.**

FRANCO (Afonso Arinos de Melo). — Politica cultural Pan-Americana. Conferência. (12/16). 57 p. br. 2$. (10/41). **Casa Estudante Brasil.**

FRANCO (Ary de Azevedo). — Dos crimes contra a pessoa. Vol. VI, arts. 121 a 154. (Trat.

Direito Penal. Dir. Oscar Acioli Tenorio). (17/24). 312 p. enc. 35$. (11/41-1942). **Jacintho.**

FREITAS (Bezerra de). — Fisionomia e estrutura do Estado Novo. (14/20). 211 p. br. 10$. (9/41). **Pongetti.**

FREYRE (Gilberto). — Região e tradição. Pref. José Lins do Rego. Il. Cicero Dias Col. Documentos Brasileiros. 29. (15/23). 264 p. br. 20$. (5/41). **José Olympio.**

GAMA (Mozart da). — Direito tributario e justiça fiscal. (17/24). 721 p. br. 50$. (5/41). **Freitas Bastos.**

GAMA (Mozart da). — A medida das riquezas do Brasil. Conferencias. (16/23). 138 p. il. br. 10$. (6/41). **Freitas Bastos.**

GAMA (Mozart da). — Os milagres da ordem e do trabalho. (16/23). il. br. 10$. (6/41). **Freitas Bastos.**

GETTELL (Raymond G.). — História das idéias politicas. Trad. e nota final de Eduardo Salgueiro. Col. Ciências Sociais. (18/25). 654 p. il. br. 75$. (12/41). **Alba.**

GÓIS (Antonio). — Sangue. (Subsidio para a história política de Alagôas). Pref. Jayme de Altavila. (14/18). 138 p. il. br. 5$. (7/41). **Litogr. Esperança, Maceió.**

GOMES (Francisco). — O dia da Bandeira. (14/20). 231 p. il. br. 5$. (10/41). **Ed. Anchieta.**

GOMES (Orlando). — Direito do trabalho. (16/23). 142 p. br. 15$. (11/41). **Ed. Forum, Bahia.**

GONÇALVES (Ophir Leme). — Manual de legislação do trabalho. (14/19). 523 p. br. 25$. (12/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

GOTTSCHALK (Egon). — Força maior como motivo determinante da recisão do contrato individual do trabalho. (17/24). 143 p. br. 10$. (8/41). **Saraiva.**

GRANDE (Humberto). — Educação para a vida moderna. (17/24). 244 p. br. 15$. (9/41). **Ed. Panamericana.**

GUIMARAES (C. A. Moreira). — Aos meninos do meu Brasil! Cartas. (17/24). 167 p. br. 10$. (9/41). **Gr. Filatip, Rio.**

GUIMARÃES (Ogias). — Amor à terra. Realizações do Decênio Getulio Vargas no Nordeste Brasileiro. (Publ. do D. I. P., 174). (13/19). 206 p. br. 3$. (4/41). **Distr. José Olympio.**

GUNZBURG (Nico). — La trajectoire du crime. Études sur le nouveau code penal du Brésil. (17/24). 231 p. enc. 25$. (10/41). **Jacintho.**

HEIDE (Dirk van Der). — Minha irmã e eu. Diário de um pequeno refugiado holandês. Trad. Leonel Vallandro. Col. Documentos de Nossa Época, 14. (14/20). 123 p. br. 6$. (7/41). **Globo.**

HITLER (Adolf). — Minha Luta. Trad. J. de Matos Ibiapina. (17/24). 578 p. br. 20$. (6.ª ed. 6/41). **Globo.**

HITLER (Adolfo). — Minha nova ordem. Introdução de Raymond Gram Swing. Pref. Raoul de Rouny de Sales. Trad. Leonel Vallandro, Hamilcar de Garcia, Hipólito Kunz, Ernesto Vinhaes, Antonio Barata e Gilberto Miranda. (16/23). 740 p. br. 25$. (12/41). **Ed. Meridiano,**

INGLATERRA (A) e o mundo. (15/21). 45 p. il. br. 3$. (2/41). **Tip. Senado, Rio.**

INSTITUTO do Açucar e do Alcool. — A politica do alcool-motor no Brasil. (Separata do Anuário Açucareiro 1941). (17/24). 153 p. il. br. 10$. (5/41). **Rio.**

ITAGIBA (Ivair Nogueira). — A familia. Comentários à lei de sua organização e proteção. Codificação. (15/22). 166 p. br. 20$. (8/41). **Pongetti.**

JOBIM (Danton). — Two revolutions. F. D. Roosevelt-G. D. Vargas. Trad. Corey James Spencer. (16/23). 162 p. br. 35$. (4.ª ed. 6/41). **Livr. Victor.**

JUSTIÇA do Trabalho. Dec. 6.596, de 12/12/940. (12/18). 55 p. br. 3$. (1/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

LACERDA (Dorval). — Aspectos juridicos do contrato de trabalho. (17/23). 120 p. br. 15$. (5/41). **Rev. do Trabalho.**

LACERDA (João Manóel Carneiro). — Código de processo civil brasileiro comentado. Vol. IV. arts. 675 a 807. (17/24). 492 p. br. 45$. (9/41). **Saraiva.**

LAURIE (A. P.). — A política britanica depois de Munich. Trad. (12/18). 40 p. br. 3$. (7/41). **Leuzinger, Rio.**

LEÃO (A. Carneiro). — Ideais e preocupações de uma época. (15/23). 226 p. br. 15$. (12/41). **Jornal Comércio.**

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Código civil brasileiro. (12/16). 449 p. cart. 12$. (7.ª ed. 6/41). **Saraiva.**

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Código penal. Dec.-Lei 2848 de 7/12/940. (12/16). 427 p. cart. 12$. (8/41). **Saraiva.**

LEGISLAÇÃO do Estado Novo. — Coletânea de Decretos-leis Organizados por J. C. Dias. 35.º, mês de setembro 1940. Nos. 2553 a 2643. (14/20). 640 p .br. 22$. (3/41). — 36.º, Outubro 1940. 2644 a 2733. (14/20). 381 p. br. 22$. (4/41). — 37.º, Novembro 1940. 2734 a 2811. (14/20). 330 p. br. 22$. (4/41). — 38.º, Dezembro 1940. 2812 a 2936. (14/20). 620 p. br. 24$. (5/41). **Cultura Moderna.**

LEI das Contravenções Penais e código de processo penal. Dec.-Lei 3688 de 3/10/1941. Com uma apreciação de Cicero Augusto Vieira. (14/20). 202 p. br. 10$. (10/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

LEI de organização e proteção da familia. Dec.-Lei 3200 de 19/4/941. (12/16). 3 2p. br. 1$. (7/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

LEONARDOS (Thomas). — A concurrência desleal no código penal brasileiro. (12/16). 66 p. br. 3$. (11/41). **Jornal Comércio.**

LEWINSON (Richard). — Os sessenta dias trágicos da França. Trad. (14/20). 288 p. br. 15$. (8/41). **José Olympio.**

LIMA (Adamastor). — Estrangeiro comerciante. Alguns de seus deveres. Dec.-Lei 341 de 17/3/1938. (16/23). 32 p. br. 3$. (5/41). **Gr. Sauer, Rio.**

LIMA (Alexandre Delfino de Amorim). — Código de processo civil brasileiro comentado. Vol. II, arts. 298 a 464. (17/24). 494 p. br. 45$. (3/41). **Saraiva.**

LIMA (Euzebio de Queiroz). — Principios de sociologia juridica. (17/24). 434 p. enc. 35$. (5.ª ed. 4/41). **Freitas Bastos.**

LIMA (João). — Figuras da República Velha. Pref. Affonso de Carvalho. (16/23). 306 p. il. br. 20$. (11/41). **Coelho Branco.**

LIMA (Mário S. Rodrigues). — Ações e processos em geral. 1.º vol. Arts. 1 a 297. (18/25). 816 p. enc. 40$. (1940-3/41). **Distr. Jacintho.**

LOPES (Helvecio Xavier), FLORES (Gilberto). — Acidentes do trabalho e molestias profissionais. Coletânea de legislação. (23/33). 63 d. br. 15$. (12/41). **Rev. Trabalho.**

LOULEIRO (Pizarro). Getulio Vargas e a politica Luso-Brasileira. (16/24). 159 p. br. 15$. (6/41). **Z. Valverde.**

LUSITANO (José). — A Inglaterra perante o mundo. Subsidios para a história. (14/19). 173 p. br. 7$. (11/41). **Leuzinger.**

LYRA (Heitor). — História diplomatica e politica internacional. Ensaios. (13/19). 255 p. br. 10/41). **Civilização.**

LYRA FILHO (Tavares). — Contratos administrativos. Tése. (17/24). 191 p. br. 10$. (12/41). **Distr. Freitas Bastos.**

MACHADO (Ernesto). — Dicionário de jurisprudência trabalhista. Pref. Oliveira Viana. (16/24). 821 p. enc. 25$. (1/41). **Jacintho.**

MACHADO (Leopoldo). — Doutrina ingloria. (Imoralidade e crime). (13/19). 206 p. br. 5$. (5/41). **Fed. Espirita.**

MACHADO (Raul). — A insídia comunista nas letras e nas artes do Brasil. (16/23). 20 p. br. 1$500. (10/41). **Imp. Militar.**

MAGALHÃES (Eduardo Pereira de). — Reconstrução da ordem social.- (Diretrizes sociais). (14/20). 202 p. br. 10$. (3/41). **Distr. Z. Valverde.**

MANUAIS de Legislação Brasileira. — Vol. 22. Novo regulamento do selo. (Federal). (14/19). 136 p. br. 6$. (Nova ed. 5/41). — Vol. 36.

Penhor rural. (14/19). 42 p. br. 3$. (Nova ed. 5/41). — 5/41). — Vol. 40. Novo imposto de consumo. (14/19). 304 p. br. 12$. (Nova ed. 1941). — Vol. 73. Aforamento dos terrenos de marinha. Dec.-Lei 2490 de 16/8/940. (14/19). 20 p. br. 2$. (3/41). — Vol. 74. Código nacional de trânsito. (14/19). 86 p. il. br. 2$. (2/41). — Vol. 75. Estatuto dos militares. Dec-Lei 3084 de 1/3/931. (14/19). 62 p. br. 2$. (4/41). — Vol. 76. Proteção da familia. Dec.-Lei 3200 de 19/4/941. (14/19). 43 p. br. 2$. (5/41). — Vol. 77. Nova tarifa das alfandegas. Dec-Lei 2878 de 14/12/940. (14/19). 484 p. br. 30$. (6/41). — Vol. 78. Desapropriações. Dec.-Lei 3365 de 21/6/941. (14/19).24 p. br. 2$. (8/41). — Vol. 79. Lei das Contravenções penais. (14/19). 32 p. br. 2$. (11/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

MANUAL de Audiência. — I. Código de processo civil. Indice alfabético e remissivo por Elmano Cruz. (10/15). 240 p. enc. 10$. (1939-1/41). — III. Regulamento de custas da justiça do Distrito Federal. (10/15). 122 p. enc. 7$. (1940-2/41). — IV. Justiça do trabalho. Indice alfabético e remissivo por Tostes Malta. (10/15). 139 p. enc. 7$. (5/41). **Arch. Judiciário. Rio.**

MARCONDES FILHO (Alexandre). — Vocações da unidade. (Conferências e discursos). (15/23). 217 p. br. 20$. (11/41). **José Olympio.**

MARGUERITTE (Vitor). — Tratados, farrapos de papel. Trad. Abelardo Romero. Col. Documentário. (14/19). 182 p. br. 12$. (6/41). **Vecchi.**

MARITAIN (Jacques). — Noite de agonia em França. Trad. e introdução de Tristão de Athayde. (13/19. 309 p. br. 15$. (5/41). **José Olympio.**

MARTINS JUNIOR. — História do direito nacional. Pref. Andrade Bezerra. (17/23). 274 p. br. 20$. (2/41). **Ed. Cultura Intelectual. Recife.**

MARTINS (Pedro Baptista). — O abuso do direito e o ato ilícito. (17/24). 273 p. enc. 25$. (2.ª ed. 10/41). **Freitas Bastos.**

MATTOSO (José de Queiroz), ALMEIDA (Abilio Pereira de). — Prática jurídico comercial. Pref. Jorge Americano. Bibl. de Estudos Comerciais e Económicos. 3. (14/20). 351 p. cart. 15$. (4.ª ed. 2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MAUL (Carlos). — As fontes brasileiras do Panamericanismo. (14/20). 139 p. br. 10$. (11/41). **Z. Valverde.**

MAUROIS (André). — Tragédia na França. Trad. Antonio Lages. Col. Documentário. (14/21). 268 p. br. 15$. (2.ª ed. 2/41). — (3.ª, 4.ª e 5.ª ed. 4/41). **Vecchi.**

MAXIMILIANO (Carlos). — Hermenêutica e aplicação do direito. (17/24). 443 p. br. 25$. (3.ª ed. 1/41). **Freitas Bastos.**

MENEGALE (J. Guimarães). — Direito administrativo e ciência da administração. Tomo III. (17/23). 378 p. enc. 35$. (12/41). **Ed. Rodarte.**

MIRANDA FILHO (Antonio dos Passos). — Propedeutica juridica. (17/24). 174 p. br. 10$. (3/41). **Distr. Civilização.**

MIRANDA (Gilberto). — Semana da Pátria. Il. João Mottini. (14/19). 140 p. cart. 7$. (8/41). **Globo.**

MOACYR (Primitivo) — A instrução e a República. 1.º vol. Reformas Benjamim. (1890-1892). (Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos Pedagogicos). (16/23). 261 p. br. 12$. (6/41). — 2.ª vol. Código Fernando Lobo. (1892-1899). (16/23). 240 p. br. 12$. (9/41). — 3.º vol. Código Epitacio Pessoa. (1900-1910). (16/23). 249 p. br. 12$. (12/41). **Distr. Civilização.**

MORAIS (Orlando Mendes de). — Meu caderno de ciência Sociais. (14/19). 166 p. il. br. 5$. (3/41). **Getulio Costa.**

MOTTA (Dias da), MENEZES (Gomes de), SILVA (Pereira da). — Atitudes inglesas na história do Brasil. Pref. Helio Sodré. (15/23). 103 p. br. 8$. (2/41). **Gr. Labor, Rio.**

MOURÃO (Mello). — Do destino do espirito. (13/19). 52 p. br. 3$. (9/41). **Pongetti.**

NABUCO (Joaquim). — O direito do Brasil. (14/20). 297 p. 1 mapa, br. 20$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

NEUMANN (Robert). — 23 Mulheres. A História do tráfico internacional de brancas. Trad. João de Abreu. Col. Documentos da Nossa Época, 13. (14/20). 248 p. il. br. 10$. (11/41). **Globo.**

NEW BRAZILIAN Limited Liability Company Law. Translated by F. de M. Snell. Pref. Trajano de Miranda Valverde. (16/23). 68 p. br. 15$. (8/41). **Jornal Comércio.**

NOBRE FILHO (Fernando). — Evolução da democracia. Ensaio critico. (12/19). 255 p. br. 10$. (6/41). **Distr. Z. Valverde.**

NOVA Lei do imposto de consumo. (16/23). 283 p. br. 10$. (3/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

OLIVECRONA (Karl). — Inglaterra ou Alemanha? Trad. (12/18). 40 p. br. 3$. (7/41). **Leuzinger, Rio.**

OLIVEIRA (Belfort de). — Cartilha do trabalhador. (9/15). 143 p. enc. 7$. (2/41). **A. Herrera, Rio.**

OLIVEIRA (Beneval de). — A defesa nacional. (14/19). 94 p. br. 6$. (6/41). **Batista de Souza.**

OLIVEIRA (Goulart de). — Renovação de contrato. Ensaio de direito comparado. (17/24). 411 p. enc. 27$. (3/41). **Freitas Bastos.**

ORCIUOLI (Henrique). — Legislação fiscal e financeira. (14/19). 206 p. cart. 8$. (3.ª ed. 4/41). **Globo.**

PASSAGE (Henry du). — Noções de sociologia. Trad. D. Edith Sarthou. (14/19). 334 p. br. 120. (2.ª ed. 4/41). **Getulio Costa.**

PAULA (L. Nogueira de). — Precauções a serem tomadas nos contratos de compra e venda de bens imoveis. Pref. Vasco de Lacerda Gama. (13/19). 176 p. br. 10$. (3.ª ed. 6/41). **Pongetti.**

PEETERS (Madre Francisca). — Noções de sociologia. (14/21). 332 p. cart. 10$. (2.ª ed. 12/41). **Ed. Melhoramentos.**

PEIXOTO (José Carlos de Matos). — Curso de direito romano. Fasc. 1. (16/23). 47 p. br. 5$. (1940-3/41). — Fasc. 2. (16/23). pags. 49 a 72, br. 2$500. (1940-3/41). — Fasc. 3. (16/23). pags. 73 a 94, br. 2$500. (1940-3/41). — Fasc. 4. (16/23). pags. 95 a 136, br. 3$. (1940-3/41). **Jacintho.**

PENTEADA (A. A. de Barros). — A legislação mineira do Brasil. Pref. Mario Masagão. (17/23). 364 p. br. 40$. (10/41). **Distr. Freitas Bastos.**

PEREIRA (Juvenal Paiva). — Um esquema de sociologia geral. (14/20). 233 p. br. 12$. (4/41). **Saraiva.**

PEREIRA (Conselheiro Lafayete Rodrigues). — Inglaterra. Pref. Pedro Lafayete. Col. Grandes Assuntos, 1. (13/19). 62 p. br. 4$. (11/41-1942). **Ed. Curiosidade.**

PERES (Leopoldo). — Pilítica e espírito do regime. (Discursos e ensaios). (13/19). 220 p. br. 10$. (11/41). **A Noite.**

PICANÇO (Jurandir). — O delito do contagio venereo. (Estudo médico-Legal). Tése. (14/21). 191 p. br. 10$. (7/41). **Coelho Branco.**

PICANÇO (Macário de Lemos). — Da compra e venda com reserva de dominio. (17/23). 238 p. enc. 20$. (11/41-1942). **Jacintho.**

PIMPÃO (Hirosê). — Despedida injusta. A lei n.º 62. Col. Estudos Sociais e Técnicos, s. 2. 5. (13/19). 118 p. cart. 8$. (6/41). **Guaíra.**

PINTO (Bilac). — Regulamentação efetiva dos serviços de utilidade pública. (17/24). 219 p. br. 40$. (12/41). **Rev. Forence.**

PINTO (Moacyr da Costa). — Código penal brasileiro. Dec.-Lei 2848 de 7/12/940. (16/24). 216 p. enc. 15$. (1/41). **Jacintho.**

PRADO (J. F. de Almeida). — Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil. (1538-1630). História da formação da sociedade brasileira. 2.º tomo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 175-A. (13/19). 518 p. il. br. 20$. (4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PRATES (Lincoln). — Pareceres e acordãos. (Tribunal de Apelação de Minas Gerais). (17/24). 259 p. br. 30$. (8/41). **Paulo Bluhm.**

PRUNES (Lourenço Mario). — O êrro Essencial no casamento. (Arts. 218 e 219 do Código Civil). (17/24). 199 p. br. 20$. (6/41). Distr. Freitas Bastos.

QUEIROZ (Narcelio). — Código penal. (15/23). 215 p. br. 15$. (7/41). José Olympio.

REBÊLO (Gabriel Antonio). — Trabalho industrial de menores e prévio aviso e resiliação do contrato de trabalho. (17/24). 45 p. br. 6$. (8/41). Jornal Comércio.

REGNAULT (Elias). — História criminal do govêrno inglês desde as primeiras matanças da Irlanda até o envenenamento dos chinas. Trad. Col. Meridiana. (18/25). 358 p. br. 25$. (2.ª ed. 9/41). Meio Dia, Rio.

REZENDE (Astolpho). — O advogado em ação. Vol. 1.º. (17/24). 423 p. br. 25$. (12/41). Ed. Panamericana.

REZENDE (Lysandro Monteiro). — Da consignação em folha. (16/23). 311 p. br. 30$. (6/41). Gr. Guarany, Rio.

REZENDE (Tito). — Nova tarifa das alfandegas. Bibl. da Rev. Fiscal e de Legislação de Fazenda, 1. (18/27). 581 p. br. 50$. (6.ª ed. 7/41). Rev. Fiscal.

RICARDO (Aristides). — Ensaios de sociologia. (14/22). 237 p. br. 15$. (10/41). Livr. Martins.

RICHARD (Paul). — Os grandes processos da história. XI vol. O processo Dreyfus. Com a célebre carta de Emilio Zola: Acuso! Trad. Argeu Ramos. (14/20). 402 p. il. br. 10$. (8/41). Globo.

ROCHA (Clovis Paulo da). — Vintena do testamento. (17/24). 168 p. e nc. 20$. (11/41-1942). Jacintho.

RODRIGUES (Dirceu). — Brocardos juridicos. (14/20). 457 p. enc. 30$. (2.ª ed. 8/41). Saraiva.

RODRIGUES (Marcello Ulysses). — Emprestimos de dinheiro e a nova legislação brasileira. (11/41). Livr. Martins.

ROLLEMBERG (Luiz Dias). — Emancipação econômica do Brasil. (16/23). 151 p. cart. 12$. (17/24). 464 p. br. 30$. (10/41). Saraiva.

ROMA (Oliveira). — Modalidades da legitima defesa. Pref. Magarinos Torres. (13/19). 93 p. br. 6$. (9/41). Pongetti.

ROMAINS (Jules). — Os sete mistérios da Europa. Trad. Emil Farhat. (14/20). 323 p. br. 15$. (3/41). José Olympio.

ROSA (Alcides). — Noções de direito civil. Pref. Lemos Brito. (14/19). 391 p. enc. 15$. (2.ª ed. 8/41). Jacintho.

ROSA (Inocencio Borges da). — Processo civil e comercial brasileiro. Vol. III. Arts. 465 a 674. (17/24). 591 p. br. 40$. (3/41). — Vol. IV. Arts. 675 a 881. (17/24). 664 p. br. 40$. (4/41). Globo.

RUSSELL (Bertrand). — O poder. (Uma nova analise social). Trad. Rubens Gomes de Souza. Col. A Marcha do Espirito, 2. (15/22). 235 p. il. br. 15$. (6/41). Liv. Martins.

SALAZAR (Alcino de Paula). — Responsabilidade do poder público por atos judiciais. (16/23). 105 p. br. 10$. (2/41). Distr. Coelho Branco.

SAMPAIO (Nelson de Souza). — As idéias forças da democracia. (13/19). 197 p. br. 12$. (12/41). Imp. Regina, Bahia.

SANTOS (J. M. de Carvalho). — Código de processo civil interpretado. Vol. X, arts. 88 a 1052. (17/24). 461 p. enc. 35$. (2/41). Freitas Bastos.

SANTOS (J. M. de Carvalho). — Prática do processo civil. (Formulário). 1.º vol. (17/24). 437 p. enc. 37$. (10/41). — 2.º vol. (17/24). 421 p. enc. 37$. (11/41). Freitas Bastos.

SARDINHA (Alvaro). — A tentativa impossivel. Tése. (16/23). 137 p. br. 15$. (8/41). Coelho Branco.

SCALA (Angela). — Latinidade e americanismo. (13/19). 159 p. br. 6$. (9/41). Distr. Civilização.

SCHMIDT JUNIOR (Augusto). — Contribuição de melhoria. Seu aspecto financeiro. (17/24). 79 p. br. 13$. (4/41). Gr. Cruzeiro do Sul, S. Paulo.

SECUNDINO (Hnah Pacheco). — A mulher e o divorcio. Col. Estudos Sociais e Técnicos, 7, S. Juridica, 4. (13/19). 123 p. cart. 8$. (10/41). Guaira.

SEVERIANO RIBEIRO (Jorge). — Comentários ao código penal brasileiro. 1.º vol. (17/24). 283 p. enc. 30$. (6/41). — 2.º vol. (17/24). 355 p. enc. 3$. (9/41). Jacintho.

SEVERO (Alfredo). — A política positiva e seus comentadores. (12/18). 211 p. br. 10$. (6/41). Jornal Comércio.

SHIRER (William L.). — Diario de Berlim. Jornal de um correspondente estrangeiro. 1934-1941. Trad. M. P. Moreira Filho. (15/23). 401 p. br. 20$. (12/41). José Olympio.

SILVA (Alberto Monteiro da). — Códigos e leis brasileiras. Vol. I. (17/24). 630 p. enc. 45$. (5/41). — Vol. II. (17/24). 535 p. enc. 45$. (5/41). Livr. Alves.

SILVA (Carvalho da). — O Brasil e a guerra. Cadernos de Ensaios, s. C. Assuntos Brasileiros, 1. (13/19). 60 p. br. 2$. (3/41). S. E. Panorama.

SILVA (De Plácido e). — Comentários ao código de processo civil. 1.º vol. Arts. 1 a 674. (17/24). 607 p. enc. 45$. (2.ª ed. 3/41). Guaira.

SILVA (De Plácido e). — Noções de finanças e direito fiscal. (16/24). 444 p. enc. 30$. (3/41). Guaira.

SILVA (Gastão Pereira da). — Getulio Vargas e a psicanálise das Multidões. (15/23). 127 p. br. 12$. (1/41). Z. Valverde.

SILVA (Gastão Pereira da). — Xavier da Silveira e a República de 89. (15/23). 235 p. il. br. 15$. (3/41). Civilização.

SILVA (Oliveira e). — Da calunia e injuria. (Impressa e verbais). (17/24). 254 p. enc. 20$. (3/41). Jacintho.

SILVA (Oliveira e). — Da perturbação dos sentidos e da inteligencia. (No atual e no novo código penal). (17/24). 303 p. enc. 25$. (7/41). Jacinto.

SILVA (Oliveira e). — Das sociedades por ações. (17/24). 350 p. enc. 25$. (5/41). Jacintho.

SILVA (Oliveira e). — Das sociedades por quotas de responsabilidade limitada. Bibl. Juridica, 6. (14/19). 468 p. enc. 20$. (4/41). Freitas Bastos.

SILVA (Orlando F. da). — Sindicatos e sua organização. (14/19). 113 p. br. 6$. (2/41). Ed. e Publ. Brasil.

SILVEIRA (Alipio). — Interpretação das leis em face dos vários regimens politicos. (Antigos e modernos). Pref. Eduardo Espinola. (17/24). 223 p. br. 15$. (12/41). Distr. Freitas Bastos.

SILVEIRA (Valdemar Cesar da). — Sentenças criminais. (18/28). 519 p. br. 35$. (12/41). Rev. Tribunais.

SIMONE (André). —A derrocada de uma nação. A história intima dos homens que trairam a França. Pref. Carleton Beals. Trad. Noel Madeira. (14/20). 283 p. br. 10$. (3/41). Ed. Meridiano.

SIQUEIRA (Galdino). — Código penal brasileiro. Dec.-Lei 2848 de 7/12/940. (14/19). 406 p. enc. 20$. (841). Jacintho.

SOARES (José de Souza). — Dos testamentos no direito brasileiro. Bibl. Juridica Brasileira, 43. (17/24). 293 p. br. 20$. (3/41). Coelho Branco.

SODRÉ (Nelson Werneck). — Oeste. Ensaio sobre a grande propriedade pastoril. Col. Documentos Brasileiros, 31. (15/23). 205 p. 8 bapas. br. 20$. (12/41). José Olympio.

SOMBRA (Severino). — Formação da sociologia. Introdução histórica às ciências sociais. (16/23). 231 p. br. 20$. (13/41). Distr. José Olympio.

SOUZA NETTO (F de A.). — Legislação trabalhista. 2.º suplemento. (17/24). 584 p. enc. 48$. (8/41). Saraiva.

SOUZA (J. P. Coelho de). — Denúncia. O Nazismo nas escolas do Rio Grande. Conferência. (14/19). 119 p. il. br. 8$. (14/41). Ed. Thurmann.

SOUZA (Martim Affonso de). — A moêda e sua influência na vida dos povos. (15/21). 103 p. br. 10$. (12/41). Tip. N. Cittadini, Rio.

SOUZA (Sebastião de). — Da herança jacente. (17/24). enc. 18$. (2/41). **Jacintho.**

SOUZA (Sebastião de). — Honorarios de advogado. (17/24). 248 p. enc. 20$. (6/41). **Jacintho.**

STARLING (Leão Vieira). — Inventários e partilhas. (Código civil e código de processo civil brasileiros). (17/24). 511 p. br. 35$. (2.ª ed. 8/41). **Saraiva.**

STEVENSON (Oscar). — Da exclusão de crime (causas não previstas formalmente). (17/24). 256 p. br. 15$. (5/41). **Saraiva.**

TEIXEIRA (Alberto Woolf). — Predios, terrenos, transmissão de propriedades. Leis, decretos e resoluções. (16/23). 57 p. br. 6$. 10/41). **Jornal Brasil.**

TEIXEIRA (Alberto Woolf). — O que todo Municipe do Distrito Federal deve saber. (16/23). 42 p. br. 6$. (12/41). **Jornal Brasil.**

TORRÈS (Henry). — A França traida. Pierre Laval. Trad. Osorio Borba. (13/19). 334 p. br. 15$. (12/41). **José Olympio.**

TOSTES (Lahyr Paletta de Rezende). — Serviços de utilidade pública e alguns de seus problemas. Pref. Sampaio Corrêa. (17/23). 121 p. enc. 15$. (1/41). **Freitas Bastos.**

VALLE (J. Rodrigues). — Curso de direito administrativo. Bibl. Juridica-Universitária, 14. (16/23). 380 p. br. 35$. (10/41). **Coelho Branco.**

VARGAS (Getulio). — A Nova política do Brasil. VIII. Ferro, Carvão, Petróleo. 7 de Agosto de 1940 a 9 de Julho de 1941. (15/23). 311 p. br. 20$. (10/41). **José Olympio.**

VEADO (Agripino). — Ementário sistemático de legislação federal. (1930-1940). (17/24). 656 p. enc. 100$. (11/41). **Civilização.**

VIANNA (Ataliba). — Ações especiais. Pref. Abrahão Ribeiro. (17/24). 205 p. br. 15$. (3/41). **Livr. Martins.**

VIANA (J. de Segadas). GALVÃO (Francisco). — Lei de proteção da familia. (Doutrina, legislação e formulário). (17/24). 232 p. enc. 29$. (11/41-1942). **Jacintho.**

VIEIRA (Benjamin). — Delitos de contaminação. (17/24). 175 p. br. 15$. (3/41). **Emiel Ed.**

VILLASBÔAS (João). — Hipotéca naval. (17/24). 469 p. enc. 40$. (12/41-1942). **Freitas Bastos.**

WATERFIELD (Gordon). — O que aconteceu à França. Trad. J. da Cunha Borges. (13/19). 202 p. br. 12$. (12/41). **Atlantica Ed.**

WERTH (R. von). — ... E assim veio a guerra. Trad. (13/19). br. 6$. (3/41). **Pongetti.**

XAVIER (Carlos). — Estatutos penais. (17/23). 483 p. enc. 32$. (10/41). **Freitas Bastos.**

ZICARELLI FILHO. — Investigação da paternidade natural. (Doutrina-jurisprudencia). Pref. De Plácido e Silva. (17/24). 327 p. enc. 30$. (12/41). **Guaíra.**

3-6) EXÉRCITO — MARINHA — AERONAUTICA

ASSUMPÇÃO (Ten. Moacyr Nunes de). — Estudos sobre granadas de mão e de fuzil. Bibl. de Cultura Militar. (14/19). 196 p. il. br. 10$. (12/41). **H. Velho.**

ATESTADO de origem e inquerito sanitário de origem. Pref. Ten. Cel. E. Marques Porto. Bibl. de Cultura Militar. (14/19). 51 p. il. br. 3$. (12/41). **H. Velho.**

AZAMBUJA (Cap. Inácio Carneiro de). — Fortificações permanentes. Bibl. Militar, 34. (17/24). 98 p. il. br. 6$500. (1940-1/41). **Distr. Z. Valverde.**

BIBLIOTÉCA Militar. — Comemorações do Dia do Soldado. Vol. Avulso. (17/24). 171 p. br. 5$. (9/41). **Distr. Z. Valverde.**

BIBLIOTÉCA Militar. — Vol. avulso. 1930-1940. A República dos Estados Unidos do Brasil e o Exército Brasileiro. (14/23). 86 p. br. 5$. (10/41). **Distr. Z. Valverde.**

BIBLIOTÉCA Militar. — Vol. XLIII. O Exército dos Estados Unidos. Trad. Cap. Mauricio Eugenio de Gusmão Pereira Lessa. (15/23). 303 p. il. br. 10$. (9/41). **Distr. Z. Valverde.**

BOITEAUX (Lucas Alexandre). — A Escola Naval. (Seu histórico). 1761-1937. 1.ª parte. Da fundação à maioridade de D. Pedro II (16/23). 228 p. il. br. 20$. (1940-1/41). **Imp. Naval.**

BOITEUX (Cap. Nelson D.). — Caderneta de campanha do capitão. Infantaria. (12/16). 348 p. il. br. 12$. (12/41). **H. Velho.**

CAMARGO (Durval de). — Manual básico de aeronautica. 1.º vol. Teoria geral do avião e do vôo. Pref. João Ribeiro de Barros. (14/20). 195 p. il. br. 12$. (2.ª ed. 9/41). — 2.º vol. Teoria do avião e do vôo. (14/20). 203 p. 3 pranchas, il. br. 12$. (12/41). **Antunes.**

CARNEIRO (Davi). — O Paraná na guerra do Paraguai. Pref. Romário Martins. Bibl. Militar, 29. (16/23). 239 p. il. br. 6$500. (1940-1/41). **Distr. Z. Valverde.**

DUPONT (Marcel). — A guarda morre... Trad. Otávio Murger de Rezende. Bibl. Militar, 39. (17/24). 191 p. br. 6$500. (4/41). **Distr. Z. Valverde.**

DUVAL (General). — Lições da guerra da Espanha. Pref. Gen. Weygand. Trad. Cap. Frederico Trotta. Bibl. Militar, 45. (17/24). 123 p. br. 6$500. (9/41). **Distr. Z. Valverde.**

FIGUEIREDO (Ten. Cel. Lima). — Um ano de observação no Extremo Oriente. Bibl. Militar, 46-47. (17/24). 357 p. 7 mapas, il. br. 5$. (11/41). **Distr. Z. Valverde.**

FORTES (Gen. João Boreges). — Rio Grande de São Pedro. (Povoamento e conquista). Bibl. Militar, 37. (17/24). 179 p. br. 6$500. (1/41). **Distr. Z. Valverde.**

GAULLE (Gen. Charles de). — E a França teria vencido! Trad. e pref. Urbano C. Berquó. (13/19). 249 p. br. 12$. (6/41). **José Olympio.**

GOYCOCHEA (Castilho). — O espírito militar na questão acreana. (Ensaio). — Bibl. Militar, 38. (17/24). 125 p. 2 mapas, br. 6$500. (4/41). **Distr. Z. Valverde.**

INGERSOLL (Ralph). — A Inglaterra sob os bombardeios aéreos. Trad. A. C. Callado e Tasso da Silveira. (14/20). 349 p. il. br. 15$. (6/41). **José Olympio.**

LESKE (Gottfritd). — Eu fui um piloto Nazi. Pref. Curt Riess. Trad. (14/19). 222 p. br. 12$. (12/41-1942). **Ed. Meridiano.**

LIMA (A. M. Buarque de). — Navalismo contemporaneo. (13/19). 191 p. br. 6$. (1/41). **Distr. Getulio Costa.**

LIVRO texto para o corpo do pessoal subalterno. Guia de formação marinheira. Ministério da Marinha. Diretoria do Ensino Naval. (16/23). 143 p. il. br. 8$. (8/41). **Imp. Naval.**

LORETO (Aliatar). — Vidas heroicas... Vidas gloriosas. Il. Alberto Lima. (17/24). 157 p. br. 8$. (7/41). **Distr. Coelho Branco.**

MACHADO (Ten. Juracy de Assis). — Tu e o serviço militar. (13/19). 183 p. br. 5$. (5/41). **Globo.**

MINISTÉRIO da Guerra. — N.º 2. Regulamento de administração do Exército. Anexos I e II. (Retificados). (16/23). 222 p. br. 3$. (12/41). **Imp. Militar.**

MINISTÉRIO da Guerra. — N.º 9. Regulamento para os exércitos e o combate da cavalaria. 1.ª parte, 2.º vol. Titulo VI (Anexo). Metralhadores e engenhos. (12/16). 135 p. il. br. 3$. (12/41). **Imp. Militar.**

SANTIAGO (Ruy). — Guia para a instrução militar na tropa. Pref. Cap. A. Prati de Aguiar. (14/19). 784 p. il. br. 15$. (9.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

SANTOS (Maj. Horacio dos). — Manual de combate a baioneta, luta corporal e box. (14/19). 140 p. il. br. 12$. (1940-1/41). **Jornal Comércio.**

SILVA (Major Alcibiades Tamoyo da). — Exercicios de combate companhia. (Fuzileiros ou metralhadoras). (17/24). 250 p. e mapas, br. 16$. (1940-1/41). **Ed. Autor, Rio.**

SILVA (Alfredo Pretextato Maciel da). — Os generais do Exército Brasileiro de 1822 a 1889. (Traços Biográficos). Bibl. Militar, 31-32. (17/24). 2 vols. 312-515 p. il. br. 13/1 (2.ª ed. 1940-3/41). **Distr. Z. Valverde.**

TEIXEIRA (Paulo Bolivar). — Emprêgo tático das transmissões. (Em apêndice: Envelope com mapas e calcos). Bibl. Militar. (17/23). 309 p. br. 15$. (12/41). **Distr. Z. Valverde.**

TRAVASSOS (Ten. Cel. Mario). — As condições geográficas e o problema militar brasileiro. (Ensaio). Bibl. de A Defesa Nacional. (Separata n.º 51). (16/23). 64 p. br. 6$. (12/41). **Rio.**

TROTTA (Cap. Frederico). — Breviário do recruta de infantaria. (Atualizado). (12/16). 182 p. il. br. 4$. (2.ª ed. 10/41). **Imp. Militar.**

VASCONCELOS (Cap. Genserico). — História militar do Brasil. Pref. Gen. V. Benicio. Bibl. Militar, 48-49. (17/24). 620 p. 10 mapas, br. 20$. (12/41). **Distr. Z. Valverde.**

4-8) FILOSOFIA (Generalidades. Ensino de linguas).

ABREU (J. Capistrano de). — rã-txa-ku-ni-ku-i. A lingua dos Caxinauás do rio Ibuacú, afluente do Murú. (Prefeitura de Tarauacá). C/ 1 estudo de Theodor Grunberg. (17/24). 653 p. br. 60$. (2.ª ed. 10/41). **Briguiet.**

ABREU (Modesto de). — Correção de textos. Para uso dos candidatos a exames e concursos. (14/19). 233 p. cart. 12$. (2.ª ed. 4/41). **Pongetti.**

ABREU (Modesto de). — Idioma pátrio. 5.ª série. (14/20). 410 p. cart. 15$. (3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

AGUIRRE (José). — Análise léxico-sintática simbológica com gramática comentada e antologia. (17/2424). 383 p. il. cart. 15$. (6/41). **Ed. Autor, Rio.**

AHN (F.). — Novo método prático e fácil para aprender a lingua francesa. Adaptado ao uso dos brasileiros por Francisco de Oliveira. (12/18). 176 p. cart. 3$500. (52.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

AHN (F.). — Novo método prático e fácil para aprender a lingua inglesa. Adaptado ao uso dos brasileiros por F. de Oliveira. (12/18). 176 p. cart. 3$500. (31.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

ALMEIDA (Napoleão Mendes de). — Crase, colocação dos pronomes obliquos, infinito pessoal. (13/19). 67 p. 1 prancha, br. 5$. (5/41). **Saraiva.**

ANDRADE (Tales de). — Trabalho. 2.º livro de leitura. (14/20). 208 p. il. cart. 5$500. (22.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (A. da Silva D'). — Humanitas. Seleta humanistica latina. Trad. Literalmente em português pelo Visconde D'Aljustrel. (14/21). 229 p. br. 15$. (12/41). **Ed. Anchieta.**

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Leituras morais. O bom colegial. 3.º ano. Rev. pref. e atualizado por Ligia de Moura Santos. (14/19). 188 p. il. cart. 4$500. (26.ª ed. 1/41). **Livr. Alves.**

BARRETO (Fausto). LAET (Carlos de). — Antologia nacional ou Coleção de excertos dos principais escritores da lingua portuguesa do 20.º ao 16.º século. (13/19). 557 p. cart. 7$. (23.ª ed. 3/41). **Livr. Alves.**

BAUMANN (Walter). — English lessons. First book. Direct method. Pref. Carlos Ramos. (14/19). 128 p. il. cart. 8$. (4.ª ed. 3/41). **Jacintho.**

BERGO (Vittorio). — Erros e duvidas de linguagem. Disposto em ordem alfabética. (17/24). 262 p. cart. 14$. (2.ª ed. 6/41). **Freitas Bastos.**

BINNS (Harold Howard). — The direct method for beginners with grammar. (14/20). 141 p. il. cart. 9$. (3.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional**

BINNS (Harold Howard). — From talks and stories of daily life to grammar with question & answers. (14/20). 235 p. cart. 10$. (5.ª ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BINNS (Harold Howard). — King's english. 2.º livro, 3.º ano ginasial. (14/20). 134 p. cart. 10$. (Nova ed. 3/41). — 3.º livro, 4.º ano ginasial. (14/20). 170 p. cart. 10$. (2.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BINNS (Harold Howard). — Lições de inglês. (Para o curso comercial). 1.º livro. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 26. (14/20). 151 p. cart. 8$. (6.ª ed. 3/41). — 2.º livro. Bibl. E. C. E., 27. (14/20). 171 p. cart. 8$. (6.ª ed. 3/41). — 3.º livro. Bibl. E. C. E., 28. (14/20). 140 p. cart. 8$. (4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BRAGA (Erasmo). — Leitura I. 2.º ano escolar. Pref. Lourenço Filho. (14/18). 187 p. il. cart. 3$. (148.ª ed. 7/41). **Ed. Melhoramentos.**

BRAGA (Ismael Gomes). — Guia de conversação português-esperanto e correspondência comercial. (12/16). 157 p. br. 4$. (12/41). **Fed. Espirita.**

BRANDÃO (Claudio). — Antologia contemporânea. (13/19). 496 p. cart. 9$. (11.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

BRUNO (Aníbal). — Língua portuguesa. 1.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 9. (14/20). 250 p. cart. 10$. (6.ª ed. 3/41). (7.ª ed. 4/41). — 2.ª série ginasial. Bibl. E. B., 7. (14/20). 295 p. cart. 12$. (6.ª ed. 12/41). — 4.ª série ginasial. Bibl. E. C., 13. (14/20). 262 p. cart. 10$. (2.ª ed. 3/41). — 5.ª série ginasial Bibl. E. B., 14. (14/20). 263 p. cart. 12$. (4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BUCHDID (Alfredo). — Fabulições. (Lições em fábulas). Pref. Bucio Filho. (14/19). 123 p. il. cart. 10$. (5/41). **Gr. Apolo, Rio.**

BUENO (Silveira). — Páginas floridas. 1.ª série. (14/20). 328 p. cart. 10$. (6.ª ed. 3/41). — 4.ª série. (14/20). 458 p. cart. 15$. (3.ª ed. 4/41). **Saraiva.**

CAMARA JR. (Joaquim Mattoso). — Principios de linguística geral com fundamento para os estudos superiores da lingua portuguesa. Pref. Sousa da Silveira. (13/19). 269 p. br. 20$. (12/41). **Briguit.**

CAMPINHOS (N. J. Barroso). — Lições de lingua pátria. 1.ª e 2.ª séries ginasiais. (14/20). 565 p. il. cart. 12$. (2.ª ed. 1940-1/41). **Ed. Record.**

CAMPOS, JR. (J. L.). — Como se aprende inglês. (How to learn english). 2.ª, 3.ª e 4.ª séries. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 19. (14/20). 301 p. cart. 12$. (6.ª ed. 2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Felisberto de). — Segundo Livro de Leitura. Des. e refundido por Epaminondas de Carvalho. (14/20). 186 p. cart. 3$500. (100.ª ed. 3/41). (101.ª ed. 11/41). **Livr. Alves.**

CARVALHO (José Mesquita de). — Gramática e antologia latina. (14/19). 287 p. cart. 10$. (2.ª ed. 12/41). **Globo.**

CARVALHO (José Mesquita de). — Português. 3.ª série. Col. Artigo 100. (12/16). 144 p. br. 5$. (6/41). **Globo.**

CASTRO (Eugenio de). — Ensaios de geografia linguística. B. P. B. s. 5.ª Brasiliana, 201. (13/19). 349 p. br. 20$. (2.ª ed. 6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CORREIA (Jonas). — Estudos de português. (Ortografia e pontuação). (13/19). 218 p. br. 10$. (2.ª ed. 5/41). **José Olympio.**

COUTINHO (Ismael de Lima). — Pontos de gramática histórica. (14/20). 348 p. cart. 16$. (2.ª ed. 1/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CRUZ (Estevão). — Programa e latim. Antologia, subsídios históricos e gramaticais. (14/19). 384 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 12/41). **Globo.**

CRUZ (Estevão). — Programa de vernaculo, 5.ª série. (14/19). 655 p. il. cart. 15$. (3.ª ed. 3/41). **Globo.**

CRUZ (José Marques da). — Português prático. (Curso Completo). (14/19). 472 p. cart. 15$. (11.ª ed. 7/41). — 3.ª série curso secundário. (14/19). 316 p. cart. 10$. (3/41). — 4.ª série curso secundário. (14/19). 212 p. cart. 10$. (3/41). — 5.ª série curso secundário. (14/19). 369 p. cart. 12$. (3/41). **Ed. Melhoramentos.**

DUPONT (Margaret). — Toto et son maitre. (14/19). 110 p. il. cart. 8$. (2.ª ed. 3/41). **Pongetti.**

ELIA (Hamilton), ELIA (Silvio). — 100 textos errados e corrigidos. (14/19). 94 p. br. 7$. (2.ª ed. 4/41) — 3.ª ed. 12/41). **Distr. Antunes.**

ENGLISH direct method. First book. Série Didática Brasileira. (13/19). 152 p. cart. 9$. (11.ª ed. 3/41). **J. R. Oliveira.**

FARIA (Ernesto). — O latim e a cultura contemporânea. (14/18). 258 p. br. 18$. (10/41). **Briguiet.**

FARIA (Ernesto). — O latim pelos textos. (14/19). 408 p. il. cart. 15$. (2.ª ed. 3/41). **Briguiet.**

FARIA NETO (F.). — Coração brasileiro. (14/19). 192 p. il. cart. 4$. (1940-1/41). **Livr. Alves.**

FARIA NETO (F.). — Pirulito. 2.ª livro. Série Coração Brasileiro. (14/20). 129 p. il. cart. 4$. (4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

FERREIRA (Tito Livio). — Deuxième livre de français. Méthode directe et intuitive. (14/20). 150 p. il. cart. 7$. (1/41). **Cia. Ed. Nacional.**

FIRMINO (Nicolau). — Tradução literal da Eneida de Virgilio. Tomo 1.º. (Livros I, II e III). (13/19). 358 p. br. 12$. (9/41). **Livr. Lusitania.**

FLEURY (Renato Sêneca). — Vamos ler? (2.º livro de Leitura). (13/20). 156 p. il. cart. 4$500. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

FONSECA (Orlando), MORAIS (D. de Vilhena). — Língua latina. Trechos escolhidos. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 58. (14/20). 187 p. cart. 7$. (4.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Companheiros. (História de uma cooperativa escolar). Leitura 4.º ano primário. Série Pindorama. (14/19). 180 p. il. cart. 5$. (3/41). **N. Fontes.**

FONTES (Didia Machado), PINTO (Diva Alvares), HULL (Melissa Stodart), FRANCO (Christiana Augusto), SERPA (Oswaldo), REIS (Otelo Sousa). — English direct method. First book. Série Didática Brasileira. (13/19). 152 p. cart. 9$. (11.ª ed. 11/41). **J. R. Oliveira.**

FONTES (Didia Machado), HULL (Melissa Stodart), SERPA (Oswaldo), REIS (Othelo). — Science reader. (14/19). 363 p. cart. 12$. (3.ª ed. 4/41). **Livr. Alves.**

FREITAS (Gaspar de). — Exercicios de gramática e modelos de análise. (12/16). 128 p. cart. 3$. (6.ª ed. 2/41). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de gramática portuguesa. Exame de admissão. (12/16). 154 p. cart. 4$. (144ª mª 2/41). (16.ª ed. 4/41). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Paulo de). — O nosso idioma. Antologia e gramática aplicada. 1.ª parte, Morfologia. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 51. (14/20). 350 p. cart. 10$. (11.ª ed. 1/41). — O nosso idioma. Curso elementar. B. P. B. s. 2.ª Livros Didáticos, 57. (14/20). 168 p. il. cart. 6$. (8.ª ed. 11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Questões de linguagem e trechos para corrigir. (12/19). 193 p. br. 1$. (2.ª ed. 10/41). **Antunes.**

JAQUIER (L.), MUNZINGER (M.). — Méthode directe de français. Français 1ère. année. Dessins de M. Munzinger. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 90. (14/20). 237 p. cart. 10$. (3.ª ed. 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

JAQUIER (L.). — Méthode directe de français. 3ème. année. Dessins de M. Munzinger. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 103. (14/20). 189 p. cart. 9$. (1/41). **Cia. Ed. Nacional.**

KLINGER (Jeneral). — Sírculo Osbriano. Um ano de ortografia simplificada brazileira. Opúsculo 3.º. (17/24). 126 p. br. 7$. (10/41). **Cia. Ed. Americana.**

LANTEUIL (Henri de). — O exame de latim. 4.ª e 5.ª séries. (14/20). 139 p. cart. 8$. (5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LANTEUIL (Henri de). — Francês comercial. 1.º ano. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 10. (14/20). 138 p. il. cart. 8$. (6.ª ed. 9/41). — 2.º ano propedêutico. Bibl. E. C. E., 11. (14/20). 220 p. il. cart. 9$. (4.ª ed. 1/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LANTEUIL (Henri de). — Mon premier livre. Méthode inductive. Il. F. Acquarone. (13/18). 231 p. cart. 7$. (6.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

LANTEUIL (Henri de). — Mon deuxième livre. Méthode intuitive. Des. de F. Acquarone. (13/18). 255 p. cart. 8$. (3.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

LANTEUIL (Henri de). — Textos franceses. Explicados e ils. para a mocidade católica. Curso ginasial, 3.º e 4.º ano. Col. Dom Bosco, 6. (4.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LEAL (A. de Sousa). — Analisemos... II vol. Análise lógica. (14/20). 316 p. cart. 12$. (6/41). **Saraiva.**

LEAL (Marius Lobo). — De latinorum sermonis pronuntiatione. (Rudimenta). (14/19). 21 p. br. 3$. (1939-1/41). **Gr. Sauer, Rio.**

LIEUTAUD (Casimir). — Tratado completo da conjugação dos verbos franceses regulares e irregulares. (15/23). 207 p. cart. 7$. (18.ª ed. 4/41). **Livr. Alves.**

LIMA (Hildebrando de). — Nosso Brasil. 1.º grau primário. (12/20). 122 p. il. cart. 4$. (9.ª ed. 10/41). — 2.º grau primário. (14/20). 173 p. il. cart. 4$500. (11.ª ed. 3/41 — 12.ª, 13.ª, 14.ª, e 15.ª ed. 7/41). — 3.º grau primário. (14/20). 201 p. il. cart. 5$. (22.ª ed. 4/41 — 23.ª a 32.ª ed. 11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOPES (Elcias), VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Leçons de français. (Méthode directe). Première année. (13/19). 142 p. cart. 4$. (2.ª ed. 3/41). **Livr. Alves.**

MACHADO FILHO (Aires da Mata). — Problemas da língua. (13/19). 228 p. br. 10$. (2/41). **Livr. Rex, B. Horizonte.**

MAIA (Fausto). — A redação oficial nos concursos do D. A. S. P. (14/18). 71 p. br. 5$. (9/41). **Batista de Souza.**

MARINS (Alvaro). — Primeiras letras. Cartilha prática. 350 des. por Seth. (17/24). 40 p. cart. 2$. (12.ª ed. 8/41). **Ind. do Livro.**

MONTEIRO (Clóvis). — Nova antologia brasileira ou Curso da língua vernácula. (14/19). 484 p. il. cart. 13$. (7.ª ed. 4/41). **Briguiet.**

MORAIS (Teodoro de). — Sei ler. 1.º livro de leitura. (14/20). 154 p. il. cart. 4$. (39.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MOTA (Otoniel). — Lições de português. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 3. (14/20). 359 p. cart. 15$. (9.ª ed. 11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

NASCENTES (Antenor). — O idioma nacional — B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 78. (14/20). 312 p. cart. 12$. (2.ª ed. 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

NASCENTES (Antenor). — Ligeiras notas sobre redação oficial. (13/19). 87 p. br. 6$. (5.ª ed. 10/41). **Livr. Alves.**

NASCENTES (Antenor). — A ortografia simplificada ao alcance de todos. (13/19). 174 p. br. 7$. (3.ª ed. 6/41). **Civilização.**

NOGUEIRA (Julio). — Programa de português de 1.ª e 2.ª séries. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 82. (14/20). 342 p. il. cart. 12$. (5.ª ed. 1/41 — 6.ª e 7.ª ed. 12/41-1942, 14$.). — 4.ª série secundária. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 105. (14/20). 253 p. cart. 13$. (3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

NUNES (José de Sá). — Língua vernácula. Gramática e antologia. 1.ª e 2.ª série. (14/19). 444 p. cart. 10$. (5.ª ed. 12/41). **Globo.**

ORMOND (Domingos C.). — Lições práticas de pontuação. Formuladas de acordo com o programa do Depart. Educação dos Serviços Hollerith. (28/18). 66 p. br. 10$. (11/41). **Hollerith, Rio.**

PEIXOTO (Almir Câmara de Matos). — Novos rumos em fisologia. Imprestabilidade dos velhos quadros. (17/24). 188 p. br. 15$. (11/41-1942). **Distr. Z. Velverde.**

PENA (Maria Salomé). — Vida escolar. Leitura 3.º e 4.º ano. (14/20). 137 p. il. cart. 4$500. (2.ª ed. 2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PEREIRA (Eduardo Carlos). — Gramática expositiva. Curso superior. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 5. (14/20). 419 p. cart. 13$. (57.ª ed. 7/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PETER (José Ladislau). — Gramática latina. Remodelada rev. e aumentada por Marques da Cruz. (14/19). 302 p. il. cart. 8$. (22.ª ed. 4/41). **Ed. Melhoramentos.**

POWER (Mary). — 75 Aulas práticas da língua inglesa. Pref. Affonso Varzea, Branca Fialho e Francisco Venancio. (17/24). 167 p. br. 12$. (4.ª ed. 9/41). **Alba.**

PRADO (Francisco de Almeida). — O emprego do H, do S e do Z na ortografia oficial. Acentuação gráfica. (13/19). 26 p. br. 1$500. (11/41). **Rev. Tribunais.**

RABELO (Célia). — Os três amigos. Leitura intermediária. 1.º ano. Il. de Buth. (14/21). 82 p. 32 folhas (em apendice). cart. 4$500. (8.ª ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

RAEDERS (Georges), MORAIS Domingos de Vilhena de). — La littérature française par les textes et explication. (14/20). 602 p. il. cart. 20$. (3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

REIS (Morel Marcondes). — Brasil novo, 1.º Leitura para o curso vocacional das escolas profissionais. (14/20). 170 p. il. cart. 6$. (2/41). — 2.º (14/20). 185 p. il. cart. 7$. (2/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

REIS (Othelo). — Breviário da conjugação dos verbos da língua portuguesa. (12/16). 195 p. cart. 5$. (13.ª ed. 4/41). **Livr. Alves.**

REIS (Othelo). — Textos para corrigir. (12/16). 152 p. cart. 5$. (11.ª ed. 10/41). **Livr. Alves.**

REIS (Othelo), SERPA (Oswaldo). — Medical english. A selection from scientific literature. (12/19). 276 p. br. 12$. (4.ª ed. 5/41). **Livr. Alves.**

RIALVA (Rita Amil de). — O clube dos sete amigos. Leitura para o 3.º ano primário. (14/19). 142 p. il. cart. 5$. (2.ª ed. 12/41). **Briguiet.**

RIALVA (Rita Amil de). — Na fazenda de Santa Margarida. Leitura. 5.º ano primário. (14/19). 190 p. il. cart. 6$. (3/41). **Briguiet.**

RIBEIRO (João). — Gramática da infância. Gramática portuguesa. Curso primário. 1.º ano de português. (13/19). 133 p. cart. 2$. (97.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

RICCHETTI (Henrique). — Infância. 2.º livro. (14/20). 173 p. il. cart. 4$. (86.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

RIGO (Raul Reinaldo), MOSER (Armin). — 45 lições de alemão sem mestre. (16/12). 95 p. cart. 5$. (10/41). **Antunes.**

RUBBIANI (Ferruccio). — Vamos aprender o italiano. (17/24). 179 p. br. 10$. (10/41). **Inst. Italo Brasileiro, S. Paulo.**

SANTOS (Daltro). — Fundamentação da grafia simplificada. Bibl. Militar, 44. (17/24). 367 p. br. 15$. (2.ª ed. 9/41). **Distr. Z. Valverde.**

SANTOS (Máximo de Moura). — O pequeno escolar. 1.º livro. (14/20). 92 p. il. cart. 3$500. (4.ª ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SCHNELLER, S. J. (Pe. Max). — Leituras latinas. Col. S. J. (14/19). 143 p. cart. 6$. (3.ª ed. 1940-1/41). **Globo.**

SERPA (Oswaldo). — Português para estrangeiros. Linguagem brasileira. 1.º vol. Pref. Abgar Renault. Il. A. Espinheira. (16/23). 120 p. enc. 16$. (11/41). **Livr. Alves.**

SERPA (Oswaldo), SILVA (Machado da). — A B C direct method. Il. A. Espinheira. (16/23). 55 p. br. 6$. — Caderno: Exercice-book. (23/16). 18 p. il. br. 1$. (1/41). **Livr. Alves.**

SILVA (Ernesto). — Como aprender a ortografia simplificada. Pref. Lourenço Filho e Jonas Correia. (13/19). 78 p. br. 6$. (3/41). **Alba.**

SPINELLI (Vincenzo). — Morfologia essencial da língua italiana. (Instituto Italo-Brasileiro de Alta Cultura). (14/19). 111 p. br. 5$. (1940-1/41). **S. Paulo.**

SPINELLI (Vicenzo). — Morfologia e sintaxe da língua italiana. (Inst. Italo-Brasileiro de Alta Cultura). (14/19). 135 p. br. 8$. (8/41). **S. Paulo.**

TABORDA (Radagasio). — Crestomatia. Excertos escolhidos em prosa e verso. (14/19). 424 p. il. cart. 8$. (13.ª ed. 12/41). **Globo.**

TORRES (Artur de Almeida). — Compêndio de língua portuguesa. 1.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 94. (14/20). 164 p. cart. 8$. (32.ª ed. 11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

VANZOLINI (C.). — Curso teórico-prático da língua italiana. (14/20). 445 p. cart. 20$. (4.ª ed. 10/41). **Loja Livro Italiano.**

VASCONCELLOS (Nuno Smith de). — English intuitive methode. 1.º vol. 2.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 50. (14/20). 179 p. il. cart. 9$. (7.ª ed. 4/41). — 2º vol. 3.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 67. (14/20). 209 p. il. cart. 10$. (5.ª ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

VIDAL (Valmiro Rodrigues). — Como se escreve pela nova ortografia. (16/23). 40 p. br. 3$. (4/41). **Distr. Z. Valverde.**

VINHOLES (S. Burtin). — Cours de français, 2e. année. (14/19). 378 p. il. cart. 10$. (5.ª ed. 4/41). — Cours de français preparatoire. Premières minutes. (15/22). 77 p. il. cart. 8$. (5/41). **Globo.**

WERNECK (Eug.). — Antologia brasileira. (13/19). 460 p. cart. 7$. (21.ª ed. 3/41). **Livr. Alves.**

ZANINI (Alda Fusealdo). — Ler é bom. Método de sentenciação. Il. João Fahrion. (15/22). 97 p. cart. 6$. (11/41). **Globo.**

B) LITERATURA

B. 1) Generalidades. Bibliografias. História literaria. Ensaios. Crítica. Cartas. Crônicas.

ALBUQUERQUE (Medeiros e). — Polêmicas. Coligidas e anotadas por Paulo de Medeiros e Albuquerque. (13/19). 259 p. br. 10$. (9/41). **Pongetti.**

ALMEIDA JUNIOR (A.). — A embriaguez no teatro de Shakespeare. Separata da Rev. da Faculdade de Direito da Univ. de S. Paulo. Vol. 35, fasc. 1. (16/23). 68 p. il. br. 3$. (1939-12/41). **Distr. Civilização.**

ALVES (Manuel). — Coleção de anedotas curiosas. (13/19). 71 p. br. 3$. (1/41). **Pap. Rio Branco, Rio.**

ASSIS (Machado de). — Pensamento vivo de Machado de Assis. Pref. Hélio Sodré. Col. Nacionalista, 1. (13/19). 61 p. br. 4$. (12/41-1942). **Ed. Curiosidade.**

AZEVEDO (Álvares de). — Noites na taverna. Macário. Introdução de Ergard Cavalheiro. Il. de Di Cavalcanti. Bibl. de Literatura Brasileira, III. (15/25). 216 p. br. 20$. (100 exs. papel vergé nos. 1 a 100, 50$.). (8/41). **Livr. Martins.**

BEVILAQUA (Doris). — Um coração que se cavae. Dezoito de Março. (16/23). 29 p. br. 2$. (3/41). **Borsoi, Rio.**

BORBA (Osorio). — A comedia literaria. Col. Crítica e Ensaio. (14/21). 259 p. br. 10$. (4/41). **Alba.**

CANNABRAVA (Euryalo). — Seis temas do espírito moderno. Col. Estudos e Documentos, 2. (13/19). 231 p. cart. 10$. (7/41). **S. E. Panorama.**

CARRETEL (Chico). — O que é? Pref. Armando Bertoni. (13/19). 63 p. br. 6$. (6/41). **Distr. Getulio Costa.**

CASANOVA DE SEINGALT (Cavaleiro J. J.). — Amores. Trad. pref. e notas de Antonio Lages. Col. Os Grandes Amorosos. (14/19). 246 p. br. 8$. (7/41). **Vecchi.**

CASIMIRO (Fernanda de Bastos). — Cravos brancos. (14/19). 143 p. br. 10$. (6/41). **Distr. Antunes.**

CHAVES (Arlindo). — Identificação estatistica do Autor das "Cartas Chilenas". (13/20). 23 p. il. br. 3$. (19741). **Of. Gr. Estatistica, B. Horizonte.**

CHIACCHIO (Carlos). — Biocrítica. Vol. I. Páginas reunidas. 1.ª série: Esquematica geral. — Bruno Seabra — B. Lopes. Galdino de Castro. (12/19). 115 p. il. br. 6$. (10/41). **Ed. Ala.**

DANTAS (Mercedes). — O nacionalismo de Castro Alves. (13/19). 155 p. il. br. 8$. (4/41). **A Noite.**

DOMINGUES (Octavio). — A concepção hereditária no D. Casmurro. (14/21). 56 p. br. 3$. (2/41) **Distr. Civilização.**

ESTEVES (Albino). — Arvore literária. (Sistemática litero-enciclopédica). Pref. Liberato Bittencourt. (17/24). 94 p. br. 7$. (341). **Ed. Autor, Rio.**

FALCÃO (Luis Annibal). — Colloquios Transatlanticos e outros. (13/19). 164 p. br. 8$. (12/41). **Atlantica Ed.**

FERNANDES (M. Dezonne Pacheco). — Folhas do coração. Pref. Affonso Schmidt. (16/24). 104 p. br. 20$. (12/41). **Elvino Pocai, S. Paulo.**

FIGUEIREDO (Fidelino de). — Aristarchos. Quatro conferencias sobre metodologia da crítica literaria. Precedida de dois estudos de Tristão de Athayde. (16/24). 149 p. il. br. 12$. (2.ª ed. 10/41). **Antunes.**

FIGUEIREDO (Fidelino de). — Literatura portuguesa. (17/24). 331 p. il. cart. 25$. (2/41). **A Noite.**

FIGUEIREDO (Fidelino de). — Ultimas aventuras. (14/19). 301 p. br. 12$. (3/41). **A Noite.**

FLEIUSS (Max). — Recordando. (Casos e perfis). Separata do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro. (17/24). 319 p. br. 12$. (5/41). **Distr. Z. Valverde.**

FREITAS JUNIOR (Octavio de). — Ensaios de crítica de poesia. Pref. Gilberto Freyre. (14/19). 168 p. br. 12$. (11/42). **Distr. Civilização.**

FREYRE (Gilberto). — Atualidade de Euclydes da Cunha. Conferencia. (12/16). 59 p. br. 4$. (1/41). **José Olympio.**

FRIEIRO (Eduardo). — A ilusão literária. (13/19). 223 p. br. 10$. (2.ª ed. 8/41). **Paulo Bluhm.**

FRIEIRO (Eduardo). — Os livros nossos amigos. Col. Os Nossos, 3. (13/19). 141 p. br. 6$. (5/41). **Paulo Bluhm.**

GUIMARÃES (Argeu). — Antero em Roma. (13/19). 144 p. br. 7$. (8/41). **J. Leite.**

GUIMARÃES (Argeu). — Pedro II na Escandinavia e na Russia. (13/20). 140 p. 28 grav. br. 10$. (6/41). **J. Leite.**

GUIMARÃES (Ulysses Silveira). — Tentativa. (Prêmio Academia de S. Paulo). Col. XI de Agosto, 12. (13/19). 221 p. br. 8$. (1/41). **Rev. Tribunais.**

HORACIO. — Obras completas. Trad. Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antonio Luiz de Seabra e Francisco Antonio Picot. Pref. José Pérez. Série Clássica, Os Mestres do Pensamento, 15. (11/18). 319 p. br. 18$. (12/41). **Ed. Cultura.**

LAMARTINE. — Goethe. Com conceitos de Saint Beuve sobre Lamartine. Trad. Col. Grandes Assuntos, 1. (13/19). 69 p. br. 4$. (12/41-1942). **Ed. Curiosidade.**

LAMENZA (Mario). — Proverbios. Pref. Sylvio Alves. (14/19). 237 p. br. 8$. (Nova ed. 4/41). **Antunes.**

LEITE (Armando Más). — Itinerário. Com palavras preliminares de Tristão de Ataíde e Edgar de Godói da Mata Machado. Col. Os Nossos, 4. (12/19). 125 p. br. 6$. (8/41). **Paulo Bluhm.**

LEITE (Francisco). — No reino dos pinheirais. Conferencia. (14/19). 61 p. il. br. 5$. (8/41). **Gr. Sauer, Rio.**

LIMA (Alceu Amoroso). — (Tristão de Ataíde). — Poesia brasileira contemporânea. Col. Os Nossos, 6. (12/19). 171 p. br. 8$. (12/41). **Paulo Bluhm.**

LIMA (Alceu Amoroso). (Tristão de Ataíde). — Três ensaios sobre Machado de Assis. Col. Os Nossos, 1. (13/19). 94 p. br. 4$. (5/41). **Paulo Bluhm.**

LINS (Alvaro). — Jornal de Crítica. 1.ª série. (13/19). 370 p. br. 7$. (11/41). **José Olympio.**

LUSO (João). (Armando Erse). — Assim falou Polidoro. (13/19). 205 p. br. 6$. (2/41). **Ed. Americana.**

MACY (John). — História da literatura mundial. Trad. Monteiro Lobato. Il. Onorio Ruotolo. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 5. (15/22). 435 p. br. 16$. (2.ª ed. 5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MANN (Thomas). — O pensamento vivo de Shopenhauer. Trad. Pedro Ferraz do Amaral. Bibl. do Pensamento Vivo, 6. (12/19). 221 p. cart. 12$. (3/41). **Livr. Martins.**

MARIÚCHA. — Dança das sombras. Pref. Vieira de Melo. (14/20). 174 p. br. 5$. (5/41). **Coelho Branco.**

MAUL (Carlos). — Há um rumor de luta nas catacumbas... Crônicas da atualidade brasileira. (17/24). 198 p. br. 20$. (3/41). **Z. Valverde.**

MAURIAC (François). — O pensamento vivo de Pascal. Trad. Sergio Milliet. Bibl. do Pensamento Vivo, 9. (12/18). 187 p. cart. 12$. (13/41). **Livr. Martins.**

MEDEIROS (Mauricio de). — Folhas sêcas. (Comentários e reflexões...). (13/19). 350 p. br. 10$. (7/41). **José Olympio.**

MENDES (Emilio). — Repto ao modernismo. (12/18). 41 p. br. 1$500. (3/41). **Ed. Autor, Rio.**

MENDES (Oscar). — Papini, Piradello e outros. Col. Os Nossos, 5. (13/19). 155 p. br. 7$. (9/41). **Paulo Bluhm.**

MILLIET (Sergio). — O sal da heresia. (Novos ensaios de literatura e arte). (16/23). 138 p. br. 3$. (8/41). **Distr. Z. Valverde.**

MISCELANEA de estudos em honra de Antenor Nascentes. (18/27). 135 p. br. 10$. (12/41). **Distr. Civilização.**

MURAD (Jorge). — Salomão a varejo. (14/19). 159 p. br. 6$. (7/41). **Distr. Atlantida, Rio.**

PASSOS (Alexandre). — Letras Baianas. (13/19). 27 p. br. 3$. (11/41). **Pongetti.**

PEIXOTO (Afrânio). — Martim Soares Moreno. Nota à "Iracema". Col. Os Nossos, 7. (12/19). 91 p. br. 5$. (9/41). **Paulo Bluhm.**

PEIXOTO (Silveira). — Falam os escritores. 2.ª série. Pref. Monteiro Lobato. Il. de Belmonte, Eloá e Quirino. (14/19). 360 p. br. 12$. (10/41). **Guaira.**

PENNAFORT (Onestaldo de). — Shakespeare & Camões. (17/24). 10 p. br. 2$500. (6/41). **Borsoi, Rio.**

PERETTI (João). — Barleu e outros ensaios criticos. (16/23). 153 p. br. 10$. (6/41). **Jornal Comércio, Recife.**

PINTO (Wladimir). — Folhas do outono. (13/19). 215 p. br. 10$. (1/41). **Rev. Tribunais.**

POMPEIA (Raul). — O Atheneu. (Crônica de saudades). Des. do Autor. (13/19). 274 p. br. 8$. (6.ª ed. 6/41). **Livr. Alves.**

PROENÇA (Edgar). — Gravetos... Pref. Menotti Del Picchia. (13/19). 223 p. br. 8$. (10/41). **Ed. Anchieta.**

RABELO (Maróquinha Jacobina). — Cartas às moças. (14/19). 159 p. il. br. 15$. (12/41). **Gr. Laemmert, Rio.**

RIBEIRO (Walter Fontenelle). — O tocador de realejo. (13/19). 269 p. br. 10$. (9/41). **Ed. Anchieta.**

ROSSI (Edmundo). — Retorno à vida. (Ensaios). (14/20). 214 p. br. 12$. (12/41). **Ed. Anchieta.**

SANDOVAL (Marcos). (Nilo da Costa). — Aguarelas e carvões. Pref. Gondim da Fonseca. (13/19). 112 p. br. 6$. (19410-1/41). **Ed. Alba.**

SANTOS (Florencio). — Poeira da vida. (Crônicas de ontem e de hoje). (14/19). 111 p. br. 6$. (6/41). **Ed. Orion.**

SETUBAL (Paulo). — El-Dorado. Il. J. Wasth Rodrigues. Obras Completas, 9. (12/15). 281 p. br. 9$. (Nova ed. 1/41). **Carlos Pereira.**

SFORZA (Conde Carlo). — O pensamento vivo de Maquiavel. Trad. Rubens Gomes de Sousa. Bibl. do Pensamento Vivo, 8. (12/18). 209 p. cart. 12$. (5/41). **Livr. Martins.**

SOARES (Teixeira). — A mensagem de Graça Aranha. (13/19). 72 p. br. 5$. (11/41). **Fundação Graça Aranha.**

STERN (Léopold). — Psychologie de l'amour contemporain. (13/19). 219 p. br. 15$. (87.ª ed. 6/41). **Franco-Brasileira.**

STERN (Léopold). — Psicologia do amor contemporâneo. Pref. Marcel Prévost e Paul Géraldy. Trad. E. Liger-Belair. (13/19). 212 p. br. 12$. (5/41). **Franco-Brasileira.**

TERRA (Felicio). (Nuno de Andrade). — Imagens. (13/19). 187 p. br. 6$. (12/41). **Emiel Ed.**

VIEIRA (Celso). — Estudos e orações. (Trabalhos da Presidencia de 1940). (13/19). 285 p. br. 7$. (3/41). **Academia Brasileira.**

VIGIL (Constâncio C.). — Terra virgem. (El Erial). Trad. e pref. de Eruardo Tourinho. (12/18). 364 p. br. 10$. (3/41). **Ed. Melhoramentos.**

YUTANG (Lin). — Com amor e ironia. (With Love and Irony). Pref. Pearl S. Buck. Ils de Kurt Wiese. Trad. Carlos Domingues. (14/20). 352 p. br. 15$. enc. 20$. (12/41). **Pongetti.**

ZWEIG (Arnold). — O pensamento vivo de Spinoza. Trad. Gastão Pereira da Silva. Col. Pensamento Vivo, 7. (12/18). 165 p. cart. 12$. (3/41). **Livr. Martins.**

B. 2) TEXTOS DE ESTUDOS (Literatura Antiga e Moderna).

AMARAL (Prudêncio), MELO (José Rodrigues). Geórgicas brasileiras. (Cantos sobre coisas rusticas do Brasil). (1871). Versão em linguagem de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis. Bibliografia e notas de Regina Pirajá da Silva. (Publ. da Academia Brasileira de Letras. (17/24). 395 p. il. br. 36$. (6/41). **Distr. Briguiet.**

CASASSANTA (Mario). — Notas de Raul Soares à gramática de João Ribeiro. Col. Os Nossos, 2. (13/19). 91 p. br. 4$. (5/41). **Paulo Bluhm.**

CESAR. — Comentários. (De bello Gallico). Trad. Francisco Sotero dos Reis. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura. Os Mestres do Pensamento, 8. (11/18). 327 p. br. 16$. (4/41). **Ed. Cultura.**

CHEDIAK (Antonio J.). — Mobilidade do léxico de Carlos de Laet. (17/24). 101 p. br. 10$. (5/41). **Gr. Laemmert, Rio.**

FALCO (Vittorio de), COIMBRA (Aluizio de Faria). — Os elegíacos gregos de Calino a Crates. Com texto crítico. Trad. em versos portugueses e notas. I. (13/19). 291 p. br. 25$. (12/41). **Distr. Civilização.**

LEONI (G. D.). — Bosquejo histórico da literatura italiana. (14/20). 113 p. br. 10$. (7/41). **Loja Livro Italiano, S. Paulo.**

B. 3) POESIA

ALBUQUERQUE (José de). — Versos. (14/19). 63 p. br. 6$. (3/41). **Jornal Brasil.**

ALMEIDA (Alberto Rebêlo de). — Zagal. (14/19). 128 p. br. 10$. (5/41). **Velle & Lauro, Rio.**

ALMEIDA (Guilherme de). — Cartas do meu amor. Des. de Noemia. (12/19). 93 p. br. 12$. (12/41). **Livr. Martins.**

ALMEIDA (Guilherme de). — Messidor. Nós. A dança da horas. Suave Colheita. (13/19). 207 p. br. 10$. (4.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ALVES (Castro). — A cachoeira de Paulo Affonso. Os escravos. Nota biografica e rev. de Bandeira Duarte. (13/19). 223 p. br. 6$. (Nova ed. 5/41). **Z. Valverde.**

ANDRADE (Mario de). — Poesias. (14/20). 286 p. br. 12$. (11/41). **Livr. Martins.**

ANJOS (Augusto dos). — Eu e outras poesias. Com um estudo sobre o poeta por Antonio Torres. (13/19). 271 p. br. 8$. (9.ª ed. 3/41). **Bedeschi.**

ARAUJO (Murillo). — A escadaria acêsa. (14/19). 140 p. br. 6$. (12/41). **Civilização.**

BARBOSA (Mario de Lima). — Minha terra nos meus olhos... (14/19). 40 p. br. 5$. (12/41). **Gr. Sauer, Rio.**

BARROS (Tito de). — Versos. (12/16). 127 p. br. 5$. (12/41). **Gr. Milone, Rio.**

BARTOLOTA (José). — Ariel. (13/19). 92 p. br. (9/41). **Ed. Grifo, B. Horizonte.**

BENECKE (Violeta Odete). — Brasil. (19/24). 16 p. br. 3$. (1/41). **C. Mendes Junior.**

CAMARGO (Maria). — Extase. (13/19). 20 p. br. 5$. (6/41). **Ed. Orion.**

CAMÕES (Luiz de). — Os Luziadas. Ed. escolar comentada por Otoniel Mota. (15/21). 401 p. il. cart. 12$. (5.ª ed. 12/41). **Ed. Melhoramentos.**

CARDOSO (Lucio). — Poesias. (14/19). 102 p. br. 10$. (3/41). **José Olympio.**

CHAOÛL (Elóra Possólo). — Mal Divino. (13/19). 90 p. br. 6$. (8/41). **Ed. Orion.**

CLARO (João). — Santo Antonio de Lisboa. Pref. Afranio Peixoto. (13/19). 95 p. br. 5?. (6/41). **Ed. Autor, Rio.**

CLULOW (Carlos Alberto). — San Jorge y la estrella. (15/20). 29 p. br. (3/41). **Pongetti.**

COLOMBINA. (Yde Schlönbach Blumenschen). — Sândalo. (14/20). 153 p. cart. 15$. (12/41). **Ed. Autora, S. Paulo.**

CONDE (Herminia). — Retalhos d'alma... (13/19). 175 p. br. 8$. (1940-3/41). **Pongetti.**

CORRÊA JUNIOR. — Poemas minusculos. (16/16). 54 p. il. br. 5$. (12/41). **José Olympio.**

CRUZ (João Caludino de Oliveira e). — Anseios... (14/19). 72 p. br. 6$. (6/41). **Gr. Labor.**

DELFINO (Luiz). — O Cristo e a adultera. (13/19). 166 p. br. (6/41). **Pongetti.**

DELFINO (Luiz). — Imortalidade. Livro de Helena. Vol. I. (13/19). 269 p. br. 8$. (9/41). — Vol. II. (13/19). 257 p. br. 8$. (12/41). **Pongetti.**

DELFINO (Luiz). — Posse absoluta. (13/19). 131 p. br. 6$. (3/41). **Gr. Guarani.**

DUARTE (Maria). — Canticos dos meus Sentidos. Pref. Jorge de Lima. Col. Dom Casmurro. (15/20). 54 p. br. 5$. (6/41). **Alba.**

FONSECA (Affonso Pinto). — Amôr a humanidade. (16/23). 85 p. br. 10$. (9/41). **Ed. Autor, Rio.**

GÉRALDY (Paul). — Eu e você. (Toi et Moi). Trad. Guilherme de Almeida. (14/20). 147 p. br. 10$. (2.ª ed. 6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

GHIARONI (Giuseppe). — O dia da existencia. (13/19). 96 p. br. 6$. (8/41). **Pongetti.**

GUIMARÃES (Freitas). — Ainda... e sempre. (14/19). 382 p. br. 12$. (12/41). **Distr. Civilização.**

HOMERO. — Odisséia. Trad. do grego no metro original por Carlos Alberto Nunes. (15/20). 355 p. cart. 18$. (2/41). **Athena.**

JORGE (J. G. de Araujo). — Cântico do homem prisioneiro e Cântico dos cânticos! Pref. José Queiroz Junior. (13/19). 167 p. br. 8$. (11/41). **José Olympio.**

JORGE (Salomão). — Arabescos. Poesias 1918-1928. Pref. Agripino Grieco. (13/19). 241 p. br. 8$. (3/41). **Pongetti.**

LANTEUIL (Henri de). — Logaritmos. (IX Poemas). (17/24). 15 p. br. (6/41). **Alba.**

LANTEUIL (Henri de). — La poésie brésilienne. 1930-1940. Poèmes choisis e traduits par Henri de Lanteuil. Pref. Olegario Mariano. (17/24). 295 p. br. 25$. (10/41). **Alba.**

LEÃO (Inaura Carneiro). — Sonhos e realidades. Pref. Ilnah Secundino. (14/19). 157 p. br. 6$. (10/41). **Guaira.**

LEVY (Santos). — Coração sangrando. Pref. E. Vitor Visconti. (13/19). 64 p. br. 6$. (10/41). **Pongetti.**

LIMA (Stella Leonardos da Silva). — ...e assim se formou a nossa raça. Pref. Modesto de Abreu. (13/19). 218 p. br. 10$. (12/41). **Borsoi, Rio.**

LISBOA (Henriqueta). — Prisioneira da noite. (13/19). 142 p. br. 10$. (3/41). **Civilização.**

LOBO (Ada Macaggi Bruno). — Ímpeto. Des. de Anita Malfatti. (17/24). 100 p. br. 10$. (12/41). **José Olympio.**

LORENZ (Francisco Valdomiro). — Diverskolora bukedeto. Poemoj kaj poemetoj tradukitaj el 40 lingvoj. Pref. Ismael Gomes Braga. (13/19). 159 p. br. 5$. (5/41). **Fed. Espirita.**

LOUREIRO (Pizarro). — Catedral silenciosa. (14/20). 94 p. br. 5$. (4/41). **Z. Valverde.**

MELLO (Passos de). — Nocturnos. Pref. Onestaldo de Pennafort. (13/19). 100 p. br. 5$. (1/41). **Borsoi, Rio.**

MENDES (Murillo). — O visionario. Poemas. (1930/33). (13/19). 140 p. br. 10$. (11/41). **José Olympio.**

MONTEIRO (Darcy Teixeira). — Emquanto falam três raças... (14/19). 19 p. br. 3$. (2.ª ed. 8/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

MONTEIRO (Vicente do Rego). — Poemas de bolso. (9/16). 55 p. br. (10/41). **Ed. Renovação, Recife.**

MÜLLER (Andrade). — Instantes... Emoções... Il. Thomaz Meszoli de Meszo. (16/23). 72 p. br. 20$. (7/41). **Livr. Victor.**

NAPOLEÃO (Martins). — Caminhos da vida e da morte. (14/19). 126 p. br. 6$. (7/41). **Coed. Brasilica.**

NASCIMENTO (Faustino). — Elogio do amor e da ilusão. (17/24). 94 p. br. 10$. (5/41). **Distr. Civilização.**

PEÇANHA (Arlindo). — Gotas tropicais. (13/19). 81 p. br 5$. (11/41). **Ed. Autor, Rio.**

PICCHIA (Menotti Del). — Poemas. Juca Mulato, As mascaras, Augustia de D. João, Amor de Dulcinéa. Pref. Julio Dantas. (14/20). 158 p. br. 10$. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

RAMOS (Joaquim). — Ascensão. (14/18). 60 p. br. 6$. (4/41). **Ed. Autor, Vitória.**

REIS JUNIOR (Pereira). — Epopéa heróica. (14/19). 47 p. br. 6$. (7/41). **Gr. Milone, Rio.**

REYNAL (Beatrix). — Au fond du coeur. Poemes. (17/22). 112 p. br. 10$. (4/41). **Pongetti.**

RIBEIRO NETO (Oliveira). — Canções das sete côres. (14/20). 115 p. br. 10$. (1/41). **José Olympio.**

RIPOLL (Lila). — Céu vazio. (13/19). 69 p. br. 7$. (8/41). **Globo.**

RODRIGUES (Wilson Woodrow). — A sombra de Deus. (13/19). 75 p. br. 5$. (6/41). **Of. Gr. A Noite.**

ROMA (Oliveira). — Meus versos alheios. (13/19). 55 p. br. 4$. (9/41). **Batista de Souza.**

ROMA (Abelardo). — Vozes da América. Antologia da nova poesia norte-americana. (14/19). 84 p. br. 5$. (10/41). **Guaira.**

SAMPAIO (B.). — Taça vazia. (13/19). 218 p. br. 10$. (2/41). **Distr. Civilização.**

SARAIVA (Simas). — Labaredas. (16/22). 108 p. br. (1940-1/41). **Ala, Bahia.**

SILVA (Fidelcina Carvalho). — Sinfonia da vida. (13/19). 89 p. br. 5$. (3/41). **Ed. Autora, Rio.**

SILVEIRA (Mercedes). — Minha canção. (12/16). 88 p. br. 5$. (2/41). **Clube Vitorias Regias, Rio.**

THADEU (José). — Canções. Poemas. Pref. Ferreira Reis Junior. (12/17). 39 p. br. 5$. (12/41). **Mandarino, Rio.**

VISCONTI (E. Vitor). — Aurora de simbolos. (13/19). 113 p. br. 5$. (12/41). **Pongetti.**

B. 4) TEATRO

BRAGAGLIA (Anton Giulio). — Fóra de cena (Sotto palco). Série de ensaios sobre teatro. Trad. Alvaro Moreyra. (14/23). 173 p. br. 12$. (7/41). **Vecchi.**

CAMARGO (Christovam de). — O principe galante. Peça histórica em 1 prólogo e 10 quadros. (14/19). 118 p. br. 6. (8/41). **A Noite.**

CARACO. H. E. C. (Alberto). — Inês de Castro. Les Martyrs de Cordoue. (13/19). 173 p. br. 16$. (11/41). **Franco-Brasileira.**

CÉLIA (Maria). — Rádio sketches. (16/23). 129 p. br. 10$. (3.ª ed. 12/41). **Distr. Antunes.**

CORREIA (Viriato). — Tiradentes. Comédia histórica em 3 atos e 7 quadros. Musica de Villa Lobos. Il. de Porciúncula. Col. Brasileira de Teatro, s. A, vol. III. Publ. do Ministério da Educação. (16/23). 172 p. br. 8$. (12/41). **Distr. Civilização.**

FIDELES (Zé). — Teatro maluco. Pref. Otávio Gabus Mendes. (12/18). 94 p. il. br. 5$. (11/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

FORNARI (Ernani). — Sinhá Moça chorou... Peça em 6 quadros. Il. F. Acquarone. (16/23). 243 p. br. 12$. (6/41). **Livr. Martins.**

GRAMURÍ. — Ela e êle. (13/19). 160 p. br. 5$. (9/41). **Getulio Costa.**

GURGEL (Francisco Inácio do Amaral). — Trapezios volantes e Os transviados. (Rádio-teatro). (13/19). 9$. p. br. 5$. (2/41). **A Noite.**

LEÃO (Kosciuszko Barbosa). — Teatro. Cinco solvados. (Sociologia, Religião, Moral). (16/23). 65 p. br. 5$. (12/41). **Ed. Autor, Rio.**

MAGALHÃES (Paulo de). — Fola. Comédia em 3 átos. Col. Teatro Brasileiro, 46. (12/18). 60 p. br. 2$. (5/41). **Ed. S. B. A. T.**

MOLIÈRE. — Les précieuses redicules. La critique de l'école des femmes. Pref. Edgard Li-

ger-Belair. Col. E. L. B. dos Melhores Textos dos Grandes Autores Franceses. (12/16). 53 p. br. 3$. (3/41). **Franco-Brasileira.**

PEREIRA (Thomaz). — Mater Dolorosa. Tragédia em 1 ato. (L'icone qui s'éteint — por M. Palan). (16/23). 39 p. br. 2$. (5/41). **Pap. Mendes, Rio.**

ROSA (Abadie Faria). — Crepúsculo. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Brasileiro, 45. (12/16). 73 p. br. 2$. (3/41). **Ed. S. B. A. T.**

SANCHEZ (Luis Amador). — Azbí ou A fonte de Heroá. (Visão bíblica em 4 atos). Trad. e pref. de Carmen de Almeida. (12/18). 115 p. il. br. 6$. (6/41). **Letras Brasileñas, S. Paulo.**

TOJEIRO (Gastão). — O "Ás" do volante ou Corrida fóra da pista. Farsa em 1 ato. Série Teatro Rápido, 9. (12/16). 51 p. br. 1$. (7/41). **Distr. Z. Valverde.**

TOJEIRO (Gastão). — O Cazuza arranjo outra ou Saíram juntos... no retrato. Farsa em 1 ato. Série Teatro Rápido, 2. (12/16). 55 p. br. 1$. (11/41). **Tip. Coelho.**

TOJEIRO (Gastão). — As "fans" de Robert Taylor. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Brasileiro, 44. (12/16). 90 p. br. 2$. (1/41). **Ed. S. B. A. T.**

TOJEIRO (Gastão). — O Felisberto do café ou A conferencia do "garçon". Farsa em 1 ato. Série Teatro Rápido, 3. (12/16). 49 p. br. 1$. (10/41). **Distr. Z. Valverde.**

VIANNA (Oduvaldo). — Manhãs de sol. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Brasileiro, 41. (12/16). 106 p. br. 2$. (1939-1/41). **Ed. S. B. A. T.**

WANDERLEY (José), ROCHA (Daniel). — Era uma vez um vagabundo. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Brasileiro, 42. (12/16). 75 p. br. 2$. (1940-1/41). **Ed. S. B. A. T.**

B. 5) ROMANCES. NOVELAS. LENDAS

ABREU (Adriano de). — Dias de Maio. (13/19). 333 p. br. 15$. (10/41). **Jornal Comércio.**

ACCIOLI (João). — Barro preto. (13/19). 304 p. br. 10$. (1/41). **Emiel Ed.**

ACREMANT (Germaine). — As senhoras das capotas verdes. Trad. Mario Sette. Bibl. das Moças, 98. (13/19). 306 p. br. 6$. (Nova ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ALBERTO (Afonso). — Ave de arribação. (13/19). 297 p. br. 12$. (9/41). **Pongetti.**

ALENCAR (José de). — Diva. Perfil de mulher. (12/18). 154 p. br. 6$. (10/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — Encarnação. (12/18). 137 p. br. 6$. (10/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — Iracema. Col. O Livro de Bolso, 1. (11/16). 191 p. cart. 6$. (9/41). **Distr. Civilização.**

ALENCAR (José de). — Iracema. Introdução de Guilherme de Almeida. Il. de Anita Malfatti. Bibl. de Literatura Brasileira, II. (19/25). 213 p. 12 ils. fóra do texto, br. 15$. 200 exs. papel vergé, 40$. (2/41). **Livr. Martins.**

ALENCAR (José de). — Lucíola. Um perfil de mulher. (12/18). 203 p. br. 8$. (10/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — A pata da gazela. (12/18). 159 p. br. 6$. (10/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — (Sênio) — Sonhos d'ouro. Romance brasileiro. (12/18). 148 — 142 p. br. 12$. (10/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — O tronco do ipé. (12/18). 331 p. br. (12/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (J. de). — La Vidvineto. El la portugala Lingvo esperantigis. L. C. Porto-Carreiro Neto. (Lingvokonmitatano). (13/19). 87 p. 1 mapa, br. (12/41-1942). **Pongetti.**

ALMEIDA (Manuel Antonio de). — Memórias de um sargento de milicias. Introdução de Mario de Andrade. 22 ils. de F. Acquarone, fóra do texto. Bibl. de Literatura Brasileira, 1. (18/24). 276 p. br. 20$. 200 exs. papel vergé, 50$. (1/41). **Livr. Martins.**

AMADO (Gilberto). — Inocentes e culpados. (13/19). 135 p. br. 15$. (1/41, 2.ª ed. 5/41). José Olympio.

AMARAL (Gabriel). — Baltazar. (14/19). 255 p. br. 10$. (11/41). Distr. Civilização.

ANDRADE (Oswaldo de). — Os condenados. I — Alma. II — A estrêla de absinto. III — A escada. (14/20). 267 p. br. 10$. (Nova ed. 12/41). Globo.

ANTENA (Duque de). — Sinfonia do destino. (14/19). 187 p. br. 3$. (7/41). Globo.

ARDEL (Henri). — Abandonada. Trad. Bibl. das Moças, 27. (13/19). 254 p. br. 6$. (Nova ed. 12/41). Cia. Ed. Nacional.

ARDEL (Henri). — A dôr de amar. Trad. Bibl. das Moças, 64; (13/19). 296 p. br. 6$. (Nova ed. 8/41). Cia. Ed. Nacional.

ARNAU (Frank). — A face do poder. Trad. Wolfgang Apfel. Col. Xis, 4. (13/19). 278 p. br. 5$. (7/41). Vecchi.

AUSTEN (Jane). — Orgulho e preconceito. Trad. e nota de Lucio Cardoso. Col. Fogos Cruzados, 1. (13/19). 397 p. br. 12$. (Nova ed. 8/41). José Olympio.

AZEVEDO (A. da Silva D'). — O coração tem dois quartos. (13/19). 230 p. br. 9$. (9/41). Ed. Anchieta.

BARCLAY (Florence L.). — A castelã de Shenstone. Trad. Bibl. das Moças, 46. (13/19). 222 p. br. 5$. (Nova ed. 11/41). Cia. Ed. Nacional.

BARCLAY (Florence L.). — As irmãs brancas. Trad. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 85. (13/19). 453 p. br. 8$. (Nova ed. 12/41). Cia. Ed. Nacional.

BASTOS FILHO (João Miguel). — O amor tudo vence. (14/19). 159 p. br. 7$. (10/41). J. R. Oliveira.

BATINI (Tito). — A agora que fazer? (17/24). 497 p. br. 15$. (12/41). Civilização.

BAUM (Vicki). — A dansa da vida. Trad. Leonor de Aguiar. Col. Grandes Romances para a Mulher, 7. (13/19). 231 p. br. 12$. (5/41). José Olympio.

BIGGERS (Earl Derr). — O camelo preto. Trad. Alfredo Ferreira. Col. Os Romances de Charlie Chan. (14/19). 253 p. br. 8$. (12/41). Vecchi.

BITTENCOURT SOBRINHO (Otto). — Salomé do morro. Col. A Novela Moderna, 1. (13/19). 112 p. br. 5$. (9/41). Norte Ed.

BORBA (Jenny Pimentel de). — Mormaço. (13/19). 339 p. br. 10$. (6/41). Pongetti.

BRANDÃO (Manuel). — Este inferno que é a guerra... (17/24). 78 p. br. 12$. (12/41). J. A. Fossinhas.

BROMFIELD (Louis). — As chuvas vieram... Trad. De Sousa Junior. Col. Nobel, 61. (15/23). 513 p. br. 18$. (2.ª ed. 7/41). Globo.

BROMFIELD (Louis). — Um herói moderno. Trad. Darcy Azambuja. Col. Nobel, 39. (14/19). 361 p. br. 12$. (7/41). Globo.

BRONTE (Charlotte). — Jane Eyre. Trad. Sodré Viana. (15/22). 442 p. br. 20$. enc. 28$. (12/41-1942). Pongetti.

BRONTE (Emily). — Morro dos ventos uivantes. Pref. Currer Bell (Carlota Bronte). Trad. Oscar Mendes. Col. Nobel, 18. (14/19). 373 p. br. 10$. (4.ª ed. 7/41). Globo.

BUXY (De). — Firmeza de um coração. Trad. Avelisa. Bibl. das Senhorinhas, 11. (14/20). 223 p. br. 6$. (2.ª ed. 12/41). Emp. Ed. Brasileira.

CASTRO (Ferreira de). — A tempestade. (13/19). 297 p. br. 10$. (3/41). Ed. Inquerito.

CELSO (Maria Eugenia). — O diário de Ana Lucia. (13/19). 235 p. br. 8$. (3/41). José Olympio.

CHAMPFLEURY (Guy de). — Sentimentos da alma. Trad. Ana W. Meyer. Rev. Haydée N. Isac Lima. Bibl. das Senhorinhas, 3. (14/20). 215 p. br. 6$. (5/41). Emp. Ed. Brasileira.

CHANTEPLEURE (Guy de). — A passageira. Trad. Bibl. das Moças. 45. (13/19). 245 p. br. 5$. (5.ª ed. 3/41). Cia. Ed. Nacional.

CHESTER (William L.). — O gavião das selvas. Trad. Justino Martins. Col. Universo, 32. (14/19). 278 p. br. 7$. (1940-1/41). Globo.

CHRISTIE (Mary). — A alegria de viver. Trad. Livio Xavier. Bibl. das Moças, 92. (13/19). 255 p. br. 5$. (Nova ed. 11/41). Cia. Ed. Nacional.

CORELLI (Maria). — Thelma. A princesa da Noruega. (13/19). 504 p. br. 10$. O Pensamento.

CORRÊA (Joary). — Massapê. Il. Autor. (14/19). 197 p. br. 10$. (11/41). Pongetti.

COSTALLAT (Benjamin). — Curya. Estante de Autores Brasileiros. (13/19). 192 p. br. 7$. (3.ª ed. 3/41). Getulio Costa.

DANINOS (Pierre). — Le sang des hommes. (13/19). 257 p. br. 15$. (2.ª ed. 2/41).

DANINOS (Pierre). — Sangue de hombres. Trad. espanhola. (13/19). 253 p. il. br. 15$. (3/41). Franco-Brasileira.

DEEPING (Warwick). — Lagrimas de homem. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espirito Moderno. s. 4.ª, Literatura, 7. (15/22). 324 p. br. 12$. (5/41). Cia. Ed. Nacional.

DEKOBRA (Maurice). — A gôndola das quimeras. Trad. Elias Davidovich. (14/19). 277 p. br. 8$. (2.ª ed. 10/41). Vecchi.

DELLY (M.). — A casenta rubra. Trad. Ligia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 1. (14/20). 177 p. br. 6$. (3.ª ed. 5/41). Emp. Ed. Brasileira.

DELLY (M.). — Corações inimigos. Trad. Ligia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 6. (14/20). 253 p. br. 6$. (3.ª ed. 7/41). Emp. Ed. Brasileira.

DELLY (M.). — Elfrida. Trad. Sarah Pinto de Almeida. Bibl. das Moças, 22. (13/19). 265 p. br. 5$. (Nova ed. 10/41). Cia. Ed. Nacional.

DELLY (M.). — Escrava... ou rainha? Trad. Bibl. das Moças, 26. (13/19). 212 p. br. 5$. (Nova ed. 10/41). Cia. Ed. Nacional.

DELLY (M.). — Freirinha. Trad. Bibl. das Moças, 61. (13/19). 256 p. br. 5$. (Nova ed. 10/41). Cia. Ed. Nacional.

DELLY (M.). — Lady Shesbury. (Coeurs ennemis). Trad. Ligia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 8. (14/20). 222 p. br. 6$. (4.ª ed. 4/41). Emp. Ed. Brasileira.

DELLY (M.). — O lírio da montanha. Trad. Ligia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 2. (14/20). 190 p. br. 6$. (3.ª ed. 5/41).

DELLY (M.). — Meu vestido côr do céu. Trad. Bibl. das Moças, 67. (13/19). 253 p. br. 6$. (Nova ed. 12/41). Cia. Ed. Nacional.

DELLY (M.). — Orieta. Trad. Ligia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 7. (14/20). 197 p. br. 6$. (4.ª ed. 9/41). Emp. Ed. Brasileira.

DELLY (M.). — Vencido! Trad. Bibl. das Moças. 60. (13/19). 5$. p. br. 5$. Cia. Ed. Nacional.

DICKENS (Charles). — David Copperfield. Trad. Costa Neves. (15/22). 665 p. br. 25$. enc. 32$. (11/41). Pongetti.

DICKENS (Charles). — A voz dos sinos. Trad. Elsie Lessa. Col. Excelsior, 3. (12/18). 204 p. cart. 8$. (9/41). Livr. Martins.

DOSTOIEWSKY (Th.). — Crime e castigo. Trad. J. Jobinsky. Rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 4. (13/19). 455 p. br. 15$. (Nova ed. 2/41). Pongetti.

DOSTOIEWSKY (Fedor). — Crime e castigo. Trad. Col. O Livro de Bolso, 4. (11/16). 2 vols. 798 p. cart. 12$. (12/41). Distr. Civilização.

DOSTOIEVSKY (F.). — Recordação da casa dos mortos. Trad. rev. por Joaquim Moura de Menezes. (14/19). 303 p. br. 10$. (10/41). Ed. e Publ. Brasil.

DOUGLAS (Lloyd C.). — A luz verde. Trad. Eduardo de Lima Castro. Col. Grandes Romances para a Mulher, 6. (13/19). 416 p. br. 12$. (5/41). José Olympio.

DOUGLAS (Lloyd C.). — Sublime obsessão. Trad. Lygia Junqueira Smith. Col. Grandes Romances para a Mulher, 8. (13/19). 309 p. br. 10$. (10/41). José Olympio.

DOYLE (Conan). — Memórias do Dr. Watson. Trad. Romeu Avelar. (13/19). 197 p. br. 8$. (10/41). Emiel Ed.

DUARTE (Jesus). — Inquietude. (13/19). 192 p. br. 8$. (12/41). Ed. Autor, P. Alegre.

DUMAS (Alexandre). — O castelo de Eppstein. Trad. Lucilia B. Pereira. Col. Excelsior, 1. (12/18). 263 p. cart. 8$. (8/41). **Livr. Martins.**

DUMAS (Alexandre). — Memória de um médico. 4.ª parte, A Condessa de Charny. 3.º vol. Os direito do Homem. Trad. Col. Grandes Obras, 20 (10/14). 247 p. br. 3$. (2/41). — 4.º vol. Marabeau. Col. G. O., 21. 251 p. 30. (2/41). — 6.º vol. A bandeira vermelha. Col. G. O. 23. 257 p. 3$. (3/41). — 7.º vol. O barrete Vermelho. Col. G. O. 24. 253 p. 3$. (3/41. — 8.º vol. A Marselheza. Col. G. O. 25. 234 p. 3$. (5/41). — 9.º vol. O templo. Col. G. O. 26. 294 p. 3$. (5/41). — 5.ª parte, O Cavalheiro da Casa Vermelha. 1.º vol. Amor. Trad. Col. G. O. 27. (10/14). 229 p. br. 3$. (5/41). — 2.º vol. Taverney Casa Vermelha. Col. G. O. 28. 261 p. 3$. (7/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

DUMAS (Alexandre). — A tulipa negra. Trad. Col. Sip. 74. 286 p. br. 2$. (4/41). **Civilização.**

DUPRÉ (Sura. Leandro). — O romance de Teresa Bernard. (15/22). 452 p. br. 16$. (9/41). **Civilização.**

EBERHART (Mignon). — O crime do hospital. Trad. Col. Amarela, 99. (13/19). 219 p. br. 6$. (8/41). **Globo.**

EDMONDS (Walter De). — A garota do circo. (Chad Hanna). Trad. Lêa Cavalcanti. (16/24). 583 p. br. 28$. (10/41). **Emiel Ed.**

ELLIOT (George). — Silas Marner. Trad. Asdrúbal Mendes Gonçalves. Col. Excelsior, 6. (12/18). 220 p. cart. 8$. (12/41). **Livr. Martins.**

ESCRICH (H. Peres). — Amor fatal. Trad. Nossa Col. 37. (10/14). 285 p. br. 3$. (12/41). **Em. Ed. Brasileira.**

ESCRICH (H. Perez). — A caridade cristã. Trad. rev. por Silva Souza Filho. Col. O Romance Popular. (17/24). 436 p. br. 14$. (6/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

FEDOROVA (Nina). — Isto é um pedaço da Inglaterra. (A família). Trad. R. Magalhães Júnior. Col. Fogos Cruzados, 4. (13/19). 451 p. br. 15$. (5/41). **José Olympio.**

FEDRO. — Fábulas. (Fabularium Aesopiarum). Trads.: em prosa, A. B. Santos Martins. Em verso, Manuel de Morais Soares. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, Os Mestres do Pensamento, 9. (11/18). 256 p. br. 16$. (9/41). **Ed. Cultura.**

FERREIRA (Athos Damasceno). — Menininha. (14/20). 248 p. br. 10$. (11/41). **Globo.**

FONDES (Iolanda). — Era uma colegial. Trad. rev. por Elói Pontes. (14/19). 225 p. br. 8$. (10/41). **Vecchi.**

FONTAINE (La). — Fables. Col E. L. B. dos Melhores Textos dos Grandes Autores Franceses. (12/16). 76 p. br. 3$ (3/41). **Franco-Brasileira.**

FORESTER (C. S.). — O general. Trad. Gino Luiz Cervi. Col. Nobel, 43 (14/19). 276 p. br. 10$. (6/41). **Globo.**

FRANCE (Anatole). — História cômica. Trad. Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal. 5. (13/19). 205 p. br. 8$. (5/41). **Pongetti.**

FRANCE (Anatole). — A revolta dos Anjos. Trad. Olimpio Monteiro. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 7. (13/19). 279 p. br. 10$. (9/41). **Pongetti.**

FRIEIRO (Eduardo). — O Mameluco Boaventura. (12/19). 207 p. br. 10$. (2.ª ed. 7/41). **Paulo Bluhm.**

FROMAGET (Nicolas). — Meu amor passou por aqui. (Romance de Aventuras nos Harens da Turquia). Trad. Nelson de Melo e Souza. (17/24). 228 p. br. 15$. (5/41). **Getulio Costa.**

GIDE (André). — A sinfonia pastoral. Trad. Diná Fineberg. (13/19). 110 p. br. 8$. (2.ª ed. 9/41). **Vecchi.**

GIDE (André). — Os subterrâneos do Vaticano. Farsa. Trad. Mirocl Silveira. (14/19). 341 p. br. 12$. (6/41). **Vechi.**

GLAESER (Ernst). — Classe 1902. Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel. 3 (14/19). 315 p. br. 10$. (2.ª ed. 10/41). **Globo.**

GOETHE. — Werther. 1774. Trad. Galeão Coutinho. Col. Excelsior, 5 (12/18). 275 p. cart. 8$. (11/41). **Livr. Martins.**

GRAWFORD (F. Marion). — A Irmã Branca. Trad. rev. Euclides Andrade. Bibl. das Moças. 97. (13/19). 251 p. br. 6$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

GUIMARÃES (Bernardo). — A escrava Isaura. Col. Brasil Romântico, 1. (14/19). 192 p. br. 4$. (9/41). **Ed. Brasil.**

GUIMARÃES (Bernardo). — A escrava Isaura. Nota do M. Nogueira da Silva. Obras Completas, 7. (13/19). 200 p. br. 3$. (4/41). **Briguiet.**

GUIMARÃES (Bernardo). — Maurício ou Os paulistas em São João D'El-Rei. Pref. N. S. Obras Completas, 9. (13/19). 444 p. br. 15$. (2.ª ed. 7/41). **Briguiet.**

GUIMARÃES (Bernardo). — O seminarista. Pref. N. S., Obras Completas, 5. (13/19). 158 p. br. 7$. (1.ª ed. 10/41). **Briguiet.**

GUZMAN (René-Albert). — Ciume. Trad. Gastão Cruls. Pref. Gilberto Amado. Col. Grandes Romances para a Mulher, 4. (13/19). 243 p. br. 8$. (6.ª ed. 1/41). **José Olympio.**

HAMSUN (Knut). — Um vagabundo toca em surdina. Trad. Raquel Bensliman. Col. Excelsior, 4. (12/18). 216 p. cart. 8$. (10/41). **Livr. Martins.**

HEIMBURG (W.). — A querida do meu coração. Trad. Dieno Castanho. Bibl. das Moças, 51. (13/19). 289 p. br. 5$. (Nova ed. 11/41). **Cia Ed. Nacional.**

HEIMBURG (W.). — Vendida! Trad. rev. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 10. (13/19). 273 p. br. 5$. (Nova ed. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

HEMINGWAY (Ernest). — Por quem os sinos dobram. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 10. (15/22). 417 p. br. 18$. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

HILTON (James). — E agora adeus. Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 28. (14/19). 264 p. br. 10$. (12/41). **Globo.**

HINO (Ashihei). — Guerra e soldado. Diário de um combatente japonês. Trad. Jayme Barcellos. (15/22). 463 p. il. br. 25$. (9/41). **Distr. Civilização.**

HORLER (Sydney). — Coração negro. Trad. Dias da Costa. Col. Amarela, 93. (13/19). 246 p. br. 6$. (8/41). **Globo.**

HUGO (Victor). — Os homens do mar. Trad. Col. Sip. 73. (10/14). 2 vols. 607 p. br. 4$. (7/41). **Civilização**

HUGO (Victor). — Redenção. Novela psicografada por Zilda Gama. (13/19). 317 p. br. 7$. 3.ª ed. 10/41). **Fed. Espirita.**

HULL (E. M.). — O feiticeiro do deserto. Trad. rev. por Livio Xavier. Col. Para Todos, (13/19). 302 p. br. 8$. (Nova ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

HULL (E. M.). — O sheik. Trad. rev. por Godofredo Rangel. Col. Para Todos, 11. (13/19). 286 p. br. 6$. (Nova ed. 7/41). **Cia. Ed. Nacional.**

HURST (Fannie). — Corações humanos. A esquina do pecado. Trad rev. por Rubem Braga. (15/22). 437 p. br. 15$. (Nova ed. (9/41). **Civilização.**

HUXLEY (Aldous). — Admiravel mundo novo. Trad. Vidal de Oliveira. Col Nobel, 36. (14/19). 346 p. br. 12$. (6/41). **Globo.**

IBAÑEZ (Vicente Blasco). — Sangue e areia. Trad. Orlando Rocha. (14/20). 321 p. br. 15$. (9/41). **Ed. Universitária.**

ICAZA (Jorge). — Huasipungo. Trad. e pref. de De Plácido e Silva. Col. Estante Americana, 2. (14/19). 201 p. br. 8$. (9/41). **Guaíra.**

JOHNS (Cap. W. E.). — Biggles, comodoro do ar. Trad. Ernesto Vinhaes. Col. Universo, 47. (14/19). 210 p. br. 6$. (12/41). **Globo.**

JOHNS (Cap. W. E.). — Biggles vai para a guerra. Trad. Ernesto Vinhaes. Col. Universo, 44. (14/19). 200 p. br. 6$. (8/41). **Globo.**

JOHNS (Cap. W. E.). — Biggles vôa para oeste. Trad. Ernesto Vinhaes. Col. Universo, 46 (14/19). 218 p. br. 6$. (12/41). **Globo.**

JOHNS (Cap. W. E.). — Biggles vôa para o sul. Trad. Lauro G. Freitag. Col. Universo, 45. (14/19). 209 p. br. 6$. (12/41). **Globo.**

JURANDIR (Dalcídio). — Chove nos campos de Cachoeira, 1.º prêmio Concurso Vecchi-Dom Casmurro. (14/19). 359 p. br. 12$. (8/41). **Vecchi.**

KENNEDY (Margaret). — O idiota da família. Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 33. (14/19). 308 p. br. 8$. (5/41). **Globo.**

KERR (Sophie). — Mulher sem alma. Trad. Ligia Junqueira Smith. Bibl. das Moças, 90. (13/19). 296 p. br. 5$. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

KESSEL (J.). — Noitadas russas. Trad. Yolanda Vieira Martins. Bibl. da Mulher Moderna, 20. (13/19). 291 p. br. 8$. (5/41). **Civilização.**

KIPLING (Rudyard). — Kim. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 11. (15/22). 328 p. br. 13/. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

KIPLING (Rudyard) — O livro do jangal. Trad. Monteiro Lobato. Versão dos poemas de Jamil Almansur Haddad. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 1. (15/22). 437 p. br. 15$. (8/41). **Cia. Ed. Nacional.**

KNIGHT (Eric). — A verdade acima de tudo. Trad. Orlando Rocha. (14/21). 475 p. br. 25$. (11/41). **Ed. Universitária.**

LAGERLOF (Selma). — O livro das lendas. Trad. Pepita de Leão. Pref. Paulo Arinos. Col. Nobel, 12. (14/19). 229 p. br. 8$. (Nova ed. 7/41). **Globo.**

LAWRENCE (David Herbert). — O amante de lady Chatterley. 2.ª ed. com o apêndice inédito: Em defesa de lady Chatterley. Trad. (14/20). 371 p. br. 20$. (2.ª ed. 5/41). **Distr. Civilização.**

LEHMANN (Rosamond). — Intempéries. Trad. Estela Martins Paredes. (14/19). 478 p. br. 15$. (4/41). **Vecchi.**

LESSA (Orígenes). — O feijão e o sonho. Prêmio Antônio de Ancantara Machado. (14/19). 246 p. br. 10$. (2.ª ed. 12/41). **Civilização.**

LILLES (Mme. Des). — Amor de artista. Trad. Ana Wey Meyer. Bibl. das Senhorinhas, 12. (14/20). 199 p. br. 6$. (12/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

LIMA (Cláudio de Araujo). — Babel. (13/19). 252 p. br. 10$. (3/41). **S. E. Panorama.**

LIMA (Jorge de). — O anjo. (14/20). 132 p. il. br. 10$. (2.ª ed. 6/41). **Getulio Costa.**

LIMA (Jorge de). Lima (Matheos de). — Aventuras de Malazarte. Il. Euclides L. Santos. (14/19). 239 p. br. 12$. (12/41). **A Noite.**

LONDON (Jack). — O lobo do mar. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 8. (15/22). 312 p. br. 12$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOPES (Maria do Carmo). — Justiça amarga. (13/19). 202 p. br. 8$. (10/41). **Pongetti.**

LOTI (Pierre). — As desencantadas. Romance dos harens turcos. Trad. Jorge Gonçalves. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 6. (13/19). 276 p. br. 10$. (6/41). **Pongetti.**

MALOT (Heitor). — Os milhões vergonhosos. Trad. Nossa Col., 31. (10/14). 278 p. br. 3$. (6/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

MARANHÃO (Stella). — Eu e Camila. Pref. Alceu Amoroso Lima. 13/19). 225 p. br. 10$. (9/41). **Pongetti.**

MARLLIT (Susanne). — No castelo de Velings. Trad. Ana W. Meyer. Bibl. das Senhorinhas, 9. (14/20). 171 p. br. 6$. (9/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

MAUGHAM (W. Somerset). — O agente britânico. Trad. Vidal de Oliveira. Col. Nobel, 37. (14/19). 255 p. br. 10$. (6/41). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset). — Férias de Natal. Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 40. (14/19). 286 p. br. 10$. (7/41). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset). — Um gôsto e seis vintens. Trad. Gustavo Nonnenberg. Col. Nobel, 35. (14/19). 243 p. br. 8$. (6/41). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset). — Histórias dos Mares do Sul. Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 15. (14/19). 239 p. br. 8$. (2.ª ed (6/41). **Globo.**

MAUGHAM (W. Somerset). — Servidão humana. Trad. Antonio Barata. Col. Nobel, 22. (14/19). 701 p. br. 18$. (2.ª ed. 1940-1/41). **Globo.**

MAUROIS (André). — Mundos imaginários. Meipe — Os sofrimentos do Jovem Werther — Por culpa do Senhor Balzac — Retrato de uma atriz — Os últimos dias de Pompéia. Trad. J. L. Costa Neves. (13/19). 219 p. br. 10$. (5/41). **Pongetti.**

MAY (Karl). — A caravana dos escravos. Trad. Beatriz Bandeira. Col. Universo, 41. (14/19). 281 p. br. 9$. (10/41). **Globo.**

MAY (Karl). — O rei do petroleo. Trad. Beatriz Bandeira Ryff. Col. Universo, 42. (14/19). 361 p. br. 9$. (9/41). **Globo.**

MELO (Myris de). — A mulatinha enjeitada. (13/19). 196 p. br. 5$. (3/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

MERIMÉE (Prosper). — Carmen. Trad. David Jardim Junior. Col. O Livro de Bolso, 5. (11/16). 107 p. cart. 6$. (12/41). **Distr. Civilização.**

MERIMÉE (Prosper). — Trad e pref. de Heitor Moniz. Col. Grandes Novelas, 1. (12/19). 56 p. br. 4$. (12/41-1942). **Ed Curiosidade.**

MERREL (Concórdia). — Adão e algumas Evas. Trad. Tati A. de Mello. Bibl. das Moças, 88. (13/19). 279 p. br. 5$. (Nova ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MERREL (Concórdia). — Casada por dinheiro. Trad. Mário Sette. Bibl. das Moças, 44. (13/19). 267 p. br. 5$. (Nova ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MERREL (Concórdia). — Uma noiva em leilão. Trad. rev. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 69. (13/19). 354 p. br. 7$. (Nova ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MILLIET (Sérgio). — Duas cartas no meu destino. (Novela). Il. Tarsila. Col. Caderno Azul, 4. (14/19). 119 p. br. 4$. (12/41). **Ed. Guaíra.**

MONTELLO (Josué). — Janelas fechadas. (13/19). 287 p. br. 10$. (6/4 p. br. 15$. (10/41). **Emiel.**

MONTÉPIN (Xavier de). — Um drama de amor. Trad. Col. Bom Gosto, 1. (12/18). 281 p. br. 8$. (12/41-1942). **Livr Para Todos.**

MONTÉPIN (Xavier de). — Lírio do lôdo. Trad. Nossa Col. 26. (10/14). 247 p. br. 2$ (12/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

MONTÉPIN (Xavier de). — As mulheres de bronze. (16/22). 2 vols. 555-570 p. br. 30$. (10/41). **Livr. Para Todos.**

MONTÉPIN (Xaxier de). — P. L. M., 2.ª parte: Rigolo. Trad. (14/19). 377 p. br. 15$. (12/41). **Emiel Ed.**

MONTHERLANT (H. de). — Demônio do bem. Trad. Carlos Martins da Rocha. Rev. por Omer Mont'Alegre. (14/19). 255 p. br. 8$. (4/41). **Vecchi.**

MONTHERLAND (H. de). — As leprosas. (Série Les jeunes filles, IV). Trad. Dias da Costa. (14/19). 297 p. br. 8$. (5/41). **Vecchi.**

MORLAND (Nigel). — Os caminhantes silenciosos. Trad. F. Goulart de Andrade. Col. Para Todos, 24. (13/19). 206 p. br. 6$. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MORLEY (Christopher). — Kitty Foyle. (História de uma mulher). Trad. M. P. Moreira Filho. (14/21.) 312 p. br. 16$. (3/41). **Ed. Norte-Sul.**

MOSCHETTI (Lídia). — A vida é um ponto de ?. (15/20). 213 p. br. 7$ (12/41). **Distr. Vecchi.**

MURGER (Henry). — Cenas da vida boêmia. Trad. Georgino Paulino. Col. Flama, 1. (14/20). 352 p. br. 10$. (10/41). **Moema Ed.**

MURGER (Henry). — Vida boêmia. Trad. Col. O Livro de Bolso, 3. (11/16). 347 p. br. cart. 6$. (12/41). **Distr. Civilização.**

NABUCO (Carolina). — A sucesora. (13/19). 288 p. br. 10$. (3.ª ed. 3/41). **José Olympio.**

NAGAYO (Yoshio). — A imagem de bronze. Trad. Zenaide Andrea. Pref. Claudio de Souza. Ils. de Tsusei Konô. Capa de Riokai Ohashi. (5 grav. Impressas no Japão, fora do texto). (19/28). 179 p. br. 20$. (3/41). **Pongetti.**

OLIMPICUS. (Thomaz Mazzoni). — Fiô, o goleiro "melhor do mundo". Romance Esportivo. Pref. Marcos de Mendonça. (14/19). 199 p. br. 3$. (10/41). **Ed. Autor Rio.**

OLIVEIRA (Alvarus de). — Romance que a própria vida escreveu... (14/19). 225 p. br. 8$. (3.ª ed. 11/41-1942). **Cia. Brasil ed.**

OLIVEIRA (Manoel Júlio de). — No arrebol da hipocrisia. Pref. Clovis Bevilaqua. (13/19). 277 p. br. 12$. (4/41). **Emiel Ed.**

OLIVEIRA (Wilson Bacelar de). — Se eu pudesse viver mais uma vez... (13/19). 342 p. br. 10$. (12/41-1942).

ORCZY (Baroneza). — O Pimpinela Escarlate. Trad. Col. Para Todos, 8. (13/19). 324 p. br. 8$. (Nova ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ORCZY (Baroneza). — A vitória do Pimpinela. Trad. Col. Para Todos, 27. (13/19). 294 p. br. 8$. (Nova ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ORSAY (Condessa D'). — Aquele paraiso. Trad. Haidée Isac. N. Lima. Bibl. das Senhorinhas, 5. (14/20). 228 p. br. 6$. (7/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

PANTO (H.) — Um paraiso! (13/19). 393 p. br. 12$. (5/41). **Civilização.**

PEIXOTO (Afranio). — Bugrinha. (13/19). 328 p. br. 12$. (4.ª ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PIRANDELLO (Luigi). — O falecido Matias Pascal. Trad. de De Souza Junior. Col. Nobel, 2. (14/19). 317 p. br. 10$. (Nova ed. 11/41). **Globo.**

POE (Edgar Allan). — Novelas estraordinarias. Trad. rev. por Faria e Sousa. Col. O Livro de Bolso, 6 (11/16). 224 p. cart. 6$. (12/41). **Distr Civilização.**

PORTER (Eleanor H.). — Pollyanna moça. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. das Moças, 93. (13/19). 255 p. br. 5$. (Nova ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PRIMO (J. Pinheiro). — No vale do Paraíba. (13/19). 194 p. br. 8$. (7/41). **Emiel Ed.**

QUEEN (Ellery). — O mistério dos Irmãos Siameses. Trad. Col. Para Todos, 25. (13/19). 335 p. br. 6$. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

QUEIROZ (Dinah Silveira de). — Floradas na serra. 1.º prêmio Academia Paulista de Letras. (13/19). 284 p. br. 10$. (4.ª ed. 8/41). **José Olympio.**

RAMALHETE (Clovis). — Ciranda. Prêmio Vecchi Editor 1940. Concurso Vecchi-Dom Casmurro. (14/19). 198 p. br. 8$. (8/41). **Vecchi.**

RAMOS (Graciliano). — Augustia. (13/19). 324 p. br. 10$. (2.ª ed. 8/41). **José Olympio.**

REALE (Salvador). — A raiz quadrada de Dona Minerva. (13/19). 147 p. br. 5$. (2/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

REGO (José Lins do). — Agua-Mãe. (13/19). 277 p. br. 10$. (11/41). **José Olympio.**

REIS (Nelio). — O rio corre para o mar. (13/19). 250 p. br. 8$. (4/41). **A Noite.**

RIBEIRO (Prado). — Memórias de Benedito Perdigão. (Romance social). (13/19). 126 p. br. 6$. (1/41). **Pongetti.**

ROCHA (Rubem). — A derrocada. (13/19). 269 p. br. 9$. (9/41). **Distr. Civilização.**

ROCHESTER (J. W.) (W. Krijanowsky). — O chanceler de ferro do antigo Egito. Trad. M. Curvello de Mendonça. (13/19). 466 p. br. 9$. (1/41). **Fed. Espirita.**

ROCHESTER (J. W.) — A vingança do judeu. Romance mediúnico obtido pela Sra. W. Krijanowski. Trad. (13/19). 446 p. br. 9$. (9.ª ed. 10/41). **Fed. Espirita.**

ROLLAND (Romain). — História de uma conciência. (Clerambault). Trad. Fabio Leite Lobo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 2. (13/19). 267 p. br. 10$. (2.ª ed. 6/41). **Pongetti.**

ROLLAND (Romain). — Jean Christophe. 1.º vol. Trad. Vidal de Oliveira. Col. Nobel, 50. (14/15). 249 p. br. 10$. (7/41). **Globo.**

ROSALIA (Orestes). — Marília, a noiva da Inconfidência. Romance histórico. (13/19). 433 p. br. 15$. (Nova ed. 10/41). **Ed. Anchieta.**

RUCK (Berta). — Medo do amor. Trad. A. de Melo. Bibl. das Moças, 59 (13/19). 244 p. br. 5$. (10/41). **Cia Ed. Nacional.**

SABATINI (Rafael). — Scaramouche. Trad. Col. Para Todos, 26 (13/19). 433 p. br. 9$. Nova ed. 11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SANDYS (Oliver). — A caravana verde. Trad. Edgard Monteiro Lobato. Bibl. das Moças, 82. (13/19). 291 p. br. 5$. (Nova ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SANDYS (Oliver). — A pequena da Casa Sloper. Trad. Paulo de Freitas. Bibl. das Moças, 91. (13/19). 255 p. br. 5$. (Nova ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SANDYS (Oliver). — A garota. Trad. de Paulo de Freitas. Bibl. das Moças, 87. (13/19). 235 p. br. 5$. (Nova ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SCHMIDT (Afonso). — A marcha. Romance da abolição. (13/19). 295 p. br. 10$. (8/41). **Ed. Anchieta.**

SCHULTZ (Walter). — O luar assassino. Trad. Col. Amarela, 97. (13/19). 216 p. br. 6$. (7/41). **Globo.**

SELBY (John). — Sam. Trad. Waldemar Kern. 13/19). 453 p. br. 20$. (4/41). **Emiel Ed.**

SETUBAL (Paulo). — A Bandeira de Fernão Dias. Obras Completas, 2. (13/19). 282 p. il. br. 9$. (Nova ed. 3/41). **Carlos Pereira.**

SETUBAL (Paulo). — O Principe de Nassau. Romance histórico. Il. J. Wasth Rodrigues. Obras Completas, 1. (13/19). 288 p. br. 9$. (6.ª ed. 1/41). **Carlos Pereira.**

SETUBAL (Paulo). — O romance da prata. Il. J. Wasth Rodrigues. Obras Completas, 7. (13/19). 228 p. br. 9$. (Nova ed. (3/41). **Carlos Pereira.**

SILVEIRA (Tasso da). — Só tu voltaste? (14/20). 243 p. br. 10$. (7/41). **Globo.**

SINCLAIR (Upton). — O fim do mundo. Trad. Lúcio Cardoso. Col. Fogos Cruzados, 5. (15/22). 521 p. br. 20$. (9/41). **José Olympio.**

SINTAIR e STEEMAN. — A 13.ª pancada da meia-noite. Trad. Dorval Serrano. Col. Amarela, 93. (13/19). 279 p. br. 6$ (8/41). **Globo.**

SISNANDO (Jayme). — Romance do asfalto. (14/19). 86 p. br. 5$. (1/41). **Gr. Laemmert, Rio.**

SPRING (Howard). — Meu filho, meu filho! Trad. Ligia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 4. (15/22). 399 p. br. 15$. (3.ª ed. 5/41).

TAHAN (Malba). — O homem que calculava. Trad. Breno Alencar Bianco. Il. de Felicitas Barreto e Horácio Rubens. (17/24). 289 p. br. 15$. (7.ª ed. (10/41). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — Lendas do céu e da terra. Des. de F. Acquarone. (13/19). 241 p. br. 8$. (5.ª ed. 12/41-1942). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — Lendas do povo de Deus. Notas de Breno Alencar Bianco. (13/19). 198 p. br. 6$. (3/41). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — A sombra do arco-iris. Trad. e adaptação de Breno Alencar Bianco. Il. Calmon Barreto. (17/23). 363. p. br. 25$. (10/41). (2.ª ed. 12/41). **Getulio Costa.**

TAUNAY (Visconde de). — Inocência. Pref. Afonso de E. Taunay. (13/19). 240 p. br. 8$. (22.ª ed. 6/41). **Livr. Alves.**

TEFFÉ (Tetrá de). — Bati à porta da vida. (13/19). 382 p. br. 10$. (3.ª ed. 3/41). **Pongetti.**

TERRAIL (Ponson du). — Os dois rivais. Trad. Nossa Col. 34. (10/14). 256 p. br. 3$. (7/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

TERRAIL (Ponson du). — O favorito da rainha. Trad. Nossa Col. 3. (10/14). 254 p. br. 3$. (7/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

TERRAIL (Ponson du). — As luvas envenenadas. Trad Nossa Col. 25. (10/14). 251 p. br. 3$. (7/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

TERRAIL (Ponson du). — Rocambole. 1.ª parte. A herança misteriosa. Vol. 1.º Os dois irmãos. Trad. Col. Grandes Obras, 1. (10/14). 255 p. br. 3$. (9/41). — Vol. 2.º, O castelo de Genêts. Col. G. O. 2. 255 p. 3$. (9/41). — Vol. 3.º, A traição de Rocambole. Col. G. O. 3. 256 p. 3$. (10/41). — 2.ª parte. O Clube dos Valetes de Copas. Vol. 1.º, Sir Artur Collins. Col. G. O. 4. 255 p. 3$. (12/41). — Vol 4.º, O Marquês de Los Montes. Col. G. O. 7. 255 p. 3$. (12/41). — Vol. 5.º, O preço de uma vida. Col. G. O. 8. 263 p. 3$. (12/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

TOLSTOI (Léon). — A sonata a Kreutzer. Trad. Amando Fontes. Col. Fogos Cruzados, 3. (13/19). 305 p. br. 10$. (6/41). **José Olympio.**

TURGUENIEV (I. S.). — Pais e filhos. Trad. Ivan Emilianovitch. Col. Excelsior, 2. (12/18). 268 p. cart. 8$. (8/41). **Livr. Martins.**

VANCE (Ethel). — Fuga (Escape). Trad. Lúcio Cardoso. Col. Fogos Cruzados, 2. (13/19). 456 p. br. 15$. (3/41) (2.ª ed. 7/41). **José Olympio.**

VERISSIMO (Erico). — Gato preto em campo de neve. (15/23). 431 p. il. br. 16$. (12/41) -|- (2.ª ed. 12/41). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Olhai os lírios do campo. (14/20). 302). 302 p. br. 8$. (9.ª ed. 8/41). **Globo.**

VICTOR (Manoel). — Os dramas da floresta virgem. Il. Belmonte. (14/19). 246 p. br. 10$. (5.ª ed. 6/41). **Alberto C. de Azevedo.**

WALKER (Mildred). — Abismo. Trad. Geraldo Cavalcanti. Col. Grandes Romances para a Mulher, 5. (13/19). 315 p. br. 10$. (8/41). **José Olympio.**

WALLACE (Edgar). — Os ases vermelhos. Contendo três casos do Mr. Reeders. Trad. Pepita de Leão. Col. Amarela, 89. (12/19). 235 p. br. 6$ (12/41). **Globo.**

WARIN (Reinaldo). — Romeu e Julieta. Série Bôa Leitura, (14/19). 92 p. br. 2$500. (Nova ed. 6/41). **Ed. Brasil.**

WARREN (Leila). — O solar da muralha de pedra. Trad. Ilka Labarthe. (15/23). 436 p. br. 20$. (12/41). **José Olympio.**

WIRTA (Guy). — Nina Rosa. Trad. Bibl. das Moças, 4. (13/19). 251 p. br. 5$. (4.ª ed. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

WOOD (Mrs Henry). — O pecado de lady Isabel. Trad. Ligia Junqueira Smith. Bibl. das Moças, 53. (13/19). 302 p. br. 6$. (Nova ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

WREN (P. C.). — Beau Geste. Trad. rev. Monteiro Lobato. Col. Para Todos, 3. (13/19). 306 p. br. 8$. (Nova ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

WRIGHT (Harold Bell). — O morro dos maus espíritos. Trad. Estela Martins Paredes. (14/19). 319 p. br. 12$. (12/41). **Vecchi.**

WRIGHT (Richard). — Filho nativo. Tragédia de um negro americano. Intr. de Dorothy Canfield Fisher. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 6. (15/2). 365 p. br. 15$. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

XAVIER (Braulio). — Vidas em tumulto. Pref. Prado Ribeiro. (13/19). 409). p. br. 10$. (10/41). **Pongetti.**

YORKINGS (F.) — A dama do véu negro. Trad. José Wey Meyer. Bibl. das Senhorinhas, 10. (14/20). 197 p. br. 6$. (2.ª ed. 12/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

YUTANG (Lin). — Momento em Pekim. Romance da vida chinesa de hoje. Trad. Gulnara Morais Lobato e Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 9. (15/22). 836 p. br. 25$. (7/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ZWEIG (Stefan). — Coração inquieto. Trad. Odilon Gallotti. Ed. Uniforme, XII. (15/22). 412 p. br. 20$, enc. 25$. (Nova ed. 3/41). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Ocaso de um coração e Uma noite fantástica. Trad. Aurélio Pinheiro. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 8. (13/19). 145 p. br. 7$. (9/41). **Pongetti.**

B. 6) CONTOS

ALPHONSUS (João). — Pesca da baleia. (12/19). 91 p. br. 4$. (12/41). **Paulo Bluhm.**

CAIUBY (Amando). — Sapezais e tigueras. Contos sertanejos. (14/20). 266 p. br. 10$. (2.ª ed. 12/41). **Globo.**

CORDOVIL (Cacy). — Ronda de fogo. (Contos). (13/18). 269 p. br. 10$. (10/41). **José Olympio.**

LOBATO (Monteiro). — Contos leves. (Cidades mortas, Negrinha e O macaco que se fez homem). Col. Os Grandes Livros Brasileiros, 5. 13/19). 308 p. br. 10$. (Ed. definitiva, 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MANSFIELD (Katherine). — Felicidade (Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel, 23. (14/19). 285 p. br. 8$. (Nova ed. 6/41) **Globo.**

NEME (Mário). — Donana Sofredora. Il. de Noemia. Col. Caderno Azul, 8. (14/19). 93 p. br. 3$. (10/41). **Guaíra.**

NORTON (Barbara). — Uma mulher do século XX. Conto realista. Pref. Carlo Prina. (13/19). 84 p. br. 6$. (6/61). **Distr. Civilização.**

OLIVEIRA (Manoel Júlio de). — O colar de pérolas e outros contos. (14/19). 223 p. br. 8$. (6/41). **Emiel Ed.**

PEREGRINO (Umberto). — Desencontros. (13/19). 223 p. br. 8$. (8/41). **José Olympio.**

PESCE (Regina). — Almas esquecidas. (13/19). 155 p. br. 8$. (12/41). **Distr. Civilização.**

POE (Edgar Allan). — Contos fantásticos. Trad. Col. O Livro de Bolso, 2. (11/16). 227 p. cart. 6$ (10/41). **Distr. Civilização.**

QUEIROZ (Dinah Silveira de). — A sereia verde. (13/19). 241 p. br. 8$. (8/41). **José Olympio.**

SABINO (Fernando Tavares). — Os grilos não cantam mais. (13/19). 137 p. br. 6$. (11/41). **Pongetti.**

SCHMIDT (Afonso). — O tesouro de Cananeia. (13/19). 249 p. br. 9$. (9/41). **Ed. Anchieta.**

SILVA (De Plácido e). — Histórias de Macambira. (14/19). 215 p. il. br. 7$. (3.ª ed. 4/41). **Ed. Guaíra.**

SILVEIRA (Miroel). — O clube dos nudistas e outros contos. (14/20). 151 p. br. 8$. (12/41). **Globo.**

TABORDA (Doryol). — Dona Marocas. Il. L. Goulart. (14/19). 123 p. br. 5$. (8/41). **Of. Gr. A Noite.**

TAHAN (Malba). — Minha vida querida. Trad. e notas de Breno Alencar Bianco. Il. Calmon Barreto. (13/19). 189 p. br. 6$. (4.ª ed. 3/41). **Getulio Costa.**

TERRA (Felício). (Nuno de Andrade). — Contos e crônicas. Pref. Fernando Magalhães (14/19). 2 72p. br. 10$. 2.ª ed. 6/41). **Emiel Ed.**

VERGARA (Telmo). — Histórias do irmão Sol. (14/19). 243 p. br. 8$. (1940-7/41). **Ed. Guaíra.**

B. 7) ELOQUÊNCIA

CARVALHO (Daniel de). — Discursos e conferências. Pref. Alceu Amoroso Lima. (13/19). 189 p. br. 8$. (2/41). **Civilização.**

DEMOSTHENES. — A oração da coroa. Trad. Adelino Capistrano. Bibl. Clássica, 15. (14/20). 139 p. cart. 9$. (Nova ed. 9/41). **Athena.**

FRAGA (Clementino). — Orações à mocidade. 13/19). 213 p. br. 8$ (3.ª ed. 7/41). **A Noite.**

J. A. S. (Conselheiro). — Peço a palavra. Discursos, para: Casamentos etc. (13/19). 228 p. br. 10$. (10/41). **Getulio Costa.**

LUSO (João). (Armando Erse). — Orações e palestras. (13/19). 256 p. br. 8$. (2/41). **José Olympio.**

MACHADO (Alcantara). — Alocuções acadêmicas. (15/23). 157 p. br. 8$. (3/41). **José Olympio.**

B. 8) OBRAS PARA CRIANÇAS

ALBERNAZ (Dolores de Faria). — Contos infantis. (13/19). 170 p. br. 6$. (12/41). **Jornal do Comércio.**

ALBUQUERQUE (Amaurylio de). — História do Papai Noel. Des. de Calmon. (19/25). 62 p. br. 6$. (15/41). **A Noite.**

ALEGRIA das crianças. — N.º 4. Dias de Festas. (22/29). 8 p. il. cart. 2$500. (4/41). — N.º 6. Brinquedos. Des. do Studio Dorca. 22/29). 8 p. (S|texto). br. 3$. 11/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — O Guarani. Resumido e adaptado para as crianças do Brasil por Maria do Carmo Ulhôa Vieira. Il. do Studio Dorca. Bibl. Infantil Anchieta, 12. (18/21). 63 p. cart. 6$. (10/41). **Ed. Anchieta.**

ALMANAQUE Walt Disney. Com toda a turma. Trad. Sodré Vianna. Bibl. Juvenil. (27/36). 52 p. il. cart. 10$. (12/41). **Emp. Publ. Infantis.**

ALMEIDA (Elza). — Dois guris. (22/28). 31 p. il. cart. 10$. (10/41). **Z. Valverde.**

ALMEIDA (Guilherme de). — João Pestana. Inspirada no conto de Hans Christian Andersen. Des. do Studio Dorca. (23/32). 14 p. br. 5$. (11/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALMEIDA (Guilhema de). — O sonho de Marina. Il. do Studio Dorca. (23/32). 16 p. br. 5$. (4/41). **Ed. Melhoramentos.**

ALTAIR (Jaçanã). — Maria Feliz. Bibl. Infantil Anchieta, 2.ª série, 4. (14/20). 78 p. il. br. 3$. (11/41). **Ed. Anchieta.**

ALVAREZ (Martins D'). — No mundo da lua. Poesias para crianças. Il. Paes Torres. Col. Meridiano, s. Infantil, 1. (18/22). 97 p. cart. 10$. (12/41-1942). **Ed. Meio-Dia, Rio.**

ANDERSEN. — Contos. Trad. Monteiro Lobato. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 6. (16/22). 100 p. il. cart. 7$. (4.ª ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ANKER (Goldie). — Os dez mandamentos explicados às crianças. Trad. Colina Lion. (17/21). 23 p. il. br. 4$. (11/41). **Ed. Melhoramentos.**

ASSUNÇÃO (Lina Walkiria da). — O papagaio de ouro. Bibl. Infantil Anchieta, 13. (18/21). 76 p. il. cart. 7$. (10/41). **Ed. Anchieta.**

BARROSO (Alfredo). — Getulio Vargas para crianças. Il. Fernando Dias da Silva. Bibl. Pátria, vol. especial. (12/13). 112 p. cart. 4$. (3/41). **Supl. Nacionais.**

BILAC (Olavo). — Poesias infantis. (14/19). 142 p. il. cart. 5$. (14.ª ed. 9/41). **Livr Alves.**

BUARQUE (Mary). — O bonequinho de massa. Adaptação. Contos de Pequenópolis. Bibl. Infantil Anchieta, 5. (18/21). 76 p. il. cart. 9$. (8/41). **Ed. Anchieta.**

BUARQUE (Mary). — Lunaiva. (Contos de Pequenópolis). Bibl. Infantil Anchieta, 9. (18/21). 62 p. bl. cart. 6$. (10/41). **Ed. Anchieta.**

BUARQUE (Mary). — Pequenópolis. Canções, poesias e bailados apresentados pelos alunos do Curso Artístico de Mary Buarque. (18/25). 142 p. il. enc. 30$. (7/41). **Rev. Tribunais.**

BUARQUE (Mary). — O rei Oscar e o pernilongo. Contos de Pequenópolis. Bibl. Infantil Anchieta, 1. (18/21). 75 p. il. cart. 9$. (8/41). **Ed. Anchieta.**

BUREN (Reaburn van). — Zé Mulambo. Trad. Col. Gibi. 9. (9/11). 351 p. il. cart. 4$. (11/41). **Globo Juvenil.**

CAPP (Al). — Lil Abner entre os Gran-finos. Trad. Col. Gibi. 7 (9/11). 427 p. il. cart. 4$. (10/41). **Distr. Atlantida.**

CARO (Nina), CARO (Herbert). — Aprenda brincando criança. Il. da Autora e Marta Schidrowitz. (18/27). 44 p. cart. 8$. (6/41). **Globo.**

CARROLL (Lewis). — Alice no país das Maravilhas. Trad. e adaptação de Monteiro Lobato. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 2. (16/22). 117 p. il. cart. 7$. (5.ª ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Cândido de). — Pinoquio em procura de Branca de Neve. (História adaptada de um conto de Pietro Peluggi). Il. Solon Botelho. (14/19). 239 p. cart. 10$. (11/41). **Getulio Costa.**

C. F. — Contos e novelas. Col. Passiflóra. (14/19). 209 p. cart. 12$. (3.ª ed. 12/41). **Pap. Natal, Rio.**

CHERUBINI. — Pinóquio na Africa. Trad. Mary Baxter Lee. (13/19). 159 p. il. cart. 6$. (4.ª ed. 1940-1/41). **Imp. Metodista.**

CLUSKY (Thorp Mc). — Chamando W-1-Y-Z. Lula e os Rádios- espiões. Trad. e adaptação de Sodré Viana. Il. Samuel Nisenson. Nova Bibl. Mirim, 23. (9/11). 259 p. cart. 4$. (7/41). **Supl. Nacionais.**

COLEÇÃO GIBI. — Vol. VIII. Inspetor Wade em O mistério dos Azes Vermelhos. Trad. (9/11). 408 p. il. cart. 4$. (11/41). **Globo Juvenil.**

CORREIO Infantil. — N.º 1. (16/21). 16 p. (S|texto). il. cart. 3$. (5/41). — N.º 2. (16/21). 16 p. (S|texto). cart. 3$. (5/41). **Ed. Melhoramentos.**

CRETELA (Paulo). — O cavalo de Tróia. Bibl. Infantil Anchieta, 2.ª s., 5. (14/20). 30 p. il. br. 1$500. (11/41). **Ed. Anchieta.**

DISNEY (Walt). — Camondongo Mickey apresenta Pluto. Trad. Nova Bibl. Mirim, 21. (9/11). 307 p. il. cart. 4$. (5/41). **Supl. Nacionais.**

DISNEY (Walt). — Camondongo Mickey e os 7 fantasmas. Trad. Bibl. Mirim. 20. (9/11). 303 p. il. cart. 4$. (1/41). **Supl. Nacionais.**

DISNEY (Walt). — Elefante Bolinha. (Elmerindo). Trad. Sodré Viana. Col. Walt Disney, 4. (14/12). 64 p. il. cart. 2$500. (10/41). **Emp. Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Fantasia. Il. do Autor. Trad. (27/37). 40 p. br. 6$. (8/41). **Emp. Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — João Mata-Sete. Trad. Sodré Viana. Col. Walt Disney, 1. (14/12). 63 p. il. cart. 2$500. (9/41). **Emp. Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Patetá. Trad. Col. Walt Disney, 2. (14/12). 84 p. il. cart. 2$500. (10/41). **Emp. Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — O patinho feio. Trad. Sodré Viana. Col. Walt Disney. 3. (14/12). 64 p. il. cart. 2$500. (12/41). **Emp. Publ. Infantis.**

DISNEY (Walt). — Sinfonias alegres. Trad. e adaptação de Sodré Vianna. Nova Bibl. Mirim. 24. (9/11). 323 p. il. cart. 4$. (8/41). **Emp. Publ. Infantis.**

DUARTE (Bandeira). — Rondon o bandeirante do do século XX. Des. de Acquarone. (17/24). 204 p. cart. 12$. (2/41). **Livr Martins.**

EPPENSTEIN (Kurt). — Aventuras de Mimi Cebola. Bibl. Infantil Anchieta, 2.ª s., 7 (14/20). 46 p. il. br. 2$. (11/41). **Ed. Anchieta.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Viagem através do Brasil. Vol. I, Amazonia. Il. do Autor. (18/24). 77 p. cart. 6$500. (2.ª ed. 12/41). — Vol. V. Brasil Meridional, I. Rio Grande do Sul. Il. do Autor. (8/24). 184 p. cart. 10$. 12/41). **Ed. Melhoramentos.**

FAREMOTIERS (Abadia de). — Os anjos brincam de Rádio. Trad. Colina Lion. (17/21). 32 p. il. br. 5$. (12/41). **Ed. Melhoramentos.**

FLEURY (Renato Sêneca). — Contos e lendas orientais. Col. Histórias Maravilhosas, 19. (12/18). 79 p. il. br. 4$. (6/41). **Ed. Melhoramentos.**

FLEURY (Renato Sêneca).— A festa da bicharada. (15/17). . 39 p. il. br. 4$. (11/41). **Ed. Melhoramentos.**

FLEURY (Renato Sêneca). — O legado do árabe e outras histórias. Col. Histórias Maravilhosas, 18. (12/18). 79 p. il. br. 4$. 7/41). **Ed. Melhoramentos.**

FLEURY (Renato Sêneca). — No reino dos bichos. Bibl. Infantil. 68. 12/16). 56 p. il. cart. 1$500. (8/41). **Ed. Melhoramentos.**

FOA (Eugênio). — O pequeno Robinson de Paris. Trad. Pepita de Leão. Col. Burrinho Azul. 17/22). 117 p. il. cart. 8$. (6/41). **Globo.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — O gigante de botas. Novela histórica. Il. de Calmon. Bibl. Brasileirinho. 1. (16/22). 99 p. cart. 10$. (2.ª ed. 10/41). **E. N. Fontes.**

FRANCO (Cid). — Histórias Brasileiras para a juventude. Des. de Belmonte. (16/24). 181 d. cart. 12$. (12/41-1942). **Livr. Martins.**

GRANDES Figuras do Brasil. — Vol II. Legendas de Rafael Murilo, Miranda Bastos, Américo Palha. Colaboração de: Cel. Afonso de Carvalho, Cel. Jonas Correia, Cel. Ayrton Lobo e Cel. Walter Prestes. Des. de Rodolfo. Bibl. Pátria. (28/32). 66 p. cart. 10$. (10/41). **Emp. Publ. Infantis.**

GREGORIUS (Kurt). — Aventuras de Duca e João. Des. do Autor. Bibl. de Nanquinote, 10. (19/27). 28 p. cart. 4$. (8/41). **Globo.**

GREY (Zane). — O rei da Polícia Montada e o roubo das jóias. Trad. Col. Gibi, 6. (9/11). 394 p. cart. 4$. (6/41). **Globo Juvenil.**

GUIMARÃES (Vicente). — Os bichos eram diferentes. (16/23). 55 p. il. cart. 6$. (4/41). Distr **Civilização.**

GUSTAVO (Paulo). — Sérgio descobre um novo mundo. Il. J. Carlos. (17/24). 93 p. cart. 8$. (12/41). **Livr. Alves.**

HASAMÊE (Condessa D'). — O gigante derrotado. Trad. Haidée Calmasini. Bibl. Infantil Anchieta, 2.ª s., 6. (14/20). 59 p. il. br. 2$500. (11/41). **Ed. Anchieta.**

HERMINDO (R.). — História de Catarina. (14/19). 77 p. il. cart. 4$. (10/41. **Fed. Espírita.**

HOFFMANN (Contos de). — João Felpudo. Trad. e adaptação de Geraldo de Ulhôa Cintra. Bibl. Infantil, 2.ª s., 3. (14/20). 29 p. il. br. 1$500. (11/41). **Ed. Anchieta.**

HORAS Felizes. — N.º 3. Jóca. Texto de Guilherme de Almeida. Des. de Ruth E. Newton. (23/32). 12 p. il. br. 4$. (11/41). **Ed. Melhoramentos.**

ILDEFONSO (Frei). — Bibliotéca de petizada. (17/24). 95 p. il. br. 6$. (12/41). **Saraiva.**

LELONG, O. P. (R. P.) — Como rezar o terço. Trad. Colina Lion. Aquarelas de Maryse Biolley. (17/21). 34 p. br. 5$. (11/41). **Ed. Melhoramentos.**

LOBATO (Monteiro). — As caçadas de Pedrinho. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 9. 18/25). 101 p. il. cart. 10$. (5.ª ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — O espanto das gentes. Des. J. U. Campos. (14/20). 55 p. cart. 4$500. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — História de tia Nastácia. Il. Rafael de Lamo. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 29. (16/22). 187 p. cart. 12$. (3.ª ed. 8/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — A reforma da natureza. Des. de Belmonte. (16/21). 56 p. cart. 4$500. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — Reinações de Narizinho. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 1-2 (16/23). 231 p. il. cart. 12$. (8.ª ed. 7/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — O saci. Il. J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 4. (18/25). 109 p. cart. 10$. (7.ª ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MACEDO (Roberto). — General Osório para crianças. Il Fernando Dias da Silva. Bibl. Pátria, 3. (12/13). 304 p. cart. 6$. (9/41). **Emp. Publ. Infantis.**

MARSH (Norman). — Dan Dun e os contrabandistas da fronteira. Trad. Col. Gibi, 5. (9/11). p. il. cart. 4$. (4/41). **Globo Juvenil.**

MIRANDA (Alma Cunha de). Meus contos... Des. de Percy Lau. (16/23). 68 p. cart. 8$. (8/41). **Pongetti.**

MOURA (João V. Pinto de). — Pequena história da República para crianças. Bibl. Pátria. (17/22). 47 p. il. cart. 8$. (5/41). **Supl. Nacionais.**

MUR (A. Sabater Y). — A idade de ouro. Trad. Pepita de Leão. Il. Nelson Boeira Faedrich. Col. Burrinho Azul. (16/22). 175 p. cart. 8$. (9/41). **Globo.**

PAIVA (Isabel V. de Serpa e). — Poesias cívicas escolares. (12/18). 126 p. br. 5$. (9/41). **Emp. Ed. Brasileira.**

PELLEGRINI (Itacy da Silveira). — A lição da árvore. Il. do Studio Dorca. Bibl. Infantil Anchieta, 11. (18/21). 52 p. cart. 6$. (10/41). **Ed. Anchieta.**

PELLEGRINI (Itacy da Silveira). — Na vila de Santa Rosa. Il. do Studio Dorca. Bibl. Infantil Anchieta, 6. (17/21). 56 p. cart. 7$. (11/41). **Ed. Anchieta.**

PERRAULT (Charles). — Contos de fadas. Trad. Monteiro Lobato. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 17. (16/22). 92 p. il. cart. 7$ (5.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PIMENTEL (Figueiredo). — Contos da Carochinha. (14/19). 414 p. il. cart. 12$. (18.ª ed. 10/41-1942). **Quaresma.**

PIMENTEL (Luiz Antônio). — Contos do Velho Nippon. Pref. Melo Mourão. Il. e capa de Gustavo Konder. (17/24). 101 p. cart. 10$. (9/41). **Pongetti.**

PRIMO (J. Pinheiro), PINHEIRO (Maria Esolina). — Vida risonha. (16/23). 89 p. il. cart. 8$. (12/41-1942). **Emiel Ed.**

RIALVA (Rita Amil de). — Jaguaraçú. (Contos inspirados na história). Il. de Acquarone. (17/24). 97 p. cart. 10$. (8/41). **Briguiet.**

SALVI (Nina). — Ana Lúcia no país das fadas. Des. F. Acquarone. (18/22). 98 p. cart. 8$. (12/41). **Ed. Autora, Rio.**

SCHMID (Contos de). — Genoveva, Duquesa de Brabante. Trad e adaptação de Geraldo de Ulhôa Cintra. Bibl. Infantil Anchieta, 2. (18/21). 93 p. il. cart. 7$. (9/41). **Ed. Anchieta.**

SCHIMID (Contos de). — Rosa de Tanemburgo. Adaptação de Júlia Piratininga. Bibl. Infantil Anchieta, 8. (18/21). 93 p. il. cart. 7$. (9/41). **Ed. Anchieta.**

SCUVERO (Sagramor). — Na casa do sonho. Il. Mariana Hullemhoff. Bibl. Infantil Anchieta, 7. (18/21). 49 p. cart. 7$ (8/41). **Ed. Anchieta.**

SCUVERO (Sagramor de). — Eu quero ficar homem. Bibl. Infantil Anchieta, 10. (18/21). 67 p. il. cart. 7$. (8/41). **Ed. Anchieta.**

SIMÕES (Olga Jagaribe Ekman). — Kuximin. História de um Indio Caxinauá. Bibl. Infantil Anchieta, 3. (18/21). 92 p. il. cart. 9$. (8/41). **Ed. Anchieta.**

SIMÕES (Olga Jaguaribe Ekman). — Quatro descobrimentos da América. Bibl. Infantil Anchieta, 2.ª s., 2. (14/20). 44 p. il. br. 2$. (11/41). **Ed. Anchieta.**

SINDBAD, o marítimo. Adaptação e ils. de Itamar de Guimarães. Col. O Natal dos Meus Filhos, 1. (17/23). 174 p. cart. 10$. (2.ª ed. 12/41). **Ed. Thurmann.**

THIRÉ (Carlos A.). — Mr. Rafles vai a Itaipava. Il. em quadrinhos do Autor. (19/28). 60 p. cart. 5$. (6/41). **Supl. Nacionais.**

THIRÉ (Carlos A.). — Três legionários da sorte. (23/16). p. il. em quadrinhos. cart. 4$. (3/41). **Distr. Z. Valverde.**

THOMAZ (Joaquim Silveira). — Bob Bolach e seu criado Paúra. (Em viagem de Belém-do-Pará ao Araguaia). (16/24). 75 p. il. br. 8$. (12/41). **Distr. Antunes.**

TRICANICO (Marina). — A cidade dos brinquedos. Versos para crianças. Il. Nuto Sant'Ana. (13/19). 64 p. br. 3$500. (11/41). **Ed. Anchieta.**

VAZ (Martin). — Raposo Tavares para crianças. Il. Renato Lima. Bibl. Pátria, 2. (11/13). 301 p. cart. 6$. (6/41). **Supl. Nacionais.**

VIEIRA (Antônio). — Trânsito entre as formigas. Bibl. Infantil Anchieta, 2.ª s., 1. (14/20). 64 p. il. br. 3$. (10/41). **Ed. Anchieta.**

VIEIRA (Maria do Carmo Ulhôa). — A fada brasiléia. Bibl. Infantil Anchieta, 14. (17/21). 60 p. il. cart. 7$. (11/41). **Ed. Anchieta.**

VIEIRA (Maria do Carmo Ulhôa). — No país dos anões. Il. Kurt Eppenstein. Bibl. Infantil Anchieta, 4. (18/21). 77 p. cart. 9$. (8/41). **Ed. Anchieta.**

WERNECK (Paulo). — Negrinho do Pastoreio. Il. do Autor. Pref. Augusto Meyer. (33/25). 30 p. cart. 15$. (12/41). **Distr. Civilização.**

WISS (Rodolfo). — O Robinson Suiço. Adatação para crianças por Alfredo Gomes. (16/22). 188 p. il. cart. 12$. (10/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

XAVIER (Odila Barros). — Segredos de Zé-Toquinho. Il. Nelson Boeira Faedrich. (14/19). 73 p. br. (2.ª ed. 2/41). **Globo.**

YOUNG (Lyman). — Tim e Tok na Africa. Trad. Bibl. Mirim. 19 (9/11). 305 p. il. cart. 4$. (1/41). **Supl. Nacionais.**

5) CIENCIAS MATEMATICAS, FISICAS E NATURAIS

ANGELINO (Nicolau). — Elementos de análise mineral qualitativa. (14/19). 130 p. il. br. 6$. (5/41). **Livr. Lusitania.**

BARROS (Alencar). — Tratado de zoologia. 17/21). 646 p. il. br. 30$. (5/41). **Saraiva.**

BARROS (J. B. A.). — 400 Problemas para o curso primário. (12/18). 34 p. br. 2$. (8.ª ed. 3/41). **Distr. Antunes.**

BASSI (Achille). — Da importância da topologia na matemática moderna. Pref. Luigi Sobrero. Col. de Monografias Cientificas, 1. Instituto Italo-Brasileiro de Alta-Cultura. (14/19). 32 p. br. 7$. (10/41). **Distr. Boffoni.**

BOMFIM (Léo). — Matemática, 2.ª série. (14/20). 275 p. il. cart. 12$. (3.ª ed. 3/41). **Saraiva.**

CALCULO Rápido. Bibl. do Homem Prático, 8. (13/18). 56 p. br. 4$. (3/41). **Japy Freire.**

CALIOLI (Carlos), D'AMBROSIO (Nicolau). — Matemática. (1.º ano propedêutico). Aritmética. Pref. Humberto Alfredo Pucca. Col. Dom Bosco, 17. (14/20). 318 p. cart. 12$. (3.ª ed. 2/41). — 2.º ano propedêutico. Aritmética e álgebra. Col. Dom Bosco, 22. (14/20). 280 p. cart. 12$. (2.ª ed. 3/41). — 3.º ano propedêutico. Algebra e geometria. Col. Dom Bosco, 25 (14/20). 295 p. il. cart. 12$. (2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHAL (Regina Freire). — Rimas aritméticas. Para a 2.ª série primária. (17/24). 99 p. il. cart. 10$. (12/41. **Ed. Autora, Rio.**

CARVALHO (Carlos de). — Aritmética comercial e financeira. (16/24). 235 p. br. 18$. (12.ª ed. 12/41-1942). **Cia. Ed. Nacional.**

COPPETTI (Mário). — Tábuas Coppetti. Trad. e adaptação de Melo e Souza. (10/14). 181 p. il. enc. 10$. (5/41). **Getulio Costa.**

COSTA (Carlos). — Elementos de física, química e história natural. Curso propedêutico. Col. Dom Bosco, 20 (14/20). 316 p. il. cart. 12$. (2.ª ed. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Carlos), PASCUALE (Carlos). — Química. II vol. 4.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 95. (14/20). 328 p. il. cart. 13$. (2.ª ed. 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CUNHA (Narciso Soares da). — De Von Martius aos ervanários da Baía. Pref. Alexandre Leal da Costa. (16/23). 52 p. il. br. 10$. (3/41). **Ed. Autor, Baía.**

DAVIES (John Langdon). — O homem e o seu universo. Trad. Edson Carneiro. Bibl. Espírito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 6. (15/22). 274 p. il. cart. 20$. (3.ª ed. 7/41). **Ed. Melhoramentos.**

DÉCOURT (Paulo). — Botânica geral. (15/22). 820 p. il. cart. 20$. (2.ª ed. 7/41). **Ed. Melhoramentos.**

EINSTEIN (Albert), INFELD (Leopold). — A evolução da física. Trad. Monteiro Lobato. Rev. por Nelson S. Teixeira. Bibl. Espírito Moderno, s. 2.ª Ciência, 1. (15/22). 344 p. il. br. 20$. (2.ª ed. 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

FACCINI (Mário). — Ciências Físicas e naturais. 2.ª série. (14/19). 260 p. il. cart. 8$. (4.ª ed. 4/41). **Briguiet.**

FACCINI (Mário). — Física. 5.ª série. (14/19). 615 p. il. cart. 24$. (4.ª ed. 4/41). **Livr. Alves.**

FACCINI (Mário). — Física e química. 3.ª série. Pref. George Sunner. (14/19). 430 p. il. cart. 14$. (3.ª ed. 2/41). **Briguiet.**

FACCINI (Mário). — Química. 5.ª série. (14/19). 395 p. il. cart. 16$. (4.ª ed. 4/41). **Livr. Alves.**

FERNANDES (Felicissimo Rodrigues). — Ciências naturais e físicas. Curso elementar. (13/19). 185 p. il. cart. 3$. (30.ª ed. 8/4). **Livr. Alves.**

F. I. C. — (Frère Ignace Chaput). — Elementos de geometria. Trad. e adaptação de Eugênio de Barros Raja Gabaglia. Rev. Jayme de Sales Georges. (14/19). 578 p. il. cart. 24$. 11.ª ed. 6/41). **Briguiet.**

FONTES DA SILVA (Joaquim Martins). — O jardineiro e as rosas do Brasil. (18/22). 170 p. (7/41). **S. Paulo Ed.**

FREITAS (Anibal). — Curso de física. 5.ª série. (14/21). 690 p. il. cart. 20$. (4.ª ed. 5/41). **Ed. Melhoramentos.**

FREITAS (Gaspar de). — Ciências físicas e naturais. Exame de admissão. (12/16). 268 p. il. cart. 5$. (156 m.º, 3/41-|-161 m.º, 6/41). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de aritmética, geometria e desenho. Exame de admissão. (12/16). 132 p. il. cart. 3$. (91.º m.º, 2/41). **Distr. Antunes.**

FROES (Arlindo). — Química. 5.ª série. (14/19). 823 p. il. cart. 20$. (2.ª ed. 1/41). **Livr. Alves.**

F. T. D. — Novas tábuas de logaritmos a 7 decimais. Col. de Livros Didáticos F. T. D. (12/18). 176 p. cart. 8$. (Nova ed. 7/41). **Livr. Alves.**

F. T. D. — Problemas de física com soluções completas. (12/18). 330 p. il. cart. 25$. (Nova ed. 12/41). **Livr. Alves.**

GAMA (Lelio I.). — Introdução à teoria de conjuntos. Fasc. 1. Preliminares. (19/28). 29 p. br. 4$. (10/41). — Fasc. 2 O problema da escolha. Axioma de Zermelo. (19/28). 46 p. br. 4$. (10/41). **I. B. G. e Estatistica.**

GAMA FILHO (Luis Nogueira da). Movimentos, seus problemas. (16/23). 63 p. br. 5$. (12/41). **Distr. Livr. Alves.**

GOULART (Virgilio). — A radiestesia em 6 lições práticas. Pref. Alfredo Ernesto Becker. (14/19). 157 p. il. br. 12$ (10/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

HARRISON (George Russel). — O romance da Física. (Atoms en Action). Trad. João Bruno Lobo e Alvaro de Paiva Abreu. Col. A Ciência de Hoje, 5. (14/20). 354 p. 25 ils. fóra texto, br. 15$. (3/41). **José Olympio.**

HOEHNE (F. C.). — Flora brasilica. Vol. XII, I; 1-12. Orchidaceas. Secretaria da Agric. Ind. e Com. de S. Paulo. (24/32). 254 p. 153 tábulas, il. br. 100$. (1940-1/41). — Vol. XXV, II; 122. Leguminosas-Papilionadas. Gênero: Arachis. (24/32). 100 p. il. br. 60$. (1940-2/41). **S. Paulo.**

HUXLEY (Julian). — Os fenômenos da vida. Trad. pref. e anotada por Otávio Domingues. Bibl. Espírito Moderno, s. 2.ª, Ciências, 7. (15/22). 288 p. il. br. 15$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

IHERING (Rodolpho von). — Dicionário dos animais do Brasil. Pref. Mário de Sampaio Ferraz. (17/24). 899 p. br. 100$. (1940-9/41). **Tip. Brasil, S. Paulo.**

JEANS (James). — O universo misterioso. Trad. J. de Sampaio Ferraz. Bibl. Espírito Moderno, s. 2.ª Ciência, 5. (15/22). 206 p. il. br. 12$. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

JOBIM (José). — The mineral Wealth of Brasil. (15/27). 169 p. br. 20$. (7/41). **José Olympio.**

KARLSON (Paul). — Nós e a natureza. O romance da física. Trad. Marina Guaspari. Rev. da parte cientifica por Herbert Caro. Col. Tapete Mágico, 9. (16/23). 292 p. il. br. 15$. (5/41). **Globo.**

LEITÃO (Cândido de Melo). — Curso elementar de História natural. Vol. 1.º, 3.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 15. (14/20). 315 p. il. cart. 12$. (3.ª ed. 2/41). — Vol. 2.º, 5.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 36. (14/20). 320 p. il. cart. 14$. (2.ª ed. 2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBO (J. Th. de Souza). — Segunda aritmética (14/21). 355 p. il. cart. 8$. (34.ª ed. 4/41). **Globo.**

LOURENÇO (Oscar Bergstrom). — Física. 3.ª série ginasial. Pref. A. Almeida Junior. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 23. (14/20). 202 p. il. cart. 10$. (16.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MARTINS (Coriolano M.). — Ciências físicas e naturais. 2.º ano propedêutico das escolas de comércio. Col Didática Nacional. 15 (14/19). 188 p. il. cart. 10$. (4/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

MARTINS (Coriolano M.). — Física didática. 4.ª série ginasial. Col. Didática Nacional, 12. (14/19). 336 p. il. cart. 12$. (2.ª ed. 6/41). — 5.ª série. Col. Didática Nacional, 13. (14/19). 408 p. il. cart. 18$. (2.ª ed. 12/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

MARTINS (Coriolano). — Química didática. 4.ª série dos ginasios. Col. Didática Nacional, 14. (14/19). 230 p. il. cart. 14$. (3.ª ed. 12/41). — 5.ª série. Col. Didática Nacional, 15. (14/19). 362 p. il. cart. 16$. (3.ª ed. 12/41). — 5.ª série. Col. Didática Nacional, 15. (14/19). 362 p. il. cart. 16$. (2.ª ed. 12/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

MENEZES (Luis). — História natural. 3.ª série. (14/20). 321 p. il. cart. 10$. (4.ª ed. 3/41). — 5.ª série. (14/20). 404 p. il. cart. 14$. 3.ª ed. 3/41). **Saraiva.**

OLIVEIRA (Benjamim Carias de). — Exercícios resolvidos de matemática. Pref. Alberto Serrão. (16/23). 133 p. il. br. 12$. (10/41). **Jornal do Comércio.**

OLIVEIRA (Valdemar de). — História natural. 5.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 15. (14/20). 355 p. il. cart. 15$. (2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PAULA (Maria). — Aritmética primária. (14/20). 130 p. il. br. 4$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PECEGUEIRO DO AMARAL (João Baptista). — Compêndio de química. 1.º vol. 4.ª série. (14/19). 368 p. il. cart. 18$. (5.ª ed. 10/41). **Livr. Alves.**

PEIXOTO (Roberto José Fontes). — Elementos de geometria analítica. 1.ª parte. Geometria de duas dimensões. (16/23) p. il. br. 18$. (2.ª ed. 5/41). — 2.ª parte. (16/23). 143 p. il. br. 15$. (12/41-1942). **Ed. Minerva.**

PEIXOTO (Roberto José Fontes). — Problemas de geometria analítica. 1.ª parte. Geometria de duas dimensões. (16/24). 144 p. il. br. 12$. (8/41). **Ed. Minerva.**

PINTO (Fernando Nogueira). — Curso de química. 1.º vol. Pref. Alfredo Nascimento. (16/23). 176 p. il. br. 15$. (4/41). **Of. Gr. O Globo.**

POTSCH (Waldemiro). — O Brasil e suas riquezas. Leitura pátria. (14/19). 360 p. il. cart. 7$. (16.ª ed. 8/41). **Livr. Alves.**

POTSCH (Waldemiro). — História natural. 3.ª série. (14/19). p. il. cart. 10$. 7.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

POTSCH (Waldemiro), SILVA (Ruy de Lima e). — Ciências físicas e naturais. 1.ª série. (14/19). 269 p. il. cart. 8$. (11.ª ed. 12/41). **Livr. Alves.**

QUINTELA (Ary). — Matemática. 1.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 104. (14/20). 271 p. il. cart. 10$. (1/41) — 2.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 106. (14/20). 250 p. cart. 10$. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

QUINTELA (Donaldson Medina). — 1.º Caderno de química prática. (14/18). 254 p. il. br. 15$. (2/41). **Distr. Freitas Bastos.**

RANGEL FILHO (Antenor). — Coloides e cristaloides. (Estraído da Rev. Symiátrica, 1941). (16/23). 95 p. il. br. 15$. (12/41). **I. Muniz, Rio.**

RANGEL (Geraldo da Gama). — Problemas de química. Série A. Cursos secundários e complementares. (16/23). 62 p. br. 6$. (12/41). — Série B. (16/23). 128 p. br. 12$. (12/41). **Distr. Ed. Científica.**

REIS (Otelo de Sousa). — Seiscentas expressões fracionárias. Introd. de F. Cabrita. (13/19). 114 p. cart. 5$. (7.ª ed. 7/41). **Livr. Alves.**

RIALVA (Rita Amil de). — Noções de biologia geral. (14/19). p. il. cart. 22$. (3.ª ed. 3/41). **Briguiet.**

RODRIGUES (Alvaro J.). — Geometria descritiva. 1.º vol. Operações fundamentais e poliedros. (16/23). 255 p. 11 pranchas, il. br. 30$. (12/41). **Ed. Autor, Rio.**

RODRIGUES (Eduardo Celestino). — 1700 Exercícios de álgebra. (14/19). 214 p. cart. 12$. (1940-1/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

ROXO (Euclides). — Unidades e medidas. B. P. B. s. 4-A. Iniciação Técnico-Profissional, 4. (14/20). 178 p. br. 10$. (11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ROXO (Euclides), SOUZA (Júlio Cesar de Melo e), THIRÉ (Cecil). — Curso de Matemática. 3.º ano. (17/24). 391 p. il. cart. 12$. (4.ª ed. 6/41). **Livr. Alves.**

SERRÃO (Alverto Nunes). — Lições de matemática para médicos e químicos. (15/22). 354 p. il. cart. 25$. (7/41). **Globo.**

SOCIEDADE de Trabalhos Didáticos. Tábuas de logaritmos com 5 decimais. Publ. sob a dir. de Otelo Reis. (13/18). 140 p. cart. 7$. (6/41). **Livr. Alves.**

SOUZA (Mello e). — Matemática divertida e pitoresca. (17/24). 261 p. il. br. 12$. (4/41). **Getulio Costa.**

STÁVALE (Jacomo). — Exercícios de matemática. 2.º ano. (14/19). 120 p. br. 5$. (3.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

STÁVALE (Jacomo). — Primeiro ano de matemática. B. P. B. s. 2.ª Livros Didáticos, 12. (14/20). 318 p. il. cart. 12$. (17.ª ed. 12/41). — Segundo ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 13. (14/20). 320 p. il. cart. 12$ (12.ª ed. 12/41. — Terceiro ano B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 21. (14/20). 362 p. il. cart. 12$. (8.ª ed. 3/41). — Quarto ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 25. (14/20). 297 p. il. cart. 12$. (6.ª ed. 10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SUSSEKIND (Carlos). — Desenho geométrico a instrumento. (16/23). 153 p. il. cart. 15$. (7/41). **Globo.**

TAYLOR (F. Sherwood). — Pequena história da ciência. Trad. Milton da Silva Rodrigues. Col. A Marcha do Espírito, 1. (14/23). 525 p. il. br. 18$. (5/41). **Livr. Martins.**

TERRA (Barros). — Química orgânica para os cursos complementares. 1.º vol. (16/24). 321 p. il. br. 30$. (7/41). **Gr. Apolo, Rio.**

THIRÉ (Cecil). — Manual de matemática. 3.º ano. (14/18). 203 p. il. br. 9$. (6/41). — 4.º ano. (14/18). 237 p. il. br. 9$. (4/41). **Livr. Alves.**

TRAJANO (Antônio). — Algebra elementar. (14/21). 186 p. cart. 6$. (18.ª ed. 1940-1/41). **Livr. Alves.**

TRAJANO (Antônio). — Aritmética progressiva. Curso superior (15/21). 271 p. il. cart. 6$. (72.ª ed. 5/41). **Livr. Alves.**

WELLS (H. G.), HUXLEY (Julian), WELLS (G. P.). — A ciência da vida. III. A evolução dos sêres vivos. Trad. e notas de Almir de Andrade. 45 ils. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 306 p. br. 15$. (6/41). — VI O drama da Vida. Trad. Maurício de Medeiros. 18 ils. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 324 p. br. 15$. (12/41). — VIII. A nossa vida mental. Trad. e notas de Almir de Andrade. 24 ils. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 317 p. br. 15$. (2/41). **José Olympio.**

YAZICI (Elias). — Cálculo mental. 1.º vol. (12/18). 51 p. br. 4$. (8/41). **Distr. Civilização.**

ZANELLO (Hipérides). — Ciências físicas e naturais. 1.ª série. (Curso ginasial). B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 61. (14/19). 251 p. il. cart. 10$. (7.ª ed. 1/41). **Cia. Ed. Nacional.**

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura. Comércio. Economia doméstica. Finanças. Indústria. Profissões. Técnologia.

AISBERG (E.). — O rádio em 16 palestras. 3.ª ed. brasileira, trad. do esperanto por A. Couto Fernandes e Carlos Domingues. Des. de H. Guilac. (15/22). p. br. 15$. (3.ª 11/41). **Pongetti.**

ALCANTARA (Raimundo). — A.B.C. do gazogênio. (14/20). 65 p. il. br. 5$. (11/41). **Ed. Autor, Rio.**

ALVES (Oscar Leite). — Apêndice ao novo método de taquigrafia. (16/23). 32 p. br. 2$. 2.ª ed. 8/41). **Rev Tribunais.**

ANDRADE SOBRINHO (J. M.). — Como fazer monografias, teses, palestras, conferências. (12/18). 72 p. br. 6$. (7/41). **Ed. Autor, Rio.**

ARAUJO (Agnes B. C. D'). — O arquivo nacional dos Estados Unidos. Conferência. (14/22). 48 p. il. br. 6$. (11/41). **Serv. Hollerith. Rio.**

ARAUJO (Iguez B. C. D'). — Curso de arquivo. (IBCA). Notas de aula. (14/22). 39 p. br. 15$. (11/41). **Serv. Hollerith, Rio.**

ARZET (Roberto). — A Alemanha e a Ibero-América. Retrospecto e perspectiva. Trad. (18/25). 31 p. il. br. 2$. (4/41). **Lenzinger, Rio.**

ASSOCIAÇÃO Paulista de Bibliotecários. — Regras gerais de catalogação e redação de fichas. (14/21). 24 p. br. 5$. (5/41). **Distr. Z. Valverde.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade. (Noções preliminares). Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 7. (14/20). 320 p. cart. 15$. (5.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade mercantil. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos. 23. (14/20). 310 p. cart. 15$. (5.ª ed. 2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BARBOZA (Silvino), CAVALLARI (Edmundo Mário). — Contabilidade maquinizada. Sistema ficha triplice. (17/24). 255 p. il. (Anexo com fichas). enc. 50$. (12/41). **Tid. Aurora, S. Paulo.**

BARROS (Fernando de). — A arte de ser bela. (13/19). 192 p. il. br. 10$. (7/41). **Z. Valverde.**

BERRINI (L. C.). — Avaliações de terrenos. (16/23). 149 p. 3 pranchas, enc. 50$. (12/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

BETHECOURT DA SILVA (Eugênio). — Apontamentos de técnica comercial. (1419). 127 p. cart. 6$. (2.ª ed. 6/41). **Freitas Bastos.**

BRANCO (Abilio de Azevedo Caldas). — Prática da vibração do concreto. Série Divulgação, 7. (12/18). 60 p. 6 pranchas, il. br. 10$. (1/41). **H. Velho.**

BRASIL Compra e Vende. — Brasil Buys and Sells. Brasil Compra y Vende. Manual de Economia Brasileira. Dir. Dioclécio D. Duarte. Dir. Técnica e coordenação de Van Loos. Des. Percy Lau. (19/28). 360 p. Anexo Vocabulário-índice; 24 p.). cart. 40$. (9/41). **Soc. Econômia, Rio.**

BRAZILIAN Customs Tariff. — English translation. Authorized by H. C. The Minister of Finance. Publishad by Roman Poznansky. (22/31). 120 p. br. 80$. (12/41). **M. Sztern, Rio.**

BRITTO (José Saturnino). — Um pequeno feixe de lenha. (13/19). 122 p. br. 5$. (4/41). **Emiel Ed.**

BURGOS (Frederico). — Taquigrafia eclética. Pref. Alberto Deodato. (19/28). 53 p. il. br. 11$. (2.ª ed. 1940-1/41). **Ed. Autor, B. Horizonte.**

CAMPOS (Gaysita de). — Como fazer o meu tricot. 2.ª série. (16/24). 160 p. il. br. 10$. (2.ª ed. 5/41). **Globo.**

CANTANHEDE (Cesar). — Movimentação do pessoal. 2.ª aula. (Curso de Organização. Dir. Jorge F. Kafuri, Aula XXXI). (14/22). 10 p. br. 3$. (11/41). **Serv. Holeirith, Rio.**

CANTANHEDE (Cesar). — Organização do trabalho. (15/23). 235 p. cart. 16$. (12/41-1942). **Freitas Bastos.**

CANTANHEDE (Cesar). — Principio técnica de organização. (Curso de Organização, Dir. Jorge F. Kafuri, aula LV.). (14/22). 6 p. br. 3$. (11/41). **Serv. Hollerith, Rio.**

CANTANHEDE (Plínio). — Atividade especulativa. 1.ª aula. (Curso de Organização, Dir. Jorge F. Kafuri, aula II). (14/22). 9 p. br. 3$. (11/41). **Serv. Hollerith, Rio.**

CARLI (Gileno Dé). — O drama do açucar. (15/22). 191 p. 6 mapas, br. 10$. (8/41). **Pongetti.**

CARLI (Gileno Dé). — Estrutura dos custos da produção do açucar. (19/28). 147 p. br. 10$. (12/41). **Inst. Açucar e Alcool.**

CARLI (Gileno Dé). — Fatores do custo de produção do açucar. (15/22). 77 p. br. 8$. (12/41). **Pongetti.**

CARVALHO (Carlos de). — Problemas de escrituração. Enunciados e soluções. (17/24). 505 p. br. 30$. (5.ª ed. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Noções de economia e estatística. (14/20). 276 p. il. br. 12$. (8/41). **Cia. Ed Nacional.**

COMO fazer fortuna em pouco tempo. Conselhos práticos para ganhar dinheiro. (14/19). 210 p. br. 5$. (3.ª ed. 8/41). **O Pensamento.**

CORDEIRO (Newton Vaccarezza). — Principios para utilização das forças hidráulicas. Tese. (17/23). 147 p. il. br. 40$. (12/41). **Distr. Ed. Cientifica.**

CORDOVIL (Ismael José). — Vademeco das cooperativas. (13/19). 162 p. br. 5$. (12/41). **I. Muniz, Rio.**

COSTA (Carlos Botelho da). — Manual prático de correspondência comercial e oficial. (13/19). 103 p. br. 4$. (11/41). **Antunes.**

COSTA (Carlos Botelho da). — Novo manual de correspondência familiar. (12/18). 157 p. br. 4$. (Nova ed. 2/41). **Antunes.**

COSTA (H. Marques). — Vocabulário rádio-técnico, inglês-português. Bibl. Cultura Técnica, 12. (14/19). 82 p. il. br. 5$. (10/41). **Ed e Publ. Brasil.**

DEODATO (Alberto). — Manual de ciência das finanças. (16/23). 238 p. br. 16$. (9/41). **Paulo Bluhm.**

DESJARDINS (Henrique). — Arte de registrar os fatos administrativos das entidades comerciais. (16/24). 111 p. br. 10$. (11/41). **Globo.**

DESJARDINS (Henrique). — Noções de contabilidade. (17/24). 237 p. cart. 20$. (9/41). **Globo.**

DIAS (Frederico Josetti Nunes). — Vade-mécum de matemática elementar. (13/19). 187 p. cart. 12$. (8/41). **Rev. Tribunais.**

FIGUEIREDO (Newton C.). — Noções sobre o frio mecânico e prática das instalações frigoríficas. B. P. B. s. 4.ª-A. Iniciação Técnico-Profissional, 2. (14/20). 215 p. il. br. 10$. (3.ª ed. 5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

FREIRE (Numa). — Teoria e prática de mecanografia. Pref. Morais Junior. (17/24). 183 p. il. br 15$. (3.ª ed. 8/41). **Distr. Z. Valverde.**

GIDE (Charles), RIST (Charles). — História das doutrinas econômicas desde os fisiocratas até aos nossos dias. Trad. Eduardo Salgueiro. Col. Ciências Sociais. (18/25). 816 p. il. enc. 85$. (7/41). **Alba.**

GODOY (Juvenal Mendes de). — Tecnologia agrícola. Fecularia e amidonaria. (18/27). 288 p. il. br. 35$. (1940-7/41). **Graphicars, S. Paulo.**

GOLDBERGER (N.) — Manual de concertos. Anuário técnico. (13/19). 256 p. il. 15$. (6/41). **Distr. Herrera, Rio.**

GUIMARAES (Artur). — Empuxo de terras e muros de arrimo. (19/28). 176 p. il. br. 30$. (8/41). **Distr. Ed. Cientifica.**

HAMON (Georges). — Aspect moderne de la capilisation. Vue d'ensemble e points de vue. (16/23). 44 p. br. 10$. (9/41). **Briguiet.**

HERRMANN JR. (Frederico). — Análise econômica e financeira do capital das emprêsas. Pref. Pedro Pedrezchi. Bibl. de Ciências Econômicas e Administrativas, 1. (17/23). 199 p. enc. 20$. (9/41). **Ed. Universitária.**

HOFMANN (Benno). — Manual do explorador de estradas. (14/22). 169 p. il. cart. 5$. (2.ª ed. 12/41). **Ed, Melhoramentos.**

JOBIM (José). — História das indústrias no Brasil. (15/23). 253 p. br. 20$. (5/41). **José Olympio.**

LACERDA (Pedro Paulo Sampaio de). — Catalogo das moedas de ouro de todos os paizes de 1684 a 1862. Pref. José Luiz de Araujo. (24/16). 59 p. br. 25$. (2/41). **Distr. Ed. Cientifica.**

LANTEUIL (Henri de). — Correspondência comercial francesa. Pref. Anibal Costa. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 8. (14/20). 192 p. il. cart. 10$. (3.ª ed. 2/41). **Cia. Ed. Nacional.**

LEHMANN (Walter). — A taquigrafia fonético-integral. (14/18). 76 p. br. 6$. (12/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

LIMA SOBRINHO (Barbosa). — Problemas econômicos e sociais da lavoura canavieira. (16/23). 182 p. br. 8$ (12/41). **Distr José Olympio.**

LIMONGI (J. Papaterra). — Manual de economia política e finanças. (16/22). 382 p. enc. 27$. (2.ª ed. 1/41). **Freitas Bastos.**

LIPPMANN (Edmundo O. von). — História do açucar desde a época mais remota até o começo da fabricação do açucar de beterraba. Tomo I. Trad. Rodolfo Coutinho. (16/23). 467 p. br. 20$. (10/41). **Distr. José Olympio.**

LOBO (Ayrton). — Curso de administração. (14/2). 19 p. br. 3$. (11/41). **Serv. Hollerith, Rio.**

LOBO (Roberto). — Primeiro passos de contabilidade. (16/23). 122 p. br. 7$. (1940-1/41. **Casa Bruno, Rio.**

MARCELLINI (Domingos). — Manual de tecnologia da mobilia. (Marcenaria e lustração). (14/20). 293 p. il. cart. 12$. (1940-1/41). **Ed. Record.**

MARIA (Rosa). — A arte de comer bem. (17/24). 547 p. cart. 15$. (12.ª ed. 4/41). **Freitas Bastos.**

MARTINS (Coriolano M.). — Elementos de ciência das finanças. Col. Didática Nacional 11. (14/19). 142 o. cart. 7$. (2.ª ed. 3/41. **Ed e Publ. Brasil.**

MARTINS (Coriolano M.). — Elementos de economia bancária. Col. Didática Nacional, 13. (14/19). 172 p. cart. 8$. (3/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

MARTINS (Coriolano M.). — Elementos de economia política. (Para as escolas de comércio). Col. Didática Nacional, 12. (14/19). 146 p. cart. 7$. (2.ª ed. 3/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

MASCARENHAS (Anibal). — O fabricante moderno de perfumes, essencias, sabões e sabonetes. Bibl. Indústrial Moderna, 2. (14/19). 280 p. cart. 12$. (12/41). **Livr. Quaresma.**

MATMOS (Allyrio Hugueney de). — Teoria e prática de projeção conforme de Gauss. (15/23). 77 p. il. br. 20$. (2/41). **Briguiet.**

MAZZI (Mário). — Manual do garçon. Vademecum cocktalleiro. Pref. Garcia Júnior. (14/21). 192 p. il. br. 12$. (12/41). **Vecchi.**

MELLO (Alvaro D'Avila Bittencourt). — Organização e administração. (17/24). 231 p. il. br. 20$. (9/41). **Livr. Universitária.**

MELLO (Anibal Torres de). — Tratado de cunicultura moderna. Pref. José Adolfo de Matos. Bibl. Agro-Pecuária Brasileira. 17/24). 208 p. il. br. 15$. (5/41). **Sitios e Fazendas.**

MENDONÇA JUNIR (Luiz de). — Curso de organização racional do trabalho. Fasc. I. (17/24). 135 p. il. br. 12$. (8/41). — Fasc. II. (16/24). 165 p. il. br. 12$. (10/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

MENEGOTTO (Vitorino), MENEGOTTO (Gentil). — Código teleptográfico Brasil, especialmente adaptado ao intercâmbio comercial e bancário do Brasil e às atividades econômicas em geral. (24/33). 1252 p. (1 supl. 46 folhas). enc. 380$. (1940-1/41. **Of. Gr. Livr. Globo.**

MENEZES (Djacir). — O ouro e a nova concepção da moeda. Pref. L. Nogueira de Paula. Col. Crítica e Ensaio. (14/21). 158 p. br. 10$. (6/41). **Alba.**

MESQUITA (Paulo Ferraz de). — Curso de topografia. (20/28). 456 folhas mimeografadas, il. br. 160$. (6/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

MONTEIRO FILHO (Jerônymo). — Construção das estradas. Infraestrutura. 2.ª parte do Curso de estradas de ferro e de rodag[illegible] (17/24). 578 p. il. enc. 100$. (2.ª ed. 9/4[illegible]. **Borsoi, [illegible]**

NEVES (Domingos). — Carteira do contabili[illegible] (9/14). 330 p. enc. 14$. (2.ª ed. 11/4[illegible]. **Antu[illegible]**

NEVES (Domingos). — Curso de guarda-livro[illegible] (14/19). 431 p. cart. 15$. (4.ª ed. 1/4.). **Antu[illegible]**

ORICO (Osvaldo). — Diário do bebê. Il. J. [illegible]los. (/24). 89 p. enc. 20$. (Nova ed. 7/4[illegible]. **Cia. Ed. Nacional**

PACHECO (Janot). — Estradas de ferro. (15/2[illegible]). 250 p. 2 pranchas, il. cart. 20$. (5/41). **Ed. Melhoramentos.**

PEREIRA (N.). — Como concertar um aparelho de rádio. Pref. B. Vieira Ferreira (13/1[illegible]). 197 p. il. br. 12$. (3.ª ed. 12/41). **Distr. Antu[illegible]**

PESSANHA (Tiago). — Guia do correspondente. Rev., aumentada e atualizada por Pedro de Almeida Moura. (14/21). 300 p. il. car. 1[illegible]$ (6.ª ed. 3/41). **Ed. Melhoramentos.**

PORTO (Hannibal). — A indústria salineira do Brasil. (16/23). 42 p. il. br. 3$. (7/41). **Imprensa Nacional.**

PURINTON (Edward Earle). — Eficiência pessoal nos negócios. Trad. Raul de Pol[illegible] (14/19). 255 p. br. 8$. (Nova ed. 7/41) **Cia. Brasil**

PURINTON (Edward Earle). — Vida eficiente. Pref. Melvin Dewey. Trad. J. Carvalho. (14/19). 255 p. br. 8$. (Nova ed. 6/41). **Cia. Brasil.**

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — O exame de ruas. Em harmonia com o regulamento da Inspetoria do Tráfego e o Código Nacional do Trânsito. (14/19). 145 p. il. br. 10$. 3.ª ed. 4/41). **Distr. Antu[illegible]**

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — Motores à explosão. (14/19). 202 p. il. br. 15$. (9/4[illegible]) **Antu[illegible]**

QUEIROZ (J.) — O secretario moderno. (1[illegible]). 480 p. enc. 16$. (Nova ed. 9/41). **Livr. Quaresma.**

RANGEL (Frederico). — Contabilidade. 2.ª aula. (Curso de Organização. Dir. Jorge F. Kafuri, aula V). (14/22). 8 p. br. 3$. (11/41). **Serv. Hollerith, Rio.**

REIS (Felipe dos Santos). — Mecânica econômica brasileira. Potencial. Energia. Obstáculo. Trabalho. Aplicações práticas. (16/24). 3[illegible] p. il. br. 30$. (6/41). **Cia. Carioca. Rio.**

REZENDE (Ernani da Mota). — Eletrificação [illegible] suburbios de S. Paulo. Estudo prelimi[illegible]. Pref. Benjamim do Monte. (19/28). 122 [illegible] pranchas, il. br. 50$. (10/41). **Pimenta [illegible]**

ROCHA (Valdemiro). — Noções de motores a explosão. (13/18). 191 p. il. br. 12$. (2/41). **Ed. Minerva, Rio.**

RODRIGUES (Milton da Silva). — Elementos de estatística geral. B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Científica, 6. (14/20). 424 p. il. br. [illegible] (3.ª ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional**

ROUPINHAS de nênê. Bibl. de Arte de Bordar. (27/37). 48 p. il. br. 10$. (9/41). **O Malho, Rio**

RUBENS (Antônio). — Método que ensina o cortealfaiate sem mestre. (19/28). 30 p. il. br. 10$. (6/41). **Gr. Rio-Arte. Rio.**

SA (Paulo Acioli de). — Elementos de estatística. (14/19). 209 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 12/41). **Globo.**

SANTOS (Lucia Colonezzé). — Frutas de doce. Doces de frutas. Pref. Eurico Santos. Des. de Marian Colonna. (17/21). 284 p. cart. [illegible]$. 2/41). **Briguiet.**

SEQUEIRA (Osvaldo), BIEDNA (E. P. C.) — Cartilha avicola brasileira. Bibl. Agricola Brasileira. (16/23). 280 p. il. br. 20$ (5.ª ed. 10/41). **Chacara e Quintais.**

SILVA FILHO. — Rádio sugestões para técnicos e amadores. (14/19). 150 p. il. br. 8$. (1/41) **Livr. Imperial.**

SILVA (Léa). — Sejamos belas. (13/19). 231 p. il. br. 15$. (12/41). **Gr. Olimpica.**

SILVEIRA (Fernando da). — Estatística. 11.ª aula. (Curso de Organização, Dir. Jorge F. Kafuri, aula XI.). (14/22). 11 p. br. 3$. (11/41). **Serv. Hollerith, Rio.**

SOARES (Fábio Sanches). — Prontuário do eletricista. (12/16). 207 p. il. br. 12$. (7/41). **Distr. Antunes.**

TAUNAY (Affonso de E.). — História do café no Brasil. Vol 12.º. No Brasil República. 1906-1927. (Tomo II). (17/24. 435 p. br. (10/41). **D. N. C., Rio.**

TORRES (Ari F.). — Constituição química do Cimento Portland. (18/26). 135 p. il. br. 45$. (12/41). **Ednace, S. Paulo.**

VALLE (J. Rodrigues), MOURA (Eros de), MONTEIRO (Donizetti do Rego). — Técnica de administração. (16/24). 291 p. br. 20$. (3/41). **Coelho Branco.**

WHITE (Eric Watson). — Arquivar e achar. (17/24). 223 p. il. br. 50$. (12/41). **Gr. Bloch, Rio.**

WILLCOX (O. W.). — A economia dirigida na indústria açucareira. Trad. Teodoro Cabral. (14/18). 219 p. br. 8$. (12/41). **Distr. José Olympio.**

ZUNINI (Benedetto). — Novas diretrizes para as construções de cimento armado. Inst. Italo-Brasileiro de Alta Cultura. Col. Monografias, 2. (14/19). 49 p. il. br. 10$. (10/41). **Distr. Boffoni.**

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina.

AHUMADA (Juan Carlos). — Tratado de ginecologia. Trad. F. Victor Rodrigues. (18/26). 2 vols. 784 p. 480 figs enc. 250$. (10/41-1942). **Guanabara.**

ALBERNAZ (Paulo Mangabeira). — Rádio-semiologia do osso temporal. Seu valor em clínica. (18/27). 94 p. il. br. 30$. (1939-1/41). **Livr. Ateneu.**

ALMEIDA JUNIOR (A.). — Elementos de anatomia e fisiologia humanas. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 11. (14/20). 392 p. il. cart. 15$. (6.ª ed. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ALMEIDA JUNIOR (Antônio Ferreira de). — As provas genéticas da filiação. (16/23). 237 p. br. 15$. (12/41). **Distr. Civilização.**

ALMEIDA (Octaviano de). — Páginas que ficaram. (16/23). 366 p. br. 10$. (12/41). **Distr. Freitas Bastos.**

ANDRADE (Mariano A. de). — Cirurgia da tireóide. Problemas imediatos das tireoidectomias. (16/23). 95 p. il. br. 20$. (4/41). **Livr. Ateneu.**

ASTRACHAM (Boris). — Contribuição para o estabelecimento de uma alimentação racional dos trabalhadores do tráfego. (16/23). 15 p. br. 5$. (6/41). **Jornal Comércio.**

ATAS do 1.º Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Identificação, Medicina legal e Criminologia, por E. de Aguiar Whitaker. Organização. Sessão inaugural. Seções de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria e Endocrinologia. (19/28). 450 p. il. br. 10$. (5/41). **Distr. Civilização.**

ATHANASSOF (Nicolau). — Manual do criador de bovinos. (17/24). 764 p. 250 figs. cart. 65$. 2.ª ed. 10/41). **Ed. Melhoramentos.**

BACKHEUSER (Everardo). — Ensaio de biotipologia educacional. Col. Vida e Educação, 1. (14/19). 297 p. br. 14$. (6/41). **Globo.**

BACON (Harry Ellicott). — Anus. Reto. Cólon sigmóide. Diagnóstico e tratamento. Trad. Wilfrid Hauer. Pref. rev. e comentado por Sylvio D'Avila. 487 figs. por William Brown McNett. (17/24). 909 p. enc. 150$. (7/41). **Freitas Bastos.**

BAPTISTA (Amaro Augusto de Oliveira). — Elementos de higiene. Pref. Bonifácio Costa. (14/20). 170 p. 9 pranchas, il. br. 10$. (10/41). **Globo.**

BARBOSA (Luiz Aguire Horta). — Obstetrícia prática. Pref. Fernando Magalhães. (17/24). 432 p. 341 grav. enc. 100$. (6/41). **Ed. Melhoramentos.**

BARNES (Harry Elmer), CALVERTON (V. F.). — O sexo na educação. O sexo e a luta social. Trad. e notas de Abguar Bastos. Col. Cultura Sexual, 10. (13/19). 199 p. br. 8$. (1/41). **Calvino.**

BELTRÃO JUÑIOR (Francisco). — Diagnóstico biológico da gravidês normal e patológica. (16/23). 175 p. il. br. 40$. (12/41). **Livr. Ateneu.**

BERARDINELLI (W.). — Esbocetos de endocrinologia. Clínica médica e terapêutica. (14/19). 156 p. br. 18$. (6/41). **Livr. Ateneu.**

BIER (Augusto). — Qual deve ser nossa atitude a respeito da homeopatia/ Trad. Amaro Azevedo. (16/23). 127 p. br. 6$. (7/41). **Voz Homeopatica, Rio.**

BITTENCOURT (Anibal). — Ementário do tisiólogo. (16/24). 136 p. br. 10$. (6/41). **Jornal Brasil.**

BORGES (Durval Rosa). — Estudos sobre sifilis. Pref. Aguiar Pupe. (19/27). 129 p. il. br. 25$. (12/41). **Distr. Livr. Ateneu.**

BRAGA (Edgard). — O sexto sentido da medicina. (14/19). 137 p. br. 7$. (2.ª ed. 1940-10/41). **Distr. Freitas Bastos.**

CABOT (Hugh). — Tratado de urologia. Trad. Ugo Pinheiro Guimarães e José Nava. Pref. Ugo Pinheiro Guimarães. (17/24). 2 vols. 1059-883 p. 941 figs. enc. 350$. (10/41). **Guanabara.**

CALATRONI (Carlos J.), — RUIZ (Vicente). — Terapêutica ginecológica. Trad. Wilson Monteiro de Barros e Osvaldo da Silva Loureiro. Pref. Arnaldo Moraes. (18/26). 2 vols. 878 p. 387 p. figs. enc. 220$. (7/41). **Guanabara.**

CALMON (Heitor). — Solidariedade e armamento de saude. (14/19). 114 p. il. br. 6$. (12/41). **Pap. Velho.**

CAPRIGLIONE (Luiz A.), BENCHIMOL (Aarão B.). — Temas atuais de cardiologia. Pref. Maurício de Medeiros. (16/23). 231 p. il. br. 40$. (5/41). **Livr. Ateneu.**

CARVALHO (Hilário Veiga de). — Das mortes sem rastro. (16/23). 92 p. br. 10$. (12/41). **Distr. Freitas Bastos.**

CASTANHO (Dyeno). — Para ter saude perfeita e alcançar uma idade avançada. Pref. David Madeira. (13/18). 107 p. br. 5$. (9/41). **Livr. Anesi.**

CHAVES (Manoel Herculano). — Alergia e suas relações com a homeopatia. (16/23). 65 p. br. 10$. (11/41). **Ed. Autor, Rio.**

CHAVES (Tulio). — Como se deve curar. Pref. Maurício de Medeiros. (13/19). 293 p. br. 8$. (7/41). **A Noite.**

CIANCIO (Nicolau). — Livro das moças. (13/19). 175 p. il. br. 6$. (2.ª ed. 6/41). **Noite.**

CONFERENCIA (II) Regional de tuberculose. (Sociedade Brasileira de Tuberculose). (18/28). 153 p. il. br. 20$. (12/41). **Rio.**

COPE (Zachary). — Diagnóstico precoce do abdomen agudo. Trad. Jorge Doria. (15/23). 337 p. il. enc. 70$. (9/41). **Casa do Livro.**

COSTA (Clovis Corrêa da). Lições de clínica ginecológica. (17/24). 551 p. 60 figs. enc. 70$. (2.ª ed. 11/41). **Guanabara.**

COSTA FILHO (J. Wilson), MONTEIRO (Moacyr). — Moléstias das aves. Moléstias dos pombos. Bibl. Agro-Pecuária Brasileira de "Sítios e Fazendas". (17/24). 142 p. il. br. 10$. (8/41). **S. Paulo.**

COUTINHO (Eugênio). — Tratado de clínica das doenças infectuosas e parasitárias. Pref. Aloysio de Castro. (18/28). 507 p. il. br. 90$. (2.ª ed. 10/41). **Ed. Autor, Rio.**

CUNHA (Pedro da), e Colaboradores. — Temas de angiocardiologia. (16/23). 372 p. il. br. 40$. (2/41). **Distr. Cientifica.**

DIAS (Caio Benjamin). — A insuficiência coronária. (Estudo semiológico). Tése (16/23). 162 p. il. br. 15$. (6/41). **Paulo Bluhm.**

DOMINGUES (Jayme). — Lições de técnica fisiológica. Apres. de Raul Pilla. (16/23). 382 p. il. br. 45$. (7/41). **Globo.**

DORIA (Alvaro). — Infortunística e odontologia. (Estomatologia do trabalho). Tése. (17/24). 159 p. br. 20$. (12/41). **Nolte.**

FAVERO (Flaminio). — Medicina legal. (17/24). 891 p. il. br. 120$. (2.ª ed. 12/41-1942). **Distr. Freitas Bastos.**

FONGI (Enrique G.). — Metabolismo. Trad. Magalhães de Freitas. Bibl. de Semiologia, 8. (17/25). 168 p. il. br. 30$. (7/41). **Guanabara.**

FOREL (Augusto). — A questão sexual. Pref. e rev. por Flaminio Favero. Bibl. de Educação Sexual, 6. (14/20). 556 p. il. br. 10$. (10.ª ed. 11/41). **Civilização.**

FRAGA (Clementino). — Médicos e educadores. (13/19). 158 p. br. 7$. (9/41). **A Noite.**

FREIRE (Geraldo de Campos). — Blenorragia masculina. Prefs. Luciano Gualberto e Darcy Villela Itiberé. (14/22). 205 p. il. br. 40$. (6/41.) **Livr. Ateneu.**

FREITAS (Rodolfo de). — A cirurgia conservadora nas nefropatias. (Cirurgicas e médicas). (19/28). 274 p. 271 figs. br. 60$. (1940-7/41). **Distr. Livr. Boffoni.**

FREUD (Sigmundo). — Psicanálise da guerra. Trad. e notas de Gastão Pereira da Silva. Col. Freud ao Alcance de Todos, 12. (13/19). 201 p. br. 8$. (7/41). **Calvino.**

FRIED (Carl). — Fundamentos de radium e roentgenterapia. Pref. Benedito Montenegro. (14/19). 116 p. br. 12$. (7/41). **Ed. Melhoramentos.**

FUCCIO (Francisco de). — Males sociais. (14/19). 168 p. br. 7$. (1/41). ..**Atena.**

GALHARDO. — A homeopatia se preocupa com o doente. Vol. V. Crônica de Junho a Dezembro de 1938. (17/24). 88 p. br. 5$. (12/41). **Ed. Autor, Rio.**

GIUFFONI (Enrico). — A luta contra o câncer Trad. Elias Davidovich. (14/21). 194 p. 3 esquemas, 40 p. de Grav. br. 15$. (10/41). **Vecchi.**

GOMES (J. M.). — Tratamento da lepra à luz de novas idéias. (16/24). 189 p. il. br. 20$. (6/41). **Distr. Civilização.**

GONÇALVES (Paiva). — Doenças oculares simuladas. (13/18). 119 p. il. br. 20$. (6/41). **Livr. Ateneu.**

GONZAGA (Otávio). — Seara médica... (Literatura à margem da ciência). (14/20). 264 p. br. 10$. (5/41). **Distr. Civilização.**

GONZALEZ TORRES (Dionisio M.). — Endocrinologia. Compêndio teorico-prático. (17/24). 351 p. il. enc. 60$. (9/41). **Tip. Cupolo, S. Paulo.**

GOUVEIA (Júlio). — Seis comunicações apresentadas ao II Congresso Nacional de Tuberculose. (16/23). 60 p. il. br. 6$. (5/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

GRELLE (F. Carlos), FREITAS (Godofredo). — Vias largas de acesso aos vasos e nervos profundos. (14/19). 122 p. il. br. 20$. (4/41). **Casa do Livro.**

GUIART (J.). — Compêndio de parasitologia. Refundida, aumentada e adaptada por Abdon Lins. (17/24). 555 p. 495 figs. 16 estampas. enc. 160$. (5/41). **Cientifica.**

GUIMARAES (José Ricardo Alves). — O Problema da hipertrofia prostática. (16/23). 152 p. il. br. 30$. (6/41). **Ed. Melhoramentos.**

HALDANE (J. B. S.). — Prolongue a vida! Trad. Olindo Ramos. (13/19). 242 p. br. 10$. (1/41). **Emiel Ed.**

HIMES (Norman E.), STONE (Abraão). — Metodos práticos de impedir a concepção. Introdução de Robert L. Dickinson. Pref. Havelock Ellis. Il. Irving Geis. Trad. L. Mendonça de Barros. Bibl. de Educação Sexual, 14. (14/20). 247 p. br. 15$. (2/41). **Civilização.**

INGENIEROS (José). — Estudos sobre o amor... Trad. Col. Conhecimentos Cientificos e Sociais. Divulgação. (13/19). 166 p. br. 3$. (9/41). **Getulio Costa.**

JAHR (Roberto). — O despertar da sexualidade. Trad. N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 15 (13/19). 252 p. br. 10$. (3/41). **Calvino.**

KAHN (Fritz). — A nossa vida sexual. Trad. L. Mendonça de Barros. (17/24). 305 p. il. br. 22$. (Nova ed. 9/41). **Civilização.**

KASAKOV (I. N.). — Lisadoterapia. Teoria e prática. Trad. do russo por J. Jesuino Maciel. Apreciação de Rubião Meira. (16/23). 291 p. br. 80$. (9/41-1942). **Panzini.**

KEHDY (Carlos). — Elementos de datiloscopia. Bibl. Cultura Técnica, 14 (14/19). 172 p. il. br. 12$. (10/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

KEHL (Renato), MONTEIRO (Eduardo). — O médico no lar. Rev. e pref. de Raul Margarido. (14/20). 268-|-XXII p. il. cart. 12$. (4.ª ed. 5/41). **Ed. Melhoramentos.**

KRISCHKE (Egmont Machado). — Nos dias da tua mocidade. O sexo sob uma nova luz. (14/20). 160 p. br. 10$. (12/41). **Globo.**

KRUIF (Paul). — Caçadores de micróbios. Trad. Mauricio de Medeiros. Col. O Romance da Vida, 17 (15/23). 351 p. br. 20$. (2.ª ed. 11/41). **José Olympio.**

LAGES (Waldemar). — Higiene da criança. Noções elementares de puericultura. (16/23). 143 p. il. br. 12$. (9/41). **Imp. Oficial, Baía.**

LAMARE (Rinaldo de). — A vida do Bebê. (17/23). 340 p. il. cart. 25$. (3/41). **Freitas Bastos.**

LAPORT (Francisco). — ABC das mães. Pref. Fernando Magalhães. (17/24). 279 p. il. br. 15$. (5/41). **Freitas Bastos.**

LIMA (Cirne). — Odontologia e medicina. 2.ª série. Problemas clínicos, problemas sociais. (16/22). 200 p. il. br. 18$. (5/41). **Globo.**

LINS (Abdon). — Bacteriologia. 2.º vol. parte especial. (17/24). 487 p. 248 figs. 42 estampas. enc. 80$. (5/41). **Ed. Cientifica.**

LOMBARDI (Ernesto A.), VITALE (Arturo J.), ROYER (Marcelo). — Aparelho digestivo. Trad. C. Magalhães de Freitas. Bibl de Semiologia, 4. (17/24). 414 p. 218 figs. br. 70$. (10/41-1942). **Guanabara.**

LOOMIS, M. D. (Frederic). — Confissões de um médico de senhoras. Trad. Fábio de Barros. (14/20). 271 p. br. 10$. (7/41). **Globo.**

LORENZ (Francisco Valdemiro). — Homeopatia doméstica brasileira. (14/19). 250 p. il. br. 7$. (4.ª ed. 11/41). **O Pensamento.**

LORENZ (Francisco Valdemiro). — Receituário dos melhores remédios caseiros. (14/19). 193 p. br. 4$. (10.ª ed. 1940-1/41). **O Pensamento.**

LUZ (Paulo Ribeiro da). — Culto da mulher. (14/41). 91 p. br. 6$. (5/51). **Distr. Civilização.**

MACHADO (Nery). — Cirurgia de urgência. (17/24). 529 p. il. enc. 95$. (4.ª ed. 4/41). **Livr. Ateneu.**

MACHADO (Nery). — Manual prático de ginecologia. (17/24). 501 p. enc. 95$. (2.ª ed. 4/41). **Livr. Ateneu.**

MACHADO (Nery). — Manual prático de obstetricia. (17/24). 238 p. il. enc. 45$. (4/41). **Livr. Ateneu.**

MACHADO (Nery). — Manual prático de ondas curtas. Orientação e técnica. (17/24). 181 p. il. enc. 60$. (4/41). **Livr. Ateneu.**

MACHADO (Nery). — Medicina de urgência. (17/24). 319 p. il. enc. 45$. 4.ª ed. 4/41). **Livr. Ateneu.**

MARESTAN (Jean). — A educação sexual. Trad. e anotações de J. P. Porto Carrero. Col. Cultura Sexual, 20. (13/19). 326 p. br. 12$. 8/41). **Calvino.**

MARFORI (Pio). — Tratado de farmacologia e terapêutica. Trad. Jurandir Manfredini. (17/24). 1051 p. il. enc. 120$. (2.ª ed. 4/41). **Guanabara.**

MARQUES (Aluizio). — Da sindrome de Laurence Biedl. (16/24). 149 p. il. br. 20$ (3-41). **Distr. Freitas Bastos.**

MARTINEZ (Francisco), BERCONSKY (Isaac). — Semiologia do aparelho respiratório. Trad. Guilherme Ferreira. Bibl. de Semiologia, 3. (17/24). 313 p. 216 figs. br. 60$. (10/41-1942). **Guanabara.**

MAURICÉA FILHO. —Do berço à escola. (13/19). 227 p. il. br. 12$. (3/41). **Emiel Ed.**

MAY, M. D. (Charles H.), PERERA, M. D. (Charles A.). — Manual de doenças dos olhos. Trad. e pref. Moacyr E. Alvaro. (14/19). 551 p. 387 figs. enc. 70$. (6/41). **Ed. Cientifica.**

MELÔ (Alexandre) . — Sinais clínicos. Sistema nervoso e glândulas de secreção interna. Il. de Arlindo Mendes de Lima. (17/24). 324 p. br. 40$. (4/41). **Distr. Cientifica.**

MENDONÇA (Moacyr Henrique de). — Febre amarela silvestre. (14/19). 168 p. br. 10$. (3/41). **Gr. Olimpica.**

MÓDENA (Vicente de). — Males do abortamento. (13/19). 107 p. br. (12/41). **Imp. Brasileira, S. Paulo.**

MÓDENA (Vicente de). — Tarimba. (15/23). 177 p. br.1 5$. (12/41). **Distr. Civilização.**

MORAES (Ruy Gomes de). — Contribuição para o estudo dos dermatófitos da pele glabra no Brasil. (16/23). 118 p. 3 pranchas, il. br. 20$. (12/41). **Cia. Carioca.**

NOGUEIRA (Cláudio). — Problemas da propaganda de especialidades farmacêuticas. (17/24). 48 p. br. 5$. (5/41). **Ed. Autor, Rio.**

OLIVEIRA (Nelson de Figueiredo). — Semiologia das veias. (17/24). 143 p. il. br. 15$. (6/41). **Emiel Ed.**

PADILLA (Tibúrcio), SORONDO (Júlio Piñero). — Semiologia geral. Trad. Drummond Alves. Bibl. de Semiologia, 1. (17/24). 410 p. 238 figs. br. 60$. (10/41-1932). **Guanabara.**

PADILLA (Tibúrcio). — Semiologia do rim, baço e sangue. Trad. Drommond Alves. Bibl. de Semiologia, 9. (17/24). 244 p. 117 figs. br. 50$. (11/41-1942). **Guanabara.**

PAVLOVSKY (Alejandro J.). — Abdome agudo cirúrgico. Sintomas, diagnóstico, tratamento. Trad. Edmundo de Drummond Alves e José Nava. (18/26). 2 vols. 859 p. 260 figs. enc. 240$. (7/41). **Guanabara.**

PEIXOTO ,Afrânio). — Noções de higiene. (13/19). 610 p. il. enc. 25$. (8.ª ed. 11/41). **Livr. A lves.**

PERYASSU (Demetrio Bezerra Gonçalves). — Contribuição ao estudo do diagnóstico imuno-biogico da linfogrannulomatose venérea por meio da intradermoreação de Frei. Tese. (17/24). 56 p. il. br. 10$. (1940-6/41). **Gr. Milone, Rio.**

PIRES (Dr.). — Saude dos cabelos. Col. Saude e Beleza. (14/20). 136 p. il. br. 5$. (7/41). **Alba.**

PONDÉ (Adriano de Azevedo). — Infarto do miocardio. Pref. Oswaldo de Oliveira. (16/23). 141 p. il. br. 20$. (2.ª ed. 7/41). **Livr. Odeon.**

PORGES (O.). — Doenças do intestino. Trad. Raul Margarido. (16/23). 216 p. br. 18$. 2.ª ed. 8/41). **Ed. Melhoramentos.**

POSSIDIO (Manoel). — Aspectos da medicina e da higiene no interior do nordeste. (13/19). 160 p. br. 8$. (1940-10/41). **Distr. Civilização.**

POULSSON (E.), LILJESTRAND (G.). — Tratado de farmacologia para médicos e estudantes. Trad. Germano Thomsen. Pref. Vieira Romeiro. (16/24). 694 p. 41 figs. enc. 100$. (11/41-1942). **Ed. Cientifica.**

RAMACHARAKA (Yogi). — A ciência hindú-Yogi da respiração. Trad. (14/19). 145 p. br. 3$. (8.ª ed. 7/41. **O Pensamento.**

RAMOND (Louis). — Lições de clínica médica prática. 4.ª série. Trad. Drummond Alves. (17/24). 356 p. 51 gravs. br. 40$. (Nova ed. 6/41). — 6.ª série. (17/24). 338 p. 30 gravs. br. 40$. (2.ª ed. 4/41). — 7.ª série. (17/24). 276 p. 16 gravs. br. 40$. (Nova ed. 4/41). — 13.ª série. (17/24). 311 p. 11 gravs. br. 40$. (Nova ed. 7/41). **Guanabara.**

REZENDE (Jorge de). — Contribuição ao estudo da operação cesareana abdominal. Pref. Fernando Magalhães. (17/24). 201 p. il. enc. 45$. (10/41). **Casa do Livro.**

RIBEIRO (Fonseca). — Cárie dentária. Com um capitulo de considerações estatisticas por P. Egidio de Carvalho e Helena R. Penteado. (14/19). 182 p. il. br. 18$. (7/41). **Ed. Melhomentos.**

RICARDO (Aristides). — Como defender a saude. (14/20). 301 p. il. br. 12$. (9/41). **José Olympio.**

RINALDI (Guiomar R.). — A mamãezinha. Pequenas lições de puericultura. Il. Vera Alves Veloso. (12/18). 139 p. cart. 6$. (6/41). **Indústria do Livro.**

RODRIGUES (Francisco Victor). — Semiologia do ovário, com um estudo particular da citologia vaginal pelo método Snorr. (16/24). 286 p. il. enc. 70$. (10/41). **Casa do Livro.**

ROMANOS (Eugênio Mesonero). — Vida sexual normal e patológica. Col. Cultura Sexual, 21. (13/19). 204 p. il. br. 8$. (10/41). **Calvino.**

ROMEIRO (Vieira). — Tratado de patologia médica. Tomo II. (17/24). 873 p. 223 figs. 18 estampas, enc. 100$. (5/41). **Guanabara.**

SALGADO (Clovis), GOMES (Fernando Magalhães). — Sei criar e educar meu filho. (Com a colaboração de Helène Antipoff). Col. Cultura Sexual, 22. (13/19). 327 p. il. br. 15$. (11/41-1942). **Calvino.**

SAMPAIO (Silveira). — Noções de higiene infantil. II vol. O prêescolar. (Curso de higiene infantil da PRF-4). Pref. Olinto de Oliveira. Il. Orval. (16/24). 162 p. br. 15$. (5/41). **Distr. Livr. Odeon.**

SCHATF (William). — Gravidez e parto. (9.ª ed. rev. e aumentada por D. Maria Costa). (14/20). 80 p. il. br. 3$. (9.ª ed. 1/41). **Livr. Lusitania.**

SCHICK (Bela), ROSENSON (William). — O novo guia das mães. Trad. Fernando Tude de Souza. Pref. Martagão Gesteira. (14/20). 363 p. br. 15$. (3/41). **José Olympio.**

SCHWARTZ (Otto). — Fisiologia da vida sexual. Trad. N. Jonas Hersen. Col Cultura Sexual, 15. (13/19). 192 p. br. (7/41). **Calvino.**

SEABRA (Alberto). — Higiene e tratamento homeopatico das doenças domésticas. (14/19). 479 p. il. br. 10$. (5.ª ed. 1940-1/41. **O Pensamento.**

SEGADAS (Roberto). — A insuficiência coronariana. Sua concepção atual e sua importância em cárdio-patologia. (19/27). 271 p. il. br. 65$. (12/41). **Borsoi, Rio.**

SELLING (Lowell S.). — A luta contra a loucura. Trad. e pref. de Adalberto de Lira Cavalcanti. (17/24). 279 p. il. br. 22$. (9/41). **Emiel Ed.**

SEVILHA (Augusto da Silva). — Principais arsenideos empregados pela terapêutica homeopatica. Tése. (16/23). 45 p. br. 4$. (12/41). **Gr. Sauer. Rio.**

SILVA (Gastão Pereira da). — Conheça seu filho. (13/19). 299 p. br. 10$. (9/41). **A Noite.**

SILVEIRA (José). — O problema da atalectasia nas suas relações com a tuberculose do pulmão. Pref. Clemente Ferreira. (17/24). 191 p. 79 figs. br. (1940-6/41). **Im. Regina, Baia.**

SMOLENSKY. — Fisiologia do prazer. Estudos sobre as relações sexuais. Trad. N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 19 (13/19). 243 p. br. 10$. (4/41). **Calvino.**

SOARES (J. Coutinho). — A química do sangue na clinica. Pref. H. Annes Dias. (13/19). 76 p .br. 15$. (10/41). **Livr. Ateneu.**

STEKEL (Wilhelm). — A mulher fria. (Estudo minucioso da frigidez feminina). Trad. Luiz W. Arnold. Bibl. de Estudos Sexuais, 15. (14/20). 514 p. br. 18$. (11/41). **Civilização.**

TALIBERTI (José). — Conceito de medicina legal. A contribuição da medicina na feitura das leis. (14/20). 106 p. br. 8$. (12/41). **Distr. Freitas Bastos.**

TAVARES (Godoy). — Clínica e terapêutica, 2.º fasc., Balsâmicos. Neurastenia médica. (16/23). pgs. 11.ª a 176, il. br. 5$. (5/41). **Ed. Autor, Rio.**

THOREK (Max). — Técnica cirurgica. Pref. Donald C. Balfour. Trad. R. Marques da Cunha, G. Duarte Vieira, J. Nava e R. C. Bacellar. Rev. e pref. de Augusto Paulino Filho. (18/25). Vol. 2.º, pgs. 550 a 1280, 2174 figs, enc. — Vol. 3.º, pags. 1281 a 2121, enc. (Obra completa em 3 vols. 580$). (2/41). **Guanabara.**

TORRES (Lemos). — Patologia renal. (Bases para tratamento das glomerulo-nefrites, nefroses). Bibl. Médica Brasileira, s. 4.ª, vol. 2. (16/23). 196 p. il. br. 25$. (3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

VASCONCELOS (Edmundo), Souza (Edgard Pinto de). — Métodos modernos de amputação. Il. de José Gonçalves Filho. (23/29). 253 p. 258 figs. br. 70$. (11/41-1942). **Cia. Ed. Nacional.**

VELDE (Th. H. Van de). — Matrimônio perfeito. Estudo de sua fisiologia e sua técnica. Trad. Pedro Gouvêa Filho. Pref. José Albuquerque. Bibl. de Educação Sexual, 2. (14/20). 377 p. il. br. 18$. (4.ª ed. 11/41). **Civilização.**

VELOSO (Cleto Seabra). — Como se calcula uma ração alimentar. (16/23). 173 p. 6 pranchas, il. br. 30$. (12/41). **Livr. Ateneu.**

VELOSO (Cleto Seabra). — A gastrectomia na alimentação brasileira. (Breve ensaio de história social, antropologia e sociologia). (17/24). 80 p. br. 10$. (3/41). **Distr. Freitas Bastos.**

VIEGAS (Aulo Pinto). — Endocrinologia clínica. (16/23). 292 p. il. br. 45$. (8/41). **Paulo Bluhm.**

VILLELA (Gilberto G.). — Bioquímica do sangue. (16/23). 578 p. il. enc. 120$. (3/41). **Livr. Odeon.**

WANDERLEY FILHO (Eduardo). — O fio de algodão como material de sutura. (16/23). 166 p. il. br. 18$. (12/41). **Ed. Autor, Recife.**

WELTON (Thurston Scott). — Método moderno da limitação dos filhos. Trad. Caio Rangel. 13/19). 190 p. 1 Disco-calendário, enc. 15$. (3.ª ed. 2/41). **Civilização.**

WITTROCK. — Guia das mães. Pref. Coelho Neto. (16/22). 211 p. il. br. 15$. (7.ª ed. 9/41). **Livr. Alves.**

WOLFFENBUTTEL (Ervin). — Fundamentos biológicos da fecundidade e infecundidades periódicas da mulher. (14/20). 143 p. il. br. 12$. (12/41). **Globo.**

XAVIER Aguinaldo). — Contribuição ao estudo da rectite infiltrante e estenosante. (16/23). 202 p. 74 figs. br. 20$. (11/41). **Livr. Odeon.**

ZERBINI (Euryclides de Jesus). — O pneumotórax extra-pleural. (18/27). 195 p. il. br. 60$. (10/41). **Ed Cientifica.**

ZUCKERMANN (S.) — A vida sexual dos macacos. Trad. Luiz C. Afilhado. Col. Cultura Sexual, 17. (13/19). 319 p. br. 12$. (8/41). **Calvino.**

7) BELAS-ARTES. ESPORTE. JÔGOS. DIVERTIMENTOS.

ACQUARONE (F.), VIEIRA (A. de Queiroz). — Primores da pintura no Brasil. Com uma introdução histórica e textos explicativos. Com 8 reproduções a cores. 2.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25. (4/41). — 3.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (5/41). — 4.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (5/41). — 5.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (6/41). — 6.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (6/41). — 7.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (8/51). — 8.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (8/41). — 9.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (9/41). — 10.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (10/41). — 11.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (10/41). — 12.º fasc. (28/37). 36 p. br. 35$. (11/41). — 13.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (12/41). — 14.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (12/41). — 15.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (12/41). — 16.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (12/41). — 17.º e 18.º fasc. (28/37). 36 p. br. 25$. (12/41). **Ed. Autores, Rio.**

ACQUARONE (F.), VIEIRA (A. de Queiroz). — Quadros da história pátria interpretados por artistas brasileiros. (28/37). 34 p. 15 pranchas em cores, br. 25$. (9/41). **Ed. Autores ,Rio.**

ACQUARONE (F.), VIEIRA (A. de Queiroz). — Rodolfo Amoêdo. Mestre da pintura brasileira. (28/37). 22 p. 9 reproduções a cores, br. 25$. (7/41). **Ed. Autores. Rio.**

ALVARUS. — Hoje tem espetáculo! — Bonecos de Alvarus. Pref. Alvaro Moreyra. Capa de Marisa Cotrim. (29/36). 122 p. br. 70$. (11/41). **Z. Valverde.**

ALVES (Sílvio). — Arte e técnica do charadismo. (12/16). 151 p. il. br. 6$. (4/41). **Distr. Civilização.**

ALVIM (Décio Ferraz). — Tenis. Pref. Erasmo T. Assunção Jr. (13/18). 200 p. il. br. 10$. (4.ª ed. 12/41). **Tenisgráfica, S. Paulo.**

ANDRADE (Mário de). — Música do Brasil. Des. de Portinari. Col. Caderno Azul, 1. (14/19). 79 p. br. 4$. (6/41). **Guaíra.**

AQUINO (José Benedicto de). — Pedagogia da educação física. Pref. Major Inácio de Freitas Rolim. (17/24). 229 p. il. cart. 12$. (1939-1/41). **Imp. Brusco, S. P.**

BARRETO FILHO (Melo). — Diversões públicas. Legislação. Doutrina. Prática administrativa. Pref. Monte Arrais. (17/24). 182 p. br. 15$. (5/41). **Coelho Branco.**

BENEDICTIS (S. De). — Terminologia musical. (13/18). 73 p. br. 7$. (1/41). **G. Ricordi, S. Paulo.**

BETTENCOURT (Gastão). — Temas de música brasileira. Pref Renato Almeida e Lopes Moreira. (13/19). 225 p. br. 8$. (9/41). **A Noite.**

BON (Antoine). — Introduction générale a l'histoire de l'Art. I. Prehistoire. Orient mediterraneen. (Instituto Brasileiro de História da Arte). (15/22). 67 p. il. br. 8$. (12/41). **Atlântica Ed.**

CAMPOS (J. da Silva). — Fortificações da Baía. Publ. do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 7. (18/25). 323 p. il. br. 6$. (11/41). **Rio.**

FALCÃO (Edgard de Cerqueira). — Relíquia da Baía. (Brasil). Pref. Rubens do Amaral. (21/30). XXXVI-|-508 p. il. em rotogravura, br. 150$. (1940-3/41). **Distr. José Olympio.**

FARIA (Manuel). — A cidade maravilhosa. Paisagens do Rio de Janeiro pelo pintor Manuel Faria. Pref. Estrellita Junior. (32/23). 7 p. 17 quadros, br. 15$. (7/41). **Centro Carioca, Rio.**

LEX (Fausto). — Vamos pescar e trazer peixe. (14/19). 127 p. il. br. 8$. (10/41). **Irmãos Clemente, S. Paulo.**

LOON (Hendrik Willem van). — As artes. Trad. Marina Guaspari. Il. do Autor. (17/24). 633 p. br. 25$. (2.ª ed. 9/41). **Globo.**

LOTUFO (João). — Ensinando a nadar. (14/19). 176 p. il. br. 8$. (2.ª ed. 1/41). **Cia. Brasil.**

LOYOLA (Hollanda). — Ginástica para todos. (16/19). 176 p. il. 8$. (2.ª ed. 1/41). **Cia. Brasil.**

LOYOLA (Hollanda). — Tenis. Regras e treinamento. (14/19). 106 p. il. br. 6$. (3/41). **Cia Brasil.**

LYRA FILHO (João). — A função social dos desportos. (13/19). 3 6p. br. 3$. (7/41). **Briguiet.**

MANSO (Cap. Fritz de Azevedo). — Voleibol. (16/23). 88 p. 1 mapa, il. br. 5$. (12/41). **Rev. Educ. Física, Rio.**

MILLIET (Sérgio). — A exposição de pintura Francesa. Separata da Rev. do Arquivo Municipal, n.º LXX. (16/23). 28 p. 19 ils. br. 4$. (1940-7/41. **Distr. Z. Valverde.**

MUSEU Coronel David Carneiro. Catalogo. Curitiba-Paraná. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publ. n.º 3. (16/23). 282 p. il. br. 6$ (1940-1/41). **Min. Educação, Rio.**

PADUA (Saturnino de). — Moedas brasileiras. (Guia do colecionador). Numismática. (17/24). 231 p. il. enc. 60$. (2.ª ed. 2/41). **Distr. Freitas Bastos.**

PASTORINO (Carlos Torres). — A música através dos séculos. (Resumo da história da música para uso dos cursos ginasiais e normais). (13/19). 121 p. br. 6$. (10/41). **V. S. Mangione, Rio.**

RAMOS (Mário Marques). — Box. Col. Esportiva Globo, 5. (12/16). 142 p. il. br. 6$. (11/41). **Globo.**

RIOS FILHO (Adolfo Morales de Los). — Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira. Capa de Augusto Muller. Il. de Armando Pacheco. Fotografias de Mário Baldi. (17/24). 315 p. cart. 40$. (11/41). **A Noite.**

RUBENS (Carlos). — Pequena história das artes plásticas no Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 198. (13/19). 388 p. il. br. 10$. (5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SAR (Arhus). — As cartas de jogar e a arte da advinhação. (13/19). 269 p. il. br. 15$. (10/41). **Getulio Costa.**

SETH. — Exposição. Desenhos a bico de pena por Seth. 1929-1936. Gravuras de Edgard Silva. (28/33). 64 p. br. 35$. (12/41). **Indústria Livro.**

SILVA (Waldemar de Lima e), FARIA (Alberto Latorre de). — Defesa pessoal. Método eclético. (14/19). 233 p. 201 figs. br. 15$. (2.ª ed. 3/41). **Borsoi, Rio.**

STEWARD (Margaret). — História das óperas. (16/23). 113 p. il. br. 10$. (3/41). **A Melodia, S. Paulo.**

TORRES (Ambrósio Manoel). — Educação física e jogos. Teoria e prática. (13/19). 122 p. 30 ils. br. 10$. (9/41-1942). **Alba.**

TROMPOWSKY (Otávio). — Partida de xadrez. (14/19). 177 p. il. il. enc. 20$. (3/41). **Jacintot.**

VALENTIM (Max). — O futebol e sua técnica. Pref. Arthur Friedenreich. Col. Cultura Esportiva. (14/20). 264 p. 90 des. br. 10$. (7/41). **Alba.**

VASCONCELOS (Salomão de). — Ataíde. Pintor mineiro do século XVIII. (12/19). 55 p. il. br. 7$. (12/41). **Paulo Bluhm.**

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA.

ABRANCHES (Dunshee de). — O captiveiro. (Memórias). (14/19). 254 p. il. br. 15$. (10/41). **Livr. Alemã.**

ACQUARONE (F.). — Bezerra de Menezes. "O médico dos pobres". (13/19). 175 p. br. 8$. (12/41). **Gr. Guarani; Rio.**

ALBUQUERQUE (Epitácio Pessôa Cavalcanti de). — Getúlio Vargas. (Esbôço de biografia). Pref. Gilberto Amado. Il. J. Wasth Rodrigues. (14/20). 255 p. br. 10$. (2.ª ed. 5/41). **José Olympio.**

AMADO (Jorge). — A.B.C. de Castro Alves. Capa e ils. de Santa Sosa. (14/20). 389 p. br. 15$. (7/41). **Livr. Martins.**

AMARAL (Azevedo). — Getúlio Vargas estadista (15/22). 172 p. br. 15$. (11/41). **Pongetti.**

AMARAL (Braz de). — Resenha histórica da Baía. (16/23). 217 p. br. 10$. (5/41). **Tip. Naval, Baía.**

ANDRADE (Theophilo de). — O rio Paraná no Roteiro da Marcha para o Oeste. (15/23). 165 p. 1 mapa, il. br. 15$. (9/41). **Pongetti.**

ANET (Claude). — Mayerling. Trad. pref. e notas de Edith Magarinos Torres. Col. Dom Casmurro. (14/21). 227 p. il. br. 12$. (2/41). **Alba.**

ARMISTICIO 1918-1940. — (18/26). 30 p. br. 1$500. (5/41). **Leuzinger, Rio.**

ASSIS (F. Eugênio de). — Dicionário geográfico histórico do Estado do Espírito Santo. Pref. Euripedes Queiroz do Vale. (17/24). 312 p. br. 15$. (9/41). **Ed. Autor, Vitória.**

AUBRY (Octave). — Santa-Helena. Trad Oscar Mendes. Col. O Espelho das Grandes Vidas. (15/22). 404 p. 4 gravuras, br. 20$. enc. 25$. (8/41). **Pongetti.**

AUBRY (Octave). — A vida íntima de Napoleão. Trad. Maria Luiza Barreto Sanz. Col. Biografias. (17/24). 440 p. br. 20$. (5/41). **Vecchi.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia. 1.ª série secundária. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 66. (14/20). 298 p. il. cart. 10$. (14.ª ed. 3/41). — 2.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 48. (14/20). 341 p. il. cart. 12$. (11.ª ed. 1/41). — 5.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 68. (14/20). 478 p. il. cart. 15$. (6.ª ed. 1/41). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Corografia do Brasil. Curso Comercial. Col. Dom Bosco, 14. (14/20). 295 p. il. cart. 12$. (4.ª ed. 9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BABELON (Jean). — O conquistador. (A vida de Fernando Cortez). Trad. Brito Broca. Col. O Romance da Vida, 10. (15/23). 289 p. br. 20$. (2/41). **José Olympio.**

BARRINGTON (E). — Lady Hamilton. A divina dama. Trad. rev. por Rubem Braga. (15/22). 336 p. br. 12$. (2.ª ed. 6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BARROSO (Gustavo). — O Brasil na lenda e na cartografia antiga. B. P. B. s. 5.ª Brasiliana, 199. (13/19). 205 p. il. br. 12$. (5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

BELO (L. de Oliveira). — Dois titans do Império. Caxias-Tamandaré. (16/23). 35 p. br. 3$. (10/41). **Imp. Naval.**

BELMONTE. — No tempo dos bandeirantes. Il. do Autor. (17/24). 326 p. br. 20$. (2.ª ed. 1940-3/41. **Dep. Cultura, S. Paulo.**

BETTENCOURT (Gastão de). — Brasil. Dádiva de Deus, milagre dos homens (19/25). 386 p. br. 25$. (12/41). **Ed. Anchieta.**

BONNEFON (Charles). — História da Alemanha. Trad. Afrânio Coutinho. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª História, 12. (15/22). 385 p. br. 18$. (5/41). **Cia. Ed Nacional.**

BRASIL 1940-41. — Relação das condições geográficas, econômicas e sociais. Ministério das Relações Exteriores. (16/26). 481 p. il. br. 20$. (7/41). **Distr. José Olympio.**

BRASIL (Mário da Silva). — Elementos de geofísica. Pref. Otávio Pacífico Furtado. (14/19). 255 p. il. cart. 10$. 2.ª ed. 8/41). **Globo.**

BRAZIL (Vital). — Memória Histórica do Instituto de Butantan. (16/23). 170 p. il. br. 20$. (10/41). **Elvino Pocai, S. Paulo.**

BRIGOLE (A.). — Santos Dumont. O pioneiro do ar. (17/24). 110 p. il. cart. 20$. (10/41). **Lito-Tipo Guanabara, Rio.**

BURKITT (Jones). — Jeanette MacDonald. Col. Idolos do Público, s. A, vol. 1. (13/19). 54 p. br. 3$. (9/41). **Norte-Ed.**

CABRAL (Mário Da Veiga). — Compêndio de corografia do Brasil. (16/24). 640 p. il. cart. 20$. 26.ª ed. 12/41). **Jacinto.**

CABRAL (Mário Da Veiga). — Quarto ano de Geografia. (14/19). 304 p. il. cart. 8$. (6.ª ed. 6/41). — Quinto ano (14/19). 414 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 5/41). **Jacinto.**

CALMON (Pedro). — História do Brasil. 2.º vol. "A formação". 1600-1700. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 176A. (13/19). 495 p. br. 18$. (9/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CALMON (Pedro). — História diplomática do Brasil. Col. Os Nossos, 8. (12/19). 58 p. br. 4$. (10/41). **Paulo Bluhm.**

CALMON (Pedro). — História social do Brasil. 1.º tomo. Espírito da sociedade colonial. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 40. (13/19). 361 p. il. br. 18$. (3.ª ed. 5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CALMON (Pedro). — A Princesa Isabel. "A Redentora." B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 207. (13/19). 348 p. il. br. 18$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CAMARA (Adauto da). — História de Nisia Floresta. Bibl. de História Norte-Riograndense, 5. (13/19). 216 p. il. br. 10$ (5/41). **Pongetti.**

CARNEIRO (David). — Evolução moderna. (Epopéa, Indústria, Drama). Col. História Geral Humanidade, 5. (14/19). 243 p. il. br. 10$. (3/41). **Athena.**

CARR (Philip). — Os ingleses são assim. Trad. Othon M. Garcia. (14/20). 258 p. br. 15$. (11/41). **Globo.**

CARTAS de D. Pedro I a D. João VI relativas à Independência do Brasil. Coligidas por Augusto de Lima Junior. (18/27). 73 p. Reproduções fotogr. das Cartas. br. 50$. (3/41). **Jornal Comércio.**

CARVAJAL (Gaspar de), ROJAS (Alonso de), ACUÑA (Cristobal de). — Descobrimento do Rio das Amazonas. Trad. e anotados por C. de Melo-Leitão. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 203. (13/19). 294 p. br. 15$. (6/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Affonso de). — Teu filho não voltará mais! Impressões de uma viagem à Europa em guerra. (14/31). 275 p. il. br. 15$. (6/41. 2.ª ed. 9/41). **José Olympio.**

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Exercícios e prática de geografia. (19/25). 36 p. il. br. 5$. (6/41). **Inst. Geogr. Agostini.**

CEM Documentos para a história dos antecedentes da guerra. Coletânea extraída do Livro Branco Alemão. (13/19). 239 p. br. 6$ (1/41). **Pongetti.**

CESARINO JUNIOR (A. F.). — História do Brasil. Curso comercial. 2.º ano propedêutico. Bibl. Estudos Comerciais e Econômicos, 19. 14/20). 176 p. il. cart. 9$. (4.ª ed. 8/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CESARINO JUNIOR (A. F.), — SOUSA (Alcindo Muniz de). — História da civilização. 1.º ano. Pref. Francisco Azzi. (Em apendice: Tito Lívio Ferreira, Pontos de História do Brasil, 37 p.). (14/20). 342 p. il. cart. 10$. (4.ª ed. 3/41). **Saraiva.**

CHAMBRUM (René de). — Eu vi a França cair. Trad. Giuseppe Amado. (14/20). 327 p. br. 15$. (4/41). **José Olympio.**

CHERADAME (André). — Dias decisivos. A defesa das Américas. Trad. (14/21). 340 p. il. 1 mapa. br. 20$. (11/41). **Atlântica Ed.**

CHURCHILL (Winston). — Grandes homens contemporâneos. Trad. Carlos Pontes. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 16. (15/22). 402 p. br. 15$. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

CHURCHILL (WINSTON S.). — Minha mocidade. Trad. Carlos de Lacerda. Col. Heróis, Viagens e Aventuras. (14/21). 424 p. il. br. 2$. (1/41-|-2.ª ed. 3/41). **Ed. Norte-Sul, Rio.**

COLLOR (Lindolfo). — Europa 1939. (13/19). 310 p. br. 12$. (9/41). **Emiel Ed.**

COMMELIN (P.). — Nova mitologia grega e romana. Trad. Tomaz Lopes. (13/19). 448 p. il. br. 20$. (7.ª ed. 3/41). **Briguiet.**

CORRÊA (Azevedo). — História da civilização. 1.ª série. (14/19). 210 p. il. cart. 7$. (5.ª ed. 8/41). **J. R. Oliveira.**

COORÊA (Viriato). — Baú velho. Roupas antigas da história brasileira. Col. Estante Autores Brasileiros. (13/19). 239 p. br. 8$. (3.ª ed. 7/41). **Getulio Costa.**

COUDREAU (Henri). — Viagem ao Tapajós. 28 de Junho de 1895 —7 de Janeiro de 1896. Trad. A. de Miranda Bastos. Anotações de Raimundo Pereira Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 208. (13/19). 288 p. 1 mapa. il. br. 20$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Sérgio Corrêa da). — As quatro corôas de D. Pedro I. Pref. Osvaldo Aranha. (13/19). 370 p. il. br. 12$. (4/41). **Distr. Civilização.**

CURIE (Eva). — Madame Curie. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 1. (15/22). 336 p. br. 14$. (4.ª ed. 11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

DANTAS (Luiz Ascendino). — Martim Afonso Tibiriçá. Patriarca do Brasil Meridional. Excerptos Históricos. (17/24). 73 p. il. br. 10$. (10/41). **Gr. Vasconcelos, Niterói.**

DANTAS (Manoel). — Homens de outr'ora. Bibl. de História Norte-Riograndense, 4. (13/19). 161 p. br. 7$. (7/41). **Pongetti.**

DANTAS (Olavo). — Gaivota dos sete mares. (13/19). 217 p. br. 10$. (2.ª ed. 6/41). **Pongetti.**

DAVATZ (Thomas). — Memórias de um colono no Brasil. (1850). Trad. e notas de Sérgio Buarque de Holanda. Bibl. Histórica Brasileira, V. (19/25). 277 p. il. br. 25$. (150 exs. de luxo, numerados, (22/28). br. 80$). (2/41). **Livr. Martins.**

DAVISON (Dorothy). — Na aurora da humanidade. Trad. rev. e anotada por C. Melo-Leitão. Bibl. Espírito Moderno, s. 2.ª Ciência, 8. (15/22). 217 p. il. br. 15$. (12/41-1942). **Cia. Ed. Nacional.**

DEFFONTAINES (Pierre). — Geografia humana do Brasil. Separata da Rev. Brasileira de Geografia, ns. 1, 2, 3, do ano I. (18/27). 116 p. il. br. 15$. (1940-3/41). **I.B.G.E., Rio.**

DORNAS FILHO (João). — Apontamentos para a história da República. Estante Guairacá. Estudos Nacionais, 2. (14/19). 333 p. il. br. 15$. (12/41). **Ed. Guaíra.**

ELLIOTT (Robert G.), BEATTY (Albert R.). — 387!! Matei-os por ordem. Trad. Alfredo Ferreira. Col. O Homem fala de si Mesmo. (17/24). 329 p. il. br. 20$. (9/41).

EMERSON (R. W.). — Homens representativos da humanidade. Trad. rev. e notas de Alfredo Gomes. Bibl. de Autores Célebres, 11 (13/19). 223 p. br. 10$. (4/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

FIGUEIREDO (Ten. Cel. Lima). — Cidades e sertões. (Páginas de história e geografia do Brasil). Bibl. Militar, 40. (17/24). 240-|-58 p. il. br. 6$500. (11/41). **Distr. Z. Valverde.**

FIGUEIREDO (Lima). — No Japão foi assim... (1.º prêmio do 2.º Concurso do Instituto Brasileiro de Cultura). Col. História, 1. (17/24). 325 p. il. br. 20$. **Ed. Século XX.**

FLAMENT (Albert). — A vida amorosa de Lady Hamilton. Trad. Abguar Bastos. Col. Os Grandes Amorosos da Humanidade, 1. (12/18). 205 p. il. br. 10$. (3/41). **Calvino.**

FLORENCE (Hercules). — Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas. De 1825 a 1829. Trad. Visconde de Taunay. (19/26). 244 p. 234 pranchas, il. br. 40$. (12/41). **Ed. Melhoramentos.**

FLORIANO. — Memórias e documentos. Vol. VI. Fabio Luz (Texto). Davi Carneiro (Comentários e anotações). A invasão Federalista em Santa Catarina e Paraná. (19/29). 546 p. il. br. 6$. (11/41). **Ministério da Educação.**

FONSECA (Gondin da). — Biografia do jornalismo carioca. (1808-1908). (17/24). 416 p. br. 20$. 10/41). **Quaresma.**

FOREL (Augusto). — Memórias. Vida e obra de um sexologista. Trad. Elias Davidovich. (15/23). 289 p. il. br. 15$. (9/41). **Globo.**

FRANCE (Anatole). — João Gutemberg. Trad. Amaral Junior. Série Biográfica de Cultura. Vidas Luminosas, 4. (11/18). 28 p. br. 3$500. (12/41). **Ed Cultura.**

FREIRE (Brito). — Viagem da armada. Ed. Comemorativa do Tricentenário da Restauração de Portugal. Bubl. Inst. Hist. e Geogr. de Santos. (16/25). 83 p. br. 12$. (1940-12/41). **Distr. Z. Valverde.**

FREITAS (Gaspar de). — Pontos de geografia e história do Brasil. Exame de admissão. (12/16). 202 p. il. cart. 5$. (211.º m.º 2/41-|-217.º m.º 3/4-|-23a ed. 8/41). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Luis Paula). — Perfil de Machado de Assis. (14/19). 50 p. br. 4$. (2.ª ed. 11/41). **Ed. Autor, Rio.**

GABAGLIA (F. A. Raja), GABAGLIA (H. C. Raja). — Curso de Geografia. 1.ª série. (19/25). 162 p. il. cart. 9$. (8.ª ed. 3/41). **Briguet.**

GARDEN (C.). — Praias de S. Paulo. Sintonizadas por Vicente de Carvalho. Pref. Pedro Calmon. Col. Turismo, Série Avião, 2. (13/19). 159 p. br. 10$. (11/41). **A Noite.**

GIRARDIN (Emilio). — A Vida amorosa de Napoleão. Trad. Abguar Bastos. Col. Os Grandes Amorosos da Humanidade, 2. (13/19). p. br. 12$. (7/41). **Calvino.**

GOMES (Alfredo). — História do Brasil. 2.º ano propedêutico das escolas de comércio. Col. Didática Nacional, 16. (14/19). 192 p. il. cart. 10$. (4/41). — 4.ª série. Col. Didática Nacional, 9. (14/19). 301 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 3/41). **Ed. e Publ. Brasil.**

GOMES (Alfredo). — História da civilização. Curso comercial. 1.º ano propedêutico. Col. Didática Nacional, 17. (14/19). 179 p. il. cart. 10$. (4/41). **Ed e Publ. Brasil.**

GOMES (Antônio Osmar). — A Chegança. Contribuição folclórica do Baixo São Francisco. (13/19). 189 p. il. br. 8$. (3/41). **Civilização.**

GONÇALVES (Artur de Campos). — Noções de cosmografia e geografia para os cursos pri-

mários e de preparatórios a ginásio. Col. Dom Bosco, 9. (16/22). 139 p. il. cart. 8$. (4.ª ed. 12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

GUIA do Estado de Santa-Catarina. — 1.º vol. 3.ª ed. atualizada por Alberto Entres. Rev. de Rafael G. Cruz Lima. (14/19). 404 p. 1 mapa, il. cart. 10$. — 2.º vol. (Parte comercial). 1941. (41/19). 532 p. cart. 8$. (5/41). **Livr. Central.**

GUNTHER (John). — O drama da Ásia. (Inside Asia). Trad. Gilberto Miranda. (16/23). 577 p. 1 mapa, br. 20$. (4/41). **Globo.**

GUNTHER (John). — O drama da Europa. Trad. pref. e nota de Gilberto Miranda. (16/23). 602 p. 1 mapa, br. 25$. (1/41-|-2.ª ed. 6/41). **Globo.**

HARNISCH (Wolfgang Hoffmann). — O Rio Grande do Sul. A terra e o homem. Trad. A. Reymundo Schneider e Archibaldo Severo. Pref. Paulo Arinos. (17/24). 537-|-VLVIII p. il. br. 40$. (12/41). **Globo.**

HARTT (Charles Frederick). — Geologia e geografia física do Brasil. Trad. Edgar Sussekind de Mendonça e Elias Dolianiti. Introdução de E. Roquette Pinto. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 200. (13/19). 649 p. il. br. 25$. (8/41). **Cia. Ed. Nacional**

HILAIRE (Augusto de Saint-). — Viagens pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil. Trad. Leonam de Azeredo Pena. B.P.B. s. 5.ª, Brasiliana, 210. (13/19). 452 p. il. br. 18$. (12/41). **Cia. Ed. Nacional.**

HORTA (Brant). — Minha primeira história do Brasil. Curso primário. 3.º e 4.º anos. (14/20). 112 p. il. cart. 4$. (1/41). **Getulio Costa.**

HOWE (Marie Jenney). — Em busca do amor. (A vida de George Sand). Trad. Adalgisa Nery. Col. O Romance da Vida, 18. (15/23). 419 p. br. 20$. (12/41). **José Olympio.**

JAEGER, S. J. (Pe. Luiz Gonzaga). — As invasões bandeirantes no Rio Grande do Sul. (1635-1641). Separata do Relatório do Ginásio Anchieta, 1939. (16/23). 63 p. il. br. 3$. (2.ª ed. 6/41. **Globo.**

JARDIM (Renato). — Geografia da criança. (19/23). 139 p. il. cart. 12$. (9.ª ed. 12/41). **Ed. Melhoramentos.**

JELUSICH (Mirko). — Cesar. Trad. Marina Barros. (15/23). 379 p. 1 mapa, il. br. 20$. (8/41). **Globo.**

KAUS (Gina). — Catarina II. Retrato de uma imperatriz. Trad. Marina Guaspari. (16/23). 313 p. br. 12$. (2.ª ed. 5/41). **Globo.**

KIDDER (D. P.). FLETCHER (J. C.). — O Brasil e os brasileiros. (Esboço histórico e descritivo). Trad. Elias Dolianiti. Rev. e notas de Edgard Sussekind de Mendonça. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 205. (13/19). 2 vols. 343-|-409 p. il. br. 35$. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

KRAUS (René.) — Winston Churchill. Trad. Gilberto Miranda. (16/23). 329 p. il. br. 15$. (6/41). **Globo.**

LEITÃO (C. de Mello). — História das expedições científicas no Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 209 p. (12/19). 360 p. br. 16$. (11/41). **Cia. Ed. Nacional**

LEITE (Augusto da Costa). — Saudade e lembrança de Caraça. Pref. Milton Junqueira Leite. (13/19). 277 p. il. br. 15$. (8/41). **Rev. Tribunais.**

LENZ (Luis Gonzaga). — Geografia. 1.ª série. (14/20). 178 p. il. cart. 7$. (4.ª ed. 1/41). **Saraiva.**

LEROY (Alfred). — Maria Leczinska e seus filhos. Trad. Mário Faleiros. (17/24). 236 p. br. 15$. (1/41). **Emiel Ed.**

LERY (Jean de). — Viagem à terra do Brasil. Trad. e notas de Sérgio Milliet. Segundo a ed. de Paulo Gaffarel. Com o colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de Plínio Ayrosa. Bibl. Histórica Brasileira, 7. (19/26). 280 p. 1 mapa, il. br. 30$. (Ed. de luxo, 22/28)., 100$. (7/41). **Livr. Martins.**

LESEUR (R. P. M.). — A vida de Elisabeth Leseur. Trad. Carta-pref. do Rev. Pe. M. S. Gillet, O. P., Pref. R. L. Leonel Franca, S. J. (13/19). 339 p. br. 10$. (3.ª ed. 1940-3/41). **Livr. Santa Cruz.**

LIMA (Herman). — Na ilha de John Bull. (13/19). 290 p. br. 10$. (3/41). **José Olympio.**

LIMA (Oliveira). — História da civilização. (Traços gerais). (15/23). 596 p. il. cart. 20$. 6.ª ed. 1940-1/41). **Ed. Melhoramentos.**

LIMA (Rossini Tavares de). — Vida e época de José Maurício. Prólogo de Braulio Sanchez-Sáez. (13/19). 121 p. br. 6$. (10/41). **Livr. Elo.**

LISBOA (Balthazar da Silva). — Anais do Rio de Janeiro. Tomo I. (Publ. da Prefeitura do Distrito Federal). (23/31). 195 p. br. 20$. (Nova ed. 4/41). **Distr. Civilização.**

LOBO (Esmeralda A.). — História do Brasil. Des. de Magalhães Corrêa. (17/23). 68 p. cart. 8$. (5.ª ed. 11/41). **J. R. Oliveira.**

LOON (Hendrik Willem van). — História da humanidade. Il. do Autor. Trad. Marina Guaspari. Col. Tapete Mágico, 2. (17/24). 450 p. br. 20$. (4.ª ed. 7/41). **Globo.**

LOON (Hendrik Willem van). — A história do oceano Pacifico. Il. do Autor. Trad. Lauro G. Freitag. Col. Tapete Mágico, 14. (15/23). 320 p. br. 15$. (8/41). **Globo.**

LOON (Hendrik Willem van). — O mundo em que vivemos. Trad. Alvaro Franco. Il. do Autor. Col Tapete Mágico, 1. (17/24). 503 p. br. 20$. (2.ª ed. 7/41). **Globo.**

LOON (Hendrik Willem van). — Navios. E de como eles singraram os 7 mares. Trad. Erico Verissimo. Il. do Autor. Col. Tapete Mágico, 4. (16/23). 337 p. br. 15$. (Nova ed. 6/41). **Globo.**

LOON (Hendrik Willem van). — A vida e a época de Rembrandt. Trad. Tasso da Silveira. Col. O Romance da Vida, 14. (14/23) 499 p. br. 22$. (3/41). **José Olympio.**

LOPES (Luciano). — História da civilização. 3.ª série. (14/19). 330 p. il. cart. 8$. (2.ª ed. 6/41). **Jacinto.**

LUDWIG (Emil). — Os alemães. Dupla historia de uma nação. Trad. Adda Coaracy e Vivaldo Coaracy. (15/23). 389 p. br. 20$. (10/41). **José Olympio.**

LYONS (Eugene). — Stalin. Czar de todas as Rússias. Trad. Aires da Mata Machado. Col. O Romance da Vida, 16. (15/23). 325 p. br. 20$. (8/41). **José Olympio.**

MACEDO (Sergio D. T. de). — A cavalaria hereditária. (13/19). 63 p. il. br. 5$. (8/41). **Gr. Guarani, Rio.**

MAGALHAES (Cel. Amilcar A. Botelho de). — Pelos sertões do Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 195. (13/19). 507 p. il. br. 20$. (2.ª ed. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGALHAES (Basilio de). — História da civilização. 5.ª série ginasial. (14/19). 334 p. il. cart. 12$. (1/41). **Livr. Alves.**

MARALDI (Costanzo). — Leão XIII. Trad. Amadeu Amaral Junior. Série Biográfica de Cultura, Vidas Luminosas, 3. (11/18). 86 p. br. 10$. (9/41). **Ed. Cultura.**

MATTOS (Aníbal). — A raça da Lagôa Santa. Velhos e novos estudos sobre o homem Fóssil americano. B.P.B. s. 5.ª, Brasiliana, 206. (13/19). 502 p. il br. 25$. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MAUÁ (Visconde de). — Autobiografia. (Exposição aos credores e ao público). Seguido de O meio circulante no Brasil. Ed. pref. e anotada por Claudio Ganns. Col. Depoimentos Históricos, 3. (15/22). 268 p. 30 gravs. br. 20$. (100 exs. papel Holanda, 50$). (12/41-1942). **Z. Valverde.**

MAUROIS (André). — Lyautey. Trad. Gustavo Barroso. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 15. (15/22). 268 p. br. 12$. (11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MAUROIS (André). — A vida de Disraeli. Trad. Godofredo Rangel. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 2. (15/22). 277 p. br. 12$. (Nova ed. 8/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MAUROIS (André). — A vida de Shelley. Trad. Manuel Bandeira. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 14. (15/22). 279 p. br. 12$. (11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MELLO (Arnon de). — Africa. (Viagem ao Império Português e a União sul-Africana). (13/19). 364 p. il. br. 15$. (1/41). **José Olympio.**

MELLO (Mário). — A guerra dos Mascates como afirmação nacionalista. Pref. Agamenon Magalhães. Separata da Rev. Inst. Arqueoló-

gico Hist. e Geográfico Pernambucano. vol. XXXVI. (16/23). 135 p. br. 6$. (/41). **Distr. Civilização.**

MILLER (René Fülop). — Leão XIII e o nosso tempo. Trad. Marina Guaspari. (16/22). 177 p. il. br. 10$. (2.ª ed. 3/41). **Globo.**

MILLER (Webb). — ... E eu não encontrei a paz! Memórias de um correspondente estrangeiro. Trad. Orlando Sattamini Duarte. Col. O Homem fala de si mesmo. (17/24). 414 p. br. 20$. (2/41-|-2.ª ed. 4/41). **Vecchi.**

MIRANDA (Agenor Augusto de). — O rio São Francisco. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 62. (13/19). 149 p. il. br. 10$. (2.ª ed. 5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MOIR (Phyllis). — Eu fui secretária particular de Winston Churchill. Trad. Fernando Tude de Souza. (13/19). 186 p. br. 10$. (8/41) **José Olympio.**

MORAIS (Orlando Mendes de). — Meu caderno de geografia. (13/19). 199 p. il. br. 8$. (12/41). **Getulio Costa.**

MOREL (Edmar). — Gago Coutinho e sua vida aventurosa. (14/21). 160 p. il. br. 8$. (11/41). **Coelho Branco.**

MOTA FILHO. — Uma grande vida. Biografia de Bernardino de Campos. Pref. Cândido Mota. (16/21). 287 p. br. 10$. (10/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MOTA (Otoniel). — Do rancho ao palácio. (Evolução da civilização Paulista). B. P. B. s. 5.ª Brasiliana, 204. (13/19). 191 p. br. 10$. (7/41). **Cia. Ed. Nacional.**

MOURA (Altamir de). — Saulo de Tarso. (14/19). 96 p. br. 5$. (11/41). **Z. Valverde.**

MUNHOZ (M. Iracema), FORSTER (Anita). — Cartografia. 1.º caderno. Mapas da América do Sul. (21/23). 8 mapas, br. 1$500. (4/41). **Distr. Civilização.**

NAPOLEAO BONAPARTE. — Memórias de Santa Helena. Introdução e notas de Roger Peyre. Trad. Olga de Garcia. (14/19). 168 p. br. 7$. (6/41). **Ed. Meridiano.**

NAPOLEÃO (Aluizio). — O Segundo Rio Branco. O Homem e o estadista. Ensaio. (13/19). 198 p. il. br. 8$. (2/41). **A Noite.**

NICHOLS (Roy F.), BAGLEY (William C.). BEARD (Charles A.). — Os Estados Unidos de ontem e de hoje. Trad. Carlos Lacerda e Fernando Tude de Souza. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 18. (15/22). 429 p. br. 20$. (11/41). **Cia. Ed. Nacional.**

NOMENCLATURA dos logradouros públicos da cidade do Rio de Janeiro. Prefeitura do Distrito Federal. Administração Henrique Dodsworth. (16/14). 335 p. br. 4$. (8/41). **P. D. F.**

OLIVEIRA (Beneval de). — Bub. Aspectos vivos do Brasil. (13/19). 238 p. br. 8$. (10/41). **Ed. Panamericana.**

PAASSEN (Pierre Van). — Estes dias tumultuosos. Trad. Leonel Valandro. (16/23). 565 p. br. 20$. (2.ª ed. 12/41). **Globo.**

PAPINI (Giovanni). — História de Cristo. Trad. Padre Lindolfo Esteves. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 13. (15/22). 370 p. br. 15$. (2.ª ed. 5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

PARAGUASSU' (Mário). — Aspectos do nordeste. (17/24). 100 p. il. br. 6$. (3/41). **Ed. Autor, Rio.**

PINHÃO (Tavares). — Bernardino de Campos. (14/21). 140 p. br. (12/41). **Ed. Autor, S. Paulo.**

PITOMBO (Ary). — Pernambuco de hoje. (13/17). 51 p. il. br. 3$. (6/41). **Of. O Globo, Rio.**

PLATÃO. — Fedon. Trad. Miguel Ruas. Bibl. Clássica, 35. (14/19). 130 p. cart. 9$. (12/41). **Antunes.**

RABELO (Maróquinha Jacobina). — Lembranças de viagem. Pref. Carlos Chiacchio. (14/19). 159 p. il. br. 15$. (8/41). **Gr. Laemmert, Rio.**

RADOT (René Vallery-). — A vida de Pasteur. Trad. Fabio Leite Lobo. (17/24). 406 p. br. 20$. (3.ª ed. 12/41). **Vecchi.**

RAMOS (A. Padua), RAMOS (Duilio). — História do Brasil. 33 lições ilustradas. 4.ª série ginasial. (17/24). 97 p. cart. 8$. (1940/1-41). **Livr. Teixeira.**

REBOUX (Paulo). — A vida amorosa de madame Du Barry. Trad. Clovis Ramalhete. Col. Os Grandes Amorosos da Humanidade, 3. (12/19). 207 p. br. 10$. (10/41). **Calvino.**

RENAN. — Spinoza. Trad. José Pérez. Série Biográfica de Cultura. Vidas Luminosas, 1. (11/18). 51 p. br. 3$. (6/41). **Ed. Cultura.**

RIALVA (Rita Amil de). — História do Brasil. Curso primário e admissão. (14/19). 167 p. il. cart. 3$. (4/41). **Briguiet.**

RIBEYROLLES (Charles). — Brasil pitoresco. Com um album de vistas, panoramas, paisagens, costumes, etc. por Victor Frond. Trad. e notas de Gastão Penalva. Pref. Afonso de E. Taunay. Bibl. Histórica Brasileira, 6. (19/26). 2 vols. 242-|-189 p. br. 70$. (300 exs. em papel Vergé, (22/28), br. 250$. (3/41). **Livr. Martins.**

RIVASSEAU (Emilio). — A vida dos índios Guaycurús. Quinze dias nas suas aldeias. Trad. e ils. do Autor. Pref. Pierre Deffontaines. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 60. (13/19). 324 p. br. 16$. (2.ª ed. 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

ROCHA (João Gomes da). — Lembranças do passado. (14/19). 385 p. il. br. 15$. (12/41). **Centro. Bras. Publicidade.**

ROHDEN (P. Huberto). — Paulo de Tarso. O maior bandeirante do evangelho. (16/24). 360 p. br. 18$. (2.ª ed. 9/41). **Distr. Getulio Costa.**

ROSNY AINÉ (J. H.). — A vida amorosa de Balzac. Trad. Abguar Bastos. Col. Os Grandes Amorosos da Humanidade, 4. (13/19). 223 p. br. 10$. (7/41). **Calvino.**

ROSSANI (Argentino B.). — Guerra del Paraguay. (Cronologia). Il. Joaquim Ferreira Y Alnor T. Mocho. (17/24). 226 p. br. 5$. (1940-10/41). **Distr. Z. Valverde.**

RUGENDAS (João Mauricio). — Viagem pitoresca através do Brasil. Trad. Sérgio Milliet. Pref. Rubens Borba de Moraes. Bibl. Histórica Brasileira, 1. (19/26). 205 p. 110 grav, br. 40$. (2.ª ed. 11/41). **Livr. Martins.**

SANTAMARINA (Orvacio). — Sombras eternas. Biografias de 5 minutos. (13/19). 231 p. il. br. 8$. (5/41). **Pongetti.**

SEIDLER (Carl). — Dez anos no Brasil. Trad. e notas do General Bertoldo Klinger. Pref. e notas do Cel. F. de Paula Cidade. Bibl. Histórica Brasileira, 8. (19/26). 320 p. il. br. 30$ (11/41). **Livr. Martins.**

SENNA (Caio Nelson de). — João Pinheiro da Silva. Sua vida, sua obra, seu exemplo. 1860-1908. (17/24). 264 p. il. br. 20$. (12/41). **Imp. Of. Minas Gerais.**

SERRANO (Jonathas). — Epítome de história do Brasil (13/19). 252 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 1/41). **Briguiet.**

SERRANO (Jonathas). — História da civilização em 5 vols. Vol. 1.º. (13/19). 226-|-XXIV p. il. cart. 9$. (6.ª ed. 12/41). — Vol. IV A civilização moderna (13/19). 260-|-38 p. il. cart. 10$. (4.ª ed. 3/41). **Briguiet.**

SETH (Coleção). — Meu Brasil. Homens e fatos da nossa pátria, em mapas ilustrados. Il. de Seth. (27/27). 30 p. br. 5$. (6.ª ed. 8/41). **Indústria Livro.**

SETH (Coleção). — Nosso mundo. Geografia elementar em desenhos. Il. de Seth. (18/27). 45 p. br. 4$500. (5.ª ed. 8/41). **Indústria Livro.**

SETON (Percy Th.). — Mrs. Simpson, a mulher que poderia ter sido rainha. Trad. Marina Sales Goulart de Andrade. (14/19). 208 p. il. br. 10$. (12/41). **Vecchi.**

SETU'BAL (Paulo). — Ensaios históricos. Obras Completas, 12. (13/19). 235 p. br. 9$. (3/41). **Carlos Pereira.**

SILVA (Gastão Pereira da). — Freud. Col. Figuras Contemporâneas, s. C, vol. 2. (13/19). 63 p. br. 4$. (8/41). **Norte-Ed.**

SILVA (Joaquim). — História do Brasil. 4.º ano ginasial. (14/20). 226 p. il. cart. 10$. (3/41-|-2.ª ed. 4/41-|-3.ª ed. 6/41). — 5.º ano. (14/20). 223 p. il. cart. 10$. (3/41-|-2.ª ed. 4/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Joaquim). — História da civilização. Curso comercial. (1.º ano propedêutico). Col. Dom Bosco, 11. (14/20). 222 p. il. cart. 9$. (4.ª ed. 2/41). — 1.º ano ginasial. (14/20). 201 p. il. cart. 10$. (24.ª ed. 3/41-|-25.ª e 26.ª ed. 4/41). — 4.º ano ginasial. (14/20). 273 p. il. cart. 10$. (13.ª ed. 3/41). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Oliveira e). — Guia de Teresópolis. (18/27). 112 p. 1 mapa, il. br. 10$. (7/41). **Borsoi, Rio.**

SILVA (General V. Benício da). — A República do Perú. Suas vias de comunicação. Bibl. Militar, vol. avulso. (17/24). 80 p. il. br. 5$. (9/41). **Distr. Z. Valverde.**

SOUSA (Alcindo Muniz de). — História da civilização. 4.º ano. (14/2). 305 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 3/41). **Saraiva.**

SOUZA (Cláudio). — Os Paulistas. Seu passado, seu presente. (16/23). 109 p. il. br. 10$. (8/41). **Distr. Cia. Ed. Nacional.**

SPENGLER (Oswald). — Anos de decisão. A Alemanha e a evolução histórico-mundial. Trad. Herbert Caro. (14/20). 202 p. br. 10$. (7/41). **Ed. Meridiano.**

STONE (Irving). — A vida errante de Jack London. (Marinheiro a cavalo). Trad. Genolino Amado e Geraldo Cavalcanti. Col. O Romance da Vida, 15. (14/23). 351 p. il. br. 20$. (6/41). **José Olympio.**

STROWSKI (Fortunat). — France endormie. 1920-1940. (14/19). 206 p. br. 20$. (9/41). **Franco-Brasileira.**

TAUNAY (Affonso de E.). — Subsídios para a história do tráfico Africano no Brasil Colonial. Separata dos Anais do 3.º Congresso de História Nacional (III vol.). Bibl. do Instituto Histórico. (16/24). 679 p. br. (12/41). **Distr. Z. Valverde.**

TEIXEIRA (José A.). — Folklore Goiano. Cancioneiro, lendas, superstições. (13/19). 434 p. br. 20$. (8/41). **Cia. Ed. Nacional.**

THOMAS (Henry). — A história da raça humana através da biografia. Trad. Gilberto Miranda. (16/23). 366 p. il. br. 20$. (3.ª ed. 12/41). **Globo.**

VARZEA (Affonso). — História maravilhosa dos Mayas. Col. Terramarear, 69. (14/20). 171 p. il. br. 5$. (3/41) **Cia. Ed. Nacional.**

VASCONCELOS (Waldemar de). — Rússia. Ensaio sobre a aventura espiritual de uma nação. (13/19). 62 p. br. 4$. (8/41). **Emiel Ed.**

VIANNA (Eremildo Luiz). — História da Civilização. Contendo os pontos de História do Brasil. 1.ª série. (14/19). 291 p. il. cart. 10$. (3/41). **Globo.**

VICTOR (Paulo de Saint). — Marco-Aurelio. Trad. Amadeu Amaral Junior. Série Biográfica de Cultura, Vidas Luminosas, 2. (11/15). 39 p. br. 3$. (9/11). **Ed. Cultura.**

VIDAL (Paulo). — Postais de longe. (Impressões de viagem). (17/24). 266 p. br. 10$. (6/41). **Distr. Civilização.**

VIEIRA (Hermes). — A princesa Isabel no cenário abolicionista do Brasil. (14/20). 419 p. il. br. 20$. (7/41). **Distr. Civilização.**

VINHAES (Ernesto). — Aventuras de um reporter na Amazonia. Col. Documentos de Nossa Época, 12. (14/20). 203 p. il. br. 10$. (5/41). **Globo.**

WALTER (Gérard). — Marat, o amigo do povo. Trad. Gustavo Barroso. Col. Biografias. (17/24). 339 p. br. 18$. (5/41). **Vecchi.**

WELLS (H. G.) — Churchill. Trad. Col. Figuras Contemporâneas, s. A., Estadistas, 9. (13/19). 59 p. br. 4$. (6/41). **Norte Ed.**

WELLS (H. G.) — O destino da espécie humana. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª, História, 11. (15/22). 235 p. br. 12$. (5/41). **Cia. Ed. Nacional.**

XENOFONTE. — Ciropédia. Trad. João Felix Pereira. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura, Os Mestre do Pensamento, 10. (11/18). 289 p. br. 16$. (9/41). **Ed. Cultura.**

ZWEIG (Stefan). — Brasil, País do futuro. Trad. Odilon Gallotti. Pref. Afrânio Peixoto. Ed. Uniforme, 14. (15/22). 304 p. br. 20$, enc. 25$. (7/41). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Maria Antonieta. Trad. Medeiros e Albuquerque. Ed. Uniforme, 7. (15/2). 499 p. il. br. 20$, enc. 25$. (Nova ed. 1/41). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — O momento supremo. Oito miniaturas históricas. Trad. Elias Davidovich. Ed Uniforme, 13. (15/22). 359 p. enc. 25$. (11/41-1942). **Guanabara.**

Os algarismo que acompanham cada obra indicam: 1.º o formato (16/24)ó 2.º o número de páginas (32 p.); 3.º o preço (12$); 4.º o mês e o ano do aparecimento (4/41) e 1940-1/41).
As abreviações significam: bibl., biblioteca — br., brochado — cart., cartonado — col., coleção —des., desenhos — dir., direção, diretor, diretores — ed., edição, editor, editora, editores — enc., encadernado — figs., figuras — grav., gravuras — il., ilustrado, ilustrações, ilustrador, ilustradores — pref., prefácio — rev., revisão, revista, revisto — t., tomo — trad., tradução, tradutor, traduzido — vol., volume.

EDITORES

ACADEMIA Brasileira de Letras. — Av. Presidente Wilson, 203, Rio.
ALA (Edições). — Rua Juliano Moreira, 1. Baia.
AMIGOS do Livro (Os). — Rua do Chumbo, 313, Belo Horizonte.
AMERIC-EDIT. — Rua Alvaro Alvim, 31, Caixa Postal 429, Rio.
ANCHIETA Limitada (Editora). — Rua Xavier de Toledo, 216, S. Paulo.
ATLANTICA Editora. — Caixa Postal, 3651, Rio.
ATHENA Editora. — Av. Gen. Olimpio da Silveira, 231, S. Paulo.
AURORA LTD. (Editora). — Rua Barão de Itapetininga, 139, 1.º, S. Paulo.
BAHIA Editora. — Rua Barão Homem de Melo, 11, Baia.
BIBLIOTECA Militar. — Quartel General, Praça da República, Rio. (Distribuição de Zelio Valverde — Trav. do Ouvidor, 27, Rio).
BRASIL Editora (Companhia). — Rua do Rosário, 173, 1.º, Caixa Postal, 3666, Rio.
BRASIL Ltda. (Editora). — Rua Juquiá, 79, S. Paulo.
BRASIL (Edições e Publicações). Rua da Liberdade, 704, S. Paulo.
BRASILEIRA (Casa Publicadora). — Santo André, S. Paulo.
BRASILEIRA (Empresa Editora). — Alameda Cleveland, 37, S. Paulo.
BRASILICA (Coeditora). — Cooperativa. Rua Alvaro Alvim, 33-37, Rio.
CALVINO Ltda. (Editorial). — Rua S. Bento, 26, Rio.

CAMPO Soc. Ltda. (O). — Rua S. José, 52, Rio.
CANDIDO de Oliveira Filho, Editor. — Rua Visconde de Caravela, 62, Rio.
CARVALHO (Genauro). — Rua dos Gusmões, 147, S. Paulo.
CENTRO Brasileiro de Publicidade. — Av. Erasmo Braga, 12, Rio.
CONTEMPORANEA (Casa Editora). — Rua S. Bento, 27, S. Paulo.
COSTA (Getulio M.). — Rua S. Clemente, 27, Rio.
CRUZADA da Boa Imprensa. — Caixa Postal, 3371, S. Paulo.
CULTURA do Brasil Editora. — Rua Conselheiro Galvão, 85, S. Paulo.
CULTURA (Edições). — Rua Marconi, 131, S. Paulo.
CURIOSIDADES (Editorial). — Rua Araujo Porto Alegre, 70, 6.º, Rio.
DEFESA Nacional (A). — Quartel General, Praça da República, Caixa Postal, 1602, Rio.
EDANEE (Editora). — Rua Libero Badaró, 492, S. Paulo.
EDÉSIO Editor. — Praça do Ferreiro, 1597, Fortaleza, Ceará.
EMIEL Editora. — Rua Álvaro Alvim, 33-37, 6.º, Rio.
FONTES (Narbal). — Rua Visconde de Itamarati, 86, Rio.
FORTALEZA (Editora). — Rua Major Facundo, 746, Fortaleza, Ceará.
FREIRE (Japy). — Caixa Postal, 2162, Rio.
GUAÍRA Ltda. (Editora). — Rua 15 de Novembro, 287, sob, S. Paulo. Caixa Postal, R, Curitiba, Paraná.
IMPRENSA Metodista. — Rua Liberdade, 659, S. Paulo.
INQUERITO (Editorial). — Agência Geral do Brasil. Rua do Rezende, 78, Rio.
INSTITUIÇÃO Cultural Krishnamurti. — Av. Rio Branco, 117, 2.º, Rio.
INSTITUTO Geográfico Agostini do Brasil Ltda. — Rua 7 de Setembro, 54, 1.º, Rio.
INSTITUTO de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. — Três Rio, 4, S. Paulo.
JACKSON Inc (W. M.). — Editores, Rua Buenos Aires, 70. Rua do Ouvidor, 140, Rio.
KONFINO (José). — Editor. Rua da Assembléa, 40. 1.º, Rio.
LIVRO de Bolso (O). — Rua Vitória, 369, S. Paulo.
LUMEN CHRISTI (Edições). — Mosteiro de São Bento, Morro de São Bento, Caixa Postal 2666, Rio.
MELODIA (A). — Praça Liberdade, 133, S. Paulo.
MERIDIANO (Edições). — Rua Fernando Machado, 911, Porto Alegre.
METROPOLE Editora. — Rua Araujo Porto Alegre, 70, Rio.
MOEMA Ltda. (Editora). — Rua Barão de Itapetininga, 226, S. Paulo.
NACIONAL (Companhia Editora). — Rua dos Gusmões, 118 a 140, S. Paulo. — Rua Gal. João Manuel, 207, Porto Alegre, — Rua Imperatriz, 43, Recife.
NORTE Editora. — Largo da Lapa, 53, 2.º, Rio.
PANAMERICANA (Editora). — Praça Tiradentes, 79, 1.º, Rio.
PANORAMA Ltda. (S. E.). — Rua Martiniano de Carvalho, 187, S. Paulo.
P.E.N. Clube do Brasil. — Praia do Flamengo, 172, Rio.
PENSAMENTO (Empresa Editora O). — Rua Rodrigo Silva, 40, S. Paulo.
PONZINI & Cia. (Mario M.). — Rua Assembléia, 209, S. Paulo.
PUBLICAÇÕES Internacionais. — Av. Rio Branco, 117, Rio.
REVISTA Fiscal e de Legislação de Fazenda. — Rua Lavradio, 60, 1.º, Rio.
REVISTA Forence Editora. — Av. Erasmo Braga, loja N, Caixa Postal, 289, Rio.
REVISTA do Trabalho. — Rua D. Geraldo, 64, Rio.
RODARTE & Cia. Editores. — Rua 13 de Maio, 44A, 18.º, Rio.
RUMO Ltda. (Editora). — Caixa Postal, 3511, São Paulo.
SÃO PAULO Editora. — Rua Rego Freitas, 490, S. Paulo.
S. C. J. (Editora). — Rua Visconde do Rio Branco, 311, Taubaté, S. Paulo.
SEMINARIO Sagr. Coração. — Taubaté, Caixa Postal, 47, Est. S. Paulo.
SITIOS e Fazendas (Revista). — Rua Xavier de Toledo, 46, S. Paulo.
SOCIOLOGIA (Revista). — Rua Martiniano de Carvalho, 469, S. Paulo.
THURMANN (Editora). — Rua 7 de Setembro, 723, Porto Alegre.
UNIVERSITARIA Ltda. (Editora). — Rua Lacerda Franco, 147, S. Paulo.
VOZES (Editora). — Caixa Postal, 23, Petropólis, Est. do Rio. — Rua da Quitanda, 26, 2.º, Rio.

EDITORES-IMPRESSORES

ALBA Editora, (Oficinas Gráficas). — Rua Lavradio, 60, Rio.
AMERICANA S. A. (Cia. Editora). — Rua Marangaape, 15, Rio.
AURORA Alemã (Empresa Editora). — Rua Vitória, 200, S. Paulo.
BATISTA (Casa Publicadora). — Rua Paulo Fernandes, 24, Rio.
BATISTA DE SOUZA. — Rua Misericórdia, 51, Rio.
BEDESCHI, Editor (Américo). — Rua Misericórdia, 74, Rio.
GLOBO JUVENIL (O). — Rua Bethencourt da Silva, 21, 1.º Rio.
HENRIQUE VELHO (Casa Editora). — Av. Marechal Floriano, 13, Rio.
IMPERIO (Papelaria). — João Ferreira de Brito. Praça 28 de Setembro, 14 Rio Branco, Minas Gerais.
INDUSTRIA DO LIVRO Ltda. — Rua da Carioca, 54, Rio.
JORNAL DO BRASIL. — Av. Rio Branco, 110, Rio.
JORNAL DO COMERCIO. — Av. Rio Branco, 117, Rio.
MANDARINO & MOLINARI Ltda. — Rua do Núncio, 64, Rio.
MENDES JUNIOR (Ests. de Artes Gráficas C.). — Rua Riachuelo, 192, Rio.
NOITE (Editora S. A. A). — Praça Mauá, 7, 3.º Rio.
OLIMPICA EDITORA (Gráfica). — Rua Miguel Couto, 92, Rio.
OLIVEIRA & CIA. (J. R. de). — Papelaria Rio Branco, Rua S. José, 42, Rio.
ORION Ltda. (Editorial Gráfica). — Rua Assembléa, 19, Rio.
PONGETTI (Irmãos). — Rua Sacadura Cabral, 240-A. Tel. 23-6125, Rio.
REVISTA DOS TRIBUNAIS (Oficinas Gráficas). — Rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo.
SUPLEMENTOS NACIONAIS LTDA. (Grande Consórcio). — Rua Sacadura Cabral, 43 Rio.
VECCHI LTDA. (Casa Editora). — Rua do Rezende, 144, Rio.
VELHO (Papelaria). — Ver Henrique Velho.

EDITORES-LIVREIROS

ALEMÃ (Livraria). — Frederico Will, Rua da Alfandega, 69, Rio.
ALVES (Livraria Francisco). — Paulo de Azevedo & Cia. Ltda. Rua Ouvidor, 166, Rio. — Rua da Baía, 1052, Belo Horizonte. — Rua Libero Badaró, 49-A, S. Paulo.
ANESI (Livraria). — Rua S. Pedro, 84, sob. Rio.
ANTUNES (Livraria H.). — J. O. Antunes & Cia. Rua Buenos Aires, 133, Rio.
ATENEU (Livraria). — José Bernardes. Rua Senador Dantas, 58, Rio.
AZEVEDO (Livraria Editora Alberto C.). — Praça do Patriarca, 26, 2, S. Paulo.
BAHIANA (Livraria Editora). — Rua Conselheiro Dantas, 23 Baía.
BLUHM (Paulo). — Rua da Baía, 1022, Belo Horizonte, Minas Gerais.
BOA IMPRENSA (Livraria). — Wiltgen & Cia. Rua Assembléia, 35, Rio.
BOA LEITURA LTDA. (Livraria). — Rua José Bonifácio, 187, S. Paulo.
BOFFONI (Vicente). — Livraria Boffoni, Rua Chile, 1, Rio.

BRAZ LAURIA (Livraria Editora). — Rua Gonçalves Dias, 78, Rio.
BRIGUIET & CIA. (F.) — Livraria Briguiet-Garnier. Rua Ouvidor, 109, Rio.
CARLOS PEREIRA EDITORA (Livraria). — C. Wright & Cia. Ltda. Rua Conselheiro Crispiniano, 129, S. Paulo.
CASA DO LIVRO. (A). — Rua São José, 61, Rio.
CENTRAL (Livraria). — Rua Buenos Aires, 156, Rio.
CENTRAL (Livraria). — Alberto Entres. Florianópolis, Santa Catarina.
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. (Livraria). — Rua Ouvidor, 94, Rio. — Rua 15 de Novembro, 144, S. Paulo.
COELHO BRANCO Fº. EDITOR (A.) — Rua da Quitanda, 9, Rio.
COLOMBO (Editora Livraria). — Rua Imperatriz, 254, Recife.
EDUCADORA (Livraria). Rua S. José, 17, Rio.
ÊLO (Livraria). — Rua Senador Feijó, 28, S. Paulo.
ENCICLOPÉDICA INTERNACIONAL (Livraria). — Rua Rosário, 149, 1.º Rio.
ESCOLAR (Livraria Editora). — Rua S. José, 47, Rio.
FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA (Livraria Editora da). — Av. Passos, 30, Rio.
FEIRA DE LIVROS. — Editora. Hugo Scalabrino, Rua Halfeld, 446, Juiz de Fóra.
FRANCO-BRASILEIRA LTDA. (Livraria Geral). — Edições Bel-Air, Rua Ouvidor, 164, 4.º Rio.
FREITAS BASTOS & CIA. (Livraria Editora). — Rua Bethencourt da Silva, 21-A, Rua 13 de Maio, 74-76, — Filial: Av. Rio Branco, 116, Rio. — Filial em S. Paulo: Rua 15 de Novembro, 62-66.
GLOBO (Livraria do). — Barcellos, Bertaso & Cia, Rua dos Andradas, 1416, Porto Alegre. — Filial: Rua 13 de Maio, 44, Rio.
GUANABARA (Livraria Editora). — Waissman, Koogan Ltda. Rua Ouvidor, 132, Rio.
GUIGNONE (Livraria). — Rua 15 de Noverbro, 423-427, Curitiba, Paraná.
IMPERIAL (Livraria). — Ver Casa do Livro.
JACINTO RIBEIRO DOS SANTOS. — Livraria Jacinto Editora. Rua S. José, 59, Rio.
JOSÉ OLIMPIO EDITORA (Livraria). — Rua 1.º de Março, 13, — Rua Ouvidor, 110, Rio.
KOSMOS (Livraria). — Erich, Eichner & Cia. Rua do Rosário, 137, Rio.
LABOR DO BRASIL S. A. (Editorial). — Rua Buenos Aires, 104, Rio.
LEITE (Livraria J.). — Rua S. José, 80, Rio.
LIVRO NOVO (Ao). — Diná Silva. Rua Barão de Cotegipe, 42, Campos. Est. do Rio.
LIVROS DE PORTUGAL LTDA. — Rua Ouvidor, 106, Rio.
LOJA DO LIVRO LTDA. — Rua do Ouvidor, 145, Rio.
LOJA DO LIVRO ITALIANO. — Rua Xavier de Toledo, 57, S Paulo.
LUZITANA (Livraria). — Rua Riachuelo, 18, S. Paulo.
MARTINS (Livraria). — Editora. Rua 15 de Novembro, 135, S. Paulo.
MELHORAMENTOS DE S. PAULO (Companhia). — Weiszflog Irmãos Inc. — Rua Libero Badaró, 461, S. Paulo. — Filial: Rua Gonçalves Dias, 9, Rio.
MINEIRA (Livraria). — Rua Tiradentes, 11, Ouro Preto, Minas Gerais.
MINERVA (Editora). — Rua Ouvidor, 145, Caixa Postal, 2798, Rio.
MINHA LIVRARIA, Editora. — Rua Pedro 1.º, 3, Rio.
MOURA (Livraria). — Ver Loja do Livro.
ODEON (Livraria Editora). — Rua Quintino Bocayuva, 37, S. Paulo.
ODEON EDITORA (Livraria). — F. Soria & Cia. — Av. Rio Branco, 157, Rio.
OSCAR MANO & CIA. — Ver Minerva Editora.
PARA TODOS (Livraria). — Rua do Carmo, 3, Rio.
PAULICÉA (Livraria Editora). — Rua Duque de Caxias, 131, S. Paulo.
PIMENTA DE MELO & CIA. (Livraria, Papelaria e Lito-tipografia). Rua Visconde de Itauna, 419, Rio.
PROPAGADORA da Cultura Mundial Ltda. — Rua S. José, 47, Rio.
QUARESMA EDITORA (Livraria). — Rua S. José, 71-73, Rio.
RAMALHO EDITORA (Casa). — Maceió, Alagôas.
RAMIRO COSTA & CIA. — Rua 1.º de Março, 12 e 24, Recife.
RODOLFO & PEREIRA. — Livraria Universal, — — Av. Rio Branco, 50 a 58, Recife.
SALESIANA EDITORA (Livraria). — Largo Coração de Jesús, S. Paulo.
SANTA-CRUZ EDITORA (Livraria). — Rua Benjamin Constant, 142, Rio.
SARAIVA & CIA. — Livraria Acadêmica. Largo do Ouvidor, 15, S. Paulo.
CIENTIFICA (Editora). — Spivak & Kersner Ltda. Rua 7 de Setembro, 180, Rio.
SÉCULO XX (Editora). — Rua Assembléia, 7, Rio.
SELBACH (Livraria. — Selbach & Cia. Rua Marechal Floriano, 10, Porto Alegre.
TEIXEIRA (Livraria). — Vieira Pontes & Cia. Rua Libero Badaró, 491, S. Paulo.
UNIVERSITARIA (Livraria). — Rua Conceição, 19, Niterói.
VALVERDE (Zelio). — Livreiro-Editor. Trav. do Ouvidor, 27, Rio.
VICTOR EDITORA (Livraria). — Praça Floriano, 5. — Rua Senador Dantas, 29, Rio.

LIVRARIAS

ACADÊMICA (Livraria). — Rua S. José, 68, Rio.
ANCHIETA (Livraria). — Praça 15 de Novembro, 101, Rio.
AUGUSTO LEITE (Livraria). — Rua da Constituição, 14, Rio.
BRASIL (Livraria). — Rua Benjamin Constant, 123, S. Paulo.
CRASHLEY & CO. — Rua Ouvidor, 58, Rio.
FREITAS BARROS & CIA. Ltda. — Rua 15 de Novembro, 135, S. Paulo.
IDEAL (Livraria). — Rua S. José, 66, Rio.
LIBERDADE (Livraria). — Rua Liberdade, 659, S. Paulo.
LISBOA (Casa). — João Batista Rogerio. Rua Ouvidor, 55, Rio.
PRINCIPAL LTDA. (Livraria). — Rua S. José, 48, Rio.
SÃO JOSÉ (Livraria). — Rua S. José, 48, Rio.
SOCIEDADE LIVROS LTDA. — Livraria Moderna, — Rua Duque de Caxias, 223, Recife.

UM POUCO DE ESTATISTICA...

CLASSIFICAÇÃO	Publicações novas Autóctones	Reedições Autóctones	Publicações novas Traduções	Reedições Traduções	TOTAIS 1941	1940	1939
O) Generalidades	38	14			52	39	55
1) Filosofia	15	9	27	6	57	37	36
2) Religiões	32	16	12	7	67	69	65
3) Direito. Ciências sociais e politicas	213	19	22	4	258	302	287
3-6) Exército-Marinha-Aeronautica	24	4	5		33	34	43
4-8.A) Letras Filologia.	43	89			132	137	121
4-8.B.1) Literatura. Generalidades.	55	6	10	1	72	82	72
4-8.B.2) Textos de estudos.	5		1		6	16	3
4-8.B.3) Poesias.	58	5	2	1	66	59	66
4-8.B.4) Teatro.	18	1	2		21	9	16
4-8.B.5) Romances. Novelas. Lendas.	57	24	116	58	255	218	169
4-8.B.6) Contos.	14	4	1	1	20	23	24
4-8.B.7) Eloquência.	4	1		1	6	2	3
4-8.B.8) Obras para crianças.	62	11	26	4	103	79	92
5) Ciências matemáticas, fisicas e naturais	37	44	11	2	94	92	72
6) Ciências aplicadas	72	26	4	3	105	92	75
6) Ciências aplicadas: Medicina	86	20	32	11	149	157	167
7) Belas-artes. Esporte. Jôgos. Divertimentos	50	3		1	54	19	20
9) História e Geografia	93	35	59	19	206	212	227
Total geral	976	331	330	119	1.756	1.678	1.613

INDICADOR DO A. B. L.

ÍNDICE GERAL

Colaborações

Págs.

Editoriais

UMA BIBLIOTECA SELECIONADA

Com as melhores produções literarias do mundo!

Eis, finalmente, em lingua portuguesa, a coleção que faltava ao mercado livreiro do país. Uma biblioteca de obras-primas universais em apresentação aprimorada, rigorosamente escolhidas por um notavel escritor, traduções perfeitas e preço módico. As edições Pongetti apresentam em todo o Brasil e Portugal a brilhante série.

As 100 Obras-Primas da Literatura Universal

sob a direção de MARQUES REBELO, iniciativa que mereceu a mais ampla acolhida do publico e os aplausos unânimes da imprensa brasileira.

1 — OS TRABALHADORES DO MAR de Victor Hugo na famosa tradução de MACHADO DE ASSIS Cr$ 12,00
2 — HISTÓRIA DE UMA CONCIENCIA de Romain Rolland .. .. Cr$ 10,00
3 — THAIS de Anatole France .... Cr$ 8,00
4 — CRIME E CASTIGO de Dostoiewsky Cr$ 15,00
5 — HISTÓRIA CÓMICA de Anatole France Cr$ 8,00
6 — AS DESENCANTADAS de Pierre Loti Cr$ 10,00
7 — A REVOLTA DOS ANJOS de Anatole France Cr$ 10,00
8 — OCASO DE UM CORAÇÃO de Stefan Zweig Cr$ 7,00
9 — TERESA RAQUIN de Zola .... Cr$ 10,00
10 — WERTHER de Goethe .. .. Cr$ 8,00
11 — O LIRIO VERMELHO de Anatole France Cr$ 10,00
12 — SALAMBÔ de Flaubert . . .. Cr$ 12,00
13 — ANA WIKERS de Sinclair Lewis .. Cr$ 12,00
14 — RUDINE de Turguenief . . . . Cr$ 8,00

Irmãos PONGETTI Editores

R. Sacadura Cabral, 240 A — Rio de Janeiro